AFFONSO DE E. TAUNAY
DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

HISTORIA DO CAFÉ NO BRASIL

VOLUME PRIMEIRO

NO BRASIL COLONIAL

1727 — 1822

(TOMO I)

Edição do
DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ
Rio de Janeiro 1939

Historia do Café no Brasil

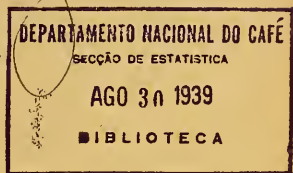
AFFONSO DE E. TAUNAY
(DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

HISTORIA DO CAFÉ NO BRASIL

VOLUME PRIMEIRO

NO BRASIL COLONIAL

1727 — 1822

(TOMO I)

Edição do
DEPARTAMENTO NACIONAL DO CAFÉ
Rio de Janeiro 1939

PREFÁCIO

Editando a "História do Café no Brasil", obra que se credencia ao apreço da elite intelectual pela amplitude de estudos, revelações e pesquisas entrosadas em sua contextura, o D. N. C. concorre para a difusão de trabalho que se tornara indispensável ao patrimônio cultural do país. A trajetória da civilização brasileira está sintetisada nas peripécias históricas do café, e de tal sorte o progresso nacional se coapta e vincula ao destino do produto que êle, espelhando-a, reflete toda a evolução política, econômica e social do Brasil. Urgia traçar-se, larga e documentadamente, portanto, uma biografia sistematizada do café, e o D. N. C., confiando ao Dr. Affonso de E. Taunay a elaboração dessa tarefa dificílima, estava seguro de êxito, de vez que o laureado escritor é personalidade que avulta, no beletrismo pátrio, como das mais brilhantes e autorizadas na matéria.

O café tem sido, desde os primórdios do século XIX, a viga mestra da economia brasileira, razão sobêja para que os elementos ligados à sua história, esquecidos e dispersos, ressurgissem ao nosso espírito, em um esfôrço de recapitulação minudente, atualizando os fastos da vida nacional, desde a chegada da Côrte portuguesa até à época hodierna. De D. João VI ao fim do regime monárquico, distende-se a "História do Café no Brasil". A pena magistral do Dr. Affonso de E. Taunay reanima, com singular beleza, figuras, fatos e episódios obscurecidos pelo tempo, mostrando-nos como os cafezais, gradativamente, foram plasmando uma nova sociedade, modificando hábitos, alterando costumes, transfigurando cenários, requintando ambientes. O vale do Paraíba, inundado pela onda verde dos cafeeiros, iria representar uma fôrça na história política do Império. Todo êsse ciclo de esplendor e fortuna é revivido nos capítulos que se vão ler: o ouro abarrotando as arcas dos senhores de terras, afortunados pelo braço escravo; o cafezal se alastrando por montes e colinas, desbravando matas, rasgando estradas, fundando cidades, dila-

tando sempre a fronteira litorânea, que então delimitava a zona rica do imenso império brasileiro. A "História do Café no Brasil," no gênero, é única, representando primorosa fonte de conhecimentos que recreiam e instruem, vasados em linguagem pura e magnífico estilo, característicos peculiares a todas as obras do eminente escritor patrício. Vai para um lustro que o Dr. Affonso de E. Taunay, a convite do D. N. C., trabalha na concatenação dos elementos documentais e históricos reunidos nos vários volumes que constituem sua obra. O estudo da fase colonial, ora reproduzido, já fôra editado pelo D. N. C. sob o título de "Subsídios para a História do Café no Brasil", enriquecida, agora, pela parte mais ampla, que aborda os tempos imperiais. Evidentemente não se realiza, ainda, obra completa, de vez que lhe falta a fase republicana, tarefa de que também se desobrigará, oportunamente, o Dr. Affonso de E. Taunay.

No momento em que entregamos aos intelectuais brasileiros a "História do Café no Brasil", resultante de um esfôrço pertinaz e profundo, não nos devemos esquivar ao grato dever de felicitar o Dr. Affonso de E. Taunay pelo notável desempenho da tarefa que o D. N. C. lhe confiou, como justa homenagem a uma das figuras máximas do beletrismo brasileiro e um dos mais altos valores de nossa literatura histórica.

JAYME FERNANDES GUEDES.

ALGUMAS PALAVRAS DE EXPLICAÇÃO

Correspondendo a honrosa incumbencia do digno presidente do Departamento Nacional do Café, o Sr. Dr. Armando Vidal, abalançamo-nos a compendiar a historia da propagação cafeeira no Brasil, o que corresponde, como é obvio lembral-o, a pretender esboçar vastissimo quadro.

Assumindo a superintendencia da grande organização economico-financeira, que é o Departamento, incluiu o Sr. Dr. Armando Vidal, em seu programa, uma série de iniciativas de ordem cultural, complementares de sua actuação agricola e commercial em defesa do grande, do principal esteio da economia brasileira.

Mandado reproduzir, em volume, a tiragem feita pelo Dr. Assis Chateaubriand, a 15 de outubro de 1927, para "O Jornal", do Rio de Janeiro, em edição commemorativa da passagem do segundo centenario da introducção do café no Brasil — escrevia o Dr. Armando Vidal:

"O Departamento Nacional do Café, além das funcções de regularização dos mercados, a mais sensivel para o publico em geral, tem alta finalidade cultural. Esta abrange todos os assumptos de natureza agricola, industrial e commercial do café, e, bem assim, todos os estudos economicos, legislativos e historicos sobre esse producto".

"Tres obras fundamentaes conta divulgar o Departamento Nacional do Café: *"Historia do café no Brasil"*, *"Annuario estatistico"* e *"Collecção geral da legislação cafeeira"*.

Presseguindo na directriz que tanto lhe recommenda a elevação mental e o interesse pela cultura, pediu-nos o Dr. Armando Vidal uma exposição succinta do historico da propagação cafeeira no Brasil, em suas linhas geraes.

Publicada esta pequena monographia, em meiados de 1934, solicitou o Sr. Dr. Armando Vidal que della fizessemos como que um *abstract,* destinado a um dos mais bellos e prestigiosos orgãos da imprensa illustrada universal *Le Figaro Illustré.*

A este resumo traduziu distincto homem de letras francez, autor da versão para o seu idioma, de varios dos nossos livros capitaes: — o Conde Mauricio de Périgny.

Commetteu-nos depois o Sr. Dr. Armando Vidal o pesado encargo de fazer um historico do café no Brasil.

Tal incumbencia nos foi depois renovada pelos seus dignos successores, Drs. Antonio L. de Souza Mello, Fernando Costa e Jayme Fernandes Guedes, não menos affeiçoados a que se realizasse tal tentamen a que davam o applauso de sua cultura elevada e apego á tradição nacional.

La via é lunga...

Não longa, mas longuissima. E cerrada, a série dos obstaculos a vencer.

I

Immenso já se escreveu sobre o café no Brasil e fóra do Brasil. Nem por menos podia ser, tratando-se de um dos mais notaveis artigos do commercio universal e do sustentaculo principal da economia brasileira.

A xeno-bibliographia, e a nacional, comprehendem verdadeira bibliotheca, onde, ao lado de monographias valiosas, occorre enorme massa de escriptos, de relativa importancia.

Em nosso paiz abundam as monographias, os estudos de toda a especie relativos aos mil e um problemas do producto mestre de nossa riqueza. Nada mais natural, aliás.

"O Brasil é o café", tal a phrase desde muito sahida dos labios de um estadista do segundo Imperio e a cada passo repetida. E hoje, decorrido quasi um seculo após a enunciação de tal axioma, pode-se dizer com toda a segurança: — O Brasil ainda é o café!

Nada mais comprobatorio de tal proposição do que o deslocamento do eixo economico nacional, para o sudoeste, desde que as terras montanhosas, e portanto sujeitas á erosão, das velhas zonas cafeeiras, cessaram de supportar as lavouras da planta arabica.

Toda esta bibliographia brasileira encerra muitos capitulos preciosos, envolve mil e um aspectos, por vezes superiormente expostos, da historia, lacunosa, e não codificada, de um panorama de civilização que ainda apresenta trechos a descrever e a pintar.

É um ensaio de consolidação da bibliographia existente que agora nos abalançamos a realizar.

Assumpto das mais dilatadas proporções, o esforço que exige apresenta-se realmente pesadissimo.

Para tanto nos valemos de excellentes trabalhos realizados

por verdadeira legião de trabalhadores e eruditos, antigos e modernos.

Impossivel nos seria levar a cabo tão penoso labor, não fôra o soccorro de taes monographistas.

Tratando-se de um historico do café no Brasil, pareceunos indispensavel que a introducção a este trabalho compendiasse uma summula do que de mais autorizado se tem até hoje publicado sobre os primordios da lavoura cafeeira, no Oriente, assim como os principaes episodios da introducção do uso do café nos grandes paizes occidentaes.

Delles, e cada vez mais notavel, provocou o commercio da fava de Moka a transplantação do cafeeiro á America antilhana e á Guyana de onde veio ter ao Brasil.

Paturage et labourage ce sont les deux mamelles de la France, apregoava como tanto é sabido, o grande ministro de Henrique IV, numa phrase infinitas vezes repetidas. E merecendo sel-o, pois traduz a synthese de um estado economico nacional, numa época em que não havia ainda industria e, por assim dizer, apenas officios, e quando a França mal esboçara a sua politica colonial.

A mesma orientação do espirito de Sully levou, em principios do seculo XVIII, o illustre jesuita italiano, João Antonio Andreoni — mais de seculo e meio tenazmente occulto sob o pseudonymo celebre de Antonil, desvendado pela argucia do sabio Capistrano de Abreu -- a mesma orientação levou o illustre ignacino a intitular, como o fez, o seu livro, no Brasil tão famoso.

Cultura e opulencia do Brasil por suas drogas e minas é o titulo deste tratado, inestimavelmente precioso, em que se descrevem as duas grandes bases de toda a economia brasileira, em principios do setecentismo. As drogas vêm a ser o assucar e o fumo.

E as minas, as do enorme pactolo que apenas começava a ser explorado, na região do hinterland fluminense, o do Espinhaço e seus contrafortes.

E, com effeito ao Brasil, já então duas vezes secular, creara a canna de assucar. Só haviam, até fins do seculo XVII, realmente prosperado e enriquecido os nucleos onde a graminea saccharifera vicejara, na tira do massapé de Pernambuco e na mancha do Reconcavo bahiano.

E, assim succedera até que os paulistas revelassem a enorme bolsa de ouro nativo dos vales atormentados do Espinhaço. Mas esgotada esta e as outras, muito menos opulentas de Goyaz e Matto Grosso, voltaria o assucar a ser a grande "mama" do

Brasil. Até que occorresse o colapso da baixa de seu preço como consequencia das perturbações do commercio universal, creadas pela Revolução Franceza, e o imperio napoleonico de que nascera a utilização do teor sacharino da beterraba.

Por todos os motivos, sobretudo os de ordem historica, é digna de reparos a injustiça enorme, praticada em 1822, quando, no escudo imperial do Brasil, recem-independente, deixou de figurar uma haste de canna. Mil direitos mais tinha ella á homenagem de que o ramo de fumo.

Só se comprehende, mesmo, esta exclusão por uma questão de ordem meramente esthetica, pelo facto de que os artistas que compuzeram tal escudo, J. B. Debret e Felix Emilio Taunay entenderam que as côres do grão da rubiacea e a das flores do fumo permittiam mais feliz combinação e conjuncto menos assymetrico, mais equilibrado do que se substituisse o ramo do tabaco pela haste da canna.

Mas assim procedendo deixavam de respeitar a verdade historica e, até, a realidade dos factos, pois, em 1822, o assucar continuava a ser um genero do commercio brasileiro incomparavelmente mais importante do que o tabaco e mais vultoso do que o proprio café.

Houvesse Antonil vivido e escripto o seu livro cento e vinte annos mais tarde, já certamente attribuiria a primazia da "cultura e opulencia do Brasil" á planta do café e não á das cannas na lavra do assucar dos engenhos reaes moentes e correntes.

Este primado, desde os principios do seculo XIX, se assignala cada vez mais absorvente e até os nossos dias, continua avassalador, imperioso.

Quando, em 1927, por entre estrondosas festas, se celebrou o segundo centenario da introducção do cafeeiro no Brasil, via Belém do Pará, pediu-nos a Commissão Central, organizadora do grande certamen de São Paulo, um lemma para as suas publicações e cartazes. Não hesitamos em lhe propôr estas tres palavras que nos parecem traduzir a synthese economica nacional horierna: *Café, esteio do Brasil*: *Coffea Brasiliae fulcrum.*

E tivemos a grande satisfação de ver tal ponto de vista immediatamente acceito, *in totum,* pelos nossos illustres consultantes.

Com effeito, que seria o Brasil, hoje, sem o café? Onde iria procurar um succedaneo no commercio universal, artigo de tamanha valia e volume para as suas operações internacionaes no conjuncto dos negocios mundiaes? Que lhe daria pretexto

para a obtenção das letras do cambio indispensaveis á sua civilização?

Sem o café seria o Brasil uma Angola, ou pouco mais.

Assim como na segunda metade do seculo XVIII a fugacidade dos proventos do ouro trouxe o deslocamento da capital brasileira, da Bahia para o Rio de Janeiro, enriquecido pelo commercio com as Minas Geraes, a cultura cafeeira provocou o opulentamento notavel do centro do Brasil em relação ás demais zonas do paiz, a principio na região fluminense e da "Matta" de Minas, depois na de São Paulo.

Para nós outros brasileiros, *maxima debetur coffeae reverentia* seja-nos permittido escrever a paraphrasear a famosa phrase ciceroniana.

E realmente, repitamol-o, que seria o Brasil sem o café? Que seria actualmente este enorme arcabouço sem ter, para o representar no conjuncto do commercio universal, a manipulação de um genero de valor tambem universal?

Se temos cambio, *c'est toi divin café!* apostrophemol-o com o famoso hemistichio delileano.

Se o paiz possue o que possue, em materia de apparelhamento e de recursos normaes: *c'est toi divin café!* Se não cahimos na estagnação dos paizes mineradores do Pacifico, esgotados os recursos extractivos: *C'est toi divin café!*

Se acabados os dias prosperos da canna de assucar e do ouro não baixamos ás condições do atrazo de costa fronteira africana: *c'est toi divin café!*

E, com effeito, que seria do Brasil imperial sem o café? Que outro factor lhe poderia ter fornecido a potencia financeira de que lhe decorreu, durante decennios, a hegemonia sul-americana?

Que seria do Brasil actual sem o café? Onde arranjar substituto de seu valor para as exigencias imperiosissimas da balança do commercio, inexoravel para com os povos que não produzindo, regridem?

Onde descobrir genero de igual valor monetario? De tão grande apreço e tão alta capacidade acquisitiva sob tão pequeno volume?

Que era São Paulo antes do café? Dirão os sentimentaes, a quem impressiona uma imagem de Euclydes da Cunha, a verberar os "fazedores de desertos" que o café arrazou a floresta e atraz de si deixou o ermo em terras fluminenses de serra acima, nas mineiras da Matta e nas do norte paulista.

Continua, em sua marcha, a esterilizar o sólo por toda a parte onde passa a sua pomicultura, formosa entre todas.

Mas não se esqueçam os acerbos reparadores que se realmente despiu terrenos mal feitos e asperos, e esgotou-os temporariamente, operou admiravel transmutação de valores. A seiva da rubiacea deu o ouro com que se fizeram dezenas de milhares de kilometros de ferro-vias, fez surgir a civilização á face das terras onde após as fazendas vieram as cidades.

"Heri solitudo hodie civitas!" Quantas e quantas das nossas cidades fluminenses, mineiras e paulistas não poderiam adoptar como divisa este mote? E não é um surto identico o que o café está provocando, exactamente nos dias de hoje, nas zonas ruraes do noroeste paulista, do noroeste paranaense hontem solidão, hoje cheio de cidades!

E onde está este outro esteio da nossa economia nacional sobretudo depois que a borracha baqueou? Não é do café que o Brasil haure os seus recursos essenciaes? Já não se calcula que rendeu ao paíz perto de cincoenta milhões de contos de reis?

Assim com o maior espirito de justiça se celebrou em toda a extensão nacional, nas zonas cafeeiras e nas não cafeeiras, a ephemeride faustosissima e bicentenaria de maio de 1727.

E as vozes da gratidão relembraram os nomes dos benemeritos do paiz, esses precursores que alicerçaram a grandeza do Brasil agricola moderno nas sementeiras da planta arabica.

Sim, porque, irretorquivelmente, ha mais de um seculo se pode affirmar:

Coffea Brasiliae fulcrum!

II

Até ha bem pouco era a historia do café no Brasil a mais defeituosa.

Sobre ella não havia senão summarias indicações, desconnexas lacunosissimas, sobretudo, perdidas na massa de enorme documentação inaproveitada pela legião dos repetidores impenitentes uns dos outros, que assentaram arraiaes no estudo de nossos fastos.

Algumas tentativas sérias se fizeram, de longe em longe, desde os tempos em que Monsenhor Pizarro, Ayres do Casal, Sylvestre Rebello nos forneceram escassissimas notas sobre os primordios da cultura cafeeira em nossa terra.

Facto curioso: nos escriptos do primeiro brasileiro que tratou de café — Fr. José Marianno da Conceição Velloso, nem uma unica nota occorre historiando a introducção da rubiacea no Brasil.

E, no emtanto, a respeito da fava arabica imprimiu o il-

lustre franciscano — primeiro talvez dos scientistas nascidos no Brasil e cujo valor seria absurdo querermos frizar — dois livros assaz volumosos do seu *O fazendeiro do Brasil* sobre as excellencias do café e suas vantagens para a grande colonia portugueza.

Nada mais fez porém do que traduzir uma série de trabalhos francezes e inglezes, sem, no emtanto, lhes appôr uma unica nota nacional.

Tão mal esclarecidos permaneceram, durante mais de um seculo, os fastos do café entre nós, que, nem sequer, foi o publico brasileiro informado da verdade sobre os factos da primeira apparição da rubiacea no seu paiz.

Totalmente ignoravam os nossos antigos monographistas o papel capital que, acerda do caso, representa o Pará e nem sequer parecem ter jámais ouvido falar no nome do introductor do café no Brasil: Francisco de Mello Palheta.

Nem mesmo os mais notaveis como Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, em 1813, Ayres do Casal em 1817, Monsenhor Pizarro em 1820, José Silvestre Rebello em 1833, Balthasar da Silva Lisboa em 1835, Januario da Cunha Barbosa em 1842 e até o eminente botanico Francisco Freire Allemão em 1856.

Escrevendo em 1860 a sua *Monographia do cafeeiro e do café* mostrava Frederico Burlamaqui, aliás homem de notavel instrucção, ignorar o que quer que fosse sobre os factos capitaes de 1727 e de seu determinador.

Assim tambem, em 1879, Paulo Porto Alegre na sua aliás excellente *Monographia do café* ou Theodoro Peckolt na *Historia das plantas alimentares e de gozo do Brasil.*

E, facto curioso, tudo provinha da falta de pesquisa, aliás facilima, desde que já em 1847 publicara a *Revista do Instituto Historico Brasileiro* e *Viagem e visita em o bispado do Grão Pará,* em 1762 e 1763, do bispo D. Fr. João de São José Queiroz.

Se os autores nacionaes revelam tal insciencia, que esperar dos estrangeiros?

Já, em 1910, imprimindo-se o quarto tomo do *Livro do centenario,* trouxe outro desenvolvimento, em materia de dados para o historico do café, a pequena memoria de Moura Brasil alli inserta. Verdade é que tivera inspirador do mais alto quilate: Capistrano de Abreu.

Em 1915 divulgou Manoel Barata preciosos informes compendiando documentação nova, variada e abundante, em sua memoria: *A antiga producção e exportação do Pará.*

Afinal a occurrencia do segundo centenario do café, em 1927, promoveu notavel recrudescencia da inspecção dos fastos cafeeiros, cabendo enorme parte desse conjuncto á do esclarecimento dos factos dos primeiros annos.

Com a confecção do numero especial do *"O Jornal"*, tentamen verdadeiramente notavel, ensejo houve para que se escrevessem numerosas memorias de cunho historico muitas dellas realmente valiosas.

No meio dessa enorme contribuição representada pelas mil e muitas paginas dos dous alentados tomos, editados pelo Departamento Nacional do Café, quanta cousa valiosa!

Abre-se a documentada monographia de Basilio de Magalhães *Quem era Francisco de Mello Palheta* onde, o douto historiador aproveitou os ricos subsidios esparsos de Capistrano, Rio Branco, Rodolho Garcia, Barata, etc., e outros elementos oriundos do proprio esforço.

Do grande trabalhador a quem se deve este estudo de grande valia ainda recolheu a obra duas outras contribuições de largo e valoroso tomo: *Bibliographia brasileira e estrangeira sobre o café no Brasil* e *As lendas em torno da lavoura do café.*

Seu filho e discipulo, Hildebrando de Magalhães, tão prematuramente desapparecido, galhardamente lhe acompanhou os passos, publicando uma "monographia", reimpressa em 1934, sob o titulo perfeitamente cabivel de *Historia do Cafá,* excellente trabalho sob todos os pontos de vista.

São estas as memorias basicas da edição de "O Jornal", onde se contém enorme copia de artigos historicos, varios delles excellentes mas de muito menor tomo, comtudo, do que os dos dois eruditos acima citados.

Além deste material bibliographico, grande copia de outros elementos existe em livros, periodicos e publicações de hemeroteca, assignalados na resenha larga e utilissima, mas ainda forçosamente bem lacunosa, de Basilio de Magalhães.

Oos elementos regionaes avultam sobretudo, como é de esperar, nas grandes regiões cafeeiras do paiz.

Assim, ha immenso onde respigar, e numa documentação do melhor quilate. E é deveras de se lastimar que em publicação official como essa que, em 1929, fez imprimir o governo do Estado de Minas Geraes, para commemorar o segundo centenario do cafeeiro no Brasil, vejamos apparecer, como base para a historia da introducção do café no paiz, um romance pseudo-historico filiado á escola notabilizada pelos processos do mestre humorista Mendes Fradique.

III

Já que o estudo por nós emprehendido teve de tomar as dimensões pedidas pela vastidão e a importancia do assumpto, entendemos que se tornava absolutamente imprescindivel precedel-o por um apanhado da historia geral do café, até a implantação definitiva da rubiacea em nossa terra.

Para tanto nos valemos sobretudo de duas obras realmente notaveis.

É a primeira a monumental monographia de William H. Ukers, o *All about coffee,* publicada em 1922, obra que representa uma summula de esforços realmente prodigiosos.

É a segunda incomparavelmente menor como porte, e o seu programma annuncia, aliás, versar sobre campo muito mais reduzido do que o livro do escriptor yankee.

Referimo-nos á memoria *Ensaio critico-historico sobre o café e investigação etymologica do nome,* da autoria do Dr. Jorge Augusto Padberg Drenkpol, do nosso Museu Nacional.

Representa esta monographia uma synthese obtida á custa de notavel labor. E ficará certamente como uma das melhores contribuições da bibliographia universal do café.

De ambos estes autores muito teremos que nos valer para o estabelecimento de nossos capitulos iniciaes.

Pena é que Ukers se tenha deixado arrastar a escolher para a sua excellente obra tão immodesto titulo: *Tudo o que ha sobre o café! All about coffee!*

Apesar do titulo immodestissimo, repitamol-o, apresenta a obra de Ukers — tão importante e tão cheia de capitulos primorosos — a parte brasileira por assim dizer insignificante. Permitte gravissima arguição a se lhe exprobar. *All about coffee... excepting in Brazil* é sub-titulo que se lhe pode inculcar. Pretender historiar tudo o que ha sobre café desleixando, como se desleixou, a contribuição brasileira, é coisa simplesmente clamorosa.

Começa referta de erros palmares sobre os primordios da historia do café em nosso paiz, por uma série de informes que se filia inteiramente á nossa famosa *Historia do Brasil pelo methodo confuso.*

Principia por affirmar que os primeiros cafeeiros vieram para o Brasil em 1723, "anno em que se mallograram por completo as tentativas para a plantação de mudas vindas de Guyana Franceza, de Cayenna para o Pará.

Facto pasmoso para quem declara saber tudo quanto ha

sobre o café: ignorava o nosso autor, já em 1922, até o nome de Francisco de Mello Palheta!

E tratando de assumpto capital como este, da introducção da rubiacea, na região onde mais tarde viria a tomar o immenso surto que sabemos, a ponto de ser a quasi monopolizadora, por assim dizer, do seu commercio, e a fornecedora maxima dos mercados mundiaes da fava arabica, contenta-se Ukers em consagrar a tão importante facto meia duzia de linhas summarias e... apinhadas de erros.

É preciso ainda frizar que quanto a sua bibliographia brasileira é pobre, pobrissima, chegando a ser indigente em sua parte historica. Basta dizer que W. Ukers ignora os nosso livros antigos e essenciaes, como por exemplo os de Burlamaqui e Paulo Porto Alegre, e as memorias de Freire Allemão, Barão de Paty do Alferes, Padre Fonseca, os depoimentos dos viajantes de maior e menor importancia, etc., etc.

A respeito do Brasil contentou-se Ukers em reproduzir a insignificancia dos conceitos de Francis B. Thurber, em seu *Coffee from plantation to cup,* livro já quasi quadragenario, quando se publicou o *"All about coffee",* pois foi impresso em Nova York no anno de 1881.

Já o nosso celebrado ophtalmologo Moura Brasil rectificara cabalmente os erros grosseiros de Thurber.

Sobre a obra de Ukers emitte o Dr. Padberg Drenkpol o seguinte juizo: "Monumental, fornece varios dados novos. Grande o merecimento de seu autor por ter colligido muitissimas noticias valiosas, tambem, para a historia do café sobretudo no dominio da lingua ingleza.

Sob mais de um ponto de vista é indubitavelmente a mais rica que sobre o café se publicou.

Extranha porém certa insufficiencia scientifica que ignora ou desaproveita varias das melhores fontes, deploravel falta de critica, que compiia ccgamente citações de segunda mão sem verificar o seu valor.

Assim se repetem incongruencias e inexactidões que desde muito alteram a historia do café, contribuindo a imponencia exterior da obra ainda mais para a desastrosa propagação dellas".

Concluindo os numerosos e severos reparos escreve Padberg-Drenkpol:

"Tudo isso, com innumeras exactidões menores, denota infelizmente que o pomposo livro de Ukers não satifaz ás exigencias scientificas e deve ser aproveitado com muita cautela."

Parece-nos áspera esta apreciação. Tal a immensa somma

de trabalho exigida pela confecção de tão avultada memoria que muito lhe deve ser relevado.

Verdade é que a critica de Padberg versa sobre pontos essenciaes.

A parte brasileira da obra corresponde positivamente ao mais injustificado descaso.

É aliás antigo veso esta *capitis diminutio* atttribuido ao nosso paiz pelos historiógraphos do café.

Embora haja o *All about coffeee* sido impresso antes de 1927, data em que houve verdadeiro renascimento da historia cafeeira, poderia Ukers comtudo pelo menos ter se valido dos trabalhos de Freire Allemão, Burlamaqui, Paulo Porto Alegre, Moura Brasil, etc.

Isto lhe era imposto pela imponencia do titulo da monographia: *All about coffee!*

Assim a verberarmos tamanha desenvoltura epigraphica ajuntemos ao *All about coffee,* um sub-titulo, o *exceptis non excipiendis* relativo pelo menos ás cousas do Brasil, paiz de somenos importancia em materia de culutura cafeeira.

A segunda edição do *All about coffe* é bem melhor que a primeira, assim mesmo ainda se apresentando deficiente em relação ao Brasil.

A parte consagrada pelo Dr. Padberg á introducção do café no Brasil é bem trabalhada mas resumida. Refere-se quasi unicamente á transplantação da rubiacea no Pará em 1727.

Procurámos, nos capitulos consagrados ao Brasil, lançar mão dos recursos da mais vasta bibliographia ao nosso alcance.

Coube-nos sempre a felicidade de accrescentar notas ineditas aos subsidios dos antigos autores. Assim, até mesmo em relação á exhaustiva monographia de Basilio de Magalhães relativa a Francisco de Mello Palheta. Conseguimos acresce-la com elementos de nossa propria pesquisa e da indicação do doudo Rodolpho Garcia e do crudito Theodoro Braga.

Arduo trabalho tivemos colligindo dados que nesta obra se compendiam. E nossa permanencia em São Paulo, onde as brasilianas publicas ainda são pobres, difficultaria o nosso trabalho não fôra a generosa hospitalidade que em sua livraria. opulenta de assumptos patrios, nos concedeu o amigo Yan de Almeida Prado, o erudito e brilhante autor *d'Os primeiros povoadores do Brasil.*

Adminiculos informativos preciosos houvemos de Rodolpho

Garcia, de D. Lucia F. Lahmeyer, do Dr. Alberto Carlos de Araujo Guimarães. Assim tambem do Sr. Eurico Penteado, director de publicidade do D. N. C., quanto á contribuição iconographica de que dispõe o Departamento.

A todos estes amigos, serviçaes e generosos, os nossos mais effusivos agradecimentos.

IV

Abrindo a sua prestantissima obra disserta W. Ukers sobre o papel do café no conjunto do commercio universal, o de approximador dos povos.

Na sua marcha ininterrupta, produziu a Civilização tres bebidas não alcoolicas importantes, observa o autor americano: o extracto das folhas de chá, o das sementes do cacau e o das sementes do café.

Uma quarta poderia addir-se a esta lista, sem commetter grande injustiça, o extracto das folhas do matte, muito embora, nem de longe, haja ainda paridade entre a importancia do commercio, sul-americano da ilicinea e o trafico universal movimentador dos productos decorrentes das grandes lavouras da theacea, da rubiacea e da byttnereacea.

Muito notavel superioridade sobre os seus congeneres leva o da *thea sinensis,* quanto ao volume do consumo. Tornase desnecessario lembrar-lhe a vastidão dos mercados asiatico e europeu.

Vem em segundo plano o do café, cada vez mais dilatado, com as quotas de consumo universal a subir, dia a dia, pelo alargamento dos mercados e por emquanto como que confinado ao mundo occidental e, ainda assim, sobretudo, ás terras da vertente atlantica.

O campo do cacau embora dia a dia mais importante, e em rapida e notavel dilatação, está muito abaixo dos dois primeiros.

Entretanto, affirmava Ukers em 1922 com a sua autoridade de especialista: sob o ponto de vista do commercio internacional o volume dos negocios do café tem importancia incomparavelmente maior do que a das outras bebidas pelo facto de ser a fava abyssinia importada, para paizes não productores, duas vezes mais do que succede ao chá.

Facto interessante o seguinte: a delimitação das areas occupadas pelos povos que dão preferencia ao chá e ao café.

Mantêm-se os consumidores geralmente persistentes em seus habitos.

Pequenas as conquistas realizadas por uma das decocções sobre a outra.

Chins e japonezes, russos e inglezes, mantêm-se fieis ao uso do chá, norte-americanos, hollandezes, francezes, escandinavos ao do café.

O cacau, mais disseminado em sua distribuição universal, ainda não offerece séria competição aos rivaes pelo facto de não ter como mercado favorito uma fracção compacta da Humanidade.

Verdadeiro hymno tece Ukers ás virtudes do café, "genero de primeira necessidade humana"; "corolario da energia e da efficiencia humana, bebida democratica, favorita dos homens e das mulheres" que faz o Mundo vibrar pelo emprego da intelligencia e dos musculos braçaes, o mais grato dos lubrificantes da machina humana e fonte das mais deliciosas sensações gustativas.

No meio millenio de sua carreira innumeros entraves foram oppostos "a este alimento liquido, presente da religião á Humanidade dignificado pela sciencia medica, apesar do muito que o combateram as superstições e os preconceitos religiosos e pseudo-scientificos". .

Tentaram aniquilal-o: feroz opposição politica, estupidas restricções injustissimas, irritantes direitos alfandegarios.

Mas de todos estes obstaculos triumphou porque é dos maiores alimentos universaes de poupança. Nenhum similar lhe leva a palma em materia de sabor e reconforto, rapida actuação physiologica e phychologica decorrentes do aroma e do gosto.

Incute a sensação do bem estar, a homens e mulheres e a mais brilhante comprobação tiveram as suas virtudes por occasião da Guerra Mundial de 1914-1918.

Em 1919, proclamava um general do exercito dos Estados Unidos, de tres factores nutrientes decorrera a victoria dos Alliados: pão, toucinho e café.

Tão convicto panegyrista se mostra o autor yankee que chega a proclamar arroubado: "na resenha dos symbolos da confraternização dos povos, representa o café o mais conspicuo papel salvando a democracia mundial!"

E, num surto de idealismo, affirma que a nova era, oriunda da Paz de Versailles e da Conferencia de Washington deviam certamente basear-se na temperança e no *self-control*: exigindo a democracia a rectidão da vida e a clareza do pensamento.

Ora, para tal desideratum havia maravilhosos estimulantes

no café, no chá e no chocolate, bebidas promovedoras da vida racional pelo augmento do conforto e da alegria.

Indubitavel se torna que do café não se deve abusar, como ninguem pode fazel-o em relação ás melhores coisas deste mundo. Havia mesmo individuos sofrendo de idiosyncrasia cafeica. Mas em proporção minima, no conjuncto do genero humano.

O genio da especulação pretendia porém valer-se desta disposição de uns tantos hypocondriacos e dos anaphylatisados da cafeina.

E explorava-se a credulidade de taes suggestionaveis impingindo-lhes os succedaneos, colleção pittoresca, assim denominada de substancias que não eram "nem peixe nem carne".

Um dos mais acirrados cafeophobos, homem leal, confessava que até hoje se não descobrira nem inventara bebida quente capaz de substituir o café.

": — E nunca se achará!" affirma o nosso autor, a rememorar as palavras do Dr. Harvey Willey: "um substituto deve poder preencher as funcções de seu substituido, e ser capaz de supportar combate. Um toma larguras, jamais é um substituto".

Terminando o seu dithyrambo *ad majorem coffeae gloriam* affirma Ukers que noventa e sete por cento dos humanos acham a infusão arabica innocua e salutar. Sem ella correria a vida falha, *drab,* escreve empregando vocabulo energico e, dirão alguns, pouco apropriado a autor que zela pela distincção do vocabulario.

Mas não seremos nós quem carga faça ao douto autor por este motivo, commungando com muitas das ideias de Ukers.

Mais moderado porém escreve Hildebrando de Magalhães no preambulo de sua *Historia do Café.*

"De todas as bebidas não alcoolicas, — cujo uso ininterrupto a humanidade veiu a adoptar, familiarizando-se com as mesmas de tal forma, que a abolição repentina de qualquer dellas equivaleria a verdadeiro sacrificio, — é o café, sem duvida a melhor, a menos custosa, a mais efficaz, a menos nociva.

Intellectual por excellencia: intensamente agradavel, — pelo sabor, pelo odor e pelo aspecto, — ao paladar, como ao olfacto e á vista; proveitoso em alto gráu á economia interna do organismo: — não é de admirar que o liquido obtido, mediante certos processos, das sementes encerradas em um pequeno e bello fructo vermelho, tenha sido e seja estimado de maneira quasi universal, considerado quasi um nectar, uma essencia ra-

ra, julgado quasi incomparavel, quasi divino, quasi insubstituivel.

E, de facto, o café faz jús inteiramente a quantos louvores se lhe tributem, por mais calorosos, por mais enthusiasticos que sejam".

Eis uma opinião bem brasileira!

De como tal convicção se arraigou em nossa alma nacional, fructo de uma industria agricola avassaladora das principaes forças vivas do Brasil-nação, procuraremos exemplificar, historiando as diversas phases da sua propagação enorme, phenomeno notabilissimo dos seculos XIX e XX, unico nos fastos economicos universaes, no dizer de acatada autoridade contemporanea.

Tal o vulto da lavoura da rubiacea como instrumento civilizador do Brasil que creou o brocardo corrente desde os nossos primeiros tempos imperiais: *O Brasil é o café!*

Os aspectos tão curiosos como variados assumidos pela civilização do café desbravadora das nossas regiões do Sul, creadora do esplendor fluminense imperial, da opulencia paulista, do progresso mineiro e espirito-santense; os facies riquissimos de dados sociologicos por ella apresentados, devem pois ser detidos e demoradamente estudados sob largos moldes.

V

Tão formidavel influencia exerceu a cultura cafeeira sobre o progresso e a cviilização brasileira dos quaes, durante largos e largos decennios, até os dias de hoje, veio a ser o principal, o propulsor capital, que, fatalmente, teria o desenvolvimento de tão grande surto de ser acompanhado pela apparição da mais consideravel bibliographia. E foi o que se deu. A principio restricta, tomou esta literatura, com o correr dos annos, grandes, e, afinal, enormes dimensões, a ponto de provocar a constituição de verdadeira bibliotheca, qual seja a que hoje existe, constante de centenas de obras e milhares de opusculos, redigidos em numerosas linguas.

Bibliotheca de publicações officiaes, as mais variadas, relativas á producção, consumo e exportação do café, ás crises de superprodução, de obras referentes á influencia do crescimento da producção sobre o regimen financeiro e economico do Brasil; largo acervo de tratados sobre a agronomia cafeeira, cada vez mais volumosa, referente aos methodos de cultura e seu aperfeiçoamento, innovação de processos, flagellos dos cafesaes, apparelhagem do beneficiamento, botanica, chimica e phy-

siologia do café, etc.; bibliotheca de estudos attinentes ás questões do aprovisionamento de braços para as lavouras, aos problemas de substituição do trabalho servil pelo trabalho livre, aos fastos da industria dos transportes animados e mais tarde mecanicos, ferro e rodoviarios etc., um mundo enfim de questões primordiaes e correlatas...

Além dos aspectos, principalmente estatisticos, e meramente historicos, ha, ainda, um certo numero de faces a encarar quaes sejam as que dizem respeito á historia da civilização brasileira, tão notavelmente modificada, sobretudo na região centro-meridional, pelo exito do surto cafeeiro, com reflexos, os mais importantes, sobre o resto do paiz.

Basta-nos recordar um destes para que nos capacitemos de tal: as consequencias oriundas do appello vehemente de braços, partido do valle do Parahyba, e do oeste paulista, sobre o despovoamento progressivo das lavouras do norte do paiz, graças ao exodo dos escravos transferidos dos cannaviaes aos cafesaes.

Seria inexplicavel que numa obra como a nossa não surgissem depoimentos sobre aspectos caracteristicos da civilização nova nascida do plantio da rubiacea e o enricamento, explosivo, por assim dizer, de populações inteiras, creador de cidades e centros productivos da maior valia, depoimentos brasileiros e sobretudo estrangeiros. Procurámos, pois, trasladar ás nossas paginas alguns dos que de maior valia nos pareceram, pois compendiam, em geral, tão extensas quanto preciosas informações.

Para a sua confecção valemo-nos sobretudo dos relatorios annuaes dos presidentes das provincias cafeeiras, ás respectivas assembléas provinciaes, dos ministros do Imperio, da Fazenda, Agricultura, e Estrangeiros ao Parlamento Nacional, dos das associações commerciaes etc. Recorremos ás obras de financistas e estadistas, agronomos nacionaes e alienigenas. E ainda á bibliographia sobre a questão servil, e a dos transportes, aos depoimentos de viajantes brasileiros e estrangeiros, diplomatas e sociologos, a numerosas monographias de historia municipal, etc.

Dividimos a obra em diversas secções assim compendiadas:

1) — Dados sobre a propagação da cafeicultura nas grandes zonas productoras, como o Rio de Janeiro, S. Paulo, Minas Geraes, e outras, de menor importancia, como o Espirito Santo, a Bahia, o Ceará, etc.

2) — Influencia do surto cafeeiro sobre o nosso regimen financeiro, o cambio internacional e a economia brasileira.

3) — O problema do aprovisionamento de braços para a lavoura.

4) — O commercio do café e a industria de seu transporte.

5) — O problema do braço e a extinção do regimen servil. A immigração europeia.

6) — Agronomia do café.

7) — Regimen das fazendas e suas caracteristicas sociologicas.

8) — Depoimentos brasileiros e estrangeiros de viajantes que visitaram os principaes centros cafeeiros.

VI

Os quasi setenta annos de historia do café no Brasil Imperial correspondem a um periodo absolutamente notavel quer nos nossos fastos nacionaes quer nos da economia mundial.

Nesta phase occorreu em nosso paiz um phenomeno de expansão agricola, talvez sem exemplo no Universo.

Esta expansão occupara areas, até havia pouco, densa e opulentamente florestadas, sobretudo na Provincia do Rio de Janeiro, na matta mineira, no sul espiritosantense e no longinquo oeste paulista.

Prodigioso o reflexo desta producção sobre o commercio e a civilização do Brasil pela fixação dos valores dos seus saldos.

Enormes superficies selvaticas por vezes ainda na vespera habitadas por autochonos, haviam sido desbravadas, numerosos nucleos de população se tinham avolumado, opulentado-se muitos delles notavelmente.

A alguns caberia a divisa do *heri solitudo hodie civitas*.

E como consequencia dos incentivos da lavoura cafeeira vieram surgindo os primeiros trechos ferroviarios a vencer os asperos acclives da Cordilheira Maritima.

E o café fôra segundo a phrase expressiva de Castro Carreira um dos nossos maiores generaes da campanha do Paraguay.

Desde os primeiros annos do Imperio pois se preparava uma situação economico financeira definida pela formula synthetica do *Coffea Brasileae fulcrum* que tão alto significado cada vez mais proeminente assumiria, sobretudo da decada de 1870 em deante.

E maiores teriam sido as dimensões do surto cafeeiro se o não entravassem consideraveis obices: a falta de braços para as lavouras, o destanciamento das terras productoras dos portos

de embarque e o receio justificadissimo das geadas nas terras ubertosas do planalto paulista.

A falta de braços, estancada a nefanda fonte do trafico africano, tão imperiosa se fizera que provocara uma corrente immigratoria servil das lavouras do Norte para o Sul, dos cannaviaes e algodoaes para os cafesaes, nova mostra da prosperidade da industria cafeeira.

Na phase imperial verificou-se a predominancia do centro fluminense e o avantajamento extraordinario de sua cidade capital, assim como o progressivo e, dentro em breve, notabilissimo opulentamento da Provincia de S. Paulo. Nas immediações de 1872 attingiria ao apogeu o esplendor fluminense dentro em breve declinante.

As lavouras em terrenos escarpados e erosados produziriam sempre e sempre menos, já não havia mais terras virgens para as lovouras novas e o sceptro cafeeiro caberia ás terras de derrama suave do oeste paulista com os seus grandes chãos parados.

Em fins de 1871 promulgou-se a lei libertadora dos nascituros. Novo aggravamento em perspectiva dentro em annos, do problema do braço, e a necessidade imprescindivel do recurso á colonização europea.

Assim 1872 representa na historia do café um ponto singular de grande importancia, completando o rude aphorismo sobremodo expressivo já acima parcialmente citado e completado por Silveira Martins: *o Brasil é o café e o café, o negro!*

VII

De 1871 em deante, verifica-se enorme expansão da cultura cafeeira motivada pelos fartos lucros della provindos. Mas escasseiam os trabalhadores ruraes; eleva-se notavelmente o preço dos escravos, mau grado a importação do Norte e começa a pairar, mormente depois de 1880, sobre os productores, a ameaça do rapido triumpho dos emancipadores.

Questão a esta parallela é a immigratoria, imposta pela crescente carencia de braços. Della decorreria o tão notavel ensaio de colonização dos cafesaes realizado pelos paulistas.

Ao mesmo tempo, tudo muito tende a melhorar, na industria cafeeira. O commercio toma outros aspectos. Mais rapidas e precisas passam a ser suas transacções, graças ao estabelecimento das linhas telegraphicas. As estradas de ferro penetram pelo interior do Brasil permittindo o grande alargamento das áreas dos cafesaes. Os processos dos mercados euro-

peus e norte americanos tornam-se correntes nos brisileiros, melhorando muito as normas das transacções. Ha emfim renovamento notavel, geral, já na decada de 1870-1880.

A mesmo tempo começam os esforços em pról da obtenção dos cafés finos, cada vez mais insistentes e efficientes. E os methodos da agronomia cafeeira antiga vêm-se sobremodo avantajados. Não só os do beneficiamento do grão pela introducção de machinario aperfeiçoado como os da cultura, colheita e sécca.

O opulentamento, a capitalização, determinados pelos lucros das lavouras provoca, principalmente na zona fluminense, uma série de demonstrações de uma civilização realmente curiosa, representada por ambientes aristocratizados, muito interessantes.

VIII

A medida que os annos avançam é obvio lembral-o immenso se avoluma a bibliographia cafeeira. D'ahi resulta enorme acrescimo de trabalho ao pesquisador, desejoso de tomar conhecimento dessa literatura e della aproveitar o que de melhor pode fornecer.

Para nos documentar recorremos á leitura de centenas de obras de toda a especie, valendo-nos, acima de tudo, dos relatorios officiaes.

Examinámos tambem os principaes tratadistas sobre a agronomia cafeeira, procurando elementos tambem em numerosos opusculos de menor vulto e importancia.

A crise do braço, com os seus problemas connexos á abolição e colonização tambem nos levou á consulta de muitos autores abalizados.

Nos relatos dos viajantes conseguimos subsidios valiosos, tanto mais importantes quanto provem de fontes exoticas e observadores de mentalidade muito diversa da nossa.

Ajuize o publico da valia deste esforço que foi aturado e frequentemente penoso.

Uma convicção nos deixa é que procuramos fazer quanto nos era possivel dentro dos limites de programa sobremodo vasto: compendiar o maior numero de informes honestos sobre os fastos cafeeiros do Brasil.

Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1938.

AFFONSO DE E. TAUNAY

PRIMEIRA PARTE

Primordios e propagação do Café no Oriente, na Europa e na America

CAPITULO I

O "habitat" primitivo do cafeeiro. A hypothese da origem ethiopica do café. Exame dos depoimentos de viajantes antigos e recentes

De quanto em portuguez se tem traçado sobre as origens do café, sua quasi provada origem abexim, transplantação á Arabia e propagação pelo Oriente, nada se compara ao que escreveu o Dr. J. Padberg Drenkpol.

Recorreu elle ao testemunho dos arabistas mais eminentes, sobretudo á enorme autoridade de Silvestre de Sacy, aos grandes monographistas do assumpto, como o illustre geographo Ritter, etc.

Verificou os depoimentos dos viajantes antigos, primeiros reveladores do café ao Occidente e deste material soube fazer brilhante transsumpto superior ao da obra de Ukers, aliás tambem largamente informativo. Assim, valendo-nos de ambos estes autores, vamos expor o que delles aproveitámos, assim como de mais algumas achegas, aqui e alli colhidas.

Expende o autor americano a opinião de que o resultado das pesquisas acuradas levou a maioria das autoridades a admittir para o cafeeiro um autochitonia abexim.

Para Padberg, é indiscutivel esse ethiopismo. Assim, estranha que o nome scientifico da planta ,baptisada por Linneu, seja *"coffea arabica"*, confirmando o genial sueco a denominação escolhida para a rubiacea pelo illustre Antonio de Jussieu, que, ao cafeeiro, denominára, em 1713, *Jasminum arabicum*.

"O habitat natural do café não é a Arabia, como outróra se creu, e sim a zona entre a Abyssinia e os grandes lagos centraes africanos, especialmente o sul do imperio dos *Negus*, nas provincias montanhosas de Kaffa e Enérea", affirma o douto escriptor.

Este toponymo, que se grapha de diversas maneiras, com e sem o *e* inicial, é o de certa provincia sul-abyssinica, cuja capital, Saka, não está muito distante de Kaffa.

"A primeira menção verosimil das propriedades e usos do café provém de um medico arabe das vizinhanças do fim do

seculo IX da éra christã. E é razoavel suppor que, antes desta época, era a planta encontrada a crescer, selvaticamente, na Abyssinia, e talvez na Arabia", adverte Ukers, a advogar a causa de contestavel these aliás.

A tal proposito convem recordar um depoimento antigo de testemunho valioso, pela honestidade dos dizeres, o de La Roque, primeiro viajante francez da Arabia, em seu livro: *Voyage de l'Arabie Heureuse par l'Océan Oriental et le Détroit de la Mer Rouge fait par les Français, pour la première fois, dans les années* 1708, 1709 *et* 1710.

Avec la relation particulière d;un voyage fait du port de Moca á la Cour du Roy d'Yémen, dans la seconde expédition des années 1711, 1712 *et* 1713.

Un mémoire concernant l'arbre et le fruit du café dressé sur les observations de ceux qui ont fait ce dernier voyage.

Et un Traité historique de l'origine et du progrés du café tant dans l'Asie que dans l'Europe de son introduction en France et de l'établissement de son usage à Paris (*Paris,* 1716).

Diz o viajante francez:

"Os arabes do Yemen estão convencidissimos, assim como todos os orientaes, aliás, que o café não cresce em parte alguma mais do mundo, a não ser em seu paiz. Acredita-se, no emtanto, que, originariamente, proceda da Ethiopia, de onde o transportaram á Arabia Feliz."

A esta opinião confirma de algum modo o relato da viagem que Carlos J. Poncet realizou na Abyssinia, nos annos de 1697 a 1700.

Este Poncet, convem lembral-o, era um medico francez do Cairo, chamado á Abyssinia para tratar o Negus Yassús I, atacado por uma especie de lepra. Subiu o Nilo, foi pelo Nubia á Ethiopia, em 1697, curou o soberano, desceu a Massaua, teve diversos incidentes de jornada, curiosos, voltou á França, com um embaixador do Negus, soffreu desfeitas graças á perfidia do consul francez no Egypto e acabou os dias na Persia.

"Affirma este viajante, diz La Roque, que ainda hoje (1700) se vê café, naquelle paiz, cultivado apenas como curiosidade. E descreve a planta sem comtudo affirmar que haja visto. Mas tal descripção em que se compára a planta á murta diverge tanto da arvore do café, por nossa gente vista na Arabia, que certamente ahi houve algum engano".

Trechos de Poncet transcriptos por Paulo Porto Alegre e Freire Allemão são portanto bem claros.

"Emquanto estive na Abyssinia soube que os hollandezes haviam tentado mais de uma vez entrar em commercio com

os habitantes daquelle lugar; porém, ou fosse pela differença de religião ou porque seu grande poder nas Indias Orientaes, causasse ciumes, o certo é que os Ethiopes não quizeram tratar com elles.

"Tambem lá me constou que os inglezes andavam desejosos de entreter relações commerciaes com aquelles povos; e que um mercador armenio, de nome Agapyri (Agapyry rectifica Porto Alegre) se havia associado com os inglezes para ter parte neste commercio, que devia ser muito lucroso; porque além do ouro, algalia, marfim, etc., tirariam da Ethiopia o aloes, a myrrha, a cassia, o tamarindo e o café, do qual os Ethiopes fazem pouco caso; e me disseram que esta planta fora antigamente levada do seu paiz para o Yemen ou Arabia Feliz, onde hoje se faz a principal cultura; porque na Ethiopia já se cultiva sómente por curiosidade".

Quanto a mim, diz o botanico brasileiro, o abbade Raynal fundou-se no testemunho deste viajante, quando na sua erudita e estimavel "Historia dos estabelecimentos e commercio dos europeus nas duas Indias" — assevera que o Cafezeiro nasce espontaneo na Alta Ethiopia, onde de tempos immemoriaes é conhecido".

Corroborando o abbade Raynal outro informante, Lagrenée de Meziéres, citado por Borges de Barros, em sua monographia de 1813, affirma que na Ethiopia era o grão do café maior e mais verde do que o da Arabia. E tão perfumado quanto este.

Burlamaqui em sua *Monographia do cafezeiro e do café* chama a este autor Langrenne de Mariero affirmando que era embaixador de França na Abyssinia. Mas o seu nome exacto era Lagrenée de Mezières.

"As melhores noticias que da Ethiopia temos das quaes a mais prestigiosa é a do jesuita portuguez Telles, prossegue La Roque, e a propria historia da Ethiopia do sr. Ludolfe, tão curiosa e tão exacta, não dizem uma unica palavra do café.

Parece aliás que a noção da origem etiopica do café se introduziu em França com La Roque em principios do seculo XVIII. Dufour em sua segunda edição do *Traité du café* (Haya, 1685) expendia: De tous les endroits du monde je ne sais pas qu'il y avait d'autre qui produise le café que l'Yemen ou l'Ayaman (selon nos géographes peu corects) qui est l'Arabie heureuse.

Não faz uma unica allusão ao ethiopismo da rubiacea. "Se é verdade que os Abexins passaram da Arabia á Ethiopia em tempos immemoriaes assim como escreveu o Sr. Ludolfe, con-

tinúa J. de La Roque elles terão podido ter transportado o cafeeiro da Arabia embora este não se tenha dado muito bem, visto como é muito incerto que hoje se encontre na Ethiopia".

A autoridade de Job Ludolf, o famoso orientalista e polyglota allemão, celebre no seculo XVII, não tem tanto prestigio quanto La Roque lhe suppunha. E merecidamente, pois sabemos que não visitou a Abyssinia e sempre escreveu por informações.

Tratando-se de tão longinqua terra deixa de ter valor especial a affirmativa do erudito germanico.

Pretende Ukers que algumas autoridades (aliás não citadas) suppõe datarem as primeiras lavouras cafeeiras do Yemen de época anterior a 575 da nossa era! quando uma invasão persa do sassanida Khosroes, o Grande, enxotou da peninsula arabica a dominação ethiope que, sob o negus Caleb, alli se implantára.

O uso da bebida provocou, certamente, a plantação do cafeeiro na Abyssinia e Arabia. Mas os seus progressos foram lentos até os seculos XV e XVI quando parece se terem intensificado no Yemen.

Escreve Padberg:

"A tradição dos proprios arabes apontava para a vizinha costa africana, denominada por elles *Berr-el-Adjam*, isto é, "terra dos barbaros (estrangeiros). E' ahi que o introductor do café na Arabia, *Djemal-eddin Dhabani* (morto em 1470), conheceu a nova bebida, e não na *Persia*, como traduziu mal Galland causando assim um erro repetido durante mais de dois seculos até nossos dias, apesar de corrigido pelo barão de Sacy".

Confirmaram-no mais uma vez os arabes, segundo o testemunho do celebre viajante allemão C. Niebuhr, de 1763.

Os arabes pretendem que tiraram o cafeeiro de Habesch (Abyssinia), e algumas pessoas que tinham estado neste paiz, asseguraram que não sómente alli o viram, mas que em varias regiões de Habesch o café igualava em qualidade o do Yemen".

Da viagem de Niebuhr, comparticipou o botanico Forskal que na sua *Flora aegyptiaco-arabica* (1775) escreve: *Ex Abyssinia illatas primas arbores* (*coffeae*) *putant Arabes.*

Recorda Padberg os depoimentos de numerosos viajantes celebres, modernos, do imperio abexim, como James Bruce, J. L. Burckhardt, Ed. Ruppel, Isenberg, Krapf, Lefèbvre, Gallinier, Ferret, etc. Viram todos o càfeeiro vegetar, viçosamente, em differentes regiões da Ethiopia.

Para o Dr. Roth, lembrado pelo mesmo autor, botanico

da expedição do Major Harris, em 1844, a patria do cafeeiro é o Choa.

Averiguou a espontaneidade do arbusto nas regiões mais quentes deste reino, os abexins christãos o arrancam, porém, tendo-o como arvore infernal dos mahometanos. Onde estes predominam, a léste e ao sul, nas terras vertentes para o rio Hauasch, e nas montanhas dos Gallas Arussi, prolongados do lado do Oriente pelo planalto de Harrar, medra o cafeeiro, mas incultamente.

"Sua verdadeira patria, porém, diz Roth, deve ficar mais para Oeste e Sul, lá nas provincias de Kaffa e Enaréa, onde, conforme lhe disseram, o cafeeiro brota com exuberancia natural nas mattas, vergando os ramos com o peso dum fruto da mais apurada qualidade, comprando-se uma carga de burro pela vigesima parte dum thaler. Lá é que toda a gente toma café e o serve ao forasteiro; é, emfim, o centro de sua distribuição nativa, seu ponto de partida para outras paragens."

Harris e Roth affirmaram que ao gato de algalia, muito amante das cerejas de café, coube notavel papel na disseminação da rubiacea. O mesmo se daria nas Philippinas com outro viverrideo, o *Paradoxurus philippinensis,* que come as bagas, expellindo as sementes indigestas e o musango de *Java.*

Affirma o erudito monographista, a quem vimos acompanhando; "Baseado nestes testemunhos pôde o botanico francez Achille Richard, com segurança. incluir o cafeeiro, sob o nome indigena "Bunn" no seu *Tentamen florae abyssinicae*.

Ritter, contemporaneamente, e numa synthese capaz de convencer, demonstra que Kaffa é, sobretudo, a patria primitiva do café, apontada aliás, tambem, pela tradição abyssinica.

Viajantes posteriores, como von Heugrin (1861-62),Gehr, Rohlfs (1868), Ant. Cecchi (1877-81), etc., comprovaram e completaram estas observações. Assim, sabemos hoje que o berço da *Coffea arabica* é extensa parte da Africa intertropical e elevada. Ahi se verificam as condições mesologicas para o seu desenvolvimento, concentradas em grande parte na Abyssinia e principalmente em Kaffa e vizinhanças, dahi provindo o *optimum* de seu crescimento natural.

Esta affirmação cathegorica sobre o berço da *Coffea arabica* mais prudentemente se redigiria talvez: "Tudo nos induz a acreditar que a patria da *coffea* venha a ser"...

Nada mais criterioso, porém do que estas observações de Freire Allemão, referentes aos mais antigos depoimentos europeus modernos, preciosos e extensos, sobre os reinos do Prestes João: os dos portuguezes.

"Na opinião de Loudon, o uso do café, na Ethiopia, sobe a tempos mui remotos; como tambem o indica Raynal.

E', porém, digno de reparo que nem Fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia Oriental,* impressa em 1609; nem o padre Balthazar Telles, que escreveu a historia da Alta Ethiopia, á vista de numerosos documentos, fornecidos, pelos missionarios, que ali estavam, desde 1540, até seu tempo, digam coisa alguma a respeito do café, que todavia era já bebida divulgada em 1655, quando este ultimo compunha a sua obra em Gôa."

"Não repetirei o que se conta do como se descobriram as qualidades e os usos desta semente, porque tudo tem ares de verdadeiro conto arabico.

O que com verdade se sabe é que, em fins do seculo XV, entrou a ser cultivada na Arabia Feliz; que meiado o seculo XVI tanto ali, como no Egypto, e em outros lugares do Oriente, seu uso era commum; e que um seculo mais tarde se fez conhecida na Europa, onde chegava, vindo da Arabia pelo mar Vermelho, até que os Hollandezes lhe deram novo caminho rodeando a Africa."

Reforça Padberg ao illustre botanico brasileiro dando-lhe carradas de razão quando affirma inexplicavel o silencio dos antigos escriptores lusitanos sobre a Abyssinia até o seculo XVIII e na materia de café.

De Freire Allemão ainda:

"Recorri aos escriptos dos portuguezes, que andaram pela India e Ethiopia, taes como: Duarte Barbosa, que, em 1516, tão extensa e miudamente escrevia sobre coisas da India, Africa e Mar Vermelho; o padre Francisco Alvares na viagem ao Prestes João, em 1520; e emfim o capitão João Ribeiro, que militou na India, para onde foi em 1640, e ali se demorou obra de quarenta annos, e parte destes como prisioneiro de guerra em Batavia, na sua *Fatalidade historica da Ilha de Ceilão;* onde, quando elle faz uma como resenha dos principaes generos de commercio de varias nações, se acha o esguinte:

"O Estado do Brasil tem assucar e tabaco; a Arabia incenso myrrha, tamaras e cavallos; a Persia, sedas..." Nem estes, nem outros, que escuso nomear, falam em café, que parece ser-lhes inteiramente desconhecido.

Nas *Decadas,* quer de João de Barros, quer de Diogo do Couto, nenhuma vez se encontra a palavra café, affirma o nosso botanico.

Lembra Padberg, em abono destes conceitos, "que tão pouco o doutissimo ethiopista allemão Ludolf menciona a planta e

a bebida na sua grande *Historia Aethiopica,* datada de 1699". O primeiro que dellas dá noticia vem a ser Poncet no limiar do seculo XVIII. E isto apenas por meio de referencia vaga e incidente.

Bruce, já quasi em fins do mesmo seculo, só pôde falar de outiva, pois não conseguiu avistar o cafeeiro, apesar de attenta observação da natureza abyssinia. Dedicou-lhe um volume especial, sem mencionar a planta mais preciosa do paiz. O berço verdadeiro do café continuou ignoto durante seculos.

"A ponto de se falsificar até o nome da nossa *Coffea* com o epitheto de *arabica."*

Explicando tal singularidade entende Padberg que, *mutatis mutandis,* poder-se-ia applicar ao cafeeiro da Abyssinia o conceito relativo ao propheta que prega na propria terra. Cita as palavras dos viajantes celebres já acima nomeados. No dizer destes itinerantes os christãos abexins por via de regra não usavam o café.

No Choa era até prohibido o plantio da rubiacea. Ali aos cafeeiros selvagens até arrancavam.

Muitos impecilhos estorvavam a exportação do café abexim, as difficuldades da travessia de um paiz acidentadissimo e a hostilidade de populações semi-selvagens da baixada para o Mar Vermelho.

Lefèvre, que esteve no Abyssinia em 1840, 1843 e 1847, por ordem do governo francez, com Quentin Dillon e Petit, e a percorreu muito, notou que no proprio districto de Kaffa estava muito desleixada a cultura do cafeeiro, o que confirmou Harris Roth. Até os dias de hoje continuou esta situação. Chegou a producção em 1911 á cifra insignificante de 200.000 kilos annuaes.

Pensa Porto Alegre, á vista das informações de Lefèvre, e outros viajantes, e da insignificancia da tradição, que quando muito se pode suspeitar "que a verdadeira patria do cafeeiro seja a Alta Abyssinia".

Terminando o seu capitulo refere Padberg outros usos que os abexins dão ao café. Assim lhe mastigam as sementes cruas e assucaradas, fazendo infusões com a polpa da sua casca, beberagem identica ao *Kixr* do Yemen.

E' muito interessante o que o mesmo autor ainda revela de outras iguarias preparadas com o café, na Abyssinia.

"O que, porém, mais se aprecia na patria da nossa planta é o café preparado com manteiga. Já ouvimos de Bruce que o alimento principal das tribus Gallas, em suas longas correrias, feitas com incrivel rapidez, era café torrado e triturado, for-

mando, com manteira, umas bolas como almondegas, do tamanho de bolas de bilhar, dando-lhes uma dellas mais força que toda a outra comida."

Uma "chicara de café preparado com manteiga" foi servida, em 1879, a Antonio Cecchi, no palacio real de Sadjio, ou Saijo, capital do pequeno reino abyssinio de Gomma, entre Kaffa e Limmu (Enaréa), e nosso viajante achou este "café real sobremodo gostoso".

De que maneira os Somalis fazem seu predilecto café de manteiga, refere-nos o francez Révoil, descrevendo seu captiveiro em Geledi: "Todas essas tribus que habitam a patria do cafeeiro... não preparam o café como nós... nem usam a moda dos arabes, o *kixr,* especie de chá da casca ressequida.

Conta-nos, em seguida, como as cerejas, ou drupas carnudas do cofeeiro, depois de mordidas, para deixar entrar melhor a gordura, são deitadas em manteiga ou azeite a ferver, ficando abafadas algum tempo num vaso bem tapado.

Com o azeite assim perfumado untam-se os convivas o nariz, as orelhas e o corpo; derrama-se então sobre os frutos refogados manteiga fresca derretida com mel de abelhas ou, melhor ainda, com caldo de canna de assucar.

Esta iguaria, comida com milho cozido, afigura-se aos Somalis indispensavel e preferivel a tudo."

Livro muito recente, senão recentissimo, interessante, sobremodo curioso, sobre a Abyssinia, vem a ser *El Imperio de los Negros blancos,* da autoria do diplomata hespanhol Alexandre Liano.

Capitulos numerosos nelle ha, sobremodo vivazes, descrevendo costumes com franqueza realmente notavel, senão por vezes excessiva, por descambar para accentuado erotismo.

Sobre o uso do café na Abyssinia, nelle quasi nada ha. Refere-se muito á *tala,* especie de cerveja indigena, ao *raki,* aguardente local, sem nos dizer se o café é mercadoria de primeira necessidade no Imperio dos Negus, embora se refira que no mercado de Addis Abbeba apparece como genero habitual de consumo.

CAPITULO II

A propagação do café pela Arabia. A versão de Galland. Correcções de Sylvestre de Sacy e Ritter. Os primeiros depoimentos sobre a disseminação do café

Para o estudo da disseminação do caféeiro, passado de seu berço abexim á costa fronteira da peninsula arabica, primeiro passo para a sua aliás lenta propagação universal, entende Padberg que não ha o que suppra os ensinamentos do immortal orientalista Sylvestre de Sacy.

Pesquisou este grande espirito, com prodigioso afinco, a bibliographia arabica antiga.

Dos resultados desta busca valeu-se, immenso, o grande geographo Carlos Ritter, em sua monumental monographia *Die geographische Verbreitung des Kaffeebaums* (1847).

"Assombro de erudição e solidez, o estudo mais perfeito que jamais se escreveu sobre este assumpto", no dizer do douto commentador, não foi no emtanto aproveitado pelos monographistas brasileiros do mesmo genero, como Paulo Porto Alegre e Peckolt.

Vejamos porém qual vem a ser esta mais antiga bibliographia do café:

Em principios do seculo XVI, um sábio da Meca, Fakhreddin Abu-Bek, publicou um opusculo intitulado o *Triumpho do café,* seguindo-se-lhe, sobre o mesmo assumpto, um cheik do Egypto: Schehabeddin Ebn-Abd-Algaffar.

Nessa occasião viva contenda agitava os arabes; partidarios havia, fanaticos, da nova bebida e adversarios não menos acirrados.

Compilando estes dois trabalhos, aliás abundantemente citados, e valendo-se de mais documentação, um cheik medinense, Abd-Alkader Ansari Jazarial Hanbali, escreveu uma apologia do café em sete livros intitulados: *"As mais fortes provas em defeza da legitimidade do café".*

Parece haver duas edições deste tratado, uma de 1559 e outra de 1588. Da primeira, encontra-se cópia manuscripta na bibliotheca do Escurial, existindo, da segunda, outra, em Paris.

Foi Antonio Galland, o celebre orientalista, traductor das *Mil e uma noites* (1645-1715) o primeiro que do arabe verteu o manuscripto de Abd-al-Kader, o mais velho dos documentos que ao café se referem com certa extensão. Fel-o em sua *Lettre sur l'origine et le progrès du café,* publicada em Paris e em 1699. Ao seu trabalho rectificaria muito maior autoridade, Sylvestre de Sacy, em sua *Chrestomathie arabe,* annexando-lhe preciosas notas.

Analysando este papel primevo, datado de 1587, e cujo titulo vem a ser *Argumento em favor da legitimidade do uso do café,* observa Galland que Avicenna trata do *bunn,* ou café, como aliás Prospero Alpini, o revelador da beberagem á Italia.

Este Abd-al-Kader (escravo d'Aquelle que é forte; Deus) tinha, no nome extensissimo, diversos qualificativos *Ansari,* o que quer dizer, descendente dos Ansaris, a tribu de Medina que recebeu e protegeu a Mahomet quando o Propheta fugiu de Mecca; *al Jazari,* indicando-lhe a procedencia mesopotamica, e *al Hanbali,* documentando a sua afiliação theologica e juridica á escola dos *Hanbalitas,* oriunda dos ensinamentos do celebre Ahmedibn-Hambal (fallecido em Bagdad, e em 855 de nossa éra).

Julgam os doutos que o livro de Abd-al-Kader baseiou-se num escripto de Shehab-eddin, a que aliás se refere. Até hoje não ha noticia de tal tratado que, por certo, como tantos milhares de outros, perdeu-se na voragem consumidora das obras.

Affirma J. de La Roque que Shehab era um historiador arabe. Pensa-se que o seu trabalho antecedeu, de um seculo, o de Abd-al-Kader.

Quando o precioso codice do poeta ismaelita entrou na Bibliotheca Nacional de Paris deram-lhe, na ficha de catalogação, um titulo em latim, na qual se refere que o autor o escrevera cento e vinte annos após a introducção do café no Yemen, como bebida corrente.

Foi o Snr. de Novistel, embaixador de Luiz XV junto á Sublime Porta, quem trouxe de Constantinopla tal preciosidade, assim como um tratado de outro autor, Bichivili, mais recente do que o de Abd-el-Kader, e referente á historia da propagação do café, no Egypto e na Syria, no Cairo, Damasco, Alepo e Constantinopla.

Sete capitulos comprehende a obra de Abd-al-Kader. No primeiro se analysa o etymo e commenta-se o significado da palavra *Cahouah* (*Kahva*) a natureza e as propriedades da cereja, a enumeração dos lugares onde a bebida foi primeiramente usada e a descripção de suas virtudes.

Os demais capitulos tratam largamente das disputas religiosas de Mecca, em 1511. Insere as respostas ás objecções religiosas adversas ao café e conclue por uma especie de chrestomathia de poesias arabes, compostas durante a controversia de Mecca e devidas aos melhores poetas do tempo.

De uma delas Ukers curiosa transcripção.

"O café! Tu dissipas todas as preoccupações! És o objecto do desejo do estudioso! a bebida dos amigos de Deus. Dás saude aos que anceiam pela sciencia! Preparado da simples casca de uma cereja, tens o perfume do almiscar e a côr da tinta.

O homem intelligente que enche a sua taça de café fumegante, só elle conhece a Verdade.

Assim prive Deus de tal bebida os insensatos que a condenam em sua obstinação incuravel.

E' o café o nosso ouro! Seja onde fôr que o sirvam, quem o toma gozará da companhia do mais nobre e generoso dos homens.

O' bebida! Tão innocente como o leite puro de que apenas differes pelo negrume!"

O depoimento de Schehab-eddin, citado por Abd-al-Kader, consta do seguinte: Pelas vizinhanças de 1500, se introduzira no Yemen nova bebida, o café, a que popularisára um celebre mufti ("jurisconsulto" de Aden, o cheik Djemaleddin abuAbd-allah Mohamed (Bensaid, accrescenta-lhe Ukers), alcunhado Dhabhani, do nome de seu berço no Yemen, a pequena cidade de Dhabhan.

Viajando de Aden para as terras da costa africana fronteira, observou quanto alli era largamente usado o café. Ao voltar para Aden e sentindo declinar a saude, delle fizera uso, como meio therapeutico, com o que se déra admiravelmente, restabelecendo-se.

Verificando mais quanto o café despertava, recommendára-o aos derviches rezadores para as sua praticas nocturnas, e outros exercicios religiosos a serem seguidos com maior attenção e devoção.

E' possivel, ou mesmo provavel, que já antes de Djemaleddin fosse o café conhecido em Aden. Mas que a fama do sábio propagandista, do erudito iman contribuiu muito para que, dahi, lhe proviesse um pretexto para a propagação pelo Yemen.

No manuscripto da Bibliotheca Nacional de Paris lê-se que, dentro em breve, todos quantos trabalhavam á noite faziam largo uso do café, deixando de lado outra bebida o *Khat*

ou *cat*. Destacavam-se entre estes bebedores, sobretudo, os *sufis*, mysticos e ascetas muçulmanos.

Como apostolo da difusão do evangelho caféeiro, diz Ukers, consta que Djemal-eddin contou com um medico de larga reputação, certo Mohammed Alhadrani, filho de Hadramat, no Yemen.

Sabedor das particularidades que relatámos, escreveu certo autor Edn-Abd-Algaffar, a um amigo letrado, da cidade de Zebid, pedindo-lhe o informasse acerca do que conhecia a tal respeito.

Consultara o interpellado a diversos anciãos da cidade, entre os quaes um seu tio, mais que nonagenario. Contára o macrobio que vira, havia muito, em Aden, um fakir preparar café, publicamente, para o illustre mufti Dhabhani.

Commenta Padberg, judiciosamente:

"Perguntar-se á gente mais velha é prova evidente de que, em Zebid, e no Yemen em geral, por aquelle tempo ((cerca de 1500) o café já estava introduzido desde mais de uma geração, fóra da lembrança da maioria. De facto, aquelle nonagenario terá feito a sua observação em bôa idade, provavelmente uns 50 annos antes, isto é, pelos meiados do seculo XV.

Vem confirmado isto pela data da morte de Dhabhani, indicada para 875 da hegira ou 1740|1471 da nossa éra. O manuscripto do Escurial dá até, como data da introducção do café, em Mecca, o anno de 859 da hegira ou 1455 p. C. sendo naturalmente anterior ainda o seu uso no Yemen."

Esta ultima data, entre parantheses, é a que Ukers entendeu adoptar, por anterior ao millesimo attribuido como o da morte de Dhabhani.

Receioso de se adeantar demais aventa Edn-Abd-Algaffar, que talvez haja sido Dhabhani o introductor do café em Aden, segundo quer a crença geral. Não é porém impossivel que a primazia do uso da bebida fosse devida a outrem. Attribuiram-n'a a Dhabhani porque do seu prestigio decorrera a verdadeira divulgação do licor da rubiacea.

Concluiu Abd-Alkader por preciosa affirmativa: introduzira-se o café no Yemen e alli estava em uso, havia mais de cem annos. Isto elle o dizia em 1588 (966 da hegira). E tambem só se referia a esta parte da Arabia.

Não á Abyssinia e outros lugares do Berr-el-Adjan.

A Berr-el-Adjan é que Galland traduziu pavorosamente mal para Persia, perturbando completamente a exegese do caso.

A Galland emendaram formalmente Sacy em 1826, como já dissemos, e Ritter em 1847. Mas uma série de autores, des-

ses que pesquisam *per summa capita*, e satisfazem-se com o *testis unus*, seja qual fôr, veio repetindo o erro até os nossos dias, dando isto ensejo ás mais incongruentes deduções.

Fahkr-eddin aliás mequez, autoriza a versão de que o café feito com a decoção do *bunn* torrado, foi introduzido por Dhabhani, numa occasião em que escasseára o café de Kat ou *cafta*.

E' mais um depoimento a favor da prioridade de Dhabhani e da hypothese de que o café começou a ser bebido na Arabia em fins da primeira metade do seculo XV, indo o grão rubiaceo da Africa para a Peninsula.

Verbera Padberg, e com toda a razão, a leviandade de certos autores, como certo Hess, que fixa um millesimo exacto, o de 1424, para a introducção do café! Hartwich, em sua aliás excellente obra, tambem se deixa levar a affirmação pouco defensavel citando, de segunda mão, uma *Historia da Conquista da Abyssinia*, por autor arabe, certo Faquish.

Refere-se este escriptor a um Ech-Ghadzeli, transportador do café para a Arabia, ao mesmo tempo que o cheik Zarbaya alli importava o Kat, isto é, entre 1430 e 1450.

Entende Padberg que o tal Ech-Ghadzeli é o mesmo Schadheli da lenda de que teremos de falar.

Sacy declara não conseguir compenetrar-se de que o depoimento de Fakhr-eddin seja autonomo ou provenha de Abd-Alkader. Eram ambos, aliás, versadissimos na bibliographia de sua lingua.

De toda a importancia, comtudo, vem a ser o seu reparo categorico, "nenhum dos doutores dos seculos anteriores ao nono da hegira jámais falou em café".

Nem Rasi, nem Avicenna portanto...

Na segunda metade do seculo XV, positivamente, espalhou-se o café pelo Yemen todo, tendo Aden como centro disseminador.

Escrevendo em 1685, affirmava Dufour que, de accordo com depoimentos por elle recebidos, de muitos pontos do Oriente, era, havia dous seculos, corrente o uso do café em todo o Levante. Punha-o em duvida pelo menos quanto ao imperio ottomano.

Para tanto, allegava a falta de qualquer referencia á bebida nas obras de tres autores reputados, que largamente, haviam escripto sobre os costumes dos turcos: Luiz Bassano, em 1545; Antonio Menavin, em 1548, e Francisco Sansovino, em 1553.

Valendo-se de outros informes, diz-nos Porto Alegre:

"Ainda que originario da Arabia Feliz, antes do seculo XVI, o café não era conhecido no Oriente, não obstante já usado muito tempo antes, na Africa e Persia."

Nem o chronista das cruzadas, nem o medico arabe Edn-Beither, que visitou a Syria e o norte da Africa no começo do seculo XIII e escreveu diversos tratados acerca dos alimentos, obras valiosas e, para o seu tempo, muito eruditas, nem tão pouco os navegadores, mercadores e viajantes venezianos e genovezes, que nos seculos XIV e XV percorreram muito o Oriente, nem uns nem outros delle fazem menção.

Os arabes do Yemen, que o trouxeram da Abyssinia, espalharam-lhe o uso entre os musulmanos do Oriente, de onde passou aos europeus.

Torna-se patente, pois, o illogismo geographico de Burlamaqui, querendo que da Abyssinia haja o café passado á Persia, saltando, portanto, por sobre a Arabia, fronteira ao imperio dos Negus.

Foi esta, a seu vêr, a terceira região em que se propagou o café. Veremos, opportunamente, pelos depoimentos dos viajantes quanto entre os persas, e isto em meiados do seculo XVII — era o café ainda pouco espalhado, quando os arabes e os turcos já em larga escala o consumiam.

CAPITULO III

O lendario do Café. Abd-al-kader e Hadji chalfa. Fausto Naironi. Galland. Sylvestre de Sacy

O uso do café e a sua propagação datam, certamente, de tempos immemoriaes. Querer alguem averiguar qual lhes haja sido a éra provavel é pretender resolver insoluvel problema.

Não ha o que documente a descoberta do aproveitamento das virtudes da cafeina existentes nas folhas e nos grãos da *coffea arabica.*

Mas, como a todos os grandes achados succede, veio, logo, a lenda emprestar-lhe o lado imaginoso e poetico.

Não faltou que a phantasia se ligasse ás origens do café. Dahi o nascimento de umas tantas lendas pittorescas tanto mais naturaes quanto surgiram entre o povo das *Mil e uma noites.*

Reclama a gente mafamedica, e com toda a razão, a gloria de haver ensinado os *cães infieis* do Occidente a beber café. Vejamos alguma coisa de seu lendario que se prende a tal pretenção.

Uma de suas tradições attribue ao Cheik Omar, discipulo de outro Cheik, Abúl Hasan Schadheli, o santo patrono e lendario fundador de Moka, a honra da descoberta do alimento de poupança, que é o café. E tal achado lhe occorrera quando exilado, em Ousab, na Arabia Petrea, onde se refugiara devido a uma falta de ordem moral.

Ameaçados de perecer de fome, elle e os companheiros, viram-se forçados a se nutrir de cerejas de rubiaceá, de que havia abundancia em sua vizinhança.

Narra o manuscritpo da Bibliotheca Nacional de Paris: "encontrando fructos de café, á sua disposição, tomaram-n'os ferveram-n'os numa cassarola e beberam-lhe o decocto".

"Tendo ido varios doentes de Moka procurar o medico-sacerdote, em seu retiro de Ousab, elle lhes minitrou a infusão com o que melhoraram muito dos achaques."

Taes maravilhas se divulgaram sobre os effeitos do café que, dentro em breve, voltava Omar em triumpho para Moka

onde o governador construiu um cenobio para elle e os companheiros.

Dá Ukers outra versão de tal lenda:

"Foi o derviche Hadjé Omar expulso de Moka para o deserto, por seus inimigos, que esperavam vê-lo morrer de inanição. E isto sem duvida alguma occorreria se o perseguido não tivesse tido a iniciativa de provar algumas cerejas encontradas sobre um arbusto. Pareceram-lhe comestiveis, embora muito amargas. Assim entendeu melhorar-lhes o gosto, tratando-as.

Como lhe parecessem muito duras tentou amolecê-las por meio da agua. As cerejas continuaram tão duras quanto antes mas o liquido que as banhava ficou pardo e Omar sorveu-o pensando que contivesse alguns dos principios alimenticios das cerejas.

Espantou-se, notando quanto o refrescava, aviventava-lhe a apathia levantando-lhe o animo deprimido.

Mais tarde, ao regressar a Moka, a sua salvação foi tida á conta de milagre. A bebida de que ella proviera cahiu então em alto apreço e Omar foi tido á conta de santo."

Outra versão, muito popular e frequentemente reproduzida, baseia-se, tambem, no manuscripto de Abd-al-Kader.

No anno 656 da hegira, o mollah Schadheli foi em peregrinação a Mecca. Chegando á montanha das Esmeraldas (Ousal) voltou-se para seu discipulo Omar e disse: Morrerei neste logar! Quando minh'alma tiver partido ha de te apparecer uma pessoa velada. Não deixes de executar tudo quanto te mandar!

Tendo fallecido o venerando homem viu Omar, no meio da noite, gigantesco espectro velado de branco.

— Quem és? — indagou.

Descobrindo-se o phantasma reconheceu Omar, surpreso, o proprio Schadheli, mas crescido, em sua estatura, de dez covados.

O mollah cavou o solo e a agua surgiu milagrosamente. Fez o espirito com que Omar enchesse um vaso e por-se a caminho, sem parar, até attingir um ponto em que o liquido cessasse de se agitar.

— E' alli, observou, que um grande destino te espera!

Prosseguiu Omar em sua jornada. Chegando a Moka, no Yemen verificou que a agua estava imovel. Era ali, que devia deter-se. A linda aldeia de Moka achava-se então flagellada pela peste. Começou Omar a interceder pelos doentes e como o santo homem se achava na presença do Propheta muitos foram aquelles a quem suas orações curaram.

Nestes entrementes havendo a epidemia augmentada cahiu

enferma a filha do rei. Levou-a seu pae á casa do derviche que a curou. Como fosse de rara formosura o bom do eremita, depois de a ter restabelecido, experimentou desencaminhá-la.

Não apreciou o Rei, porém, este methodo novo de se fazer pagar. Foi Omar levado para fóra da cidade e exilado na montanha de Ousab, onde tomou uma lapa para morada valendo-se de hervas como unico meio de sustento.

— O' Schadheli, querido mestre! bradou certo dia o desventurado derviche. Se o que me aconteceu em Moka era coisa do Destino valeu a pena dar-me o vaso para me trazeres aqui!

Emittidas estas justas queixas ouviu o exilado, immediatamente, um canto de incomparavel harmonia. E logo depois um passaro de maravilhosa plumagem surgiu para pousar na arvore.

Saltou Omar, rapidamente, em direcção á avezinha mas só viu, nos ramos da arvores, flores e fructos.

Apanhou os pomos achando-os deliciosos. Delles fez larga colheita e voltou á alfurja.

Como se posesse a refogar as hervas habituaes para o triste jantar, veiu-lhe á mente substituir as folhas desta pobre sopa pelos fructos colhidos. Dahi lhe resultou saborosa e perfumada infusão: era o café.

O *Jornal dos Sábios*, publicação italiana de 1760, citado por Édelestan Jardin em seu *Le caféier et le café* conta que dois monges Scialdi e Ayduis foram os primeiros descobridores das virtudes do café e por tal motivo tornaram-se o objecto de especial culto.

Pensa o autor francez que este Scialdi deva ser uma corruptela de Schadheli.

Interessante versão é a que nos dá um autor hespanhol, collaborador da Encyclopedia de Espasa.

Según una leyenda, dos peregrinos, Abuhassan Schazali y Omar, iban juntos á la Mecca, cuando el primeiro dijo de repente á su compañero: "Siento que voy á morir en seguida; júrame obedecer y hacer todo lo que te mande el primer hombre á quien encuentres déspués de mi morte."

Dicho esto expiró. Entonces Omar vió aparecer á un hombre que abrió en el suelo un agujero de donde salió agua, con la cual lavó el cadaver de sucompañero, y lo enterró disponiendose luego á marchar-se; pero Omar le detuvo y con gran admiración suya, reconoció en aquel hombre á su amigo, Abuhassan Schazali que acababa de ser enterrado.

Entonces Abuhassan señaló con la mano una gran bola de madera que se moviá y encargó á Omar que la siguiese en su marcha que se detuviera. Omar corrió tras de la bola hasta Servacum, donde paró. Durante el tiempo que Omar siguió aquella misteriosa esfera tuvo ocasión de curar á varios enfermos y hasta de salvar la vida á una princesa que estaba enferma de gravedad.

La princesa agradecida se enamoró de su salvador, de tal modo, que seguia por todas partes á Omar con gran disgusto de sua padre, el rey, y aun del pueblo.

El monarca para desprenderse del causante de tal desafuero desterró á Omar, en unión de unos malhechores, á una comarca donde debian morir lentamente de hambre; pero los desterrados encontraron un buen alimento en los frutos del árbol del café y aun se les ocurrió preparar con ellos una bebida mediante la cual hasta consiguieron curar leprosos. Quando el rey se enteró de estos hechos maravilhosos concedió nuevamente su favor á Omar, le colmó de honores y le regaló un palacio".

Aproveitamos outra lenda realmente curiosa e divulgadissima, aliás, muito mais do que a primeira. Foi pela primeira vez, ao que parece, referida pelo autor maronita libanez Fausto Naironi, um dos mais velhos escriptores apontados pela bibliographia do café, graças ao seu *De saluberrima potione Cahué, seu Café nuncuputa discursus* (Roma 1671).

Narra este autor que um pastor de cabras percebeu certa vez enorme excitação em seu rebanho notando, ao mesmo tempo, que os animais haviam ingerido abundantes folhas de cafeeiro. Lembrou-se de imita-los e sentiu-se tambem extraordinariamente agitado.

Mais explicitamente conta o pittoresco caso o autor hespanhol a que já nos reportámos, apontando a divergencia das versões christã e muçulmana do caso pittoresco.

"Los primeros tiempos de la historia del café se pierden en misteriosas leyendas.

En un libro sobre el café escrito por Fausto Naironi quien á ultimos del siglo XVII enseñaba caldeo y antiguo asirio en Roma, se encuentra por primeira vez la descripcion de las propiedades del café.

Según él, por el año 1440 un pastor de Etiopia contó a los monjes de um convento próximo al lugar donde apacentaba su rebaño, que, en vez de dormir como de costumbre por la noche, los animales no habían hecho más que saltar de um lado á otro.

Los monjes creyeron que sólo podia explicarse por haber comido el rebaño algunas plantas que produjeran tan singular efecto. Efectivamente pronto comprobaron los monjes que en el punto donde el pastor había apacentado su rebaño existía un gran número de arbustos recien despojados de sus hojas; los monges recogieron alguns frutos de aquella planta, que no eran otra cosa que café, y probaron que efectos producían en ellos mismos, descubriendo que ahuyentaban el sueño.

En vista de esto, parece que, desde entonces, los monjes que habian de pasar la noche en oración combatían el sueño con una bebida preparada hirviendo aquellos fructos con agua. La noticia de esto descubrimiento se fué propagando y llegó á oídos de algunos comerciantes que pensaron luego en sacar partido de tan notable producto.

Esta es la leyenda cristiana; los turcos y los árabes dicen que el descubrimiento del café fué hecho directamente por pastores."

Uma versão franceza do conto de Naironi affirma que o pastor em questão se chamava Kaldi. Seu espanto proviera sobretudo das attitudes excitadissimas do velho e solemne bode, do *"pae de chiqueiro"*, de seu rebanho.

Resolvera pois fazer a experiencia *in anima nobile,* comsigo mesmo. Vivia triste e sentiu-se alegrissimo, o mais feliz pastor da Arabia Feliz.

Quando suas cabras bailavam elle tambem o fazia. Certa vez surprehendeu-o um monge quando executava, com os seus bichos, a tal choréa pastoral. Interpellado, relatou-lhe a maravilhosa descoberta.

Ora, tinha o pobre monge immenso motivo de desgosto em sua vida de austera piedade: a invencibilidade do somno durante os officios nocturnos. Assim era agora o Propheta, em pessoa, quem lhe revelava as virtudes da maravilhosa cereja!

Instincto gastronomico possuia-o o bom do frade. Começou por seccar as cerejas para depois fervê-las. E viu os confrades apreciar immenso a bebida não só porque os incitava a rezar como talvez porque tambem lhes era grata ao paladar.

Relatando este episodio descreveu-o em verso latino o abbé Massieu num poema sobre o café que Thery, reitor da Academia Universitaria do Calvados, verteu para alexandrinos francezes em 1885; reproduzidos por E. Jardin em sua conhecida obra

Les moines tour á tour lorsque tombe le soir
Puisent, rangés en cercle, au large réservoir,
Et l'aurore étonnée, en visitant ces rives,
Ne les surprit jamais dans leurs couches oisives.

Este conto de Naironi terá provavelmente os seus *pendants* na historia do chá, da coca, da kola, etc.

Uma outra lenda é a seguinte: ao proprio Propheta revelou o Archanjo Gabriel o novo licôr negro.

Os partidarios do café para tanto se estribavam no versiculo do Corão pelo qual, segundo pretendem, predisse Mahomet a adopção do decocto pelos seus fieis.

"Dar-lhes-ão a beber um vinho excellente, assignalado". Tal assignalamento é o do almiscar.

Verbera Galland a Fausto Naironi haver admittido as lendas de Omar e do cabreiro abexim.

Pretende-as indignas de credito como factos historicos, embora reconheça que nellas deva haver certos visos de verdade quanto á versão das cabras da Ethiopia e do abbade que ministrava café aos seus monges.

E' bem possivel que de tal cenobio fossem superiores o mufti, Djemaleddin sendo os monges derviches.

Analysando estes dados pensa Jardin que ao simples acaso se deveu a descoberta das propriedades do café, transplantado o cafeeiro do seu solo natal ao Yemen, a Mecca, dahi á Persia e antes levado ao Egypto.

Para os fins do seculo XV (entre 1470 e 1500) attingiu a santa cidade e Medina, sempre levado por derviches e em virtude das mesmas idéias religiosas.

Pelos annos de 1510 chegou ao Cairo, tambem por intermedio dos derviches. Em suas sessões piedosas faziam circular bules com cafés, entre os seus affiliados e o publico.

Deste modo jamais realizaram actos publicos religiosos, nem festival solemne algum, sem tomar café.

E os mequenses tão apaixonados bebedores da nova infusão se tornaram, que em sua cidade surgiram as casa de reunião chamadas *Kavehkanes,* os primeiros cafés que no mundo houve.

Ali se reuniam desoccupados e preguiçosos para, além de tomarem café, jogar xadrez, saber e discutir novidades, ouvir musica, dansar e cantar.

Ora, offendia isto as ideias dos rigidos e solemnes muçulmanos, que dentro em pouco se mostravam summamente escandalizados com taes innovações.

E os habitos de Mecca não tardariam a ser correntes nos cafés de Medina e do Cairo.

Recorrendo a Sylvestre de Sacy, em sua *Chrestomathie arabe,* dá-nos Padberg noticia da bibliographia turca sobre o lendario do café, seus analystas e refutadores.

Hadji Chalfa, o "principe dos escriptores turcos", em sua *Vista do mundo,* encyclopedia geographica, publicada em 1650, affirma que, em 1258, morrendo em Suakim, no littoral nubiano, um cheik por nome Abul Hassan Schadheli encaminhou sobrenaturalmente para Moka seu discipulo o cheik Omar. Este, desterrado pelo rei daquella cidade, para a serra de Ousab, alli vivera a beber a decoção dos frutos do cofeeiro. Tal bebida fôra achada especifica para a debellação da sarna e por isto Omar voltara a Moka, onde propagara o uso do café.

Ritter, porém, desbaratou esta lenda com a simples allegação de que, em 1258, não existia ainda a cidade de Moka.

Outras versões correm rccolhidas por Sylvestre de Sacy. Assim Fakhreddin, aliás natural de Mecca, citado por Abd-al-Kader, escrevia em principios do seculo XVI, a valer-se da tradição oral, que o uso do café, no Yemen, se devera ao cheik Ali-Schadheli-Ebn-Omar, discipulo de Naser-Eddin Ebn Mellak, um dos chefes da ordem dos Schadhelitas.

Affirma Sacy que este Ebn Mellak morreu em 1389, sendo crivel que Schadheli, filho de Omar, houvesse introduzido o café na Arabia Fcliz, na região de Moka, e pelas vizinhanças de 1400, o que já está muito longe do millesimo admittido por Hadji-chalfa.

E aliás, segundo Fakhr-eddin, a beberagem de Schadheli era a infusão das folhas do *Kat* que precedeu ao uso do café sob a fórma do *Kixr*.

Naironi, o libanez, recolhedor da historia das cabras saltantes em 1671, refere-se a Schadheli, primeiro inventor do café, como se houvesse sido, como já lembrámos, o monge christão Sciadli (Schadli).

Cartens Niebuhr, o celebre viajante allemão do Oriente, pae do muito mais famoso Bertholdo Jorge Niebuhr, o irreductivel adversario das lendas que envolvem os primeiros seculos romanos, ouviu em Moka, no anno de 1763, a lenda de Schadheli narrada diversamente.

Cerca de quatro seculos antes daquelle anno, assim, pois, em 1363, estabelecera-se no lugar, onde depois se erigira a cidade de Moka, piedoso ermitão o cheik Schadheli.

Alli, acaso, aportara um navio, vindo das Indias, cujos tripulantes se regalaram com o café do anachoreta. Predisse-

ra este, então, que o commandante da barca se curaria dos achaques costumeiros, se bebesse café. E annunciara que, naquella costa deserta, erguer-se-ia uma cidade muito commerciante para onde affluiriam negociantes da India.

Assim se verificara, ponto por ponto, a prophecia.

Esta mesma tradição recolheu-a o Visconde de Valentia e Conde de Mountnorris, George Annesley (1774-1816), como refere em suas *Voyages and Travels to India and the Red sea*.

Objecta Padberg com exacção:

"Tudo denota que temos aqui um mytho glorificador da importancia desse emporio cafeeiro, que nasceu e morreu com o café, importancia considerada na phantasia popular, muita vez, como dádiva dum heroe bemfeitor local. Haverá algum fraco fundamento historico, em ter sido *Schadheli* um dos primeiros e mais celebres moradores de Moka; mas todo o resto é duvidoso".

CAPITULO IV

Exame da documentação antiga. Depoimentos attribuidos a Rasis e Avicena. Equivocos dissipados pela exegese moderna. Persistencia de erronias

Estudando o caso da ancianidade da propagação do café, á luz das referencias de numerosos autores, de diversas nacionalidades e de varias épocas, revela Padberg o afinco com que examinou a questão.

Alguns autores, como o francez Raynal e o escossez Loudon, affirmaram a immemorialidade do uso do café na Ethiopia.

Mas Raynal, apesar de sua real boa fama, em fins do seculo 18, é tido, desde muito, como engulidor de patranhas. Já ha mais de cem annos de tal o acoimou Saint Hilaire, lembremol-o entre parenthesis.

O que, por exemplo, e aliás a repetir levianamente, sobre S. Paulo e os paulistas escreveu, é um conjuncto de absurdos nascido do descaso com que tratou a consulta ás fontes portuguezas.

Numerosos autores foram induzidos em erro por Galland na sua traducção defeituosa das *Mil e uma noites*, como provou Sylvestre de Sacy.

Houve tambem deploraveis enganos de chronologia por parte de outros autores, alguns delles muito grosseiros até.

Todas as tentativas para se descobrir o uso do café antes do seculo XV, affirma o douto exegeta germanico, totalmente se mallograram.

Durante largo tempo acreditou-se na propriedade de duas allusões ao café. E' a primeira a de Rasis, o grande medico, philosopho e astronomo-astrologo arabe, *Rasis* ou *Rhazés* (850 ?-923 ?), secretario da escola de Galeno que, nascido em Raj, no Irak Arabi, conheceu todo o mundo arabe, inclusive a peninsula iberica. Escreveu a primeira encyclopedia medica e acabou director do grande hospital de Bagdad. Produziu muitos livros de medicina e cirurgia e o seu principal tratado é *Al Hawi*

(o Continente), collectanea relativa á cura das molestias desde Hipocrates e Galeno até o seu tempo.

Teve grande fama européa. Em Veneza, e em 1510, imprimiram o *Ad Almansorem libri decem,* traducção de trabalho seu.

O segundo noticiador do café teria sido o grande commentador de Aristoteles, o precursor de Averroes, e seu êmulo, como um dos padrões maximos da intellectualidade arabe: Avicenna.

Razi fala de uma planta *bunca* e Avicenna em *Buncho.*

Tentou Rauwolf em sua obra, e em 1582, assimilal-as ao *bunn,* o nome arabe da cereja do café. E Alpini, publicando em 1592, o seu *De planti AEgypti liber,* tambem se refere ao texto de Avicenna.

Mas tal identificação foi admittida, com reservas, por seu commentador, Johannes Vesling, allemão westphaliano, seu successor na cathedra de Padua. Em 1638, analysou a obra do illustre predecessor, num livro publicada na famosa cidade universitaria.

Mas já Dufour, em 1685, lembrava: "Velechius dans son traité de *Vena Medinensi* prouve que le *Bunchun* des Arabes n'est point le café. Il fait voir qu'on s'est equivoqué sur ce mot".

Para o provar lembra que o autor arabe Ebnbeitha affirmava ser o *Bunchum* o mesmo *Nas caphtbun* de Dioscorides. Outro autor, Ebn-o-Marusi, faz notar em seu Diccionario que o *bunchum* é uma raiz odorante como positivamente declara. Como poderia, pois, ser o café?

Aliás sustentava Valechius que Prospero Alpini confundira o que Avicenna dissera da *Clans unguentaria,* que os arabes chamavam *ban,* com o *bun.*

Deu-se Dufour ao cuidado de transcrever o trecho de Avicenna. "Que vem a ser o *bunchum?* E' uma coisa trazida do Yemen. Affirma alguns que provem das raizes do *Aniguilea,* quando envelhece e cahe.

O melhor é o citrino, leve e de bom odor; o branco e pesado não é bom.

Sua natureza: No primeiro grau é quente e secco, segundo a opinião de uns; e frio, segundo a de outros.

Suas operações e propriedade Fortifica os membros, limpa a pelle seccando-lhe a humidade, proporciona bom cheiro ao corpo, absorve os maus odores do depilatorio e é bom para o estomago."

Realmente, que ha ahi capaz de autorizar a crer-se que o

grande encyclopedista arabe se referia ao café, a não ser quanto á indicação da procedencia de tal raiz?

Contrariando este modo de ver ainda allega Dufour outro argumento realmente valioso: o facto de Marco Polo, no meio do seculo XII, nada dizer do café nas relações de suas diversas viagens orientaes.

Alguns outros foram induzidos em erro pelas palavras de Rasis como pelas de P. Alpini. Entre elles Biegny, em 1685, e d'Herbelot, em 1697. Convém aliás lembrar que Nicolau de Blegny (1652-1722) passa por ter sido impudente charlatão e contumaz velhaco, semi-plagiario e autor de numerosas compilações insulsas e desvaliosas.

O proprio Padberg refere o quasi plagio do seu *Le bon usage du thé, du caffé et du chocolat* (1687), imitado da obra de Dufour (1671).

Quanto a d'Herbelot o caso é inteiramente diverso.

Este orientalista illustre do seculo XVII, deixou em sua *Bibliothèque Orientale,* obra unica no genero, formidavel repositorio de dados sobre os arabes, persas e turcos.

Ao nosso Theodoro Peckolt, lembra Padberg, induziram em erro estes autores, erro já cabalmente refutado por Hartwich em sua magistral: *Die menschlichen Gennüssmittel.*

Provou este erudito, com o reforço da exegese das descobertas modernas, que tanto Rasis quanto Avicenna se referem á raiz *Buncho.* De todo não póde ella ser identificada com o café.

Falando de Rasis (aliás Ebn-Bakr-Mohammed-Zakariya El Razi, de seu nome todo) pensa Ukers que a sua identificação do *bunchum* com o café é aceitavel, sobretudo á vista do que escreveu Avicenna!

Facile credimus...

E a recordar o que Dufour, a tal respeito observa, accrescenta: "Deve-se aliás lembrar que, em 1693, na edição de seu precioso tratado feito na Haya, inclinou-se Dufour a admittir que se o *bunchum* era a raiz e não a semente do cafeeiro. Em todo o caso reitera-se a convicção de que os arabes, já antes do anno de 800, conheciam o café."

Incidiu o autor americano em sério erro. Esta edição do *Traité du café* é posthuma. O accrescimo deve correr por conta do enxertador de semelhante historia.

Na edição de 1685, a ultima das duas que Dufour deu, nada disto se lê. Pelo contrario:

"A' vista do exposto, parece-me que Avicenna antes se refere a coisa diversa do café. Assim é muito incerta a noção

da antiguidade do conhecimento do café, acaso fundada na opinião deste autor, e muito duvidoso que tal conhecimento seja tão velho quanto de tal querem alguns persuadir-nos."

Reaffirmando a convicção de que Rasis, sem duvida alguma, se referia ao café, com a maior exacção de circumstancias escreve o autor yankee:

"As mais acuradas pesquisas nada nos disseram, até agora, a respeito do conhecimento do café, anterior á época de Rhasis, duzentos annos após Mahomet.

Assim é um pouco mais do que mera especulação ou conjectura, admittir a theoria de que os antigos o conheciam nos tempos biblicos, ou nos dias do Glorificado.

Os conhecimentos que do chá temos, por outro lado, são anteriores á era christã. Sabemos quanto era intensamente cultivado e já objecto de imposto sob a dynastia chineza dos Tang (A. D. 793) e que os mercadores arabes delle tomaram conhecimento no seculo immediato...

Mais arrojados ainda do que o autor do *All about coffee* ha autores modernos que collocam o facto por elle advogado em época anterior ao seculo VI.

A *Encyclopedia Britanica,* em sua edição de 1910, refere que numa inscripção javanesa, do anno de Christo de 856 se lê *Wiji Kawvih* como referencia ao café julgando-se ainda que o *bean-broth* da lista de David Tapper (1667), sobre beberagens japonezas, tambem possa ter sido café.

Seja como fôr estão todos os autores concordes em affirmar que a bebida era corrente entre os ethiopes, desde tempos immemoriaes.

Mas tambem sabemos, e de sobra, quão volumosa é a legião dos que fazem a historia pelo methodo confuso, inclusive a do café. Aliás recorda Ukers em abono de sua imparcialidade que um autor inglez, Edward Forbes Robinson, em sua *The early history of Coffee houses in England* (Londres 1893) pensa ser o *bunchum* coisa muito diversa da infusão do *coffea arabica.*

Apezar da exhaustiva exegese de Sylvestre de Sacy continuaram os repetidores levianos a affirmar que Avicenna conheceu o café.

Bengiazlah foi outro grande medico contemporaneo do grande encyclopedista arabe que tambem falou do café, affirma Galland.

"Assim, observa, podemos ver quanto devemos aos medicos em materia de descoberta do café, do assucar, do chá e do chocolate.

Mas o mais interessante é que um campeão extrenuo do licor oriental. Christovam Campen, chegou a aventar que Hippocrates não só haja conhecido o café como o tenha ministrado a enfermos!

Robinson, sensatamente, expende que o erro dos primeiros medicos arabes foi introduzir o café na materia medica, como poderosa droga, em vez de lhe assignalar o verdadeiro papel de simples bebida refrescante.

Uma tradição persa, a que se refere Olearius, em 1637, recua a introducção do café no Oriente para época anterior ao anno mil.

Affirma o celebre viajante allemão que, para os persas era tido á conta de anaphrodisiaco. Assim um de seus shahs, Anay Mahomed Casnin, anterior a Carnin ou Caswin, sobremodo amanteda infusãoarabica, apenas gerara um filho, aliás bastardo e tambem chamado Mahomed.

O celebre poeta Firdaussi (diz Olearius) ou de seu nome exacto, Firdusi, illudido pelo rei, vingara-se revelando-lhe o segredo confirmado pela rainha mãe.

Analysando este depoimento, expõe Padberg:

"Como Tamerlão, isto é, o grande conquistador mongol Timur-i-leng, subjugasse a Persia em 1388, o facto, se tal foi, devia ser anterior a esta data. Na verdade, os nomes indicados só se pódem referir ao primeiro rei da dynastia dos Ghasnewidas (desde 977),e ao segundo, Mahmud, o Grande, de 998 a 1030, florescendo na sua côrte o celebre poeta Firdassi (Firdaussí).

Ora, sabe-se como a lenda persa exornou esses grandes nomes, de modo que se torna quasi impossivel deslindar a verdade historica. Em todo o caso, o café certamente não influiu então na successão real, mesmo se já tivesse sido conhecido na Persia, o que absolutamente não podia ser".

A referencia á reputação do café como agente anaphrodisiaco, na região iraniana, vemol-a abonada por Burlamaqui e reproduzida, ultimamente, por Hildebrando de Magalhães em sua interessante e valiosa *Historia do Café.*

A tal proposito relata o primeiro destes autores uma historieta que provavelmente recolheu de Dufour e sobre a qual teremos o ensejo de falar larga e opportunamente.

Resumindo o exame da documentação exprime Padberg a convicção de que não ha o minimo papel ou indicio historico digno de credito, revelador do conhecimento do café antes do seculo XVI, inclusive no proprio habitat do cafeeiro.

Se na Abyssinia era a infusão cafeica utilizada seria isto, quando muito, corrente em alguma ou algumas das tribus indigenas dos antigos dominios do Prestes João.

CAPITULO V

Perseguições ao café entre os arabes, egypcios e turcos

Começaram os arabes a tomar o café ethiope, ao que parece. Mas, dentro em pouco, suppriram-se a si mesmos. Cresceu immenso o consummo do fruto da rubiacea e abundaram os bebedores de café, enthusiastas proclamadores da virtude do decocto do *bunn*.

Não tardou que, entre gente tão piedosa e tão fanatica, como os sectarios de Mahomet, começasse a haver grande desapprovação de semelhante moda, interpretada sob o ponto de vista da offensa aos ensinamentos coranicos, dahi, logo surgindo viva opposição a tal pratica.

Quando em Mecca começaram as primeiras hostilidades contra o café, isto em 1511, espalhou-se que a baga vinha do Yemen, segundo fz notar Sylvestre de Sacy.

As primeiras noticias chegadas á Europa, são aliás concordes: todas affirmam que as sementes do cafeeiro procediam da Arabia Feliz.

Dos cafezaes do Yemen deram noticia, em primeira mão, o francez J. de La Roque, em 1715, e depois Cartens Niebuhr (1774) a quem P. Porto Alegre chamou Nieguhr, a menos que não haja sido atraiçoado por um "gato" de imprensa.

Estes cafezaes escoavam as colheitas pelo porto de Moka havia quatrocentos annos, ao tempo de Niebuhr, diz este autor, exagerando tal lapso, notavelmente. Um argumento muito frisante, cita-o Padberg. Moka nem é citada pelos principaes geographos e historiadores, arabes, Abul Feda, morto em 1331, e Ebn Batuta, fallecido em 1377.

João de Barros, em suas *Decadas,* mal a menciona em 1513. Em 1583 era insignificante, dil-o o *Diario* da frota turca.

Do Yemen o uso do café passou á capital religiosa do mundo arabe, a santa cidade de Mecca.

Deletreando o manuscripto do Escurial, encontrou Sylvestre de Sacy a informação de que, já em 1455, era corrente o uso do café na cidade-sanctuario. Fakhr-eddin declara que se espalhara pelo fim do seculo nono da hegira. Este terminou em

1495 e não em 1522 como se poderia suppor, visto como os arabes contam por annos lunares.

Pensa Sacy, sempre apoiado em Ebn-Abd-Algaffar, que, entre 1485 e 1495, teria sido a bebida adoptada em Mecca e logo depois em Medina, ao norte da patria de Mahomet, de onde, como era de esperar, se propagou ao Egytpo, entre 1495 e 1505. O primeiro café do Cairo foi a famosa mesquita escola Al-Azhar.

Commenta Padberg:

"Punha-se o café numa grande vasilha de barro vermelho deante do superior, que o servia, em pequena escudella, aos socios, successivamente, emquanto cantavam o louvor divino. Tambem os leigos e todos os presentes o tomavam, e Algaffar experimentou alli, pessoalmente, durante uma noite velada, a virtude somnifuga do maravilhoso licor. Este naturalmente popularizou-se em todo aquelle bairro, sendo até vendido publicamente, sem que ninguem a isto se oppuzesse."

Mas alarmaram-se alguns dos mais rigidos sectarios do Corão para quem tudo quanto cheirava a vinho era insupportavel.

Immenso desenvolvimento tomára logo em Mecca o uso da infusão, affirma-nos Edn-Abd-Algaffar.

Na atmosphera da sociabilidade dos cafés occorriam debates sobre questões politicas, sociaes e religiosas.

E estas discussões assumiram logo a mania da intolerancia, muito natural entre gente de tão vigorosa fé.

Dois grandes partidos nasceram, o dos defensores e o dos oppositores do café. A lei do Propheta, relativa ao vinho, foi recordada e invocada como devendo ser applicada ao café.

Estava a cidade sujeita, naquelle tempo, ao imperio mameluco bordjita, ou circassiano, do Egypto, que aliás vivia os seus ultimos annos com Kansú, seu penultimo sultão. Em 1517 Selim I acabaria com a independencia da terra dos Pharaós. Mandou o dynasta, como pachá, para a Mecca, um emir por nome Khairbeg Mimar ou Kair-Bey como escrevem algum autores.

Passava por grande disciplinador mas máo phychologo, como fanatico que era e ignorante dos habitos daquelles a quem viera reger.

Não podia deixar de errar portanto. Certo dia em que sahira da mesquita encontrou um grupo de rezadores que pretendiam passar a noite a orar, bebendo café. Pensou que iam tomar vinho e espantou-se ao saber que se tratava do novo licor, espalhado recentemente pela cidade.

Aberto inquerito capacitou-se de que a ingestão do café

creava uma toxicomania perigosa. Assim resolveu combatê-la violentamente. Para isto começou por mandar expulsar das mesquitas os bebedores da infusão.

Assanhavam-nos dois irmãos persas, alcunhados "os dois doutores", e o seu secretario, Schemseddin, poz-se a mover tremenda perseguição aos tomadores de café.

Sob o pretexto de que surprehendera um conciliabulo nocturno no qual diversos individuos faziam circular uma taça "com uma especie de vinho", convocou Khair-bey a 20 de junho de 1511, uma reunião dos juizes e alcaides de Mecca além dos cadis e os mais sabios cheiks da cidade, juristas, medicos, sacerdotes e outras personalidades eminentes.

Exhibiu-lhes um recipiente contendo café, a proferir tremenda objurgatoria contra a bebida nefanda. E pediu a opinião dos illustres conselheiros.

Relatou-lhes o que vira e o que temia. Estava disposto a cortar o escandalo pela raiz. O principal argumento contra os tomadores de café era que "em suas reuniões, homens e mulheres se reuniam tocando violas e tambores e outros instrumentos musicaes. Jogavam xadrez, *mankale,* e outros jogos, a dinheiro, praticando actos contra a sagrada lei do Propheta.

Terminando o aranzel exclamou, no dizer de Sylvestre de Sacy em sua *Chrestomathie Arabe*: "Assim permitta Deus presservar se a nossa Lei de qualquer corrupção até o dia em que teremos de apparecer em Sua presença!"

E solicitou o voto dos membros da nobre junta. Conheciam estes, de sobra, o genio do emir. Eram sabidos moradores do Oriente.

Primus in orbem... diz-nos Petronio no famoso texto que tão fundo conhecimento revela da alma humana.

Assim, naquelle concião de bebedores, já inveterados, de café, ninguem tugiu nem mugiu, em defesa do seu querido licor negro, a não ser o cheik Nur-eddin, filho de Naser, prestigioso mufti, professor e pregador.

Pois bem, foi insultado, vilipendiado pelos pares tratado de infiel ignorante, scelerado Quantos *tu quoque!* teria podido dizer o bom mufti assim injuriado?

A historia o inscreve hoje no martyriologio symbolico do café, dando-lhe a primazia do sacrificio, aliás incruento.

Quando muito concordaram os juristas na necessidade de se dar novo regulamento aos cafés publicos. Quanto ao uso da bebida opinaram que se tornava necessario examinar se realmente era o café prejudicial ao corpo e ao espirito. Se não o

fosse não deveria a autoridade mandar fechar as casas em que se vendia o genero.

E lembraram quanto, acima de tudo, convinha igualmente ouvir os medicos sobre este assumpto.

Os taes persas os "dois doutores", os irmãos Hakinani, que aliás passavam pelos melhores physicos de Mecca, foram convidados a depôr. Já um delles escrevera um livro contra o café! Eram portanto suspeitos seus depoimentos. Influenciado pelas conveniencias da profissão deblaterou um delles como se temesse que a nova bebida causasse grave damnos á pratica da medicina.

O irmão corroborou-lhe as palavras. Declarou á nobre assembléia dos eminentes ouvintes que a seu ver a planta *bunn*, da qual se fazia o café, era "fria e secca" e portanto insalubre.

Quando outro medico presente ao comicio, recordou que Bengiazlah, o velho e prestigioso contemporaneo de Avicenna, ensinára ser o café quente e secco, os dois irmãos declararam que este autor, ao emittir tal opinião, tinha em mente outra planta do mesmo nome.

E aliás tal parecer não era infallivel, nem vinha ao caso.

Sim, porque se o café dispunha os homens á pratica de actos defesos pela religião, o argumento essencial aos olhos dos mussulmanos era que elle devia ser proscripto como illegal.

Viram-se pois os amigos do café confundidos e intimidados. Apenas como vimos, falou em sua defesa o mufti.

Os demais, dominados pela presença do cheik ou o zelo mal entendido, affirmaram que a infusão lhes tornava a mente nebulosa. Houve um dos conselheiros — homem de convicções e independencia! — que chegou ao extremo de affirmar que o café o inebriava como vinho, o que, apesar de tudo, provocou hilaridade, tão torpe bajulação representavam taes palavras.

Arguiram-lhe que estava a confessar grave peccado. Então bebera vinho, o que a lei do Propheta prohibia? A não ser assim como podia sustentar a comparação?

Pois bem, affirmou que infelizmente se embebedara com vinho, muito embora se condemnasse, possivelmente, á applicação de uma sova de pau.

Assim triumphou o governador, e o café foi, por decreto, solemnemente prohibido. Lavrou-se acta da reunião, enviada, por mensageiro especial, ao sultão egypcio.

No mesmo momento promulgava-se um edito, prohibindo a venda do grão, quer em publico, quer particularmente.

Agindo com maior violencia, Khairbey, em pessoa, pôz-

se a percorrer a cidade, mandando destruir quanta casca e grão de café encontrou.

Os meirinhos entravam pelos cafés e mercearias a fechar-lhes as portas, intimando-lhes os donos a não vender mais café. E, ao mesmo tempo, exigiam a queima, logo e logo, de todo o stock do grão.

Foram os bebedores contumazes arrastados pelas ruas como objectos de publica execração.

Veio a resistencia a tão absurdo decreto, subtil, persistente, tenaz. Allegavam os defensores do café que com elles estava o mufti, o unico da assembléia, dispondo de autoridade para a interpretação da lei.

Pegou Kair Bey um contraventor em flagrante e disposto a severo exemplo mandou castigal-o duramente. Depois de provavel surra, fel-o montar num asno e passear pelas ruas principaes da cidade para terrivel escarmento dos povos.

Não desappareceu, de todo, o uso do decocto, tomado agora muito em segredo. Ao mesmo tempo, despachou-se ao sultão, no Cairo, a longa relação official, assignada pelos membros daquelle conciliabulo condemnatorio.

Acompanhava-o uma consulta deste theor: "Que pensaes duma bebida, chamada *qahwa,* cujo uso, em Mecca e outros logares, espalhou-se a tal ponto que é até tomada em logares sagrados?".

Daquelle aranzel interessam-nos as expressões assignaladoras da novidade da beberagem, recorda Padberg. Informou-se o sultão qual seria a bebida. Disseram-lhe que uma teriaga cujo uso começára havia pouco. Chamava-se *qahwa* e era a decocção das cascas de certa baga, por nome *bunn,* importada do Yemen.

Pouco devia durar porém o triumpho do governador caffeiphobo.

Inspirado por antecipação talleyrandiana, respondeu o sultão Kansú muito pouco ao sabor do feroz Khair-Bey: Nada de zelo excessivo!

Não só desapprovou o acto de seu delegado, como lhe ordenou revogasse o edicto. E ainda, por mal de peccados, o reprehendeu severamente!

Pois então! atrevera-se a proscrever aquillo que se approvava no Cairo, na côrte de seu Soberano? onde viviam autoridades medicas de peso, incomparavelmente superiores ás da longinqua provincia? ulemas que jámais haviam encontrado coisa alguma do Korão condemnatoria do café?

Invocando, a seu modo, e dando-lhe interpretação muçul-

mana, ao famoso brocardo do *abusus non tollit usus,* escrevia: o Sultão, ao já bem sovado governador, que até das melhores coisas o abuso é reprovavel.

Quem o fizesse com a agua sagrada de Zamzam (a fonte revelada a Agar e a Ismael pelo anjo, quando a concubina de Abrahão deixára a casa deste) com isto viria a padecer. Quem de tal duvidava?

Apenas consentiria o soberano, e por muito favor, que se não bebesse café publicamente.

Imagine-se a figura de Kair-Bey ao ler semelhante e virulenta reprimenda! Certo é que se apressou em cumprir as ordens do monarcha.

Teve de retirar o edicto e limitou-se a policiar os cafés publicos.

Foi o seu destino tragico, para gaudio dos amantes do café e os apreciadores dos desfechos sinistros.

Accusado de concussão, pereceu algum tempo mais tarde, em tormentos, e seu irmão suicidou-se para evitar morte peior.

Aos dous medicos persas tambem coube triste fim. Chegára afinal o *cras tibi* dos caffeiphilos.

Cahindo em completo descredito, na cidade onde outróra haviam gozado de tamanho prestigio, resolveram mudar-se para o Cairo. Mas era má a época. Pouco depois de esmagar os mamelucos e matar o seu ultimo soldão Tuman, e seus principaes vassalos, conquistava Selim I o Egypto, já se havendo assenhoreado da Syria. Commeteram os dois irmãos a imprudencia de, certo dia, vociferarem contra o padishá. Assim foram executados, sabe Deus de que modo! perdendo, provavelmente a vida no meio das delicias do empalamento.

Vae coffeae inimicis!

Pretende Ed. Jardin que estes dois personagens se chamavam Nureddin Cazeroni e Aladdin Ali, notemol-o de passagem.

Em 1512, chegou a desforra dos amantes do café. Kotlubay, o novo emir, successor de Khair-Bey, não só se mostrou fanatico da *qahwa* como até suspendeu o intrigante escrivão Schems-eddin e o deportou para o Egypto, onde aliás não chegou, morrendo durante a travessia.

Incorporaram-se as regiões egypcias e arabicas ao Imperio Ottomano que, dentro em breve, attingiria o apogeu, sob o reinado do magnifico Solimão, filho de Selim. Teve esta cir-

cumstancia grande effeito para os fins de se propagar o uso do café.

Como veremos, brevemente, o espirito reaccionario cafeiphobico de Khair-Bey formara alguns sequazes. Não houve comtudo opposição ao café, em Mecca, até 1524, data em que, allegando a occurrencia de desordens nas casas onde era tomado, mandou o cadi da cidade fechal-as embora não de outra fórma perseguisse o commercio do genero.

Seu successor permittiu, em 1526, porém, a reabertura dos cafés.

Analysando estes factos, allega Ukers, em sua extremada cafeiphilia:

"Um dos factos mais interessantes da historia do café é que, seja onde fôr, haja sido usado, provocou revoluções.

Tem sido a bebida mais radical do Universo, no sentido de que sua funcção foi sempre fazer os povos pensar. E quando um Povo começa a pensar torna-se perigoso aos tyrannos e aos inimigos da liberdade da acção e do pensamento."

"Ás vezes, conclue o autor americano, auto-intoxica-se um povo com as ideias novas, confundindo liberdade e licença, torna-se allucinado e deixa compenetrar-se das ideias de perseguição e muito mesquinha intolerancia."

Profunda novidade! profunda philosophia! digna de certo conselheiro...

Para a victoria definitiva do café contribuiu o exemplo de muitos dos mais illustres arabes do seculo XVI, inclusive o proprio Abd-al-Kader. Cita Sacy, entre elles, o sabio doutor e escriptor Kotb-eddin, fellecido em 1585 e fanatico tomador de café.

Os poetas tambem contribuiram para tal victoria, publicando arroubados louvores á infusão negra, conforme os excerptos que Abd-al-Kader divulgou:

Ás grandes peregrinações de Mecca, caberia importantissimo papel para a disseminação do café, já na cidade santa tanto se consumia o *qahwa.* Ritter, mal informado por Berggren, deu curso á versão de que os peregrinos traziam de Mecca galhos de café, occorrendo ahi engano de sua parte, annota Padberg.

Não havia cafézaes em torno da cidade de Kaaba, cujos arredores são quasi deserticos, não permittindo os seus areaes a cultura da arvore do *bunn*. Tratava-se certamente de grãos de café crystallisados como fez vêr Calligaris.

O aproveitamento dos productos da rubiacea na Arabia, pensa Padberg, sempre documentado pela grande autoridade de

S. de Sacy, começou pelo uso do *bunn;* a ingestão dos grãos assucarados.

Fez-se depois o *Kixr,* especie de chá da casca torrada.

Explica Sacy: "E' bom observar que se fazia uso do *bunn* como de uma iguaria, antes de se ter a idéia de fazer delle uma decocção. Nosso autor (Abd-al-Kader) diz, em outro logar, falando da falsa relação que acompanhara a consulta de Khair-Bey: O *bunn* se via em Mecca muitos annos antes de se conhecer alli o café; pois os abyssinios faziam desse *bunn* uso habitual em seu paiz e se serviam delle á sobremesa, como duma iguaria, sem fazer delle café. Lançavam-se suas cascas no lixo, em Mecca, antes que o café fosse conhecido e é isto sabido por todo o mundo."

Vesling, o annotador de Prospero Alpini, depunha, nas vizinhanças de 1630, que no Egypto se ingeriam as sementes como iguaria, fazendo-se uso da infusão das cascas como bebida.

Não ha duvida alguma, affirma ainda S. de Sacy, que o café se preparava, naquelles tempos longinquos, com as cascas do *bunn.* Já aliás passado o anno de 1550, escrevia Abd-al-Kader taxativamente (cf. Padberg):

"O que se chama *qahwa,* é o que se faz com a casca do *bunn,* ou com a casca junto com o grão e tostada... A maneira de fazer o café consiste em metter em agua ou a casca só, ou a casca com o*bunn,* tostada e reduzida a pó, e em fazer a mistura, até que a agua se tenha carregado dos principios desse vegetal. Empregando-se só a casca, o café chama-se *kixeriyya;* fazendo-se uso do grão com a casca, chama-se *buniyya.*"

O café, como nós hoje o ingerimos, o *bunnyya,* parece ter sido desconhecido de Abd-al-Kader, que cita as palavras de um poeta arabe, seu contemporaneo: "Preparado com a simples casca duma baga tem o perfume do almiscar e a côr da tinta."

Cada vez mais sabor encontraram os arabes na ingestão do café. Relata, Burlamarqui: "Alguns viajantes affirmam que os arabes nunca bebem esse licor delicioso sem desejarem que Gemabddin tenha tido o Paraiso em recompensa do presente que lhes fez."

CAPITULO VI

Exclusividade da lavoura cafeeira pelos arabes no seculo XVII. A crença na esterilização das sementes do cafeeiro

Durante muito tempo foi a Arabia a unica região praticamente productora do café.

Assim affirmava Dufour em 1685. E, da peninsula ismaelita, a Arabia Feliz, de cujos vastos campos, para o lado do Sul, provinha a rubiacea.

Concentrava-se a producção em Moka e Luhaya, e outros portos do Mar Vermelho. Dalli seguia, em pequenos barcos costeiros, para Geddu ou Zieden, na Arabia Petrea, em terras do sherifado de Mecca. Dalli partia para Suez, de onde as cafilas transportavam o genero ao Cairo.

De vinte e cinco mil fardos constava o volume de tal transporte, fardos de 300 libras (cerca de 140 kilos).

Dez mil outros fardos se encaminhavam com a caravana que voltava com os *Peregrinos do Propheta* por terra, e mais cinco mil tomavam o rumo de Damasco e Aleppo.

E ainda havia o que era levado para Mecca, á grande feira annual do Bairam a paschoa muçulmana.

Exportava a Arabia, pois, pelo menos, cerca de 5.508.000 kilos, o que seria mais de 90 mil de nossas saccas actuaes, commercio para a época já avultado.

Uma tradição corrente, espalhadissima outróra, e, em geral, aceita, refere que a propagação do café arabico se fez lentamente, porque os arabes, querendo guardar o monopolio do fructo da rubiacea, tomaram a precaução de ferver as sementes que vendiam aos exportadores. Foi J. de La Roque quem talvez mais haja contribuido para a sua divulgação, com o seu relato de viagem. (1715).

Tal crença, já Dufour a consigna, porém, antes de La Roque.

Examina os pró e contra da questão.

"Se fosse verdade, segundo uns, que os arabes faziam ferver o café ou o passavam por um fôrno, antes de deixar a Arabia, poucos grãos conservariam a casca, que é tão tenue e

se reduziria a pó. Ora, isto não acontecia com o que se recebia em França. Além disto, o fogo lhe daria um gosto de queimado, que jámais se lhe notou".

Explicando o caso, allegavam outros que o café já constituia genero de tal importancia que se se acclimasse noutro logar, além da Arabia, a curiosidade, a necessidade, o interesse já o teriam transplantado, se as suas qualidades germinativas não houvessem sido extinctas.

Piedosamente, observa o nosso autor:

"Esta gente não reflete sobre os decretos da Providencia, que deu a cada paiz a faculdade de produzir certas coisas que outros não podem dar. Assim, toda a industria, todos os esforços do Homem se quebram contra tal disposição do Altissimo.

"Dava-se com o café, que só vivia no territorio pequeno do Yemen, o mesmo que com a gomma thurica, cujo *habitat* era a costa do Sinai.

"Ninguem se surprehenda de tal, pois aquelles que foram a estes paizes affirmam ser assim: o que cresce num logar não nasce noutro, por vezes contiguo."

Tal se observava no Egypto, por exemplo, com a cannafistula. Em Damieta prosperava admiravelmente e em Roseta, a uma distancia de um dia de viagem, mal vicejava, por mais que se esmerassem os agricultores sem cultival-a.

E assim, com estes sábios exemplos e argumentos, fazia o nosso Dufour calar aos increus.

Admitte Ukers a possibilidade desta manobra preventiva.

Mas não era possivel reprimir o surto do commercio de tão precioso genero. Assim se conta que, já em 1600, um tal Baba Budan, peregrino, voltando de Mecca, conseguiu formar pequeno talhão de cafeeiros, em Chickmaglur, nas montanhas do Mysore, onde, alguns annos mais tarde, um chronista hindú achou descendentes destas plantas, crescendo á sombra das arvores seculares da jungle.

Parece que a maior parte do cafesal de Kurg e Mysore provém da importação de Baba Budan.

Só de 1840 em diante, porém, é que os inglezes começaram a cultivar o café na India.

Ainda no decorrer do seculo XVIII conservou a lavoura arabica notavel proeminencia.

Escrevendo, em fins desta centuria, e a resumir os dados mais completos existentes em seu tempo, dizia o abbade Raynal, que a Arabia produzia myrrha, incenso, oleos, balsamo e alguns aromatas, exportação pobre, portanto.

"O café é que alli operou grande revolução". Procede originariamente da alta Ethiopia, onde é conhecido desde data immemorial e ainda que cultivado com exito (1792).

O Sr. Lagrenée de Mezières, um dos agentes mais esclarecidos que a França jámais teve nas Indias, empregou tal fructo e delle fez uso frequente. Achava-o muito mais volumoso, um pouco mais comprido, menos verde e quasi tão perfumado quanto o que se começou a colher na Arabia, em fins do seculo XV.

Refere Raynal a historia de Chadely, "o primeiro que fez uso do café para não ter somno durante as praticas devocionarias".

Conta tambem que as casas do café tinham a principio pessima reputação, como theatro das mais sordidas orgias, e narra ainda, muito por alto comtudo, o caso da perseguição por el'as soffrida.

Falando do commercio na peninsula, escreve o autor francez:

"A arvore que produz o café, cresce no territorio de Betelfagui, cidade do Yemen, situada a dez leguas do Mar Vermelho, num areial arido. Ahi o cultivam numa faixa de cincoenta leguas de comprido por quinze ou vinte de largo. Seu fructo não tem o mesmo gráo de perfeição em todos os pontos. O que cresce nos lugares altos, em Ouden especialmente, é menor, mais verde, mais pesado e geralmente preferido.

Contam-se, na Arabia, doze milhões de habitantes que do café fazem suas delicias. O prazer de o tomar é realmente reservado aos ricos. O povo fica reduzido á casca e á pellicula desta fava preciosa.

Estes residuos constituem bebida bastante clara, que tem o gosto do café, mas sem o seu amargor e força. Encontra-se este genero por preços minimos, em Betelfalgui, seu emporio. Ahi tambem se compra todo o café a sahir do paiz por terra. O resto é levado a Moka, distante trinta e cinco leguas, onde, nos portos mais proximos de Lohia ou de Hodeida, são transportados para Gedda, em pequenas embarcações. Os Egypcios lá o vão buscar, e os outros povos, no primeiro destes lugares.

A exportação do café póde ser de doze a treze milhões.

Os Europeus compram milhão e meio; os Persas, tres milhões e meio; a frota de Suez seis milhões e meio, o Indostão, as Maldivas, e as colonias Arabes da costa d'Africa, cincoenta milhões; as caravanas terrestres, um milhão.

Como os cafés levados pelas caravanas e pelos Europeus são os mais escolhidos, custam dezeseis a dezesete *sols*, por li-

bra. Os Persas, que se contentam com cafés inferiores, só pagam de doze a treze *sols* por libra. Fica para os Egypcios em quinze ou dezeseis, porque as cargas são compostas, parte de bom e parte de máu café. Reduzindo o café a quatorze *sols* por libra, que é o preço medio, sua exportação annual deve fazer entrar na Arabia de oito a nove milhões de libras. Este dinheiro não lhe fica, põe-n'a em condições de pagar o que os mercados estrangeiros largam, de suas producções, nos portos de Gedda e de Moka."

CAPITULO VII

Propagação do café pelo Egypto, Syria e Turquia. Opposição encontrada

Rapida e triumphante carreira realizou o café na terra dos Pharaós, mau grado alguns incidentes nascidos da intolerancia de seus adversarios.

Um medico do Cairo, em 1523, propunha aos collegas o seguinte e interessante questionario:

"Qual a sua opinião sobre o licor chamado café, que se bebe em rodas? Acha que pertence ao numero daquelles dos quaes podemos fazer uso franco, embora provoque perturbações e não pequenas, actuando sobre o cerebro e sendo muito pernicioso á saude?

Deve ser permittido ou prohibido?"

No fim da consulta emittia o tal esculapio o proprio conceito de que o café era illegal (sic!).

Diz Ukers que a classe a que pertencia o inimigo do café recebeu-lhe a consulta com antipathia, entendendo que responder a ella favoravelmente seria depreciar a valia da materia medica, accrescida agora de precioso elemento novo. Morreu ao nascedouro o esforço do nosso homem.

Se entre os medicos assim gorou a tentativa, tal não se deu entre os pregadores. Viam estes, com os peiores olhos, a attração que os cafés exerciam sobre as multidões. Muito mais que os templos e isto lhes era intoleravel.

Afinal, em 1534, deu-se a explosão. Um ulema qualquer, depois de excitar, com o seu berreiro de energumeno, os fanaticos imbecis que o ouviam, sahiu á rua á sua frente e invadiu o primeiro café da vizinhança. Diz Padberg que o facto se deu em 1533 e que se tratava do sábio cheik, o mais reputado pregador de seu tempo. Respondia ao nome kilometrico de Shehab-eddin-saubats-Edn-Abd-Alhakk.

A turba destes intolerantes não se limitou a depredar terrivelmente o estabelecimento, cujo mobiliario e apparelhamento ficaram reduzidos a estilhas. Ainda espancou os pacificos bebedores que lá estavam.

Causou immensa sensação o facto; dividiu-se a cidade em dois grupos, o dos que sustentavam ser o café contrario á lei mafamedica e os que denegavam tal opinião.

Inventou o fanatismo nova serie de patranhas contra o uso do café. Assim, espalhou que no dia da Ressurreição os bebedores do *qahwa* appareceriam com as vestes mais negras do que o fundo das cafeteiras.

Surgiu, porém, um *modus vivendi* para o caso.

A' tempestade acalmou a prudencia do cadi do Egypto, o cheik Mohamed Hanefi Ebn Elias, que chamou a conselho a classe medica e os mais judiciosos cidadãos do Cairo, de quem recebeu pareceres os mais favoraveis ao café, sobretudo dos medicos. Lembravam estes que, já de muito, haviam os seus collegas opinado em favor do decocto.

"Querendo comtudo adquirir convicção mais cabal, escreve Padberg, mandou preparar café em sua casa e o fez tomar a muitos em sua presença, passando em seguida a maior parte desse dia a conversar com elles, para se certificar do estado em que se achavam. Mas não lhes notou alteração alguma, nem nada de indecoroso ou condemnavel. Era mais que tempo de rebatar o zelo furibundo dos carolas e as asneiras dos predicantes ignaros.

Em 1539 occorreram, durante o ramadhan, novas scenas de violencia contra os bebedores de café. Foram dentre elles numerosos presos e até surrados.

Houve, em 1542, dizem outros que em 1544, no Imperio Ottomano, pequena duvida por causa de um firman baixado por Solimão o Magnifico, prohibindo expressamente o uso do café. Mas como ninguem o tomasse a sério, sabendo-se que o Commendador dos Crentes fôra suggestionado, e dera, de afogadilho, tal decisão logo depois passou ella a letra morta.

Tão inveterado, aliás, o uso da infusão arabica que continuou clandestino, a principio, para depois se praticar ás escancaras.

Obtemperara o padischá ao pedido de uma odalisca assaz leviana em seus caprichos.

Propagou-se rapida e triumphantemente o uso do café pela Syria. Tem-se noticia de sua entrada em Damasco pelas vizinhanças de 1530 e em Alepo pelas de 1532.

Não encontrou opposição alguma. Varios cafés de Damasco tornaram-se notados com as casas das *Rosas* e da *Porta da Salvação.*

Continuava pois a bebida arabica em franca popularidade e alargamento de consumo pelo Oriente a que ia avassalando.

Ainda do esculo XVI data a grande propagação da bebida no vasto imperio dos padichás.

Hadji Chalfa, citado por S. de Sacy marca o anno de 1555 como o de sua entrada na Grecia.

Affirma Rauwolf que de Alepo partiu o café, victoriosamente, para a capital turca. Nesta cidade syria já era em 1513 mais que vulgar.

Da data da sua apparição na Mesopotamia não se tem noticia exacta, nem tão pouco na Africa Septentrional, nos antigos Estados Barbarescos.

Com as caravanas o café atravessou o Sahara e o Atlas. E galgou o Sudão, transpondo o Niger e o Senegal.

Por toda a parte onde impera o Islão o seu uso tornou-se generalizadissimo. Multiplicam-se a tal proposito as citações dos geographos e viajantes. Vesling, pelos annos de 1630 affirmou haver no Cairo uns mil botequins, cifra que Hartwich elevou a dois ou tres mil, baseado em traducção falsa de um texto latino.

Observa Padberg, com toda a razão, que como o Cairo devia, quando muito, ter então uns cem mil habitantes, até a cifra de mil parece exagerada.

Em meiados do seculo XVII affirma Hadji-Chalfa (o *Kyatib-Tchelebi* dos turcos, o principal dos escriptores, de quem tanto se valeu Sylvestre de Sacy) a exportação do café da Arabia regulava por oitenta mil fardos de tres quintaes, o que representa cerca de dez milhões de kilogrammas ou sejam cento e sessenta mil de nossas saccas actuaes, avultada cifra, se attendermos a que tudo se destinava ao mundo musulmano e ao facto de que a população desse imperio era muito menor do que hoje.

Nota Padberg quanto, porém, custou ao café, feito como hoje é, universalmente, para impôr-se.

Basta dizer que, ainda em 1558, Abd-Alkader ignorava a infusão proveniente das sementes torradas que os arabes já preparavam.

"Os arabes usavam, então, principalmente, a casca, ou para fazerem o seu café, de *kixr*, ou junta com os grãos, para seu café *bunn*. Este, porém, começou a se preparar *exclusivamente* das sementes, a principio talvez só por falta de cascas. Estava descoberto assim o café legitimo, e foi sem duvida ainda no seculo XVI que se fez este progresso."

Refere Prospero Alpini, em 1591, baseando-se em suas observações do Egypto, de 1580 a 1583, que o *"chaova* costuma ser preparado pelos egypcios de dois modos: uns fazem o de-

cocto das tunicas ou folliculos, outros da substancia das sementes; dizem que aquelle é mais efficaz do que este".

Como para comprovar isto, ajunta que o ultimo, isto é, o nosso café é "proximo, no gosto, do decoto de chicoria"; o que certamente não abona muito a nossa dilecta bebida, apesar de ficar mais tarde, talvez desde 1700, a chicoria o principal succedaneo do café, na Europa, talvez em consequencia dessa phrase de *Alpini*".

Descreve em seguida aquelle celebre autor o modo de preparar as duas especies de café: para 20 libras de agua (cerca de 6,5 litros, sendo 1 libra quasi 1|3 kg.), toma-se das sementes despolpadas 1,1|2 lb. (1|2 kg.) mas dos "folliculos" das sementes só 1|2 libra ou, segundo outros, 3|4 lb. (logo, uns 165 ou 250 gs.); tanto as sementes como as casca torram-se pouco ("parum", não demais!) e, miudamente quebradas, fazem-se ferver, até "meia consumpção", na agua. postas nella de infusão, por alguns, já durante o dia.

Coado, guarda-se o decocto em vasos de barro, completamente tapados; torna-se sobremodo quente e ainda effervescente, muitas vezes durante o dia e principalmente de manhã em jejum, a pequenos goles, na medida dum "cyatho" (45 cm. 3, como nossa chicarazinha) e mais, com grande proveito, para o estomago.

Um café bem forte, de certo, aquelle em que um kilo de gãos dá só para 13 litros, entrando numa cafeteira dum litro umas 75 grammas!

Mas o que mais admira, é que o mesmo, ou até um maior effeito era obtido pela casca, na metade ou só num terço daquelle peso! Esse "kixr" é realmente digno de consideração".

Causa-nos especie porém o baixo valor da libra attribuida por Padberg. A portugueza era equivalente a quasi meio kilogramma (459 grs.).

Já em 1630, porém, Vesling, o annotador de Alpini, mostrava haver no Egypto preferencia pelo café feito não da casca mas do grão torrado parcialmente e pisado em almofariz de marmore com pilão de madeira.

Tratando do "Kixr" ou café de casca, que nos interessa aliás muito mediocremente, pois a elle o Brasil é inteiramente extranho, lembra Padberg que Hadji-Chalfa affirma a existencia da praxe de se seccarem as cascas do café no Yemen como se fossem passas para depois servirem ao decocto.

Abd-Alkader é taxativo: preparava-se o "Kixr" com as cascas torradas. O café, visto por L. Raulwolf em Alepo, deve ter sido um mixto de grãos e cascas.

Pietro delle Valle, em 1615, abona a existencia do café de grão, muito forte e com a borra em suspensão.

Hadji Chalfa affirmava, em 1650, que da Arabia só se exportavam os grãos, e nunca as cascas.

Mas Wurffbain distinguia, em 1642, as duas exportações para as Indias, a das favas e a das cascas.

Mais tarde é rara qualquer menção extra-arabica, ao "Kixr". Pouca casca se importou para a Europa, vinha secca e pulverisada e servia para se fazer a infusão chamada *café à la sultane* ou *café de Saka* "fleurs de café".

Os yemenses, até hoje, preferem o "Kixr" ao nosso café, attestam-no muitos testemunhos como os de La Grélaudière, em 1712, divulgado por de La Roque. Niebuhr e seu companheiro, o sueco Forskal, em 1763, do inglez Cruttenden em 1736, Berggren em 1884, que achou o "Kixr" muito espalhado pelo Egypto, etc. Autoridade de muito maior renome é a de Paulo Emilio Botta que, começando por se dedicar á botanica, acabou entregue á archeologia, onde angariou real e merecida celebridade, sobretudo depois de realizar as excavações celebres de Khorsabad (nas ruinas de Ninive).

Diz Botta que no Yemen se affirmava ser o "Kixr" igual, em aroma e poder excitante, ao nosso café. Este passava por acalorante e excitante demais, refere, Gruttenberg.

A casca se vendia mais caro do que o grão, muito mais mesmo, duas ou tres vezes.

Explicando o facto de não haver exportação da passa do café, dizia Ritter em 1847, que o "Kixr" só é saboroso quando preparado com cascas frescas.

Isto já aliás o affirmara d'Herbelot em 1697.

Pensa Padberg que talvez ainda se aclime algum dia o "Kixr" no Brasil, onde a casca do café "se perde quasi inutilmente"

Esquece-se o douto autor quanto é ella utilisada como adubo não precioso, mas preciosissimo dos cafesaes.

Tratando do modo de se usar o café no Oriente, encerra o mesmo autor as suas observações por estes informes curiosos.

"Resta dizer pouco sobre o modo de usar o café commum de grãos no Oriente. Já Vesling diz, segundo observações feitas no Egypto por cerca de 1630:

"Nem faltam os que com assucar suavizem a amargura da bebida".

Mas nunca se generalizou tal uso no Oriente, muito menos a mistura com leite.

Os beduinos do Sinai tomaram a famosa Lady Esther

Stanhope quasi por louca, quando ajuntou assucar ao café. Os beduinos, como os arabes em geral, conservaram o antigo modo, simples, de preparar sua bebida predilecta de todos os dias; levam quasi sempre comsigo os utensilios indispensaveis: pequena cafeteira e algumas chicaras, uma chapa redonda de metal para torrar os grãos, sendo a ração necessaria triturada entre duas pedras, immediatamente antes de fazer o café. Tomamno muito forte e quente, mas sem outros ingredientes.

Só os turcos, principalmente em Constantinopla, cercaram o uso do café dum luxo refinado, servindo-o em "fingians" de prata e reforçando-o ás vezes com essencias, cravo da India, anis ou cardamomo.

"Não ficou isso sem alguma influencia sobre a Europa, sendo dos turcos que o café passou para o Occidente".

Após a conquista do Egypto levou Selim I o café para Constantinopla, lembremô-lo. Suppõe-se que o primeiro café haja entrado na antiga Bysancia pelas vizinhanças de 1517. Mas não se conhecem referencias explicitas anteriores aos meiados do seculo XVI, como o demonstram os textos do historiador turco Pichevili, em quem se abeberou Galland, aliás tambem documentado pela memoria acompanhadora do texto das viagens de Jean de La Roque: *Mémoires concernant l'arbre et le fruit du café dressé sur les observations de ceux qui ont fait le dernier voyage de l'Arabie heureuse."*

Chama Padberg, e com toda a propriedade, a attenção dos seus leitores para um facto valioso. Entre 1546 e 1549 visitou o Oriente o famoso Pierre Belon, patriarcha da ornithologia moderna (1517-1594).

Percorreu a Grecia, Greta, o Dodecanesio, a Thracia, a Macedonia, o Egypto, a Palestina e a Syria.

Tão pouco viajavam os francezes ainda, então, que a sua grande viagem de 1546-1549 assumiu ares de verdadeira jornada circumnavegatoria universal. Ronsard a seu proposito delirava:

Combien Belon...
Doit avoir en France aujourd'hui
D'honneur, de faveur et de gloire!
Qui a vu ce grand Univers
Et de longueur et de travers
Et la gent blanche et la gent noire.

Voltando do Oriente com abundantissimo material para as suas *Historie naturelle des estranges poissons marins* e *Histoire*

de la nature des oyseaux, avec leurs descriptions et naifs pourtraicts retirez du naturel, tambem muito se occupou Belon com a descripção dos usos e costumes dos povos visitados.

Nas suas *Observations de plusieurs singularitez* (Paris, 1554) menciona, com a maior minucia, os diversos inebriantes usados pelos turcos, até os grãos da arruda *h'armala,* a seu ver o famoso nepenthes homerico. Nada, no emtanto, fala do café, como bem observa Ritter.

Entre 26 de novembro de 1554 e 15 de novembro de 1555, anno 962 da hegira, deve ter sido aberto o primeiro café publico de Constantinopla, fundado por dois syrios, Schems de Damasco e Heken, de Alepo. Ricamente montados situavam-se no bairro de Takhtacalah, estes estabelecimentos luuxuosos, magnificos para o tempo, onde os frequentadores se installavam em sofás ou sobre commodos coxins.

O preço de entrada era apenas o valor de uma tigelada de café. Enorme o triumpho de taes casas que se multiplicaram, notavelmente, entre as classes alta e baixa da capital muçulmana.

No Serralho não tardaria em penetrar o gosto pelo café e viu-se a instituição de empregados cujas funcções se resumiam em preparar a bebida para o Commendador dos Crnetes e suas innumeras esposas: os chamados *Kahvedjibachi.*

Crearam os cafés de Constantinopla (*Kahvech-Kanes*) enorme fama em todo o Oriente. Havia entre os principaes verdadeira competição luxuosa.

Ricamente atapetados e providos do mobiliario ainda offereciam aos frequentadores diversões variadas.

Chamavam-lhes academias da sabedoria. E a elles concorria a rapaziada concuurrente aos cargos da judicatura, os cadis das provincias, professores, empregados publicos, pachás, grandes commerciantes da terra e mercadores estrangeiros, viajantes de todas as partes do Ocidente e do Oriente, etc.

Immensa a concurrencia dos freguezes. Dentro em breve multiplicavam-se os estabelecimentos congeneres a ponto de attrahirem mais povo do que as proprias mesquitas.

Eram os centros da mais activa conversa e até lhes chamavam escolas de sábios. Com isto se irritavam muito os intolerantes e fanaticos. Varios sabios ulemas ou doutores da lei, pelos annos de 1570, esbravejaram contra o café, apoiados na autoridade do grão mufti.

Com enorme berreiro, clamavam estes energumenos: mais peccava quem ia a um café do que a uma taverna. Renovaram-

se os mesmos argumentos sandeus do Egypto. Allegava-se que o Propheta prohibira a ingestão de carvão! Mas o sultão Selim II (1566-1754), aliás justamente alcunhado o *Ebrio,* (Mest) não deu força a estes exaggeros. Seu filho Amurat III, contentou-se em prohibir o consumo do café em publico.

Prosseguiu intensa a grita nos templos porém. O Propheta não conhecera o café e seus fieis não podiam deixar de imital-o! urravam os fanaticos. Procedia o café do carvão e o Alcorão declarava o carvão insalubre!

Decidiu o mufti a favor dos energumenos e assim prohibiu a ingestão da bebida arabica.

Mas a desobediencia lavrou secretamente, e cada vez mais intensa. E, quando, em 1580, Amurat III, influenciando pelos sacerdotes, lançou um edito collocando o café na categoria dos vinhos, a opinião publica recebeu tal rescripto com positivo scepticismo e maior desobediencia.

Os funccionarios tornaram-se tolerantes, tolerantissimos, para com os contraventores. Viveram os cafés, discretamente, atraz de portas cerradas, sob os olhos benevolos da policia. E nas mercearias vendeu-se o genero no fundo das lojas.

Começaram as controversias theologicas. Ao tal mufti intolerante succedeu outro, benevolo, ou antes, intelligente. Decidiu-se que o café não procedia exactamente do carvão, como se dissera. E assim, não podia ser prohibido pela lei da Mafoma.

"Depois de revogada, emfim, aquella sentença *carbonaria* por outro mufti mais esclarecido, observa Padberg, redobrou o uso e pullularam de novo os cafés. Estes, para obter licença, deviam então pagar ao grão-vizir um imposto diario, de um a dois sequins os ducados (uns 2 a 4 dollars), vendendo-se a chicara por um *asper,* isto é, só poucos réis. Mesmo assim prosperaram os cafés".

Houve verdadeiro açodamento no consumo do café por parte de juristas, predicantes e até devotos.

E como se estivesse na terra classica do *backchich,* diz Ukers, maliciosamente, tornou-se de praxe, entre os donos de café, cotizarem-se para offerecer a cada novo grão-vizir que se empossava, um bom presente, a titulo de *don de joyeux avènement*.

Assim ninguem se lembrou de os atormentar até á éra critica de Amurat IV.

Ha, na Bibliotheca Nacional de Paris, um manuscripto arabe da autoria de Bichivili, onde occorre curiosa pintura do ambiente de um café de Constantinopla no seculo XVI.

"Na casa dos grandes fidalgos e homens importantes, ha

creados que só cuidam do café e o seu chefe, e fiscalizador, occupa um quarto perto do saguão onde as visitas são recebidas.

Os turcos chamam a este mordomo *Kaweghi,* o que significa fiscal ou creado do café.

"Em muitos harens ha destes famulos, cada qual tendo sob as ordens quarenta e até cincoenta *baltagis*. Depois de haverem servido em taes cafés, podem contar com bom emprego ou a doação de um pedaço de terra.

Nas casas de gente altamente collocada vivem pagens chamados *Itchoglans,* que recebem o café das mãos dos serventes e o offerecem ás visitas, com surprehendente agilidade e destreza, logo que o dono da casa lhes faz certo signal, que constitue toda a linguagem entre elles usada.

Servem ao café em salvas sem pés, feitas commumente de madeira pintada e envernizada, e ás vezes, de prata.

Tem capacidade para 15 a 20 chicaras de porcellana. Ha tambem quem possua metade de apparelho de prata, conforme as posses. A chicara póde ser facilmente mantida pelo pollegar, da parte de baixo applicando-se-lhe dois dedos ao bordo superior.

Em principios do seculo XVII, começaram os turcos a inebriar-se com os vapores do tabaco. E este se fumava sobretudo nos cafés. Dentro em breve, se espalharia pelo Occidente o proverbio "fumar como turco". Amurat IV, cruel entre tantos padichás crueis, mandou fechar os cafés e enforcar quem estivesse sorvendo o fumo da herva de Nicot.

Em annos do terceiro quartel do seculo occorreram as operações do longo assedio de Candia, porfiadamente disputada aos venezianos pelos turcos, e afinal conquistada em 1669, pelas armas ottomanas, mau grado os soccorros da França, os sete mil homens que Luiz XIV enviára de soccorro, sob as ordens do seu primo-irmão bastardo, o duque de Beaufort, celebre pela bravura e a estupidez.

Curioso incidente se deu então. Era grão-vizir de Mahomet IV, o famoso Achmet Koproli, para quem constituia ponto de honra nacional ottomano a tomada da ilha hellenica. Furioso com a opposição que lhe moviam os que achavam interminavel aquella campanha sangrenta e notando que tal opposição partia, sobretudo, dos cafés de Constantinopla, chegou Koproli, affirma Hartwich, não só a mandar fechar sob as mais severas penas, taes estabelecimentos, como a fazer surrar os contraventores. E depois, na reincidencia, a encerrar estes consumidores renitentes do café, em saccos de couro, para serem afogados no Bosphoro!

"Seus argumentos, escreve Ukers, eram muito os mesmos de que se valeria Carlos II da Inglaterra, cem annos mais tarde, a saber: taes casas não passavam de verdadeiros antros e viveiros de sedição."

Houve ahi, certamente, um lapso de memoria do erudito autor do *All about coffee*, que o levou a sério attentado chronologico, aliás inspirado possivelmente por Hartwich.

Foi Koproli contemporaneo de Carlos II! E o monarcha inglez presenciou todo o cerco de Candia, terminado a 6 de setembro de 1669, após sangrentissima campanha, pela capitulação dos venezianos, visto como viveu de 1630 a 1685.

Não era Koproli, porém, nenhum vacillante, como o segundo Stuart, e sim um tyranno de grandes gestos.

Mais uma série de victimas a serem inscriptas no martyrologio do café! Em todo o caso, se assim pereceram estes pertinazes bebedores da nossa infusão, tiveram honras imperiaes, pois geralmente se sabe, que este processo dos saccos de couro, era o da praxe da eliminação das concubinas de um sultão quando fallecia e o da extincção de sua prole tambem!

O mais interessante é que, ao passo que ordenava o fechamento dos cafés, permittia o terrivel ministro o funccionamento das tabernas!

Commenta Ukers: "E' que o grão-vizir tinha o vinho como capaz de produzir estimulos mentaes menos violentos do que os do café! E a tal proposito, cita as palavras de Virey: "o café era bebida por demais intellectual para convir á administração feroz e sem criterio dos pachás".

Coisa incrivel a resistencia opposta pela população de Constantinopla ao brutal edicto! Fechados os cafés, appareceram os mercadores ambulantes da bebida nos mercados, procurando dissimular o seu commercio, de todos os modos, apesar do terror que inspirava a ferocidade das penas promettidas pelo grão-vizir.

Afinal, convenceu-se Koproli de que os cafés não eram aquelles "antros e viveiros de sedição" que proclamava, e assim permittiu a sua reabertura.

Tambem passados alguns annos tomariam os amigos do café a sua desforra dos sustos e temores, vendo o truculento grão-vizir apeiado do poder e — não só! — levado ao supplicio, pela ira de seu amo e senhor, furioso com a derrota dos exercitos ottomanos, impotentes assediadores de Vianna e desbaratados pelo heroico João Sobieski.

Bem vingados se achavam da contenção imposta.

Procura Padberg enconrar a fonte onde Hartwich foi co-

lher informes para esta historia. Mas não conseguiu resultado pratico.

Aliás, nota com toda a razão, o formidavel anachronismo deste autor, attribuindo ao anno de 1524 a ameaça da execução em massa dos cafeiphilos turcos pelo filho celebre do *Richelieu ottomano,* que só nasceu em 1626! Tambem depois de tão feroz prescripção, jámais se constatou, em terra ottomana, nova perseguição aos bebedores de café.

Escrevia Dufour em 1685, ao falar do papel da bebida arabica nos costumes turcos:

"O café não é apenas de presença obrigatoria á mesa do pobre, figura tambem em todas as cerimonias dos grandes, que estariam falhas se dellas se achasse ausente.

Os mais altos dignitarios da Sublime Porta, são obrigados, tanto quanto os menores burguezes, a offerecel-o, indispensalvemente, a quantos vão vel-os.

Se não o fizerem violarão o que o consenso publico tem de mais assentado e a cortezia de mais elevado. O proprio grão-vizir jámais concede audiencia a um embaixador sem que nella figure o café, acompanhando sempre os sorvetes e os perfumes, que, a não serem offerecidos, de algum modo demonstrariam desapreço pelo visitante.

E' exacto que ha occasiões em que os perfumes não apparecem, a saber, quando das audiencias durante o Ramadan, a quaresma dos Turcos.

Tão rigidos observantes são dos mandamentos de sua Religião, que lhes parece quebrarem o jejum aspirar a fumaça dos perfumes por esse tempo penitencial.

E' este escrupulo que os leva a se absterem do café, embora o proporcionem aos outros.

Em summa, a offerta do café constitue, no Oriente, uma das honras principaes com que os turcos se obsequiam quando se visitam.

E por este motivo, ajuntam aos outros epithetos que lhe attribuem o de honroso".

Interessante é um apanhado do papel do café no lar turco, em fins do seculo XVII e proveniente de um depoimento sueco: a *Relação de uma viagem a Constantinopla, pelo embaixador do poderoso principe Carlos Gustavo, Rei dos Suecos, Godos e Vandalos, ao Commendador dos Crentes Solimão III.*

Era este delegado regio Nicolau Rolamb, barão de Bystad, Senhor de Lanna, Broo, Biorkwiik, Beatlund, e d'aultres lieulx como se dizia em francez antigo, senador, conselheiro e presidente da Suprema Côrte de Justiça do reino escandinavo.

Descrevendo o que viu do Imperio ottomano, chegou-lhe a vez de tratar do café, o que fez ao se occupar do ministro hollandez Varner.

Depois de dizer que este representante das Provincias Unidas era individuo sobremaneira versado em linguas orientaes, accusa-o de mau diplomata. Dava muito mais para professor do que para a carreira. Vivia occupado com estudos linguisticos e a exegese dos livros sacros judaicos. Para isto realizava conferencias diarias e continuas com rabbinos.

E mais, pensava em outros assumptos extranhos às suas obrigações. Dahi lhe viera a ideia de escrever e publicar um livro sobre o café e seu uso.

Pouco devia ser o licor oriental conhecido entre os escandinavos, pois a não ser isto, não teria o Barão de Bystad traçado as linhas que aqui vão, explicando aos compatriotas o que vinha a ser o licor oriental, a que tambem apreciava o collega neerlandez.

"E' o café uma especie de ervilha que cresce no Egypto (sic). Os turcos moemno, fervem-no nagua e tomam-no, por prazer, em vez da aguardente, chuchurriando-o, quasi a ferver certos como estão de que resolve constipações catharraes e impedem o ataque dos vapores do estomago ao cerebro.

Beber café e fumar tabaco (que embora prohibido sob pena de morte, é mais consumido em Constantinopla do que em qualquer outro lugar do mundo, tanto pelos homens como pelas mulheres, embora ás escondidas), constitue quasi que o unico passatempo dos Turcos.

E é a unica coisa que offerecem uns aos outros. Por este motivo todas as pessoas de distincção têm em casa um quarto especialmente construido para tal fim, onde continuamente permanece um vaso com café sempre a ferver".

Aliás queixou-se acremente o Barão de Bystad da falta de cordialidade e attenções do tal *mynheer* Varner.

Nunca procurou ou antes sempre o evitou "talvez por antipathia aos suecos ou para ser agradavel á França e ao Imperador da Allemanha".

Em fins do seculo XVII estava no Oriente, tão espalhado o uso do café que, no dizer de Galland, em Constantinopla, não existia casa rica, ou pobre, fosse ella de turco, negro, judeu ou armenio onde, pelo menos, não o tomassem duas vezes por dia, sendo que frequentes eram aquelles que muito mais vezes o bebiam.

Tornou-se habito universal offerecer-se café a todas as visitas, sendo consideravel descortezia a recusa da bebida.

Vinte chicaras por dia e por pessoa era boa media. Commentava Galland: gasta-se em Constantinopla com café como em Paris com vinho. Viam-se mendigos implorando esmola para tomarem café, como na Europa occidental se fazia em relação ao licor que letifica, quando bom, o coração dos homens, ou com a cerveja. Exactamente como agora occorre em nossas cidades quando os pedintes allegam não ter um nickel para tomar um café. Nessa época o facto de se descuidar ou recusar um dos conjuges de offerecer café era motivo para divorcio, entre os Turcos.

Os homens, ao contrahirem o matrimonio, juravam nunca deixar faltar café ás esposas.

Affirma-o Fulbert de Monteith que, maliciosamente, comenta: é isto talvez mais prudente do que jurar fidelidade conjugal.

Ha escriptores como vimos que, para a Persia, reivindicam a gloria de haver descoberto e propagado o café. Herbert alli o encontrou em 1626 e Olearius em 1637. Affirma este que o seu uso no paiz dos Shahs já então era de uso antigo.

Entende Ukers que nada justifica tal pretenção. Pode-se comtudo affirmar que tanto no Iran como na Abyssinia, a bebida era conhecida desde tempos immemoriaes, these sobremodo discutivel quanto á primeira parte, como vimos.

Assim tambem, em data longinqua os cafés se tornavam vulgares nas principaes cidades do paiz dos Shahs.

Não parece que hajam algum dia merecido as honras da perseguição politica, como entre os turcos succedeu. Conta-se a tal proposito curiosa historieta.

Tendo uma das mulheres mais prestigiosas do Shah Abbas sabido que no principal café de Ispahan os frequentadores se occupavam de politica, mandou que um mollah alli fosse, diariamente, para discorrer sobre assumptos de direito, historia e poesia.

Houve-se o tal ecclesiatico e explicador da lei mahometana com o maior tacto: Tornou-se muito estimado dos auditorios, evitando, com rara habilidade, as controversias politicas e os commentarios sobre as questões de estado.

Com o seu exemplo obteve resultados esplendidos para a obra da serenidade dos ambientes agitados dos cafés da capital persa.

Olearius, de quem já falámos, relata as grande diversões occurentes em taes estabelecimentos.

A elles concorriam poetas e historiadores que occupavam cathedras de onde discursavam, contavam anecdotas satyricas

"sempre movimentando uma bengalinha e a fazer as gatimonias dos palhaços prestidigitadores da Inglaterra".

Nas solemnidades da Côrte tinham lugar conspicuo, no sequito dos shahs, os Kahvedjiibachi, servidores de café, ou mais ao pé da letra, "derramadores de café".

Karstens Niebuhr, o celebre viajante hannoveriano (1733-1815), pae do illustre Niebuhr, publicando, em 1774, a sua *Descripção da Arabia,* relata o que viu dos antigos cafés da Arabia, Syria e Egypto.

Eram vastos salões de chão esteirado e á noite illuminado por uma multidão de lampadas.

Nelles se realizavam exercicios de eloquencia profana, sendo o unico local onde taes coisas podiam occorrer.

Liam-se trechos anthologicos, como por exemplo, a narrativa das façanhas de Rustan Sal, heroe persa. Havia quem aspirasse ás glorias da imaginação e assim compunha contos e fabulas.

Taes plumitivos, emquanto recitavam, moviam-se de um lado para outro, assumindo attitudes oratorias e arengando sobre assumptos por elles escolhidos.

Num café de Damasco estava certo orador contractado para, em determinada hora, contar historias. Em outras casas mostrava-se mais dependente do gosto dos ouvintes. Ao concluir a sua fala, versando topicos literarios ou novellas ociosas e descosidas, dirigia-se ao auditorio solicitando uma esportula.

Em Alepo, vivia certo individuo de mentalidade acima da media, pessoa distincta que se instruira pelo simples gosto de estudar. Andava perambulando pelos cafés da cidade, pronunciando arengas moraes".

Em muitos cafés havia musica, cantores e bailarinos. E nelles se relatavam os prodigios das *Mil e uma noites*.

Nos paizes do Oriente, conta-nos Ukers, era costume offerecer-se uma "caneca de mau café", a saber, café com veneno, como convite ao suicidio a funccionarios ou outras pessoas indesejaveis aos Governos.

Falando da entrada do café na Grecia, diz Paulo Porto Alegre que a bebida turca, sò conhecida por uma tradição obscura, começou em meiados do seculo XVII a ser ingerida aqui e ali pelos povos da Europa Occidental. Em 1669 principiou o seu uso em Athenas, e a darmos credito ao trecho seguinte, não parecia que elle fosse ainda muito apreciado alli nessa epoca:

""Serviram-nos, conta um viajante, que nesses tempos

percorreu a Grecia, uma bebida que foi ha pouco tempo importada de Constantinopla, e que é preparada de agua fervente com uma farinha torrada de um fructo chamado *boune;* é uma tintura negra, e que me desagradou bastante".

CAPITULO VIII

As primeiras referencias ao café na Europa. Rauwolf. Prospero Alpini. Wesling. Della Valle. Primeiros depoimentos italianos

Faz Ukers notar que das tres grande bebidas da temperança, chá, café e chocolate, foi a ultima a primeira a introduzir-se na Europa, para onde a trouxeram os hespanhoes, já em 1528, como fructo da conquista mexicana, por Fernão Cortez.

Só em 1610, é que o chá appareceu na Europa, importado pelos hollandezes. E os mercadores venezianos, ahi pelos annos de 1615, introduziram o café na Italia.

Parece, até agora, fóra de duvida que o mais antigo revelador do café á Europa veiu a ser Leonardo Rauwolf (fallecido em 1596).

Sahindo de Augsburgo, sua terra, a 18 de maio de 1573, e de Marselha em setembro seguinte, achava-se Rauwolf em Alepo, em novembro do mesmo anno. Regressou á cidade natal a 12 de fevereiro de 1576.

Até agora, não se descobriu depoimento europeu mais antigo do que o do celebrado botanico e medico germanico, physico-mór da cidade de Augsburgo, que, de accordo com os gostos do tempo, traduziu a expressão germanica de seu nome para o pseudonymo de *Dasylicus.*

Ao café menciona como *chaube,* no Capitulo VII do relato de suas viagens. Trasladou Ukers para as suas paginas o texto publicado em Frankfort, e Lauingen, em 1592 e 1593.

Traduziu-o Padberg parcialmente, deixando de lado as primeiras linhas, que são as seguintes: "Se tendes em mente comer alguma coisa e tomar licores, para isto ha commumente uma tasca aberta pelas vizinhanças, onde vos sentaes no chão ou sobre tapetes, e vos pondes a beber."

Segue o trecho traduzido pelo erudito autor do *Ensaio critico historico sobre o café.*

"Entre outras coisas, têm os syrios ((em Halepo) uma bebida boa, tida em grande conta e chamada *Chaube;* é quasi tão

preta como tinta e mui util em molestias, especialmente nas do estomago.

Costumam bebel-a de manhã cedo, tambem em logares publicos, deante de todo o mundo, sem pejo algum, tomam-na em tigelinhas fundas de barro e porcellana, tão quente quanto possam aguental-a levando-a a miudo á bocca, bebendo porém golezinhos pequenos e fazendo logo circular na roda em que estão sentados. Para esta bebida, junto com a agua, empregam fructos, chamados *Bunnu* pelos habitantes, tendo exteriormente, em tamanho e côr, a apparencia de "bagos de louro", envoltos eu duas pelliculas delgadas, e sendo trazidos, segundo suas noticias antigas, da *India*.

Como esses fructos são pequenos em si mesmos, tendo interiormente dois grãos amarellentos encerrados separadamente, em duas casinhas, sendo tambem de todo semelhantes, no effeito, nome e aspecto, ao *Buncho Avicennae* e *Baunca Rhasis ad Almans,* considero-os como tal, até receber dos sábios um aviso melhor.

Essa bebida é muito commum entre elles, achando-se por isso, em um ou outro ponto do bazar, não poucos que a offerecem, como tambem mercieiros que vendem os fructos".

Assiste a Padberg razão quando explica que a palavra India aqui significa, por extensão, o Oriente.

O segundo revelador do café á Europa foi Prospero Alpini, celebrado cathedratico universitario, desses a cuja autoridade se prende a celebre interpellação do *Dicant paduani*...

Tanto em sua *De medicina AEgyptiorum* de 1591, como na *De plantis AEgypti* (1592), publicados em Veneza, menciona o café.

Ukers reproduz o trecho do segundo tratado, e deixa de lado o do primeiro, que Padberg declara muito mais importante.

"De medic. Aeg. lib. IV, cap. I: "E' tambem entre os egypcios dum uso frequentissimo aquella semente, chamada por elles *bon,* da qual preparam aquelle decocto, de que falaremos mais tarde. A essa bebida dão-se todos, não menos que os nossos em publicas tabernas ao vinho. E della, mui quente, costumam beber largamente, cada dia muitas vezes durante o dia, mas principalmente de manhã, de estomago em jejum... As mulheres fazem della uso frequentissimo... bebem muito desse decocto bem quente, sorvendo cada vez um bocado; pois assim é o uso de todos, de o engulir aos poucos."

Ibidem, cap. III: "De uso frequentissimo é alli um decocto chamado *chaova,* que costumam preparar de certas semen-

tes negras, semelhantes a favas. De dois modos costuma ser preparado por elles; pois uns fazem o decocto das tunicas dos folliculos, outros da substancia das sementes mencionadas, sendo aquelle, ao que dizem, mais efficaz do que este.

A esta semente dão o nome de *bon*, e a arvore que a produz, vi-a em certo jardim dum bey turco, tranferida da Arabia e assemelhando-se mais ao evonymo (arbusto da Europa)... O decocto dessas sementes é proximo, no gosto, do decocto de chicoria, a qual, porém remove mais poderosamente as obstrucções.

Depois de dar as receitas, para fazer de taes grãos o *kixr*, conclue o autor: "Como em nossos botequins ou tabernas, vê-se muita gente embriagar-se de vinho, assim elles se deleitam com o decocto de *Chaova*, abandonando-se ao seu uso."

Johannes Wesling, latinisado para Veslingius, botanico e viajante allemão (1598-1649), publicador da obra de Alpini e seu commentador, escrevia, em 1638:

"Não é só no Egypto que ha muita procura do café, como em quasi todas as outras provincias do Imperio Turco. Assim começa elle a ficar caro até mesmo no Oriente, e raro entre europeus, que desta arte se vêm privados de tão saudavel licor".

Os venezianos tiveram conhecimentos ulterior do café em 1585, quando Gianfrancesco Morosini, magistrado do bairro veneziano de Constantinopla, relatou ao seu Senado que os Turcos "bebem uma agua preta, tão quente quanto possivel, com a infusão de uma fava chamada *cavee*, que passa por possuir a virtude de estimular a virilidade", idéia inteiramente opposta á que corria entre os persas, segundo a versão, mais tarde, espalhada na Europa, por Olearius.

Transcreve Ukers a opinião de um Dr. A. Couguet, emittida em revista italiana, cujo nome não menciona. Segundo elle, a primeira chicara de café bebida na Europa, foi em Veneza, lá pelos fins do seculo XVI.

Assim tambem julga que os primeiros grãos de café foram importados por Mocengio (?) alcunhado o *pevere* (o pimenta) porque realizara immensa fortuna negociando em especiarias e outras drogas do Levante.

Este Mocengio, de nome arrevezado e tão pouco italiano, sobretudo tão pouco veneziano, deve provir de um *gato* de imprensa por Mocenigo, nome glorioso da familia que á Republica Serenissima deu varios doges, nada menos de sete, dos quaes alguns notabilissimos.

Deste João Francisco Morosini não falam as grandes encyclopedias ao biographar os membros da progenie illustre de

que o membro mais celebre é o *Peloponesiaco*. Poderia ser o autor desta novidade. André, o historiador (1558-1618), a quem se deve a *Historia veneta ab anno* 1521 *ad annum* 1615.

De Constantinopla escrevia Pietro Della Valle, em 1615, a seu amigo Mario Schipano, em Veneza.

"Usam os turcos de uma bebida preta que, para o verão, é muito refrescante, ao passo que no inverno aquece o corpo, sem se alterar e sem mudar a sua substancia.

Elles a engolem quente, tal qual vem do fogo, e bebem-na aos longos tragos, não só á hora do jantar, mas como uma especie de guloseimá, chuchurreada vagarosamente, emquanto entretêm amigavel conversa.

Não ha quem os veja juntos sem estarem a tomar tal bebida, a que chamam *cahue,* e assim se divertem a conversar.

E' feita com o grão do fructo de uma arvore chamada *cahue*. Quando eu voltar levarei alguns destes grãos commigo e quero tornal-os conhecidos entre os italianos."

Diz Ukers que Della Valle acordára tarde. Já nesta época, seus concidadãos estavam bem ao par do que era o café, introduzido em Veneza desde algum tempo.

A principio, teve fins medicamentosos e por isto attingia altos preços. Vesling tambem de tal dá noticia, ao dizer que, a principio, recolhido aos gabinetes dos curiosos passara, depois, a figurar como droga de pharmacia.

O caféeiro que Alpini viu no Cairo, e do qual desenhou um ramo folhado, e não fructado, devia ser de algum jardim e não de cafesal, coisa que nunca houve, nem podia haver, na terra dos pharaós. E, com effeito, em 1630, Vesling, não avistou nenhum caféeiro no Egypto.

Affirma Padberg que o café só appareceu em Roma no anno de 1605. Parece que ao findar o seculo XVI, chegaram á Europa os primeiros grãos da rubiacea.

Falleceu Della Valle em 1652, e foi provavelmente bom propagandista da bebida, em sua peninsula.

A de l'Écluse, latinisado em Clusius, mandou, a 9 de maio de 1595. Honorio Belli, o medico botanico de Vicencia que tanto se occupou da flora de Creta e seu correspondente no Levante, as "bunas" com que no Egypto se fazia aquella especie de bebida chamada *Cave,* Clusis (1526-1601) ou Charles de Lécluse, foi dos sábios da Renascença.

Passava por ser o maior botanico de seu tempo. Na sua obra *Rariorum plantarum historia* (Antuerpia, 1601) encontra-se a sua correspondencia com Belli sobre as plantas de Creta e do Egypto.

Mais ou menos, ao mesmo tempo, enviou a Clusius um professor da Universidade de Ferrara, Alfonso Panci, latinisado para Pancius, o mesmo fructo por alguns chamado *Buna,* e por outros *Elkave.*

Clusius reproduziu as cerejas da rubiacea comparando-as á *fágara,* fructo da arvore *Xanthoxylum budrunga.*

Pensa Padberg que, apesar de ter o café apparecido na Italia, antes de qualquer outro paiz da Europa, sua introducção no Occidente, não se fez por via maritima, como tudo parecia indicar. Logicamente devia tal propagação effectuar-se por intermedio dos venezianos, sobretudo, quando a Universidade de Padua apregoava a excellencia da infusão arabica. Isto numa época em que ainda tinha força o famoso *Dicant Paduani.*

Acha o erudito autor que talvez proviesse tal facto do estado de guerra, por assim dizer, permanente entre os paizes da bacia Mediterranea, sobretudo a Republica Serenissima, e os turcos.

Corriam os annos em que os ottomanos, depois de terem tomado o Peloponeso e Rhodes, ameaçavam o imperio colonial veneziano em Chypre (cuja quéda se deu em 1579), visando Creta.

Ainda estava proxima a desforra brilhante de Lepanto, em que a Cruz tanto humilhára o Crescente.

Mas o Mediterraneo continuava coalhado de piratas barbarescos e levantinos. Na Hespanha dos primeiros annos seiscentistas, segundo nos conta o *Don Quichote,* era assumpto de conversa diaria a maior e menor ameaça do Turco.

Na Italia, muito maior preoccupação a tal respeito reinava.

Assim odiados pelos christãos, como eram os mahometanos, é possivel que não quisessem aquelles ouvir de adoptar um habito proveniente de abominados adversarios.

A Companhia Hollandeza das Indias Orientaes, fundada em 1602, fazia grande commercio de transporte de café para os paizes muçulmanos antes de o estender á Europa, como relata precioso depoimento do allemão Wurffbain.

Escrevendo em 1807, fez Johann Beckmann, em sua *Litteratur der alteren Reisebeschreibungen,* uma revisão dos manifestos dos navios da Companhia das Indias e verificou tal facto.

Attribuindo a Wurffbain a venda, em 1640, do primeiro carregamento de café em Amsterdam, chama Ukers a este autor hollandez, e erra crassamente, affirma Padberg.

Os primeiros grãos de café apparecidos na Hollanda en-

traram em 1616, no dizer de David Macpherson, em seus *Annals of Commerce,* publicados em 1805.

O portador era um Pieter van der Broeck. Aponta Padberg novo erro de Ukers, que ora colloca a introducção do primeiro café na Hollanda em 1616, e ora se contradiz.

CAPITULO IX

Primeiros depoimentos inglezes, hollandezes e francezes

Affirma Ukers que a primeira referencia, impressa em lingua ingleza, sobre o café, é devida a um medico hollandez, Bernardo ten Broecke, aliás bastante obscuro, que, tambem consoante o costume scientifico universal do tempo, latinisou o nome para Paludanus.

Nascido em 1550 e fellecido em 1633 doutorou-se em Padua, foi professor de philosophia na Universidade de Leyde, protonotario, conde palatino, viajou a Asia e a Africa e deixou diversas obras hoje quasi totalmente esquecidas. Nellas ao tratar de Prospero Alpini fez uma menção ao *chaova* dos turcos.

O que lhe salva a memoria do completo olvido vem a ser, talvez, a série dos commentarios ao relato das viagens de Linschooten.

Esta obra publicada em latim, no anno de 1595, appareceu em inglez no anno de 1598.

João Hugo van Linschooten (1563-1611) tem nome sobejamente conhecido por quantos conhecem a historia das viagens. Aos dezeseis annos deixou a cidade natal, Harlem, e foi-se para a Hespanha e Portugal. Dahi, em companhia de portuguezes, rumou para Goa, visitando a India, Ceylão, Malacca.

Mais tarde, trocando a zona torrida pela glacial, foi com Barentzen á Nova Zembla e ao Oceano Arctico, tentando procurar a passagem do nordeste com vista ao commercio da China.

Escreveu sobre os usos e costumes dos japonezes, mas de outiva, pois não esteve no archipelago nipponico. Eis o trecho que provocou a nota de Paludanus:

"Seu modo (o dos japonezes) de comerem e beber é: cada pessoa tem uma mesa para si só, sem toalha nem guardanapos, e come com dois pauzinhos, como os chins. Bebem elles vinho de arroz, com o qual se embriagam, e, depois do repasto, usam de certa bebida num pote com agua quente que ingerem

tão quente quanto lhe é possivel supportá-la, quer no verão quer no inverno.

A maneira pela qual preparam a comida vem a ser inteiramente diversa da das demais nações; a tal agua quente é feita com o pó de certa herva chamada *chao* que elles muito apreciam e consideram":

É esta uma das mais antigas referencias ao uso do chá. Paludanus, o commentador, annota então:

"Os turcos usam de processo quasi identico para beberem o seu *chaona,* que elles fazem com certa fructa semelhante ao Bakelaer e que os egypcios chamam *bon* ou *ban*. De tal fructa tomam libra e meia, tostam-na e então ajuntam-lhe vinte libras de agua a ferver até que a metade seja evaporada.

Tal bebida elles a ingerem todas as manhãs, ainda em seus quartos de dormir, em potes de barro, e muito quente, como aqui bebemos, ao acordar, a aguardente. Dizem que isto os robustece e os torna calorosos".

As primeiras menções inglezas do café, no dizer de Ukers, vêm a ser de William Parry em 1601, John Smith em 1603, William Biddulph em 1608, William Revett e John Jourdain em 1609.

Refere a *The Cyclopedia or Universal Dictionary of Arts, Sciences and Litterature* de Abraham Raes (Londres 1819) mais um testemunho, o de William Finch, datado de 1607.

William Parry é o narrador das *Sir Antonie Sherlies Travelles,* ou seja o relato da viagem de Shirley á Persia em 1599.

Personagem pittoresco daquelles tempos aventurosos em que floresciam entre os seus compatriotas os Drake e os Walter Raleigh, os Cavendish e os Morgan, foi certamente este Sir Anthony Shirley (1565-1630).

Corrige Ukers a data mortuaria de 1614, mencionada no Diccionario de Larousse.

Por sua alta recreação, e auto nomeação, fez-se embaixador da rainha Isabel e lá se foi, de Veneza para a Persia, afim de convencer o sháh Abbas á alliar-se aos principes christãos, numa colligação contra os turcos.

Parece ter sido megalomaniaco, altamente auto-suggestionavel. Já estivera nas Antilhas e a sua ida á Italia se dera por incumbencia da ultima Tudor.

Partiu com o irmão mais moço, Roberto (nascido em 1570), homem igualmente aventuroso. Bem recebido pelo Sháh, não conseguiu comtudo a liberdade do commercio inglez, debalde pleiteando a concessão de um porto.

E deixou a Persia em 1599, a ver se obtinha alhures algum

resultado pratico para a sua projectada colligação anti-ottomana e persophila.

Foi, sempre por terra, a Moscou e, dahi, a Veneza, onde, tendo commetido um delicto, só recuperou a liberdade, graças á intervenção do embaixador hespanhol. Partiu então para a Hespanha, onde Philippe III lhe deu um commando em sua esquadra. Intimou-o Jayme I a voltar á patria, ao que elle se recusou, indo então para Napoles.

A proposito de Shirley diz Ukers: o governo inglez desautorizou as suas combinações com o sháh e prohibiu-lhe a volta á Inglaterra.

A expedição foi, comtudo, á Persia e o relato da jornada, da lavra de William Parry, seu companheiro, publicou-se em Londres em 1601.

Estes pormenores não os menciona o diccionario de Larousse.

O irmão de Shirley tambem teve aventurosa existencia e figura como personagem de grande relevo na historia das primeiras relações politico-commerciaes anglo-persas.

A grande importancia de Shirley na historia do café é que no seu livro se lê pela primeira vez, em inglez, a palavra *coffe* sob a sua assonancia moderna quasi integral.

Falando dos turcos de Aleppo, "infieis damnados", escreve Parry: "Para as suas refeições sentam-se no chão, de pernas cruzadas, como os alfaiates em suas lojas. Passa a maioria dessa gente o dia todo banqueteando-se e bebendo copiosamente até se empanturrar, ingerindo certo licor a que chama *coffe*, feito de umas sementes que muito se assemelham ás de mostarda, bebida esta que logo intoxica os miolos como o nosso hydromel".

Já ahi apparece a predominancia do "o" sobre "a", repara Padberg, de onde se originaria a estabilização moderna da vogal em *coffee*.

Quem, porém, conhece o que vem a ser a latitude immensa da prosodia ingleza não extranha tal phenomeno.

De John Smith (1579-1631) o nome é celebre na historia da colonização primeva dos Estados Unidos. Não só por ter sido o fundador da colonia da Virginia e da cidade de Jamestown, como porque á sua vida salvou a famosissima Pocahontas, por elle intercedendo a seu não menos celebre pai, o cacique Powhatan.

No seu livro *Travels and Adventures* (1603), e a falar dos turcos, affirma J. Smith: "Sua melhor bebida é o *coffa*, provido de uma semente a que chamam *coava*.

Julgam Ukers e Padberg que a John Smith se deve o primeiro conhecimento do café em terras americanas.

Em 1607 escrevia William Finch, a quem citámos:

"The people in the island of Socotora have, for their best intertainment a China dish of *coho,* a black bitterish drink, made of a berry like a bay-berry brought from Mecca supped off hot."

Realmente não pode ser isto senão o nosso café.

Era um negociante este Finch e nesse anno visitou a ilha pobre, grande, secca, estéril e penhascosa, a *Dioscoridis* dos antigos que, em 1509, se tornara portugueza, com Affonso de Albuquerque, mas por pouco tempo.

Importava-se o *coho* de Mecca, informa Finch. "Tomado quente era bom para a cabeça e o estomago".

Em 1609 appareciam em Londres *The travels of certayne englishmen in Africa, Asia, etc. Begunne in* 1600 *and by some of them finished this year* 1608.

O autor deste relato de viagens era certo William Biddulph, de nome muito popular no mundo britannico.

Averbou Purchas a descripção que este autor deu dos cafés turcos, uma das mais antigas de que ha noticias. E a primeira da lavra de inglez.

"Sua bebida habitual é o *Coffa,* especie de beberagem negra, feita com uma como que leguminosa, parecida com a ervilha, chamada *Coaua,* a que, depois de moida em moinho, e fervida na agua, bebem tão quente quanto podem supportal-a, o que aceitam com grande prazer, como correctivo aos seus alimentos crús, vivendo de hervas e carnes cruas como fazem."

Outras bebidas têm, chamadas *sherbets,* feitas de assucar e agua ou mel, com neve para os refrigerar, pois como a terra é quente guardam a neve o anno todo para refrescarem as bebidas.

E' tido á conta de grande cortezia, quando recebem visitas, offerecerem uma taça ou *fingian* de *coffe* mais saudavel do que agradavel ao paladar, provocando bom estomago e removendo a somnolencia."

Alguns delles bebem tambem *bersh* ou opio, que lhes traz um estado de obnubilação em que vêm castellos aereos, têm visões e ouvem revelações.

Suas casa de *coffe* são mais numerosas do que as nossas tabernas inglezas. Não costumam tanto sentar-se dentro dellas como pelos bancos postos em suas vizinhanças.

Vêm-se de ambos os lados da rua, sujeitos sentados com a sua escudela cheia, fumegante e quente, onde se comprazem

em beber, vaporosamente, aos goles, fazendo com que os vapores penetrem pelas narinas e ouvidos.

E, vadios como são, as suas conversas de taberna então se realizam".

William Revett regista em 1906, e de Moka, a forma *coffe* já empregada por Parry. E John Jourdain, no mesmo millesimo, refere-se a uma viagem de Aden ao Yemen; "as sementes de *cohoo* são uma grande mercadoria levada ao Cairo a todos os outros lugares da Turquia e ás Indias.

Extranha Padberg, e com razão, as alterações devidas aos larynges britannicos de *qahwa* para *cohoo* ou *cohu*.

Sir George Sandys (1577-1644), traductor de Ovidio, o poeta que tão dedicado foi a Carlos I, viajante da Palestina, Egypto, Turquia, em 1610 e mais tarde thesoureiro da colonia da Virginia, assim dizia dos turcos, em sua obra publicada em 1615, e a apontar-lhes as casa de café como legitimos prostibulos de aberrações:

"Embora não possuam tabernas têm casas de *coffa* que a estas se assemelham. Alli se sentam a maior parte do dia, a tagarelar, e sorvem uma bebida chamada *coffa* (do nome da cereja de que é feita) em pequenas travessas de porcelana, tão quente quanto podem supportal-a, negra como fuligem e de paladar não muito diverso desta substancia (porque não será o pão negro usado entre os lacedemonios?), bebida esta que ajuda a digestão e proporciona a alacridade. Muitos desses donos de casas de *coffa* servem-se de bellos rapazinhos como chamarizes de freguezes."

Em 1611, nas *Letters* de Danvers, occorrem as formas *coho e coffas.*

Em 1616 nova embaixada ingleza foi á côrte do grão Mogol, cujo chefe era Thomaz Roe.

Eduardo Terry (1500 ?-1660), seu companheiro e capellão, fez em 1655 a descripção completa desta viagem ás Indias Orientaes.

Passa Terry por muito credulo mas os seus relatos demonstram espirito curioso e observador. Seus testemunhos são leaes e tiveram a comprobação de muitos outros viajantes.

Diz Ukers que na sua obra ocorrem *coho* e *coffee* e Porto Alegre refere-se a *cahua* e Purchas a *kewe,* segundo abona Ritter.

Escrevendo em 1616, relatava que a melhor gente da India, muito austera na observação de sua religião, não bebia vinho de especie alguma.

"Usa certo licôr mais saudavel do que agradavel, a que

chama *coffe,* feito com uma semente negra, fervida na agua a que empresta a sua côr mas muito pouco alterando o gosto da agua. Apesar de tudo é muito boa para ajudar a digestão. Aligeira o espirito, clarificando o sangue.

Passando em revista as graphias antigas de *coffee* cita Ukers novos depoimentos: *cowha* (1619), *conha* (1621), *cofa* (1628).

Em 1623 era um dos maiores vultos da Humanidade quem se occuparia do café, o famoso philosopho do *Novum organum,* o inspirador da Sciencia experimental: Francisco Bacon.

Na *Historia Vitae e mortis* escrevia: "Usam os turcos da bebida *cahue* feita com certa herva que chamam *caphe.*

E na *Sylva sylvarum* (aliás posthuma e datada de 1627) muito mais explicito se mostrava.

"Toma-se na Turquia certa bebida, chamada *coffa,* feita com a cereja do mesmo nome, tão negra quanto a fuligem, e de forte cheiro, embora não aromatico, que os turcos ingerem reduzida a pó, na agua tão quente quanto é possivel supportal-o. Para a sorverem sentam-se os turcos em suas casas de *coffa,* que são como as nossas tabernas. Tal bebida reconforta o cerebro e o coração e auxilia a digestão.

Certamente estas cerejas de *coffa,* a raiz e a folha do betel, a folha do tabaco e o opio, de que os turcos são grandes consumidores (na supposição de que tal droga provoca a abolição do medo), operam a condensação dos humores e a todos tornam fortes e alacres.

Parece, porém, que taes coisas são tomadas de modos diversos, o *coffe* e o opio ingeridos, o tabaco aspirado e o betel mascado com um pouco de sal".

Roberto Burton, homonymo do famoso viajante africano e americano, cujo nome tanto realce tem na nossa xeno-bibliographia, é philosopho e humorista celebrado nas letras inglezas, como autor da *Anatomia da Melancolia.*

Na edição de 1632, desta obra, celebre em seu tempo, pois nas tres primeiras (de 1621, 1624 e 1628) não occorrem, ha allusões ao *coffa.*

Quasi reproduz o texto de Bacon, que certamente o inspirou, tendo, a mais, uma hypothese: Não era o café senão a *chafana* dos espartanos, talvez.

Assim pouca importancia tem o texto deste humorista, taciturno e tristonho, que se intitulava Democrito Junior e a quem quiseram varios inglezes appelidar o *Montaigne britannico*: *excusez du peu!*

Thomaz Herbert, outro servidor fiel de Carlos I, escre-

vendo em 1634, sobre pessoas com quem estivera no Oriente em 1627, affirma que os subditos dos Sháhs bebiam de preferencia *Coho* ou *copha.* Os turcos e arabes appellidavam *caphe* e *cahua* esta bebida, que lembrava as aguas do lago estygio, negra, grossa e amarga.

Diz Ukers que os hollandezes tiveram, desde cedo, conhecimento do café, dadas as suas transacções com o Oriente e os venezianos e sua contiguidade com a Allemanha, para onde, nas vizinhanças de 1582, escrevera Rauwolf noticiando o que era a infusão do *bunnu.*

Assim tambem os escriptores de Alpini lhes eram familiares, como se deprehende da nota de Paladanus ás viagens de Linschooten.

A sua superioridade cultural parece devida á supplantação que do commercio portuguez fizeram, em materia de café, quando aos lusos reveladores da navegação oriental aos povos do occidente, caberia, do modo mais natural, esta primazia da introducção, da fava arabica nos mercados europeus.

Seja como fôr, parece indubitavel que os primeiros commerciantes do café na Europa foram os da Companhia Neerlandeza das Indias Orientaes, de cujos negocios pelo Universo decorreria talvez a existencia do celebre proverbio britannico acoimador, certamente despeitado, da ganancia desses rivaes felizes e então mais espertos e traquejados.

In matter of commerce the fault of the Dutch
Is in giving too little and taking too much

Homens tão praticos quantos sábios pensaram os neelandezes logo em produzir o grão em suas colonias e fazer de suas praças, na Europa, o centro de um commercio novo, que poderia ser universal e enorme.

Assim, á Companhia das Indias Orientaes, cabe a gloria de ter sido a pioneira da cafeicultura, com a abertura de sua estação experimental para o plantio do café em Java.

Fundada em 1602, já em 1614 despachava agentes para estudar em Aden, as possibilidades do commercio cafeeiro.

Em 1616, Pieter van den Broek trazia café de Moka á Hollanda.

Conquistado Ceylão, em 1658, começaram os neerlandezes a cultivar a rubiacea, embora já na ilha houvessem os arabes encetado o plantio antes de 1505, ao que consta.

Parece, comtudo, que só depois de 1690 é que tal lavoura realmente se desenvolveu.

Testemunho antigo da propagação do café na Hollanda é o de Jacob Bontius, que, em 1631, escrevia sobre o *caveah.*

E' até autor muito popular entre os que conhecem a bibliographia xeno-brasileira pelo facto de suas obras haverem sido publicadas, após sua morte, por Piso, o famoso collaborador do genial Marcgraf.

Medico, como seus irmãos João e Renier e filho do eminente professor da Universidade de Leyde, Gerardo Bontius, viajou Jacob Bontius largamente, pela Persia e Indias Orientaes, passando em 1625 a residir em Batavia onde felleceu em 1631.

Em sua *Historia naturalis et medica Indiae orientalis* refere-se ao *caveah.*

No livro VI, capitulo I no seu discurso intitulado *"De herba seu Foutice quem chinenses The dicunt unde potum suum ejusdem nominis conficiunt,* lê-se a seguinte referencia: *"Caeterum non minoribus a Chinis Laudibus effertur hic potus, quam Mahometanorum Caveah quod potus genus etiam apud ippsos fervidum sorbetur in eosdem quos diximus usus".*

Traduzido-a Bohnke-Reich, em seu *Der Kaffee in seinen Beziehungem zum Laben,* editado em 1885, escreve Padberg:

Já em 1637 era o café "celebre" em Amsterdam, exportando-se ahi para a Allemanha, como mostram as duas interessantissimas cartas seguintes:

Monsieur très honoré Hervano,

possuidor da casa de negocio por atacado.

Viuva do defuncto Hervano em Merseburg.

Já que agora estamos ha tanto tempo em relações commerciaes ordinarias e honestas, não quero deixar de vos remetter simultaneamente com esta, uma amostra de *Koffeyi,* tornando celebre tão depressa aqui em Amsterdam, pedindo-vos para recommendar á vossa honradissima dona da casa que queira moer ou pisar estes grãos miudamente, fazendo-os então ferver em agua. Rogo-vos em seguida que me mandeis vosso parecer, como achastes esta bebida; então communicar-vos-ei o preço e tudo o mais.

Vosso bem affeiçoado

Van Smiten

Amsterdam, neste mez de maio de 1637."

A honradissima senhora Hervano, para preparar o tal *Koffeyi* achou preferivel tomar, em vez de agua commum, um

bom caldo de carne, com um successo que se pode advinhar da seguinte resposta ás queixas do senhor Hervano:

"Recebi em forma a vossa encommenda de pimenta, mas não vos mando nenhuma, renunciando a uma relação commercial, em que minha boa vontade é correspondida unicamente com grosserias. Se julgaes que, tendo adoecido vosso pessoal todo depois do uso deste excellente *Koffeye* deveis lançar em minha conta 16 bons tostões por purgantes, tenho que protestar energicamente. *Já mandei expedir cinco fardos de Koffeyi para Leipzig,* louvando-o todos quanto alli beberam. Por signal que os habitantes de Leipzig tem um gosto mais apurado que vós outros grosseiros Merseburguezes.

Com isto adeus

Van Smiten.

Amsterdam, setembro de 1637".

Com toda a razão attribue Padberg, o douto autor transcripto o maior valor a estes engraçados documentos. Lançam muita luz sobre o historico da introducção do café no norte da Europa.

E, com effeito, se Van Smiten, em 1637, declarava ser a bebida já "celebre" na capital das Provincias Unidas é que teria alguns annos de corrente entre a gente bátava. Assim se torna aceitavel a data de 1630 fixada pelo Dr. Padberg, para os primordios da introducção.

Em todo o caso não se invalida a hypothese de uma primeira tentativa em 1616, a de Pieter van der Broeke.

Commerciantes esclarecidos, como eram, tinham os neerlandezes comprehendido a valia e o futuro daquelle artigo que os portuguezes inexplicavelmente desdenhavam.

Talvez por preconceito religioso repetimos nós, contra a gente que ainda "bebia o licor do Santo Rio", depois de retomarem aos christãos das Cruzadàs, o valle jordanico.

Testemunho precioso a que já alludimos, é o de João Segismundo Wurffbain.

Em 1642, affirma, já transportavam os navios hollandezes para as Indias nada menos de 30 a 40 mil kilos de café, embarcados em Moka. São os seus termos textuaes segundo Padberg:

"*Cauwa* é uma especie de fava, costumando crescer sómente na serrania vizinha de Moka, usada diaria e abundantemente pelos mahometanos, tanto na Turquia, como por toda India, para a conservação da saúde... servindo-se elles dessa

bebida em lugar do vinho, encontrando-se tambem casas de *Cauwa* cá e lá, em muito grande numero".

Prova isto quanto se deve á iniciativa bátava. Passou-se o facto quatro annos antes da bebida ser introduzida em França e tres desde que o Grego Conopios instituira o almoço com café, na Universidade de Oxford.

Varnar, ministro residente das Provincias Unidas junto á Sublime Porta, já em 1650, publicava um estudo sobre o café.

Sabe-se que, desde 1663, começaram a apparecer, nas praças hollandezas, regularmente, carregamentos de café de Moka. Mais tarde tambem vieram outros de procedencia malabarica.

Da influencia do commercio hollandez na propagação do café no Norte da Europa dá-nos depoimentos cabal Nicolau de Blégny, o imitador de Dufour, quando em 1686 dizia entrar o café na França por via hollandeza e pelo porto de Rouen. Declarava ao mesmo tempo que os bátavos tanto o apreciavam que já quasi pareciam turcos.

CAPITULO X

Primeiros depoimentos francezes sobre a introducção do café

Pelos meiados do seculo XVII começaram a apparecer na xenobibliographia franceza ás allusões ao café com informes mais ou menos extensos sobre o seu uso entre os muçulmanos.

A primeira referencia em lingua franceza á bebida arabica parece ser a do botanico Charles de l'Écluse (1526-1609), referindo-se á remessa de sementes enviadas do Egypto, em 1596, por Honorio Belli, o botanico italiano, de quem já falámos e tão prestigioso entre os seus contemporaneos.

"Com ellas os egypcios faziam o liquido cave".

No enorme rol dos viajantes francezes, bem pouco se destaca o nome de Duloir, cujos millesimos, natalicio e mortuario, parecem ignorados. Sabe-se porém que viveu em meiados do seculo XVII, tendo sahido, em 1639, de Marselha, para visitar Malta e a Asia Menor. Foi depois a Constantinopla assistir ás festas da enthronisação do sultão Ibrahim (1640). De Stambul passou a percorrer o Peloponeso e o Mar Jonio e voltou por Veneza, ao Occidente, em 1641.

Foi dos primeiros autores francezes a tratar do café, ao publicar as interessantes *Lettres écrites du Levant,* impressas em 1654 e traduzidas em italiano.

Não lhe soube o café ao paladar, ouçamol-o, porém, mercê da traducção de P. Porto Alegre:

"Sejam essas visitas ceremoniaes, ou não, o facto é que, poucos momentos depois de se terem sentado, o dono da casa faz logo servir ao seu amigo, sobre uma bandeja de madeira, pintada de ramagens no gosto persa, uma grande taça cheia de sorvete, feito de succo de limão, cosido em agua com assucar; e logo após isto, trazem-lhe em uma outra taça, mais pequena, o "cahué", uma agua escura, cujo nome é devido á tintura de uma fava do tamanho de um grão de trigo, que vem do Egypto.

Esta bebida só é boa quando tomada extremamente quente e aos tragos, tanto que apenas se pode tocal-a com os labios, precisando ainda assopral-a muitas vezes com todo o cuidado.

O seu gosto assemelha-se ao cheiro da fumaça, mas dizem ter um effeito maravilhoso para o estomago, e servir para impedir que os vapores espirituosos subam á cabeça.

A segunda referencia, citada por Porto Alegre, data de 1666 e provém do padre missionario Alex de Bourges, "des crevendo uma viagem que fizera o bispo de Beryta, vigario apostolico do reino na Cochinchina, através da Asia até ao estado de Sião. Ao falar do café é digno de nota que trate de um de seus empregos, ignorado pelos viajantes que o precederam:

"Como a agua, diz elle, que se encontra na marcha das caravanas através do deserto, é quasi sempre má e estagnada, os turcos, para corrigir-lhe o mau effeito que produz no estomago, servem-se de uma bebida, a que chamam café, e que começa a ser usada em algumas cidades européas.

Esta bebida — feita com um grão pequeno que cresce de uma arvore arabe, perto de Moka, em abundancia tal, que de lá o transportam para toda a Asia, e para quasi todos os sitios onde existem Mahometanos, que tomam esta bebida em vez do vinho, cujos effeitos imita bastante; tendo a propriedade de fortificar o estomago e facilitar a digestão, e ao mesmo tempo, purificar a cabeça dos vapores.

Elles costumam torrar esse grão em um fogão, reduzindo-o então a pó em uma especie de almofariz; depois de ter separado a casca, por meio de uma peneira, cozinham esta farinha negra e meio queimada n'agua, durante o tempo d'um *Miserere*, e tomam-na tão quente quanto lhes seja possivel supportar.

Posto que esta bebida não tenha um gosto agradavel e antes pelo contrario seja amarga, não deixa comtudo de ser muito estimada por essa gente, pelas virtudes que lhe reconhecem; o que faz vêr o cuidado que Deus tem em provêr todos os paizes de coisas necessarias e uteis aos homens; não se podendo duvidar que exista em algum outro paiz, planta que apresente semelhantes virtudes".

Affirma Ukers que, para a divulgação do café pelo Universo, contribuiram immenso tres grandes viajantes francezes, João Baptista Tavernier, João de Thévenot e Francisco Bernier.

Sob o ponto de vista da importancia na historia do café, cabe a primazia, a João de Thévenot em sua *Rélation d'un voyage fait au Lévant,* publicada em Paris, em 1665.

De sua lavra vieram as mais abundantes informações até então sobre o café espalhadas.

Traduziu Porto Alegre assás largo trecho de Thévenot que adeante transcreveremos.

Vejamos quem era este personagem, cujo nome immorredouramente se prende á historia do café.

Nascido em Paris, em 1633, era sobrinho de Melchisedech de Thévenot (1620-1692), homem de grande instrucção, apaixonado viajante, conhecedor de muitos paizes europeus, orientalista de renome, diplomata, bibliothecario da livraria real, e um dos fundadores da Academia de Sciencias de França.

João de Thévenot, ao acabar os estudos, entrou na posse de bella fortuna e poz-se a viajar, de 1652 em deante, annos a fio.

Depois dc visitar a Inglaterra, a Hollanda, a Allemanha, a Italia, partiu para o Levante com o sabio orientalista d'Herbelot.

De Malta foi a Constantinopla, percorreu longamente a Asia Menor, Egypto e a Arabia.

Teve graves aventuras com piratas arabes e maltezes, de quem quasi cahiu prisioneiro, e, afinal, voltou á França em 1659, alli se demorando quatro annos.

Em 1663 empolgou-o novamente a febre itinerante, apesar das reminiscencias pavorosas de suas peripecias variadas de jornada.

De Marselha foi a Alexandria, percorrendo a Syria, a Mesopotamia, a Persia e afinal a India, onde largamente permaneceu.

Voltando á Persia, pretendia regressar á Europa, pela Armenia, quando, exhausto de fraqueza, falleceu, a pouca distancia de Tauris, a 29 de novembro de 1667. Mal contava 34 annos de idade e deixou grande, e merecida, reputação de sciencia, philologica, geographica, botanica, além de alta probidade.

Traduzindo a Thévenot, lemos em Porto Alegre:

"Os turcos têm uma bebida que lhes é mui trivial e á qual chamam *cahué*, usando della a toda a hora do dia. Esta bebida é feita como fructo de uma *arvore* que cresce na Arabia pelas vizinhanças de Moka.

Elles o torram de um forno ou qualquer outro utensilio sobre o fogo, e depois trituram-n'o e reduzem-n'o a pó muito subtil; quando a querem beber, servem-se de um escalfador feito para csse fim, a que denominam *ibrik,* o qual enchem d'agua e fazem fervel-a. Apenas esta ferve, deitam-lhe dentro o pó na proporção de uma colher para tres chicaras, pouco mais ou menos.

Depois que a agua ferveu por algum tempo retiram-n'a depressa do lume, ou agitam-n'a, do contrario o liquido transbordaria, porque sobe com impeto e quando ferveu assim dez a

doze vezes, retiram-n'o de uma vez da acção do fogo, e vazam-n'o em chicaras de porcellana, dispostas sobre um trincho de madeira pintada, e servem-n'o assim ainda quasi em estado de ebulição; sendo preciso bebel-o tão quente quanto se possa e aos tragos, do contrario não é agradavel.

"Esta bebida é amarga, de côr preta, e cheira um pouco a queimado: é tomada aos goles, para não queimar os labios, de sorte que quando se está num Kavekamé, isto é, nos logares que assim chamam onde a vendem já preparada, ouve-se uma especie de musica muito original.

E' tambem bebida bôa para impedir que os vapores do estomago subam á cabeça e, por conseguinte, para a cura do mal. Pela mesma razão, ella impede o somno.

Quando os nossos negociantes francezes têm muitas cartas que escrever, e querem trabalhar toda a noite, tomam, antes disso uma ou duas chicaras de *cahué*. Ella é bôa para confortar o estomago e auxiliar a digestão; emfim, segundo dizem os turcos, é util contra toda a especie de males, e tem seguramente pelo menos tantas virtudes como as que attribuem ao chá.

Quanto ao seu gosto, basta bebel-a duas vezes para que logo se fique habituado a ella, e não se a ache desagradavel. Algumas pessoas misturam-lhe cabeças de cravos da India, e alguns grãos de cardomono; outras deitam-lhe assucar; estas misturas que a tornam mais agradavel, são porém prejudiciaes e dão uma bebida menos salutar. Não ha pobre nem rico que não tome pelo menos duas a tres chicaras por dia; e é uma das coisas principaes, que o marido é obrigado a fornecer á sua mulher.

Existem muitas tavernas publicas de *cahué*, onde o cosinham em grandes caldeiras. Nestes logares, entra toda a especie de gente, sem distincção de classe ou religião; e não ha vergonha a entrar ahi, o que fazem muitas pessoas somente no intuito de passar o tempo; do lado de fóra ha bancos cobertos de esteiras, onde se sentam os que querem vêr passar os transeuntes e tomar fresco.

Encontram-se ordinariamente nestes *Kavekanés*, tocadores de viola e flauta, e outros musicos, pagos pelo dono do *Kavekané* para tocar e cantar uma bôa parte do dia, e assim attrahir o publico.

Quando alguem está em um *Kavekané*, e entra uma pessoa de suas relações, se o individuo é delicado, dá logo ordem ao dono da casa para não acceitar paga daquelle, e isto por meio de uma simples palavra, porquanto apenas apresentam ao recem-chegado o *cahué*, elle grita logo *giaba*, que quer dizer *gratis*, ou já esta pago..."

Foi João Baptista Tavernier (1605-1689), cognominado o Ulysses do seculo XVII, pelos contemporaneos. E a narrativa de suas extensas viagens numerosas vezes reeditada.

E' incomparavelmente mais conhecido do que Thévenot e Bernier.

Filho de um cartographo gravador teve, desde mocinho, a paixão das viagens. Consummado polyglota, fez-se joalheiro ambulante, visitou o imperio ottomano e a Persia, as Indias, onde realizou magnificos negocios de pedras. Enriqueceu e Luiz XIV o ennobreceu, levando vida de fidalgo.

Arruinado pela velhacaria de um sobrinho, teve de se expatriar, já octogenario, por protestante, quando da revogação do Edito de Nantes, e foi morrer em Copenhague.

Em seus relatos de jornada muito se refere ao café de que se mostrou, em sua patria, propagandista enthusiasta.

Francisco Bernier, viajante philosopho celebre (1625-1688), visitador da Syria, Egypto e India, medico durante doze annos do famoso Grão-Mogol Aureng Zeb, amigo de muitas celebridades, como Ninon de L'Enclos, La Fontaine, Boileau e homem de real espirito, foi tambem dos grandes preconisadores do café.

Affirma J. de La Rocque, categoricamente "antes de 1669, era o café em Paris coisa muito rara, a não ser em casa do Sr. de Thévenot e na de alguns de seus amigos. Ninguem delle ouvira falar, a não ser atravez dos escriptos dos viajantes."

Parece que, ao voltar da sua primeira viagem ao Oriente, em 1658, começou a dar café aos amigos que jantavam em sua casa, após a sobremesa, o que por muitos foi tido como exquisitice.

Era Thévenot um fanatico do café, pois escreveu que bastaria alguem beber duas chicaras de café para se habituar á infusão e a apreciar.

Discorda Ukers da versão geralmente adoptada de que haja sido o introductor do café em França.

"Ce fut lui dit-on qui apportà le premier le café, en France", lemos no verbete biographico que lhe consagra o *Grand Dictionnaire du XIXème Siècle* que aliás, no artigo *café,* affirma haver sido Luiz XIV, desde 1644, habituado a tomar o licor arabico.

Ora, nesta data Thévenot apenas contava onze annos de idade.

Affirma o autor americano que tal prioridade não lhe cabe e sim a P. de La Roque, cujo filho, João de La Roque (1661-1745) foi o celebre viajante da Arabia Feliz.

Assim, indo P. de La Roque, em 1644, a Constantinopla,

na embaixada do Sr. de la Haye, e tendo, depois, viajado pelo Oriente, trouxe á patria não só algum café como ainda a apparelhagem usada na Turquia, para o seu preparo, o que excitara em França viva curiosidade, no dizer de um depoimento cuja origem aliás Ukers não cita.

Eram estes apetrechos *findjans* ou chicaras de porcellana velha, de grande belleza, e pequenas peças de musselina bordadas a ouro, prata e seda, usadas pelos turcas como guardanapos.

Pelo que se deprehende do texto de Ukers elle cita palavras de Jean de la Roque. Este apenas concede a Thévenot a gloria de ter, em 1657, introduzido o café em Paris e ensinado os compatriotas a beber café.

Affirma o autor americano que Galland (1646-1715) o famoso traductor das "Mil e uma noites", tambem contribuiu notavelmente para o exito do cafeismo em França por haver divulgado o manuscripto de Abd-al-Kader.

Em 1670 pensou-se em aclimar o cafeeiro em França, em Dijon, mas com resultados pessimos, consagra uma tradição cujo valor ignoramos.

Escreve Porto Alegre:

"Pelo começo do seculo XVII, começaram as relações commerciaes com as regiões dependentes da Turquia, a serem muito activas e então existia um grande numero de negociantes francezes na florescente metropole do Mediterraneo. Tendo vivido por muito tempo em diversas regiões orientaes, haviam aquelles commerciantes contrahido alguns habitos desses paizes.

Foram pois elles que espalharam, pelo Sul da França, o uso da bebida turca, quando, de volta á patria, traziam grandes provisões de café de Moka não só para seu uso particular, como tambem para presentear a seus amigos.

Desde 1660 pouco mais ou menos, começou o café a ser apreciado pela população marselheza, e principiando o genero a ter procura no mercado, foi sendo tambem importado com regularidade do Egypto, donde resultou um accrescimo notavel nas transacções que essa cidade já entretinha nesse tempo com o Oriente".

Em 1671 abriu-se um café em Marselha, perto da Bolsa de Cambio, a "Loge", casa, desde logo, muito frequentada por negociantes maritimos e viajantes.

Outros se fundaram e todos sempre cheios de gente. Mas ainda ninguem se habituara a tomar café em casa.

No sul da França, sobretudo em Lyão, desenvolveu-se muito a caffeiphilia antes da moda attingir Paris.

Conta Ukers que ha tradição da existencia de um café man-

tido por certo levantino no Petit Chatelet no reinado de Luiz XIII, portanto antes de 1643. Assim conta o Diccionario de Trévoux. Mas nada o confirma. Vehicula tambem esta versão Fusée Aublet, o botanico da *Histoire des plantes de la Guyanne Française,* citado por Padberg, que não acredita em tal.

Pouco antes em 1660, diz Padberg abeberado em Hartwich que fazia grande preconicio do café. Num de seus annuncios se lia: *la dite boisson et plusieurs autres se vendent á lénseigne du Grand Turc, au bout du faubourg Saint Germain.*

Este annuncio occorre na dissertação latina de F. Petersen: de *Potu coffi,* impressa em Francfort e em 1666, conta Hartwich.

Affirma-se tambem que Luiz XIV tomou café pela primeira vez em 1664.

Quem o revelaria? o *Journal de Dongeau?*

Outra versão é a de Paulo Porto Alegre, apoiado num *Nouveau Cours complet d'Agriculture* cujo autor não menciona.

"Parece entretanto, que pouco antes de 1658 vendia-se já no Petit Chatelet, em Paris, uma bebida com o nome de *Cahové* ou *Cahovet,* sem que comtudo se saiba até hoje como ella ahi fora introduzida. E' de presumir, porém, que não tivesse agradado muito, e seu consumo não fôsse notavel porque não achou imitadores como nas outras partes".

Quem viria a ser formidavel impulsionador do café em Paris, e em França, seria um diplomata, o novo embaixador do Padishá junto ao Rei Sol, Soliman Agá, despachado por Mahomet IV ao seu querido irmão o Rei Christianissimo, em 1669.

Deixara este de seguir a tradicional politica da alliança com o Crescente, reinante desde os annos de Francisco I. E realmente fôra um corpo de exercito francez commandado pelo bravo e boçal Duque de Beaufort, o *roi des Halles* soccorrer, aliás improficuamente, os venezianos ainda assediados pelos ottomanos.

Era faustosissimo este turco e magnifico em sua feição obsequiosa. Trazia novidades de alta monta; a distribuição do café tal qual se usava na côrte do Grão Senhor.

E enorme triumpho obteve não só porque a infusão muitissimo agradou aos paladares francezes, como porque tambem soube rodear-se de apparato capaz de impressionar a maior côrte da Europa.

Citando a Isaac d'Israeli, o pae notavel de um dos mais illustres escriptores do seculo XIX, Benjamim Disraeli, Lord

Beaconsfield, em suas *Curiosities of Litterature* transcreve Ukers o seguinte trecho:

"Ajoelhados, serviam os escravos negros do embaixador, revestidos dos mais sumptuosos trajes orientaes, o mais apurado e escolhido café de Moka. Quente, forte, aromatico, enchia minusculas chicaras de porcellana cuja espessura era a de uma casca de ovo. Sobrepostas a pires de ouro e prata, collocadas sobre guardanapos de seda bordada e franjada de fios de ouro tomavam-nas "grandes damas da côrte franceza que, com mil requebros e tregeitos, abanavam os leques, approximando o rosto vivaz, empomadado de vermelho, empoados e enfeitados de pintas sorviam a nova e vaporosa beberagem."

"Estes usos, juntos á amabillidade do ministro turco, agradaram principalmente ás francezas que preconisavam por toda a parte o café, que alli se tomava, e com tal enthusiasmo o faziam que, pouco a pouco induziram as pessoas ricas, a imitar o uso turco e a introduzil-o como luxo em seus banquetes e festins.

Commenta Porto Alegre: assim pouco durou para que se familiarisasse o habito dessa bebida por todas as classes abastadas da capital.

De precioso que era ainda então o grão, começou a ser procurado, apesar de ser mercadoria desconhecida no commercio local, encontrando-se só em Marselha, e ahi mesmo em pequena quantidade, tanto assim que Labat affirma que vendia uma libra por quarenta escudos (200 francos)".

Nas letras francezas não tardaria que surgisse um proverbio historico referente ao café e destinado a imortalisar-se devido a um dos maiores nomes do Grande Seculo: Mme. de Sévigné.

A forma que assumiu *Racine passera comme le café* não é exactamente a que redigiu a celeberrima autora das Cartas.

Esta approximação entre a nossa hoje bebida nacional e o grande tragico de *Athalia* tem curiosa historia.

Em 1672, ainda, era o café beberagem exotica, de divulgação minima, entre parisienses e os demais francezes do norte da França. Mas conhecido seria talvez dos marselhezes e outra gente do Mediterraneo.

Tambem nesta época ainda Racine não attingira ás culminancias da *Iphigenia* (1674) e da *Phedra* (1677) que lhe consagrariam o genio, definitivamente.

E andava embeiçadissimo pela Champmeslé, famosa nos annaes do Theatro Franceza, a quem confiava os papeis de suas tragedias. Amargurado com a volubilidade da talentosa aman-

te, parece que tivera como um dos muitos rivaes Carlos, marquez de Sévigné.

Filho obscuro da illustre epistolographa, embora espirituoso, era este moço grande estroina e suas aventuras numerosas causavam o maior incommodo á terna e solicita mãe.

Afinal a Champmeslé, mulher de pendores polygamicos notaveis, bigodeara ao fidalgo e ao poeta, ligando--se praticamente, a um homem de grande situação social e grande fortuna: o conde de Clermont Tonnerre.

Levara isto aos francezes "nés malins et calembouristes" a um trocadilho de mediocre espirito, zombador do desconsolo do pobre dramaturgo: *Le tonnerre l'a deracinée.*

Mas além desta questão pessoal tinha a marqueza de Sévigné outro motivo de prevenção contra Racine, decorrente de preferencias literarias. Apreciava o theatro de Corneille muito mais do que e do autor do *Britannicus.* Enthusiasta admiradora do grande poeta do *Cid* esposara a malevolencia e a antipathia do velho tragico quanto ao jovem disputador da sua primazia theatral.

Em 1672, observava Madame de Sévigné: "Racine compõe comedias para a Champmeslé e não para os seculos vindouros. Se porém algum dia deixar de a amar já não será a mesma cousa. Viva pois o nosso velho amigo Corneille"!

Quatro annos mais tarde escreveria ainda á filha e constante correspondente, Madame de Grignan: "Então desististe do café? Mademoiselle de Meri tambem o proscreveu". Após tal desvalimento ainda se poderá contar com a fortuna?

"Este segundo texto é ainda bem menos explicito do que o primeiro, judiciosamente commenta o articulista do *Grand Dictionnaire du XIXéme Siècle.*

Quando o café começou a tomar incremento figurou Voltaire entre os seus principaes apreciadores. Voltaram á baila as palavras de Madame de Sévigné.

E foi o proprio autor da. *Henriade* quem approximou os dois trechos, dando-lhes outra forma que lhes altera o valor primitivo: "Madame de Sévigné creu sempre que Racine não irá longe. A seu respeito pensava o que tambem julgava do café do qual dizia que, breve, todos delle se desacostumariam".

A La Harpe se deve a formula moderna do proloquio. Não achou bastante synthentico o brocardo do seu illustre mestre, approximou ainda mais os termos das duas preposições dandolhe a forma restricta e incisiva que passou a ser sacramental: Tanto Racine como o café passarão, *Racine passera comme le café.*

Commentando esta deturpação historico-literaria, do pensamento da celeberrima escriptora, diz o articulista citado:

Eis exactamente como se escreve a Historia!

"Suard (1733-1817) aceitou a formula e após elle vieram os carneiros de Panurgio. E dest'arte se fabricou esta pequena mentira historica que por muito tempo ainda, será para muita gente indiscutivel verdade.

Assim ninguem deve inscrever no passivo de Madãme de Sévigné o que não passa das reminiscencias incompletas de um escriptor espirituoso e o tom dogmatico de um rhetorico.

O titulo de amiga de Corneille e inimiga de Racine pode absolvel-a de uma injustiça transitoria, da qual, aliás, a posteridade já vingou bastante o maior dos poetas da França. Quanto ao café elle deve, de melhor grado, consolar-se do erro de Madame de Sévigné dispensando a nossa apologia. Sobram-lhe ainda muito mais amigos do que a Racine".

Assim o "cassandrismo" attribuido á grande escriptora, assaz abusivamente, por completo faltou quanto ao café, embora bem menos quanto a Racine, cujos *Récit de Théramène e Songe d'Athalie,* continuam até certo ponto vivazes, no entono da melopéa cansativa do Grande Seculo, a interessar as platéas desse Theatro Universal que é o da Comedia Franceza.

Affirma Ukers que a famosa phrase apparece no prefacio da *Irène,* de Voltaire. Está assim em desaccordo com a tradição que a attribue a La Harpe.

Parece comtudo que o nosso autor não anda muito ao par da chronologia e o anecdotario das letras, pois ahi ensere este commentario exquisito: "Estando morta a amavel epistolographa não pôde desmentir o dito."

Lembra ainda que Mme. de Sévigné deve ter sido, em tempo, amante do café, segundo revela este trecho de suas cartas: o cavalheiro (?) crê que o café lhe incute ardor e eu a esta altura, descriteriosa como me conheceis, desde ahi deixei de o tomar".

Em Marselha, neste entrementes, crescera espantosamente o consummo da beberagem arabica. Decidiram-se os armadores da *Porta do Oriente* a mandar vir, de todo o Levante, navios carregados do genero.

Alarmaram-se os medicos com esta como que caffeimania, pensando que não faria bem aos habitantes de uma "terra quente e extremamente secca".

Renovava-se a velha controversia de Mecca, Cairo e Constantinopla.

Sómente nesta parlenga não houve intervenção religiosa e apenas se discutiu uma questão physiologica.

Foi, aliás, a velha colonia dos phoceos o unico ponto de França onde, segundo parece, encontrou o café opposição positiva, documentada por manifestação publica e official.

Ainda era tido, por muitos, como elemento da pharmacopéa universal.

Panacea para seus apaixonados passava aos olhos dos detractores por verdadeiro toxico.

Ia accesa a contraversia, quando, a 27 de fevereiro de 1679 se deu a formatura e subsequente defesa, por parte de um jovem medico, o Dr. Colomb, da these: *Será nocivo o café aos marselheses?* Sustentou-a jovem doutorando, perante a Faculdade de Aix de Provence.

Pretendia tal these demonstrar que, comquanto houvesse o café conseguido verdadeiro triumpho universal, a ponto de quasi abolir o uso do vinho, não podia sequer soffrer o confronto até com a propria borra do summo vinico. Não passava de vil e desvaliosa novidade estrangeira.

Argumento summamente intellectual, vinha a ser o seguinte: a pretenção de seus propugnadores, de que corrigia os desarranjos da saude mostrava-se simplemente absurda.

Não era uma fava, e sim o fructo de uma arvore revelada por cabras e camelos! Vinha a ser quente, e não era frio! requeimava o sangue, assim provocando o tremor senil, a impotencia e a desnutrição completa.

Dividiram-se os marselhezes em dois partidos assaz extremados, mas não chegaram a vias de facto. Mostraram-se os medicos agastados com o tom da controversia, desagradavel á gravidade de suas funcções.

Occorreu a tal proposito ridiculo debate perante a Faculdade, que acabou dirimindo a questão de modo categorico e impagavel. O uso do café só era prejudicial aos marselhezes pela conjuncção das caracteristicas thermicas do clima de sua cidade e as virtudes quentes do café!

E' que talvez provocava este aquecimento todo, a pernaturalização de algum principio sanguineo, quer o hydrargirial, quer o arsenical, quer qualquer outro, animal ou vegetal, do nosso microcosmo humano explicaria algum douto physiologista do tempo.

De nada valeu semelhante veredicto dos bons professores da Faculdade provençal.

Entenderam muitos que haviam exaggerado o seu zelo preconcebido a ponto de commetterem erros crassos.

"Já havia o mundo progredido demais, observa Ukers, para que semelhante sentença pudesse prejudicar o café e este entrave á sua marcha á frente mostrou muito menos efficiencia do que as diatribes dos sacerdotes muçulmanos.

E tudo teve afinal um desfecho bem francez: acabou nas cantigas das ruas! E nas poesias maliciosas dos vates de agua doce.

Continuaram os cafés marselheses tão frequentados quanto dantes, e o consumo domestico em nada diminuiu.

O libello accusatorio, escreve expressivamente o autor "yankee", logrou o effeito de uma projecção de boomerang, feliz comparação com a celebre arma de arremesso dos selvagens australianas, que volta ás mãos de quem a atira, depois de attingir o alvo. E' o caso de lembrarmos a nossa expressão familiar que fala em disparos pela culatra dos canhões.

O consumo do café avantajou-se immenso; tanto que os mercados de Lyão e de Marselha começaram a importar o grão do Levante, afim de poder attender ás exigencias do publico.

Respigando em Hartwich, encontrou Padberg depoimentos adversos ao café, por parte de personagem illustre, celebre em seu tempo e popularissima em França, até os nossos dias: a *Princesa Palatina.*

Era ella *Madame,* a princesa Isabel Carlota da Baviera (1652-1722) esposa de *Monsieur,* irmão de Luiz XIV, e mãe do famoso Regente, Philippe de Orléans, de memoria nada casta, mas de intelligencia brilhante, faculdade herdada de sua mãe.

Firme, justa, honesta era das pouquissimas pessoas que ousavam dizer verdades ao Rei Sol, que lhe apreciava, sobremaneira aliás, a franqueza desabusada e a rectidão. Em sua correspondencia, impressa desde 1788, e varias vezes reeditada, occorrem allusões ao seu desamor ao café.

Escrevia em 1712: "Não posso supportar nem chá, nem café, nem chocolate. Não comprehendo como se possa achar gosto nestas bebidas. O chá me dá a impressão de feno com esterco. O café me parece fuligem de tremoços, e o chocolate é doce demais".

Reiterando esta opinião, mandava de Marly, a 22 de novembro de 1714, segundo lemos alhures:

"Não tolero o café, o chocolate e o chá. Nem comprehendo quem os ache deliciosos. Um prato de choucroute, salsichas de fumeiro, eis para mim regalo digno de um monarcha, a que nada é preferivel. Uma sopa de couves com toucinho diz-me muito mais do que estas gulodices que todos acham deliciosas.

Em Paris tiveram os medicos mais espirito do que os seus collegas de Marselha. A opposição não foi além de algumas theses sustentadas em sessões academicas e na Escola de Medicina, sem ecos politicos notaveis.

Deixaram, pois, de provocar a menor alteração na opinião dos amadores, que continuaram com toda a tranquillidade a saborcar a infusão arabica, não acreditando nos males de que a accusavam. Ao mesmo tempo, começaram alguns medicos a experimental-a na cura de certas affecções.

CAPITULO XI

Etymologia da palavra café. Estudo historico critico

No presente capitulo nos limitaremos, receiosos da pratica do *ne sutor,* á exposição das opiniões de dous valorosos mononographistas do café, contemporaneos, accrescentando-lhes apenas algunmas desvaliosas achegas de nossa lavra.

A' etymologia da palavra café consagrou Ukers duas e meia paginas do grande formato de sua enorme monographia.

A seu ver as linguas europeas importaram o vocabulo do arabe *qahwah,* mas não directamente e sim atravez da fórma turca *Kahveh.*

Não se referem estas modalidades vocabulares á planta e sim apenas á bebida feita da infusão de suas sementes, sendo *qahwah* um dos muitos synonymos de vinho na Arabia.

Pesquisando as origens longinguas do termo aventa Sir James Murray a ideia de se filiar elle a um toponymo abexim: Kaffa, cidade de Choa, no sudoeste da Ethiopia, de onde parece proceder o café.

E discute com o seguinte argumento: davam os arabes o nome *qahwah* á infusão e não ao cafeeiro ou ás suas cerejas designadas por *bunn,* exotismo de procedencia ethiope.

Chama o mesmo Murray a attenção para os dois typos vocabulares que se fixaram nas linguas europeas. Um, o das linguas latinas comprehende notavel maioria e tambem abrange o allemão, os idiomas escandinavos, o polaco e outras linguas slavas, o magyar, o turco e o grego. Nelle ao *c* ou ao *k* se segue o *a.* No segundo, o do inglez, hollandez e russo, em vez de *a,* apparece o *o.*

Pensa este philologo que tal divergencia provenha da influencia da prosodia turca que pronuncia *Koveh.*

Outro linguista citado por Ukers, James Platt, recusa tal hypothese e recorda que o *a* arabico soa como o *u* inglez em *cuff.*

Este *u* inglez apresenta grandes difficuldades aos larynges de muitas nações europeas que descambaram para o *a* aberto.

Os hollandezes, que foram positivamente os primeiros be-

bedores europeus do café, dizem *Koffie.* De sua terra passou a beberagem ao imperio germanico. E no emtanto os allemães preferiram pronunciar positivamente *Kaffee,* assim como os escandinavos *Kaffe.*

Um collaborador de Platt, o philologo indiano Virendranath Chattopádhyaya, entende que o *hw* arabe se adaptou ás linguas europeas ora sob a forma do *f* ora sob a do *V,* graças a uma disposição laryngea propria de cada raça.

Outro erudito, W. Prideaux, appellando para os primeiros depoimentos inglezes sobre o café, lembra o de John Jourdain, marujo que, descrevendo a sua viagem no interior do districto de Aden, fala trez vezes no *Cohoo* plantado no districto é já objecto de grande commercio. Mas outro marujo (interessante é que no mesmo millesimo de 1609) William Revett, referindo-se a Moka, relata que alli se inventara o uso de se beber *cofe.*

Pensa Prideaux, á vista destes dois depoimentos, que, na costa arabica, sentia-se a influencia da pronuncia persica em que predomina o *o,* ao passo que no interior do paiz vigorava a arabica onde o *a* se tornava preponderante.

Mas já os latinos impuzeram o *a* com o judeu portuguez Pedro Teixeira, em 1610, os autores, todos, dos mais antigos, da bibliographia cafeeira, quer os francezes como Pyrard de Laval (1610) e os italianos como Prospero Alpini (1580), Della Valle (1615), etc.

E não nos esqueçamos que a revelação do café á Europa foi feita por intermedio de Leonardo Rauwolf, o "lobo branco" latinisado para Dasylicus, o botanico e viajante allemão augsburguense que a paixão herborisadora levou a percorrer a Asia Menor, a Mesopotamia, a Palestina, a Phenicia, etc.

Em 1573 estava em Aleppo e alli conheceu o café. O seu ouvido germanico percebeu o *chaube,* enunciado pelos syrios. Assim graphou o termo sem transformar o *a* em *o.*

Em todo o caso, não pode haver duvida a tal respeito, conclue Ukers: a palavra café e suas modalidades idiomaticas europeas provêm do arabe, atravez do turco.

A predominancia do *a* sobre o *o* teve a consagração de duas das mais notaveis tentativas da universalização linguistica, a do Volapuk e a do Esperanto.

A este capitulo do *All about coffee,* aliás muito deficiente, contrapõe-se hoje, em nosso paiz soberbo estudo de forte erudição e da lavra do Dr. Jorge A. Padberg-Drenkpol, inserta na sua esplendida monographia que já tanto citamos.

Deante desta analyse exhaustiva, de legitimo humanista

torna-se como que mesquinha a contribuição do capitulo de Ukers, que se limitou a colligir meia duzia de dados colhidos em outras tantas autoridades, cifrando-se apenas á inspecção de summario material norte-americano para depois invocar algumas ligeiras referencias de origem franceza.

Consagra o Dr. Padberg quatorze paginas do grande formato de sua monographia á discussão da etymologia da palavra café. E' um estudo magistral que, na impossibilidade de trasladar ás nossas paginas, tentaremos resumir, difficil tarefa, aliás! Sua explanação junto das summarias explicações de Ukers impõe-lhe notavel superioridade sobre a do autor americano.

A explicação mais simples, a hypothese mais singela sobre a origem do vocabulo é a que deriva do toponymo abexim *caffa* ou *Kaffe,* região da Ethiopia meridional de onde o cafeeiro parece autoctono.

Dahi a formação do nome, assim como *pessego* vem de *pérsicum,* do qualificativo annexado a *malum* (maçã da Persia).

Numerosas autoridades de peso aceitam a versão: o classico Leunis, a encyclopedia tão reputada de Herder, o douto Monsenhor Sebastião Dalgado, em sua tão conhecida *Influencia do vocabulario portuguez em linguas asiaticas.*

Entre nós o "benemerito" Theodoro Peckolt, como justamente lhe chama o Dr. Padberg, e Paulo Porto Alegre, que se mostra a este respeito categorico affirmando que tal opinião é "a da maior parte dos orientalistas que se occupam do assumpto".

Pensa o Dr. Padberg que o primeiro aventador de tal etymologia toponymica foi Bruce, o celebre viajante escossez da Africa, que, erradamente imaginou ser o Bahr-el-Azrek o principal galho do Nilo. E nem sequer teve o merito do ineditismo da descoberta, visto como o Padre Paes, missionario portuguez, já havia percorrido aquella região.

Vivamente posta em duvida a sua veracidade pelos contemporaneos e posteros (como C. Ritter, em sua formosa monographia de 1847), a ampliação dos conhecimentos geographicos tem-lhe augmentado o prestigio abalado, como se infere dos depoimentos de Combes, Laborde e outros.

Disse Bruce que o café é natural de Kaffa e Enaréa, segundo o testemunho dos Gallas. Haviam os arabes derivado o seu *Kahva* de Kaffa. Entende o seu commentador, o erudito Murray, com certa malicia, que seria preliminar e indispensavel verificar se os arabes chamam á região de Kaffa,*Kahwah* ou *Cahweh.*

Orientalistas e naturalistas notaveis, como Rodiger, Schim-

per e Roth, inclinaramse a acceitar a versão de Bruce. E foi isto que levou Carl Ritter a pronuciar-se a favor de tal etymo, muito embora réconheça a divergencia das opiniões dos orientalistas.

Paulo Porto Alegre, seguindo, em 1878, a licção de alguns desses arabistas, relembra que a questão, a seu ver, continuava em aberto.

Dois argumentos valiosos se apresentam oppondo-se tal derivação: Era natural que, passando para o arabe, a palavra se mantivesse mais parecida com o toponymo abexim e não se apresentasse com a forma *Kahwa* ou *qahwa.*

Nas linguas europeas, no emtanto, a semelhança era em geral muito maior, predominando o *f* ethiope. E depois até a obra de Bruce jamais se ouvira falar na Europa em Kaffa, como patria do cafeeiro, argumento este, ao nosso ver, muito frisante.

Apresenta o Dr. Padberg outro e serio: o jesuita portuguez padre Antonio Fernandes, em 1613, percorreu a Abyssinia. Fala em Kaffa e não se refere ao cafeeiro.

Nesse tempo era a Ethiopia o theatro da predica dos viajantes, os missionarios catholicos portuguezes. Lembremol-o de passagem. E serviu mais tarde até de theatro de memoraveis acções de guerra para as forças lusitanas do commando de D. Christovam da Gama, Affonso Caldeira e Ayres Dias.

Ha bastante coisa escripta a tal respeito por autores contemporaneos, a começar por D. João Bermudes, o famoso patriarcha de Alexandria e da Ethiopia, que se diz ter sido nomeado pelo Papa Paulo III.

Mas nestas relações portuguezas, sobretudo jesuiticas, não occorre, jamais, a menor referencia ao café, prova de quanto nos seculos XVI e XVII devia ser pouco disseminado na Ethiopia.

Pensa o Dr. Padberg que, se os arabes houvessem chamado ao café "arvore de Kaffa", não haveria motivo para darem ás cerejas da rubiacea o nome abexim de *bunn* (grão e arvores do *bunn*). Assim, parece racional que a infusão das sementes seria chamada *bunn* e não *qahwa,* isto *é,* uma coisa que, como tal, não proveio de Kaffa!

Mas argumento muito mais sério é o facto da pre-existencia do vocabulo *qahwa* na lingua da gente ismaelita, muito antes da introducção da nova bebida designada por este nome.

Qahwa, no dizer de todos os diccionaristas arabes, era primitivamente um dos muitos termos correspondentes a vinho.

A sua prosodia é quasi *cáhua*. Em certos dialectos assume a forma desinencial *cáhue*, que, em turco, se tornou regra.

Schiapparelli, valendo-se de um codice da Bibliotheca Riccardiana, de Florença, escripto nos ultimos annos do seculo XII, ou nos principios da centuria seguinte, reproduziu um lexico arabe-latino e latino-arabe — *Vocabulista in arabico* — em que *qahwa* corresponde a *vinum*.

E o grande Du Cange, em quem a prodigiosa erudição e a sagacidade de espirito corriam parelhas, recolheu no seu famoso *Glossario* o depoimento de Mathaeus Sylvaticus, medico do seculo XIV, em que de *cahua*, latinisado, se diz ser "vinho branco e leve".

Apoiando-se na opinião de Abd--al-Kader, cuja obra sobre o café data de 1588, expende o Dr. Padberg a opinião de que desde os principios do seculo XV a palavra *qahwa* passou do vinho á nova bebida do café. —

A este patriarcha da bibliographia cafeeira traduziu o mais illustre representante da antiga escoal dos orientalistas francezes, o formidavel erudito que foi Antonio Isaac Sylvestre de Sacy.

Em sua *Chrestomathie arabe* inseriu quasi toda a obra de Abd-el-Kader. Nella se cita o precioso documento que constituem uns versos satyricos, compostos depois da primeira opposição ao café em Mecca, em 1511, "o *quahwa* de *bunn* foi prohibido; usae largamente o *qahwa* de uvas seccas. Regosijae-vos e bebei!"

Nada mais suggestivo; o vinho de *bunn* chamava-se *qahwa*. Ainda na obra de Abd-al-Kader ha outra achega preciosa: o depoimento de antigo autor, natural de Mecca e cujos escriptos provavelmente se perderam: Fakhr-eddin.

Declara este escriptor cujas palavras traduziu S. de Sacy: "on se servait précédemment pour faire le café (*qahwa*!) de la substance végetale nommée cafta, qui n'est autre chose que la feuille connue sous le nom de Kat e nom du *bounn* ni de la coque du *bounn*.

Com toda a razão expende o Dr. Padberg, "infere-se dahi que havia um café, *qahwa* (viho) de *cafta*, ou *Kat*, e outro do *bunn*, isto é, o nosso café, e um terceiro, da casca do *bunn*, quer dizer *o Kixr*. O nome *qahwa*, café, era, pois, commum a todas essas bebidas".

No Yemen, desde os primeiros annos do seculo XV, espalhou-se o uso de uma infusão feita com as folhas do *Kat*, que tambem parece provir da Abyssinia, e de Kaffa. Trata-se da

celestracea *Catha edulis* de Forskal. A este vinho de Kat ou cafta os arabes chamavam *qahwat'-alkatia.*

Passaram os arabes depois a ingerir a infusão da casca, do mesocarpo do *bunn,* a cereja do cafeeiro, inventando-se a bebida *qahwat-alqiria,* ou vinho de *quixr.* Addicionavam depois, á casca, o proprio *bunn,* ou grão de café, o *qahwat-albunnia* (vinho de *bunn*).

Generalisando-se o seu úso, com enorme superioridade sobre os similares, passou a infusão a ser chamada simplesmente *qahwa,* de onde veio o nosso café.

Lançada esta hypothese, estriba-se o Dr. Padberg na autoridade de Bartholomeu d'Herbelot, o celebre orientalista do seculo XVII, que foi secretario interprete de Luiz XIV e professor de syriaco no Collegio de França.

Em sua formidavel *Bibliotheca Oriental,* obra até então unica no seu genero escrevia:

Cahuah e Cahveh — Em arabe esta palavra significa geralmente toda a especie de bebidas "mais il se prend en particulier pour celle que nous nommons, ordinairement, café (sic!)".

Ha tres especies de bebidas com tal nome, *Cahuat al catiat.* ou *caftah, Cahuat al Caschriat* e *Cahuat al Buniat.*

Pensa ainda o Dr. Padberg que a significação do terceiro nome para *cahwa* é comparavel ao que se dá, no francez, com a batata, por nós chamada ingleza, a batata de Parmentier, *pomme de terre,* onde em certas expressões o distinctivo *de terre,* se dispensa.

Muito curiosa uma observação de Abd-al-Kader. Alguns dentre os sufis (sectarios de uma escola pantheista mahometana) faziam timbre em dizer *Kihwa* em lugar de *qahwa,* para deixar bem frisada a differença entre o café e o vinho propriamente dito.

Pensa Padberg muito judiciosamente que isto só se daria nos primeiros tempos da propagação do café e quando ainda, a tal proposito, havia equivoco. O que succedeu foi justamente reservar-se a palavra *qahwa,* não mais para designar o vinho, mas sim, e exclusivamente, o café.

Tal equivoco, pensa o douto autor, provocou as perseguições religiosas ao café, como fôsse algum vinho disfarçado, pois é de sobra sabido que Mafoma, severissimamente, proscreveu o licor do Ecclesiastes, que quando bom letifica o coração do homem.

Pensa o erudito philologo, a quem vimos acompanhando,

que não pode haver duvida: café deriva de *qahwa* e não do toponymo abexim Kaffa, pelo menos não directamente.

A unica concessão a se fazer, em tal materia, é admittir algum liame indirecto e longinguo.

Talvez houvesse o café, em éras já muito afastadas, sido chamado pelos ribeirinhos asiaticos do Mar Vermelho, *bebida de Kaffa*, ou, mais simplesmente, *Kaffa*, assimilando-se depois o caso, por comparação, ao caldo da uva.

Assim, Kaffa apenas teria occasionado a escolha da palavra arabe semelhante, *qahwa*, avoenga incontestavel do vocabulo café.

E' este facto perfeitamente plausivel e tudo quanto ha de mais natural e humano.

Não vemos, a cada passo, surgir palavras, de nosso idioma, cuja etymologia é o mais sério dos quebra-cabeças? capaz de reduzir ao desespero os genealogistas vocabulares mais provectos e esforçados?

O Brasil, paiz de immigração, receptaculo de homens de mil procedencias e innumeras raças, é admiravel campo para a producção deste phenomeno.

Assim, por exemplo, se ponham estes linhagistas futuros do verbo a descobrir por que a gente do povo de certos municipios paulistas chama *chuim* ao leitão e o da zona mineradora central de Minas Geraes diz *chafre* por poço ou por que ainda os pernambucanos dizem *chulipa* em vez de *dormente* de estrada de ferro.

E' que os primeiros em contacto permanente com allemães que falavam o *platt deutsch*, lusitanisaram o *schwein*, os segundos empregados de companhias inglezas, adaptavam a seu modo o *shaft* de seus engenheiros e contra-mestres. E os pernambucanos, o que é ainda mais interessante, já em segundo grau, aceitaram, o apparentemente extravagantissimo nome attribuido a dormente.

Isto porque para as suas primeiras vias ferreas foram contractados mestres de linha portuguezes e estes chamavam aos dormentes *chulipa*, adulteração portugueza de *sleeper* (odrmente) da technologia britanica dos primeiros constructores de estradas de ferro em Portugal.

Continuando a discutir esta probabilidade, analysa Padberg a asserção cathegorica do sábio Ritter: "*Kahwe* é termo estrangeiro, transmittido sómente com a mercadoria e a tradição e alheio, primitivamente, ao mundo arabico, do mesmo modo que a arvore.

"Em favor dessa hypothese pode-se allegar que o termo

qahwa, além do proprio vinho e do connexo suco de uvas, só parece ter significado *bebidas originarias de Kaffa,* a saber: a infusão de *hat,* o *kixr* da casca do café e o nosso café mesmo".

"Se de facto (como parece, exigindo, porém, um estudo philologico ulterior), *qahwa* nunca foi empregado para designar tambem extractos ou sorvetes de outros fructos, que de certo não faltavam, essa singular restricção ficaria comprehensivel naquella supposição que só *bebidas de Kaffa* tivessem attrahido o nome semelhante *qahwa.* Justificar-se-ia assim tambem a mencionada "tradicção abyssinica" ouvida por Schimper e Roth de que o café houvesse conservado o nome de sua patria".

Mas estes dois viajantes recolheram tal tradição no seculo XIX. E Padberg pensa que ella não parece passar de simples etymologia vulgar a que muito impressiona a homonymia. Assim poderia ter nascido na Abyssinia, onde se diz que o café é originario de Kaffa e onde se desconhece o significado arabico de *qahwa.*

"Resta, pois, tenue probabilidade para uma influencia secundaria de *Kaffa* sobre a denominação do café, a despeito do sábio Ritter, cujas razões, quando muito, poderiam apoiar a possibilidade indicada".

O *Kat* comestivel espalhou-se por toda a Africa e passou-se tambem para o littoral fronteiro ao seu, o africano.

Harwich, em seu estudo notavel *Menschlichen Genüssmittel,* affirmou que na Arabia a celastracea foi cultivada, como o café. E Roth e Haris affirmam ter visto entre os ethiopes infusão de folhas de *Kat,* uma especie de chá como o antigo *qahwat-alkatia* ou *cafta* do Yemen. Assim parece que tanto o *Kat* como o café provêm do districto de Kaffa.

Admittindo a indiscutibilidade da filiação do café a *qahwa* (vinho), passa Padberg a estudar as origens deste vocabulo.

E recorre ás mais velhas autoridades lexicographicas: Djauhari, autor do *Sihah* (fallecido em 1002!), e Firuzabadi (morto em 1414), autor do *Kamús,* os dois grandes diccionaristas arabes medievaes.

Admittem ambos que *qahwa* provem de *qahya* ou *aqha,* enjoar, desgostar, ou mais propriamente, enfarar, visto como se relaciona a um certo enfaramento que o vinho provoca pelos alimentos solidos.

Commenta Padberg:

"Se Fakkr-eddin continua dizendo que tambem o nosso café recebeu o mesmo nome por fazer desgostar e abster-se do somno, queria provar mais do que devia; pois já vimos, de

que modo a palavra *qahwa*, vinho, passou a significar café, certamente sem intermedio daquella erudita etymologia."

Numerosos diccionarios da lingua arabica concordam plenamente com esta etymologia como sejam o volumoso lexico de A. de Biberstein-Kazimirski (Paris, 1860) e Augusto Cherboneau (Paris, 1896).

Wellsted, na sua *Viagem á Arabia*, tambem concorda com os diccionaristas e a grande autoridade de Sylvestre de Sacy corrobora tal opinião, que tambem é a do famoso Antonio Galland, o homem das "Mil e uma noites", aliás incorrectamente traduzidas, dizem-no os doutos.

E', pois, a etymologia corrente, tradicional dos arabistas. Mas ha tambem os seus dissidentes, como sempre, lembra-o Padberg.

Assim, Francisco Meininski, o autor do volumoso *Lexicon Turcico-Arabico-Persicum*, editado em Vienna, em 1780, por ordem de Maria Thereza. Apoia-se Meininski em outro diccionarista Wankuli e dá curiosa explicação diametralmente opposta á corrente dos lexicographos. Entende que *qahwa* significa *vinum*, que induz á appetencia da comida. E é por isto que se applicou ao café.

Calligaris, de Turim, em 1864, cahe no mesmo engano com a aggravante de que depois se desdiz.

Quer uma corrente de arabistas que *qahwa* signifique força, visto ser o café excellente fortificante.

A ella se filiam o Chevalier d'Arvieux em suas *Memorias* (1723), Dufour (1671), que, aliás como vimos, se apoia em d'Arvieux, Savary em suas *Lettres sur l'Égypte* (1785). Mas já Galland, no seculo XVIII, e sobretudo Sylvestre de Sacy, restabeleceram a verdade. Houve confusão destes arabistas mediocres entre *qahwa* e *quwwa* (força).

Mas como são terriveis estas questões etymologicas! Que terreno de irreconciliaveis pendencias! Que campo de interpretações as mais variadas e por vezes as mais abstrusas!

Em 1869 o grande arabista hollandez Reinhart Dozy ("esse grande Dozy de meritos igualmente immorredouros na historia, literatura e linguas hispano-arabicas medievaes", no dizer de Christiano Seybod, mestre da lingua brasilica, amigo e arroubadissimo admirador de D. Pedro II), publicando a segunda edição do glossario de seu discipulo W. Engelmann, fulminou os seus confrades em materia de philologia referente á gente que procede de Abraham por Ismael.

"Nossos lexicos arabes são de todo insufficientes para as pesquisas etymologicas", avançou cathegorico declarando com

a sua enorme autoridade: Café procede de *cahwa* ou *cahwe,* que por muito tempo foi um dos nomes do vinho.

As etymologias admittidas pelos arabes são inadmissiveis, mas quando consideramos que o moka verdadeiro é inebriante, explica-se facilmente por que tal denominação lhe foi imposta. Os hespanhóes, aliás, tomaram tal termo dos francezes.

Já Dozy, porém, tivera percursores como Langlès, homem de pouca autoridade no dizer de Padberg. Affirma este do modo mais absoluto que café não se filia a raiz alguma da lingua arabe.

Commenta Padberg:

"Apesar da inexactidão a respeito da natureza inebriante da moka, merecem as palavras de *Dozy* toda a attenção devida a tão grande autoridade de seu annunciador. Quem se lembrar de tantas etymologias erradas dos antigos, por verosimeis que pareçam ás vezes, quem ponderar que principalmente o arabe, com sua pasmosa riqueza de raizes, se presta obediente ás tentativas de derivação, não pode deixar de ser prudentemente sceptico, como o eximio arabista neerlandez."

"Muita etymologia errada realmente se tem corrigido, mas é preciso não esquecer quanto as explicações de muita etymologia, hoje corrente, nascidas de pura gymnastica cerebral, pertencem ao campo das imaginações da phantasia. C. Ritter se oppõe tenazmente á filiação de *qhwa,* vinho procurado em remota origem e inventada pelos partidarios do café, como bebida, para a encarecer".

Houve a seu ver excesso na applicação de tal etymo quando se procurou explicar *qahwa,* café, como causando abstenção do somno, permittindo, a seus ingestores applicar as suas vigilias á piedade e meditação.

E cita a opinião de Rödiger, abonada por C. Ritter, que aponta a mesma raiz no hebraico e no aramaico: *qawa* ou *qayah* significa enjoar, vomitar.

Kasimirski aponta entre os significados de *qahwa*: leite azedo e saciedade.

E' esta a conclusão de Padberg:

"Após maduro exame, devemos, pois, confirmar essa etymologia, apesar de parecer declarada inadmissivel pelo sábio Dozy. No fundo, porém, considerando bem as suas palavras, elle nega só que tal etymologia (p. ex.: fazer abster-se do somno!) explique o nome dado ao "moka" ou *café,* termo que elle deriva expressamente de qahwa, vinho, nada dizendo sobre a origem deste vocabulo.

E' o que tambem nós julgamos ter demonstrado: o *café*

recebeu simplesmente, sem intervenção ou consciencia daquella raiz, o nome de *qahwa,* vinho; este vocabulo, porém, originou-se de certo do significado fundamental *enjoar.*"

Passa depois o erudito autor a indagar como se acclimou a palavra café nas diversas linguas europeas.

A principio vigoraram no Occidente as formas orientaes, pura e simplesmente, as modalidades arabe e turco *qahwa* e *Kahwe.*

Assim grapharam Rauwolf em Aleppo e em 1573: Chaube, Prospero Alpini entre 1580 e 1583, do Egypto *Chaova* ou *caova* (caoua).

A tal proposito corrige Padberg ao nosso tão conhecido e meritorio Peckolt, que affirma ter Alpini declarado provir café de *Kaowah,* palavra asiatica que quer dizer vinho. Nada diz a tal respeito o famoso medico e botanico veneziano, que tanto viajou pelo Egypto e o Oriente e mestre paduano de europea reputação.

CAPITULO XII

Continuação do exame das fontes por Padberg-Drenkpol. O depoimento curioso de Philippe S. Dufour

Recorrendo ás fontes sustenta Padberg que nem o veneziano emprega tal modismo nem pretende que elle signifique vinho.

"Aliás, annota o douto escriptor: está o primeiro capitulo da obra do illustre medico e chimico germanico, a quem tanto deve o Brasil, eivado de erros".

Era isso natural, dada a deficiencia de bibliographia de que podia dispor no Brasil e a pequena extensão da exegese do assumpto se confrontarmos o tempo em que elle escrevia e os nossos dias.

Honorio Belli, o grande erudito seiscentista italiano, medico e botanico, filho de Vicencia, celebre pelos trabalhos sobre a botanica da Ilha de Creta, cuja flora tanto estudou, e de modo notavelmente arguto, em suas *Epistolae aliquot de quibusdam plantis* escrevia do Egypto *Cave*.

Refere-se Padberg a outro depoimento muito menos illustre o de Alphonsus Pancius contemporaneo de Belli, que escreveu *Elkave* (*El Kave*). Um gato de imprensa fez com que surgisse um *El Karie,* publicado em 1687 por Nicolau de Blegny, imitador do patriarcha Dufour em seu *"Le bon usage du caffé et du chocolat"*.

A inveteração do erro se fez em diversos autores brasileiros. Recorda Padberg como tal se deu com Nicolau Joaquim Moreira e até Paulo Porto Alegre cuja autoridade, como cafeologo, tem muito maior valia do que a do tão esforçado e intelligente propagador primevo das coisas da agronomia no Brasil.

E' a repetição de caso occorrido não uma, mas milhares de vezes, e não só em portuguez como em todas as linguas cultas do Universo.

No Brasil, de prompto, nos occorre a reminiscencia da *Cariama,* nome scientifico e estrambotico da tão conhecida seriema. Provem de Linneu interpretando um erro typographico de Marcgraf, em que se esquecera a cedilha na maiuscula.

Em 1615, allega Padberg, escrevia de Constantinopla Pietro della Valle *Cahue, Cahe* (*kahve*).

Principiava então o famoso *Il Pellegrino* a sua grande viagem oriental, que tanto renome lhe angariaria. Começando pela capital ottomana, percorrera a Asia Menor, o Egypto e a Persia sobretudo.

Neste paiz o grande Shah Abbás o tratou com notavel amizade. Afinal foi ter á India. Voltaria á Italia com enorme reputação, bem menos merecida, porém, do que a de outro peregrino, muito mais nosso conhecido: Fernão Mendes Pinto.

Referindo depoimento de fonte muito mais celebre do que a de Della Valle, Samuel Purchas, affirma Padberg coisa que deve ser esclarecida "Pelo mesmo tempo notifica do Levante Samuel Purchas igualmente *Kahve*".

Quer nos parecer que Purchas jámais esteve no Oriente. Jámais, pelo menos, em suas noticias biographicas, encontrámos referencias a tal respeito. O que fez foi reunir quanta relação de viagem pôde, ajuntando a celeberrima collectanea intitulada: *Purchas his pilgrimageor relations of the world and the religions observed in all ages and places discovered from the Creation unto this present* (Londres, 1613).

E' sabido, por quem se interessa pela historia das descobertas, o que significa o nome de Hakluyt, o collecionador celeberrimo de relações de viagem que Purchas fez imprimir em 1625. Mas não nos consta que este celebre compilador haja jámais viajado no Levante.

Edurado Terry, capelão da embaixada de Jayme I ao Grão Mongol, em 1615, descreveu a enorme jornada em livro que passou por cheio de inverdades e tem hoje outro prestigio do que outróra, graças á comprobação dos testemunhos recentes. Falando do café, escreveu *Cahua*. Observa Padberg que até esta data jámais se vira o *f* ou o grupo *ph* na palavra café.

"Esta consoante (f) achei-a, pela primeira vez empregada, no tempo e paiz do chanceller inglez Francisco Bacon de Verulan, que morreu em 1626. Este conhecido escriptor fala de outiva numa planta *Caphe* de terra de turcos."

"Conhecido escriptor", para Bacon é impropriedade que não podemos perfilhar, entre parenthesis, e teria o simile em qualificativo como "distincto poeta", applicado a Camões ou a Milton, digamo-lo entre parenthesis.

Diz Padberg, citando Porto Alegre, que Robert Burton, na sua *Anatomia da Melancolia,* publicada em Oxford e em 1621, refere-se á bebida turca café.

"Pelo mesmo tempo, começa a outra particularidade euro-

péa na denominação do café, a substituição do *o* na primeira syllaba", annota o douto autor a quem vimos acompanhando.

Thomas Herbert, mencionando, mais tarde, o café, visto na Persia, em 1626, parece ser dos primeiros que escreveram em inglez *Coffe*. Disto ha documentos anteriores a 1626.

A esta asserção do erudito assistente do nosso Museu Nacional, oppõe-se um trecho de Virendranath Chattopádhyaya, eminente linguista hindú, no dizer de Ukers.

Lembrando que o grupo *hw* arabico, em *qahwah,* torna-se, ás vezes, *ff* e ás vezes apenas *f* ou *v,* na transplantação para as linguas européas, e discutindo opiniões do coronel Prideaux, affirma o douto indiano:

"O coronel Prideaux pode pôr em duvida que o digno marinheiro, inscrevendo o termo em seu jornal de bordo, haja sido influenciado pelos abstrusos principios phoneticos por mim annunciados. Mas admittirá que a transformação de *Kahwah* em *coffee* é transformação que deve ser levada á conta de operação oriunda de algum principio phonetico.

O homem de mediana cultura, quando procura graphar uma palavra exotica na propria lingua está *handicapped* (este termo de turf é por assim dizer, intraduzivel, mas significa prejudicado, como geralmente se sabe) consideravelmente pela capacidade phonetica atavica ou adquirida.

De facto, se tomarmos as citações de "Hobson-Jobson" e lhes classificarmos as varias fórmas do vocabulo *coffee,* conforme a nacionalidade do escriptor, obteremos resultados muito interessantes".

Assim, tomemos, para começar, os inglezes e os hollandezes. Nas *cartas* de Danvers (datadas de 1611) (tratar-se-á de Conde de Danby? lê-se *"coho-pots"* e *coffao-pots*.

Sir Thomaz Roe (o embaixador ao Grão Mongol de quem foi Terry o capellão) graphou *Cohu.* Sir T. Herbert (em 1638) escreve *coho* e *copha.* Evelyn, em 1637, *coffee.* Fryer (em 1673) *coho.* Orington (1690) *coffee* e Valentini (1726), *coffi.*

E', aliás, o proprio coronel Prideaux quem abona as citações de Jourdain, em 1609 (*cohoo*) e Revett, tambem em 1609, (*coffe*)...

Reforçando esta argumentação, recorda Ukers a contribuição de Foster em sua *English Factories in India* (1618-1621), (1619) *Cowhe, Conha* (1621); *Coffa* (1622-1623), (1628-1629); *Cowha* (1628).

O *coffee* dos inglezes com o *o* predominante assemelha-se ao *Koffie* dos bátavos, onde a mesma vogal se destaca.

Lembra Padberg que, já em 1637, mandava van Smiten amostras de *Koffeyi* de Amsterdam a Merseburgo e Leipzig.

Neste mesmo anno temos o depoimento de um dos mais famosos viajantes e orientalistas allemães antigos, Adão Oelschlaeger, latinisado para *Olearius*; como tanto era do sabor dos tempos, o autor do famoso globo celeste de Gottorp.

E' a autoridade de Olearius realmente singular. Além de grande escriptor da propria lingua, conhecia a fundo o russo, o persa e o arabe. Nos seis annos de peregrinação, de Moscou a Ispahan, mostrou-se observador sobremodo criterioso e narrador veridico. Tal a sua reputação. Levantou mappas e fez traducções fieis do arabe e do persa.

Escrevendo da Persia, graphou *Chawa* ou *Cahwa* (*cahwae, Kahwa*), recorda-o Padberg. O seu companheiro da embaixada do duque de Holstein aos soberanos orientaes, o jovem João Alberto de Mandelsloh, que, aliás, visitou muito mais terras do que elle proprio, indo ás Indias, a Ceylão e Madagascar, escreveu *Kahwe*.

É possivel que estes dois viajantes, com os seus relatos de viagem, muito espalhados na Allemanha e paizes de lingua germanica, hajam contribuido para estabelecer, no allemão, a predominancia do *a* na palavra *Kaffee* sob a sua forma definitiva.

Foram, aliás, ambos estes relatos traduzidos, dentro em pouco, depois de impressos para o francez, por Abrahão de Wicquefort, o celebrado diplomata hollandez, que tanto viveu em França e ahi teve aventuras muito penosas, de longo encarceramento, devido a accusações de indiscreção e espionagem, quer em França, quer na propria patria.

Outro viajante allemão, João Sigismundo Wurffbain, soldado aventureiro da Companhia das Indias Orientaes, homem de vasta intelligencia e notaveis aptidões commerciaes, escreveu em seus *Serviços de J. S. Wurffbain nas Indias Orientaes, durante quatorze annos* e em sua *Viagem ás Indias Orientaes*. (Nuremberg, 1646), preciosos depoimentos sobre o commercio hollandez no extremo oriente.

Em 1642, graphava *Cauwa*.

Sabem todos a avidez com que os leitores germanicos procuravam inteirar-se de taes relações de viagem aos paizes exoticos. A estas insinuações do nome do café com a dominante da primeira vogal, deve-se certamente e muito a definitiva consagração de *Kaffee*.

Affirma Padberg que o viajante francez Du Loir, em 1654, escrevendo do Levante, graphou *Cahué*. Segundo o diccionario de Larousse, deve-se, aliás, graphar Duloir.

De João de Thévenot se affirma ser o primeiro a introduzir o café em França, seu paiz natal.

Foi dos mais famosos viajantes francezes antigos e para o seu tempo, realizou enormes itinerarios em paizes exoticos, pois, percorreu a Asia Menor, o Egypto, a Syria, a India, a Persia e, afinal, a Armenia, onde morreu estafado pelo cansaço, aos 34 annos de idade, apenas. Era muito versado nas linguas turca, persa e arabe. Escreveu de Levante *Cahué* (*Kavé*), lembra Padberg.

Poderia o douto autor, comtudo, examinar fontes francezas mias antigas do que estas, como Pyrard de Lavral, o celebrado viajante de principios do seculo XVII que tambem pertence á nossa xenobibliographia, graças a estada que em 1610, fez na Bahia, acerca da qual escreveu tão curiosas paginas.

Pyrard, que tanto conheceu a India portugueza e o Oriente, tem o mais alto significado, para nós outros, pois lhe cabe a prioridade das revelações estrangeiras sobre os aspectos da organização da sociedade luso-brasileira. Graphou *Cahoa*, di-lo Ukers.

Escrevendo sobre a introducção da palavra café na lingua franceza, opina Jardin, autor contemporaneo, a quem Ukers bastante cita: em relação á etymologia do vocabulo, os eruditos divergem e, provavelmente, jámais entrarão em accordo. Nada mais plausivel, aliás. Não é de hoje nem de hontem o famoso brocardo do *grammatici certant*:

"Dufour, em seus famosos *Traitez nouveaux curieux du café, du thé et du chocolate* (sic), adopta o etymo *caouhe* a seguir os conselhos de Cavalleiro d'Arvieux (Lourenço) (1635-1702), consul francez em Alepo.

O trecho desse autor classico da bibliographia do café merece ser transcripto. Nelle se insere precioso informe, que se reporta ás numerosas graphias, corrente em França e na Europa e em fins do seculo XVII, relativas ao nome café.

Em 1685, referia-se Dufour á recentissima apparição da bebida em França, havia vinte e cinco annos apenas.

"Quasi incrivel" achava que ainda não estivesse esclarecido o caso do seu verdadeiro nome, quando, desde algum tempo, já se ingeria a infusão da fava de Moka. Os autores que de tal assumpto se heviam occupado, tanto divergiam a proposito da questão linguistica como sobre as qualidades da nova bebida.

"Quelques uns disent qu'avant d'être mis en poudre on doit l'appeler en Latin (sic) *Bunchum* et en François *Bon* qu'ils prononcent *Bun*. Les autres luy donnent divers noms,

após qu'il á été pulverisé et servent indifferement de ceux de *café, cophé, cavé, cavet, cahué, caveah, chaube, choana, chaona* ou *cahueh*".

A' vista destas diversas modalidades, resolvera consultar uma autoridade de peso. E esta fôra o cavalleiro d'Arvieux, consul dos francezes em Alepo, e personagem que, desde muito, vivia na Syria onde se notabilizára pela solicitude em prol da libertação dos escravizados pelos corsarios barbarescos. Devia, portanto, conhecer bem o arabe. Homem de atilado espirito e singular consciencia, a seu turno consultára diversos eruditos e viajantes da Arabia, além de medicos levantinos.

E esclarecido pela opinião destes diversos doutos, assim respondera ao consulente:

"Le nom de la fêve dont vous me parlez, dans la langue du pais d'ou nous le tirons est *Cahoueh*, parce que les arabes n'ont pas d'U consonne comme les autres nations.

Les Turcs et les autres Orientaux prononcent *Cahuéh*. C'est á mon avis la prononciation qui peut le mieux s'accorder á la Françoise sans trop aspirer les HH.

Le mot de *Cahveh* vient de *Cohuet*, qui signifie force et vigueur et on appelle ainsi cette féve, parce que son effet le plus ordinaire est de fortifier et de corroborer."

Depois de reproduzir as palavras do Consul, declara Dufour que, embora devesse, á vista de taes ponderações, servir-se do nome de *cahueh* em seu tratado, via-se levado a empregar a palavra café já definitivamente estabilizada na lingua franceza.

Savary (Nicolau?) autor des *Lettres sur l'Egypte* (?) compartilha da opinião de d'Arvieux. E assim tambem Trévoux em seu diccionario. A grande autoridade do mais celebre talvez dos viajantes francezes do Oriente, J. B. Tavernier, combate tal modo de ver.

D'Alembert, na *Encyclopedia*, graphou caffé como fazem os italianos. Declara Jardin ser incontestavel que a palavra franceza *café* provém do arabe, seja qual for a sua origem *Kahua, Kahoueh, Kaffa* ou *Kahwa*. Em todas predomina o *a*- "os povos que adoptaram a bebida todos elles modificaram o vocabulo arabico, de accordo com as tendencias prosodicas proprias".

Observa Padberg que, desde os meiados do seculo XVII, vêm-se estabilizadas as diversas fórmas do vocabulo café nos varios idiomas europeus.

"Estes dividem-se, segundo as differentes linguas da Europa, em tres grupos. O *primeiro* é o que melhor conservou a fórma arabe-turca: *kawa* em polaco e tcheco, e *hávé*, na lingua

dos hungaros, que receberam o nome e a coisa directamente dos turcos, invasores da Hungria.

As outras linguas européas, tomando por base tambem o turco, *hahwe,* introduziram no meio da palavra um *f* propriamente indevido, sem duvida consequencia de pronuncia inexacta e não da opinião, suposta mais tarde, de se derivar aquelle nome de *Kaffa* na Abyssinia.

O *segundo* grupo abrange as fórmas que antes do f conservaram o *a* original: *café* em francez, hespanhol, portuguez; *caffé;* em italiano; Kaffee, em allemão e *Kaffe* em dinamarquez-noruego e sueco.

O *terceiro* grupo afasta--se ainda mais do archétypo, alterando o *a* da primeira syllaba para *o*: *coffee,* em inglez, *Koffie,* em hollandez e *cophe,* em russo (e néo grego?)."

Curioso é que nas linguas latinas haja a predominancia do *a* (*café,* em portuguez, francez, hespanhol; *caffé,* em italiano; *cafea,* em rumeno) quando o nome latino da planta vem a ser *coffea.* Mas é que esta denomição composta foi inventada por Linneu.

Explica-o Padberg:

"Como *fórma latinizada* já vimos a palavra medieval *câhua,* que é certamente a adaptação mais fiel. Em 1666 editou F. Petersen em Frankfurt uma dissertação, defendida na universidade de Giessen "*De potu Coffi*", suppondo pois a forma *Coffus* ou *Coffum.*

No principio do seculo XVIII escreveu Guillaume Massieu um poema latino com o titulo *Caffaeum.* No anno de 1730, sahiu em Halle outra dissertação "*De Caffeae potus usu noxio*" por Alb. Michel (ou J. N. Grimmann?) dando *Caffea.* Pouco depois, creou Linneu, o fundador da nomenclatura scientifica, o nome *Coffea,* encostando-se, sem duvida, á forma *koffie* usada na Hollanda, paiz que teve tanta importancia na formação desse sábio e na propagação do café.

Curioso porém que esta influencia batava sobre Linneu não se haja reflectido nas linguas escandinavas quando o commercio dos generos coloniaes é feito nas terras septentrionaes da Europa pelos hollandezes.

"Não houve a influencia do *Koffie* bátavo na formação do *Kaffe* dinamarquez e sueco, talvez por suggestão allemã".

Parece-nos, aliás, que se os escandinavos grapham Kaffee, pronunciam a palavra como se fosse *Kóffe,* em prosodia portugueza, o que mostra a influencia da origem neerlandeza influenciadora de Linneu.

Divergindo do illustre botanico brasileiro, expende Padberg, cuja autoridade de humanista tanto acatamento merece:

"É excusado dizer que erra Freire Allemão no seu aliás valioso estudo sobre o café, julgando ser *"cóffea"* derivado do grego *cofeo,* eu me calo.

Este verbo raro e postclassico significa antes *ensurdecer, atardoar,* e não tem relação nenhuma com *coffea,* já pelo *ó* longo na primeira syllaba, o qual teria excluido *ff.*

Nem se justifica em nada que o mesmo Freire Allemão "apadrinhado com Loudon, "botanico escossez, prefira" sempre *coffoea* mais accommodado ao arabe".

Ainda quando esta razão não se baseasse em manifesto engano, já não ha mudar uma fórma consagrada definitivamente no mundo das sciencias. Por isso peca tambem Calligaris latinizando, ainda em 1864, *cafaeus liquor.*

De bom ou mau grado, temos que ficar agora em *coffea,* e seus derivados *coffeacea, coffeina* (preferivel a *cafeina*) etc., a não querermos ser refractarios á concordia scientifica internacional...

Ha ahi a objectar, porém, que estes termos scientificos *cafeina, cafeona, cafeico, cafeol, etc.,* provêm de nomes impostos pelos chimicos que isolaram os diversos compostos assim chamados e, portanto, reflectem a nacionalidade de seus descobridores. Assim se deu com Runge para a cafeina Boutron Fremy, para a cafeona, etc.

CAPITULO XIII

Propagação do café na Inglaterra. As primeiras referencias britannicas á infusão arabica. A prioridade discutida de Pasqua Rosée. Adversarios encarniçados e defensores extrenuos do café

Traçando-se a historia de propagação européa do café cabe á Inglaterra a primazia da attenção por ter sido a primeira região Occidental, "onde se bebeu café em casas publicas, mesmo muito antes dos ensaios feitos me Marselha e outros pontos da França, quando ahi se tentou introduzil-a", observa P. Porto Alegre com exacção.

Valendo-nos sobretudo do esplendido material reunido por Ukers vamos ver como em terras britannicas se aclimou a infusão da fava arabica.

Nas vizinhanças de 1628 Sir Thomas Herbert (1606-1681), escriptor e viajante, resumia de suas observações entre os persas:

"Bebem sobretudo *coho* ou *Copha* que os turcos e arabes chamam *Caphe* ou *Cahua.* E' bebida que lembra as aguas do lago estygio, preta, espessa e amarga. Procede do ramalhudo *Bunn* como as cerejas do loureiro. Pretendem, sobretudo, que tal beberagem remove a melancolia. Mas não é pelas suas vantagens que a apregôam como por causa de um romance inventado e forgicado por Gabriel afim de recompor a perdida receita de Mahomet, homem de coração bem formado".

De Sir Henry Blount (1602-1682) se diz porém que foi o verdadeiro pai dos cafés inglezes.

Indo ao Levante, em navio veneziano e em 1634, teve o ensejo de beber *cauphe* em presença do padischá Amurat IV. E, mais tarde, no Egypto, fôra novamente servido de tal beberagem.

"Descrevendo como se tomava café na Turquia, declara: Usam elles de outra bebida, que não é boa de se tomar durante a comida, chamada *Cauphe,* feita com uma cereja do tamanho de uma ervilha pequena que seccam ao forno, reduzem a

pó, côr de fuligem, levemente amargo ao paladar, cozinham e bebem tão quente quanto lhes é possivel supportal-o.

É boa para qualquer hora do dia, mas especialmente pela manhã e á tarde, quando para a tomarem se reunem, por duas ou tres horas, nas casas de *cauphe* que, em toda a Turquia, são mais abundantes do que entre nós as estalagens".

Para Ukers parece fóra de duvida que embora haja o café sido notificado ao publico britannico, desde o primeiro quartel do seculo XVII, pela voz de numerosos viajantes e mercadores, que traficavam com o Levante, o primeiro depoimento acceitavel da persistencia de seu consumo na Grã Bretanha parece datar de 1637.

Provém do *Diary and correspondance of John Evelyn Notes of* 1637", onde se lê: "Appareceu então em meu tempo, no Collegio de Balliol, Oxford, um tal Nathaniel Conopios, refugiado da Grecia, e emissario de Cyrillo, Patriarcha de Constantinopla. Voltando muitos annos mais tarde foi nomeado bispo de Smyrna, como ouvi dizer.

Foi o primeiro que vi beber café, costume que só se introduziu na Inglaterra trinta annos mais tarde".

Affirma Ukers que Evelyn se enganou; devia dizer treze e não trinta porque em 1650 abriu-se o primeiro café inglez.

Este Conopios era um candiota, pertencente á igreja grega, em que chegou á categoria de "primore", de Cyrillo, patriarcha de Constantinopla. Quando este foi estrangulado, por ordem de um Grão Vizir, refugiou-se na Inglaterra afim de salvaguardar a pelle. Trouxe credenciaes para o famoso Arcebispo Laud, que lhe concedeu uma incorporação ao Balliol College da Universidade de Orford.

Anthony Wood em suas *Athenae oxonienses*... (1692) escreveu: "Notou-se que emquanto elle (Conopios) esteve no Balliol College preparava uma bebida para proprio uso, chamada *Coffey,* que habitualmente ingeria todas as manhãs, tendo sido o primeiro (como de tal me infomam os veteranos do Collegio) que jamais a bebeu em Oxon (Oxford).

Cabe a John Parkinson (1567-1650) botanico e herborisador inglez, a primazia da primeira descripção do cafeeiro em lingua ingleza.

Publicando em 1640 o seu *Theatrum botanicum* nelle apparece o capitulo *Arbor Bon cum sua Buna* ou bebida de cereja dos turcos.

Eis o seu texto, raro e de difficil consulta, o que levou Ukers a transcrevel-o: Alpino, em seu livro sobre as plantas egypcias, dá-nos a descripção desta arvore que assim como con-

ta, viu no jardim de um capitão de janisaros. Fôra trazida da Arabia Feliz e aqui plantada como raridade, nunca tendo, antes de tal, sido vista a crescer em outros logares.

Esta arvore, refere ainda Alpinus, é bastante parecida com o *Evonymus* (*Pricketimber tree*) a cujas folhas são mais espessas, mais asperas e mais verdes e sempre verdes sobre a arvore.

"A fructa chamam *Buna* e ella é um pouco maior do que a avelã, mais comprida, assim como mais redonda, aguçada numa extremidade e sulcada em ambos os lados, embora de um lado mais accentuadamente do que do outro, podendo, assim, ser facilmente bipartida. De cada lado fica um grão pequeno, comprido e branco, chato do lado em que se encostam, coberto de pelicula amarellada, de gosto acidulado, algum tanto amargo e encerrado em delgada capsula acinzentado-escura".

"Com estas cerejas geralmente no Egypto, Arabia e outras regiões dos dominios turcos, prepara-se um decocto ou bebida que faz vezes do vinho e é geralmente vendida nas tascas daquella gente. Chamam-lhe *Caova*. Paludanus diz *Chaova e* Rauwolfius *Chauve*.

"A bebida tem muito boas qualidades physicas. Dizem que fortifica os estomagos fracos, ajuda a digestão, resolve os tumores e obstrucções do figado e baço, quando bebida ao almoço, durante algum tempo".

Que magnifica panaceia descobrira o erudito John Parkinson! Conta-nos que, em 1650, um judeu libanez, por alguns autores chamado Jacob, e por outros Jobson, segundo Disraeli, em suas *Curiosities of litterature* (1798) abriu, na parochia de São Pedro, no bairro oriental de Oxford, a mais antiga casa de café da Inglaterra. "E alli era o café bebido por aquelles que apreciam as novidades".

Neste café tambem se vendia chocolate.

As autoridades divergem, affirma Ukers, mas póde ser que a causa de sua não concordancia provenha do facto de que existiram dous Jacobs, que começaram em 1650 e um terceiro Cirques Jobson, judeu jacobita, que se estabeleceu em 1654.

Recolhe Porto Alegre a versão de que um destes Jacob se estabelecera primeiro em Oxford passando-se depois para perto de Londres, em Holborn, onde, em 1671, ainda existia.

Entre os estudantes da Universidade encontrou a nova bebida a maior aceitação. Tão consideravel que, já em 1655, um club de jovens universitarios aconselhou a um tal Arthur Tillyard, "boticario e monarchista" a vender *"coffey publickly in his house against All Soules College"*.

Parece que o outro club, composto de admiradores do joven pretendente Carlos, reunia-se na propria casa de Tillyard e assim continuara tal habito até depois da Restauração de 1660.

Este *Oxford Coffee Club* foi o ponto de partida da Royal Society. Mudou-se Jacob, bem mais tarde, para Londres, fixando-se em Old Southampton Building. Alli ainda estava em 1671.

Citando o depoimento de um poeta, Walter, diz Ed Jardin que a grande propagadora do café na Inglaterra foi a infanta Catharina de Bragança, rainha da Inglaterra, pelo seu casamento em 1662 com Carlos II. Ukers de tal nada fala. Parece-nos completamente falsa esta versão pelo simples facto de que nessa época era o café totalmente desconhecido em Portugal, patria da rainha.

Na capital ingleza, o primeiro café publico foi, segundo perece, aberto por um tal Pasqua Rosée. Como tudo neste mundo se contesta, até a proposito das mais insignificantes coisas, cita Ukers uma versão diversa a respeito da prioridade de Pasqua Rosée.

Fox Bourne, em seu *The romance of tralle*, affirma quc o primeiro dono de café londrino foi certo Sir Nicolas Crispe, negociante do Oriente, que comsigo trouxera jovem grega, perita preparadora do café. Mas é voz isolada contra a legião dos defensores de Rosée que, segundo parece, desappareceu de Londres para abrir outros cafés no continente, na Hollanda ou Allemanha.

Ha quem tambem affirme dever-se o estabelccimento de um café publico ao grande propagandista da rubiacea Sir Harry Blount. Armuncheres logo tambem apparece como dono de café, e isto desde 1660.

O primeiro café londrino, segundo o antiquario John Aubray, em 1697, foi aberto em Newman Court Cornhill, na alameda de S. Miguel, mantido por um tal Bowman, cochciro de um Sr. Hodges, antigo negociante na Turquia. Datava de 1652.

Mas outra versão, a do bibliographo William Oldys, fallecido em 1761, affirma que certo Danile Edwards, negociante londrino, viajante da Turquia e negociante em Smyrna, onde contrahira o babito de tomar café, trouxera para a Inglaterra, da Russia, jovem grego, ou armenio, chamado Pasqua Rosée, que lhe preparava a bebida.

Parece que Hodge era genro de Edwards, que o tal Bowman e Pasqua Rosée foram socios, e depois brigaram.

A este cocheiro chama Porto Alegre, Kitt, affirmando que

depois se estabeleceu por conta propria, á porta do cemiterio de S. Miguel.

Em todo o caso, ha um documento positivo a favor de Pas qua Rosée, collecionado no British Museum, o annuncio que elle espalhou na capital ingleza, gabando as virtudes do café e o libello interessantissimo que transcrevemos, como um dos mais notaveis documentos da historia primeira do café.

VIRTUDES DA BEBIDA CAFE'

"Pela primeira vez, publicamente preparada e vendida na Inglaterra por Pasqua Rosée. O grão da cereja chamada *coffee,* cresce sobre arbustos e sómente nos desertos da Arabia.

De lá é trazido e geralmente bebido, por toda a parte em todos os dominios do Grão Senhor.

E' coisa simples e innocente, apresentada sob a fórma de bebida, depois de ter sido o grão secco num forno, reduzido a pó e fervido com agua da fonte, preparando-se assim cerca de meia *pinta* (0[1],1568) que deve ser bebida, passada uma hora de jejum, não se devendo comer uma hora depois. E' para ser tomado, o mais quente possivel, quanto se possa supportar, o que nunca fará esfolar a pelle da bocca nem causar empolas em virtudes do calor.

Os turcos bebem-n'o a cada momento, no meio e fóra das comidas. Para elles é a agua usual e sua dieta consiste sobretudo em fructas cuja crueza é muito corrigida por esta bebida.

Sua qualidade é ser fria e secca, embora possa ser seccativa. Não aquece nem inflamma mais do que o *posset* (leite com aguardente). Fecha o orificio do estomago, augmenta-lhe o calor, e assim é muito util á bôa digestão e de muito bôa pratica, se se a tomar ás 3 e 4 horas da tarde, como pela manhã.

Aviventa os espiritos e torna o coração alegre.

E' bôa contra as molestias dos olhos. Melhor ainda se mantiverdes a cabeça sobre ella e receberdes o seu vapor.

E' insupcravel para supprimir os vapores. E dest'arte bôa contra as enxaquecas. Tambem detem a fluxão dos humores crassos que da cabeça distilam para o estomago e assim atalha a phtysica e a tosse dos pulmões.

E' excellente para prevenir e curar a hydropisia, a gotta e o escorbuto. E' sabido da experiencia ser melhor do que qualquer outra bebida secca (não alcoolica) para gente idosa ou creanças que tenham humores andantes sobre si como sejam as alporcas.

E' muito bôa para impedir abortos.

E' excellentissimo remedio contra o tédio, accessos de hypocondria ou coisa semelhante. Combate a somnolencia e torna os individuos espertos para o commercio, se tiverem de fazer vigilia. Comtudo, não deveis bebel-a após a ceia, a menos que não desejeis ficar vigilante, porque vos removerá o somno por umas tres ou quatro horas. Observou-se que na Turquia, onde é habitualmente tomada, ninguem soffre de calculos, gotta, hydropisia e escorbuto, c que alli as pelles são inegualavelmente limpas e brancas.

Não é laxativa nem ardstringente. Feita e vendida em Saint Michaels, Alley em Cornhill por Pasqua Rosée, sob a sua propria rubrica."

Panegyrico mais completo será impossivel imaginar-se.

Consta, diz Porto Alegre, que os primeiros cafés, o de Pasqua e o do cocheiro, deram magnificos proventos, o que provocou, logo, a abertura de casas similares em differentes pontos.

"Os inglezes começaram a gostar da nova bebida; o conforto e gozo que encontravam nesse genero de estabelecimento, sem duvida preferiveis ás antigas tabernas ou botequins, onde só se vendia cerveja e bebidas espirituosas, contribuiu muito para que elles fossem em breve frequentados pelas melhores classes da sociedade".

"Contrapondo-se aos enthusiastas e panegyristas do café surgiram eruditos inglezes, abeberados em autores arabes, prevenindo os seus leitores dos perigos do café, gerador da melancolia, causador de enxaquecas e notavel emmagrecimento".

Uma destas autoridades de antanho, Poccok, de nome aliás celebrado, declarava, em 1659, comtudo, que beberia café "para adquirir vivacidade e combater a indolencia".

Fosse elle tomado com doces, oleo de pistacio e manteiga!

Havia quem o bebesse com leite, mas muito mal inspiradamente, porque semelhante pratica predispunha á lepra (sic!).

Outro reparador observava que os maus effeitos causados pelo café e identicos aos do chá cessavam com a interrupção da pratica da bebida.

Já em 1657, corria um jornaleco, ou folicula, fazendo propaganda do café um *The publick adviser,* nome que Ukers rectificou, pois os demais historiographos da rubiacea haviam escripto *Publick advertiser.* Facto interessante, os primeiros preconicios do chocolate, na Inglaterra, datam de 1657, igualmente no mesmo *Publick adviser.* Tambem neste anno occorreram as primeiras vendas publicas de chá.

E o café começou a ser preconisado como genero pharmaceutico. Cita Ukers um electuario, ou *Electuary of Caphy,* da-

tado de 1657, em que seu inventor, Walter Rumsey, incorporou ao seu *Organon salutis,* recommendando uma mistura de manteiga, azeite de salada, mel e pó "of Turkish cophie".

Este Rumsey attribuia ao café virtudes panaceicas: assim, recommendava um certo *wash-brew* composto de aveia, pó de café, cerveja ou vinho, mel, assucar e gengibre.

Coisa curiosa: havia então bastante quem tomasse café com mostarda, e quasi ninguem que o bebesse com leite! E mais curioso ainda, raros havia que o ingerissem, adoçado pelo assucar!

A campanha pró e contra o café foi na Inglaterra activa, desde os primeiros dias. Assim como continua a existir, e continuará, pelos seculos a fóra. Affirmavam os moderados, é mais saudavel do que grato ao paladar.

Uma legião de acclamadores se contrapôz a outra de detractores. Droga de magico poder contra a embriaguez, magnifica como saneadora do ambiente, deodorisadora. Terrivel adversario do equilibrio cardiaco, gritavam os contrarios. Seu abuso levava os imprudentes até á paralysia!

Tomado razoavelmente, bradava um enthusiasta, esclarece maravilhosamente, illumina as faculdades espirituaes e dispersa qualquer nuvem de qualquer funcção.

Mas o *in medio virtus* fazia-se ouvir tambem. Assim, o Dr. James Ducan declarava, em 1706, que o café, tanto tinha de panacéa quanto de venenoso, e o illustre George Cheyne proclamava a sua completa neutralidade na questão.

Em 1660 apparecem-n'os o café, o chá e o chocolate mencionados na legislação fiscal britannica, como "bebidas estrangeiras".

Marcou-se uma taxa de quatro pence por gallão fabricado (4,453) ou seja um penny por pouco mais de litro.

Os preços de 1662, citados por Ukers, mostram quanto era o genero caro. De 4s a 6s 8d. por libra de peso, treze shilings por kilo em medidas de hoje.

Uma libra esterlina só permittia a acquisição de kilo e meio de pó.

Verdadeira exorbitancia, sobretudo, se avaliarmos as differenças do poder acquisitivo da moeda, então e hoje. Havia porém, cafés muito mais baratos, como a *Turkie berry,* que valia menos de metade deste preço enorme, e a *East India berry,* que se vendia pela quarta parte.

O chocolate era mais barato, 2s. 6d. por libra de peso.

A qualidade perfumosa attingia, porém, preços muito diversos, entre 4 e 10 shillings. Diz Ukers que houve vendas de

café, altissimas, na Inglaterra. Nada menos de cinco guineus, por libra de peso, e até mesmo quarenta corôas, ou sejam 48 dollars!

Em 1663, dos cafés publicos exigiu-se imposto; doze pences por licença e ameaça de multa de 5 libras, por cada mez de violação da lei. Foram os cafés postos sob a fiscalização real.

O primeiro cafesista que obteve o privilegio de se intitular fornecedor da Casa Real veio a ser certo Alexandre Man "coffee man", de Sua Magestade Carlos II.

Á vista do augmento de impostos tambem subiu o preço dos generos.

Começou o café liquido a ser cobrado, á razão de dois pence por tigelada e o chá a pence e meio. Qualquer bebida alcoolica valia dois pences por porção.

No retalho, o café attingiu a cinco shillings por libra de peso; já então o chá lhe levava enorme superioridade, cotando-se a 20, e mesmo a 28 libras esterlinas por libra de peso!

Assignala Ukers, com a maior propriedade, que á historia da evolução humana se prende a do café, de modo absolutamente notavel. Coube aos cafés publicos importancia social immensa, sobretudo como ambiente propicio aos anseios da liberdade.

Assim, na Inglaterra, dos annos agitadissimos de Carlos II, em que se marchava para a conquista definitiva das liberdades publicas asseguradas pelo triumpho da revolução de 1689, tornaram-se os cafés locaes de troca de ideias e discussão de principios politicos, absolutamente notaveis.

"Coffee and common weather came in together for a Reformation to make a free and sober nation", dizia, em 1665, um pamphletario. E é interessante a leitura do *The character of a coffee house,* editado neste mesmo anno, como espelho do ambiente dos cafés.

Alli se reuniam homens de opiniões as mais diversas e a liberdade de palavra era conhecida em local onde os homens discutiam livremente.

Em que outro logar succedia coisa igual?

Assim, eram os cafés os pontos de reunião dos debatedores inglezes.

Sob este ponto de vista os cafés de Londres precederam os de Paris, tão notaveis tambem por occasião da grande effervescencia, antes e durante a grande Revolução.

Um destes cafés, chamado o "Rota", alcançou real celebridade no tempo de CarlosII. Era verdadeiro club republica-

no, de propaganda activa, e centro de debates animadissimo. Parece que delle fez parte o immortal autor do *Paraiso perdido.*

A principio, nos cafés publicos inglezes, só se servia realmente a infusão arabica. Não tardou que lá tambem fornecessem chocolate, chá, sherbert. Eram locaes em que persistia o facies das casas de temperança e anti-alcoolicas.

Após o formidavel incendio londrino de 1666, e a reconstrucção da capital ingleza numerosissimos cafés foram reabertos. Alguns até com dois andares. E' assaz avultada a iconographia, seiscentista e setecentista, destes estabelecimentos. Della nos dá Ukers preciosos specimens em que além do aspecto dos fregueses e dos garçons, se vê como era o apparelhamento de taes casas.

Curioso é lembrar que entre os diversos preconceitos outr'ora levantados, um ha que se refere ao papel do café como causador da impotencia, conta-nos Ukers.

Oppõe-se a esta babozeira uma tradição persa que justamente affirma o contrario. O Anjo Gabriel exactamente offerecera ao Propheta café para lhe normalisar o metabolismo claudicante!

Na literatura turca e na arabe occorrem a miude suggestões de que o uso do café traz a anphrodisia e a infecundidade, ideias que a medicina-moderna repelle.

"Agora sabemos quanto o café estimula o instincto racial para quem o tabaco age como sedativo".

Coisa interessante vem a ser a collecção de discos, de metal e de osso, que como moeda corriam dentro destes estabelecimentos. Delles Ukers nos dá, tambem, a reproducção de uma serie de specimens realmente curiosos, segundo as collecções do Britsh Museum e do Guidhall Museum.

Multiplicou-se esta moeda de tal modo que provocou a intervenção real. Assim, em 1764, appareceu um alvará regio prohibindo expressamente toda e qualquer circulação de taes arremedos de dinheiro.

Não tardou, porém, que nascesse, contra os cafés, formidavel opposição, muito menos dos medicos do que daquelles que vendiam bebidas alcoolicas e vinham vendo os negocios periclitar ou pelo menos diminuir notavelmente.

Desde a Restauração dos Stuarts, em 1660, vemos apparecer as provas dessa luta movida contra os postos de consummo do café. Um dos mais velhos conta-nos Ukers, foi *The coffee Scuffle,* datado de 1662.

Trata-se de um *Dialogo entre um homem instruido e um*

pedagogo digno de commiseração "em que se ridicularisa um grupo de puritanos bebedores de café".

Em 1663 sahiu o poemeto, ou coisa que valha, satyrico: *A cup of coffee, or coffee in its colour,* versalhada muito toleirona, que chama aos inglezes macacos. Adverte ainda que se a coisa fôr questão de moda poder-se-á ver a gente britannica comer até aranhas!

Entre outros pamphletos gaba Ukers *The character of a coffee house by an Eye and Ear Witness,* pamphleto em dez paginas, que provou como excellente meio de propaganda do café. Acha-o tão bem feito, e com tamanha cor local, que lhe transcreve as dez paginas.

Assim tambem entende de outro opusculo, *News from the Coffee House,* datado de 1672. Estes livrecos são preciosos porque illustram as scenas de costumes ao tempo dos Stuarts, descrevendo, com pormenores e vivacidade, as scenas que se passavam nos cafés. Nestas condições se cita *Rules and order of coffee house,* que data de 1674.

Havendo Robert Morton publicado, em 1670, o seu *Lines appended to the Nature, Quality and Most Excellente Vertues of Coffee,* foi rebatido em versalhada pelo anonymo da *A Broadside Against coffee or the Mariage of the Turk,* que passou então por muito engraçado e obteve grande divulgação.

O principal argumento deste ignoto autor é que a bebida fôra posta em moda por Pasqua Rosée, socio de um cocheiro!

Francamente, não comprehendemos onde esteja a graça de tal semsaboria.

Mas emfim os gostos variam, de anno para anno, e é possivel que as nossas mais finas pilherias de hoje, sejam dentro de um seculo, até incomprehensiveis aos nossos successores.

A questão é de ambiente e época.

A tal satyra do casamento do turco assim termina:

"Uma pequena tigela e uma grande casa de café."

Que vem a ser senão uma montanha e um camondongo?

Mens humana novitatis avidissima!

A campanha de descredito e de ridiculo movida ao café não deixou, dentro em breve, de ter consequencias positivas. Muita gente chegou a convencer-se de que a infusão constituia beberagem muito e muito nociva a que os seus adversarios chamavam *minny broth* e *Turkey gonal.*

Em 1674 surgiu um requesitorio em favor do café: *Breve descripção das virtudes excelsas dessa bebida sóbria e saudavel chamada café.*

Entrariam dentro em breve em scena outros adversarios da

infusão arabica, que não eram nem os medicos nem os vendedores de bebidas alcoolicas. Vinham a ser rigoristas, os puritanos, sombrios e fanatisados, provenientes daquellas convulsões terriveis politico-religiosas que haviam querido dar um facies biblico á Inglaterra da Grande Revolução e de Cromwell.

A intervenção destes energumenos, toleirões como todos os energumenos, provocaria um dos episodios mais ridiculos dos fastos não só inglezes como dos da Europa Occidental e da Humanidade.

Em nome da moral publica e privada, revelaram estes sujeitos aos amadores do café os perigos a que se expunham com a fatal paixão pela beberagem dos infieis.

Queixavam-se de que iam os homens abandonando o lar "cujos prazeres pacificos e puros começavam a desprezar", frequentando de preferencia logares de perdição, onde não se sabia o que era peior, si o fumo do tabaco, ou a conversa grosseira dos freguezes de taes antros. Alli arruinavam, além da bolsa, a saude physica e espiritual, empregando o tempo em conspiratas contra a segurança publica como até contra a propria familia.

Dividiram-se os sexos em dois campos extremados e appareceu a curiosissima *Petição das mulheres contra o café apresentando á publica consideração os grandes inconvenientes relativos ao seu sexo do uso excessivo deste licôr, não alcoolico e debilitante.*

As signatarias desta petição impagavel, que Ukers deveria ter transcripto na integra, allegavam que o uso da teriaga "tornava os homens tão estereis quanto os desertos onde se dizia ser adquirida e desastrada cereja".

Além do gravissimo perigo que ameaçava a natalidade ingleza com este terrivel anti-conceptivo fazendo antever a extincção da nobre nação britannica, allegavam ainda as dignas damas que os maridos a quem se commettiam encargos domesticos perdiam tempo e dinheiro, pelo caminho, detendo-se a bebericar uma ou mais chicaras pelos cafés!

Transcreve Porto Alegre um trecho desta petição gaiata.

"Ella gasta a força viril dos homens e torna-os tão aridos como as areias da Arabia, de onde dizem que veio esse grão maldito; se preseverarem nesse gosto funesto, os descendentes dos nossos robustos antepassados serão dentro em breve, nada mais do que verdadeira raça de pygmeus".

Como vemos era tudo isto o echo longinquo da historia, inventada ou não, de Olearius.

Não tardou a replica vigorosa no mesmo anno, por parte

dos sustentadores masculinos da bebida arabica: *A resposta dos homens á petição das mulheres contra o café, desaggravando o seu licor da inacreditavel aspersão ultimamente sobre elle lançada em seu escandaloso pamphleto.*

Foi impressa por um tal Paulo Grenwood e vendida "á loja do moinho do café e do rolo de fumo, em Cloath fair, perto de West Smithfield, que vende o melhor café da Arabia em pó, e chocolate em bolas e roll segundo a moda hespanhola".

Defendendo a sua bebida preferida dizia o reivindicador altissonantemente:

Quando o suave veneno da perdida uva
Provocara no Globo geral dominação
Afogando-nos a razão e a alma
Quando a brumosa cerveja
Assediava-nos o cerebro
Então os ceus, com o fito de nos curarem
Mandaram-nos compassivos,
Para nos tornar sóbrios e alegres,
Este rico cordeal que é o café arabico, etc., etc.

Entre os antagonistas do café alguns havia a quem não fallecia certo merito litterario, observa Paulo Porto Alegre.

Um dos mais interessantes pamphletos então editados vem a ser a *A cup of coffee or coffee in its colours* (1663) obra de vehementissimo energumeno. Delle transcreve Porto Alegre curioso trecho:

"Que infamia para homens e christãos, quererem ser turcos á força, e lisongear-se oh! consumados macacos inglezes! de justificar o vosso crime dizendo que dos Turcos só quereis a sua bebida!..

Si algum de vossos dignos avós pudesse ressuscitar, e apparecesse no seio de vossa companhia, quando vos achaes reunidos e allumiados por tantas luzes, e ver como vos deleitaes com essa bebida incandescente e semelhante á onda do Phlegetão, julgaria encontrar em vós uma sociedade nocturna de conspiradores, occupados em confirmar o seu juramento, tragando taças do mais negro sangue...

Não, não sois poetas, não gostaes da poesia, nem tão pouco do vinho das Canarias... Si os nossos grandes poetas resuscitassem, Ben Johnson, esse valoroso, genio, Beaumont e Fletcher, esses irmãos illustres, não achariam mais aqui uma gotta da fonte de Castalia; nada mais encontrariam daquelle di-

vino orvalho de Helico que se evapora todo em perfumes no ar sereno.

"Não! terieis para offerecer-lhes, em vez do succo sagrado do vinho mais do que uma bebida repugnante e sem nome, um xarope de fuligem e quintessencia de sapatos velhos, que é hoje a companheira diaria de um montão de jornais semsaborões".

Outro libello curioso é *"A broad side against coffee* a que nos referimos: "Uma banda de artilharia sobre o café".

Referindo-se aos frequentadores de cafés, verdadeira canalha! escrevia o anonymo autor de semelhante repositorio de sandices: "...Elles ahi se acham todos misturados, em uma confusão abominavel, puros e impuros reunidos como os animaes da Arca de Noé! Oh! que credito enorme goza esta bebida, que não ha gentilhomem que della não faça as suas delicias!

Exito extraordinario, o que fez adquirir tão depressa a um anão as proporções de um gigante!... E' natural! não se póde ir com a moda, sinão afastando-se da natureza..."

Não se deixaram intimidar, comtudo, os defensores do café. Em 1675 appareceu vehemente libello caffeiphilico: *As casas de café desagravadas* assim como a *The Ale Wives'complaint against the coffee houses*, dialogo entre uma bebedora de cerveja e um bebedor de café.

Pensa Porto Alegre que o berreiro dos inimigos da infusão arabica hajam causado certo damno á sua divulgação, favorecendo a do chá que, justamente, começava a entrar na Inglaterra.

Continuavam os paladinos do café a sua campanha de defensiva. Cita o conspicuo autor brasileiro as seguintes muito significativas palavras de Howel:

"Deve-se ao café certos habitos de sobriedade muito louvaveis, que prevaleceram em todas as outras nações. Dantes, os aprendizes de officios, os caixeiros e outros, costumavam almoçar, tomando cerveja, ou vinho, e estes liquidos espirituosos os tornavam muitas vezes incapazes de trabalhar o dia todo, mas hoje com esta bebida innocente e estimulante podem regalar-se e até abusar quanto queiram sem que por isso deixem de cumprir as obrigações quotidianas".

CAPITULO XIV

Multiplicação dos cafés londrinos. A perseguição policial a elles movida pelo governo de Carlos II. Papel notabilissimo assumido pelos cafés como ambiente revolucionario sob os dois ultimos Stuarts

Em 1670 crescera por tal fórma o numero de cafés publicos em Londres, que já se contavam por duzias nos mais pequenos quarteirões da cidade.

Dufour relatava, em 1671, que lhe asseguravam existirem na capital britannica para mais de 3.000 casas, cifra exagerada provavelmente.

Mas, já em 1666, pensava o governo de Carlos II em desfechar forte golpe contra os cafés. O seu fito era sobretudo perseguir os frequentadores destas casas sediciosas, "seminarios da rebellião".

Em 1672 pedia o Stuart, reposto no throno do pae decapitado, a opinião, por escripto, de altos magistrados a respcito do caso dos cafés onde se reunia muita gente pouco temente a Sua Magestade e aos seus officiaes.

Escrevendo sobre este caso, entende Disraeli que tudo isto foi feito sem o necessario respeito á constituição britannica.

Demorou algum tempo, nada menos de tres annos, a decisão positiva, final, deste grave caso. Só a 23 de dezembro de 1675 é que o Rei fez baixar a famosa prociamação mandando supprimir os cafés.

Mas os motivos allegados eram sobretudo os de ordem policial. Affirmava o Rei que, em taes estabelecimentos, se abandava enorme quantidade de ociosos, ajuntamento o mais pernicioso. E tambem que alli se reuniam muitos negociantes e outra gente do commercio a perder enorme tempo em conversas inuteis, esquecidos de obrigações e deveres.

Depois disto vinha o *punctum dolens* verdadeiro motivo do rescripto regio: "tambem em taes casas correm falsos, maliciosos e escandalosos dicterios que se espalham por fóra diffamando o governo de Sua Magestade, produzindo assim a quebra da paz e perturbando o soccego da moarchia".

"Where the conduct of the King and the ministry was canvassed with great freedom", escreve Hume citado por Jardin:

Prohibia-se, portanto, a partir de 10 de janeiro de 1676, a abertura dos cafés publicos, assim como a venda, nestes estabelecimentos, do grão arabico, do chá e do chocolate. E tudo isto sob graves multas.

Foi formidavel a gritaria contra tal alvará. Gregos e troianos contra elle protestaram num clamor immenso. E de tal intensidade que o fraco Stuart achou melhor, já a 8 de janeiro, lançar segundo rescripto, dilatando o prazo para o fechamento dos cafés.

Isto apenas era mero pretexto, afim de se salvar o prestigio regio arranhado. Sua Graciosa Magestade, movido pela compaixão magestatica e as considerações principaes, dilatava o prazo até 24 de junho de 1676.

Naturalmente o que se queria era apenas dar tempo ao tempo. Escoado o prazo, jamais se cogitou de o renovar.

Vinha-se, porém, processando perante a opinião publica britannica aquelle movimento insopitavel de reacção religiosa e constitucional que não tardaria em dar com os Stuart por terra.

"Parece, observa P. Porto Alegre com o maior criterio, que aos altivos burguezes londrinos pouco incommodou o serem considerados pelo governo de Carlos II como bons ou maus cidadãos; o que desejavam era que se não attentasse com certo rigor contra o pleno exercicio de sua liberdade, e nisso tinham toda a razão, porque discutiam francamente os negocios do Estado, como o devem fazer os homens livres.

Manifestou-se, portanto, uma certa opposição, e o governo procurou justificar com desculpas mal cabidas, as medidas que havia tomado. Não sendo, porém, as excusas acceitas pela maioria, começou o descontentamento publico a manifestar-se de dia para dia com mais intensidade e por tal forma, que, receiando-se dentro de poucos mezes alguma explosão mais seria, tratou-se de revogar a interdicção e todos os locaes foram novamente reabertos.

Esta nova licença foi, porém, ainda concedida só com certas restricções, ficando aquelles estabelecimentos sujeitos a uma severa inspecção, e sendo nelles prohibida a leitura de jornaes, livros ou pamphletos sediciosos, bem como os discursos ou discussões que se referissem directamente ás autoridades publicas.

Estes obstaculos tornaram quasi impossivel aos proprietarios de cafés a continuação desse negocio, para elles antes tão lucrativos.

Começaram, pois, por serem indulgentes para com os infractores daquellas prohibições, e pouco a pouco estabeleceu-se certa tolerancia, até que afinal não se fallou mais em restricções policiaes."

Commentando estes factos, disse Anderson: "Não se sabe bem o que mais se possa arguir a estas duas proclamações, se se maior culpa ou se maior fraqueza".

E Robinson, judiciosamente, expende: "Feriu-se e ganhou-se uma batalha, em prol da liberdade da palavra, naquelle tempo em que os Parlamentos eram irregulares e quando a liberdade de imprensa ainda não existia".

Para mostrar quanto os cafés representavam importantissimo papel no scenario politico inglez seiscentista, lembra Ukers uma citação de 1677, época de enorme exacerbação de animos, num trecho de vida britannica em que se vinha processando a reacção anti-stuartista que devia encerrar-se com a revolução de 1688. E evocada pelos nomes celebres de *Test, Cabal,* etc.

Naquella éra de intensissima agitação politica, causada pelo governo pessimo do sybarita e devasso Carlos II, e pelo de seu irmão, o sombrio, arrogante e irreductivel Jayme II, encarnação da negatividade politica, embora sempre coherente comsigo mesmo e austero, foram os cafés de Londres como que o *forum* onde se debateram os grandes problemas nacionaes.

Em tom arroubado lembra Ukers que assumiram ares de sanctuarios da liberdade.

"Naquelle periodo critico da historia ingleza, quando o povo, cansado do desgoverno dos ultimos Stuarts, buscava, ardentemente, um forum onde as graves questões do momento pudessem ser discutidas, o café publico tornou-se um sanctuario. Alli se debateu e decidiu-se, para o maior bem dos inglezes de todas as éras, materia politica de capital importancia.

E como muitas destas questões alli houvessem sido perfeitamente ventiladas não houve mais necessidade de maior debate mais tarde.

A grande pugna em prol da liberdade politica da Inglaterra travou-se, pois, e foi ganha no recinto dos cafés.

"Dez annos depois do edicto, e pouco antes da revolução de 1688, nunca frequentou o publico tanto os cafés. O povo tinha-os até appelidado: *Universidade a vintem,* não só porque o café se vendia ahi por uma bagatella, mas, tambem, porque se dizia que nesses lugares se adquiria, sem grande esforço, instrucção mui variada", commenta Porto Alegre.

Quando, após o ruir do throno do obstinadissimo Jayme II, voltou a paz, os negociantes de café reclamaram contra o au-

gmento de impostos lançados sobre o genero e, em 1692, o governo de Guilherme III e de Maria diminuiu tal taxação de cincoenta por cento.

Apesar de tudo ,a lucta prejudicara a bebida da fava arabica, annota Porto Alegre, que della faz decorrer o inicio do grande exito do chá na *Old England.*

Extranhavel lapso de memoria commetteu o distincto autor brasileiro attribuindo a Cromwell a perseguição de Carlos II, e que o levou a grave anachronismo.

Conclue Ukers o seu longuissimo capitulo sobre as *casas de café da velha Londres* com a abonação de varias citações notaveis de grande mestre da literatura ingleza referentes á vida nos cafés dos tempos da agonia dos Stuarts. Entre outros, um quadro brilhante, devido a um dos maiores nomes das letras britannicas, o grande Thomaz Babington Macaulay, cujo quadro: *um café em* 1618 é traçado com o vigor habitual ás paginas do mestre autor dos *Essays.*

Traduziu Porto Alegre este trecho brilhante:

"A facilidade que achava o publico em poder emprazar-se em qualquer sitio da cidade, e passar agradavelmente a noite em companhia de amigos sem que com isso dependesse muito dinheiro, foi a causa principal que contribuiu para a grande voga dos cafés publicos.

Não havia ninguem pertencente á classe media ou á alta sociedade, que não fosse todos os dias ao seu café, para ahi saber das novidades do dia, e discutil-as com os seus conhecidos. Cada café tinha um ou mais oradores, cuja eloquencia era admirada pela multidão. Dentro em pouco se tornaram no Estado esse quarto poder, que na época presente, é representado, segundo se diz, pelos jornalistas...

Desde 1675 esses logares não cessaram de multiplicar-se e de adquirir importancia cada dia mais consideravel. Os estrangeiros notavam que Londres distinguia-se de todas as outras cidades, principalmente por seus bellos cafés.

Cada habitante fazia de um café como que sua habitação particular, e que, quando se queria procurar alguem, não se perguntava si morava em Fleet-Street ou Chancery-lane, mas sim, si frequentava o *Café Grego* ou o do *Arco-Iris.*

A ninguem era prohibida a entrada nesses locaes, comtanto que estivesse munido de seus dois vintens para pagar a sua chicara; todavia, cada um delles tinha o seu publico especial que o frequentava, compostos de pessoas pertencentes á mesma categoria, á mesma profissão, ou partilhando os mesmos sentimentos politicos e religiosos.

Existiam os cafés do parque St. James onde se reuniam os peralvilhos, cujas cabeças empoadas cobertas por espessas cabelleiras negras ou louras eram iguaes ás que hoje trazem o Chanceller e o presidente da Camara dos Communs. A cabelleira vinha de Paris, assim como todos os demais adornos do gentil-homem...

Respirava-se ahi um ar similhante ao de uma loja de perfumarias. O fumo era proscripto, salvo sob a forma de muito aromatico rapé. Si por acaso algum estouvado, ignorante dos usos e costumes da casa, pedia um cachimbo, a mofa dos circumstantes e as respostas equivocas dos creados davam-lhe logo a entender que o melhor partido a tomar era retirar-se.

Pouco tambem se abalava com isso, porque dahi a poucos passos encontrava logo outro café onde entrava. o qual como quasi todos, se achava tambem infectado de espessa fumaça, como a que se sente dentro de um corpo de guarda, a ponto tal que, os estrangeiros se admiravam de ver tanta gente decente desertar do domicilio para mergulhar em atmosphera tão densa e pouco aromatica.

Em nenhum outro, porém, se fumava tanto quanto no café Will. Este celebre estabelecimento, situado entre Covent-Garden e Bow-Street, era como que um templo literario. Ahi se tratava de conveniencias poeticas, e das summidades do tempo e da terra. Entre os frequentadores habituaes havia o partido de Perrault e dos modernos, e o de Boileau e dos antigos.

Aqui em um grupo, discutia-se si não fôra melhor que o *Paraiso Perdido* tivesse sido escripto em versos rimados, em vez de o ser em versos soltos, alli num outro um trovador invejoso pretendia demonstrar que a *Veneza Libertada* de Otteway deveria ter sido apupada pelo publico quando levada á scena. Em nenhum outro café se encontrava sociedade mais varia; condes condecorados com a cruz e a jarreteira; ecclesiasticos de sotaina; estudantes de direito de Londres; caloiros das universidades de Cambridge e Oxford; famintos ás ordens de livreiros; traductores e fabricantes de indices, vestidos de trapos sem pello nem cor...

Havia cafés onde os primeiros medicos da capital davam consultas. O dr. John Ratcliffe, que em 1685 tinha a maior clientela de Londres, vinha todos os dias á hora da bolsa, de sua casa em Bow-Street, rua então das mais aristocraticas, para o café de Garraway, onde sentado a uma mesa reservada, estava sempre rodeado de cirurgiões e boticarios.

Outros só eram frequentados por puritanos; ahi se não articulava a menor praga; cidadãos de compridos cabellos lisos,

discutiam em tom fanhoso acerca dos eleitos e dos reprobos da justiça divina; cafés de judeus, onde gostavam de reunir-se de volta de Veneza ou Amsterdão, cambistas de olhar sombrio; e finalmente cafés de papistas, nos quaes, segundo affirmavam zelosos protestantes, os jesuitas, tomando a sua chicara de café, tramavam o novo incendio de Londres, e fundiam balas de prata para matar o rei...

Depois da revolução de 1688, operou-se uma mudança consideravel nos costumes; entre outras consequencias publicas que dahi resultaram, a diminuição na frequencia dos cafés foi uma dellas, todavia muito menor durante o seculo XVIII que no fim do precedente. Parece que outróra eram os inglezes muito mais sociaveis que não affectam sel-o hoje, pelo menos gostavam mais de reunir-se e divertir-se em lugares abertos a todo o mundo, como por exemplo nos cafés.

A maior parte destes estabelecimentos tinha, é verdade, sua clientela particular, escolhida dentre esta ou aquella classe social; mas depois julgou-se mais conveniente segregar-se do resto da sociedade e tomar cada qual a sua chavena de café em sua propria casa, ou então sequestrar-se no seio dessas sociedades particulares a que hoje chamam clubs, onde só se admittem pessoas de respeitabilidade incontestavel".

CAPITULO XV

Os primeiros cafés londrinos. Causas da restricção do consumo do café na Grã-Bretanha

Consagra William H. Ukers longo capitudo de seu *All about coffee* ao historico dos velhos cafés londrinos, perto de quarenta paginas de grande formato em duas columnas, profusamente illustradas. Devem ter-lhe dado notavel trabalho a compor.

De sua leitura fica-nos a inilludivel impressão de quanto teve de se esforçar por conseguir a condensação desta massa de informes dentro de moldes assaz restrictos. E com respeito pelo labor profundo e erudito e o esforço notavel da pesquisa documental saudamos o monographista que o realizou.

Enceta Ukers tal estudo lembrando esta phrase de Disraeli: " a historia dos cafés, muito anteriores á invenção dos clubs é a dos costumes da moral e da politica de um povo".

Grande numero de paginas, consagra depois ao anecdotario das velhas casas de café de Londres, historias referentes a homens celebres como o grande lexicographo Samuel Johnson (1709-1784), David Garrick, o notabilissimo actor, etc. Mas como estes casos escapam e de longe ao nosso escopo não os recordaremos.

"Por todo o final do seculo XVII, e grande parte da centuria seguinte, prosperaram os cafés londrinos, instituições de temperança a se contrapor ao ambiente desagradavel e deprimente das tabernas alcoolicas".

Havia ali muito barulho, muita algazarra mesmo, muito tumulto mas nunca ultrajes á decencia. E como os preços se alteiassem de um penny a dois pence, por tigelada, e o consummo crescesse enormemente, viram-se os cafés forçados a preparar a bebida em grande escala em potes de oito e mesmo dez galões (quarenta e poucos litros).

A National Review affirma que, em 1715, havia em Londres dois mil cafés mas já Dufour, em 1683, garantia que elles eram 3.000, o que Ukers acha exagerado.

Rapidamente conquistaram os cafés publicos toda a Grã

Bretanha adoptando o typo do estabelecimento londrino de que dá Ukers pittoresca gravura de Moll's Coffee House em Exeter, uma das cidades de arte da Inglaterra. E' agora frequentemente occupado para exposições artisticas e tem bella tradição. Basta lembrar que alli se reuniam, para fumar, os mais velhos fumantes da Inglaterra: os companheiros de Sir Walter Raleigh! o homem do El Dorado.

Desde os primeiros tempos do consummo começaram as falsificações do café ou foram lançados diversos succedaneos da bebida arabica.

Refere Ukers os nomes de varias dessas beberagens entre outras, uma, de 1719, cujo triumpho rapido impressionou o publico: o *saloop,* feita com sassafraz e assucar e motivada pela alta excessivo do café. Basta dizer que então chegou o grão a 7 shillings por libra, quinze por kilo moderno! Tal a importancia da industria dos cafés que a classe destes botiquineiros chegou a tornar-se arrogantissima, pretendendo a sua corporação, em 1729, nada menos do que um monopolio jornalistico, com a publicação de sua projectada *Gazeta dos Cafés.*

Tão esdruxula proposta causou geral irrisão, é inutil querer lembral-o.

Assim como em França, varios nomes immortaes se prendem indissoluvelmente á historia do café, conta a bebida arabica entre os seus adoradores inglezes, appellidos do mais alto relevo, e desde o seculo XVII.

Um dos nomes mais illustres da physiologia de todos os tempos, o de um precursor immortal, é certamente o de William Harvey, o descobridor da circulação sanguinea, como nenhum homem medianamente culto póde ignorar.

Consta que, muito antes de haver cafés publicos em Londres, era elle grande bebedor de café. Isto já antes de 1652.

Diz John Aubrey, em suas *Lives of eminent men* (1813): "Tinha por habito tomar café, assim como seu irmão Eliah, antes que os cafés estivessem em moda em Londres".

Já em 1701 Houghton falava do "famoso inventor (sic!) da circulação sanguinea, o Dr. Harvey, de quem, dizem alguns, fazia do café uso frequente".

E como haja o imortal physiologista fallecido aos 79 annos, foi o primeiro exemplo vivo de que o café não é de todo o apregoado adversario da longevidade, como mais tarde Fontenelle comprovaria de modo mais estrondoso ainda, pois morreu centenario, com 85 annos de uso intenso do licor.

Samuel Peppys (1633-1703), através do seu diario celebre, traçou precioso retrato dos costumes do seu tempo. Gran-

de gastronomo, nelle não se refere ao café senão raramente quando descreve, pormenorizada e largamente, os cardapios com que se banqueteou, prova de quanto era a bebida ainda pouco usada na Ingleterra de seu tempo.

Entre os grandes propagandistas inglezes do café no seculo XVIII, occorrem alguns nomes dos mais celebres da literatura universal, assim, por exemplo, o immortal autor de *Gulliver,* Jonathan Swift (1667-1745), o poeta inesquecivel de tanta obra perfeita, Alexandre Pope (1688-1744), o grande dramaturgo e nobre moralista Addison (1672-1719), o illustre philosopho e orador whig, escossez James Mac Intosh (1675-1832).

Tão fanatico do café era este homem de estado, refutador das accusações de Burke á Revolução Franceza, nas famosas *Vindictae Gallicanae,* que costumava affirmar: "a capacidade intellectual de um pensador afere-se pela quantidade de café que toma".

E, facto curioso, seu condiscipulo Robert Hall (1764-1831), celebrado orador sacro, o mesmo dizia do chá. Neste terreno, eram os dois grandes amigos irreconcilliaveis.

Entre os maiores apologistas de bebida do Extremo Oriente, nesse tempo, citam-se os notaveis hellenistas e archeologos Parson e Parr, Samuel Johnson, o famoso critico philologo o orador (1709-1784) que, em seu celebre club, a que frequentavam muitos homens eminentes, fazia calorosa propaganda do chá.

Swift deixou-nos, em diversas obras, numerosas referencias ao gosto pelo café. Em sua correspondencia são estas citações contínuas, sobretudo nas numerosas cartas escriptas a Esther (Vanessa) Vanhomrigh.

Ainda por volta de 1785, notavel medico e membro prestigioso do College of Physicians o Dr. Benjamin Moseley, lembra Ukers, recommendava o uso intenso do café, associando tal ideia a um significado erroneo da palavra, em arabe a saber: força.

Podia ser o licor arabico um succedaneo barato dessas bebidas enervantes tão correntes na Inglaterra, como o chá, e outras, que produzem o habito pernicioso da bebericagem.

Lembra Ukers, ainda, entre os mais velhos botanicos inglezes: John Ray (1628-1704), que passa por ter, em sua *Universal History of Plants,* sido o primeiro a exaltar as virtudes do café num tratado scientifico, sabendo-se que R. Bradley, professor em Cambridge, publicou, em 1714, uma monographia

intitulada *A short historical account of coffee,* de que não ha mais vestigios.

Mais feliz foi o Dr. James Douglas que, em Londres e em 1727, publicou uma *Arbour Yemensis fructum cofe ferens or a description and history of the coffe tree* compilação de autores francezes e arabes, aliás. Entre os supersticiosos e desde data por assim dizer immemorial, nasceu um processo divinatorio, por meio do exame do café.

Mais uma mancia a se ajuntar a essa série illimitada de processos designados por tal desinencia da chiromancia e da necromancia, á cartomancia, a rhabdomancia, á hydromancia e quejandas babozeiras de que se não liberta a pobre Humanidade, crédula e engodavel.

Na Inglaterra de principios do seculo XVIII encontramos écos de tal bruxedo.

Refere Ukers que, em antiga revista ingleza, datada de 1731, ocorre um processo divinatorio por meio do pó de café nadando numa chicara!

E assim descreve a tal revista os processos da *cafemancia* em que opera a *cafemante,* sentada entre uma viuva e umas raparigas novas.

Assegurava a bruxa, exploradora da boa fé alheia, que, no fundo da chicara se retraçava a mais fiel indicação do futuro, expressa com a mais exacta clareza.

Reproduz Ukers interessante annuncio relativo á chegada, em Dublin, de certa *cafémante* vidente, uma tal Mrs. Cherry "unica e famosa especialista realmente versada na sciencia occulta da agitação do pó de café".

Já estivera na capital irlandeza e para maior satisfação de sua clientela de consultantes sobretudo femininos estava novamente á disposição dos seus fieis.

O preço da consulta mostrava-se espantosamente modico: uma onça de pó de café por cliente (cerca de 29 grammas).

Nada nos diz Ukers sobre a procedencia da tal Mrs. Cherry, cujo ministerio, a nosso ver, representa a demonstração da influencia da magia oriental no mundo occidental, pois o processo de adivinhar o futuro pelo exame do café é antiquissimo no Oriente.

Em S. Paulo de nossos dias appareceu uma turca, não syria, que o praticava angariando com os seus bruxedos rendosos proventos da clientela de toleirões e curiosos.

Commentando a singular reviravolta da gente ingleza, o abandono do café, tão auspiciosamente propagado na Gra-Bretanha, pelo chá, escreveu Porto Alegre em 1878:

"Durante o seculo XVIII, emquanto os cafés publicos viam diminuir dia a dia a voga que tiveram relativamente ao seculo precedente, a infusão do café, considerada debaixo do ponto de vista alimenticio, cahiu em uma especie de marasmo entre a população londrina; o café e o chá foram introduzidos quasi na mesma época em Inglaterra; no principio obteve aquelle a preferencia, mas foi sendo gradualmente supplantado por este, por ter sido considerado, que o é ainda, como o mais apropriado ao temperamento do povo inglez, essencialmente sanguineo.

Exceptuando a França, na Belgica, na Suissa, e em outras regiões da Allemanha, o café com leite occupa um logar proeminente na alimentação habitual das classes laboriosas emquanto na Inglaterra não succede o mesmo: ahi o trabalhador sustenta-se principalmente de carne de excellente qualidade, e o chá que toma com ella é por elle apreciado por causa de suas propriedades estimulantes, dando pouco apreço ao café puro ou misturado ao leite, cujas qualidades nutrientes só podem ser muito mais uteis áquelles que não têm uma alimentação tão substancial como a delles".

Ia porém augmentando gradualmente o uso do café com leite no Reino Unido e suas colonias.

Reportando-se a esta decadencia do café entre a gente britannica, commenta Padberg:

Sem darmos valor á primeira razão (pois não prima de certo o Britanno pelo temperamento sanguineo, nem vemos grande affinidade entre este e o chá!), não se deve desprezar de todo a segunda, apreciando-se alguns *sandwiches* geralmente mais com chá do que com café.

Julgamos porém que naquella mudança influiu muito tambem a rivalidade mercantil; das duas grandes Companhias das Indias Orientaes predominou cedo a ingleza no commercio do chá e a hollandeza no do café.

Nada mais natural que a Inglaterra nessas condições importasse gradualmente mais chá, acostumando-se o povo cada vez mais a elle, juntamente com a Russia, que recebia o chá da China, desde meados do seculo XVII, por via terrestre, ligou-se depois a Grã-Bretanha, ás "terras do chá", quer dizer, essencialmente consumidoras de chá que abrangem, além desses dois paizes europeus, a grande massa da Asia, sem sua parte mahometana a sudoeste.

Exceptuando ainda a Hespanha onde prevaleceu o uso do cacáo, o resto da Europa adheriu ao café, formando com os paizes do Oriente as "terras do café".

Confirma Ukers este modo de ver dizendo que a Companhia

ingleza "estava muito mais interessada no chá do que no café" quintuplicando a importação de chá para Inglaterra, desde os principios até os meados do seculo XVIII.

No entanto tão importante fôra á entrada do seculo XVIII, do commercio cafeeiro, que o governo pensara em estimulal-o, de todos os modos em suas colonias. Já em 1730 se iniciara a plantação de cafesaes, na Jamaica. E com tamanho lucro que, dois annos mais tarde, o Parlamento diminuira, notavelmente, as taxas de importação sobre os cafés daquella procedencia.

"Parece que os francezes da Martinica, Hispaniola (Haiti) e da Ilha Bourbon, perto de Madagascar, tiveram certo alarma com a apparição do novo producto inglez nos mercados, assim como os hollandezes de Surinam, embora ninguem, até então, houvesse encontrado café igual ao da Arabia, de onde procedia o cafesal do resto do mundo".

Escrevia isto Adam Anderson, como que visando irritar os rivaes do commercio inglez por meio de louvores relativos.

Commenta Ukers:

"O café de Java leaderava então os mercados e as sementes do Bourbon-Santos se multiplicavam rapidamente no Brasil. E' a affirmativa falsa, por muito antecipada. Que era, em 1787, o cafesal do Brasil? Praticamente zero. Não haveria exportação quiçá de cem mil kilos annuaes. E o café do Bourbon entre nós muitissimo posterior ao creoulo, só entraria em scena com vigor nas lavouras brasileiras, na segunda metade do seculo XIX.

Assim, depois de tão brilhante estréa no ambiente commercial inglez, soffreria o café, ainda no seculo XVIII, enorme e inexplicavel recuo. Ter-se-iam modificado os gostos do publico inglez ao ponto de provocar tão notavel reviravolta?

Explica Ukers este caso por meio da actuação energica da *British East India Company*, a poderosissima organização politico-militar-commercial que é a mais celebre de todas as emprezas do genero, nos annaes do Universo.

Sentido escapar-lhe o commercio do grão arabico, graças á concurrencia franceza e hollandeza, encetou a Companhia das Indias Orientaes enorme propaganda em prol do chá. Tão intensa, e tão bem conduzida, que alcançou resultados esplendidos.

Assim, se entre 1700 e 1710 a entrada das folhas do *thea sinensis*, nos portos inglezes, fôra de 800.000 libras, já em 1721, só neste anno nada menos de 1.000.000 de libras entrava.

Em 1757 subia a importação a 4 milhões de libras! Estava ganha a partida.

E quando, afinal, o café succumbiu, encontrava-se o chá

francamente incorporado aos costumes britannicos, a ponto de se tornar a bebida nacional do povo inglez.

Pensa Ukers que outro feitio de evolução dos costumes veio aggravar a situação do café: "a tendencia para o club e a aristocratização dahi decorrente, o café publico começou a retrogradar passando, dentro em pouco, ao nivel da taberna.

E, assim, o setecentismo inglez, que vira os cafés no apogeu do seu brilho, tambem ainda presenciou o seu declinio e ruina.

CAPITULO XVI

A propaganda do café em terras do Imperio Germanico e escandinavos. Perseguição a elle movida pelo Grande Frederico

Para a historia da propagação do café em terras germanicas entende Padberg que Ukers é por vezes inexacto. Guia muito mais seguro vem a ser Hartwich-Paulo Porto Alegre.

Cabe á Allemanha uma honra singular: ter feito sahir dos seus prelos a primeira referencia á bebida da infusão arabica. E' a de Rauwolf, em 1582, na sua famosa viagem a Aleppo.

Já nos referimos aos depoimentos de Olearius em 1637 e de João Alberto von Mandelsloh em 1637.

Pensa Ukers que, pelos annos de 1670, é que se começou a beber café no Imperio. Mas contra esta opinião invoca Padberg, e com carradas de razão, as duas cartas de van Smiten, em que se fala da introducção do café em Leipzig e Merseburgo, já em 1657.

Na côrte dos Eleitores de Brandenburgo tal habito data, ao que parece, de 1675. Reinava então o famoso Gross-Kurfurst Frederico Guilherme de Hohenzollern que, com tanto enthusiasmo, recebeu os francezes reformados e expatriados graças á revogação do edito de Nantes. Grande protector do commercio, das sciencias e das artes, cheio de curiosidade pelas coisas exoticas, é provavel que o *Grande Eleitor* apreciasse e favorecesse o uso do café.

Mas, allega Padberg, que em terras germanicas, nesta época, devia o licor oriental ser conhecido nas casas ricas ou nas boticas. Já em 1666 em Frankfurt se imprimia a dissertação de Petersen *De potu coffi.*

No Norte da Allemanha entrava o genero pela via de Hamburgo e influencia de Londres. Na cidade hanseatica abriu um mercador londrino o primeiro café publico em 1679 ou 1680. O immediato, escreve Padberg, data de 1687.

O segundo café do Imperio Germanico, no dizer de Ukers, surgiu em 1689, em Ratisbonna. Padberg emenda esta data para 1686, anno em que tambem se abriram cafés em Nurem-

berg e Praga. A seguir vieram Leipzig, em 1694, Nuremberg, em 1696 (Ukers), Augsburgo em 1713 e Berlim só em 1721. Aponta Padberg outros elementos para esta resenha, Dantzig e Wittenberg (1700), Stuttgart (1713).

Conta o erudito escriptor que, ainda hoje, na grande cidade dos livros, quc é Leipzig, vê-se o velho predio do primeiro café publico, o da Fleischergasse, em cuja taboleta se inscreve: *Casa do cafeeiro arabico.* Por cima da verga da porta, esculpido em pedra, vê-se um turco deitado á sombra de um cafeeiro e recebendo, das mãos de um menino, a chicara de café.

Escreve Paulo Porto Alegre: "A sua taboleta em pedra esculpida, foi outróra ricamente dourada, presente que lhe fizera o eleitor da Saxonia, Frederico Augusto, como lembrança, e em signal de reconhecimento, pelo prazer que teve quando ahi bebeu café, pela primeira vez, em sua vida.

Plantaram-se, tambem, como objecto curioso, pés de cafeeiro nas estufas de Leipzig. Importados de Amsterdão, um de seus exemplares deu em 1723 fructos muitos bonitos".

Em 1721, Frederico Guilherme I, segundo rei da Prussia, seguindo os exemplos de seu avô, o Grande Eleitor, concedeu a um estrangeiro o privilegio de mantcr um café na sua capital, isento de impostos.

Tinha o nome de Café Inglez e devia proceder do de Hamburgo. Não sabemos, porém, se o Rei Sargento, pessoalmente, se interessava pela bebida. Provavelmente sim, pois dahi talvez decorresse o gosto do filho, o grande Frederico, um dos maiores bebedores de café do seculo XVIII.

Durante muitos annos o abastecimento do café da Allemanha septentrional fez-se por via do commercio hollandez. Na Allemanha do Sul as procedencias eram italianas.

Multiplicaram-se os cafés berlinenses e abriu-se um até frequentado sobretudo por judeus, o de *Spandauer strasse.* Sob o reinado do Grande Frederico havia pelo menos em Berlim uma duzia de cafés. Nos suburbios da capital prussiana vendia-se a bebida em barracas ambulantes.

Já em 1707 apparecera em Leipzig um periodico sobre o café. Editou-o um italiano chamado Theophilo Giorgi e era um órgão reclamista do commercio. Parece que Giorgi pretendia estabelecer, na grande cidade capital intellectual da Saxonia, um café literario no genero dos de Veneza.

Intitulava-se *a nova e curiosa casa de café, outróra na Italia e agora na Allemanha.*

Neste jornaleco havia chronicas indiscretas sobre as pas-

sadas dos elegantes e pedantes que frequentavam certa *Tusculum,* casa de um ricaço nos suburbios da cidade.

E' interessante o que Ukers refere desta folicula. O tal Giorgi fazia praça de um nacionalismo que não era o seu, demonstração evidente de metequismo. Assim escrevia:

"Eu sei que a gente de boa roda fala francez, italiano e outras linguas. Sei tambem que em muitas reuniões para chá e café tem-se como obrigatorio o emprego do francez. E ser-me-ia permittido pedir aos que me procuram que não empreguem outra lingua que não o allemão? Somos todos allemães, estamos na Allemanha, porque não nos conduziremos como legitimos allemães?"

Em 1721 Leonardo Meissner publicava, em Nüremberg, o primeiro trabalho realmente extenso sobre o café, chá e chocolate, escripto em lingua aluemã.

Na segunda metade do seculo XVIII o café conquistou os lares germanicos supplantando a sôpa de farinha e a cerveja quente ao almoço.

A' introducção do café tambem assignalaram, em terras allemãs, medidas de resistencia. Acompanhava a opinião publica as discussões travadas em França, sobretudo na classe medica, acerca da valia ou desvalia da infusão arabica.

Grande numero de folhetos e opusculos discutiram a questão da sua innocuidade ou nocividade.

Nestas condições se acham os palanfrorios de Camerarius (E) *Usum et abusum potum Thee et Coffe* (Tübingen, 1694) Braeninger *De potus caffé usu et abusu* (Erfurt 1725) o *Tratado do café e condemnação do seu uso,* obra de Francisco Ernesto Bruchman (Brunswick, 1727) Grimann *Depotus coffe usu noxico* (1730) S. P. Hilscher *De abusu potus caffee in sexus equiori* (Iena 1727) Meissner *De caffe anacrisis medico-historico diaetatica* (Nüremberg) etc. etc. E' a lista enorme na bibliographia de Ukers.

E nesta litteratura se encontram opiniões as mais estapafurdias. "Conta-se que entre outros, adduz Porto Alegre, Frederico Hoffmann, um dos mais illustres dentre os medicos desse tempo, fallecido em 1742, e a quem se devem as famosas e conhecidas gottas desse nome, pretendia que o uso excessivo da bebida exotica tinha produzido o desenvolvimento de uma nova enfermidade na Europa: a chamada febre militar.

Com o augmento do consumo encareceu o café, começando os pobres a reclamar. E ouviram conselhos como este: "o café é mau para vocês". "Muito melhor que o não tomem, tanto mais quanto provoca a esterilidade".

Bom conselho para proletarios!

Numerosos medicos começaram a fazer propaganda contra a nova bebida, batendo num argumento, a seu ver formidavel: a mulher que della fizesse uso devia renunciar aos gozos da maternidade.

A's luctas entre correntes da opinião, relativas à introducção do café na Allemanha, consagrou Basilio de Magalhães uma pagina nova de suas magistraes contribuições á edição d' "O Jornal" commemorativa do segundo centenario de 1727.

"Na terra dos Niebelungen, das Walkyrias é que o café tinha de soffrer ainda mais escandalosas contrariedades do que na Inglaterra. Accusaram-nos primeiramente as mulheres de que elle tornava impotentes os homens... Arguiram depois os homens do que esterelisava as mulheres...

Como foi que se radicaram em cerebros tão reflexivos, quaes os tudescos, ficções tão injustificaveis e tão estupidas?"

Protesta Padberg contra a supposta influencia exercida em sua terra natal, pela lenda de Olearius. Corre por conta de Ukers tal asserção, pois segundo a realidade historica nunca se tomou a serio, entre allemães, tal gravame assacado ao café.

Continua Basilio de Magalhães, aliás em termos nem sempre muito castos, seja dito entre parenthesis.

"Quanto a exercer o café acção anafrodisiaca no sexo forte. — o que apavora, e com sobeja razão, as angelicas donzelas e donas da nevoenta Albion e da bellicosa Germania — é muito provavel hajam ellas dado credito a um certo Adam Olearius."

Depois de explicar o que dissera o famoso viajante, continua o autor brasileiro:

"Até no Velho Testamento escarafuncharam, então os exegetas e hermeneutas da Teutonia circunstancias aggravantes para a condemnação do café.

Quando David, o femeeiro pae do mais femeeiro autor do "Cantico dos canticos", tentou, sem motivo plausivel, exterminar a Nabal, seu vizinho, teve a esposa deste, a famosa e astuta Abigail, o bom senso de apaziguar o rei judaico, com fortes presentes em que figuravam uvas e figos seccos.

Acalmou-se, de facto, o adultero seductor de Bathsabé, e venerando escriptor tudesco, publicando em 1700 um trabalho intitulado "De novis inventis" (Leipzig), esforçou-se por demonstrar, torcendo a seu talante o vers. 18 do cap. XXV do livro I dos "Reis", que o café estava comprehendido entre os dons de Abigail a David, e isto, talvez, para ella escapar-se da lubricidade do rei harpista, pelo effeito já então attribuido a tal bebida.

Navegando-lhe até certo ponto as mesmas aguas, o seu

compatriota E. E. Geyer fez sahir dos prelos em 1740 a memoria *"An potus café dicti vestigia in Haebreo sacrae scripturae codice reperiantur"* (Wittemberg) na qual cogitou igualmente de provar que a "coffea arabica" já se achava escondida nos textos biblicos".

Referindo-se á ridicula historia da rainha da Persia e do cavallo castrado, escreve a zombar o douto autor mineiro:

"O berço de Zarathrustra causou, por certo que involuntariamente, um grande mal ao café, porquanto lá é que buscavam os perfidos antagonistas deste as peiores lendas e abusões que o prejudicassem. Parece-me que tambem influiu consideravelmente no espirito credulo das "fräulein" e das "frauen" do seculo XVII e começos de XVIII a divulgação da anecdota, quiçá de origem franceza, "que como todas as pilherias picarescas se diffundia rapidamente pela Europa culta."

Foi pena que o mulherio da Deutschland em vez de dar credito a bufonarias desse picante quilate, não acatasse antes a asserção do anonymo escriptor egypcio citado por P. Porto Alegre que, conhecendo em si proprio e observando nos outros mortaes as virtudes do café, proclamara que este escandeia o sangue ás pessoas robustas "a ponto de as levar a commetter execessos, muitas vezes offensivos á moral publica".

A um grande musico, Johann Sebastian Bach (1685-1750), estava reservado o mais efficaz patrocinio da causa do café, periclitante na Allemanha. Quando chegara ao apogeu o maior gravame contra a saborosa bebida, — isto é, o de produzir esterilidade nas mulheres, — compoz a "Coffea Cantata" (n. 211 das suas *Cantatas profanas*), a qual foi publicada em Leipzig por volta de 1732.

Tornou-se conhecida pelo verso inicial: *"Schweigt stile, plaudert nicht"*. Vulgarisou-se com assombrosa rapidez e veio a ser o hymno tudesco da rubiacea, porquanto o "leit-motif" dizia que o café assucarado era melhor que mil beijos e mais doce do que o vinho Moscatel!:·

Jorrou ainda da sapiencia allemã mais alguma coisa contra o café, anaphrodisiaco e "abelparestenco? Sim".

Contra esta asserção lavra Padberg formal contestação. A seu ver a *Coffea cantata* do immortal autor da *Paixão segundo São Matheus* e tantas obras primas mais, "em nada manifesta ser um protesto contra tal gravame e desvario".

Curioso é que um notavel bebedor de café, como o Grande Frederico, de repente se puzesse a pôr entraves ao que tanto apreciava.

Verificara quanto o augmento do consumo produzia gran-

de exportação de moeda, prejudicando a balança commercial prussiana.

Verdade é que então andava o grão sobremodo caro. Ao mesmo tempo receiava que a concurrencia prejudicasse, e muito, a industria cervejeira.

Não deixava a medida de no fundo ser justa, observa Padberg, pois emquanto a Hollanda, e tambem a França e Inglaterra, já dispunham do café de suas colonias, lucrando bastante com o commercio desse artigo; a Allemanha, sem colonias e sem navegação oceanica de vulto, tinha que despender notavelmente com o café com prejuizo da sua producção interna.

"Cumpre saber que, antes da adopção do café, o povo consumia principalmente sopas de cerveja, de farinha ou pão, papas de aveia ou cevadinha, etc., já para o primeiro almoço, para a merenda e ainda para a ceia. Substituiu-se isto, quasi geralmente, por café com leite, tomado com pão e manteiga, de maneira que "Kaffe" veio a resignar simplesmente o primeiro almoço e a merenda."

Comprehende-se assim a perda soffrida especialmente pelas cervejarias, calculada no anno de 1778, para o Brandenburgo, em 60 °|°, além de que sahiam então da Prussia, segundo indicação official, annualmente, pelo menos, mais de 700.000 talers, varios milhares de contos de réis, para a paga do café importado.

A 13 de setembro de 1777 promulgava-se o rescripto do grande rei da Prussia, a quem Augusto Comte conferiu a honra insigne de dar o nome a um dos treze mezes do seu calendario da Humanidade.

Fazia Frederico II saber aos povos de seus reinos e senhorios: "E' desagradavel publicar-se o que tem sido o crescimento do consumo do café entre meus subditos e qual a exportação de dinheiro do paiz por elle motivada".

"Todo o mundo hoje consume café e se fôr possivel tal tendencia precisa ser reformada. Deve meu povo beber cerveja. Fui creado com cerveja e assim tambem meus avós e seus officiaes. Muitas batalhas foram pelejadas e ganhas por soldados alimentados por cerveja e não creio que soldados bebedores de café tenham a resistencia e sejam capazes de bater os inimigos, se occorrer alguma guerra nova".

Singular manifesto este do grande bebedor de café que era o grande estrategista vencedor de Torgau.

Pesadamente taxado figurou o café na mesa dos ricos prussianos, reservando-se a cerveja para o *vulgus*.

Em 1779 representavam os Estados da Pomerania ao mo-

narcha, pedindo o abrandamento da lei. A' sua respeitosissima petição, diz Porto Alegre, respondeu com não menor energia o grande monarcha... "E' espantoso, dizia elle ahi, como tem augmentado o consumo do café, e que sommas enormes faz sahir do nosso paiz. A facilidade que ha em obter este comestivel, mesmo nas mais pequenas aldeias, fez com que os homens do povo e os camponezes se habituassem tanto a elle, como os das cidades. Si se antepozerem embaraços a este commercio serão forçados a voltar á cerveja. S. M. o Rei foi criado com sopa de cerveja, alimento muito mais são do que o café, e por conseguinte os homens do campo poderão tambem ser alimentados com sopa de cerveja..."

"Semelhantes documentos, e sua linguagem, provam o modo energico pelo qual sempre se decidiram na Allemanha as cousas publicas."

Contrariava o rei um pendor já verdadeiramente nacional, observa Porto Alegre ainda.

Os allemães gostaram sempre muito de café com leite. Desde o começo do seculo XVIII que o usavam, e nesa época como ainda hoje, as senhoras costumavam reunir em suas casas suas melhores amigas para tomarem café com leite e biscoutos, e conversarem em toda a intimidade.

Mas pouco durou isto. Nem todo o rigor da disciplina prussiana conseguira abafar o surto da cafeiphilia á vista do que em 1781, e a 21 de janeiro, achando quanto haviam sido inuteis os seus esforços para a aristocratização da bebida, resolveu Frederico crear um monopolio regio prohibindo a torração de café a não ser em estabelecimentos da corôa!

Só admittia excepções para a nobreza, o clero e a officialidade do exercito. Subiu immenso o preço do café. Com a prohibição, dahi auferiu Frederico grandes proventos. Passou a ser como que um titulo de ennobrecimento o facto de possuir alguem permissão para torrar café.

Os pobres só puderam obter o grão furtivamente e os resultados da tyrannia régia foram o apparecimento de numerosissimos succedaneos, beberagens feitas com trigo, chicorea e figos seccos torrados.

Entregou Frederico a *régie* do café a guarda de um francez, o Conde de Launay, e este nomeou innumeros fiscaes que se puzeram no encalço dos contraventores.

Prometteu-se-lhes a posse da quarta parte das apprehensões e elles, procurando surprehender as torrações clandestinas, tantas arbitrariedades fizeram que ficaram odiados, passando a ter a alcunha de cheiradores de café.

"Por essa occasião, escreve P. Porto Alegre, apoiado em C. Rott e Ritter, foi dirigida aos amadores de café uma instrucção muito curiosa, e que é ao mesmo tempo uma peça semi-official, da qual traduzimos o trecho seguinte, que o leitor não achará certamente ocioso que lhe reproduzamos:

"... Quanto aos que não puderem comprometter-se a tomar 20 libras, esses serão considerados como pessoas pobres, que não deveriam beber café, aos quaes convém que lhes seja encarecido, e que se lhes difficulte o goso o mais que fôr possivel. E' forçoso que paguem quasi o dobro mais caro do que dantes, e que o não possam obter sinão em porções de meias onças já torrado e moido.

Estas medidas teem por fim prevenir o detestavel contrabando que se tem praticado com esta mercadoria, para que aquelles que se tiverem entregue a esta profissão illicita, possam voltar aos antigos officios, e tornem-se cidadãos uteis ao Estado.

Si alguem torrar deste café de contrabando em sua casa, será logo o culpado, trahido pelo cheiro pentrante e que se desenvolve, e punido com tres annos de prisão em uma fortaleza.

Para descobrir os delinquentes, haverá vigias encarregados de passar dia e noite pelas ruas, e entrar immediatamente no lugar onde sentirem cheiro de café torrado, pedindo que lhes seja apresentada a permissão de torrar; si por acaso não a apresentarem, deve-se entender que o grão será confiscado e o infractor castigado...

O homem do povo que quer tomar, hoje, duas vezes ao dia o seu café aprenderá pouco a pouco a passar sem uma bebida tão cara, e assim ficará muito dinheiro no paiz. Quanto ao rico, que imagina que o seu estomago não pode digerir sem o auxilio do café, esse acabará por ser o unico encarregado de prover ao sustento dos invalidos a quem era destinado o producto do imposto".

Assim offendidos em seus interesses materiaes, dirigiram os droguistas e merceeiros uma petição ao Rei, no intuito de obter um pouco mais de liberdade no commercio do café.

Esta attitude do rei da Prussia, o maior dos potentados germanicos, deu em resultado a imitação do seu exemplo pelas innumeras cortezinhas, principescas e ducaes, que pululavam na Allemanha, ainda semi-medieval, naquella colcha de retalhos de feudos, anterior á grande varredura determinada por Napoleão.

Imitado Frederico II pelo eleitor do Hannover, em 1780, não tardou que o fosse por quasi todos os paizes germanicos, maiores e menores, grandes e minusculos, cujas côrtes, dentro

em breve, tinham os seus torradores, chavenas e chicaras proprias, hoje abundantemente representados nas vitrinas dos Museus, sobretudo em Berlim e Potsdam.

Algum tempo depois surgia, a 17 de fevereiro de 1784, o arcebispo eleitor de Colonia, Maximiliano Frederico, a deitar manifesto no mesmo sentido.

Era draconiano; ficava, no ducado de Wesphalia, prohibida, dentro do prazo de quatro semanas, a venda de café, torrado ou não torrado que fôsse, sob pena de enorme multa: cem florins de ouro, commutavel em dois annos de cadeia!

Prohibição expressa aos merceeiros e estalajadeiros de comprarem café, a não ser por pequenas partidas de cincoenta libras, e quando devidamente autorisados. Os apprehensores receberiam metade do genero confiscado. Foi este rescripto lido dos pulpitos, affixado por toda a parte, e um enxame de "cheiradores" e denunciadores "espalharam muita infelicidade por todo o Ducado"!

Na mesma época, sahiu a legislar sobre o café o Duque de Wurttemberg, mas este foi logo arrendando o commercio a um monopolista o celebre Suess-Oppenheimer, o "judeu Suess". Mas esta informação é anachronica pois Suess foi enforcado em 1746.

Typo sem o menor escrupulo, realizou enormes lucros e foi, dil-o Ukers, expressivamente, o primeiro "rei do café".

Mas dentro em breve, desappareceram estes entraves, e os allemães puderam apreciar livremente o café, uma de suas bebidas favoritas, sem que jámais ninguem se lembrasse de os amofinar a proposito de tal pendor.

Ao lado do grande Frederico, entre os corypheus ardentes do café, no seculo XVIII e na Allemanha, figura um dos maiores vultos da Humanidade" Emmanuel Kant.

Nascido em 1724, começou o autor da *Critica da razão pura,* a tomar a infusão arabica, já velho e por ella se apaixonou.

De tal dá testemunho outro homem celebre, o tão conhecido autor das *Confessions of an opium eater,* Thomaz de Quincey.

Admirador fanatico do philosopho de Koenigsberg, foi Quincey visital-o, mocinho ainda, e relata, em suas memorias, quanto o genial visitado apreciava o café. Fôra muitos annos bebedor de chá e, exemplo rarissimo entre allemães, tinha horror á cerveja. Quando ouvia falar da morte de alguem, que fallecera jovem, perguntava immediatamente: "Bebia cerveja? Então, está tudo explicado e de sobra!"

Descrevendo um jantar em casa do pensador conta Quincey que Kant, já quasi octogenario, impacientára-se, mas bran-

damente, porque não vinha o café a tempo, dizendo: "Bem! a gente póde morrer de um momento para outro, mas isto no fim de contas não é senão natural. No outro mundo, graças a Deus, não se bebe café e assim não se espera por elle."

"Quando, afinal, ouviu os passos da creada, levantou-se, virou em torno de nós, clamando alegremente: "Terra á vista! Terra á vista, caros amigos! Vejo terra".

Para Porto Alegre, foi Vienna a primeira cidade teutonica que conheceu o café.

Conta-nos Ukers, com grandes pormenores, a historia romantica que se prende á sua introducção alli, igualmente relatada por outros autores, mas menos desenvolvidamente.

E' esta tal lenda:

Em 1683, estava Vienna na imminencia de sucumbir, ante o assalto dos exercitos ottomanos, que o grão-vizir, Kara Mustaphá, percipitára sobre as muralhas da capital do Santo Imperio Romano.

Trezentos mil homens sitiavam a velha Vindobona, cara a Marco Aurelio e séde da flotilha danubiana dos romanos. E a furia de seus assaltos fazia prevêr a quéda do importantissimo baluarte christão.

Esperava Mahomet IV, a cada momento, poder celebrar o que o seu grande antepassado Solimão o Magnifico não conseguira realizar em 1529.

Leopoldo I, aliás mais homem de estudo do que de estado, consoante a maligna pilheria de seu tempo, via desesperado e semi-inerte, como era de sua indole, o avanço ottomano. E appellára para o soccorro do grande João Sobieski.

Mas este tardava em reunir o exercito polaco ás forças do Principe de Lorena. Emquanto isto, a guarnição de Vienna via-se na imminencia de succumbir ante o tremendo assalto turco.

Em dado momento, pediu o conde de Stahremberg, commandante da praça, um *enfant perdu,* para que este, procurando atravessar as linhas inimigas, fosse levar, á sua gente, o brado lancinante, e desesperado, de soccorro, lançado pelos quasi exhaustos defensores de Vienna.

Apparceu-lhe um polaco, por nome Jorge Kolschitzky, a quem Porto Alegre aliás chama Kotschinsky.

Vivera muitos annos entre os turcos, cuja lingua e costumes conhecia perfeitamente.

A 13 de agosto de 1683, disfarçado sob roupas turcas, conseguia atravessar as linhas dos sitiantes, e o Danubio, attingindo o acampamento de Leopoldo I.

Repetiu a façanha varias vezes, ainda, e das noticias alviçareiras que trouxe provieram motivos de levantamento do moral dos sitiados. Eximio nadador, por varias vezes teve de atravessar os diversos braços do Danubio, sempre que precisava sahir e voltar.

Coube-lhe decisivo papel quando Sobicski e Lorena vieram occupar os cumes de Kahlenberg, á vista de Vienna. Foi ainda quem a Stahrenberg levou a ordem de realizar uma sortida geral, e violentissima, quando os exercitos, polaco e imperial, descessem ao encontro dos turcos.

Tremenda derrota soffreram os ottomanos, no dia 12 de setembro de 1683, em que Sobieski, novo Carlos Martel, salvou a christandade e a civilização de um eclipse.

Immensos despojos deixaram os turcos: 25:000 barracas, dez mil bois, cinco mil camelos, cem mil alqueires de trigo, muito ouro e multissimos saccos de café, genero de que se fazia largo consumo no exercito turco, desde a conquista do Egypto, por Selim I, em 1517.

Desde ahi viera tal habito, havendo este padischá levado a Constantinopla muitos saccos do grão arabico, entre a colossal presa realizada na terra dos Pharaós.

Não houve quem quisesse o café de Kara Mustaphá, o encaiporado grão-vizir, batido, a quem o seu amo, guiado pelo velho criterio carthaginez, castigaria da derrota, mandando cortar-lhe a cabeça.

Apresentou-se, porém, um pretendente. Era elle Kolschitzky, cujo pedido foi immediatamente satisfeito, e com geral espanto.

Não tardou que o heroico antigo mensageiro polaco abrisse um café na cidade imperial onde, dentro em breve, os bebedores da infusão arabica eram numerosos e, cada vez, em numero crescente.

Fez-lhe a municipalidade viennense a dádiva de uma casa. Ali instalou o seu estabelecimento, sob a taboleta da "Garrafa Azul", explorando-o durante varios annos. E o imperador lhe concedeu o titulo honorifico de correio imperial.

Assim, Kolschitzky passou a ser o santo padroeiro dos cafés viennenses. Os seus collegas de classe erigiram-lhe uma estatua após solemne decisão, tomada na séde de sua corporação, esculptura que ainda se encontra á fachada de uma casa de esquina das ruas Kolschitzkygasse e Favoritengasse.

Representa esta estatua o corajoso mensageiro, vestido á turca, a sustentar, á mão esquerda, uma bandeja com chicaras, sobre as quaes derrama o café da cafeteira que com a di-

reita inclina. Atrás da effigie e por terra, está uma panoplia ottomana, composta de escudos, machadinhas, arcos, cimitarras, etc.

Tem a vida de Kolschitzky servido de assumpto a numerosos pintores e gravadores. Uma das telas mais conhecidas a seu respeito é o bom quadro de Schams: "A sala do café da Garrafa Azul, o primeiro de Vienna, em 1684".

No primeiro plano, ha muita gente de pé. Vestida á turca, destaca-se o heroe proprietario, toucado pelo fez. Derrama o liquido de uma cafeteira oriental, numa canequinha posta sobre pequena bandeja, offerecendo a bebida a uma especie de mosqueteiro, que o abraça. Numa especie de alcova, á esquerda, vê-se uma mulher a móer café em almofariz. No primeiro plano, está um fidalgo, a beber, assentado a uma mesa e a conversar com um amigo. Uma "garçonette", como hoje se diz, approxima-se do grupo com uma bandeja onde traz outra chicara de café.

Pretende Ukers que a estatua de Kolschitzkygasse é a unica esculptura conhecida que se prende á historia do café.

E recorda ainda que á sua historia, repetida innumeras vezes e consignada em numerossimos livros, consagra irreductivel lenda.

"Pesquisas recentes de nossa éra de tendencias cada vez mais niebuhrianas, no seu encarniçamento contra as lendas, revelam que a conducta de Kolschitzky, após a sua actuação immortal de "enfant perdu" denuncia triste facto. Eram de vulgar argila os pés da estatua de bronze do idolo viennense".

Parece realmente deploravel termos de acreditar tal coisa do heroe de tão romantica aventura, mas é a Historia inexoravel! E já se foram os tempos do "mon siége est fait" do bom Abbé de Vertot, ou, mais brasileiramente, dos panegyricos dos valorosos lucidenos e dos castriotos lusitanos.

Eis o que se apurou da conducta ulterior do correio imperial, segundo as excavações do inexoravel herr Bermann em sua "Alt und Neu Wien, (1880). A principio, começou Kolschitzky, de casa em casa, a offerecer a beberagem turca. Para isso levara certo numero de canequinhas ou chicaras em bandeja de madeira.

Mais tarde arrendou um predio em Rischof-hof. Algum tempo mais tarde, endereçou um requerimento ao nobre senado viennense. Pedia, além da somma de cem ducados, premio de seu heroismo e já promettido, a propriedade de uma casa que benevolamente lhe fosse doada, a saber, alguma loja em logar de transito e commercio animados.

Tal petição, e outras que se lhe seguiram, commenta o Sr. Bermann, vem a ser padrões do descommedimento da sua incapacidade na avaliação dos proprios meritos e da mais arrojada cobiça!

Parecia decidido a tentar obter o maximo provento do seu antigo sacrificio. Reclamou recompensas enormes, invocando "os que os romanos haviam attribuido ao seu Curcio, os lacedemonios ao seu Pompilio, os athenienses ao seu Seneca (sic!) a quem, com a maior modestia, se comparava.

Enternecida, apesar de tudo, com a leitura deste aranzel, sabiamente redigido, segundo os canones do methodo confuso do nosso mestre Mendes Fradique, a municipalidade obtemperou-lhe aos desejos. Pediu-lhe que fizesse uma escolha dentre tres casas de Leopoldstadt, avaliadas entre 400 e 450 guldens, ahi se comprehendendo o valor do donativo, em moeda sonante, fixado em 300 guldens.

Zangou-se Kolschitzky e allegou: a acceitar tal combinação, era preciso que o predio valesse pelo menos mil guldens.

Dahi occorreram replica e treplica vivazes e muito regateamento. Para acabar com esta disputa, cheia de acrimonia, o conselho municipal, em 1685, deliberou doar, sem mais detença nem admissão de novos argumentos, uma casa a Kolschitzky e sua mulher Maria Ursula, no numero 30 de Haidgasse.

Ao cabo de um anno, vendia o heroe o predio da dádiva e, depois de muitas mudanças, colhido pela tuberculose, fallecia, aos 54 annos, a 20 de fevereiro de 1695.

Numa especie de agenda viennese de 1700 se diz do largo Stock-Eisen-Platz que alli existira o primeiro café da cidade.

Muito se conta da popularidade de Kolschitzky como dono de café. Tinha o modo cordeal de a todos chamar "bruder meines herzens" ou irmão do meu coração, como tambem todos o interpellavam. Seu retrato pintado, do tempo de seu maior prestigio, é guardado, cuidadosamente, na séde da corporação dos cafeteiros de Vienna.

Dessa historia toda se deprehende que o Sr. Bermann deve ter sido homem de grande severidade de julgamento.

Pobre Kolschitzky, cuja erudição greco-latina era tão notavel! Que grande mal se haja comparado ao sábio rei. Numa dos espartanos e ao grande Seneca, philosopho atheniense e hespanhol ao mesmo tempo? E como teria elle podido explicar a recompensa material concedida pelos romanos ao seu Curtius, o homem despenhado no abysmo?

Mas não compartilhemos da severidade do digno devassador dos archivos da capital austriaca, attendendo á circunstancia de

que seus compatriotas ingratos, ingratissimos, permittiram e até incitaram a concurrencia de uns mal agradecidos que tambem abriram cafés, ainda em vida do emulo de Curcio e de Seneca.

Em principios do seculo XVIII, dizem diversos relatos de viagem, eram numerossimos os cafés em Vianna, onde muita gente ia ler jornaes e entreter discusões politicas. Nelles pullulavam os "zeitung-doktors" ou doutores jornalisticos, as assim alcunhadas notabilidades de fancaria.

Diz um destes autores, homem temente a Deus e ao Rei, a falar dos mexeriqueiros e inventores de ballelas, que aos cafés iam estes faladores buscar material para dar repasto á mania de invencionices, leviandades e asneiras.

"E' impossivel avaliar-se a que gráo attinge a liberdade reinante, nestes estabelecimentos onde impera tal falatorio. Aquella gente se occupa, com a maior irreverencia, em criticar generaes e ministros de Estado. E chega ao cumulo de se intrometter até na propria vida de Sua Magestade o Imperador"!

Foi Vienna uma das cidades européas onde mais proliferaram os cafés, fonte da mais desabusada maledicencia e irreverencia, affirma outro autor moralista e misoneista.

A cerveja era menos propicia á tagarelagem e á malevolencia por ser sedativa e não excitante como a beberagem arabica.

Poucos dados temos sobre a propagação do café nos paizes escandinavos, onde logrou tão larga acolhida.

Na edição do segundo centenario do café, encontrámos interessantes notas da lavra do Sr. John Lonnegren, subordinadas ao titulo: "O café na Suecia".

Aqui as transcrevemos:

"Na Suecia, o café era desconhecido ainda no começo do seculo XVIII. Pouco depois do fim da guerra do Norte (1700-1721) começou a importar-se e consumir café e já em 1746 o "Collegium Medicum" publicou uma ordem contra "o abuso e superfluidez" do café, facto interessante, que mostra a popularidade que essa "mercadoria exotica" gozava no seio das familias ricas da Suecia, apenas vinte annos depois de sua introducção. No anno seguinte, o governo baixou um imposto sobre o consumo do chá, café, etc., que montava a 12 riksdalers por anno e por individuo, conforme as differentes classes de cidadãos.

Em 1756, o quarto Estado, os fazendeiros e camponezes, conseguiram que passasse uma lei prohibindo o consummo do café, lei ou ordem que foi reiterada em 1766, mas o consum-

mo do café continuou na Suecia, e desde 1769 permittia-se a incorporação do café contra direitos de entrada.

Em 1794, o governo fez uma nova tentativa para supprimir o cosummo do café, que foi interdicto, para melhorar a balança commercial do paiz e forçar o povo a uma maior economia, de accrdo com as exigencias do tempo.

A abolição do café foi lastimada em todo o paiz como um lucto nacional e muitas canções tragi-comicas foram impressas e publicadas em honra do café, apesar da prohibição das autoridades. O descontentamento e a opposição á lei prohibitiva do café eram todavia tão fortes e obstinados que o governo se viu na contingencia de permittir a sua importação, mais uma vez, em 1796.

Tres annos depois, em 1799, a prohibição foi de novo proclamada e mantida até o anno de 1802. Depois de um periodo livre, até o anno de 1817, o café foi prohibido durante os annos de 1817 a 1822, mas, nesse ultimo anno, foi proclamada afinal e definitivamente, a liberdade de consumir café, o qual, a partir de 1822, não estava sujeito senão a impostos aduaneiros".

Acerca dos primordios do café na Dinamarca e Noruega, não conseguimos obter dados ponderosos.

CAPITULO XVII

A propagação do café na Hollanda. Entrada das primeiras remessas do Extremo Oriente. A divulgação na Italia

Affirma Padberg que os primeiros cafés publicos hollandezes datam de 1665, na Haya, e de 1666, em Amsterdam.

Pasqua Rosée, o iniciador das casas de café em Londres, passa por ter sido tambem grande propagandista do genero na Hollanda, onde publicamente o vendia, desde 1664.

O primeiro café da Haya abriu-se na Korten Voorhout, sob o patrocinio de um escriptor, van Essen. Não tardou que outros surgissem em Amsterdam e Harlem.

As casas de café desde cedo proliferaram na Hollanda. Um dos mais velhos documentos iconographicos sobre tal ramo de negocio é devido a um dos maiores mestres da pintura batava: Adriano von Ostade. Ukers reproduziu-o: é uma scena num café hollandez, pelas vizinhanças de 1650. Pensa-se até que seja a mais velha pintura deste genero, na Europa occidental.

Jamais houve opposição na Hollanda relativamente ao uso do café. Pelo contrario! assignala Ukers, a contribuição batava como sendo a mais constructiva para o apparelhamento da industria cafeeira.

A inventividade do povo manifestou-se em produzir novos moinhos, fornos torradores, e vasilhames para o uso do café.

Nas immediações de 1690 o celebre burgomestre de Amsterdam, Nicolau Witsen, que, ao mesmo tempo, era director da Companhia das Indias Orientaes, instigava ao governador do Malabar, Adriano Van Ommen, a enviar a Java alguns cafeeiros de Cananor.

Procediam estes de cafeeiros do Yemen. Dahi se originou todo o cafesal da Malasia hollandeza, que, segundo Ukers, principiou em 1696.

Estes arbustos foram plantados pelo Governador Geral Willeelm van Ondtshoorn, em Kedawoeng, numa fazenda perto de Batavia. Foi mais tarde esta plantação destruida por um terremoto e a innundação subsequente. Em 1699 Hendirk Zwardekroon importou novamente algumas mudas do Malabar. Tal

a versão hoje aceita e proveniente das informações autorizadissimas de Boerhaave.

Em 1706 expediram-se para Amsterdam as primeiras amostras de café javanez e algumas mudas de cafeeiro, mais tarde plantados no jardim botanico local.

Dalli se disseminaram, pelos principaes estabelecimentos da Europa. De Java transportaram os hollandezes o cafeeiro a Sumatra, Celebes, Timor, Bali e outras ilhas.

Dalli partiu a cultura da rubiacea que popularizou universalmente o nome de Java no commercio cafeeiro e na historia dos costumes de todos os povos, pois, passados annos, não houve grande cidade do mundo em que não se abrisse um "Café de Java".

Um carregamento de café se despachou da grande ilha malaia para Amsterdam, em 1706, a titulo de ensaio, assim como mudas para o Jardim botanico da cidade.

Foram estes os progenitores, se assim se pode dizer, de muitos cafesaes das Indias Occidentaes e da America, sobretudo de Surinam, de onde sahiram as mudas da Guyana Franceza, antepassadas do cafesal brasileiro.

Affirma Ukers que o primeiro carregamento de café javanez, offerecido ao commercio, entrou em Amsterdam, no anno de 1711. Era muito pequeno, 894 litros apenas, menos de quinhentos kilos. Provinha das plantações de Jakatre, no interior da ilha.

Posto em leilão, vendeu-se a libra amsterdaneza por vinte e tres *stuivers,* o que corresponderia a perto de 47 centesimos do dollar. Regularia, isto hoje, em nossa moeda actual, a quasi um dollar por kilo, ou sejam doze mil réis attingindo um preço immenso a mercadoria, sobretudo se levarmos á linha de conta o valor acquisitivo da moeda na época. Era pois o café um genero de altissimo valor, vendido por tabela que jámais novamente alcançaria em suas cotações.

Tal a acceitação da mercadoria que a Companhia das Indias Orientaes contractou com os regentes das Indias Hollandezas a entrega compulsoria do café. Foram então os indigenas de Java compellidos a plantar a rubiacea e a producção do genero tornou-se industria forçada, regida pelo governo.

Affirma B. Belli em seu "Il Caffé" que já em 1638 se vendia café em Veneza mas como medicamento e por altissimo preço.

Parece que, pelos annos de 1645, abriu-se o primeiro café na Italia, mas de tal não ha noticia exacta. Nos primeiros tempos quem o mercava eram os vendedores de limonadas.

O substantivo italiano "acquacedratajo" não significa apenas limonadeiro e vendedor de refrescos similares e sim tambem qualifica quem vende café, chocolate, licores.

Jardin affirma que, por volta de 1645, era corrente o café em toda a Italia.

"Nel 1676, escreve Belli, il caffé principiava a riescire gradilissimo ai veneziani, tanto che l Senato incaricava i Savi alla mercanzia, destinati a sopraintendere ai provvedimenti del commerco, di ritrarre vendita introdotta del café, ghiaccio ad acque ghiacciate, che sono inventate per l'allettamento del senso".

Não ha duvida possivel sobre a abertura em Veneza, e em 1683, de um café publico sob as *Procuratie Nuove*,,.

"Bem depressa, annota Beli, outras casas do mesmo genero se abriram, tornando-se o ponto de encontro agradavel de todas as classes venezianas, sedentas da beberagem excitante."

No seculo XVIII, só na Praça de São Marcos, havia sob as *"Procuratie Vechie"* dez cafés e, sob as *"Procuratie nuove,,,* outros doze".

Em 1720, installar-se-ia um destinado á celebridade, o de Floriano Francesconi, do nome de seu proprietario, homem que alcançou celebridade européa, sendo o individuo mais informado e procurado da cidade dos doges e possuidor de um estabelecimento na realidade sumptuoso para a época.

Menciona Ukers varios cafés venezianos que se tornaram celebres como ponto de reuniões politicas, literarias, logares de encontro de negociantes e correctores.

Pensa Ukers que do café publico italiano procederam os demais do mundo occidental, sobretudo os da França e da Austria.

O café Florian era o mais notavel dos das "Procuratie Nuove." Dos das "Porcuratie Vecchie" celebrizou-se o "Quadei", muito mais recente, pois foi aberto em 1775 por um sujeito de Corfú, Jorge Quadri. Fornecia um pó, porém, de magnifica qualidade, um café verdadeiramente á turca.

Ainda na Italia devia, em 1671, apparecer o primeiro tratado occidental sobre o café, o de Antonio Fausto Naironi, maronita estudante da Universidade de Parma e depois professor de syriaco e chaldaico no Collegio da Sapiencia de Roma. Viveu de 1635 a 1707. Intitula-se tal obra "De saluberrima potione cahue seu café nuncupata discursus".

Em Roma, Florença e Genova tambem, já em meiados do seculo XVIII, havia magnificos cafés. E Ukers nos lembra que em 1764 e em Milão, appareceu uma revista philosophica e litteraria "Il Caffé", cujo redactor era nada menos do que o fa-

moso Cesare Bonesana, marquez de Beccaria. E isto, no mesmo anno em que o celebre adversario da pena de morte publicou o tão admirado "Tratado dos dlictos e das penas".

No final do seculo XVII, e primeira metade do seculo XVIII, tomou o consumo do grão arabico real incremento na Italia.

Mas nunca na peninsula da bota attingiria, comtudo, o gosto pela infusão arabica, de longe sequer, as proporções assumidas em França.

CAPITULO XVIII

As primeiras referencias literarias e manifestações artisticas provocadas pelo uso de café

Era natural que aos arabes coubesse a primazia dos louvores de sua infusão nacional.

Durante o periodo da segunda perseguição religiosa, conta-nos Ukers, nos ultimos annos do seculo XVI, poetas e prosadores ismaelitas houve que versaram o mesmo thema que o seu precursor Abd-al-Kader.

Nestas condições está o erudito Fakr-Eddin-Abubekr-ben-Abid Iesi, autor do livro: o *triumpho do café* e o poeta-cheik Iherif-Eddin Omar-ben Faredh.

A este arroubado menestrel occorreu uma comparação pittoresca, a falar da amada: "Fez-me beber em longos sorvos a febre ou antes o café do amor!"

Além dos numerosos viajantes citados, ha ainda a lembrar na lista da bibliographia cafeeira o nome immortal de Francisco Bacon quer na *Historia Vitae et Mortis* quer *na Sylva Sylvarum.*

Nos seculos XVII e XVIII os poetas e dramaturgos francezes, inglezes e italianos acharam largo campo para as suas lucubrações nos assumptos do café.

Diz Édelestan Jardin que um poeta de fins do seculo XVI, Belighi que pelo nome parece italiano, compoz uma especie de soneto sobre o café .Traduziu-o Galland e La Roque deu-lhe forma poetica em metros diversos.

À Damas, à Alep, au grand Caire,
Il s'est promené tour à tour
Avant que de venir triompher à la cour
Ce doux fruit qui fournit une boisson si chère,
Là, ce séditieux, pertubateur du monde,
A par sa vertu sans seconde,
Supplanté tous les vins, depuis cet heureux jour.

A ser exacta a informação de Jardin, deve este Belighi ter

sido o primeiro poeta europeu a cantar as virtudes do café. Belli não o menciona em sua bibliographia, e temos a impressão de que algum possivel erro tenha occorrido no texto de Jardin, XVI por XVII.

Sabe-se, geralmente, quanto floresceu, no seculo XVII, uma pleiade de illustres vates francezes que, delicando-se ao verso latino, conseguiram mestria realmente notavel pela apropriação do espirito da lingua. E' o mais celebre de todos João Baptista Santeul, cujo estro verdadeiramente elevado resoa em seu hymnario pela nobreza e o brilho.

Quasi tão celebrado quanto Santeul foi Jacques Vanjère (1664-1739), o jesuita autor da *Stagna Columbaria, Vitus Olus,* poemetos englobados no *Praedium rusticum* (1707).

Verdadeiro triumpho literario alcançou este poema em dezeseis cantos, em cujo carme oitavo ha grandes louvores ao café.

Já o antecedera desde 1698, um confrade seu, da Companhia de Jesus, Thomaz Bernardo Fellon (1672-1759), professor no Collegio da *Trinité,* em Lyon, a quem se deveu o poema dedicado á *Faba arabica.*

Pedro José Thoulier, abbade d'Olivet (1682-1768), membro da Academia Franceza e historiador de sua illustre companhia, grammatico e erudito notavel, tanto apreciava este poemeto da *Faba arabica* que o incluiu em sua *Poemata didascalia nunc primum vel edita vel collecta.* No dizer de Thery, poeta francez do seculo XIX, ha nesta composição repetições e circumstancias superfluas.

Tambem o fez em relação ao *Carmen Caffaeum,* da autoria do *abbé* Guilherme Massieu (1665-1722), igualmente membro da Academia Franceza e escriptor erudito. Compoz Massieu tal trabalho em 1718 e o leu aos collegas da *Academia de Inscripções* a que tambem pertencia.

Fazendo o elogio de Massieu, seu collega da Academia Franceza e da de Inscripções, Claudio Gros de Boze, archeologo e numismata (1680-1753), chegou ao ponto de dizer que, se Virgilio e Horacio houvessem conhecido o café, não teriam certamente delle fallado com maior senso poetico, podendo o *Caffaeum* de Massieu passar por ser da autoria destes genios da poesia universal.

Thery (Agostinho Francisco) (1796-1869) traduziu para a versão franceza o poema de Massieu, que é assaz extenso. Chegaria um critico, a seu respeito, a proclamar; é uma pérola de escrinio.

Cita ainda Jardin uns versos endereçados ao illustre ori-

entalista Galland por Maumené, poeta obscuro do seculo XVII, de cuja biographia nada dizem os diccionarios encyclopedicos.

Ainsi, si le sommeil vient au milieu des pots
Répandre ses pavots
Et qu'un vin trop fumeux te brouille la cervelle
Prends le café, ce jus divin.
Pour chasser le sommeil et les vapeurs du vin
Saura te redonner une vigueur nouvelle.

Mas o verdadeiro cantor do café, aquelle cujos versos se fixariam na memoria de todos, seria o amavel Jacques Delille (1738-1813), o delicado cantor da Natureza, o *abbé* Jacques Delille, jamais ordenado e apenas abbade commendatario, fundador de uma escola de que foi o mais celebre representante, o da poesia descriptiva.

Já celebrisado pelas traducções das *Georgicas,* tornou-se-lhe universal a reputação, como poeta, com os *Jardins* (1782).

O *Homem dos campos* (1800), e os *Tres Reinos da Natureza* (1808) ainda lhe augmentaram a fama.

E' nesta ultima producção que occorrem os famosos versos a cada passo repetidos. Ao seu hymno ao café deverá Delille, talvez mais do que a qualquer outra composição do largo espolio, a persistencia da reputação de compositor de versos faceis, correntios, mas sem grande valor de conjuncto.

Em suas obras occorrem episodios interessantes, quadros ricos e cheios de vida, mas falta-lhe composição, diz um critico. O poeta é derramado; alonga-se demasiado.

Dahi talvez a lenda maligna que o accusa de ter trabalhado para os editores a tanto por alexandrino produzido, seis francos, preço aliás enorme para o tempo.

E sob a fiscalização cerberica de uma mulher, legitima xantipa, que segundo se pretende, chegava a trancafial-o diariamente, afim de o forçar a versejar.

Está relativamente esquecido o bom e amavel Delille, "poeta de sua época mais amante da arte do que da natureza, mais do espirito do que do sentimento, cantor dos parques e dos jardins elegantes, Watteau da poesia".

"Fabrica o verso admiravelmente, mas offerece maior numero de bellos versos do que de bellos livros. Esquece-se de compôr a obra pelo prazer de fazer brilhar o espirito pela pintura, ou antes a descripção de mil pormenores."

"Dando sorte a cada um de seus versos, descuida-se da

fortuna do poema", costumava Rivarol dizer com o fino espirito que tanto tinha.

Seja como fôr, a sua tão linda apostrophe ao café será eternamente lembrada emquanto houver quem tome a infusão que Virgilio desconheceu e Voltaire adorava. No Brasil certamente jamais se apagará a memoria do autor dos *Jardins* e dos *Tres Reinos da Natureza.*

Nem jamais cahirão no olvido os famosos alexandrinos do canto sexto do ultimo destes poemas descriptivos.

Il est une liqueur, au poète plus chère,
Qui manquait à Virgile et qu'adorait Voltaire,
C'est toi, divin café, dont l'aimable liqueur,
Sans altérer la tête épanouit le coeur.
Ainsi quand mon palais est émoussé par l'âge,
Avec plaisir encor je goûte ton breuvage.
Que j'aime à préparer ton nectar précieux!
Nul n'usurpe chez moi ce soin délicieux.
Sur le réchaud brûlant, moi seul tournant la graine,
A l'or de ta couleur fais succéder l'ébene.
Moi seul, contre la noix qu'arment ses dents de fer,
Je fais en le broyant, crier ton fruit amer.
Charmé de ton parfum, c'este moi seul qui, dans l'onde
Infuse à mon foyer ta poussière fèconde:
Qui tour à tour calmant, excitant tes bouillons,
Suis d'un oeil attentif, tes légers tourbillons.
Enfin de ta liqueur lentement reposée,
Dans le vase fumant la lie est deposée;
Ma coupe, ton nectar, le micl américain
Qui du suc des roseaux exprima l'Africain,
Tout est prêt: Du Japon l'émail recoit tes ondes,
Et seul tu reunis les tributs des deux mondes.
Viens donc, divin nectar, viens donc inspire moi.
Je ne veux qu'un désert, mon Antigone et toi.
À peine ai-je senti ta vapeur odorante,
Soudain de ton climat la chaleur pénétrante
Rêveille tous mes sens, sans trouble, sans chaos
Mes pensers, plus nombreux, accourent à grands flôts.
Mon idée était triste, aride, dépouilée
Elle rit, elle sort richement habillée
Et je crois, du Génie éprouvant le réveil
Boire dans chaque goutte, un rayon de soleil.

Após Delille, vemos Castel (Renato Ricardo Castel) (1758-1832), homem pacifico e benevolo, dil-o Staff, um de seus biographos, "alma dandida que se refletia em ameno versejar didactico." Teve como discipulo um poeta fescenino, mas delicado, o Conde de Chévigné, cujos brejeiros *Contes remois* são muito conhecidos, e reeditados, tendo, até, tido a honra de illustrar o grande pintor que foi Meissonier.

Poeta e naturalista, professor do Collegio Louis-le-Grand, publicou em 1797 o *Poème des plantes*, que Ukers, confiado em Jardin, diz, erradamente, ter sahido em 1811, quando a quarta edição é que data deste millesimo. Versejador monotono e derramado, possue comtudo certa graça. E ao café consagrou uns alexandrinos agradaveis.

Assim por exemplo estes, que Jardin transcreve:

De brillants végétaux, favoris de Phébus,
Offrent dans ces climats les plus rares vertus;
Délicieux moka, ta sève enchanteresse
Réveille le génie et vaut tout le Permesse.

Mais ou menos desta epoca é a cantata consagrada ao café por Luiz Fuzelier (1672-1752), theatrologo abundante, cujos versos, segundo La Harpe, revelam imaginação e talento poetico.

Esta cantata foi musicada por Nicolau Bernier (1664-1734), mestre da Capella Real. Bem agradavel é tal peça, cujo principal escopo parece ser o louvor das virtudes anti-alcoolicas do café.

Café quels climats inconnus
Ignorent les beaux feux que ta vapeur inspire?
Tu comptes dans ton vaste empire
Des lieux rebelles à Bacchus
Favorable liqueur dont mon âme est ravie
Par tes enchantements augmente nos beaux jours
Nous domptons le sommeil par ton heureux secours,
Tu nous rends le moments qu'il dérobe à la vie.
Favorable liqueur dont mon âme est ravie
Par tes enchantements augmente nos beaux jours.
.. ..
Café du jus de la bouteille
Tu combats le fatal poison,
Tu ravis au Dieu de la treille
Le buveur que ton charme éveille,
Et tu le rends à la raison. etc.

Entre outros poetas francezes antigos de renome e que cantaram as glorias do café citam-se Ducis e Berchoux.

João Francisco Ducis (1733-1816), o amavel poeta de versejar fluente, simples e gracioso, tão insubmisso á moda e á tyrannia das escolas, diz Villemain, o apaixonado adaptador de Shakerpeare ao theatro francez, escreveu as delicadas estancias *Â mon café.*

Em 1800 publicou Berchoux (1765-1839), o espirituoso autor do "quem nos libertará de gregos e romanos?", o seu celebrado poema da Gastronomie, de que tantos versos passaram a ser axiomas literarios, como por exemplo:

Rien ne doit déranger l'honnête homme qui dine;
Un diner sans façon est une perfidie.

Neste carme celebre não podia o poeta lyonnez deixar de celebrar o café e assim o fez no quarto canto.

Mas depois de Delille quem é mais citado, dentre os poetas francezes, apologistas do café, é Esmenard, não José Affonso, no dizer de Larousse, e sim José Estevam, affirma Staff, valendo-se de informações de familia. A seu respeito falaremos largamente a proposito de De Clieu e sua aventura celebre.

Reunindo uma série de citações menos importantes, refere-se Ukers a uma collectanea de *Chants bretons,* onde occorrem muitas peças laudatorias do café. Entre ellas, sobretudo, destaca certa poesia de 96 versos, em que se descreve a poderosa attracção exercida pela beberagem arabica sobre o bello sexo e seu papel notavel como factor da felicidade domestica!

Curiosa peça é certo canto da velha Armorica, em que se conta que nas antigas éras da Bretanha fôra o café privilegio de nobres e ricos, para depois passar a bebida do pobre.

Fala ainda Ukers num *Éloge du café* de Jacques Estienne (1711), cujo nome não vemos citado nos diccionarios encyclopedicos e não nos parece da familia dos famosos impressores e eruditos, e dum trecho *Le Café* de um poema marselhez *La Grandeur de Dieu dans les merveilles de la Nature.*

Passando a uma resenha dos velhos vates inglezes, que entoaram lôas ao café, cita Ukers, inicialmente, um dos maiores nomes das letras de todos os tempos: John Milton, que nos seus *Comus* assim acclamou a infusão arabica.

One sip of this
Will bathe the drooping spirits in delight
Beyond the bliss of dreams.

(Um sorvo banhará no deleite além da beatitude do sonho os espiritos amortecidos).

Nada mais arroubado poderia dizer o epico immortal do *Paradise Lost*.

Dos fanaticos do café tambem foi o grande Alexandre Pope, cerebração formidavel em corpo de anão corcundinha, o que lhe provocava, continuamente, a atrabile e lhe valia, pela ferinidade dos conceitos, enorme quantidade de inimigos, cantou o

Coffee, which makes the politician wise
And see through all things with his half-shut eyes...

(O café que dá criterio ao politico e o faz ver todas as cousas com o olho entreaberto) .

Sabe-se quanto o autor do *Ensaio sobre o Homem*, o traductor talentosissimo *da Iliada* e da *Odyssea*, vivia amargurado pelo physico quasi teratologico e a debelidade congenita.

Sentia sempre um frio horrivel, precisava viver acolchoado em lã, ser vestido e despido, envergava uma especie de collete-armadura, para se manter erecto, e, ainda por cima, soffria de horriveis enxaquecas.

Estas elle as combatia tomando café, abundantemente, diz-nos Carruther em sua *Vida de Pope*.

E' o que parecem explicar estes versos do grande chefe da poesia classica ingleza.

As long as Mocha'a tree shall grow
While berries crackle, or while mills shall go
While smoking streams from silver spouts shall glide
Or china's earth receive the sable tide
While fragrant steams the bended head shall cheer
Or grateful bitters shall delight the taste
So long her honors name and praise shall last.

(Tanto quanto a arvore abençoada de Moka viceje as cerejas estalarem e os moinhos moerem, emquanto os jactos fumegantes se erguerem dos vasos argenteos e a porcellana receber o negro fluxo; emquanto o café fôr querido das nymphas britannicas e seus vapores odoriferos reconfortarem as cabeças inclinadas e seu grato amargor deliciar o paladar, assim hão de lhe durar as honras, o nome e o louvor).

Ora, tendo Pope nascido em 1688 e morrido em 1744, vê-se que, em relação ao café, na Inglaterra, representou o papel de Voltaire além da Mancha.

O famoso *Furto da fechadura* procede dos falatorios de um café.

Olhem! a sala das canequinhas e colheres está apinhada.
Em altares rebrilhantes de laca realça-se
A lampada de prata: chammejam os espiritos do fogo
Dos vasos argenteos o grato licor escorre
Emquanto a porcellana recebe o fumegante fluxo
Ao mesmo tempo acariciando o odorato e o paladar.
Frequentes tigeladas prolongam o rico repasto
Immediatamente borboleteia em torno da assembléa a orquestra [aerea
Alguns, ao sorverem o fumegante licor vaporoso.
Sobre o seu pannejamento abrem as plumas queridas
Farfalhantes e conscios do rico brocado
O café que torna o politico sensato
E o faz ver atraves de todas as coisas com os olhos entrea- [bertos
Incute por meio de seus vapores ao cerebro do barão
Novos estratagemas e o deslumbrante facho faz conquistar.

Doentio com era não podia Pope dispensar, dia e noite, os soccoros de sua creada, cujo sommo pertubava, a cada momento, pedindo-lhe café. Tinha aliás como hábito elle proprio moer e preparar a infusão. Outro grande apreciador setecentista do café, embora muito menos afamado do que Alexandre Pope, foi William Cowper (1731-1800) que alguns pretendem ter sido traductor de Homero mais fiel do que o proprio Pope, o timido e melancolico poeta de deliciosa ballada de John Gilpin.

Acabou demente, com intervallos de lucidez, em que produzia lindas coisas repassadas de real sensibilidade e a comprehensão exacta das bellezas da Creação.

Em sua *Pity for poor Africans,* citada por Ukers, exclama:

Ah! quanto delles me compadeço, mas devo emmudecer!
Pois que fariamos sem assucar e rhum?
De assucar, sobretudo, tão necessitados somos!
Que! Renunciarmos ás nossas sobremesas, café e chá?

Assim era por meio de palavras compassivas que engodava a si proprio, naquelles tempos de campanha tenaz do grande Wilberforce, quando algum protesto mais energico podia prejudicar-lhe o bem estar e o conforto. Além destes poetas antigos, encarecedores do uso do café, cita Ukers diversos outros,

muitos delles anonymos e sem grande valor, inglezes e americanos.

Affirma o autor de *All about coffee* que a primeira peça teatral ingleza em que se faz allusão a café é uma tal *Tamgo Wiles or the coffee House,* cemedia de 1667, da autoria de um tal Thomaz Serf. A sua estréa concorreram os dois mais altos personagens da monarchia britannica, o rei Carlos II e o principe de Galles, futuro Jayme II!

Desta comedia diz o famoso Samuel Peppys, o autor das celebres *Memorias* cifradas, e, a muito custo, decifradas, que tanto o celebrezaram: é a peça mais ridicula e insipida que em toda a minha vida assisti.

Refere Ukers ainda *A Bold Stroke for a wife* de Suzanna, Centilivre representada em 1719, em que ha uma scena de café. Nella occorrem uns garotos a berrar: *café fresco, senhores, café fresco! chá-bom!*

Em 1730 publicou Fielding uma comedia, *The coffee house polician or Justice caught in his own trap,* mas não sabemos se angariou applausos.

Muito mais deu que falar de si a *The coffee house,* do Reverendo James Miller, que se representou em 1737 no *Treater Royal* de Drury Lane. Era uma adaptação de *Le Café* de João Baptista Rousseau.

Um dos primeiros trechos de musica, referente ao café, occorre nesta comedia em um acto, e entrecortada de árias, cuja ultima vem a ser a cantiga, em cinco estancias, da lavra de um tal Caret.

Assim começa:

Quanto prazer proporciona um café
Onde se lê e se ouve como o Mundo roda alegremente
Onde a gente ri e tagarella disto, daquillo e daquiloutro...

A repreesntação desta comedia, ou coisa que valha, quasi trouxe grandes desordens em Londres, pois fôra visivelmente escripta para ridicularizar e deprimir certa Mrs. Yarrow, a dona do *Dick's coffee house,* e sua filha.

E como fosse este café o lugar de encontro predilecto dos maçons das *Lojas dos Templarios* e estes estimassem muito a ambas as senhoras não só fizeram assuadas no theatro, sobretudo no dia da estréa, como andaram perseguindo e ameaçando o mordaz reverendo James Miller.

Em 1694, e em Paris, fez João Baptista Rousseau que então apenas contava 23 annos, representar, no Theatro Fran-

cez, *Le café*. Parece que tal peça só teve uma recita. Sabe-se, aliás, quanto foi o autor das *Odes e Cantatas* theatrologo desastrado.

Nesse tempo era o celebre poeta lyrico assiduo frequentador do famoso café Laurent, ponto de encontro dos *beaux esprits* e do qual teria de se afastar, dois annos mais tarde, em virtude das perversidades que a inveja lhe fizera escrever contra os confrades.

Pateado com o *Jason e o Adonis* renunciou Rousseau, em 1700, ás glorias do palco.

Affirma Ukers, sem citar a procedencia, que Voltaire disse de *Le café*:

"Esta peça, obra de um rapazola sem o minimo traquejo, ainda, das letras e do theatro, parece apregoar a apparição de novo genio".

Ora, Voltaire nasceu exactamente em 1694, no anno da representação de *Le café*. Assim, pois, quer nos parecer que ou a citação não lhe deve ser atribuida ou um descuido do autor americano levou-o a empregar o indicativo presente em vez do preterito.

Na época em que a peça de Rousseau foi ao palco era costume, entre os donos dos cafés de Paris e seus empregados, trajarem-se á armenia.

E' o que nos relata *La Foire Saint Germain*, comedia em um acto e em prosa, representada pela primeira vez, a 19 de janeiro de 1696, e obra de Florent Dancourt, o conhecido autor-actor a quem o Rei Sol tanto apreciava.

Nessa *Foire Saint Germain* um dos principaes personagens é o "velho Lorange", negociante de café.

Num dos seus dialogos declara o tal Lorange a uma dama, vendedora de roupas feitas, que se naturalisara armenio pelo prazo de tres semanas.

Em 1760, representou-se, em Paris, outra peça que se prende a uma das mais notaveis ephemerides literarias relativas ao café. Intitulava-se *L'Ecossaisse* e passa por ser de autoria illustre, illustrissima, de Voltaire.

Diz Ukers que tal comedia se intitula *Le café ou l'Ecossaisse*. Appaareceu como precedente da penna de um inglez, Hume, e traduzida para o francez por um Jeronymo Carré.

Era violenta satyra contra Fréron, o mordacissimo critico que ao autor de *Mérope* e de *Zaire* não deixava em paz em sua *Année litteraire*.

E contra quem escreveu o susceptivel criticado o famoso epigramma:

L'autre jour, au fond d'un vallon,
Un serpent mordit Jean Fréron
Que pensez vous qu'il arriva?
Ce fut le serpent qui creva!

Teve a tal *Escosseza* enorme triumpho, e nella apparece um "Frelon", venal, impudente e vil.

Teve Fréron o bom gosto de assistir á representação e della deu um apanhado, summamente vivaz e engraçado.

Passa-se num supposto café de Londres.

Em summa, o resultado obtido pelo autor da mediocre *Henriade* não attingiu o seu *desideratum*. Nas comedias, aliás, era elle assaz fraco, justificando, em parte, o dito de um critico que se fossem representadas no Inferno até ao Demonio fariam morrer de tédio.

E como Voltaire, irascibilissimo, e sensibilissimo aos reparos dos criticos, imprimiu um epigramma contra Fréron, numa folha onde se via a figura de um asno dedilhando uma lyra, retrucou-lhe o mordaz adversario, declarando que a tão deliciosa satyra acompanhava o retrato de seu autor.

Este *Le Café* foi traduzido para o inglez, e representado em Londres. Parece aliás que Voltaire escrevendo a tal *Escosseza* bastante se inspirara em Goldoni, o Molière italiano, cuja *La Bottega di Caffé* se representara em Veneza, e em 1750, com muita acceitação.

Causidico, jurisperito, magistrado, a grande reputação de Anthelme Brillat Savarin (1755-1826) não lhe provém, comtudo, das letras juridicas e sim das paginas famosas da *Physiologie du Goût,* livro que o immortalizou, como de sobra é sabido.

E' tambem dos que se arrolam na lista dos maiores apreciadores e apaixonados do café, com Voltaire, Kant e Balzac á testa.

Naquella obra imperecivel, pelo bom gosto e o espirito de epicurista, com notavel graça redigiu as *Meditações da Gastronomia, transcendente obra theorico-historica, e actual, dedicada aos gastronomos parisienses por um professor membro de varios gremios scientificos,* rezam-lhe os sub-titulos.

Falando do café exclama arroubadamente:

"Vós, abbades e bispos mitrados, e portadores do baculo, que dispensaes os favores de Céu, e vós temerosos templarios que vos armastes para o exterminio dos sarracenos, nada conhecestes do suave influxo reparador quer do nosso chocolate quer da cereja arabica instigadora do pensamento!

O', quanto de vós me compadeço"!

Falando de escriptores cafeiphilicos refere-se Ukers ainda a um Gourcuff, que não conhecemos, citando-lhe, solecisticamente aliás, o titulo de uma obra. *De la café* (*sic*) *épitre attribué* (*sic*) *à Senecé.*

Sobre o periodismo inglez exerceu enorme influencia Sir Richard Steele com o seu *Tatler* (o Tagarela), orgão de renovamento da imprensa, que data de 1709.

Tanto o *Tatler* como o *Expectador* de Addison (1711) eram jornaes dos cafés, referindo-se, a cada passo, aos costumes e opiniões destas casas publicas.

Conta o autor de *All about coffee* que, em 1758, appareceu, em Paris, uma folicula periodica intitulada: *O café, litterario, artistico e commercial,* editado por um tal Carlos Woinez, publicação aliás ephemera. Tinha aliás sugestiva epigraphe: "*O Salon* (*litterario*) mantem-se mercê dos privilegios de casta e o café pelo igualitarismo".

Na literatura dramatica italiana as referencias ao café são mais recentes.

Das suas peças antigas a mais celebre é a de Carlos Goldoni, o celebre e fecundissimo theatrologo veneziano (1707-1793), chamado pelos francezes o *Molière italiano.* Remodelador do theatro da peninsula que cahira nas mais sordidas saloiadas, tambem escreveu comedias em francez, como geralmente é sabido.

A sua *La Bottega di caffé,* representada em Veneza e em 1750, fina satyra de costumes, tem como scenario o famoso Café Floriano da Praça de São Marcos.

Foi Goldoni, aliás, um dos grandes fanaticos do licor arabico. Apreciava, muito, frequentar o ambiente dos cafés, por toda a parte por onde passava, em suas longas viagens, na Italia ou fóra da peninsula.

Em outra de suas comedias, a *Esposa persana,* ha um trecho curioso em que occorre à descripção do processo de preparação do café em meiados do seculo XVIII.

Diz um dos personagens, certa escrava:

Aqui está o café, senhores, proveniente da Arabia
E trazido pelas caravanas a Ispahan
O café da Arabia é certamente sempre o melhor,
De um lado brotam-lhes as folhas e de outro as flores
Filho de rico solo, aspira pela sombra ou por pouco sol
O fructo embora realmente muito pequeno
Crescerá bastante para se tornar verdoengo

Mais tarde quando empregado terá que ser moido de fresco
E conservado em lugar quente e secco, cuidadosamente guar-
[dado
De pequena porção se precisa para o preparar.
Ponha-a em dose sufficiente e não a esparrame sobre o fogo
Aqueça-a até que a espuma cresça e então deixe-a abaixar fóra
[do fogo
E pelo menos faça-o assim sete vezes que o café estará prom-
[pto num instante.

Balthazar Galuppi, o compositor veneziano de opera-buffa, hoje tão esquecido (1706-1785) e, no emtanto, autor de muito renome em seu tempo, a ponto de ser chamado pela grande Catharina para regente da opera imperial de Petersburgo, escreveu uma opereta *Il caffé di campagna*, representada em 1762, e na qual, affirmam os criticos, demonstrou muita verve, alegria e inspiração melodica frescal.

Refere-se Ukers a um autor, Angelo Rambaldi, que, em Bolonha, publicou uma *Ambrosia arabica, caffé discorso*, obra em dezoito secções, descrevendo as origens, os processos da cultivação, da torração da cereja e preparação da beberagem.

Aliás a bibliographia italiana é bastante extensa, desde o seculo XVII.

Assim, segundo Bruno Belli, em seu *Il caffé* (Milão, 1910) são da éra seiscentista a *Virtu del caffé* de Domenico Magri (Roma, 1671), *Dell'uso dell'abuso del caffé* (Veneza, 1691), de Dallo Bona, *Poemata varia* de P. T. Strozza (Napoles, 1689), *Il caffé con piu diligenza esaminato* (Palermo, 1674, de Giuseppe Galeano.

No seculo XVIII cita este autor as obras de Andréa Alberti *Il caffé descritto ed esaminato* (Messina, 1702), Michele Alberti: *De caffeae potus uso noxio diss* (1730), Civinini, *Delle storia e natura del caffé* (Florença, 1734), Giorgio Baglivi, *Opera medico pratica* (Paris, 1783), Giovanni Giacomo Zannichelli, *Osservazioni in torno all'abuso del Caffé ed alle virtú di un nuovo té veneziano* (Veneza, 1755).

E sem a citação de datas, refere-se ainda a muitos outros escriptos como os de Constantini, Corre, Gemelli, Carevi Pauli, Peretti, etc.

Assim como vêmos, quando o Brasil amanhecia para o café, nos grandes paizes occidentaes, que desde quasi seculo e meio consumiam largamente a infusão arabica, numerosas manifestações das letras e das artes documentavam o gosto que iam tomando as nações pela bebida, por Voltaire adorada.

Valendo-nos da obra prestante de Ukers, lembremos algumas destas demonstrações mais celebres agora no campo da Arte.

Parece que se deve a Adriano Van Ostade (1610-1685) a mais antiga pintura européa que retrata um interior de café. Foi gravado por Beauvarlet este quadrinho do grande discipulo de Franz Hals, tão illustre quanto o famoso mestre.

William Hogarth (1697-1764), um dos maiores nomes da escola ingleza, tambem muito se comprazia em retratar interiores de cafés.

E' de 1733, o seu quadro o *Club de White's coffee house,* da série *The Rake's Progress,* e de 1738, o *Tom King's coffee House in Covent Garden,* da série *Four times of the day.*

Entre os quadros celebres da Escola Franceza que se prendem á historia do café citam-se o *Petit Déjeuner,* de Boucher (1703-1770). E' documento valioso, pois data de 1744 e representa uma sala de jantar onde se vê um serviço de café.

No retrato da Pompadour, por Carlos Van Loo, apparece uma negra offerecendo á bella (?) Antonietta Poisson uma canequinha de café.

Regnante, a Du Barry, quiz tambem o seu retrato, quando a tomar café, como a illustre antecessora.

Passou tal quadro por obra de Drouais e data de 1771, mas parece que foi feito pelo gravador Dagoty.

Nessa popular composição vê-se a rainha franceza, da mão esquerda, tomando uma chicara de café, que lhe apresenta o famoso negrinho escravo Zamora, a quem tanto apreciava. E no entanto, seu futuro trahidor, de 1793, causador de sua subida ao cadafalso...

Contemporaneo destes artistas é o celebre caricaturista inglez Rowlandson (1756-1827), cujo *Cachorro louco num café,* e o *Café Francez,* são muito populares na Inglaterra.

Quanto ás primeiras manifestações musicaes que tomaram o café para thema de suas inspirações, cita Ukers *Le Café,* da autoria de um tal H. Colet, professor de harmonia no Conservatorio de Paris.

Data de 1711 e teve, para fins de circulação, o beneplacito de Voyer d'Argenson, então Intendente de Policia.

Não se sabe quem haja sido o autor da poesia (?) sobre a qual Colet se inspirou para fabricar a melodia, aliás bem singela.

Si vous voulez sans peine
Vivre en bonne santé,
Sept jours de la semaino,
Prenez du bon café,
Il vous preservera
De toute maladie
Sa vertu chassera
Là, là
Migraine et fluxion
Don, don
Rhume et mélancolie.

Ao conjuncto ad musica e da letra poedmos applicar, *servatis servandis,* a famosa comparação lafontaineana, *Si votre ramage se rapporte à votre plumage...*

Um dos maiores nomes da arte musical deve ser aqui agora lembrado.

Quando em principios do segundo quartel do seculo XVIII, começaram os doutores allemães a guerrear o uso do café, deu-se o seguinte interessantissimo facto: o falatorio dos taes medicastros levou um homem genial a usar de seu talento para protestar contra semelhantes imbecilidades. Era elle o immortal João Sebastião Bach, que então escreveu a *Cantata do café,* em 1732, de que já falámos.

E' uma especie de opereta, em um só acto, espirituoso libreto em que se vê um pai solicito procurando afastar a filhinha querida dos perigos de tomar café, a bebida da moda.

Não é este, porém, o genero que se conhece do immortal Bach das fugas, dos preludios e da *Paixão segundo São Matheus.*

"Raramente se pensa em Bach como humorista, observa Ukers, mas o estro desta sua opereta é tão espirituoso e vivaz, suas árias tão alacres, que demonstram o que seria a obra do mestre se tambem se dedicasse á musica ligeira."

Mostra-se aliás o nosso autor yankee conhecedor imperfeito da obra do grande compositor saxonio, cuja musica nem sempre é austera e grandiosa. Tambem revelou a incomparavel mestria em generos amaveis, como por exemplo nessa deliciosa *Cantata profana* (n. 212), obra prima de humorismo musical.

Schlendrian, o pai cheio de ternura, atanaza a filha, Lieschen, incitando-a a deixar o vicio da moda.

Vendo que a não convence, acaba ameaçando-a de que lhe não permittirá arranjar marido!

E a moça, fanatica do café, canta um ária deliciosa.

Ei! wie schmekt der coffee süsse,
Lieblicher als tausend Küsse
Milder als Muscaten wein
Ei, ei, wie schmecke der coffee ei.

(O' como é suave ao paladar, mais agradavel do que mil beijos, mais doce que o vinho Moscatel!)

Atemorisa-se a pequena, mas a victoria paterna é de curta duração: faz ella ver ao feroz inimigo do café a incoherencia do procedimento. Tanto a mulher com a sogra são grandes apreciadores da beberagem negra. Um trio final consagra o triumpho da menina.

Interessante a observação de Ukers, a saber; no libreto surge a palavra *coffee* e não *kaffee* que era de esperar, visto como é o texto escripto em allemão e não em inglez.

Quanto á architectura dos primeiros tempos dos cafés specimen digno de nota vem a ser o edificio do Caffé Pedrocchi em Padua, Italia, no local de maior importancia da cidade universitaria.

Seu proprietario Antonio Pedro, que começara a vida como obscuro botiquineiro, grato á industria do café, que o enriquecera, entendeu construir o mais bello café do mundo. E realmente, pondo mãos á obra, em 1816, conseguiu erigir um edificio que se tornou famoso, não só na peninsula como em toda a Europa, e foi, durante bastante tempo, o mais notavel café do Universo.

A industria dos metaes, e a ceramica, forneceram enorme contingente á historia das artes applicadas relativas ao café.

No livro de Ukers longas paginas se consagram á descripção de specimens de cafeteiras artisticas e serviços completos de café existentes nas collecções dos grandes museus do Universo. Algumas destas peças valem pela antiguidade, como as cafeteiras de 1681 e 1689, uma dellas pertencentes ao Victoria and Albert Museum e, outrora, á Companhia das Indias Orientaes, segundo reza a Inscripção: "The gift of Richard Sterne Esq. to ye Honorrable East India Comp.".

O vaso de 1689 é de propriedade do rei Jorge V.

Vêm depois os vasos de prata lavrada, de que ha numerosas producções de peças do Metropolitan Museum de Nova York, do Museu Nacional dos Estados Unidos e procedentes dos seculos XVII e XVIII.

Tambem no *All about coffee* occorrem outras reproducções de bules, taças, serviços de café, de porcellana chineza, ingleza, franceza, sobremodo interessantes.

A nossa contribuição lusitana e brasileira brilha pela ausencia.

Entretanto já no seculo XVIII havia serviços de café muito bem trabalhados, segundo o gosto da velha ourivesaria portugueza.

Ha em S. Paulo um, infelizmente incompleto, datado de fins do seculo XVIII. Pertenceu á casa do Brigadeiro Luiz Antonio de Souza Macedo e Queiroz (1760-1819), o homem mais opulento da capitania paulista, e uma das maiores fortunas do Brasil joanino.

Este serviço passou a ser propriedade de seu filho, o Senador do Imperio, Barão de Souza Queiroz (1806-1891) e das mãos deste a seu neto Dr. Antonio de Souza Queiroz (1844-1920), pertencendo actualmente a sua bisneta D. Sara de Souza Queiroz de E. Taunay. .

CAPITULO XIX

A influencia de Soliman Agá em França. Os cafés celebres de Paris. Os cafés e a Grande Revolução

Falando da influencia enorme exercida por Soliman Agá na propagação do uso do café, observa Paulo Porto Alegre:

"Partiu o embaixador turco, e algum tempo depois, quando o uso já era bastante commum, decidiram-se os negociantes de Marselha e Lyão a mandar vir de todos os pontos do Oriente navios carregados desse genero."

Até essa época, o café não havia ainda transposto a soleira do rico; seu preço exhorbitante, e a circumstancia de ser encarado como bebida de méra fantasia, não o tinha tornado em França de um uso geral e ao alcance da bolsa do pobre.

Além do pequeno ensaio feito no *Petit Châtelet,* para a venda publica, durante o reinado de Luiz XIII, ensaio esse que durou pouco tempo, não existia antes dessa época um unico café publico do genero dos que hoje conhecemos.

Foi pouco mais ou menos, no anno de 1672, que se installaram alguns cafés, para commodidade dos amadores, que o não podiam preparar em suas casas. Esses locaes eram tão pobremente guarnecidos que o publico que os frequentava, não era o mais proprio para os enriquecer.

Parece que o primeiro café publico parisiense foi devido a certo armenio chamado Pascali. Installou-o na feira do bairro de Saint Germain, no local onde depois houve praça do mercado.

Era verdadeira taberna, que só logrou mediocre clientella, e Pascall, uma vez acabado o periodo feiral, transferiu o estabelecimento para o *Quai de l'École*.

Diz Ukers, sem declarar a procedencia do informe, que este primeiro café parisiense datava de 1672, e o armenio viera para Paris com Soliman Agá. Valia-se o oriental dos prestimos de creadinhos vestidos á turca. Circulavam entre a multidão offerecendo café, em canequinhas. Era este forte e dahi lhe proveio a designação popular de *petit noir,* que até hoje persiste.

Durava a feira dois mezes, e findo este prazo, o armenio

transferiu o seu estabelecimento para o cáes vizinho do Pont Neuf.

Conta o autor do *All about coffee*, que os resultados de Pascall foram mediocres. Quasi todos preferiam ao *petit noir*, o vinho, e os espirituosos.

Continuavam, comtudo, os seus *garçons* a offerecer o genero pelas ruas, aos gritos de *café! café!* Mas afinal, desanimado de vez, mudou-se Pascall para Londres, onde então havia muito maior freguezia para a bebida arabica. Sua clientela era apenas de estrangeiros e de cavalleiros de Malta.

Não conseguindo o apoio da Côrte, e dos grandes do Reino, propagou-se o uso do café, muito lentamente, em França.

Em 1672, outro armenio, um tal Maliban, abriu café tambem perto da Abbadia de Saint Germain, na rua de Bussy. Tambem vendia tabaco. Mudou-se depois para a rua Féron, perto de S. Sulpicio. Mas não se deu bem em Paris, e lá se foi para a Hollanda, deixando o negocio a um seu auxiliar, certo Gregorio, que era persa.

Este transferiu o botequim para a rua Mazarine, perto da Comedia Franceza então fronteira á rua Guénégaud. Em 1689, mudar-se-ia o teatro para a rua des Fossés Saint Germain. Deixando o negocio, passou-o a um compatriota chamado Mekara.

Transferiu Gregorio o seu café para o local do novo theatro, receioso de perder a clientella dos frequentadores da Comedia. Mas parece que pouco lucrou. Voltando á sua cidade natal de Ispahan passára o negocio a um liegense Le Gantois.

Vendedor ambulante que se tornou então popular, foi certo rapazinho de Creta conhecido por *Le Camelot*. Fazia grande berreiro pelas ruas da capital franceza, a gritar: *café! café!*

Em frente ao *Theatro Francez*, na rua chamada de *l'ancienne Comedie*, abriu-se novo café, o qual não tardou a mover grande concurrencia ao de Gregorio. Era chamado *Café Procopio*, de um siciliano de Palermo ou florentino, Procopio Cettelli, ou Cotelli, segundo quer Ukers. Já tivera outro na rua de Tournon. Foi o primeiro que se lembrou de enfeitar esse genero de estabelecimentos com luxo oriental, actualmente tão frequente nos bellos cafés europeus e americanos. Vendia-se ahi não só o café, mas toda a especie de bebidas geladas e sorvetes.

Algum tempo depois, teve Procopio por imitador outro oriental chamado Estevão, oriundo de Alepo, o qual tambem por muito tempo dirigiu um café, ornado com o gosto e luxo dos que em Constantinopla vira. Estava situado á rua Saint-André-des-Arts, em frente á ponte de Saint Michel. Foram estes os primeiros cafés publicos de Paris.

Era esperto o siciliano; procurou sobretudo attrahir gente fina e rica.

Diz um contemporaneo: "Vae ao café do Procopío, tambem chamado o Antro do Procopio (por muito escuro, mesmo ao meio do dia e mal illuminado á tarde). Alli verás como freguezes, frequentemente, uma collecção de esqueliticos, além de lamuriosos poetas, com ares de phantasmas".

Durou este café do Procopio até 1875!

Ao mesmo tempo que estes primeiros cafés se installavam, andavam homens pelas ruas vendendo café aos copos, conta-nos P.. Porto Alegre.

Legrand d'Aussy descreve o aspecto curioso desta especie de cafés ambulantes.

"O primeiro, diz elle, que fez este commercio, foi um côxo baixo, appellidado o *Candiota*... Teve por successor a um oriental por nome José, o qual, depois de ter exercido por algum tempo este meio de vida, abriu successivamente diversos cafés em alguns logares da cidade, dos quaes o ultimo achava-se perto da ponte do Notre Dame. Depois seguiram-se a elles, outros. Cingidos de um avental branco, traziam deante de si um cesto de folha de Flandres, onde tinham todos os utensilios necessarios á preparação do café.

Na mão direita levavam um esquentador com uma cafeteira; na outra, uma especie de moringue com agua para encher a cafeteira quando assim fosse preciso.

Percorriam as ruas com este apparelhamento, apregoando, em voz alta, o seu café. Da rua, os chamavam para as casas, onde, por dois vintens, tomavam um copo grande de café com assucar. Mas esta maneira de vender não teve grande successo, porque naquella época, o uso da bebida não tinha ainda chegado ás classes inferiores."

Diz Ukers, que o primeiro mercador com licença official de vender café em França foi um tal Francisco Damane, burguez de Paris, que alcançou tal privilegio graças a um alvará de 1692.

Deu-lhe o Rei, por dez annos, o direito exclusivo de vender café e chá em todas as provincias e cidades do Reino de França, além dos demais territorios, submettidos á sua soberania.

Tambem lhe permittiram manter um deposito destes generos.

Na época em que, com grande impulso, começou o café a propagar-se em Paris, não se encontrava ainda á venda em casa de todos os mercadores.

Vinha de Lyão ou Marselha, mas principalmente deste ul-

timo entreposto para o grão de Moka que ahi aportava via Alexandria, Smyrna e outros portos.

Começava o commercio cafeeiro a tomar extensão cada vez mais notavel, quando, em principios do seculo XVIII, quasi desappareceu, pelos enormes impostos lançados sobre o café da Arabia, em transito pelo Egypto.

Custava então em França de 1$920 a 2$240 reis a libra! Tão elevado preço deu lugar á formação de uma companhia de negociantes de São Malo, que, organizando duas expedições, enviou em 1708 e 1713 navios a Moka. Dobrando o Cabo da Boa Esperança, dalli trouxeram dous grandes carregamentos, cujo preço no mercado se mostrou muito satisfactorio, tanto para a companhia como para os consumidores. Eram as famosas expedições de João de La Roque, que tanto deram que fallar de si.

Sobretudo depois que o navegador, primeiro historiador da introducção do café em sua patria, publicou a sua *Viagem á Arabia Feliz pelo Oceano Oriental e o estreito do Mar Vermelho realizada pela primeira vez por francezes nos annos de* 1708, 1709 *e* 1710 (Paris, 1716).

A esta relação se ajuntam dois annexos, o relato de uma viagem do Porto de Moka á costa do reino de Yemen (1711-1713). *Un mémoire concernant l'arbre et le fruit du café, dressé sur les observations de ceux qui ont fait ce dernier voyage. Et un traité historique de l'origine et du progrés du Café, tant, dans l'Asie e que dans l'Europe, de son introduction en France, et de l'estabilissement de son usage à Paris.*

Relatando a sua visita aos jardins reaes mostra-se La Roque interessante, pois ahi demostra quanto os arabes de seu tempo acreditavam, piamente, não poder o cafeeiro vicejar fóra da Arabia.

Assim narra: "Nada ha de notavel nos jardins reaes a não ser os grandes trabalhos realizados para os dotar de todas as especies de arvores communs do paiz. Entre ellas os cafeeiros, os mais bellos com que nos foi possivel avistarmos.

Quando os delegados francezes representaram ao Rei quanto era isto contrario aos costumes dos principes da Europa (que se esforçavam por proporcionar aos seus jardins as plantas mais raras), o Rei lhes respondeu: Realmente seria o cafeeiro muito commum na terra, mas nem por isso menos valioso; seu perpetuo verdor era extremamente agradavel, suggerindo-lhe a ideia de que os seus fructos em parte mais alguma do globo se encontravam."

"E quando fazia presente daquillo, que provinha dos proprios jardins, causava-lhe grande prazer pensar que estava em

condições de apregoar que elle proprio plantara as plantas, com as proprias mãos".

A entrada do café pelos portos do norte, via Amsterdam e Ruão, causou vivos protestos entre os marselhezes, furiosos com semelhante concurrencia. Começaram a forjar intrigas, esforçando--se para que se prohibisse a importação por aquella via.

Pretendiam o direito e a faculdade exclusivas de prover o Reino. Devia o café entrar por via do Mediterraneo e do Egypto, por ser Marselha porto franco, entre outras razões especiosas.

Levaram finalmente uma representação ao Conselho Real, mas a despeito de todas as considerações e dos mais energicos esforços empregados, ninguem os attendeu.

Por toda a França propagou-se o costume da bebida arabica, tornando-se o paiz o vanguardeiro do consumo universal.

Em 1686, affirma Blegny, o imitador de Dufour, citado por Padberg: "Faz-se em Paris enorme consumo de café não somente nas lojas dos vendedores de licor, como nas casas particulares e nas das communidades. Pouco falta para que os inglezes e hollandezes sigam o exemplo dos turcos e pouco falta tambem para que nós, francezes, estejamos tão inveterados neste habito quanto elles."

Em fins do seculo XVII havia em Paris 250 cafés e em 1715, no dizer de La Roque, citado por Paulo Porto Alegre, uns 300.

Em principios do seculo XVIII, affirmava La Roque: "Ninguem, desde o mais modesto cidadão até as pessoas da mais alta gerarchia, deixa de o tomar pela manhã, diariamente, ou logo depois do jantar, sendo corrente o habito de se o offerecer em todas as visitas."

Como os aristocratas se mostrassem dos mais calorosos propugnadores da nova bebida, não tardou que nos cafés surgissem todas as magnificencias do Oriente, tapetes, jarrões, porcellanas, etc.

A principio, são os autores concordes em affirmal-o, não era a nata da sociedade franceza que constituia os frequentadores dos cafés. Verdadeiras tabernas onde tambem se serviam liquidos alcoolicos, foram elles, pouco a pouco, adquirindo feição civilizada, sobretudo depois do estabelecimento do Procopio.

Alargou-se tanto o commercio dos botequins que varios negociantes tinham ao mesmo tempo, casas no bairo de Saint Germain e na feira de S. Laurenço. E o curioso é que a elles concorriam homens e mulheres.

Nesta occasião já o café Procopio se convertera em local de encontro de numerosissimas figuras de maximo relevo da intellectualidade franceza. Escriptores, artistas, actores, "causeurs", passavam horas e horas alli a discutir e a conversar.

Tornou-se a casa do Siciliano verdadeiro "salon" litterario. A vizinhança do theatro fazia com que a frequentassem muito os autores dramaticos e os artistas.

Assim entre os seus mais assiduos commensaes viam-se João Baptista Rousseau, Crébillon, Pison, Lemierre, etc., que alli encontravam Fontenelle, Voisenon, Sainte Foix, La Chaussée e quantos mais.

Com o augmento notavel do consumo da bebida, muitos restaurantes mudaram de normas annexando cafés a seus estabelecimentos.

Assim se deu com uma antiga casa de pasto, que datava de 1582 *"La Tour d'Argent"*. Funuccionava no Quai de la Tournelle e passou a ser por muito tempo o mais elegante dos restaurantes parisienses, frequentado até pelos reis.

Nas mesmas condições cita Ukers *Le tambour royal*, de um tal João Ramponaux, a cuja casa frequentava até o proprio Luiz XVI. Mais tarde outro frequentador regio seria alli notado: a rainha Maria Antonietta. Passou mais tarde o tal Tambor Real a ser lugar de suspeita moralidade, tornando-se celebres, até as suas festas carnavalescas e orgiacas.

Quasi todos estes cafés se encontravam no centro de Paris em torno do Palais Royal. Outro café antigo, contemporaneo de Procopio, celeberrimo, data da primeira metade do seculo XVIII e ainda hoje existe: o *Café de La Régence*. Fundara-o, segundo parece, pelos annos de 1689 um tal Lefèvre, parisiense que começara o seu commercio vendendo café pelas ruas, e depois abrira botequim.

O nome, felicissimamente escolhido, data, segundo consta, de 1718. Foi o estabelecimento assim intitulado em honra ao nada casto Philippe de Orléans, o famoso regente *Lieutenant Général du Royaume.*

Alli se reuniam os cortezãos, vindos das sessões de paço e côrte, para a sua salinha estreita e atmosphera viciada.

Já, em 1760, tinha o *Café de la Régence* a grande honra de merecer de um dos maiores vultos das letras universaes, Diderot, um apanhado do aspecto de suas reuniões.

No *Neveu de Rameau,* escreve o formidavel encyclopedista "Seja com que tempo for é habito meu, invariavel, ir, pelas cinco da tarde, dar uma volta pelo Palais Royal. Se faz muito frio ou muito calor abrigo-me no *Café de la Régence*". A este

concorriam muitas das maiores intellectualidades do seculo XVIII. Além de Diderot, Voltaire e d'Alembert.

Coisa curiosa, transformou-se o café em verdadeiro club de enxadrismo a que frequentavam os grandes, os maiores mestres do nobilissimo jogo indiano.

Alli pontificava o formidavel Philidor, musico assaz mediocre, mas campeão tremendo do taboleiro das 64 casas.

Outro habito se criou. As senhoras da alta aristocracia não ousavam apparecer nas salas dos cafés, onde havia ruidosas reuniões exclusivamente masculina. Mas mandavam parar as carruagens á sua porta e faziam se servir pelos garçons que lhes traziam a bebida em chicaras de prata.

O café Procopio, cada vez mais, se prestigiava graças aos frequentadores de escol.

Voltaire, alli constantemente apparecia. Até se fechar o *Café Procopio*, passados dois seculos de sua existencia, mostrava-se a todos os frequentadores não só a mesa de marmore como a cadeira em que permanecia, diaria e longamente, o philosopho de Ferney.

Parece que apreciava immenso uma mistura de café e chocolate. Que grupo de homens de talento e de genio surgia naquelle recinto! Além dos encyclopedistas como Diderot e Rousseau, outros grandes homens do porte de Beaumarchais, Condorcet. Entre outros vultos de notavel reputação, Fontenelle, Piron, Crébillon, Voisenon.

Benjamin Franklin foi visto entre os commensaes, desde os primeiros dias de sua famosa embaixada em Paris. Tambem quado, em 1790, falleceu, viu-se o Café Procopio enlutado por meio de uma série de demonstrações causadas pela perda do grande corypheu da republicanização universal.

Montesquieu, nas famosas *Cartas persanas* escrevia: "O café está muito em uso em Paris. Existe grande numero de casas publicas que o vendem. Em algumas aprendem-se novidades, em outras joga-se xadrez. Há porém uma, onde se prepara de tal modo o café, que dá espirito aos que o tomam, pelo menos de todos que dalli sahem, não ha ninguem que não acredite ter quatro vezes mais espirito do que antes de lá haver entrado."

Alludia o autor do *Espirito das Leis* ao *Café Procopio* ou ao Gradot vizinho da Escola de Medicina, e então muito afamado tambem, pela freguezia dos intellectuaes.

"Mas o que mais me causa extranheza, e merece reparos, é que o espirito desta gente nada tem de util a sua patria", observa Montesquieu.

Tendo encontrado um geometra á porta de um café do Pont Neuf resolvera entrar, em sua companhia, no tal botequim.

Espirituosamente commenta o que alli vira: o respeito com que os garçons tratavam, muito mais cortezmente, do que os dois soldados estafermos da porta, certo sujeito pallido e esqualido. que lhe disseram ser grande politico... de café, sujeito que se preoccupava muito com as operações dos exercitos e era da categoria daquelles nossos notaveis estrategistas, de 1865-1870 pittorescamente alcunhados, no Rio de Janeiro, *generaes da rua do Ouvidor.*

Tanto em fins do esculo XVII como em principios da centuria seguinte nos cafés parisienses notou-se que numerosos eram os freguezes que alli permaneciam horas e horas.

Os donos dos estabelecimentos, para reterem a clientela, resolveram annexar ao café a venda de outras bebidas e tambem comidas. Assim insensivelmente numerosos restaurantes que mais tarde se tornaram importantissimos, começaram como simples cafés.

Notavel iconographia conseguiu Ukers para o seu excellente capitulo entre outros a curiosa gravura de Boisredon *Le café de Procopio* (1743).

No café Procopio, diz um articulista do Grand Dictionaire du XIX Siècle, discutia-se literatura, politica, philosophia, religião, etc.

Para exprimir mais livremente o pensamento, os principaes visitantes imaginaram giria especial.

Assim, ouvia-se Marmontel dizer a Boindin: "Para quem acredita em *Javotte, M. de l'Être* é um personagem terrivel, que se apraz em torturar Margot." O que significa: "Para quem acredita na *religião, Deus* é um personagem bem terrivel, que se apraz em torturar a *alma*".

Ao lado destas conversas, onde as mais audaciosas idéias vinham á luz, atravez do brilho das intelligencias, outros letrados silenciosos, entre o quaes sobresahia a figura melancolica de J. J. Rousseau, acompanhavam as peripecias de uma partida de xadrez, ou, como se dizia então, *empurravam a madeira.*

Antes da época em que o Café Procopio angariou tamanha notoriedade, graças á reunião de tão notaveis celebridades, outro local havia onde se encontravam homens de letras eminentes, o café da viuva Laurent, situado á rua Dauphine.

Tinha por freguezes La Motte Saurin, Danchet, Crébillon, La Faye, J. B. Rousseau, etc.

Tambem alli se discutiam os acontecimentos literarios, criticavam-se as novas peças, emittiam-se idéias politica e religiosas.

Alli surgiram os primeiros epigrammas, que provocaram o exilio de João Baptista Rousseau.

Acabára este poeta de fazer representar, sem exito, aliás, o *Caprichoso.*

A biles facil de se lhe excitar, ainda mais se lhe azedára com o triumpho da opera *Hésione,* que Danchet logo depois fizera subir ao palco.

Desabafou-se contra os freguezes do café, a quem accusou da cabala arruinadora de sua peça, e atacou-os em quadras anonymas, cheias de fél.

Tornaram-se ellas cada vez mais satyricas e diffamatorias. Interveio a justiça e, fosse ou não fosse Rousseau o autor de toda essa versalhada, trouxe-lhe o processo a ruina".

Lembrando a notavel coincidencia de, em diversos paizes, escolherem os adeptos das idéias novas aos cafés para o local de suas reuniões e debates, escreve o articulista:

"Se um grande numero de medicos admitte que o café é a bebida mais adequada para excitar, sem as pertubar, as funcções do cerebro, a ninguem surprehenderá vêr estabelecimentos, onde se o bebe, transformados em pontos de reunião em que se discutiam as questões relativas á intelligencia."

Apenas o uso do café se espalhára em Constantinopla, passaram os *hawha-kanés,* onde se vendio o liquido extrahido da fava de Moka a ser frequentados por pessoas letradas..

Depois dos cantos e dansas das cortezãs, após as partidas de xadrez, começava a conversa. A's historias antigas succediam-se as modernas, e as do dia. Acabou a politica por alli tomar tal importancia que o governo, inquieto, fizera fechar os *kawha-kanés.*

"Vêmos a mesma medida adoptada na Inglaterra, no reinado de Carlos II. Emquanto se permittia o funcionamento de mais de 3.000 tascas, tinha-se medo de deixar subsistir um unico café! Em França, os Cafés attrahiram a attenção da policia, e, algumas vezes, os seus rigores; em parte alguma tão espirituosas se apresentaram como nessa patria do espirito e da conversação".

Para o fim do seculo XVIII cresceu immenso a influencia social dos cafés.

No da *Régence,* Diderot jogava xadrez com um testa coroada: o futuro imperador José II!

Robespierre, mau xadrezista, por lá apparecia raras vezes; e o general Bonaparte sentava-se ao lado de Louvet.

A alguns passos do Café de Régencia, sob as galerias do Palais Royal, outro existia já afamado e depois celebre. Era o

Café de Foy, talvez mais illustre do que o congenere. "Não por causa de bella caixeira por quem o duque de Orléans tanto se apaixonara, nem pela andorinha pintada no tecto por Carle Vernet, mas porque alli, á tarde de 12 de julho de 1789, um rapaz de vinte e sete annos, Camille Desmoulins, com os cotovellos fincados á mesa, e a testa nas mãos, meditava no acto que ia realizar um quarto de hora depois e ao cerebro lhe escaldava: a immortal revolução que deveria modificar o mundo."

Entre outros cafés de grande fama nos tempos, citam-se ainda os de *Valois* e *Lemblin* e o *Cuisinier*, na praça *Saint Michel*, onde se apontava certa mesa em que o tenente Napoleão Bonaparte almoçava certo dia com um amigo intimo, o Tenente Duroc, sem terem, nem um nem outro, com que pagar a refeição.

Escreve Padberg:

"Durante o seculo XVIII não era moda tomar café depois da refeição principal, com o fim de auxiliar a digestão, e muito menos ainda o café com leite, então consumido em quantidade insignificante.

Os cafés da época, mereciam mais que os actuaes este nome, pois que só se tomava nelles café preparado de grão puro, algum chá, e poucas bebidas espirituosas.

Ornados muitas vezes com uma sumptuosidade excessiva como os actuaes cafés em Paris, Londres, Vienna, e outras cidades, na Italia e Suissa, além de ser geralmente mal preparado, o que menos se tomava era café, depois do apparecimento de um succedaneo pouco digno delle, a chicorea."

"A Revolução em 1789, e as que se lhe seguiram transformaram, constantemente, em reuniões paliticas os Cafés até então agitados, só, e muito aliás, pelas questões literarias", escreve o articulista acima citado.

No Palais Royal e nas ruas que o avizinhavam fundaram-se varios estabelecimentos de nomeada, onde se reuniam os partidarios dos diversos credos.

Emquanto o *Café Lemblin* recebia os restos do estado maior imperial, os liberaes da velha guarda e do Grande Exercito, que altamente protestavam contra as humilhações da França e as fraquezas do governo bourbonico, viam-se no Café de Foy os liberaes, mais enthusiasmados pela liberdade do que pelas glorias militares, os adeptos do parlamentarismo, os doutrinarios que combatiam em pról dos principios constitucionalistas.

Ao mesmo tempo, no Café Valois, reuniam-se os cavalheiros de São Luiz, os defensores natos e juramentados do throno e do altar."

CAPITULO XX

A velha bibliographia do café em França. O tratado de Philippe Dufour

Com a propagação do uso da bebida arabica nasceu a bibliographia do café.

Já em 1671 apparecia em Lyon um opusculo anonymo intitulado: *As admiraveis virtudes da amóra chamada café.*

Este fasciculo reclamava a apparição de algum volume que puzesse o publico em condições de avaliar o que realmente valia o café.

Tal incitamento provocou o "admiravel", dil-o Ukers bem, tratado de Philippe Sylvestre Dufour, sahido a lume, em Lyon. no mesmo anno de 1671.

Vale a pena aqui lembrarmos quem foi este patriarcha da cafeibibliographia franceza.

Philippe Sylvestre, nascido em 1622, em Manosque, na Provença, ajuntou ao nome paterno, por gratidão, o de um tio materno que lhe legara a fortuna. Assim passou a se chamar Philippe Sylvestre Dufour.

Resolvendo residir em Lyon, ahi foi droguista forte, tendo um estabelecimento que conseguiu larga clientela e onde adquiriu fartos cabedaes.

Apaixonado archeologo e numismata, entreteve relações com os mais notaveis antiquarios de seu tempo, sobretudo com o celebre Jacques Spon (1647-1685), medico, humanista, numismata, epigraphista de renome consideravel, viajante da Grecia, Turquia, Asia Menor. Tudo isto fizera á custa dos maiores sacrificios, pois era pobrissimo, c em companhia do botanico inglez Jorge Wheeler.

Affeiçoou-se Dufour a Spon, e em 1678 publicou a sua notavel relação de viagem á Italia, Grecia e Levante. Eram ambos protestantes. .

Foi o viajante quem trouxe, do Oriente, a Dufour, grande material, graças ao qual pôde enriquecer a incipiente collecção de historia natural. Assim tambem o auxiliou muito para a for-

mação do seu medalheiro, acervo de antiguidade e gabinete numismatico, que passaram a ser realmente preciosos.

Quando se deram os primeiros passos para a perseguição aos reformados, antes da revogação do Edito de Nantes resolveu Spon retirar-se para a Suissa. Algum tempo antes escrevera ao famoso Père Lachaise, confessor de Luiz XIV, pedindo-lhe a protecção, afim de que poudesse publicar as suas obras. Respondeu-lhe o celebre jesuita concitando-o, antes de mais nada, a converter-se ao catholicismo.

Respondeu-lhe Spon, em sábia epistola, defendendo as suas crenças e, desanimado, emigrou, indo estabelecer-se em Vevey, perto do famoso e irreductivel republicano inglez e regicida Edmundo Ludlow.

Dufour o acompanhou. Apenas alli chegados, falleceu Spon e pouco depois o fiel amigo, em 1687.

Do seu tratado *De l'usage du café et du chocolat* (Lyon, 1671), reimpresso em 1694, ainda em Lyon, possue o Museu Paulista um exemplar da segunda edição. Tambem imprimira: *Instruction d'un père à son fils qui part pour un long voyage* (Lyon, 1677).

A Dufour deve-se ainda, segundo Ukers, segunda publicação sobre o café: *Modos de preparar café, chá e chocolate* (1684), tambem impressa em Lyon. Deste volume nada diz o diccionario de Larousse.

Vejamos, porém, quaes eram as idéias por Dufour expendidas em seu celebre volume.

Resumil-as é dar ao leitor uma impressão das principaes theorias de physiologia do tempo em materia de hygiene alimentar.

Tratando das qualidades primaciaes do café, explicava Dufour o pensar dos aristotelicos: predominavam nos corpos mixtos as qualidades: calor, frio, seccura e humidade.

As combinações entre estes elementos é que produziam as "qualidades secundarias". Mas os medicos contemporaneos, e sobretudo os moços da escola moderna, pppositores das idéias antigas, só falavam agora em Acido e Alcali, Sal Enxofre e Mercurio.

Maliciosamente commentava o nosso homem: "Talvez dentro destes vinte annos inventarão alguma nova giria que cahirá no goto do publico, pois dia a dia verificamos que a moda tanto influe no vestuario como em materia medica".

Os physicos ainda perturbavam mais o caso com as suas novas idéias sobre os atomos. Assim resolvera-se elle, autor, a consultar os velho clinicos, de idéias moderadas e esclarecidas.

De accordo com a sua lição affirmava que o essencial em medicina era verificar se um alimento vinha a ser quente ou frio.

Não havia necessidade de alguem ser galenista ou partidario da escola chimica para poder affirmar que a pimenta do reino, a aguardente, o vinho e as especiarias eram quentes, ao passo que a agua, a tisana simples, os legumes figuravam entre os frios; fosse por que causa fosse, pela agitação de suas moleculas ou graças aos seus enxofres, saes fixos e volateis.

Seria, pois, o café quente ou frio? tiraria calor ao sangue ou lh'o communicaria?

Relativamente ao vinho era frio, por ter menos elementos inflammaveis do que elle; mas em relação á agua e á tisana, quente por lhes communicar amargor e relevo, e ao sangue maior agitação.

Quando bem quente, entretinha, por mais tempo, o movimento dos espiritos. Em referencia ás pessoas: tornava-se quente quando bebido por pessoas frias e phleugmaticas, movimentando-lhes mais o chylo e o sangue. Em compensação, provocava frialdade nos individuos de temperamento fogoso por temperar agitações sanguineas, por demais violentas.

Por que? A razão era clarissima aos olhos do nosso eminente physiologista. O café, especie de legume, insipido, pegajoso e terrestre, empregado como alimento, só podia constituir um sangue grosso e viscoso e portanto só podia refrescar. Mas, como a torrefação consumia uma parte de sua phleugma, exaltava os espiritos, deixando-lhe muita impressão do fogo. Mas esta torrefação era parcial, restavam-lhe particulas terrestres de modo que dahi lhe provinha uma temperatura média. Emfim, se alguem delle queria valer-se, como meio therapeutico, devia consultar o medico.

O café, substancia torrada, ninguem o esquecesse, não podia deixar de communicar ao seu decocto qualidades, desseccantes, tanto mais quanto, diuretico, tambem arrebatava alguma serosidade do sangue, nova mostra do poder seccativo.

Pharmeceutico-chimico, apaixonado de sua profissão, entendeu Dufour submetter o café a uma analyse, profunda quanto possivel, das suas qualidades por intermedio "desta bella arte da chimica que, por via do fogo, fazia a resolução do mixto em seus principios sensiveis."

Auxiliado pelo Sr. Cassaire Filho, *Maitre apothicaire* da cidade de Lyon, e pelo Dr. Spon, seu grande amigo, distillara uma libra (459 grs.) de cerejas de café, "obtendo uma fleuma clara como agua, vapores que se condensaram num licor aver-

melhado que escureceu, tornando-se mais crasso, mais negro, e mais oleoso até attingir um peso total de meia libra. A borra da retorta pesava um quarto de libra, de modo que os espiritos volateis deviam ser correspondentes a outro quarto de libra.

Do oleo espesso e coagulado, com a apparencia de manteiga ennegrecida, resultaram duas onças e cinco drachmas (74 grs., 61).

Rectificado, passou a apresentar côr amarello-clara. Obtiveram os analystas uma drachma de sal fixo (3 grs., 65). Calcinado, difficilmente aliás, mostrou-se muito alcalino e acre como o sal de tartaro.

A fleuma mostrava-se assaz carregada de saes volateis, ou espiritos de côr amarella. Provinham de uma parte do oleo mais ethereo impedindo a fermentação dos acidos, graças ao sal alcali-volatil contido no espirito, porque obstruia os poros, impedindo a sua acção.

Tal não se dava com o sal alcali fixo, que, desembaraçado do seu oleo, fermentava com os acidos, assim como os outros alcalis fixos.

Baseado nesta analyse conscienciosa, explicava Dufour que não agiria ás tontas para descrever os effeitos physiologicos do café. E ahi desenvolvia uma explicação repassada de verdadeiro sabor.

Com os dados de que dispunha, "não parecia teimosia attribuir á infusão arabica maior bem que poderia provocar, nem maior mal capaz de causar". Com effeito, quando se soubesse que o café está cheio de enxofre e sal volatil, como se deduz da analyse, ninguem se admiraria de que nutre e impede de dormir.

"A razão de uma e outra coisa provem de que o sal volatil e o oleo estando intimamente unidos, pela perfeita digestão da semente ajudada pelo calor do paiz em que nasce, são muito proprias, uma pela actividade e outra pela lentidão, para impedir o somno e fornecer ao mesmo tempo o alimento".

O oleo, composto de particulas ramosas e faceis de se entrelaçar, auxiliado pelo sal volatil que lhe serve de vehiculo, é sobremodo proprio á alimentação do animal. O sal, por seu lado, tambem o é para a rarefacção dos humores e o aviventamento dos espiritos deprimidos no cerebro, provocando a vigilia".

Nada mais simples, nem mais claro!

Quando não havia espirito preconcebido, como no caso do Dr. Simão Gaulli, que dando pancada de cego no chá tambem calumniara o café, "droga deseccante e effeminadora", chegavam as autoridades a estas mesmas conclusões.

Achava Prospero Alpini que o café se compunha de duas

substancias, "uma terrestre e grosseira, fortificante e roborante e outra subtil, feita de particulas quentes, pelas quaes aquecia, desarrolhava e detergia."

Tinha o seu decocto o gosto da chicorea, embora muito melhor desopilasse do que esta. Para Veslingius a casca do café era um pouco fria e secca, mas o grão moderadamente quente.

Torrado, o seu amargor era bem supportado pela lingua, motivo pelo qual afastava a nausea.

Pietro della Valle, este declarava o café refrescante no verão e aquecedor no inverno. E isto sem mudar de essencia, circumstancias preciosas! sendo sempre a mesma bebida!

Emfim, entre os autores modernos muitos delles notaveis até, varios eram concordes em affirmar que o café fortifica o estomago, desecca as humidades do corpo, é aperiente e desopilante, rebatendo os vapores que sobem ao cerebro a que mantem vivaz.

O primeiro effeito do café exercia-se, naturalmente, sobre a bocca. E era de se notar que, embora ingerido muito quente, não queimava nem esfolava a lingua, como faria a agua simples á mesma temperatura, o que se poderia attribuir ao pó em suspensão no liquido.

As senhoras, ciosas da alvura dos dentes, receiavam talvez que a estes ennegrecesse. Mas de tal se não assustassem. Os dentes dos orientaes não eram mais escuros do que os dos occidentaes.

Mas, se acaso os vissem pretejar, o remedio alli estava á mão: o proprio pó, residuo da infusão, os branquearia como a cinza do fumo aos dentes dos fumantes.

Tinha o café subito effeito sobre o estomago, promovendo a coacção dos alimentos, dahi, o seu apreço entre os orientaes a quem Mafoma prohibira o vinho. Objectar-se-ia que em paizes vinhateiros seria inutil. Mas ninguem se esquecesse das idiosyncrasias numerosas, promovidas pelo vinho entre os febricitantes e os sujeitos a enxaquecas e a outros achaques.

Nos estomagos quentes violenta era a distillação do licor de Noé.

Subia o alcool ás membranas cerebraes, deixando na bolsa gastrica o vinagre e a borra em que se desdobrava. Esta, dissolvida pelo fleuma, ia para o intestino, os rins e as articulações, causando colicas, areias e gotta. Com o café nada disto! Seus espiritos não tinham a inflammabilidade dos do vinho, delles não existiam acido, nem incentivos á embriaguez.

Quem não sabia que a bebida até desintoxicava do alcool? De esperto prohibira o governo de Carlos II os cafés e deixara

abertas as tavernas. Naquellas os bebedores falavam em politica, cada vez mais activos, nestas as fumaças do vinho lhes davam o optismismo sobre as coisas governamentaes, quando não lhes travava a parolagem e logo depois até a lingua.

Para a formação do chylo era admiravel o café, que convertia o bolo alimentar em sangue louvavel. Quando este era mal elaborado, toda a digestão se perturbava, dahi se ressentindo a saúde do individuo.

Entrava o nosso autor logo depois em alta dissertação physiologica.. Escerrava o café duas substancias, uma subtil e votatil e outra terrestre. A primeira embotava a excessiva acidez do fermento gastrico e abrandava o chylo, pois era archi-sabido quanto os saes volateis diminuiam a energia da funcção acida. Quanto á parte terrestre era ella detersiva e bastante constringente, portanto altamente estomachica. Fortificava o succo gastrico por sua virtude abtersiva, limpava-lhe os depositos assim como os do intestino delgado e pela seccura consumia as humidades superfluas das partes nutrizes.

Graças ao alcali absorvia os azedumes indigestos, fluctuantes nos primeiros vasos, resistia a qualquer corrupção, oppunha-se fortemente ás coagulações, causa principal e mais commum das molestias, ajudando muito á transpiração insensivel, de onde decorria o equilibrio da boa saúde.

Que prova mais evidente das vantagens estomacaes do café do que o observado com os turcos? Esta gente, grande bebedora d'agua, comendo legumes e fructas, e ingerindo lacticinios, incomparavelmente mais do que carnes, alimentando-se de pão quasi sem levedo e muito pouco cozido, o que lhes devia arruinar as funcções gastricas, soffria no emtanto muito raramente de indigestões.

Por que? Só por causa do café!

E' verdade que tambem tomavam a limonada ambreada, feita com summo de limão, assucar e ambar, e *ochosat,* cujos ingredientes eram o mel, as passas e a seiva acida do cedro. Mas além de não o fazerem no verão, em taes bebidas não havia ingredientes capazes de corrigir as cruezas indigestas do estomago.

Apontava o nosso Dufour um caso typico succedido a um dos maiores fidalgos da França, o marquez de Crillon, neto provavelmente do famoso bravo do *Pends toi!*

Tendo tido terrivel febre absorvera enormes quantidades de limonada que lhe arruinaram o estomago, tornando o enfermo absolutamente anoretico. Puzera-se a beber café e vira a bebida oriental expellir o catharro viscido que atopetava e obstruia os poros do estomago, impedindo a insinuação do levedo

gastrico dissolvente dos alimentos! Podia o café, ás vezes, excitar vomitos, mas muito raramente. E' que ahi vinha em soccorro do estomago carregado de residuos indigestos.

Para muita gente, até, fazia cessar os vomitos, provenientes de humores, por demais acidos. A estes temperava graças ao sal volatil a que, com as particulas oleosas, abrandava.

Como maior de espadas das excellencias estomacaes do café apontava Dufour fortissimo argumento e do qual ninguem se lembraria: elle impedia a geração dos vermes! pois estes procediam das cruezas do estomago e dos catharros que fermentavam nas cavidades do corpo!

Que dirão os doutos dessa helminthologia sábia do mestre Phillippe Sylvestre Dufour?

Nas doenças abdominaes, não menos maravilhosos os effeito do café. Fundia a pituita dos intestinos, causadora da colica, resolvia, pouco a pouco, os humores viscosos dos pequenos vasos do figado, baço e pancreas, motivos de deploraveis obstrucções.

Nò Egypto era empregadissimo para resolver tumores hepaticos, e splenicos. O sábio Veslingius assegurava-lhe a excellencia contra os succos frios e espessos, obstructores das entranhas e dos vasos dispersos por todo corpo. Assim era optimo para as pessoas fleugmaticas e as mulheres opiladas. Como fosse lubrificante dos humores era admiravel como emenagogo. As egypcias e as arabes que o dissessem.

A explicação vinha a ser: "os vapores uterinos causados pelos movimentos irregulares dos espiritos, excitados pelas materias heterogeneas e corruptas do baixo ventre, ou na massa do sangue, acalmam-se com o sal volatil do café, que abranda os puxos das substancias acres."

O sábio clinico, Sr. de la Closure, homem de tamanha nomeada, não queria outro remedio para as suas clientes de regras difficeis e recommendava immenso ás parturientes a ingestão de duas chicaras de café forte.

Sobre os rins era-lhe o effeito simplesmente maravilhoso: abriam-se, dando passagem á serosidade. Graças ao espirito volatil reanimava e entretinha o calor natural, desobstruindo, poderosamente, todos os canaes por onde transitava.

Ao uso do café se attribuia o facto de quasi não haver turcos hydropicos. Na Inglaterra, depois de seu consumo, estavam diminuindo muito as anasarcas.

Conhecido archiatra allemão, Mollenbrock, referia quanto dinamarquezes, suecos e hollandezes combatiam, com o uso do

café as molestias hypocondriacas e escorbutosas, o que era naturalissimo.

Provinham estas queixas dos humores tartaricos, acidos e corrosivos, a que combatia o sal volatil cafeico.

O Sr. Deverace, fidalgo genebrez, gottoso dos 25 aos 60 annos, desde que começara a tomar café vira desapparecer os nodulos dos pés e mãos, isto depois de deixar de ser ventripotente!

Então nos casos de gotta eram simplesmente fantasticos os resultados do café. Nas molestias pulmonares tambem se notavam maravilhas, pelo facto de que a decocção arabica, diminuindo as serosidades sanguineas, alliviavam os pulmões.

Para asthmaticos era um balsamo, para prégadores formidavel alentador. Um capuchinho, celebre missionario, exhausto pelos sermões continuos, recomeçava a prédica logo que bebia duas chicaras de café, ahi quasi a ferver.

Mas o mais extraordinario vinha a ser o caso da completa amnesia occorrida a outro capuchinho que até se sentira como que apatetado no momento de subir ao pulpito. Deram-lhe então café. A' medida que lhe sorvia os goles percebera sensivelmente que os vapores do celebro se lhe dissipavam, deixando voltar as idéias que dellc haviam desertado!

Para a tisica não havia como café com leite. Neuhof, inventor da mistura, imitara neste particular aos chins, que aos seus tuberculosos ministravam chá com leite. O Dr. Morin, o celebre medico de Grenoble, curara a propria esposa de uma tisica gravissima, tornando-a até sobremodo robusta.

O mesmo illustre clinico explicara ao nosso autor quanto aos febricitantes era util o café com leite: dissipava os vapores cerebraes causados pela pyrexia, fonte das enxaquecas, e fazia esvasiar, pelas vias urinarias, a serosidade salgada e acre da lympha existente nas arterias e veias.

Para febres, terçãs, quartãs, triplas-quartãs e outras quaesquer, café! e mais café! café! e mais café!

Entendia o eminente Dr. de la Closure, gloria do corpo medico francez, que os elementos subtis e vaporosos do café eram nitro-sulfureos, comparticipantes, portanto, do salitre e do enxofre; dahi a sua affinidade com os espiritos animaes a que em pouco tempo normalisavam.

Esta substancia, subtil e volatil, tinha as suas particulas mais ou menos do mesmo tamanho, configuração e movimentação que as do espirito de vinho. Muito mais puras, porém, do que estas; dahi o facto de servirem, com tamanha utilidade, nos casos de cephalalgia.

De tal dava o autor testemunho pessoal. Perseguido durante annos por pavorosa enxaqueca, fôra sangrado e purgado a valer; recorrera a formidaveis dietas e a banhos; tomara innumeros clysteres. Tudo debalde! Viera o uso do café e ficara curado! Para enxaquecas, sympathicas do estomago, e das entranhas, nada mais soberano!

A Senhora de Brière, fidalga famosa em Paris, pelos meritos e a belleza, tanto soffrera de enxaquecas que, desesperada, resolvera trepanar-se. Assim, já confessada e ungida, ia entregar-se aos cirurgiões, quando de repente, esbaforido, entrara pela sala das operações a dentro o Arcediago do Cabido de Paris, a gritar-lhe: "Minha Senhora! então não vedes que estaes entre perigosas mãos?" E depois interpelara os cirurgiões: Saiam! barbaros ignorantes! saberei impedir que se sacrifique esta vida á sua ganancia! Vou curar a enferma!"

Desculpou-se um dos operadores, dizendo que obedecia aos clinicos mas não ficaria, de fórma alguma, melindrado se o impedissem de trabalhar. E assim se fôra, seguido dos demais collegas.

Começou o arcediago a tratar a doente pelo café; ao cabo de tres dias recuperava o somno, totalmente ausente, havia varios mezes, voltara-lhe o appetite e a cura completa se fizera em tres semanas!

Para os olhos era optimo receber o individuo, de vista fraca, baforadas de vapor do café; os turcos disto bem sabiam.

Passava a bebida por causadora da insomnia; o Dr. Ferrand, conhecido clinico de Limoges, assegurava que a muitos enfermos insomnes curava fazendo-os tomar café, forte e quente, á hora de dormirem!

Receioso porém de o acoimarem como panegyrista inconvencivel de uma panaceia, escreveu o nosso Dufour um capitulo especial sobre os individuos cujo temperamento não se dá bem com o café e as molestias para as quaes a bebida era contra indicada.

Não queria que a infusão arabica fosse tida á conta do remedio universal. E depois conhecia bem muitas anomalias.

Assim havia individuos a quem o maná dava pavorosa prisão de ventre e outros a quem o sene causava syncopes!

Assim um seu amigo, o Sr. Galant, vomitava pavorosamente sempre que tomava café. Do que pudera observar notava que este, bom para os temperamentos pituitarios era mau para os biliosos e calorosos demais, aos que digeriam, com excessiva rapidez, os que tinham vasos cheios de sangue subtil a circular, com excesso de rapidez em arterias por demais abertas.

Mostrava-se menos proprio aos magros do que aos gordos, quando tal magreza não provinha de desordens dyspepticas.

Pessoas de sangue excessivo, e anormalidade subtil, quando fracas do peito, deviam delle abster-se pelo receio de que se volatilisasse ainda mais e lhes tomasse os pulmões.

Para os tisicos era inteiramente contra indicado porque nelles o sangue se achava muito subtilisado.

Uma ultima questão grave reservou-se Dufour a discutir no final de sua demonstração physiologico-therapeutica.

Seria mesmo exacto o que apregoara o conhecido Simão Pauli sobre as virtudes anaphrodisiacas e esterilisantes do café?

Era tudo balela, nascida de inverdades creadas por Adão Olearius o celebre viajante germanico que, do uso do café pelos persas, escrevera: Delle se servem para attenuar o calor e as virtudes prolificas, pois não gostam de se carregar de muitos filhos, assim como confessaram ao consultor e ao medico de nossa embaixada".

E ahi vinha então celebre trecho innumeras vezes repetido, inclusive pelo nosso Burlamaqui, de quem ultimamente o transcreveu Hildebrando de Magalhães:

"Pretende-se que o uso frequente do *cahué* torna os homens inteiramente incapazes de procrear. A tal proposito contam os persas de um de seus reis, o sultão Mahomet Kasnin, contemporaneo de Tamerlão, que tanto se habituara a tal beberragem que dahi lhe viera inconcebivel aversão pela esposa.

Vendo este, certo dia, um cavallo que os palafreneiros haviam derrubado para o castrarem, perguntou a esses homens porque maltratavam deste modo o pobre animal. Responderam-lhe veladamente que para lhe tirar a virtude geradora e o ardor dos cavallos inteiros.

Respondeu-lhe a rainha que para tal não havia necessidade de tanto trabalho, dessem ao animal a bebida negra do *cahué,* cujos effeitos seriam identicos: tornar-se-ia logo o cavallo tão frigido quanto seu marido".

Valendo-se deste depoimento puzera-se o mestre Pauli, Johannes Wilhelm Pauli, a declamar contra o café.

Era este cafeiphobico personagem muito reputado em terras germanicas.

Nascido em 1603, em Rostock, exercera a medicina na cidade natal, passando depois a Copenhague para ahi professar anatomia.

Fizera carreira na Dinamarca, onde chegara a ser o primeiro medico do Rei e da Côrte. E até bispo Lutherano. Casado duas vezes, só de uma mulher tivera quinze filhos! A' sua *Ma-*

china anatomica, ripanço infoliar publicado em 1668, acatavam os doutos de seu tempo, summamente.

A este povoador, alarmado ao que parece pelas necedades de Olearius, tanto impressionara o texto do viajante que se mettera em seu *Tratado contra o abuso do tabaco e do chá* a barafustar contra o café.

Era possitivamente esterilisante! e isto por causa de sua natureza sulfurea!

Rebatendo as opiniões do douto physiologista germanico, que tinham, como era de esperar, causado grande sensação, havendo até quem com ellas se espavorisse, lembrava-lhe Dufour que, se o café realmente fosse esterilisante, não havia necessidade se ir procurar exemplos entre indios e garamantes, para provar que qualquer excesso se mostrava prejudicial.

Não se sabia que os excessos do vinho produziam paralysia, hydropisia, apoplexia e até a morte?

E qual esse juiz, essa autoridade capaz de proscrever o licor que letificava o coração humano? quando tomado moderadamente?

Em todo o caso, elle, Dufour, jámais vira coisa que justificasse tão absurda proposição.

Se exacto que o café abundava em enxofre não era sua torrefação sufficiente para que este principio se desenvolvesse em detrimento dos demais? O que nelle havia de sulfuroso e butyroso concentrava-se na borra.

E ahi vinha a mais pittoresca explicação, bem ao sabor das idéias alchimicas dos tempos pre-stahlianos, pois ainda não desenvolvera o illustre allemão a theoria do philogistico, dentro em pouco vencedora.

"Quem pensasse que tomando café ingeria muitas particulas sulfureas ficasse certo de que este enxofre sahiria ligado á propria fleuma de sua borra e da agua em que se dissolvia. Assim se achava muito proporcionado aos espiritos animaes e prolificos a que, segundo a concordancia das experiencias, não communicava movimentos irregulares. Tambem não os dissipava, coma fazia o vinho, por meio de seu enxofre, que era mais agitado, mais inflammavel e mais facil de separar-se de sua fleuma, e até da propria agua".

E depois: que valiam os argumentos do Sr. Dr. Simão Pauli contra a verdade inilludivel dos factos? Na Turquia e no Egypto, abusava-se do café, e , no emtanto, estes dois paizes tinham população densa.

Figueirôa, embaixador da Hespanha no corte da Persia, residira neste paiz longamente, muito antes de Olearius, nada me-

nos de quinze annos!. E, no emtanto nada relatára a proposito da tão ridicula balela. Pelo contrario, narrára em sua relação diplomatica: "Os persas usam o *cahua* por motivo de saude, e como o achem delicioso declaram-n'o muito estomacal".

Acaso seria depois da sua estada naquelle paiz que se descobrira tão esdruxulo caso?

Mas então ahi estava o depoimento de Tavernier o *Ulysses do seculo XVII,* homem meticulosissimo. Teria, sem duvida alguma, referido tal historia se acaso possuisse ella alguma base séria.

E a reforçal-o, vinha outra opinião de douto viajante, o medico Bernier. Affirmava este itinerante illustre que na Persia era o café muito moderadamente consumido. Se alguns persas soffriam de anaphrodisia é que estavam viciados pela aguardante, o vinho e o opio, sendo geralmente muito mais intemperantes do que os turcos.

Em annexo, publicou aliás o nosso Dufour uma carta de Bernier, que estivera longamente na Syria, Arabia, Persia e afinal na India.

Ahi passára doze annos como medico do Grão-Mogol Aureng Zeb.

Homem de enorme prestigio intellectual e prefeita integridade, sua palavra merecia o maximo acatamento.

Desmentindo a Olearius, formalmente, declarava o illustre itinerante: "Na India e na Persia, o consumo do café é muito pequeno, quasi se limita aos portos do mar e pouco penetra no interior dessas terras, ao passo que se mostra enorme na Turquia."

Era Bernier um dos enthusiastas do café, bebida nutriente. Não havia comparação entre a que se ingeria no Egypto e a da Arabia, esta incomparavelmente mais saborosa. A de Europa nem se comparava á do Oriente. E' que com a longa viagem, havia a evaporação das essencias. Outra operação de alta importancia: a torração, de que havia certos segredos. Basta dizer que, no Cairo, lugar do mundo onde mais se bebia café, só existiam dois especialistas reputados para tal fim. Guardavam ciosamente o maior segredo em defesa de seus interesses.

Ao finalisar a informação, atirava Bernier alguns jactos de agua fria á fervura do enthusiasmo de seu consulente.

"Isto de attribuir ao café todas estas grandes virtudes que a novidade, muito mais do que a verdade ou a experiencia lhe emprestam, não sou homem para isto, nem tão pouco medico que precise de alguma distracção nova para os meus enfermos.

Elle não é o quinino, este maravilhoso febrifugo que Hippocrates teria adorado se o conhecesse."

E realmente, quando poderiam os antigos affirmar a um enfermo, como agora se fazia, que com tres ou quatro dóses deste remedio a febre lhe passaria e o appetite lhe haveria de voltar?

Varias as celebridades francezas setecentistas adeptas das idéias de Dufour e que se distinguiram pelo enthusiasmo de bebedores de café.

Entre elles, na primeira plana: o philosopho, a proposito de quem escreveu Dellile os versos conhecidissimos sobre o licor.

Qui manquait à Virgile et qu'adoroit Voltoire. Conta-se que chegou num certo periodo de vida a tomar cincoenta canequinhas diarias!

Outro apaixonado celebre foi Fontennelle, de quem é muito conhecida a resposta a certo sujeito que acoimára o café de venenoso.

— "Deve sel-o, mas de acção muitissimo lenta, pois ha oitenta e cinco annos que o ingiro e ainda por aqui ando."

Observa Ukers que tal anedota, posta á conta de Voltaire, não póde ter tal origem, pois Fontenelle morreu centenario, e Voltaire aos 84 annos.

Grande adorador do café tambem foi Talleyrand, o homem creador de tanta phrase de espirito e de notavel profundeza.

Delle disse: *Noir come le diable, chaud comme l'Enfer, pur comme un ange, doux comme l'amour.*

Cita Ukers um trecho desse diplomata inegualavel, pedaço que tambem se attribue, mas erradamente, a Brillat Savarin:

"Uma chicara de café, levemente temperado com bom leite, em nada perturba o intellecto. Pelo contrario, o estomago, graças a ella, torna-se apaziguado e não affecta o cerebro.

Não atrapalhará o espirito com exigencias, deixando-lhe liberdade de acção.

As suaves moleculas de Moka sublevam o sangue em seu excessivo ardor o orgão pensante dahi recebe um sentimento de sympathia, torna-se-lhe mais facil o trabalho e assim sentireis, sem prejuizo de vossa refeição principal que vos restaurará o corpo, assegurando-vos noite calma e deliciosa!".

Outro personagem illustre, e illustrissimo, aliás muitas vezes menos pela posição do que pela valia pessoal e grande tomador de café foi Luiz XV, o rehabilitando difficil do talentoso P. Gaxotte.

Diz-se que o *Bien Aimé,* aliás muito mais *Bien aimant,* gostava de preparar, elle proprio, a infusão. E que, das estufas

de Versailles, o jardineiro-chefe lhe colhia nada menos de tres kilos annuaes para este fim.

Conta-se, não se sabe bem com que fundamento, deste rei que tanto desmentiu o titulo de Christianissimo: Estava, certo dia, em Louveciennes, em casa de sua ultima favorita, a formosa Bécu, dos maledicentes, que ao nome, plebeu e mal sonante, trocou pelos appellidos pomposos de Jeanne de Gomard, de Vaubernier, condessa Du Barry. Como o seu café fervendo ameaçasse derramar a comborça, gritou-lhe, com a maior sem cerimonia: *La France* (assim lhe chamava) *ton café va foutre le camp!*

Conta-se que Luiz XV gostava tanto de café que só a verba do grão destinado ás princezas, suas filhas, attingia setenta e cinco mil libras francezas por anno, o que é phantastico e naturalmente denuncia a existencia de abuso enorme, proveniente de estorno inilludivel da ucharia real.

Arrola Ukers a J. J. Rousseau entre os maiores apreciadores do café. Conta que, certo dia, ao passar nas Tulherias, em companhia do autor de *Paulo e Virginia* (a quem chama Bernardino (sic?) de Saint Pierre dando um facies italiano ao nome Bernardin) percebeu no ar o aroma do café torrado.

Assim exclamou logo: "Eis ahi um perfume que me delicia! Quando torram café perto de casa apresso-me em abrir as portas para poder aproveitar-lhe todo o aroma."

Affirma ainda Ukers que o *Homem da Natureza* expirou tendo em mãos uma chicara de café.

E attribue a Napoleão o seguinte dito: "Café forte em abundancia torna-me vivaz. Incute-me ardor, força descommunal e dôr que não deixa de me causar certo prazer. Prefiro soffrer a ser insensivel."

Falho, com a derrota da esquadra franco-hespanhola, em Trafalgar, o golpe imaginado por Napoleão, em 1805, para o desembarque, na Inglaterra, das enormes forças accumuladas no acampamento de Boulogne, ficaram as esquadras britannicas senhoras incontestes dos mares.

Foi então que o *Homem dos Seculos* imaginou o Bloqueio Continental, a seu vêr, unico meio de reduzir o terrivel adversario á impotencia, aniquilando-lhe o commercio.

Assim lançou o celebre decreto de 21 de novembro de 1806, prohibindo qualquer commercio, qualquer communicação com a Grã Bretanha e seus dominios. Aliás, é bom lembrar que a Inglaterra tambem decretara o bloqueio das costas do norte do Imperio, bloqueio que se prolongava até á foz do Elba indo de Brest a Hamburgo.

Estas medidas tyrannicas causaram enormes maleficios ao mundo civilizado, torna-se obvio lembral-o. E dahi provocaram uma série de complicações internacionais as mais graves, e as mais variadas, como, por exemplo, as violencias do conquistador contra o Summo Pontifice deposto e encarcerado, a dupla invasão iberica e afinal a guerra com a Russia, que determinaria a ruina do imperio francez.

As populações, arruinadas pela falta de intercambio commercial, soffreram immenso sem que as duas grandes potencias rivaes conseguissem uma dominar a outra.

Esteve a Inglaterra, attingida na parte mais vital de sua economia por immensa divida nacional, como todos sabem.

Apesar de todos os rigores da prohibição, as mercadorias britannicas e os generos de sua importação introduziram-se no Continente, máu grado toda a vigilancia alfandegaria, a severidade das multas e o perigo das apprehensões.

O café, producto exotico, estava classificado nos *denrées coloniales,* e assim o seu consumo ficou gravemente attingido pela tyrannia napoleonica, que mandava destruir pelo fogo todos os generos apprehendidos de procedencia ingleza.

Uma anecdota pittoresca, que não ha francez que ignore, data deste tempo. Authentica ou não, pertence a um dos mais interessantes capitulos do anecdotario napoleonico, envolvendo a propria pessôa do cesar corso.

Já, desde muito, eram os francezes grandes bebedores de café e sentiam immenso a privação de sua bebida predilecta.

Viajava Napoleão por certo recanto da França, quando pequeno accidente, ou incidente, de carro obrigou-o a deter-se numa aldeiola. Emquanto esperava, dirigiu-se ao presbyterio local, onde residia velho cura.

Com a sem cerimonia habitual das maneiras desabusadas, foi o vencedor de Austerlitz varejando a casa. Sentiu logo forte cheiro de café torrado. Logo depois, apanhava no quintal, o vigario em flagrante delicto de contravenção á lei do Bloqueio Continental.

— Então, Sr. Padre! — interpellou-o Napoleão vehementemente. Pego-o com a bocca na botija! Assim é que o Sr. respeita as leis do Imperio! Bravissimo!

Mas o cura era homem de muita calma e sobretudo espirito. Assim respondeu-lhe com a maior opportunidade.

— Mas Sire! Que estou fazendo senão exactamente o que Vossa Magestade manda? Pois se V. M. me encontra a queimar os generos coloniaes?!

E Napoleão, grandissimo apreciador dos *traits d'esprit* e,

elle proprio, habil calembourista, riu-se, deixando o bom do padre saborear o seu café, conquistado graças a tão habil sortida.

A esta scena popularizou immenso um desenho do illustre Charlet, a quem immortalisou uma serie de estampas famosas, finas e espirituosas, sempre sem acrimonia alguma, e acariciadoras notaveis do sentimento patriotico e da recordação da gloria militar franceza.

Uma das mais populares da obra enorme desse quasi emulo do grande Raffet, é exactamente esta que illustra o episodio celebre da historia napoleonica.

A falta de café exasperava os francezes, mas a applicação do Bloqueio Continental beneficiou ao Brasil: Trouxe-nos a transplantação da monarchia de que proveio o apressamento de nossa independencia, a fundação do Imperio de onde decorreram a unidade e a integridade brasileiras e graças á qual gozou o paiz o governo dignificador desse homem nobilissimo que foi Pedro II.

CAPITULO XXI

A propagação da cultura cafeeira extra arabica. Introducção do cafeeiro no Oriente e nas colonias francezas das Antilhas

Tradição corrente, e em geral acceita, refere que a propagação do café se fez lentamente, porque os arabes querendo guardar o monopolio do fructo da rubiacea tomavam a precaução de ferver as semente vendidas para a exportação.

Admitte Ukers a possibilidade desta manobra que, devia ser muito penosa, pelo vulto da fervura de tanto grão, observemol-o.

Mas não era possivel reprimir o surto da lavoura de tão precioso genero.

Em 1614 estudavam os negociantes batavos as condições do aproveitamento do café como artigo de commercio. Em 1616 era um cafeeiro transportado de Moka para a Hollanda.

Em 1670 pensou-se em aclimar o cafeeiro em França, em Dijon, com resultados pessimos, comtudo. Refere Padberg, porém, uma informação de Blégny relativa a uma plantação de cafeeiros em Dijon, por volta de 1680, segundo contava um tal d'Errere, grande negociante de Lyão, a proposito de um fidalgo das vizinhanças da capital borgonheza. Tratava-se realmente da planta do café.

Diz Boerhaave que por 1690 se fez o primeiro ensaio de transplantação para Jäva.

Em 1690 o burgomestre de Amsterdam, Nicolau Witsen instigava o governador de Java, Van Hoorn, a plantar café e ao commandante do Malabar, Adriano Van Omen, a enviar á grande ilha malaia alguns cafeeiros de Cananor. Procediam de outros vindos do Yemen. Dahi se originou todo o cafesal da Malasia hollandeza. Estes arbustos foram plantados pelo Governador Geral Willem van Oudtshoorn em Kedawoeng numa fazenda perto de Batavia. Foi mais tarde esta plantação destruida por um terremoto e subsequente innundação. Em 1699 Henrique Zwaadekroon importou algumas mudas do Malabar para recomeçar as lavouras.

Em 1706 iam para Amsterdam as primeiras amostras de café javanez e algumas mudas de cafeeiros que foram plantadas no jardim botanico local.

Dalli se disseminaram pelos principais estabelecimentos da Europa. Da Java transportaram os hollandezes o cafeeiro a Sumatra, Celebes, Timor, Bali, etc.

O primeiro carregamento importante de café de Java despachado á Hollanda partiu em 1719. Em 1743 attingia esta exportação a 1.600.000 kilogr., ou sejam 26 mil e tantas saccas das nossas, ao passo que o de Moka chegado á Hollanda não attingia 100 saccas. Tornou-se Java no seculo XVIII segundo berço do cafeeiro, dominando o mercado do café até que o Brasil a supplantasse.

Os francezes começaram a pensar em introduzir a rubiacea em suas colonias.

Curioso o que se deu com a transplantação dos cafeeiros do Jardim Botanico de Amsterdam para as estufas do Jardim das Plantas de Paris: uma série de verdadeiros fracassos.

Mas perseveraram os francezes em seu proposito. O proprio Governo de Luiz XIV, finda a conflagração européa da Successão da Hespanha e assignada a paz geral de Utrecht, solicitou officialmente, do burgo mestre de Amsterdam, a remessa de mudas de cafeeiro.

E' provavel que os plenipotenciarios de Luiz XIV, indo á cidade celebre, onde se reunia a conferencia da paz mundial, conhecendo a *Trajectum ad Rhenum* dos romanos, hajam visto, no Jardim Botanico do grande porto hollandez, os specimens do cubiçado arbusto.

Um tratado de commercio pelo prazo de vinte e cinco annos se assignou então entre a França e a Republica das Provincias Unidas em que aquella ficava no mesmo pé de igualdade que a Inglaterra.

E o abbade de Polignac, um dos plenipotenciarios do Rei Sol, assignalava ao seu Rei que os hollandezes queriam a todo o transe praticar o *giving too little and taking too much* de que os inglezes os accusam de serem useiros e vezeiros.

Accommodaram-se as coisas ante a attitude energica da Inglaterra, que compelliu o povo dos diques e dos canaes a diminuir as exageradas pretenções.

Afinal, recebeu Luiz XIV (de presente, um cafeeiro novo e vigoroso. Tinha cerca de cinco pés (1m,65) de altura. Enviado ao Castello de Marly, foi transferido para o Jardim das Plantas de Paris, onde, com todos os cuidados, o recebeu o emi-

nente botanico Antonio de Jussieu. Seria elle o primeiro a dar a primeira descripção scientifica do fruto e da flor do cafeeiro.

Já nesta época percorrera a Hespanha e Portugal em companhia de seu irmão Bernardo, aliás muito mais celebre.

Este cafeeiro do Jardim das Plantas passa por ser o tronco de pelo menos todo o cafesal das Antilhas, da America Central e do Mexico.

Escreve Porto Alegre:

"Nessa época (1731) appareceu a segunda descripção do cafeseiro, devida ao fundador da illustre familia de botanicos Antonio de Jussieu, cujo ultimo representante, Adriano de Jussieu, falleceu em 1853."

Esta memoria, que é curiosa a muitos respeitos, encontrase nas *Memorias da Academia de Sciencias* de Paris, de 1713, a pag. 291, tomo 7, e ahi o cafeseiro é designado debaixo do nome de *Jasmin d'Arabie à feuilles de laurier* (*Jasminum arabicum, lauri-folio cujos semen apud nos caffe dicitur*)".

"Este escripto e as publicações da imprensa jornalistica excitaram por tal modo a curiosidade publica em Paris que todos se empenhavam em ver semelhante planta". De obra muito interessante extrahimos o seguinte periodo curioso, que dá conta de uma visita que fez o autor, em companhia de muitas pessoas de distinção, ao Jardim das Plantas no intuito de alli observarem o cafeseiro:

"Fomos conduzidos ahi por Mr. de Jussieu, doutor em medicina, membro da Academia de Sciencias e professor real de botanica... Nós o contemplamos (ao cafeseiro) durante muito tempo com grande prazer. Estava ainda no caixão em que tinha vindo, collocado dentro da estufa.

Este arbusto pode ter ao todo uns cinco pés de altura, e uma boa pollegada de espessura. De seu tronco estendem-se diversos pequenos ramos, que dão ao todo um aspecto pyramidal. Suas folhas são quasi todas dispostas duas a duas ao longo dos ramos.

Nós observamos neste arbusto, fructos verdes, do tamanho de uma ameixa pequena, verde; fructos encarnados, como uma cereja, pouco mais ou menos. e outros ainda mais escuros, de côr quasi negra de maduros... Concluindo, diremos em beneficio dos curiosos e dos estrangeiros, que Mr. de Jussieu tem muito prazer em recebel-os e os instruirá com sua conversa erudita e agradavel."

Duas tentativas baldadas houve segundo consta, para se transportarem ás Antilhas mudas do cafeeiro offerecidas ao

grande soberano do *Nec pluribus impar* pelo burgo-mestre de Amsterdam.

Afinal viria a terceira a dar sorte, após uma série de peripecias romanticas de largo sabor.

O lugar da transplantação devia ser a Martinica, a ilha tomada, para a França, em 1635, por Charles Lyénard, senhor de l'Olive, e seu companheiro Jean Duplessis, senhor de Ossonville.

Parece, segundo affirma Porto Alegre, que a Antonio de Jussieu commettera o Rei o encargo de propagar a cultura do cafeeiro pelas colonias francezas, sendo elle quem escolheu a Martinica para campo das primeiras experiencias.

A tal proposito escreve Raynal, a respeito desta ilha, celebre nos fastos americanos e nos do café:

"Passando os francezes a ser os unicos possuidores da Martinica, occuparam tranquillamente os pontos mais convenientes ás suas culturas. Constituiram-se então duas classes. Era a primeira a dos que haviam pago as passagens para a America: chamavam-lhes habitantes.

O governo lhes distribuia terras de que ficavam proprietarios mediante o encargo de uma taxa annual. Viam-se obrigados a servir militarmente e a contribuir segundo a proporção dos meios ás despesas exigidas pela conveniencia e segurança das povoações.

A's suas ordens estava uma recua de pobretões, á sua custa trazidos da Europa, sob o nome de *engagês,* gente submettida a uma especie de escravatura que durava tres annos. Findo o prazo, tornavam-se os contractados, pela recuperação da liberdade, iguaes áquelles a quem haviam servido.

Uns e outros occupavam-se exclusivamente do tabaco e do algodão. Mais tarde trataram do urucú e do anil. A cultura do assucar só começou em 1650.

Benjamin Dacosta, um desses judeus industriosos cuja iniciativa provem da propria oppressão de sua nação, depois de ter cultivado a cana, plantou dez anos mais tarde, cacaueiros. Seu exemplo não teve imitadores até 1684, quando o chocolate tornou-se de consumo bastante commum na metropole.

Então passou o cacau a constituir o recurso da maior parte dos colonos, que não possuiam fundos sufficientes para emprehender a cultura da canna de assucar.

Além destes recursos, tinha a Martinica vantagens naturaes, que pareciam dever leval-a, em pouco tempo, a um enriquecimento consideravel.

Optima a situação geographica. Recebeu favores do governo francez e teve a felicidade de não ser assaltada por corsarios.

"Apesar de tantos recursos de prosperidade, a Martinica, embora mais adiantada que as outras colonias francezas, ainda o era muito pouco, em fins do seculo XVII.

Em 1700, só contava, ao todo, seis mil quinhentos e noventa e sete brancos e quatorze mil quinhentos e sessenta e seis escravos. Reduzidos eram os rebanhos de bovinos, equinos e ovinos, consideraveis as lavouras de cacau, tabaco, e algodão, existindo nove anilarias e cento e oitenta e tres pequenos engenhos de assucar."

Tal o quadro do territorio onde iam surgir os primeiros cafeeiros antilhanos. Vejamos porque.

Em 1717, entendera a metropole alliviar os martiniquenses da taxa excessiva que sobre o seu commercio pesava. As suas lavouras prosperavam então. Mas occorreu um cyclone que lhes arrazou os cacauaes completamente.

Recorreram á metropole e esta, por intermedio de um de seus sábios, lhes acenou com o cafeeiro, unico meio para a reconstituição do seu patrimonio.

Escreve a tal proposito Paulo Porto Alegre:

"Tendo a França reconhecido a utilidade desta planta, e desejando introduzil-a em suas colonias, encarregou a Antonio de Jussieu de achar os meios de a fazer chegar a essas colonias e a Martinica pareceu-lhe offerecer as condições mais favoraveis para um primeiro ensaio de acclimação.

Foi ahi que pela primeira vez apparece a figura memoravel na historia universal do café, de Gabriel Matheus de Clieu ou de Clieux, a quem alguns autores tambem chamavam Declieu e Declieux.

Jussieu entregou a mais robusta das tres mudas que havia obtido do caféseiro do Jardim das Plantas, ao seu amigo e jovem offcial de marinha, Desclieux, que partiu em 1723 para alli, encarregado de uma commissão, continua Porto Alegre.

Segundo alguns autores, Jussieu dera um só pé e, segundo outros, tres, dos quaes, dois pereceram em caminho e um só se salvou.

Seja como fôr, a versão mais commum é que á Martinica só chegou um arbusto tronco de tantos milhares de plantas, que mais tarde povoaram as vastas plantações alli encontradas. Declieux, aliás, refere-se a um unico pé.

Escrevendo em 1860, affirmava Burlamaque que quem confiou os cafeseiros a De Clieux fôra de Chirac, em 1723, e não de Jussieu, o que é possivel, pois de Chirac dirigia, então, o *Jardim des Plantes de Paris.*

CAPITULO XXII

Esboço biographico de Clieu. O celebre episodio de sua vida. Depoimento do protagonista

Pretende Ukers, citando a *Biographie Universelle,* de Michaud, que Gabriel Matheus de Clieu nasceu em Angléqueville-sur-Seine, na Normandia (localidade ou lugarejo que hoje está no departamento do Sena Inferior), não se sabe se em 1686 ou 1688. O *Grand Dictionnaire du XIX Siècle* muito mais recente do que a *Biographie Universalle,* acceita o primeiro dos dois millesimos. A' sua familia pertencia João Baptista de Clieu, sábio theologo, autor de obras de piedade, cura da igreja de Nossa Senhora do Havre, a quem se deve apreciado trabalho sobre a historia do grande porto normando, no seculo XVII.

Entrando para a marinha de guerra real, sabemos que Gabriel de Clieu era, em 1707, *enseigne de vaisseau* ou segundo tenente. Em 1718 fizeram-no cavalleiro da Ordem de S. Luiz. Dois annos mais tarde tinha a patente de capitão, provavelmente de infanteria.

Desde data por nós ignorada, servia de Clieu na guarnição da Martinica.

Indo á França para tratar de negocios pessoaes occorreu-lhe alli a idéia de, na viagem de volta, levar comsigo algumas mudas de cafeeiro para os aclimar nas Antilhas. Nova versão como veremos...

Eram poucas as de que podia dispor o Jardim das Plantas e o jovem official achou difficuldades em conseguir que lhas dessem.

Parece que o facoreceu então o Sr. de Chirac, physico real. Este celebre facultativo (1652-1732) depois de ter sido lente em Montpellier, e servido como medico militar nas campanhas de Hespanha, adquirira immensa reputação como clinico, fôra nomeado primeiro medico do Regente, Duque de Orléans, e afinal de Luiz XV. Na vaga de Fagon fel-o este rei director do Jardin des Plantes.

Foi a elle que de Cliue recorreu. Como não fosse bem succedido valeu-se da influencia de uma senhora de alta posição a

quem Chirac nada podia recusar, relata a chronica maliciosa do tempo.

As mudas escolhidas se despacharam a Rochefort, porto onde o official devia embarcar, por um Mr. Begon, commissario do Ministerio da Marinha. Não se sabe quando de Clieu chegou exactamente á ilha antilhana. Pensam alguns autores que em 1720, outros em 1723.

Ensina Jardin (Edelestan) em seu *Le cafeier et le café*, publicado em Paris no ano de 1895, que talvez haja de Clieu, realizado duas travessias, com verdadeira constancia, digna de todo o louvor.

Sempre segundo Jardin parece que na primeira viagem morreram as mudas. Na segunda tomara o official a precaução de plantar as sementes ao deixar a França; assim sobreviveram graças ao sacrificio que official fez de diminuir a propria e escassa ração d'agua, da jornada oceanica, para as humedecer.

Ha a tal respeito um dado positivo — a carta escripta pelo proprio de Clieu e publicada na *Année Litteraire* de 1774, a quem era dirigida.

Nella só se refere a uma travessia.

Querem outros discutir segundo ponto, verdadeira nuga. Seriam as mudas uma só ou tres?

O proprio official affirma que só transportou uma plantinha. De accordo com as mais abalisadas opiniões partiu de Clieu de Nantes, em 1723.

Conta-se que para melhor preservar a vida do precioso e fragil arbusto, arranjara uma caixa, com tampa de vidro, de modo a absorver os raios solares e deste modo conservar o calor mais intenso em dias nebulosos.

Não se tratasse de planta arabica!

Entre os companheiros de bordo um havia, typo sordido de invejoso, que tudo poz em pratica para fazer com que se baldasse a generosa empresa do jovem official, tentando arrebatar-lhe a mais justa gloria.

Felizmente, porém, não logrou resultado algum a baixissima tentativa.

"E' inutil, escreveu o proprio de Clieu, á *Année litteraire*, contar, por miudo, o cuidado infinito que me vi obrigado a desenvolver para preservar a delicada muda, durante a longa jornada maritima, e as difficuldades que precisei superar para arrebatar ás mãos daquelle homem, baixamente invejoso da alegria que eu ia ter, prestando tal serviço á minha patria. Não

lhe tendo sido possivel arrebatar-me a muda de café, certa vez mutilou-a, cortando-lhe um dos galhinhos."

O barco em que de Clieu navegava era mercante e muitas foram as vicissitudes do perigo que ameaçava aos passageiros e tripulação.

Era, aliás, ainda, a mais perigosa a travessia do Atlantico, por causa da presença dos piratas barbarescos, pululantes nos mares occidentaes, apesar da vigilancia das potencias ibericas, em Gibraltar.

Quantos e quantos francezes, das Antilhas, não terminaram a vida nas galés, argelinas e tunisinas, e figuraram nos mercados de escravos de Marrocos, do Egypto e da Turquia? Um dos mais celebres casos do commercio dessa "marchandise barbaresque", como se dizia no tempo, é o daquella jovem e lindissima fidalga franceza, *créole* das Antilhas, Aimée de Dubuc de Rivery, que, capturada por um destes corsarios, foi parar no serralho do Grão Turco Abdul Hamid I, onde acabaria sultana validê e mãe de um padishá, Mahmud II.

Por um triz cahiu o navio de Clieu em poder de um pirata tunisino. Soffreu depois tremenda tempestade, que quasi o submergiu e teve uma calmaria pôdre, interminavel. Dentro de alguns dias, não havia mais quasi agua bebivel a bordo. Precisaram todos resignar-se a meia duzia de goles.

A respeito do feito de De Clieu, escreve Fusée Aublet, depois de se referir a uma tentativa infructifera de 1716:

"Ao Snr. de Clieu devem as Antilhas haver intentado, em 1720, enriquecer a Martinica com a cultura do café. A' sua iniciativa, deve-se o exito deste segundo ensaio. Este bom cidadão, nesse tempo capitão de infanteria e guarda-marinha, tendo obtido, graças ao prestigio do medico Chirac, uma muda oriunda das sementes do caféeiro conservado no Jardim do Rei, embarcou para a Martinica.

Julgo, porém, dever deixar o proprio De Clieu relatar o exito da empresa, no extracto duma carta que me deu a honra de escrever a tal respeito, a 22 de fevereiro de 1774.

Poder-se-á objectar que nesta data contava o official mais de oitenta e sete annos de idade, achando-se a nove mezes de seu passamento. Ter-lhe-ia, talvez, claudicado a memoria. Mas justamente se tratava do acontecimento capital de sua existencia, e certamente elle se lhe gravara indelevelmene ás reminiscencias. Em todo o caso, teve de confessar lacunas sensiveis á memoria, como estas de se não recordar do nome do navio em que viajara nem o do commandante do barco.

"Depositario dessa planta, para mim tão preciosa, embar-

quei com a maior satisfação; o navio que me levava, era um barco mercante, cujo nome, assim como o do capitão que o commandava, me escaparam da memoria, pelo decurso do tempo.

Recordo-me, porém, perfeitamente, de que a travessia foi longa e a agua nos faltou de tal modo que, durante mais de um mez, fui obrigado a compartilhar a escassa ração que me era fornecida, com essa muda de café, sobre a qual fundára as mais ditosas esperanças e que fazia as minhas delicias.

Necessitava de tal soccorro, extremamente debil como era, não sendo maior que um tanchão de craveiro. Depois de minha chegada, meu primeiro cuidado foi plantal-a, com cautela, em meu jardim, no lugar mais favoravel ao seu crescimento. Ainda que a guardasse á vista, pouco faltou para que me fosse roubada varias vezes, de modo que me vi obrigado a mandar cercal-a de espinhos e a dar-lhe guarda até sua maturação.

O exito excedeu minhas esperanças: colhi cerca de duas libras de grãos. Reparti-os entre todas as pessoas que julguei mais aptas a dispensarem os convenientes desvelos á reproducção dessa planta.

Foi a primeira colheita muito abundante; com a segunda, a população da Martinica achou-se em condições de desenvolver, prodigiosamente, a cultura. Mas o que lhe favoreceu, singularmente, a multiplicação, proveio de que, 2 annos mais tarde, todos os cacaueiros da ilha, que constituiam a occupação, e o recurso unico de mais de 2.000 habitantes, foram desarraigados, arrebatados e radicalmente destruidos pelo mais horrivel dos furacões, acompanhado de uma inundação que submergiu toda a área do plantio de taes arvores, terreno logo empregado com tanto esmero quanto habilidade, na plantação dos caféeiros. Maravilhosamente medraram estes, pondo os lavradores em condições de propagar o café, mandando-o a São Domingos, á Guadelupe e outras ilhas adjacentes, onde, em seguida, o cultivaram com o maior exito, etc.".

Observa Padberg que "este documento basico, junto com as indicações de Aublet, deve prevalecer sobre noticias discordantes, que falam por exemplo de duas, ou mesmo tres, plantas, das quaes só uma teria vingado, ou que apontam a data de 1723, como "a mais fidedigna", como dissera Ukers.

Para o autor germanico, 1720 é a data indiscutivel da introducção do caféeiro na Martinica.

"Infere-se, aliás, da propria relação de De Clieu, que falando do grande terremoto de novembro de 1727, descripto como "a mais horrivel das tempestades", fixa esta catastrophe dois annos após as duas primeiras colheitas.

Seriam obtidas, por conseguinte, por volta de 1725 e as arvores deviam contar então, pelo menos, uns tres annos, ou datar de 1722, mais ou menos. Nesse anno, effectivamente, podia de Clieu esperar os primeiros fructos "duma plantinha importada em 1720".

A impossibilidade da fixação de 1723 para tal fim confirma-a ainda um recenseamento de fevereiro de 1726, que, para a Martinica, indicava uns 2.000 cafeeirozinhos, ainda sem fructos, e 200 pés já florescendo e fructificando. Isto sem contar as mudas pequenas, como diz Labat citado por Belli, em seu *Traité de la culture du café.*

Está claro que as arvores dando flores e fructos em 1726, nunca poderiam provir dum pézinho fraco que tivesse entrado na ilha em 1723, observa Padberg, com alguma razão, mas não de modo irrefutavel, porque bem sabemos quanto, em determinados solos, já com tres annos os cafeeiros fructificam vigorosamente. E aliás nada se declara sobre o volume da carga desse cafesal, que podia ser diminuta ainda.

Plantou de Clieu o precioso rebento em sua propriedade de Le Prêcheur, um dos districtos da ilha onde, diz Raynal, se multiplicaram os cafeeiros com extraordinaria rapidez e vigor.

Dos rebentões desta muda, transportada de além mar, provieram quasi todos os cafeeiros das Antilhas.

Em sua cafeiphilia arroubada, exclama Ukers ao relatar estes factos:

"Assim, o pequeno forasteiro, prosperando em terra longinqua, era, de dia, muito guardado por uma fila de escravos. Tão pequenino e ia no emtanto provocar o apparecimento de tanta lavoura rica nas ilhas das Indias Occidentaes e regiões fronteiriças do Golfo do Mexico.

Quanto luxo, quanto conforto futuro, quanto deleite nasceria daquelle unico e pequeno thesouro confiado á quarda de um homem de rara visão e bella perspicacia intellectual! alentado por espirito de real amor aos seus semelhantes!

Não ha na historia do povo francez feito igual praticado obscuramente para maior beneficio da Humanidade.

Algumas das sementes de sua primeira colheita deu-as de Clieu ao Sr. de la Guarigue-Survillier, coronel de milicias da Martinica e a diversos outros lavradores que as plantaram.

Por um auto em devida forma comprovou o Sr. Blondel Jouvencourt, em 22 de fevereiro de 1726 que na quinta do Sr. Survillier, em Sainte Marie, notava a existencia de varios cafeeiros, entre outras, nove arvores, sahidas da terra passados vinte mezes. Neste mesmo auto se declara que havia na Martinica

duzentas arvores e grande quantidade de outras que vinham despontando.

O padre Labat, escreve J. Rossingnon, a quem Mr. de Survillier enviou este attestado, refere em sua obra que os nove pés acima citados haviam produzido num anno quarenta e uma libras e meia de café, além de mil sementes que elle dera a amigos para que as plantassem. E isto sem contar os que lhe haviam roubado.

"Los cafeteros prosperaban pues en la Martinica, las cosechas eran ya algo abundantes, cuando, el 7 de noviembre de 1727, occurió el horrendo terremoto". escreve o autor de quem falamos.

Mais tarde cobriu-se a ilha de cafesaes. Em 1777 contava perto de 19 milhões de pés produzindo então mais café de que precisava o consumo da França.

E já em 1740 mandava um certo numero de saccas para Portugal, fazendo concurrencia, como opportunamente veremos, ao grão produzido pelo Pará, primeiro café oriundo do Brasil.

Major em 1726 promoveram a de Clieu em 1733 *a lieutenant de vaisseau.*

Foi em 1737 nomeado governador da Guadelupe e, em 1746, promovido a commandante de navio.

Commendador da Ordem de S. Luiz, em 1750, reformaram no em 1752 com o soldo de seis mil libras francezas. Foi em 1753 novamente readmittido no serviço da Armada para afinal, em 1760, reformar-se definitivamente com uma pensão de dois mil francos. Tinha, já, a provecta idade de 74 annos.

Como, em 1746, houvesse voltado á França, pediu uma audiencia regia e foi apresentado a Luiz XV pelo ministro da Marinha, que então era Rouillé de Jouy, diz o autor do *All about coffee.*

Mais ahi occorreu um lapso de memoria do autor ou, mais provavelmente, erro de imprensa, pois este ministro não devia ser Rouillé de Jouy, Antonio Luiz Rouillé, conde de Jouy, o optimo ministro da Marinha a quem a França deveu os maiores serviços.

Ha na chronologia de Ukers, ou de quem a abonou, outro erro a reparar. Foi só em maio de 1749 que de Rouillé de Jouy assumiu a pasta da Marinha. Durante mais de um quarto de seculo estivera ella em mãos do Conde de Maurepas, o notabilissimo ministro organizador de grandes expedições scientificas, que patrocinou a de La Condamine, combateu sempre as manobras dos favoritos de Luiz XV e cahiu no desvalimento devido

ra ferino epigramma contra a Pompadour, a famosa piada das flores brancas.

Acabaria, sob Luiz XVI, sendo um dos maiores instigadores da guerra contra os inglezes, em defesa da independencia dos Estados Unidos.

Asim não se pode te rdado, em 1749, o encontro de Clieu com o seu Rei se é que o apresentador do official foi realmente o já ministro Rouillé de Jouy.

Parece que o ministro ao trazer o official á presença do monarcha, delle disse que "era prestante servidor da França a quem as colonias, assim como a propria metropole, e até mesmo o commercio em geral, deviam o cultivo do café".

Documentos officiaes, de 1752 e 1759, enviados á Corôa, relembram que não só de Clieu transportara o primeiro pé de café á Martinica, como sempre se distinguira, além da bravura, pelo zelo e desinteresse.

No *Mercure de France,* de dezembro de 1774, lê-se o seu pequeno necrologio: "Gabriel d'Erchigny de Clieu, antigamente capitão de navio, Commendador Honorario da Real Ordem Militar de S. Luiz, fallecido em Paris a 30 de novembro, com 88 annos de idade."

A ser isto exacto teria elle nascido em 1686 e não em 1688.

A 5 de dezembro deste mesmo anno appareceu outra noticia necrologica a seu respeito na "Gazette de France", rara honra, para um homem modesto. E diz-se que, por ocasião de seu desapparecimento, os seus louvores andaram em todos os labios.

Em 1774 *L'année littéraire* estampou longo poema em honra a de Clieu.

E a *Gazette de France,* o decano da imprensa franceza, publicou, a 12 de abril de 1816, uma noticia de homenagem á memoria de Clieu realmente interessante.

Um tal Donns, rico hollandez, e grande apreciador do café, mandou pintar, em sua honra, um serviço de porcellana com todos os pormenores de sua travessia, o feliz resultado da navegação e a transplantação da rubiacea.

Affirma o articulista do velho orgão de Theophrasto Renaudot que vira as chicaras do tal apparelho sobre o qual dá muitos pormenores divulgando-lhes o mote latino.

Publicando em 1840 a sua *Histoire de la Martinique,* relatou Sidney Daney que de Clieu falleceu em Pedro da Martinica, a cidade arrazada em principios de nosso seculo pela terrivel erupção do Mont Pelé. Desappareceu aos 97 annos de idade, acabando a vida muito baldo de recursos pecuniarios..

Pensa Ukers que ahi existe erro, embora julgue que de Clieu não haja ajuntado fortuna, sequer modesta.

Affirma Daney: "Este homem generoso como unica recompensa do nobre feito praticado, teve a satisfação de ver esta cultura, nascida de uma arvore por cuja vida tanto se desvelara, prosperar, pelas Antilhas todas. A memoria illustre de Clieu está entre aquelles a quem a Martinica deve uma reparação."

Lembra o autor que, em 1804, houve um movimento em favor da erecção de um monumento no local onde o official da marinha plantara o seu pequenino cafeeiro.

A tal proposito, scepticamente, escreve Burlamaque, a fazer, aliás, praça de ardente pacifismo.

"M. d'Aussar, Prefeito da Colonia, projectou elevar-lhe um monumento no mesmo logar onde elle havia plantado o primeiro pé de café. Este projecto não foi avante pela tomada da ilha pelos inglezes em 1809. Mas o projecto de perpetuar a memoria desse homem verdadeiramente util seria posta em execução?".

Pode duvidar-se a darmos credito a um poeta:

Sitôt qu'à son declin votre astre tutélaire
Epanche son dernier rayon
Votre nom, qui s'eteint, sur le lot populaire
Trace à peine un leger sillon,
Passez, passez; pour vous point de haute statue;
Le peuple perdra votre nom;
Car il ne se souvient que de l'homme qui tue
Avec le sabre et le canon

Il n'aime que le bras qui, dans les champs humides,
Par milliers fait pourrir les os;
Il aime qui lui fait batir les pyramides,
Porter des pierres sur le dos.

Se de Clieu não teve estatuas, ao menos alguns de seus compatriotas o louvaram em prosa e em verso: taes como Tussac, na sua *Flore des Antilles,* Esménard no seu *Poème de la Navigation,* Rosset no *Poème de l'agriculture.*

Exclama Tussac:

"Embora não haje monumento erecto em honra a este benemerito viajante, seu nome permanece gravado no coração de todos os colonos da Martinica."

E Pardon, obscuro autor aliás, exclama em sua *La Martinique*:

"Honra a este homem distincto! Merece-a por parte da gente dos dois hemispherios. Seu nome é digno de figurar ao lado do de Parmentier, que á França transportou a batata do Canadá. Estes dois homens prestaram immenso serviço á Humanidade e sua memoria jámais mereceria ser esquecida. E no emtanto ai de nós! Serão ainda lembrados?"

Não ha duvida que não existe paridade entre a repercussão historica do nome de Parmentier e a do de Clieu. O primeiro jamais foi esquecido e é a cada passo lembrado e o de de Clieu vive na obscuridade.

Até 1922, affirma-o Ukers, o unico padrão relembrador dos meritos do bravo e philantropico offcial era a existencia do Jardim Botanico de Fort de França, a capital martiniquense, a que se impuzera o seu nome, "preito de reparação tardia para com uma memoria que por demasiado tempo ficara entregue ao olvido."

CAPITULO XXIII

As lendas similares ao caso de De Clieu

Esta historia da rega das plantas graças ao sacrificio penoso de seus transportadores é, aliás, attribuida a diversos botanicos.

Assim se conta de Bernardo de Jussieu e o famoso *Cedro do Jardim das Plantas* de Paris, um dos mais velhos e bellos de França, senão o mais corpulento de toda a Europa. E cuja frondosidade, sobretudo na dimensão horizontal, é realmente extraordinaria.

Segundo a lenda, trouxe o grande botanico a muda da arvore libaneza dentro de um chapeu, com ella compartilhando a escassa ração de agua que a demora da travessia maritima impuzera, a ponto de soffrer sêde para salvar a vida da plantinha.

A historia, porém, mais positiva, corta as asas a este devaneio, diz-nos o *Grand Dictionaire Universel du XIXème Siècle,* a contar simplesmente o caso que o cedro em questão veio ás mãos de Jussieu após uma travessia que não offerece margem a sacrificios de tal jaez: a do Canal da Mancha!

Remetteu-lho da Inglaterra, simplesmente em 1734, um seu amigo, o Dr. Collinson.

A tal respeito assim se exprime: "Havendo Bernardo de Jussieu, em 1734, feito uma viagem á Inglaterra, recebeu de Collinson, então director do Jardim Botanico de Kew, dois cedrinhos, cada qual no seu pote de barro. Ao voltar, foi, certo dia, a pé ao Museu, carregando os seus dois vasos preciosos. Ao atravessar a praça Maubert, um destes vasos cahiu e quebrou-se. Jussieu collocou no chapeu a pequenina conifera com o seu torrão de terra e levou-o ao Jardim das Plantas.

Deste accidente insignificante, amplificado pela tradição ora, originou-se uma lenda, segundo a qual Jussieu trouxe o cedro da Syria para a França e dentro do chapéu.

Variante curiosa a seguinte: o repartimento da ração de agua não se deu durante a travessia maritima e sim durante a do deserto em que o grande botanico soffrera os horrores da sêde, para poder regar as suas queridas plantinhas.

Chegado ao Museum, o illustre botanico carinhosamente plantou as mudas, uma na Escola de Botanica, outra á base da collina de Labyrintho. Esta se desenvolveu, dando a bellissima arvore, uma das mais magestosas do mundo."

A proposito do facto de De Clieu, lembra Paulo Porto Alegre:

"Um feito tão digno de ser transmittido á posteridade, achou interprete eloquente no poeta francez Esménard, em cujo bello livro (*Poème de la Navigation*) se encontra o seguinte trecho enthusiastico:

............Sur son léger vaisseau,
Voyageait de Moka le timide arbrisseau
Le flôt tombe soudain; Zéphir n'a plus d'haleine,
Sous les feux de Cancer, l'eau pure des fontaines
S'épuise, et du besoin l'inexorable loi
Du peu qui reste encore a mesuré l'emploi,
Chacun craint d'éprouver les torments de Tantale.
Desclieux seul les défie, et d'une soif fatale
Étouffant tous les jours la dévorante ardeur,
Tandis qu'un ciel d'airain s'enflamme de splendeur,
De l'humilde élément qu'il refuse à sa vie,
Goutte à goutte il nourrit une plante chérie,
L'aspect de son arbuste adoucit tous ses maux,
Desclieux rêve déjà l'ombre de ces rameaux,
Et croit, en caressant sa tige ranimée
Resperir en liqueur sa graine perfumée,
Heureuse Martinique, ô bords hospitaliers!
Dans un monde nouveau, vous avez les premiers.
Recueilli, fécondé ce doux fruit de l'Asie
Et dans un sol français mûri son ambroisie.

Em outras litteraturas tem o feito do illustre official de marinha tambem sido decantado.

Transcreve Ukers o que, a seu respeito, disse celebrado poeta inglez, Carlos Lamb (1775-1834), ensaista, critico e humorista, amigo de Southey e de alguns dos mais famosos poetas lakistas.

Apregoou a proeza de de Clieu em versos repassados de delicadeza e finura, caracteristicos de seu estro, no dizer de Philarète Chasles.

Canta em seu poemeto: *As mudas de café*:

Sempre que sorvo o oloroso café,
Penso naquelle francez generoso,
Cuja nobre perseverança transportou
O arbusto ás praias da Martinica,
Emquanto era recente a colonia,
E os productos insulares escassos.
Dois rebentos de um cafeeiro
Trouxe-os comsigo, atravez dos mares,
E cada uma destas mudas
Diariamente as regou, em seu navio,
E emquanto velava sobre as arvorezinhas embryonarias,
Sentia crescerem no meio dos mares
Os pequenos cafeeiros cuja ampla sombra
Abrigaria as morenas moças, filhas da America.
Mas, logo! ai delle! o seu prazer tão caro
Em velar o querido thesouro
Se desvanece, pois falta a agua
Na nau em que viaja.
Agora, todos os tanques estão fechados
E a tripulação submettida a estreito racionamento,
A quota de cada homem é como que uma gota,
Pequena sóbra da reserva,
Para regar as pobres mudas de café
De que suppre a necessidade imperiosa
Até dos proprios labios, seccos e pergaminhados,
Poupa Clieu o liquido, pensando em seus pimpolhos.
Agua elle a dá, primeiro, ás suas plantinhas,
Antes que mitigue a propria sêde.
Receioso de que se acaso sorver a agua
Muito longe demais leve o avido labio.
Vê que fenecem, por falta de mais liquido.
Assim, quando attinge a collimada praia,
Com orgulho, vê o heroico jardineiro
Vivaz seiva ainda em suas arvores.
Os insulares entoam os seus louvores
E a Martinica carrega os seus navios
Com o producto dessas queridas mudas salvas.

Em nosso paiz houve quem quizesse adaptar a proeza de De Clieu ao episodio da transplantação das mudas de cafeeiros, realizada pelo chanceller João Alberto de Castello Branco, do Pará para o Rio de Janeiro, em 1760. Assim se inventou que tal transplantação fôra effectuada pelo proprio magistrado, que, durante a travessia, repetira o sacrificio do official francez.

Tudo isto não parece passar de mero devaneio, provocado por alguma reminiscencia da viagem de De Clieu e consequente adaptação ao scenario brasileiro. Nada, com effeito, prova que haja sido Castello Branco o proprio transplantador das mudas de café.

Inspirado nesta lenda, pintou A Norfini um quadro frequentemente reproduzido, que se incorporou á collecção do Museu Paulista, sem ter, comtudo, a menor base documental.

CAPITULO XXIV

Propagação do café nas Colonias de Nova Inglaterra e nos Estados Unidos. William Penn. Papel dos cafés na campanha da Independencia norte-americana

Ao passo que na Inglaterra, após uma carreira que promettia tornar-se notavel, o consumo do café declinara immenso, na mais importante parte do imperio colonial britannico começaria a infusão da rubiacea a ser o assumpto de um dos mais vultosos ramos do commercio.

Na Nova Inglaterra, appareceu o café com John Smith, de quem já falámos, o fundador de Jamestown em 1607, cujas aventuras com Pocahontas e Powhatan tão celebres ficaram nos fastos yankees.

Não se sabe que, na feitoria de Manhattan, Island, cellula mater da actual Nova York, fundada em 1624, haja apparecido qualquer carregamento de café hollandez, trazido pela Companhia Batava das Indias Occidentaes.

Lembra Ukers que, na bagagem e carga do famosissimo *May flower* (1620), não ha a minima referencia ao café. Apenas se fala de um almofariz, e sua competente mão de pilão, mais tarde quiçá usada para "fazer pó de café".

No periodo em que Nova York foi neerlandeza, sob a occupação de 1624 a 1664, é possivel que haja vindo café de Amsterdam, em cujo mercado se vendia correntemente o grão arabico desde 1640. Mas, de tal não ha prova alguma. Parece que os hollandezes transportaram chá, atravez do Atlantico, antes de carregarem café.

E' possivel que os inglezes tenham introduzido o habito de café, na colonia de Nova York, entre 1664 e 1673.

A mais velha referencia do café na America data de 1668, segundo affirma Esther Swingleton, em seu estudo *Dutch New York*.

Por este tempo havia uma beberagem, de cerejas torradas de café, temperadas com assucar ou mel, e cinnamomo, que, em Nova York, se cosumia. Só em 1670 se vê o café figurar nos relatorios officiaes da Nova Inglaterra.

Foram os cafés publicos da Nova Inglaterra abertos segundos os modelos de além Atlantico.

Phenomeno curioso o desta grande fracção anglo-saxonica, que constituiu os Estados Unidos, passar a ser uma nação de bebedores de café em larga escala.

Pretende Ukers que o habito do café entre os yankees se estabeleceu simultaneamente com o do chá e o do chocolate, já na ultima metade do seculo XVII.

No fim da primeira metade do seculo XVIII, occorreu aquella grande offensiva contra a rubiacea, e a favor do chá, levada a cabo pela British East India Company, offensiva que, como vimos, foi funesta ao café.

Os directores da famosa Companhia trataram de conquistar novos mercados e, naturalmente, voltaram-se para os da Nova Inglaterra.

Quem, porém, lhes contrariou os planos foi o desastrado rescripto de Jorge II, o *stamp act*, ou lei do sello, que levou os colonos dos futuros Estados Unidos ás vehementissimas representações cuja fórmula era: "nenhuma taxação nova sem a acquiescencia do legislativo".

Os americanos tanto mais se enfureceram quanto haviam durante a terrivel guerra dos Sete Annos, servido a metropole com toda a dedicação, fornecendo-lhe 25.000 homens para as campanhas sangrentas do Canadá, de onde resultaria a acquisição do enorme futuro Dominion para a corôa dos Hannover.

Em 1761, á vista da opposição fortissima dos colonos, foi a lei abrogada, mas, em 1767, voltou a ter força, devendo ser sellados os oleos, as tintas, o vidro, o chumbo, e o chá.

Deante do boycottage dos americanos, cedeu o governo britannico, excepto quanto ao chá, que já estava entrando, notavelmente, na America do Norte. Vivo contrabando se fez então com os portos hollandezes.

E' bem sabido por aquelles que conhecem a Historia Universal o que significa o motim do chá em Boston, no anno de 1773, facto culminante nos annaes de nossa idade moderna, de onde se originou o forte movimento nacional que iria fazer, dez annos mais tarde, surgir um grande povo livre, officialmente reconhecido pelo tratado de Varsailles.

A intolerancia do governo inglez, instigado pela ganancia da British East India Company, ia tornar os Estados Unidos uma nação de bebedores de café em vez de ser, como a Inglaterra, outra de bebedores de chá. Pensa Ukers que tal facto é absolutamente incontestavel.

Com o triumpho das armas franco-americanas e o estabe-

lecimento da autonomia nacional das treze colonias, ainda se robusteceu o gosto pelo café.

Botequins como os inglezes houve-os nas principaes cidades da Confederação. Mas eram muito mediocres, legitimas tascas a não ser os de Boston, verdadeira metropole então, não só do Massachussets, como de toda a Nova Inglaterra.

Parece que a primeira licença para a venda do café em Boston data de 1670 e foi concedida a uma Dorothea Jones, que vendia café e cuchaletto (chocolate). Não se sabe, aliás, se a tal Dorothea vendia café bebida ou café em pó.

Cita Ukers uma série de outros cafés publicos de Boston, alguns ainda do seculo XVII e outros do seculo XVIII. Delles não falaremos por escapar o assumpto ao nosso programa. Tão importante se tornou Boston, como centro de importação e commercio do café, que, em 1808, ali se construiu a *Exchange Coffee House,* então a maior e a mais rica bolsa cafeeira do Universo.

Tinha nada menos de sete andares, grandes dimensões de largura e comprimento e custou nada menos de 500.000 dollares, quantia notavel para a época. Foi seu architecto Charles Bulfinch, o mais notavel dos Estados Unidos, naquella época, e a sua apparencia, aliás, não é das coisas que mais lhe recommendam, a esthetica dos planos. Dez annos durou o edificio, destruido por incendio em 1818.

Assim, desappareceu este antepassado dos arranha-céus, que tanto impressionou os contemporaneos. Era, segundo parece, realmente, notavel, quer pelas dimensões, quer pelo emprego dado aos seus compartimentos. Em seus salões occorreram, em 1817, o banquete e a festa inauguraes de um dos mais celebres presidentes dos Estados Unidos, James Monroe.

Deve-se, comtudo, lembrar que os seus ultimos andares eram occupados por appartamentos, prova de que a bolsa não precisava de tamanhas proporções e fôra construida obedecendo a instigações de certa megalomania.

Em Nova York, os hollandezes, primitivos colonos da Nova Amsterdam, tomaram chá antes de se acostumarem ao café.

Diz Esther Singleton que este começou a apparecer em 1868 e penetrou nos lares new-yorkinos muito lentamente. Sabe-se que Nova York se avantajou, como centro distribuidor da rubiacea, já que alli ia William Penn compral-a.

Trataram os cafés de Nova York de imitar os congeneres de Londres e Paris, mas não tiveram aquelle cunho intellectual das casas de além-mar, pois o atrazo cultural da colonia ainda era consideravel.

Mas Ukers chama a attenção para uma particularidade: servirem de local para assembléas, reuniões politicas e commerciaes.

Quizeram os chronistas de Nova York attribuir á sua cidade a primazia da posse do primeiro café, lembrando que ella cabe a Boston.

Em novembro de 1696, um tal John Hutchins, estabelecia-se em Broadway, no café que intitulou King's Arms. Mas sabemos que, já em 1689, um livreiro, Benjamin Harris, "vendia livros no café de Londres", segundo annuncio que fazia aos freguezes.

Era o *King's Arms* de madeira, mas com fachada de tijolos amarellos, de procedencia hollandeza, segundo constava. E tinha dois andares.

Muito bem collocado, delle se gozava bella vista sobre o Hudson, a bahia e a cidade.

No sobrado se abriam salas para reuniões de nogociantes, corretores e mais gente do commercio.

Durante muitos annos foi o *King's Arms* o unico café new yorkino, cidade cujo commercio da rubiacea parece ter sido então mediocre. Pelo menos nada delle se fala nos primeiros jornaes alli publicados, como a *New York Gazette,* decano dos periodicos locaes.

Sabe-se, porém, que já em 1732, existia uma bolsa de café, a *Exchange Coffee House of New York*. Por um depoimento de 1737, conhece-se que esta instituição passara a ser virtualmente o local dos leilões officiaes, assim como aquelle em que se comprava e bebia-se o café e onde ainda numerosos artigos se offereciam á venda.

Houve depois uma *Merchant's Coffee,* installado na esquina de Wall Street, a famosissima rua argentaria, e Water Street.

Foi um predio cheio de notaveis tradições e desappareceu num incendio, em 1804.

Durante a guerra da Independencia, entre as suas paredes, occorreram muitos factos celebres nos annaes dos Estados Unidos; quer durante os primeiros annos de lucta, quer quando os inglezes tomaram a cidade, quer, ainda, quando os patriotas a recuperaram.

Afinal, alli, a 23 de abril de 1789, recebeu Washington, primeiro presidente eleito dos Estados Unidos, as felicitações das autoridades da cidade de Nova York.

Nessa bolsa de café tambem se organizou o primeiro banco new-yorkino em 1784 e realizou-se a primeira bolsa com corretores officiaes.

Em seu tempo de exilio, nos Estados Unidos, sobretudo em

Philadelphia, disse Talleyrand: "Toda a gente vem ver toda a gente no *Exchange Coffee House*. E' club restaurante, bolsa, casa de cambio, tudo emfim."

E' universalmente conhecida a grande figura de William Penn, o apostolo dos quakers, fundador da Pennsylvania e de Philadelphia, o homem a quem Montesquieu chamou o Lycurgo moderno, cheio de idéias philantropicas e altamente pacifistas, respeitadoras dos direitos dos fracos. Comparou-o Philarète Chasles a São Vicente de Paula, como "iniciador da tolerancia, propagador da caridade, pregador effectivo do julgamento individual e desta personalidade da razão e do direito que constituem a força suprema do homem e a grande honra da Humanidade".

Prende-se este grande nome tambem, e com destaque, á historia do café na America.

Já em 1683, anno immediato ao do seu estabelecimento no Delaware, fazia abundantes compras, em Nova York, do grão arabico, cujo consumo incitava. E o seu prestigio contribuiu notavelmente para que tivesse muitos imitadores de seu exemplo de cafeiphilo.

Quando a lei do sello veio irritar prodigiosamente os americanos e preparar os espiritos para a insurreição de que nasceria a independencia americana, a Pennsylvania, adherindo ao boycot geral das outras colonias irmãs da Nova Inglaterra, contra o chá, entregou-se ao consumo do café com verdadeiro enthusiasmo, e os cafés de Philadelphia regorgitaram de consumidores da infusão negra.

Em 1768, entendeu Lord North, politico de espirito e talento, cheio de ductilidade e orador de grande dialectica, mas homem de Estado de idéias tacanhas, poder levar a melhor os colonos revoltados contra as suas taxas.

Deante da insurreição do Massachusetts, e da Convenção de Boston, parecia forçado a recuar o primeiro Lord da Thesouraria, aliás acossado na Camara dos Communs por dois oradores geniaes, Burke e Fox.

Tinha, porém a amizade e confiança de Jorge III, debil mental, que não tardaria a se dementar, e emperrou na desastrada politica que adoptara. Retrocedendo parcialmente em 1770, não quiz, porém, confessar-se inteiramente batido e obstinou-se em manter a taxa sobre o chá.

Quatro annos mais tarde, dava-se a famosa scena do porto de Boston e abria-se a guerra entre as treze colonias e a Mãe Patria.

A 4 de julho de 1776 occorria, em Philadelphia, a famosa

Declaração de Direitos, aurora de um povo livre, dentro em pouco formidavel pelo surto de sua capacidade.

Apregoa-se o nome de Frederico North, Conde de Guilford, como o do causador da determinante que fez dos Estados Unidos uma nação de grandes bebedores de café, em discordancia com o outro ramo de sua raça, o de bebedores de chá.

Philadelphia, a capital da Revolução americana, representou, como se sabe, formidavel papel em todo este movimento. E o seu grande centro vibratorio veio a ser o ambiente dos cafés da cidade de William Penn.

"Cabe-lhes largo papel na historia da cidade da Republica, commenta Ukers. Pittorescos pela architectura colonial caracteristica, sua assembléas tambem foram romanticas.

Muitas reformas e movimentos civicos, sociológicos, industriaes partiram das salas, de pequeno pé direito e chão areiado dos velhos cafés da cidade. Durante muitos annos, os cafés Ye, os dois cafés de Londres e a City-Tavern, tambem chamada dos mercadores de café, cada qual a seu turno, dominaram a vida social e official de Philadelphia.

Os botequins dos primeiros annos congregavam regularmente os vereadores municipaes do credo quaker, os commandantes de navios e os negociantes que alli se reuniam para tratar de negocios publicos e particulares.

Quando a Revolução estava imminente, os exaltados defensores dos direitos das colonias, conculcados por Lord North, muitos delles vestidos da moda propria dos quakers, alli se reuniam para verberar a oppressão britannica.

Passada a Revolução, os cidadãos mais conspicuos iam aos cafés, jantar e ceiar e exercer suas funcções sociaes.

Por occasião da fundação da Philadelphia, era o café carissimo. Uma libra de grão em 1683 custava 18 shillings e nove pence em Nova York, escreveu William Penn nos seus *Accounts.* Isto equivaleria hoje a dollares 4,68. Assim, a chicara de café custaria 17 cents, quando uma refeição ordinaria, nas casas de pasto, se pagava a 12 cents. Valia muito mais, pois, a sobremesa que o jantar! Era o que fazia crescer o consumo da cerveja.

O primeiro café de Philadelphia parece datar de 1700, ou de 1702, talvez de 1700, realmente, pois parece que foi contemporaneo ainda de William Penn, antes de seu regresso á Inglaterra, onde o esperavam tão grandes amarguras.

Cita Ukers uma série de outros cafés celebres na cidade pennsylvanica, acabando por uma série de referencias á *City Tavern,* tambem chamada *Merchant's Coffee House,* e ao *London Coffee House.*

Nesta se deram scenas notaveis da rebellião contra o governo inglez e o seu proprietario, o jornalista William Bradford, deixou o estabelecimento para entrar como voluntario no exercito dos independentes.

Como o *Café de Londres* fosse, mais tarde, o quartel-general dos legitimistas, e sobretudo dos inglezes, quando o exercito britannico, em 1777, occupou a cidade, soffreu o estabelecimento um declinio de prestigio, após, especialmente, a abertura da *City Tavern.*

A tal proposito, conta Ukers interessante historia: quando a mulher de Washington, em 1776, passou por Philadelphia, indo juntar-se ao marido, que se achava no Massachussets, em Cambridge, para assumir o commando das forças insurrectas — quizeram os patriotas dar-lhe um grande banquete na *City Tavern.* Mas, como soubesse que os legitimistas pretendiam invadir o café e depredal-o, Mrs. Washington pediu aos amigos que renunciassem a tal idéia.

Foi ainda na *City Tavern* que occorreu a grande festa offerecida pelo primeiro embaixador francez nos Estados Unidos, Gérard, em honra ao natalicio de Luiz XVI.

Entre os seus mais celebres comensaes, cita William Ukers os nomes immortaes de Jorge Washington, Thomaz Jefferson e Alexandre Hamilton.

Varias tentativas se fizeram nos Estados Unidos para a acclimação da rubiacea no solo da Confederação, cujos territorios meridionaes, pela latitude e clima, pareceiam servir-lhe á cultura. Mas baldaram-se todas, affirma Ukers, que accrescenta: admitte-se, comtudo, que os districtos do Sul da California se prestam a tal cultivo.

Recorda um autor que o infeliz presidente Garfield, em celebre discurso em que decantou a espantosa opulencia natural do territorio norte-americano, alludiu a esta falha da producção nacional, á rebeldia da adaptação da rubiacea e da *siphonia elastica* ao solo dos Estados Unidos.

E o fez num tom em que os vizinhos meridionaes da Confederação divisavam ameaças de positivo imperialismo, tanto mais grave quanto tambem podia alarmar o Brasil, com os seus territorios amazonicos então detentores do monopolio natural da borracha.

CAPITULO XXV

O café nas Antilhas, na America Central, no Mexico e nas Guyanas

Affirma Ukers que, antes de Martinica, já se cultivava o café, quer em Haiti, então colonia franceza, quer em S. Domingos, possessão hespanhola, como todos sabem. Mais tarde, tambem vieram para a ilha, onde estão hoje as duas republicas negras antilhanas, cafeeiros martiniquenses.

Assim, não se comprehende porque De Clieu teria trazido de França a sua famosa muda quando outras tinha, a mão, e tão mais perto.

Em seu *Manual del cultivo del café, cacao, vanilla y tabaco en la America Española,* escrevia, em 1851, Julio Rossignon, cathedratico das Universidades de Guatemala e São Salvador, que, desde 1715, houvera cafesaes na ilha de S. Domingos.

E' esta a data que Ukers acceita, quer para S. Domingos, quer para o Haiti. A cultura vem das vizinhanças deste millesimo, mas os cafeeiros foram muito abandonados, a ponto de cahirem em estado selvagem, affirma o autor yankee. Pensa Padberg que Ukers teve como inspirador a obra de Jardin, que, aliás, elle não conseguiu cotejar.

Julga o autor germanico que deve haver erro de imprensa, 1725 em vez de 1715, o que é perfeitamente razoavel.

"Tambem aqui deve haver originariamente um erro de imprensa, 1715, provavelmente, em vez de 1725; pois, por volta deste anno, mandou-se effectivamente, o primeiro café da Martinica para São Domingos (ou Haiti). Se, na ultima ilha, cuja parte mais importante era então franceza, já tivesse havido cafeeiros em 1715, os francezes não se teriam esforçados, ainda mais tarde, por introduzir essa planta nas Antilhas.

Na Venezuela, provém o cafesal de sementes martiniquenses, affirma Ukers. Plantou as primeiras arvores, em 1784, um padre por nome José Antonio Mohedano.

Para Guatemala pensa-se que a entrada do café se deu entre 1750 e 1760. Em Cuba, o agente vehiculador do café foi Don José Antonio Gelabert, que o importou de S. Domingos e

Porto Rico. Começou a cultivar a planta arabica em 1750. Pretende Rossignon que esta data deve ser 1769.

Em outro ponto Ukers se contradiz, recuando a data de 1750 para 1748. Assignala 1755 para Porto Rico. O Mexico, em 1790, plantou café por meio de sementes das ilhas antilhanas. Em 1817, começou a cultura intensiva do antigo imperio azteca com as plantações de Don Juan Antonio Gomesz, na região de Vera Cruz.

Em outros pontos da America Central, appareceu o café tardiamente tambem. Assim, para o territorio do Salvador, diz um autor que só em 1852 entrou o café por meio de mudas cubanas. Entretanto, o districto vizinho de Costa Rica parece que desde 1779 já cuidava de tal plantação, tambem oriunda de mudas de Cuba, segundo informa o viajante hespanhol, Don Francisco Xavier Navarro. Todos estes dados nos parecem imprecisos.

O cafeeiro properava nas colonias hollandezas e francezas do Novo Mundo antes que os inglezes pensassem em utilizal-o, facto inexplicavel. A Jamaica foi mesmo a unica das ilhas britannicas que entendeu aproveital-o, mas aliás, nunca levou a cultura ao ponto attingido pelas suas rivaes antilhanas, apesar da diminuição de imposto de exportação, decretada pelo Parlamento de 1732.

Diz Ukers que alli entrou a rubiacea em 1730, data que Rossignon não admitte, marcando para este acontecimento o anno de 1728.

Affirma, aliás, que o introductor do café na Jamaica veio a ser certo Nicolau Law, fallecido em 1731. Diz Porto Alegre que a primeira plantação foi em Townell Estate, hoje chamado Temple Hall.

Em 1792, produziu 18.000 quintaes e 42 libras francezas, affirma o *abbé* Raynal.

Em 1778, colheu Porto Rico 11.163 quintaes de café. De Curaçau ia, todos os annos, um navio carregado de café para a Hollanda, outro de algodão, outro de anil, doze de assucar, etc., é Raynal ainda quem informa.

Escrevendo em 1792, affirmava o mesmo autor que as Antilhas dinamarquezas se achavam em estado realmente infeliz, exploradas pela ganancia excessiva do fisco. Só davam algum assucar, muito algodão e um pouco de café.

Quanto ao cafesal dominiciano, que, em 1790, apresentava aspecto de prosperidade saliente, decahiu elle completamente com as guerras da Republica Franceza e do Imperio. A formidavel

insurreição dos negros, em 1792, devastou e fez abandonar as lavouras de S. Domingos.

Para a historia do café no Brasil tem capital importancia, porém, os fastos da introducção da rubiacea na Guyana hollandeza, no Surinam.

Deste cafesal, procede o nosso, via Cayena.

Tratando da entrada do cafeeiro na America por via hollandeza, escreveu Padberg algumas paginas brilhantes.

"No Novo Mundo, era reservada ao café arabico a sua nova patria principal, e é gloria imperecivel da pequena Hollanda, haver sido mediadora nessa fausta transplantação.

Dos seus viveiros de café, em Java, recebeu ella, ao que parece, em 1706, para o jardim botanico da Amsterdam, uma primeira planta, que vingou bem, naturalmente em estufa, chegando-se alli tambem a tirar de sementes cafeeirozinhos novos e a colher delles fructos, depois de tres annos. Com generosa munificencia, o magistrado, amstelodosamente, distribuiu dessas raridades tambem a outros que o mereceriam. Assim se viu, já em 1710, uma arvorezinha com fructos num castello do barão von Munchhausen, perto de Hameln, onde foi mostrada, ainda em 1716, ao czar Pedro o Grande. Tambem para Leipzig mandou-se da Hollanda um pé de café, florescendo em 1723 e dando fructos no anno seguinte."

Estes dados curiosos hauriu-os o douto autor numa obra, hoje esquecida, de um medico, Francisco Gerhardt Constantini, publicada em Hannover, e, em 1771, *Abhandlung von Kaffee*, assim como noutro livro hoje olvidado, *Acta naturae curiosorum*, que Ritter menciona. Exemplifica ainda a boa vontade batava em relação á França.

"Em 1713, feita a paz de Utrecht com a França, tambem um francez, o tenente-general de artilheria, Ressons, amador de botanica, obteve de Amsterdam um jovem cafeeiro, cedendo-o ao Jardim do Rei, onde floresceu e fructificou successivamente. Sobre elle, Antonio de Jussieu, que nos conta isso, fundou a primeira descripção scientifica do *Jasminus arabicum*, numa memoria já citada, do *Recueil de l'Académie des Sciences*, de 1713. Parece que, em 1714, o precioso arbusto foi transportado do castello real de Marly para o Jadim das Plantas em Paris, onde, a 29 de julho, o nosso conhecido escriptor Jean de la Roque, em companhia do proprio Jussieu e de outros personagens notaveis, admirou o recem-chegado de "uns cinco pés de altura e uma boa pollegada de espessura... de aspecto pyramidal... fructos verdes e maduros."

Mostra o douto autor que sobre o caso da vinda dessas mudas de cafeeiro ha controversia.

Falam autores em dois cafeeiros, um trazido em 1713 ou talvez até em 1712, e outro em 1714.

Fusée Aublet, o autor do grande tratado da *Histoire des plantes de la Guiane Française,* conta que o arbusto do Sr. de Ressons morreu, e que o segundo cafeeiro, o que vingou em Marly, foi enviado, em 1714, a Luiz XIV, pelo Sr. Bancras, então burgo--mestre de Amsterdam. Hartwich rectifica este nome para Pancras, dizendo que se tratava do director do Jardim Botanico de Amsterdam e não do prefeito.

— Em 1713 remettera ao *Jardin des Plantes* parisiense o exemplar que de Jussieu descrevera.

Faz Padberg notado o erro enorme de Burlamaque, que collocou Marly perto de Montpellier! e nota ainda quanto Ukers se mostrou afoito em sustentar a passagem, por assim dizer instantanea, do pequeno cafeeiro de Marly ao *Jardin des Plantes.*

Foi ahi que a arvore, a 29 de julho de 1714, foi mostrada por de Jussieu a J. de la Rocque, ainda no caixão em que chegara.

Isto não quer dizer, porém, que tal caixão viesse da Hollanda. Podia a muda ter sido encaixotada em Marly, o que era muito plausivel.

Se tivesse vindo de Amsterdam, devia tratar-se de outro pé, já que Jussieu, em 1713, descrevera o primeiro rebento que, entrementes, devia ter morrido.

Mas, nem o botanico nem J. de la Rocque falaram em duas mudas, nem da morte de qualquer dellas.

Pensa, pois, Padberg que, á vista dos testemunhos, póde-se affirmar que um unico cafeeiro se transportou de Amsterdam para Paris.

Desta arvore provieram novas mudas. Já em 1716, eram algumas dellas confiadas a um medico, que as queria levar ás Antilhas francezas. Diz Aublet que a morte deste facultativos, logo após o seu desembarque, fez com que se mallograsse esta primeira tentativa.

Ao medico chama Belli Isambert, mas Padberg pensa que houve afrancezamento do nome allemão Isemberg ou melhor Isenberg.

Quer nos parecer que, no emtanto, cabe a razão ao autor italiano, pois era natural que o agente do transporte do cafeeiro á America fosse um francez e não um allemão.

Seria extravagante mesmo que este portador fosse um estrangeiro. Isambert, medico, chama-lhe J. Rossignon, que, aliás,

appellida o burgo-mestre de Amsterdam, Mr. de Brancas, quando Edelestan Jardin chama-lhe Pancras, o Pancras de Hartwich. Na obra de Jardin, que Padberg suppõe ser a inspiradora de Belli, não ha referencias a Isambert nem a Isenberg da imaginativa patriotica do douto autor teuto-brasileiro.

E' Isambert, aliás, um dos nomes de facies mais francez que existem e não vemos porque afastal-o, dando-lhe um todo germanico pouco plausivel. Se os diccionarios encyclopedicos não mencionam o medico que se diz ter sido o transplantador do café, falam de outro Isambert, (1792-1857), o grande jurisconsulto e politico.

Do Surinam passou o cafeeiro para a sua vizinha Guyana Franceza, a colonia de Cayena, como se dizia.

Com toda a razão invoca Padberg o testemunho de Fusée Aublet para historiar o caso.

Passou o botanico dois annos, de 1762 a 1764, em Cayena, occupado em redigir a sua grande obra *Histoire des plantes de la Guiane Française,* publicada em 1775.

Assim narra elle o caso: "em 1719, um profugo da colonia franceza, saudoso dos lugares de onde se escapara, para refugiar-se nos estabelecimentos hollandezes de Guyana, e desejando voltar a viver entre os compatriotas, escreveu de Surinan, annunciando que, se o quizessem receber e perdoar-lhe a falta, traria grãos de café, capazes de germinar, mau grado as penas rigorosas comminadas aos que procurassem sahir da colonia batava levando taes sementes.

Confiante na palavra da promessa feita chegou a Cayenna com sementes frescas, que entregou ao Snr. d'Albon, commissario de Marinha. Este encarregou-se de as fazer nascer, tendo o seu desvelo o melhor exito; os fructos de arvores recem-plantadas foram distribuidos entre os colonos e, em pouco tempo, os cafeeiros multiplicaram-se a ponto de dahi provirem lucrativas colheitas."

Este individuo parece que se chamava Mourgues; assim lhe grapharam o nome Porto Alegre e Belli. Burlamaque chama-lhe ora Mourges ora Mourgues.

Verbera Padberg a Waldemar Peckolt a imaginosa versão pela qual metamorphoseou "Morgues" em "ousado e temerario garimpeiro de Guyana, que de suas viagens de commercio, teria trazido os fructos de café para vendel-os por bom preço ou em troca de ouro".

Aliás, este caso de Morgues é obscuro. O proprio Hartwich, que real autoridade tem, nada delle diz.

Pensa Padberg que as sementes de Mourgues podem ter entrado em Cayenna em 1721, 1722 ou 1723.

Podia, na verdade, parecer improvavel colherem-se já em 1719 fructos de plantas, importadas só um anno antes; mas, sendo ellas, ao que parece, arvores bem desenvolvidas, deve-se respeitar a explicita indicação do melhor conhecedor, tanto mais que *Aublet* teria tido interesse em dar uma data posterior, para, assim, garantir a prioridade para sua patria, Fica, pois, estabelecido que Cayenna subtraiu de Surinam o café "em 1719, isto é, antes que a Martinica recebesse a planta", como assentou tambem *Freire Allemão.*

E, traduzindo a Hartwich, menciona em nota:

Hartwich desdobra o facto, dizendo á pagina 282: "O governador francez de Cayenna, *de la Motte-Aigron,* logrou em 1722 subtrair, ardilosamente, de Surinam, uma arvore que, em 1725, já se tinha multiplicado consideravelmente.

Igualmente, em 1721, os francezes tinham tirado, clandestinamente, de Surinam, sementes frescas de café, introduzindo-as em Cayenna." Não sei em que se funda a noticia dada v. g. por Lourenço Granato (nota 114!), de se chamar aquelle fugitivo *Rosier le Breton*. Ukers cala-se a respeito de tudo isso.

Vejamos como Edelestan Jardin expõe este caso, depois de declarar que a flora goyanense conta tres especies do genero coffea indigenas.

Allega valer-se do proprio Aublet em sua obra: *Observations sur la culture du café.*

"Foi a Guyana hollandeza que gozou da vantagem de possuir o cafeeiro arabico antes da vizinha, pelos annos de 1718. Era, porém, prohibido della dar sementes a outras colonias."

Não está ainda bem esclarecido o modo de introducção desta planta na Guyana franceza.

Dizem-nos que certo Sr. Mourgues, francez, a principio morador em Cayenna e depois passado a viver entre os hollandezes, trouxe ao governador Snr. de la Motte Aigron, uma libra de café fresco em casca. Fez o governador semear este café, cuja cultura o proprio Mourgues superintendeu.

Dizem outros, porém, que o cafeeiro foi trazido do Surinam por desertores francezes, que, desrespeitando a prohibição, conseguiram subtrahir algumas mudas e, assim, obtiveram o seu agraciamento.

E ainda ha quem diga que o proprio de la Motte Aigron foi buscar as primeiras mudas. O Snr. d'Albon, commissario de Marinha, em pessoa, superintendeu os trabalhos de plantação,

vendo-se recompensado do trabalho pela multiplicação que conseguiu de tão util especie.

Na *Historia Geral das Viagens*, cita o Abbé Prévost um capitão das guarnições de Cayenna, o Snr. de la Guaringue de Survillée, que cultivava cafeeiros em seu quintal. Já em 1726 havia, na ilha de Cayenna, grande numero de cafeeiros. Conta Jardin que o surto cafeeiro da Guayana Franceza se assemelha ao das Antilhas; mostra-se valioso para depois decahir muito.

Falando da Guyana hollandeza, diz Raynal que era flagellada pelas inundações. Mas, como o terreno fosse plano e não escarpado, como o solo das Antilhas, vivia o cafeeiro vinte annos. E, acaso, morto, podia ser substituido por outra arvore, que florescia perfeitamente, no mesmo logar, o que não se dava em outros pontos. E, além disso, eram as safras em Surinam mais abundantes do que nas Antilhas.

Assim, em 1775, alli se haviam colhido 15.387.000 libras de café, que tinham rendido 8.580.934 libras francezas.

No Surinam avultou bastante ou mesmo muito a cafeicultura, cessando quasi por completo depois da libertação dos escravos em 1863.

Rossignon, escrevendo, em 1859, chamou a Mourgues, Mansgues e pretende que era degredado. Aliás, pouca confiança inspira este autor, que não indica fontes, e estropia o nome de d'Albon para Mr. d'Almion etc.

Na Guyana hollandeza, prosperaram muito os cafesaes, diz-nos Jardin, chegando a produzir perto de 10 milhões de kilos em 1796. Desenvolveram-se nos districtos de Demerara e do Esequibo, mas não no de Berbice, segundo Raynal. Com a conquista da larga area feita pelos inglezes em 1803 e jámais restituido aos batavos, não augmentou a producção cafeeira. Pelo contrario, decahiu sendo, em 1822. de perto de 4 milhões de kilos.

CAPITULO XXVI

As primeiras referencias ao café em lingua portugueza

Lacuna inesperada, infelizmente, occorre na monographia do erudito Dr. Padberg, no capitulo em que investiga a etymologia do nome *café*.

E' que o douto autor não cogitou, de todo, de percorrer a bibliographia dos velhos lexicographos e a dos arabistas lusitanos. E, no emtanto, tudo indicava que o deveria fazer, visto como tanto versára as origens do vocabulo, além de que escrevia em portuguez.

E a sua contribuição se destinava exactamente a commemorar a passagem do segundo centenario da introducção do cafeeiro em nossa patria, por Francisco de Mello Palheta.

Uma só vez vêmos, neste erudito artigo, tão brilhantemente trabalhado, uma referencia, aliás summaria, aos escriptos de Fr. João de Souza, nada havendo sobre os de Fr. João de S. Antonio Moura e outros arabistas eminentes.

Seria, além disto, curial que a pesquisa se encetasse pela revisão dos grandes diccionarios da lingua portugueza. E esta devia fatalmente começar pelas paginas do patriarcha de nossa lexicographia, o illustre Dom Raphael Bluteau.

Assim, o silencio de Padberg a tal respeito nos deixa realmente surpresos.

Parece que, o primeiro portuguez que graphou a palavra *café,* foi o judeu Pedro Teixeira, a escrever em 1610.

E' de crer que os chronistas do seculo XVI hajam desconhecido por completo a existencia da fava arabica, e seu decocto, tal o silencio em que os deixaram.

Assim, nem em João de Barros, nem em Diogo do Couto, ha a menor allusão ao café. E mais, jámais delle se occupou Garcia da Orta quando tudo indicava que o fizesse.

Em lugar opportuno veremos como Padberg rebate e pulverisa as allegações de um escriptor brasileiro que tentou encontrar no *Colloquio dos Simples* allusões á bebida oriental.

Antes do que quaesquer outros europeus, tiveram os portu-

guezes contacto intimo e prolongado com os habitantes das terras de onde, segundo o consenso universal, procede o café.

E' bem sabido o que na historia abyssinia recorda o nome de Pedro da Covilhã, delegado por D. João II ao negus David III. Dom Manuel enviou embaixador ao imperador negro. Desde os primeiros annos do seculo XVI, missionarios portuguezes percorreram a Ethiopia, e alguns até obtiveram dos Pontifices, bullas que lhes conferiam o patriarchado abexim.

Um delles alcançou verdadeira celebridade: o famoso D. João Bermudes, o celebre patriarcha de Alexandria, e da Ethiopia, que passou muito tempo por hespanhol, e afinal, graças ao estudo de R. Felner, verificou-se ser incontestavelmente portuguez.

Não está bem averiguada a authenticidade de sua nomeação por Paulo III, para o patriarchado. O proprio Dom João III duvidava de tal, quando elle veiu a Portugal pedir soccorros, em nome de um negus, a quem chamava Onandinguel, e a cujo throno ameaçavam os muçulmanos. Ordenou o Rei Piedoso que Gama, mandasse forças á Abyssinia. Este assim fez, indo, em 1541, uma columna de 450 homens, a quem acompanhava o proprio D. João Bermudes, e commandava D. Christovam da Gama, irmão do Governador, soccorrer o soberano ethiope. Vencedor a principio do sheick de Zeilak, o aggressor dos abexins, acabou Christovam batido e morto, mas seus lugares tenentes, Affonso Caldeira e Ayres Dias, triumpharam, por completo dos mahometanos.

Doze annos permaneceu D. João Bermudes na Abyssinia, onde soffreu muitas contrariedades, chegando a ser encarcerado.

Fugindo do calabouço, em 1556, asylou-se em Gôa, de onde seguiu para Lisbôa. Ahi morreu, em 1570. De sua autoria existe curiosissimo livro, impresso em 1565, e hoje obra da mais extrema raridade, sobre as suas acções na Abyssinia.

Escreve Pinheiro Chagas, aliás geralmente nada terno para com os jesuitas:

"Portugal salvára, pois, a independencia da Abyssinia, e passou então a exercer alli uma legitima preponderancia, que ainda augmentou quando os missionarios jesuitas, com a sua arte inexcedivel, se introduziram na côrte do *Negus* e exerceram alli um dominio completo.

Restam ainda hoje numerosos vestigios da sua influencia, e as pontes, monumentos, que á sua voz se lançaram nos rios da Abyssinia, parecem, diz Guilherme Lejean, feitas com cimento romano, e attestam o genio e a energia dos filhos de Loyola. Mas, alli, como em toda a parte, a ambição desvairou-se e per-

deu-os. Tornaram-se pesados, tornaram-se importunos e despotas, a ponto que um monarcha mais energico, Basilides expulsou-os no seculo XVII.

Com a sahida dos jesuitas, cahiu tambem de todo a influencia portugueza, e a Abyssinia afastou-se completamente de nós, a ponto de ser lá hoje talvez o nome de Portugal, do paiz que salvou os abyssinios de cairem debaixo do dominio muçulmano, apenas uma vaga tradição historica."

Destas relações, tão extensas, luso-ethiopicas, nada resultou sob o ponto de vista da propagação do café.

E, facto mais surprehendente, dahi não proveio o menor adminiculo para a bibliographia cafeeira.

E' um documento indirecto do pequeno consumo que no proprio *habitat* devia ter a infusão do *bunn* abexim, quando pelas terras dos *Negus* andavam os lusos. Mas já na época se fazia largo consumo de café no littoral asiatico fronteiro, á *Costa de Ethiopia, nome antigo,* como dizem os *Lusiadas.*

E certamente não seria possivel que os portuguezes attingissem a Abyssinia sem ter contacto com os arabes, com quem traficavam.

Assim temos verdadeira surpreza em verificar que a ingestão do decocto da rubiacea em nada os haja impressionado, a ponto de não se refletir uma unica vez em sua bibliographia quinhentista.

Nada mais curial do que aqui reproduzirmos as palavras tão exactas de nosso eminente Freire Allemão, em sua bella memoria. *Quaes são os principaes plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?*

"Emquanto hollandezes e francezes porfiavam em tirar proveito desta planta, o que faziam os portuguezes? Em um artigo do *Panorama* a respeito do café, vem estas palavras: *"Quando os nossos navegadores rodeando a Africa chegaram a Arabia, começaram por negocio a transportar o café para a India: os hollandezes, que nos usurparam este ramo de commercio, como todos os que faziamos no Oriente, levaram para Batavia alguns pés daquelle arbusto... etc."*

Esta asserção deve ter fundamento historico, que me é desconhecido. O que sei é que os hollandezes só depois de 1600 é que se apoderaram do commercio do Oriente: e até essa época chegam as *Decadas* de Barros e Coito, onde nem a palavra — café — se acha.

Recorri aos escriptos dos portuguezes, que andaram pela India e Ethiopia, taes como: Duarte Barbosa, que, em 1516 tão extensa e miudamente escrevia sobre coisas da India, Africa e

mar Vermelho; o padre Francisco Alvares, na viagem ao Preste João, em 1520; e emfim o capitão João Ribeiro, que militou na India, para onde foi em 1640, e alli se demorou obra de quarenta annos, e parte destes como prisioneiro de guerra em Batavia, na sua *Fatalidade historica da ilha de Ceylão;* onde, quando elle faz uma como resenha dos principaes generos de commercio de varias nações, se acha o seguinte: *"O estado do Brasil tem assucar e tabaco; a Arabia, incenso, myrrha, tamaras e cavallos; a Persia, sedas... etc."* Nem estes, nem outros, que escuso nomear, fallam em café, que parece ser-lhes inteiramente desconhecido.

E como explicar-se este silencio? Será que, apesar do que se lê no *Panorama,* o café preparado na Arabia, encaminhava-se pelo mar Vermelho, para o Egypto e para a Turquia, e não sahia da porta do Estreito para os mares da India, antes das emprezas dos hollandezes?

Como quer que seja, a verdade é que os portuguezes só depois que os hollandezes e francezes commerciavam já muito, com este genero, e o cultivavam em suas colonias é que acordaram do seu somno e cuidaram em introduzir essa industria nas suas vastas possessões que denominavam *Nova Lusitania.*

Assim como bem recorda Freire Allemão, foram os hollandezes os primeiros agentes propagadores do café na Europa, primazia que, segundo todos os visos da logica dos factos e das circumstancias deveria ter pertencido aos portuguezes.

Torna-se desnecessario recordar que quasi um seculo antes da bandeira tricolor das Provincias Unidas tremular sob as auras do Oceano Indico, as frotas lusitanas da carreira das Indias, e da conquista do Oriente, traziam a Lisbôa aquella grande massa de artigos do commercio oriental que da capital lusa fizeram o grande emporio quinhentista das especiarias.

Assim as vantagens até então auferidas pelas praças italianas, sobretudo Veneza, desappareceram com o deslocamento de um eixo commercial, já diversas vezes secularmente invariavel.

Realmente é singular, é singularissimo que do Oriente não hajam os portuguezes trazido á Europa o uso do café quando muita coisa nova introduziram as suas navegações no commercio europeu.

Foram os primeiros a percorrer a Abyssinia e lá não perceberam a existencia do cafeeiro e do café. Assim tambem quanto á frequentação dos arabes do Yemen.

Mas, mais extranho do que isto é haverem dominado tanto tempo em Ceylão, desde 1605 até 1658, e não se terem interes-

sado pela cultura do café que, no emtanto, já existia na antiga Taprobana, introduzida que alli fôra pelos arabes.

Explica Ukers a cicumstancia da primazia bátava, dizendo que os hollandezes sempre foram grandes negociantes e rapaces traficantes.

Faltaria esta sagacidade aos lusos que de sua mescla semitoiberica não eram menos amigos dos negocios da China? Ou teriam elles sido prejudicados pela desproporção entre a cultura dos Paizes Baixos e a de Portugal?

Vejamos agora alguma coisa sobre a persistencia da palavra café e dos seus derivados na bibliographia portugueza.

Do padre Manuel Godinho, jesuita que passando á India, embarcou em 1622 para Baçaim e d'alli foi ter a Damão e Surate, conta-se que chegou á Persia, atravessou a Arabia deserta e foi até Babylonia e Alepo.

Dahi e por travessia a Marselha voltou a Lisboa, onde chegou a 25 de outubro de 1623.

Imprimiu depois uma relação de sua viagem onde occorre a palavra café.

Pensamos que em todo o decorrer do seculo XVII, rarissimas vezes haja sido a palavra café escripta por portuguezes.

Um destes que mais frequentemente a graphou e assim mesmo de passagem, foi certamente o illustre diplomata Duarte Ribeiro de Macedo de cujas relações com a historia do café teremos de falar.

Surge o seculo XVIII e com elle uma noticia valiosa e assaz extensa, a primeira a nosso ver, de certa valia que em portuguez se consagrou á rubiacea.

Deve-se ao autor do primeiro inventario sério da lingua portugueza.

E' este o verbete consagrado por Bluteau á palavra café, em 1711, no tomo de seu monumental diccionario.

"*Café,* Café, deriva-se do Arabico *Cahveh,* que geralmente significa todo o genero de bebida, mas ordinariamente toma-se pela que chamamos *Café.* A tres castas de bebidas dão os Turcos e Arabes este nome ou outro semelhante.

A primeira chama-se *Cahuat* ou *Castah;* faz-se com uns grãos, que por offender a cabeça he prohibido pelos Doutores da Ley, na Provincia de Yemen, que he da Arabia feliz, donde tomou seu principio.

A segunda se faz com as bainhas, & folelhos, ou cascas da fava do Café; não usamos desta, porque as dictas cascas depois de secas, se fazem em pó.

A terceira, de que usamos, e que em todo o Levante se usa

se faz com a propria fava do Café, a qual he mais parda, que branca, debaixo da mesma pelle sempre vem acompanhada de outra.

Fóra da Arabia Feliz não foy conhecida esta bebida pelo espaço de muytos annos, até que finalmente no seculo nono da *Hegira,* ou *Era. Epoca* dos *Arabes, os Derviches da Provinca* de Iemen, que moravão no Cairo, & tinhão seu domicilio no Bairro dos Semanitas, acostumados a tomar Café antes de começar a sua reza, introduziram o uso delle.

No principio teve esta bebida suas controversias; os escrupulosos a desapprovaram, porém o Mufti & outros magnatas, que usaram della e acharam que ajudava a vigiar, & fazer sem somnolencia seus exercicios espirituaes, autorizaram com o seu exemplo a introducção deste novo licor & sahirão livros de Arabes que mostrarão as suas utilidades.

A planta, que produz a fava do Café he sempre verde & se parece com o Evonimo dos Herbolarios. Torra-se, & depois de moida, & feita em pó, se deita em agua fervendo, & com ella se faz uma bebida, que deseca as humidades do estomago, & serve contra a corrupção do sangue, a enxaqueca, a hydropsia, & a obstrucção das entranhas. Porém Simão Pauli, no livro, que compoz contra o Xá & o tabaco, condemna o uso do café segundo a opinião de Olcario, que diz que enfraquece os nervos.

Muitos convem, que esta bebida é perniciosa aos colericos, & aos que em breve tempo fazem cozimento. Os que pretedem, que o Café seja frio, dizem, que só he bom para os de temperamento sanguineo e colerico; outros, que querem que o Café seja calido, dizem que não he bom senão para os flegmaticos, & outros, que lhe dão calidades temperadas, querem que seja bom geralmente para todos.

A que he certo he, que neste como em outros alimentos, ou medicamentos, não ha regra universalmente certa; & entre colericos, flegmaticos sanguineos, & melancolicos, ha certas compleiçõens particulares & temperamentos individuaes, para os quaes he nocivo o Café.

Só a experiencia pode descubrir nos primeiros ensayos o proveito ou damno, que se pode receber no uso desta drogra, que já em Portugal se começa a introduzir.

E he necessario advertir, que para o Café ser bom, ha de ser limpo, novo, alguma cousa pardo, & quando o poem a ferver, ter tento, que com a primeira fervura não se entorne a escuma mas antes procurar, que as partes sutis, & volateis, que com a fervura sobem á superficie, se tornem a encorporar com o licor; para o qual o effeito tambem convem, que o Café, não

ferva mais da terceira parte de hum quarto de hora. *Faba Arabica, quam vulgo Café vocant*".

Do exame das palavras do patriarcha de nossa lexicographia, parece que elle não se deve ter abeberado nos *Traités nouveaux et curieux du café, du thé et du chocolate* (sic) de Philippe Sylvestre Dufour,, seu compatriota.

Era no emtanto o livro de maior autoridade no assumpto entre a gente franceza.

Depoimento valiosissimo se encerra no verbete de Bluteau acerca da droga "que já em Portugal se começava a introduzir".

Admittida a insophismavel etymologia arabica do café, era natural que a palavra figurasse com destaque nos lexicos dos arabistas lusitanos. Mas estes vieram retardados.

O primeiro que do café falou veio a ser Fr. João de Souza.

Tão interessante é sua vida! Filho de paes luso-indianos, nascido em Damasco muito pobresinho, educaram-n'o capuchinhos francezes, que o fizeram partir para Portugal, afim de que se não perdesse tão viva intelligencia, fóra dos grandes centros civilizados. Religioso franciscano, aos trinta e seis annos de idade, protegido do illustre arcebispo de Evora Dom Fr. Manuel do Cenaculo Villas Bôas, que sonhava com o renascimento dos estudos orientaes em Portugal, é dos grandes nomes da antiga philologia portugueza.

Em 1789 publicava o insigne arabista os *Vestigios da lingua arabica em Portugal* ou *Lexico etymologico de palavras e nomes portuguezes que têm origem arabica.*

E' livro que angariou fama europeia e apparece muito citado pelo illustre Dozy.

Tivera Fr. João de Souza predecessores, comtudo. Apparece, em primeiro lugar, o illustre Duarte Nunes de Leão, com a sua *origem da lingua portugueza,* publicada em 1606. Nella arrolára apenas 207 vocabulos de origem arabica, deixando de reconhecer tal procedencia, para outros, numerosos, alguns dos quaes evidentemente semitas, como *alarido, alcatéa, alcaçus,* etc.

Após Duarte Nunes vemos Manuel de Faria e Souza, em sua *Europa portugueza,* datada de 16; mas este autor, aliás tão conhecido, reduziu o vocabulario arabe-portuguez a 106 termos, declara-o ainda Frei João de Souza.

Em principios do seculo XVIII, entra em scena o douto e formidavel trabalhador que foi Bluteau, a cuja autoridade como arabista, aliás oppoz restricções, Fr. João de Souza a dizer:

"Depois deste, (Faria e Souza) veio Dom Raphael Bluteau que deu á luz no anno de 1712, o seu copioso *Diccionario da lingua portugueza,* na qual foi, sem duvida, versadissimo.

Porém, ou porque ignorava a lingua Arabica ou porque seguiu autores menos instruidos nella, tem pouca escolha na deducção dos seus vocabulos, como se póde vêr nas palavras *Almotacet, Alfaqueque, Almogaures, Axorcas, Morabitinos, Oxalá, Papagaio, Salema* e outros."

Comtudo, a Bluteau se devera notavel ampliação do vocabulario luso-arabe.

Sobre café, escreve Frei João de Souza:

"*Café* (sic) *Cahue.* Pequeno fructo de arvore, assás conhecido, depois de torrado, he que este nome lhe compete. Vid. *Pharmacopea Tubalensis.* Tomo I, pagina 217. Antes de torrado chama-se *Bonn.*"

Acerca desta ultima palavra, grapha o sábio arabista:

"*Bonn* o grão do café, isto he antes de ser torrado. Vid. *Pharmacopéa* tubalensis T, I, Pag. 79".

Assim a prosodia do arabista lusitano, inculca uma modalidade verbal em desaccordo com a que aponta Padberg: *Bonn* em vez de *Bunn,* como tambem escreve Ukers

Verdade é que, com a prosodia ingleza, este *Bunn* se approxima mais do *Bonn* de Fr. João de Souza, do que *Bunn* de Padberg.

São estas as summarias referencias etymologicas que conseguimos alcançar dos primeiros contactos da palavra café, com o inventario geral da lingua portugueza.

Com enorme retardamento, pois entrou o mundo luso no commercio universal do café.

Já a rubiacea e seu decocto haviam sido cantados em verso e na alta prosa da conhecida phase feita, quando, em Portugal, começaram a apparecer as primeiras referencias a ambos. Aliás, ahi está o depoimento categorico de Bluteau, ao relatar-nos que, na occasião em que compunha o verbete *café,* do seu formidavel lexico, começava o uso da bebida arabica a se propagar em terras lusas.

Em 1740 dizem-n'o os documentos officiaes as quatrocentas arrobas da colheita annual do Estado do Pará eram sufficientes para todo o consumo do Reino. Cinco mil e poucos kilos annuaes de café, consumiam tres milhões de portuguezes, o que daria umas duas grammas annuaes *per capita!*

Nunca fez carreira aliás o café em Portugal, sobre cujo commercio, muito escassos informes antigos existem.

Na *Encyclopedia Portugueza Illustrada* de Maximiano de Lunos, quasi nada se diz da historia da rubiacea em terra lusa.

E sobre os cafés publicos, apenas vem a seguinte e insignificante noticia.

Diversos cafés adquiriram notoriedade como o do *Nicola,* frequentado por Bocage do Pelourinho, e o do Casaca, proximo á egreja de S. Julião.

"Em Portugal, sabe-se que em Lisboa, por 1777 havia duas *lojas de bebidas,* as do *Mamarre* e do *Martinho,* ainda existente, em Lisboa; e no Porto, o do *Pepino* e a *Aguia d'Oiro.*"

O que em materia de particularidades botequim de Marcos Piloppe, no largo portuguezas traz o verbete de Maximiano de Lemos de mais interessante, vem a ser o que nelle se lê sobre a pratica da cafeomancia em Portugal.

"E' uma das mil fórmas da superstição e da loucura humana. Eis, muito resumidas, as regras d'esta advinhação. Dissolver bem em agua — dois copos por duas onças — a borra de café, e espalhar devagar um pouco d'esta mistura num prato de barro branco. Agitar então o prato nos dois sentidos, com ligeireza, durante um minuto, e espalhar docemente a agua em outro recipiente. D'esta maneira, não ficam no prato senão as particulas da borra do café, formando mil desenhos hieroglyphicos.

Se o numero dos *redondos* ou dos circulos, predominar sobre todas as outras figuras, é um signal de riqueza; a ausencia de redondos, ao contrario, presagia mortificação e angustia. As figuras quadradas annunciam contrariedades, e as figuras ovaes promettem alegria e ventura. As linhas grandes e pequenas, quando são em grande numero, fazem prevêr uma velhice longa e feliz; se o numero é restricto, significam felicidade tranquilla e mediocridade de fortuna. As ondulações, são signal de revezes e venturas entremeadas.

Uma cruz no meio do prato promette uma morte socegada; quatro cruzes que se tocam, presagiam a morte por quarenta ou quarenta e cinco annos; tres cruzes significam honras.

Um redondo, em que encontram quatro pontos bem marcados, é um filho que vae nascer, dois redondos, dois filhos, e assim por deante.

O triangulo é a figura mais feliz; um só promette um emprego honroso, mas quando ha tres approximados, é indicio dos maiores favores da fortuna, etc."

Vejamos agora per summa capita, a extensão da nomenclatura derivada da palavra café, desde Bluteau aos nossos dias, atravez dos diccionarios do vernaculo e encyclopedicos. Bluteau só recolheu café.

Moraes, em suas edições *princeps* de 1789, averbou *café* e *cafeteira.*

De café, escreve: Especie de fructo em fórma de fava,

amarga, oleosa, que depois de torrada se moe e do pó se extrahe a tintura do mesmo nome que se bebe pura ou com leite.

Do impagavel Bacellar era de suppôr que nos désse alguma definição de café, pittoresca no genero das que lhe são peculiares como "*macaco* — animal de tregeitos delirantes; *gaiola* — vaso furado para conter passados; abdomen, parte do umbigo", etc.

Não! houve-se discretamente, contentando-se em submetter a palavra tronco e seus derivados ao seu esdruxulo systema de abreviar, poupando a composição typographica. Assim averba: "*Caf* — é, eeiro, eteira, etaria (cahwwh, ar) Certa fava." Certa fava é quanto basta. Está perfeitamente definido o café. Termina o verbete *v. faf.* enigma que não conseguimos decifrar. Confere o caso com aquelle em que a proposito de syllogismo manda o sábio diccionarista ver *ceroulas!*

Aulete, em 1881, nos dá *café* com quatro accepções, cafézeiro, semente do cafézeiro, a bebida della feita e botequim.

Em vez do unico derrivado de Moraes, inscreve sete: *cafeeiro, cafeina, caferana, cafeteira, cafesal, cafezeiro* e *cafeista.*

Maximiliano de Lemos, em 1898, averbava dezenove derivados, entre os quaes eram novos: *cafeista, cafetannico, cafetannato, cafelama, cafeismo, cafeometro, cafeidina, cafelista, cafeato, caffeiral, cafeico, cafeidino-carbonico.*

Candido de Figueiredo, na quarta edição do seu diccionario (1922) augmenta o numero de accepções com mais uma da giria portugueza: *café frio* (chicara de vinho). E multiplica os derivados, com: *cafedorio, café eugenio e cafetal.*

Em 1927, ao publicar a sua excellente contribuição para a historia do café, alargou Hildebrando de Magalhães esta lista, apontando as seguintes lacunas: *café-concerto, cafico, cafeicultor, cafeicultura, cafeo, café-maniaco.* Rectifica, e com toda a razão, a *cafelana* de Figueiredo, para *cafelama.*

A' lista de ambos podemos apontar algumas lacunas. Em nossos *Lexico de Lacunas, Vocabulario de omissões, Collectanea de falhas,* em que divulgamos o que collecionáramos, occorrem *café bravo* (arvore da flora paulista, ap. Huascar Pereira), *café do matto,* planta apocynacea (*Tabernaemontana laeta*); café *cantante,* sem falar no *café pequeno,* pittoresca expressão da giria, que todo o Brasil conhece.

Do vocabulario scientifico podemos incorporar aos nossos lexicos vernaculares, mais alguns vocabulos da pharmacopea, da medicina, da chimica, como *cafeiforme, cafeinico* (acido), *cafeinato.*

Em cerca de cincoenta vocabulos, podemos hoje avaliar os

termos derivados de café incorporados e incorporaveis ao patrimonio da lingua portugueza.

Na magnifica *Enciclopedia universal ilustrada europea americana,* de Hijos de J. Espasa, ainda encontramos bom numero de vocabulos derivados de café, como sejam *cafeanico* (acido), *cafearina* (alcaloide), *cafeolina.*

No *Diccionario das plantas uteis do Brasil,* de M. Pio Corrêa, vêmos citados *café do Brasil* (rubiacea indigena de nosso paiz), *café do diabo* (arvore flacourtiacea), *café do Pará* (leguminosa papillionacea), *cafesinho* (arbusto celastraceo).

Teschauer, em seu *Novo diccionario nacional* (1928), augmenta a lista dos vocabulos relacionados ao café, com a seguinte contribuição de lacunas preenchidas: *cafeocracia* (d'onde *cafeocrata*), *cafeteiro* (botequineiro), *café-em côco, café-cereja* e a expressão de giria *café-com-leite,* para designar certos mestiços.

CAPITULO XXVII

Duarte Ribeiro de Macedo e o seu descortino notavel. Conselhos por elle dados ao seu governo para que encetasse a cultura do café no Brasil

O primeiro portuguez que cogitou de fazer com que sua nação comparticipasse do commercio do café, augurando-lhe sérias vantagens da manipulação deste genero, pelo seu plantio no Brasil, foi Duarte Ribeiro de Macedo, celebre diplomata e escriptor que, nascido em Lisboa, e em 1618, falleceu em Alicante no anno de 1680.

Doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, angariara desde muito moço, larga reputação de talento e saber.

Desde 1659 conhecera a côrte de França, como secretario da Embaixada do conde de Soure, o plenipotenciario que tanto fez junto ao governo de Mazarino em prol do reconhecimento da independencia portugueza.

Desembargador da Relação do Porto e mais tarde da casa da Supplicação, amigo intimo de Antonio Vieira, homem da confiança do Principe Regente, futuro Pedro II, tendo até desempenhado importante papel no escandaloso processo de nullidade matrimonial entre D. Affonso VI e a rainha Maria Isabel de Saboya Nemours, de quem era procurador substabelecido do duque de Cadaval, voltou Duarte de Macedo a ser ministro em Paris de 1668 a 1677, data em que foi mandado servir na Legação de Madrid.

Partindo da capital hespanhola, como embaixador, em missão extraordinaria de ajuste nupcial junto á côrte de Saboia, falleceu em viagem, aos 62 annos de idade, assistido por seu grande amigo, o illustre D. Raphael Bluteau, o patriarcha da nossa lexicographia.

Escriptor de excellente vernaculidade, figura Duarte de Macedo entre aquelles a quem se tem attribuido a autoria da *Arte de Furtar*. A sua *Historia da Imperatriz Theodora* é dos livros dos mais bellos fóros de bom portuguez.

Conhecedor profundo do francez, pessoa da maior cordealidade e vivissimo tino diplomatico, teve sempre as melhores re-

lações com os homens eminentes da Côrte do Rei Sol. E, com o maior patriotismo, procurou dellas sempre valer-se para melhor servir os interesses patrios.

Assim veremos pelos documentos que vamos analysar, quanto o preoccupou a possibilidade da concurrencia aos hollandezes por intermedio do commercio dos generos coloniaes, de que Portugal vivia alheiado.

E isto quando possuia no Brasil e para tal fim o mais rico dos campos.

Foi o primeiro homem publico portuguez que anteviu em nosso paiz um terreno, proprio quanto possivel, á expansão da cultura cafeeira, embora não lhe permittissem as condições do tempo, augurar-lhe o desenvolvimento que poderia lograr, dado o consumo restricto que a fava arabica ainda tinha na Europa.

De sua visão clara deixou diversas mostras em memorias que o tornam o patriarcha da propaganda cafeeira do mundo lusitano.

Escrevendo ao seu governo, de Paris, e a 15 de março de 1675, confidenciava o illustre diplomata uma série de coisas de summa importancia e interesse.

Começava por contar o seguinte e curioso episodio relativo a certa conversa mantida com o Embaixador de Inglaterra em Paris, Lord Montagu:

"Em huma conversação em que discursamos vagamente sobre as Colonias inglezas, na Virginia, e Portuguezas, no Brasil, me refirio que a primeira vez que El Rey seu Senhor vira o pao, a que chamamos cravo, dissera na presença de varios sugeitos da sua Côrte, que só seu cunhado El Rey de Portugal tinha meios para destruir os Hollandezes, e dezejando eu examinar a razão deste dito notavel, nos interrompeo hua vizita."

Era este interruptor, notavel figura no corpo diplomatico, delegado á Côrte de Luiz XIV, o Embaixador da Hollanda, Pedro Grotius (1610-1680), "homem pratico e entendido".

Discipulo de Vossio, convicto republicano e amigo dos infelizes João e Cornelio de Witt, cuja ruina lhe aniquilaria a carreira, vinha este ministro a ser summamente culto e atilado.

De seu pae, o grande Grotius, o immortal criador do Direito Internacional, e autor do *Mare liberum,* o homem genial, cuja precocidade e a grandeza do espirito assombrara a Europa, herdara notavel intelligencia. Jurisconsulto de nomeada, homem de governo prestigioso, mostrara notavel tino diplomatico distinguindo-se em missões especiaes á Dinamarca e Suecia, onde servira como embaixador.

Com elle entretinha Ribeiro de Macedo as mais cordeaes relações, apreciando-lhe immenso a conversa erudita.

Num dia em que discreteavam sobre muitos assumptos, vieram a falar da expulsão dos hollandezes do Brasil.

Louvou o valor com que haviam combatido os pernambucanos, lembrando as circumstancias da politica européa, que tambem concorreram para a quéda do poderio batavo no Brasil, como a aggressão da Inglaterra de Cromwell ás Provincias Unidas.

Acabou referindo uma novidade ao interlocutor, as manobras perfidas e violentas da Companhia das Indias Orientaes contra a sua compatriota similar das Indias Occidentaes. Promovera-lhe a ruina, energica e tenazmente, receiosa da concurrencia, a ponto de lhe comprar clandestinamente as acções, afim de poder influir sobre a sua direcção.

Nas pazes entre Portugal e Hollanda preponderara bastante a actuação da empreza oriental, decidida a liquidar de vez com a congenere.

Approximando os conceitos de Grotius e Carlos II, referidos por Lord Montagu, e certo de que, no fundo, em tudo isto apenas houvera o receio da concurrencia commercial, tão aspera que levara uma das grandes companhias batavas a anniquillar a sua rival, resolveu Macedo volver á presença do embaixador inglez.

"Foi-me facil preguntar de Montagu a razão que sem reparo algum medisse o mesmo que eu cuidava, mas com hum fortissimo argumento.

O pau cravo, disse, tem forma de capella, e cheiro de cravo, o que mostra que a terra que o produz, poderá facilmente produzir a Canella, e o Cravo, que são as melhores duas drogas de que os Hollandezes tirão fazenda immensa; e se as produzir o Maranhão, poderão os Portuguezes com facil custo de Navegação vendellas em Europa a tal preço, que os Hollandezes as não possão navegar da India, e percão por consequencia o grande interesse que tirão dellas."

Senhor desta informação, pensou Macedo em voltar á presença de Grotius, mas o embaixador neerlandez poderia alarmar-se e certamente, fino como era, se abroquelaria no recurso das respostas evasivas.

Não seria diplomatica. portanto, tal interpellação.

Recorreu, pois, a um meio indirecto. Residia em França um hollandez naturalizado, o Conde de Marlot, cujo filho combatera em Portugal, com os hespanhoes, nas campanhas da Restauração.

Era este Marlot, aliás, suspeito ao Governo francez e certa occasião fôra até encarcerado por passar como espião do Principe de Orange.

Pediu-lhe Macedo que sondasse a Grotius e delle obtivesse as razões explicitas da proposição vaga ao embaixador portuguez.

Explicou-lhe Grotius que toda a hostilidade da Companhia das Indias Orientaes para com a das Indias Occidentaes provinha do facto de haverem os directores desta cultivado no Brasil ani e nozmoscada, obtendo resultados tão surprehendentes que, a se desenvolverem taes culturas, e a das demais especiarias, estaria a companhia do Oriente arruinada.

Pittorescamente explica Macedo:

"Esta proposição del Rey da Gram Bretanha e este temor da Companhia do Oriente em Hollanda, me fez cuidar que tinha descoberto a Pedra Philosophal; porque não ha duvida, que se o Brasil produzir canella, pimenta, cravo e todas as mais plantas, que a natureza produz, e a Arte cultiva no Oriente e serão riquezas mais uteis e menos custozas, que as Minas do Perú e sopital-a, trar-se-hão com dous mezes de navegação a Lisboa colhidas da primeira mão e a Lisboa as virão buscar todas as Naçõens da Europa, convidadas do preço e da bondade, porque a facil navegação as trará mais puras e menos alteradas.

E será unicamente nosso o Commercio como em 1500 o do Oriente, com a differença de que nos não ha de custar sangue no Brasil, nem os Naufragios que nos custa a Navegação da India. Mas este interesse não necessita de provas, o que necessita de prova he a suppozição de que, o Brasil produzirá abundantemente todos aquelles ricos fructos, o que a meu ver não tem duvida".

Findo este exordio, escreveu o diplomata longas allegações para provar a praticabilidade da transplantação dos fructos da India ao Brasil. Pela philosophia natural se demonstrava que a zona torrida tinha as mesmas producções, quer da Linha para o tropico de Cancer, quer della para a do Capricornio. O calor solar e a humidade eram os mesmos sob as mesmas latitudes. A unica differença provinha da inversão das estações.

O loureiro no Oriente só se dava na zona tropical; no Brasil occorria a mesma particularidade, tanto que vicejando no Rio de Janeiro não nascia em São Paulo, que se achava a um gráo do tropico.

O algodão vicejava admiravelmente nos climas torridos, fóra delles degenerava. No Brasil se obtinha tão perfeito quanto na India.

Como vemos, as informações geographicas do nosso diplomata estão sujeitas a controversia. Assim tambem as climatericas...

Lembra depois as enormes vantagens das transplantações; assim se dera com a amoreira na Europa, a vinha nas Canarias.

E em Portugal? que melhor argumento se poderia desejar além do caso da canna de assucar, enriquecedora da Madeira e depois do Brasil.

Viera o milho da America transplantado á peninsula iberica, onde se acclimara maravilhosamente. Assim tambem a laranja da China prosperava em Portugal.

Na Inglaterra a Sociedade Real de Londres, que se dedicava ao avanço de todas as sciencias, muito se preoccupava com estes casos e fizera estufas onde, caso curiosissimo, até vegetavam canelleiras de Ceylão.

Depois de longas considerações por vezes judiciosas, frequentemente ingenuas aos nossos olhos modernos, e outras nascidas da igorancia dos tempos, endereçava Duarte Ribeiro de Macedo, vehemente appelo ao seu soberano para que encetasse no Brasil o cultivo das especiarias.

E fazia da riqueza do nosso paiz os mais elevados gabos.

"Não ha Principe nenhum no Mundo que tenha as commodidades que Sua Alteza tem para mandar fazer as experiencias desta grande obra. He Sua Alteza Senhor de todo o Brasil, começando do Ryo das Almazonas que está a hum grão da linha athé a Capitania de S. Paulo que está fora do tropico de Capricornio em que correm mais de 700 legoas de costa, cheia de Portos capacissimos cortada de infinitas Ribeiras, terra a mais sádia, que he em toda a America differente nesta felecidade da Costa que corre ao Norte, que he quazi toda contraria á saúde e vida dos homens, com meios para tirar da India todas as plantas e as navegar facilmente ao Brasil".

Assim, no entender do diplomata, não se encontrava zona tão pouco salubre quanto a costa, hoje dos Estados Unidos!

Ninguem objectasse que o Rei Catholico, possuindo terras americanas em condições similares ás do Brasil, poderia fazer concurrencia ao seu vizinho. E' que ahi intervinham outros factores, "a natural pereza da Nação Castelhana, a difficuldade da transplantação das especiarias orientaes e sobretudo a difficuldade da navegação dos mares do Sul".

Ao Vice Rei da India se commettesse o encargo de arranjar sementes, mudas, cavallos, com informações as mais particularisadas sobre a sua procedencia, levando-se em conta as condições de latitude, altitude, humidade, etc.

Todo este material deveria ser remettido de Gôa á Bahia. Com a maior rapidez, dalli o Governador o espalhasse, repartindo-o attento sobretudo á latitude.

A vigilancia dos hollandezes em Ceylão e nas Molucas, em não deixar sahir mudas de cravo e canella, se burlaria por meio de incitamento de bons premios aos contrabandistas.

A canella de Ceylão era a melhor, mas em sua falta a de Cochim serviria. Segredo absoluto se requeria a proposito deste caso.

"Se os hollandezes o penetrassem, haveriam de estimar como materia da ultima consequencia, para os seus interesses, contrariando com tudo quanto pudesse a força e a industria".

Compenetrado da importancia de assumpto de tamanha monta, quizera o diplomata ainda ouvir a tal respeito a opinião da maior cerebração portugueza de seu tempo e assim consultara a Antonio Vieira. Este, a 28 de janeiro de 1675, e de Roma, lhe respondera:

"Ha muitos annos que sei se dá no Brasil pimenta e todas as outras drogas da India, como se experimentou no principio do descobrimento, e El Rey D. Manoel por censervar a Conquista do Oriente mandou arrancar todas as plantas Indiaticas com Ley Capital que ninguem as continuasse, e assim se executou, ficando somente o gengibre que como he Raiz dizem do Brasil se meteu pella terra dentro, mas ainda se conserva a prohibição e se torna por perdido.

Com essa noticia aconselhei a El Rey, que está no Ceo mandasse do Brasil á India, ou que da India fosse ao Brasil hum Navio carregado das differentes plantas já nascidas, acompanhadas de pessoas praticas na cultura e que em diversos lugares e tempos do anno as fossem transplantando ou semeiando, para que a experiencia mostrasse em qual clima daquelle vastissimo Imperio se davam melhor, donde se seguiria que hua vez que tivessemos a abundancla das ditas drogas, e conduzidas a Portugal com viagem, e despeza tanto menor que as que navegão os Hollandezes vendendo as nós a muito menor preço. ficavão elles perdidos, e a India restaurada sem guerra, e o mesmo reprezentei a S. A. que Deus guarde.

Esta Senhor meu é a pedra Philozophal, em que cuido nós temos encontrado, sendo muito mais para estimar haver V. M. inferido esta consequencia de permissas tão remotas, como ordem de El Rey de Inglaterra, e Grocio, ou havella eu proposto depois das noticias do Brasil que entre os antigos se referirão com sentimento e hoje estarão quasi esquecidas."

Tal a famosa carta de Vieira, a que tanto já commentaram os autores a proposito dos primordios do café no Brasil.

E' extraordinario que uma cerebração como a de Vieira haja podido cahir em tamanho cochilo homerico, a ponto de acreditar na exequibilidade da tal determinação da lei manuelina.

Da divulgação desta carta de Vieira decorreria a absurda historia da intervenção de Dom Manuel no Brasil, para o exterminio das arvores de especiarias, patranha repetida mil e uma vezes.

E uma delles coube a monsenhor Pizarro, cujas tão conhecidas *Memorias* vieram dar singular força a tão despropositada e absurda balela.

Apoiado na grande autoridade do jesuita, delirava o nosso diplomata de enthusiasmo, já antevendo, em proximo futuro, o mais grandioso resultado para sua patria. Volveria ella a occupar entre as nações um posição formidavel.

Procurou Ribeiro de Macedo nas ultimas paginas de seu memorial, responder ás tres objecções sérias que acaso lhe fariam.

a) poderiam as experiencias de transplantação fracassar, depois de custarem notavel trabalho e dispendio, devido as differenças de clima;

b) era provavel a ruina do commercio da India, perdendo Portugal suas conquistas orientaes e os resultados da pregação do Evagelho;

c) enriquecendo-se o Brasil, as nações do Norte, muito mais poderosas, se poriam a cubiçal-o e delle lançariam fóra os portuguezes.

A primeiro argumento oppunha a resposta de que já os progressos da agronomia forneciam meios de se vencerem os obices das differenças climaticas. Permittira isto á laranjeira da China a aclimação no sul da Europa.

Aos que o tratassem de visionario, apontava o erro de Portugal e outros paizes, que, tambem, tinham tido Colombo nesta conta. Visionario havia muito sido chamado o Infante de Sagres.

Ao segundo item rebatia contra-atacando: Arruinados ficariam os hollandezes que bateriam em retirada, do Oriente, com o seu commercio derrocado, abandonando as ricas colonias roubadas a Portugal.

Quanto ao temor do assalto ao Brasil, era elle verdadeira chimera. "Indigna e afrontosa á Nação Portuguesa."

"Se o Brasil nos der riqueza, dar-nos-á os meios mais seguros para o defendermos: teremos com que fortificar as praças daquelle Estado, com que as prover de soldados e munições; com que conservarmos hua grossa Armada, para segurar aquelles mares; isto supposto, que nasção ha em Europa que arme

para combater huma grossa Armada, e, depois de vencida, tomar porto em terra, aonde ha de achar tropa paga e passar daqui a sitiar hua Praça feita, e continuar hua guerra incerta, com hua Nação rica e valerosa?".

Argumentando com o caso da Hespanha, e as minas do Perú, disse Ribeiro de Macedo uma série de coisas absolutamente improprias, enxergando as causas da decadencia hespanhola nuns tantos factores a nosso ver inexistentes.

Deixar de promover a prosperidade do Brasil pelo receio de que seria atacado por outros povos, era coisa indigna da forte gente lusitana.

Assim, dominado pelas reminiscencias classicas, allegava o nosso embaixador os exemplos de Salomão, enricando o seu templo; de Roma, recolhendo os thesouros das nações vencidas de Constantino Magno, opulentando Bysancio e do proprio Portugal, que "errara em descobrir o caminho para as Indias, por onde depois haviam passado os hollandezes, até se fazerem ricos e poderosos com as perdas lusitanas".

E, piedosamente, commentava o illustre memorialista:

"Não são as riquezas que chamão as Naçõens; antes, todo o Mundo treme de hua Nação valeroza e rica. O luxo e a corrupção poem as Naçoens a dominalas. Deos dá as riquezas quando as virtudes e o honesto uzo dellas as merecem, e manda a outras Nações quando os vicios merecem estes castigos."

Como remate, lá vinha o inevitavel cumprimento do estylo; o *laus regis*.

"Sua Alteza o Principe Regente, que só queria a felicidade e abundancia dos seus povos, nada disto podia fazer".

Assim affirmava peremptorio o diplomata:

"Tudo fará o Brasil ter os meios, e deixará felicissimo o Reyno a seus successores, por cuja conta correrá uzar das riquezas, no exercicio das virtudes em que unicamente consiste a conservação dos Reynos".

A Duarte Ribeiro de Macedo impressionavam fortemente desde muito as "possibilidades" do Estado do Maranhão, como hoje diriamos.

Já em 1673, enviara de França ao Principe Regente um *Discurso sobre os generos para o commercio que ha no Maranhão e Pará*.

Começava por enumerar "as trinta e sete producções proprias daquella repartição, descobertas no Estado do Maranhão e Pará".

A esta lista, aliás tumultuaria, encabeça o café, é bom que se o note. Consta dos seguintes productos: "Café, cacao, cravo,

salsa, assucar, tabaco, baunilha, pichury, carajurú, urucú, algodão, copaúba, oleo de murim, arroz, couros, tartaruga, oleo de murim, carauhú, briz, anil, quinaquina, ipecacuanha, jalapa, piapava, ambé, canella, almecega, gengibre."

Curiosa é a nota epigraphada "generos que se costumão fabricar". Cacau, café, assucar, tabaco, algodão, arroz, carrapato, gergelim, anil, coiros, caraurú.

"E podiamos cultivar com muita utilidade a mayor de que a que dão o cravo, as baunilhas, o pechory, carauhurú. almiscar, andirubanham, e castanha que todas são agrestes".

E' obscuro o sentido de tal titulo. Quereria acaso Duarte de Macedo affirmar que já havia principios de cultura cafeeira no Estado do Maranhão? Esta particularidade já a tornou notada Moura Brasil, em seu excellente estudo do *Livro do Centenario,* como teremos o ensejo de referir dentro em pouco.

Reservou Duarte de Macedo o sexto item da lista ao café. Encabeçou o seu trabalho pela dissertação sobre a utilidade do algodão, "genero que não dava mais trabalho que semear-se" (sic!) e lavoura que podia ser tratada por meninos de oito annos para cima, e mulheres.

O do Maranhão era muito melhor do que o do Pará, sobretudo no Itapicurú, tal cultura.

A canna de assucar, esta medrava. Antevia o nosso autor grandes lucros de tal cultura. o fumo tambem deveria trazer grandes lucros; sua lavoura não exigia grande dispendio, embora houvesse annos em que os contratempos arruinavam as safras.

O arroz, quarto genero da lista, era coisa do Maranhão, cujas terras se prestavam immenso á sua cultura, havendo algumas em que o rendimento vulgar vinha a ser o centuplo! O quinto genero consistia no carauhuá, o nosso caroá de hoje. Pouco cultivado, apenas utilizado para cordas de rêde, podia-lhe perfeitamente, a fibra substituir o linho. Dava magnifica materia prima para a cordoalha, de incomparavel resistencia.

Findos estes capitulos, passou o illustre diplomata a discorrer sobre a *Utilidade do café,* consagrando á rubiacea, meia duzia de linhas apenas.

"Os cinco generos referidos (algodão, assucar, tabaco, arroz e carauhá) são os de maior utilidade, aos quaes se segue esta do café, qual a tem conhecido na sua cultura, por ser muito pouca a que com elle se pratica a respeito do fructo que dá, com recompensa ainda, sendo vendido por diminuto preço".

Bem enigmatico este trecho! Então já haveria algum en-

saio de cultura cafeeira no Pará? a 20 de janeiro de 1673, data em que o embaixador terminara a sua dissertação?

A esta memoria de Duarte de Macedo, copiou em Paris em 1796 Frei Vicente Salgado (1732-1802) franciscano portuguez, ex-general e chronista em sua Ordem, autor distincto e copiador emerito de quem conhecemos outras transcripções. Entre ellas a famosa *Diabrura em forma,* peça curiosissima, capital para a biographia de Bartholomeu de Gusmão.

"Se este documento merecesse fé, declara Moura Brasil com todo o proposito, destruir-se-ia tudo quanto se tem escripto sobre a origem do café no Brasil".

"Verdade é que alguma relação existe entre o documento que apresentamos, datado de 1673, com o facto de ter apparecido o café em França pelos annos de 1669, no reinado de Luiz XIV, justamente no tempo em que o Dr. Duarte Ribeiro de Macedo occupou naquella côrte o cargo de ministro portuguez".

"A nossa opinião, porém, do que podemos colher nos manuscriptos que folheámos, é que so se encontram referencias ao café, em documentos officiaes, depois que os Francezes e os hollandezes, o introduziram em suas colonias".

Não nos parece possivel, de todo, que tão largo lapso decorresse mais de meio seculo! sem que a documentação revelasse alguma coisa sobre a existencia do café no Pará e Maranhão, se ella fosse com effeito uma realidade.

Temos como certo de que mal informado como era natural, das coisas do nosso tão longinquo Brasil, repetisse Duarte Ribeiro de Macedo, certamente de boa fé, verdadeira balela.

Vimos aliás, a insignificancia do trecho que consagra á "utilidade do café".

Os outros capitulos sobre as demais utilidades, encerram tantas e tão notaveis ingenuidades que nada mais natural se torna do que a existencia de mais esta, no texto do seu minusculo capitulo sexto.

Seja como fôr, a Duarte Ribeiro de Macedo cabe indubitavelmente, ao que nos parece, e até prova em contrario, o patriarchado portuguez do interesse pela implantação da cultura cafeeira no Brasil, mais de meio seculo antes da entrada das primeiras mudas em Belém do Pará.

CAPITULO XXVIII

O café, o nepenthes homerico e o caldo espartano. O Café e a Biblia

A' bibliographia do café pertencem alguns casos pittorescos e extravagantes.

Os mais celebrados e os mais frizantes em seu desvairamento de imaginação, vem a ser as tentativas esdruxulas da identificação do decocto da fava arabica com o nepenthes homerico, do Kixr com o famoso caldo espartano, o empenho pelo encontro de allusões ao café na Biblia e a idiocia do baptismo catholico da beberragem do Oriente por um Papa.

O *nepenthes* é um remedio contra a tristeza de que Homero fala na Odysséa, quando nos conta que Telemaco na côrte de Menelau ouvia lembrar a memoria dos heroes tombados na guerra troyana.

Corriam as lagrimas dos presentes quando a bella causadora de tamanho morticinio, a infiel Helena, fez circular taças com um vinho especial.

Effeito prodigioso teve a ingestão da bebida. Era uma maravilhosa dissipadora da tristeza e a voluvel rainha de Esparta contou que misturara ao vinho certa droga, presente da egypcia Plydamna, mulher de Thonis, remedio infallivel contra o pezar e a colera.

"A terra do Egypto, diz o texto do epos, produz muitas drogas, umas salutares, outras nocivas e os medicos daquella terra são os mais habeis".

Ha longos seculos vivem commentadores e philologos a esgotar-se em cogitações, procurando uma identificação para o *nepenthes.*

Para uns é o *opio,* para outros o *haschich,* para mais outros o *bangi,* uma especie de canhamo de virtudes estupefacientes, etc.

Pois bem, não faltou quem tentasse assimiliar o café ao *nepenthes.*

O lançador de tal idéia foi Pietro della Valle.

A sua carta celebrada, de identificação de café com o ne-

penthes, data-se de 15 de fevereiro de 1615 e de Constantinopla, Padberg e Porto Alegre a resumem:

"Muito do uso dos turcos é uma bebida, chamada *cahue* ou *kahve* (*kahwa*) negra de côr, refrescando no verão e aquecendo no inverno, com ser um e o mesmo licor inalterado. Bebe-se a longos goles, muito quente, não durante, mas após a comida, para passatempo e entre conversas, sendo rara uma reunião em que não se toma *cahue* em abundancia". (Padberg).

Continuemos com o trecho de Porto Alegre:

"Os turcos affirmam que é muito saudavel, que fortifica o estomago e auxilia a digestão, que suspende o curso dos catharros e outros fluxos semelhantes; elles a apreciam tambem em alto grão, porque evita o somno depois do alimento, e aos que se occupam com trabalhos do espirito em vigilias prolongadas. O fruto com que a preparam vem da Arabia, das vizinhanças de Meka e Moka: quasdo voltar, prometto levar um pouco para a Italia, onde, com certeza, ainda o não conhecem.

Em Constantinopla vendem grandes quantidades, e o producto do enorme imposto com que o carregam, rende sommas consideraveis ao sultão.

Se para esta bebida — continua elle ainda — fosse empregado o vinho em vez de agua, é muito provavel que se obtivesse o tão celebrado *Nepenthes* de Homero; aquelle remedio que Helena recebeu de uma dama egypcia para alegrar o coração e dissipar os seus desgostos; pois é certo que o *cahué* veio tambem de lá, e como o *Nepenthes,* elle tem a virtude de evitar a tristeza e aprehensões. De facto, quando os Turcos querem divertir-se, e ficar alegres, reunem-se e bebem muito dessa bebida emquanto contam historias alegres".

Commenta o distincto autor brasileiro:

"Esta opinião do viajante romano foi muito bem aceita pelos medicos e sabios, e tanto assim é, que logo declararam que havia grande identidade entre o *Nepenthes* e o café, do momento que fosse este feito com agua e aquelle com vinho. Era muito facil, na verdade, emittir semelhante proposição, visto que elles apenas conheciam estas bebidas por ouvir falar dellas, e sabiam pouco, tanto de uma como de outra coisa.

Entretanto, esta crença subsistiu durante muito tempo no seculo XVII, e só foi destruida por uma dissertação mui erudita do medico Petit, e publicada em 1689, dois annos depois da morte do seu autor".

Observa Padberg que Della Valle cumpriu o que promettera; por volta de 1625, deve-se ter tomado o primeiro café na Italia, especialmente em Roma.

Della Valle falleceu em 1652 e foi provavelmente bom propagandista da bebida na peninsula italica.

Vejamos algo sobre a contestação de Petit (Pedro), medico, literato e erudito francez..

Nascido em Paris em 1617, ahi falleceu em 1687, inimigo das idéas de Descartes, humanista *di primo cartello,* e poeta latino de valor, foi membro da famosa Pleiade de Paris, da qual o mais famoso membro é Santeul.

Allude Padberg a uma *Dissertatio de Nepenthe,* e de Gravius datada de 1684. E a tal proposito annota: Não sei com que fundamento Porto Alegre diz que a dissertação só foi publicada em 1689, dois annos depois da morte de seu autor.

E' que se abeberou no *Grand Dictionaire Universel du XIXeme Siécle,* que não fala da *Dissertatio* e sim de uma *Homeri Nepenthes* publicada em Utrecht em 1689, dois annos, portanto, após o desapparecimento do Petit que, aliás, já em 1685, publicára um poema sobre o chá intitulado *"Thea sinensis".*

Miquel, botanico allemão, na sua *Flora homerica,* foi quem identificou o *nepenthes* como provavel opiaceo: "Se é que não passa de méra ficção poetica".

Não estaria Linneu influenciado pelas idéias de Della Valle quando creou o genero *Nepenthes* comprehendendo plantas da Asia tropical e de Madagascar, tão diversas da nossa rubiacea?

Cita Ukers algumas referencias interessantes sobre os contactos entre a Biblia e o café nascidas de imaginações fantasistas.

O philosopho allemão Jorge Pasch (1661-1707), no seu tratado, de enorme titulo: *De curiosis hujus seculi inventus quorum accuratiori cultu facem protulit antiquitas,* publicado em 1695, procurou demonstrar a força enorme do *nil novum.*

As opiniões tidas como novas eram, em sua maioria, muito conhecidas dos antigos, nada mais sendo as invenções do que o desenvolvimento de conhecimentos transmittidos pelas éras.

A primeira edição da obra de Pasch, que se latinizou em Paschius, é de 1695 e não de 1700, como pensam Ukers e, aliás, Porto Alegre tambem.

Neste ripanço se lê que o autor sustenta a possibilidade de se entender como relativo ao café o caso das cinco medidas de farinha de trigo torrada, incluidas entre os presentes feitos por Abigail a David para lhe acalmar a colera, como se conta no livro de Samuel o que evidentemente é fantasia pura e a mais descabellada.

Dumant (Pedro Dumant), ministro protestante suisso e autor, pensa que as famosas lentilhas de Esau', que deram a

sopa negociada em troca do seu direito de progenitura, eram café! Infusão feita de cascas no genero de alguma laranjada! E que o grão torrado entregue a Ruth por ordem de Booz não podia ser senão café torrado!

E' o caso de exclamarmos: *ou' l'imagination va t'elle se nicher?*

Já em fins do seculo XVIII o nosso frei Velloso, ao prefaciar o seu *Fazendeiro do Brasil,* não deixaria de lembrar os pseudo contactos do *nepenthes* e da Biblia com o café, como teremos o ensejo de falar.

Facto curioso que Porto Alegre e Padberg tambem apontam foi outra identificação do café decocto e ingerido em semente com a famosa *xanfana* e o caldo espartano.

Escreve o primeiro destes autores:

"Na primeira metade do seculo XVII, quando o café começou a ser vagamente conhecido na Europa, o antigo e celebre *Xanfana* negro dos espartanos (bebida feita de caldo com leite e assucar) teve tambem a distincção de ser considerado como não ter sido outra coisa mais do que uma simples infusão de café. Parece que esta opinião fôra emittida pela primeira vez pelo inglez George Sandys, que percorreu e estudou com muita seriedade a Turquia européa e a asiatica, o Egypto, a Syria, e outros paizes semelhantes, quatro annos antes que Della Valle tivesse emprehendido sua viagem por esses mesmos logares, sendo partilhada igualmente por outros muitos viajantes e escriptores eruditos, entre outros, por Thomas Herbert, que tambem publicou em 1634 uma obra assás interessante sobre suas viagens á Asia Menor, Persia e ás Indias.

Só mais tarde, em 1775, é que foi completamente desmentida pela sábio archeologo inglez Richard Chandler, o qual, para provar que a bebida dos lacedemonios, composta de sal, vinagre e do sangue das victimas immoladas, não tinha a menor semelhança com o café, citou uma grande copia de textos de autores antigos".

Purchas, referindo-se a Finch, que era mercador e passou pela ilha de Socotora, em 1607, com a embaixada enviada ao Grão Mogol, sob a chefia de William Hawkins, fala em *coho.*

George Sandys, que encetara a sua viagem ao Oriente, em 1610, publicou-lhe a relação em 1615.

Referindo-se aos turcos, assim se exprime: "Ainda que destituidos de tabernas, têm, comtudo, suas casas de *Coffa,* que a ellas se assemelham um tanto. Sentam-se alli, tagarelando, a maior parte do dia, e bebericam uma bebida, chamada *Coffa* (pela baga de que é feita), em pequenas taças de porcellana, tão

quente quanto possam aguentar; preta como fuligem e de sabor não muito discordante (*porque não seria ella aquelle caldo negro, usado entre os lacedemonios?*).

Escreveu Sir Harry Blount, que alguns chamam o pae do café na Inglaterra:

"Ha muito quem pense que o café seja a velha *chanfana* negra dos lacedemonios. Dizem que enxuga os maus humores estomacaes, reconforta o cerebro, nunca provoca a embriaguez ou qualquer outra fórma de repleção, sendo innofensivo motivo para cordealidade.

Assim, sobre estrados altos, de meia jarda, e cobertos por colchões, sentam-se de pernas cruzadas, segundo o habito turco, muitas vezes em numero de duzentos ou trezentos, a conversar e discretear, emquanto entre elles circulam uns tocadores de musicas muito reles".

O facto da referencia á chanfana negra espartana, nas festas, por Sandys, em 1610, depois por Burton, em 1632, repetida por Blunt e, afinal, por James Howell (1595-1666), o primeiro historiographo regio da monarchia britannica, provocou por parte de varios eruditos inglezes accesa controvesria.

Houvera ainda quem quizesse ver no Kixr ethiope a brôa negra dos ribeirinhos do Eurotas.

Coube ao grande erudito e archeologo Ricardo Chandler (1738-1810), sabedor formidavel da antiguidade grega e homem da mais notavel sagacidade, destruir esta lenda absurda, descobrindo a receita da famosa e detestavel, segundo parece xanfana, caldo e brôa lacedemonios, temperados pelos violentos exercicios do platanista e da natação no Eurotas; miudos das victimas immoladas nos altares, sangue coalhado, com uma dose de sal, vinagre e banha de porco. Desde muito é tal composição symbolica de manjar incomivel para civilizados.

Ainda em 1895, novamente, dirimia esta questão Gilbert Gustav, em sua *The Constitutional Antiquities of Sparta and Athens*, a declarar que a brôa negra era simplesmente carne de porco cozida no sangue e temperada com sal e vinagre.

Recolhe Ukers em suas paginas uma lenda que, cértamente, é a mais inepta do folklore cafeico, a do café haver recebido o baptismo de um summo pontifice!

"Pouco após haver apparecido em Roma, segundo relata uma lenda muito prestigiosa, foi o café novamente ameaçado pelo fanatismo religioso, que quasi ia motivando a sua excommunhão da christandade!

Assim se fala que certos padres chamaram a attenção do papa Clemente VIII, cujo pontificado durou de 1592 a 1605,

pedindo-lhe que prohibisse o uso de tal beberagem, cuja origem satanica (!) denunciavam".

A explicação desta historia da carocha, que o nosso autor inculca, é simplesmente impagavel! Argumentavam alguns doutos e piedosos com o facto de que o Maligno, havendo prohibido aos seus sequazes, os infieis moslems, o uso do vinho, certamente porque a este sanctificara Christo, instituindo a Santa Communhão, fornecera-lhes como succedaneo aquella zurrapa, a que chamavam café, oriundo de sua cereja negra, infernal. Assim, o facto de christãos a beberem, era leval-os a arriscar a cahir num alçapão aberto sob os seus pés por Satanaz!

Sabedor do facto, quiz o Summo Pontifice examinar pessoalmente o caso. Mandou que lhe trouxessem uma chicara de café, cujo aroma lhe pareceu tão agradavel que se decidiu a beber a incriminada beberagem. Achou-a excellente e exclamou: "Esta bebida satanica é tão deliciosa que seria lastima deixar que os infieis della exclusivamente usassem. Vamos lograr a Satanaz, baptizando-a e della fazendo verdadeira bebida."

Assim, tudo quanto de nocivo os adversarios do café queiram attribuir-lhe, o facto persiste (se é que devemos dar credito á historia), de que o café foi baptizado, proclamado inocuo e bebida verdadeiramente christã por Sua Santidade o Papa.

Verbera Padberg e com toda a razão ao autor americano haver transcripto tão ridicula anecdota.

Acha o douto critico que tal facilidade é indigna de historiador.

Aliás, não documenta Ukers a procedencia de tal patranha asnatica.

Frisa ainda Padberg a circumstancia de que o papa Clemente VIII, cujo reinado durou de 1592 a 1605, não poderia, em 1585, ter baptisado o café.

Notavelmente talentoso como era não poderia o nosso Frei Velloso ao se inteirar das particularidades da historia do café deixar de tomar conhecimento dos casos do nepenthes e das approximações biblicas. Assim de tal deu demonstração no anteloquio da parte primeira do tomo por elle consagrado ao café em seu *O fazendeiro do Brasil,* primeira obra que da bibliographia portugueza cafeeira se imprimiu, como geralmente se sabe.

Assim na *Rapsodiae cahoveticae* que abre o volume, as primeiras citações são das Escripturas Sagradas.

Festinavit igitur Abigail et tulit ducentos panes et duos utros vini et quinque arietas coctos, etc. (1° Reg. cap XXV, v. 18).

Apressou-se pois Abigail, e tomou duzentos pães, e dois

odres de vinho e cinco carneiros cozidos, e cinco alqueires de farinha, e cem penduras de passas d'uvas, e duzentas pastas de figos seccos, e poz tudo em cima de jumentos.

Cumque venisset David in castra, Soli filius Naas de Rabbath filiorum Ammon, et Machir filius Ammihel de Lodabar et Berzelai Gallaadites de Rogelim.

Obtulerunt ei stratoria et topetia et vasa fictilia frumentum et hordeum et farinam et polentam et fabam et lentem et "frixum cicer".

Et mel et butyarum ovas, etc. (2.º *Reg.* Cap. XVII v. 27, 28, 29).

27. E tendo David chegado ao arraial, Sobi, filho de Naas, de Rabbath dos Ammonitas, e Machir, filho d'Ammihal de *Lodabar e Berzelai Galsadits de Hogelim.*

28. Lhe trouxeram um presente de canna, e de tapetes, e de louça de barro, trigo e cevada, e farinha, e cevada torrada, e favas, e lentilhas, e *grãos fritos.*

29. E mel, e manteiga, ovelhas, e novilhos gordos. E deram tudo isto a David e ao povo que com elle estava, para que comessem, porque creram que o povo estaria quebrantado de fome e de sede no deserto.

Sobre o nepenthes transcreve Frei Velloso o seguinte trecho de uma traducção latina do epos homerico cuja procedencia não cita, aliás:

Protinus ergo in vinum misit medicamen, unde bibebant
Luctui iroeque adversum, malorum oblivionem induces
Qui illud biberit postquam crateri omnium mixtum est
Non utique toda die profuderit lacrymas per genas,
Neque si ei mortui fuerint materque puterque,
Neque si ei coram fratrem, aut carum filium
Ferro trucidarent, ipse vero oculis videret.
Talia Jovis filia habebat medicamina utilia
Bona, quae illi Polydamna praebuerat Thonis uxos
Egyptia, qua plurima producit fertilis terro
Medicamna...

Deitou ella no vinho de que bebiam um remedio
Contra a angustia e a ira provocador do olvido dos males
Se alguem de tal vinho tomar, misturado com essa droga
Nesse dia nenhuma lagryma lhe resvalará pela face, etc.

Depois de transcrever uns trechos dos poemas latinos laudatorios do café, da autoria de Knowles, Habernach e Vanier,

reproduz o nosso sábio botanico curiosa e curta saudacção á infusão arabica que elle diz proceder do *Museu Valentini* e ser da autoria de anonymo poeta persa, traduzido por Valentini:

Te cafe, atra facies!
Quid est cur delectemur?
A Venere, quo venias,
Facis ut ferimur.

(Tu' café, de negro aspecto, porque te apreciamos? onde quer que appareces fazes que sejamos tocados por Venus).

Eis cabal resposta dada por um persa ás insinuações de Olearius sobre as virtudes anaphrodisiacas do café. Pretendia elle ter recolhido na Persia, como já vimos, semelhante atoarda. Talvez seja por este motivo que Frei Velloso a recolheu.

SEGUNDA PARTE

O Café no Brasil Colonial

CAPITULO I

O papel capital de Francisco de Mello Palheta na historia do café. O estudo exhaustivo de Basilio de Magalhães sobre a introdução do cafeeiro no Brasil. A naturalidade de Palheta. Comentarios de Rodolpho Garcia. Samuel Fritz e suas pendencias com o governador do Estado do Maranhão. Contactos do Padre Fritz com Francisco Palheta.

Merece a personalidade do introductor do café no Brasil que sobre ella nos detenhamos com a maior pormenorização possivel. E' o que pretendemos realizar, lançando mão dos optimos elementos esclarecedores da biographia de quem tanto merece a gratidão nacional.

E' impossivel escrever-se sobre Francisco de Mello Palheta sem recorrer a monographia exhaustiva de Basilio de Magalhães, sobre a figura até ella imprecisa, do introductor do café no Brasil.

Sabem todos o modo pelo qual o douto escriptor versa os assumptos a que se dedica; como procura exhauril-os, com que afinco os rebusca, tentando aproveitar, sempre, com o maximo respeito á verdade, tudo quanto as fontes podem dar.

Haja vista o que fez ao desempenhar o encargo de descrever o que foi a expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII, dahi resultando uma monographia que, sem favor algum, é das coisas capitaes da nossa bibliographia nacional.

Para a edição especial do "O Jornal", de outubro de 1927, escreveu Basilio de Magalhães, eruditissimo artigo: *Quem era Francisco de Mello Palheta, introductor do cafeeiro no Brasil,* reconstrucção penosa e profunda, de uma biographia até então cheia de lacunas e incertezas.

Com toda a exacção, della diz Padberg: "merece ser archivada qual Magna carta da celebridade indicada de Palheta."

Neste capitulo, pois, nada mais poderemos fazer do que analysar o texto de Basilio de Magalhães, commentando-o, ligeiramente, aqui e acolá, e ajuntando-lhe algumas achegas que nos pareceram valiosas.

Começa o nosso autor, por discutir a questão obscura da naturalidade de Palheta; seria brasileiro ou portuguez?

O Dr. Waldemar Peckolt e o Sr. Henrique Silva, o primeiro pelas paginas de uma revista de avicultura e assumptos de lavoura, e o segundo pela *Informação Goyana*, de junho de 1927, affirmaram aquelle que Palheta era brasileiro e o segundo que não.

Naturalmente deixou-se levar o Dr. Peckolt, não especialisado em assumptos de historia, por alguma fonte que teve sob os olhos. A denegação de seu contrariador baseia-se em argumento que bem demonstra quanto igualmente não é especialista em assumptos tradicionaes.

Para provar que Palheta era portuguez afiança o Sr. Henrique Silva que, acaso brasileiro, não poderia ter sido sargento-mór, "patente militar que nunca existiu no nosso exercito" (sic!).

Tão desvalioso é este argumento que, realmente, não comprehendemos a pachorra com que o douto Basilio de Magalhães o refutou.

"Em nenhum documento se estribou o autor das *Caças e Caçadas no Brasil* para dar como portuguez a Francisco de Mello Palheta, e o seu argumento relativo á patente militar é de todo improcedente, pelas duas simples razões de que em 1727, data na qual Palheta já havia sido promovido a tal posto, não existia no Brasil sinão um exercito, o portuguez, e de que tanto no exercito brasileiro, oriundo da elevação do Brasil em 1815 a Reino Unido, a monarchia autocraticamente federada, que comprehendia a mais Portugal e Algarves, quanto no exercito brasileiro, proveniente da conquista da soberania politica de 7 de setembro de1822, ainda subsistiu o posto de sargento mor."

Realmente, pretender contestar tal facto é simplesmente revelar real insciencia do nosso passado militar.

E' provavel que o suggestor da affirmativa do Dr. Peckolt tenha sido Rodolpho Garcia, pelo tomo 81 da *Revista do Instituto Historico Brasileiro* e de quem e com a maior justiça chama Basilio de Magalhães "um dos mais competentes probidosos e incansaveis pesquisadores das nossas tradições."

Analysando o *Diario* do Padre Samuel Fritz, o illustre jesuita missionario da Amazonia a cuja memoria os trabalhos de cartographia celebrisaram, alcançando a consagração do applauso caloroso de Rio Branco no seu *Memorial* sobre o

contestado de Amapá — coube a Rodolpho Garcia encontrar-se com a personalidade de Mello Palheta e estudal-a.

Alcançou, pois, a primazia da publicação das primeiras informações sobre o berço e a paternidade do introductor do café no Brasil.

Ao *Diario* de Samuel Fritz appoz Garcia sessenta notas em que a erudição corre parelhas com o criterio, dignos prenunciadores dos seus commentarios á obra de Fernão Cardim e á Historia Geral do grande Varnhagen.

"O sacerdote bohemio, diz Basilio de Magalhães, vindo para a provincia jesuitica, hispano-americana, de Quito, em 1685 ou 1686, fez-se o apostolo dos omaguas do Amazonas, os quaes, além de doutrina, careciam de quem os defendessem dos portuguezes do Pará, que frequentemente lhes invadiam as cabildas para reduzil-os á escravidão.

Do principal aldeamento a que reduzira aquelles indios, S. Joaquim, desceu elle, em fins de janeiro de 1689, á maloca central dos jurimaguas e ou para tratar-se de enfermidade perigosa que o acomettera, ou para melhor patrocinar a liberdade dos selvagens, aportou a Belém em 11 de setembro do mesmo anno.

Governava então o Estado do Maranhão, desde 1687, Arthur de Sá e Menezes (que dez annos depois veio dirigir a Repartição do Sul). Permaneceu alli o ignaciano vinte e dois mezes dezoito dos quaes detido no Collegio dos Jesuitas, porquanto, logo que chegou á capital paraense, reclamou do Capitão-general "o reconhecimento dos direitos da corôa castelhana sobre os territorios onde estavam situadas suas missões."

Consultara o governador ao soberano sobre esse alarmante caso do padre Fritz, e a resposta do rei de Portugal já alcançou ao successor de Arthur de Sá e Menezes, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, que regeu o Estado do Maranhão de 1690 a 1701 (vindo mais tarde para a capital de S. Paulo e Minas do Ouro, que installou em 1709 e superintendeu até 1713).

Reprovou D. Pedro II a detenção do loyolista e ordenou fosse o mesmo reposto á custa da real fazenda, no ponto das missões de que sahira ou em Quito, se fosse preciso.

Afim de cumprir tal ordem, consumiu o representante da metropole tres mezes. Só a 8 de julho de 1691 pôde regressar o padre, acompanhado por um cabo ("Capitão?"), um alferes, sete soldados, um cirurgião e trinta e cinco indios, estes como remeiros da flotilha de canoas.

E' ahi que apparece a mais antiga referencia, que se conhece em documentos de boa fonte, á actividade militar de Francisco de Mello Palheta. De facto, dando noticia da escolta, que, por mandado do soberano lusitano o ia conduzir de retorno, pelo Rio Mar, ás terras americanas da corôa hespanhola, disse no seu "diario" o padre Samuel Fritz que só dois dos homens que a compunham eram "portuguezes e brancos", o cirurgião, cujo nome não declinou e o soldado Francisco Palheta (sic).

Ora, não se deve tomar á letra, na referida expressão, o gentilico "portuguez", porque o mesmo se applicava então, sem rigor etymologico aos brancos alistados no serviço da metropole. E foi precisamente annotando tal asserção do jesuita que Rodolpho Garcia reivindicou para o introductor do café no Brasil a natividade paraense."

Affirma Garcia com effeito:

"Francisco de Mello Palheta, que chegou ao posto de sargento-mór, era natural do Pará. Seu pae, o capitão de infantaria João Rodrigues Palheta, era portuguez, nascido na villa de Serpa, provincia de Alemtejo. Foi elle o introductor do café em nosso paiz. Dil-o o erudito Dr. Manuel Barata, em sua interessante monographia "A antiga producção e exportação do Pará":

"Em maio desse anno (1727), o sargento-mór (major) Francisco de Mello Palheta, que tinha ido a Cayenna no desempenho de uma commissão do governador e capitão-general do Pará, de lá trouxe "trinta e tantas fructas e cinco plantas" de café, segundo declara o mesmo Palheta.

E vem aqui a pelo dizer que não é verdadeira nem verosimil a versão propalada pelo bispo D. Fr. João de S. José Queiroz (*Viagem e Visita...* 1762-1763) e repetida por outros escriptores de que as sementes de café trazidas por Francisco de Mello Palheta lhe foram dadas pela mulher do governador de Cayenna (Claude d'Orvilliers), a qual por galanteria, metera no bolso da casaca (do collete, dizem outros) de Palheta uma mão cheia dellas na presença do proprio governador."

Explicando como chegou o illustre academico a convicção de que Palheta era paraense, observa Basilio de Magalhães:

"Como se vae ver, dentro em pouco, pela relação da viagem de descobrimento do rio Madeira, chegando o ajudante da expedição, antes dos mais companheiros, á povoação de Santa Cruz de Cajuava, perguntou-lhe o padre, superior dessa reducção de Indios, se era cavalheiro o cabo da tropa.

E o dito ajudante, referindo-se ao sargento-mór Francisco de Mello Palheta, respondeu "com a verdade de que era dos principaes da terra na capitania do Pará." Ora, significa isso só que Palheta era pelo seu posto, pessoa de respeitabilidade alli, como ainda que era paraense nato, porquanto, se o não fosse não se usaria para elle da expressão "da terra."

Sentimos dissentir do douto autor da *Expansão geographica* e commentador de Varnhagen. O facto de Palheta haver dito que era dos principaes da terra da Capitania do Pará, absolutamente não nos autorisa a crer que fosse paraense nato.

Os que se familiarisaram com o estudo dos nossos velhos linhagistas, sabem perfeitamente quanto entre elles taes expressões se reportam sem distincção a portuguezes de Portugal e a portuguezes brasileiros, filhos da grande colonia luso-americana.

Em principios do seculo XVIII, qualquer brasileiro era tão portuguez como os do reino. Os jesuitas hespanhoes, denunciando as correrias dos paulistas aos reis da Hespanha, jamais se lembraram de as designar pelo qualificativo *brasileiro* ou *brasileño*. Sempre disseram *portuguezes de San Pablo.* Decorridos annos e annos é que surgem, nos documentos, a palavra paulista, e isto mesmo nos portuguezes, porque os papeis de fins do seculo XVII, de procedencia ignacina e castelhana, continuam a falar em *Portuguezes de San Pablo.*

Ora, Samuel Fritz, bohemio-allemão, pertencente não a uma provincia jesuitica portugueza e sim á hispano-americana de Quito, não via entre os brancos que depredavam as cabildas dos omaguas, a quem doutrinava, senão portuguezes do Pará.

Valhamo-nos, porém, de referencias de Pedro Taques.

Frequentemente vemos nas paginas do linhagista designarem-se portuguezes natos como pessoas principaes do governo da republica em villas do Brasil.

Assim lemos por exemplo F. "natural de Lisboa e nobre cidadão de São Paulo, onde serviu todos os cargos da republica, etc., etc.

Quando quer referir-se a um brasileiro, escreve o autor da *Nobilarchia Paulistana*: F... natural e cidadão de S. Paulo onde tem servido todos os cargos da republica." F... natural da cidade do Porto, passou a S. Paulo, ficou estabelecido na terra onde casou, servindo os honrosos cargos da republica como pessoa principal della de que foi da governança."

Assim os indicios de que Palheta haja sido paraense, pela simples declaração, de sentido ambiguo naquelles tempos, em que só havia portuguezes ainda, não nos convencem.

Declarando que Palheta era paraense, valeu-se Rodolpho Garcia de uma nota marginal manuscripta, apposta, portanto, pelo illustre erudito das coisas da Amazonia, Manoel Barata, a uma pagina do *"Compendio das éras da provincia do Pará"*, da lavra de A. L. Monteiro Baena.

Explica-nos Basilio de Magalhães:

"Onde foi, porém, que encontrou o eximio pesquisador das nossas tradições, os elementos de convicção para semelhante asserto, cuja relevancia é inegavel, porquanto apraz sobremaneira ao nosso orgulho patriotico tenha sido um brasileiro nato e espontaneo o abnegado iniciador da nossa maior prosperidade agricola?

"Foi num exemplar do *"Compendio das éras da provincia do Pará* (*Pará,* 1838), de Antonio Ladislau Monteiro Baena, e que pertenceu a Manoel Barata, vindo enriquecer a bibliotheca do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, á qual doou o illustre paraense toda a sua excellente collecção de livros. O sobredito volume de Baena está repleto de marginaes, manuscriptas e devidas a Manoel Barata, que ora corrigia enganos, ora preenchia lacunas da obra daquelle official do exercito portuguez, de quem se pode dizer que se naturalizou paraense."

Não aproveitou Rodolpho Garcia, integralmente, a nota de Manoel Barata, que tanto interessa á biographia de Francisco de Mello Palheta e que vem á pagina 109 do mencionado trabalho, quando Baena, historiando acontecimentos immediatamente posteriores a 1663, trata de um assalto dos indios caboquenas e guanevemas á aldeia de Saracá — onde estava o alferes João Rodrigues Palheta.

"Graças a Manoel Barata, que era a personificação da probididade nas investigações historicas sobre a terra natal, fica-se sabendo que Francisco de Mello Palheta "era natural do Pará". Teve por paes a João Rodrigues Palheta (natural da Villa de Serpa, na provincia de Alemtejo) e que chegou no Brasil, no posto de "capitão de infanteria", e de D. Maria da Ressurreição de Bittencourt. Francisco de Mello Palheta casou com D. Bernarda de Mendonça Furtado, a qual, pelo cognome, devia ser aparentada com uma das mais distinctas familias lusitanas.

Ficam, assim, esclarecidos pontos que até agora jaziam na mais completa obscuridade, quanto ao introductor do café no Brasil, faltando, ainda infelizmente, dados fidedignos quanto ao final da sua existencia, de 1733 em deante."

Divergindo do douto escriptor de quem acabamos de

transcrever estes conceitos, pensamos que a simples nota marginal de Barata, sem indicação de fonte documentaria, é insufficiente prova do brasileirismo de Francisco Palheta. Aliás, leva-nos o escrupulo a lembrar que já em 1877 chamou Moreira de Azevedo a Palheta, o "brasileiro Palheta", em seu *Rio de Janeiro*.

Assim como nós, não está Hildebrando de Magalhães convencido de que Francisco de Mello Palheta haja sido brasileiro.

"Corre que era brasileiro nato e filho de portuguez", escreveu em sua valiosa *Historia do Café*. Em sua pequenina mas excellente monographia *Coffea Brasiliae fulcrum*, affirma Theodoro Braga que Palheta era natural de Vigia, mas sem abonação de fonte documental.

Filho de militar, seguiu a carreira paterna, assentando praça na tropa de linha do Estado do Maranhão.

Este creado, a 13 de junho de 1621, como tanto se sabe, abrangia o Maranhão propriamente dito, o Pará a que se aggregava o Amazonas actual, antiga capitania do Rio Negro, o Ceará que seria depois reunido a Pernambuco, e o Piauhy, ulteriormente annexado.

Duraria até 1775 sob o nome de Estado do Maranhão e Grão Pará.

Presume Basilio de Magalhães que Palheta haja nascido pelas vizinhanças de 1670, e, portanto, em 1691, quando o encontrou o Padre Samuel Fritz, só podia ser simples soldado.

Sobre este episodio, no qual apparece pela primeira vez o nome de Palheta na historia do Brasil, ouçamos o grande sabedor da historia amazonica, que foi João Lucio d'Azevedo, em seus "Os jesuitas no Grão Pará."

Referindo-se á jornada de Samuel Fritz, escreve o autor da magnifica *Historia dos Christãos Novos* e tantas obras mais de notavel valor.

"Falemos agora de uma viagem que, não sendo originalmente de exploração, enriqueceu a sciencia geographica com o primeiro mappa do Amazonas, levantado nos proprios logares, por individuo a quem não falleciam para tal, aptidões.

Referimo-nos ao padre Samuel no mundo scientifico por essa obra, e notavel como missionario, pelo fervor evangelico, que lhe valeu o cognome de *Apostolo do Amazonas*".

Aos 11 de setembro de 1689, desembarcou elle em Belém. Vinha das missões hespanholas do Solimões, denominadas de Mayanas, onde principiara a trabalhar tres annos antes. Natural da Bohemia, consagrara-se, como muitos outros da sua Ordem, oriundos da Europa central, á evangelização dos sel-

vagens. Ninguem jamais pregou com maior zelo; ninguem superior numero de barbaros conseguiu aldear.

Moyorunas, pevas, cambevas, yurimaguas e outras populosas nações de indios rendeu á fé catholica. Abrasado de enthusiasmo, e seduzido pela ampla messe, que se lhe deparava alli, dilatou os limites da sua missão cerca de duzentas leguas pelos dominios portuguezes. Foi no decurso destes trabalhos que se dirigiu ao Pará.

Não se deve admittir, como pretendiam os portuguezes, que o movel desta jornada tenha sido a espionagem. Se bem que as autoridades da colonia não soubessem ainda de suas pretensões invasoras, o facto de fazer indagações geographicas, e delinear um mappa, bastava a denuncial-o ás suspeitas proprias do vigente regimen.

A theoria, depois por elle enunciada, em virtude da qual seria indebita a posse de Portugal naquellas terras, parece depor contra a lealdade dos seus intentos; mas a verdade é que, perlustrando, em tão grande extensão, o curso do Amazonas, o jesuita tinha sómente em vista seus commodos pessoaes, satisfazendo ao mesmo tempo a natural curiosidade de um espirito indagador e amante da sciencia.

Adoecendo em estado grave, das febres proprias do clima, e por effeito das fadigas, reflectiu que mais facilmente lhe seria dado baixar á séde dos dominios portuguezes no Grão Pará, do que retroceder contra a correnteza das aguas, com a penosa jornada, por terra, até Quito.

Resolveu, portanto, descer o rio, e buscar a cura das molestias e o indispensavel repouso no gasalhado dos seus, tão ricos de bens e autoridade no Estado vizinho.

Não lhe esquivou o prestigio dos socios os incommodos provenientes da qualidade de forasteiro. O governador Sá de Menezes, ao saber de sua presença no Pará, mandou-o deter no collegio, até chegarem determinações de Lisbôa.

Quiz o jesuita embarcar para a côrte, e pleitear aos pés do soberano o seu direito á liberdade: não lh'o consentiram. Tardaram as ordens do governo dezenove mezes, durante os quaes o recluso se occupou em colligir informações e debuxar o seu mappa. Afinal, soube que o iam repor nas missões de Castella, e, com effeito, passados ainda tres mezes mais, partiu com uma escolta de vinte soldados. Incumbia a esta vedar-lhe a communicação com habitantes do territorio portuguez, mas, além disto, tinha o cabo da tropa tambem por encargo, restabelecer a autoridade da corôa, até o limite do padrão de Pedro Teixeira.

A lembrança do rio do Ouro, cujo nome era de per si um estimulo; a noticia de algum commercio, que por lá se fazia com os indios, portadores de pepitas; aviventavam esperanças de se encontrar naquellas alturas o ádito ao sempre appetecido *El-Dorado*. Por tal razão tinham os habitantes do Pará muito a peito não deixarem passar a outras mãos esse dominio.

Chegando Fritz a um povo de yurimaguas, aldeados por elle na descida, dois dias além da bocca do Juruá, pediu que os soldados retrocedessem, para não porem com a sua presença, em sobressalto os selvagens. Mas o chefe, invocando as instrucções, insistiu em prosseguir na jornada, até onde se achavam estabelecidos os da nação omagua. Assim se fez, e a poucas horas de caminho, alcançaram a primeira reducção.

Então descobrindo o intento que o levara áquellas paragens, o cabo solemnemente reivindica para el-rei de Portugal o senhorio das terras, e intima o jesuita a retirar-se dellas.

Obtemperava Fritz achar-se dentro dos limites de Castella. Para elle era usurpação o avanço dos nossos, rio acima. Ao passo que estes pretendiam levar á fronteira até dentro do Napo, onde, pelas informações vagas de Pedro Teixeira, se devia encontrar o marco, em Hespanha, rejeitavam esse direito, e queriam traçar a divisoria pelo rio Negro.

Samuel Fritz não se contentava com essa linha. A seu arbitrio deviam os portuguezes ser repellidos aguas abaixo, até o meridiano que passa na foz do rio de Vicente Pinzon. Nulla era a posse de Pedro Teixeira; nulas as explorações successivas dos portuguezes; a decisão de Alexandre VI e o tratado de Tordesilhas regulavam no seu conceito, de modo irrefragavel a materia.

Com estas idéias, deliberou o jesuita seguir até Lima, a expor ao vice-rei as necessidades materiaes de sua obra evangelica; o perigo em que ficavam os neophytos, abandonados á tyrannia dos portuguezes; e os argumentos de direito a seu parecer decisivos, com que justificava a posse de Castella. Continuou a fadigosa viagem contra a corrente do Amazonas; subiu pelo Huallaga; atravessou a Cordilheira e, jornadeando por Cajamarca e Trujillo, chegou alfim onde era a cabeça do governo hespanhol, nesta parte da America.

Surprehendeu a todos o vel-o chegar. Acompanhando sómente de um indio; com uma sotaina curta, em farrapos por vestido; alpercatas e meias de filamentos de palma nos pés; alto de estatura, vermelho de côr, as longas barbas hirsutas;

revivia no aspecto um antigo solitario, sahindo dos desertos da Thebaida.

Ao cabo desta longa peregrinação só comparavel ás do apostolo Xavier no Oriente, teve elle o desgosto de não ver seus projectos acolhidos conforme a mente enthusiastica lhe presagiara.

Concedeu-lhe o vice-rei meios pecuniarios, soccorros de viveres, e o apoio moral da sua autoridade; mas negou-lhe a força militar, que havia de ajudal-o a prosseguir na conquista, ou a defendel-o contra armadas reivindicações.

A despeito disso, o apostolo infatigavel voltou ao theatro de seus labores, e pôde reunir as ovelhas que a noticia das incursões portuguezas, e o receio da pendente escravidão, ao primeiro brado, havia disperso.

Chegando á côrte de Lisboa noticia das tentativas do missionario, contra elle por mais de uma vez se expediram ordens de prisão; mas, apesar das instantes recommendações do governo, o pertinaz invasor escapou indemne á vindicta dos que injustificadamente pretendia desapossar.

Foi ahi que o illustre missionario-geographo teve contacto com Francisco de Mello Palheta, encontro hoje celebrado.

Especificando, relata Basilio de Magalhães:

"Sahida de Belém, a 8 de julho de 1691, a expedição de que fazia parte Palheta, só deixou o padre Samuel Fritz a 20 de outubro, na aldeia de Nossa Senhora das Neves, dos jurimaguas, depois de havel-o conduzido até a de Maiavara, ultima redução dos omaguas. E o cabo da tropa não largou o jesuita, sem que primeiro o intimasse conforme ordem reservada que levava do governo do Estado de Maranhão — a retirar-se "daquellas provincias, por pertencerem á corôa de Portugal."

Conta o ignaciano que a dita força, além de outras coisas, fez desmonte a margem do sul, em frente á aldeia de Guapapaté, onde poz por marco uma arvore grande, e, antevendo outras proezas dos portuguezes naquelles remotos rincões, insinuou que os mesmos estavam por alli "achar a porta para entrar no "El-Dorado" que sonham não estar muito distante". Esse padre Samuel Fritz, e mais outro collega, ainda deram muito que fazer aos portuguezes do Pará, em 1710.

Nos "Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará", t. I, 1902 pags. 132-133 e 135-136) occorrem dois documentos interessantes invocados por B. de Magalhães.

Demos-lhes o transsumpto.

A 24 de Dezembro de 1709, ao Rei escrevia o Mestre de Campo, Christovam da Costa Freire, senhor de Pancas e

governador do Pará, de 1707 a 1719, que os jesuitas de Quito haviam invadido á testa de oitenta homens, terras de Portugal no Solimão, prendendo um carmelita missionario, cinco portuguezes e pondo fogo ás aldeias. Contra elle mandara uma tropa de 150 homens para prender os dois padres Samuel Fernandes e João Baptista Sauna e rechassar a sua gente.

Por carta de 13 de agosto de 1710 applaudia D. João V a esta medida, recommendando a Freire que não desguarnecesse a marinha, muito mais exposta ao inimigo.

A 13 de janeiro seguinte, recommendava o monarcha que se os dois jesuitas, attendendo á intimação, evacuassem as aldeias occupadas, deviam ellas ser fortificadas e guarnecidas.

Se desobedecessem, fossem presos e remettidos para o Reino, sendo substituidos por jesuitas portuguezes.

Seria Samuel Fernandes o mesmo Samuel Fritz? Não ha duvida possivel, como nol-o confirmam os *Annaes* de Berredo.

Ainda, com effeito, era corrente, entre os povos occidentaes, a possibilidade da existencia do *El-Dorado*, a que o famoso *Candide* de Voltaire daria a maior celebridade em meiados do seculo XVIII.

Refere Basilio de Magalhães:

"Essa lenda do *El-Dorado*, criada ou derramada no mundo por Sir Walter Raleigh em 1597, com a publicação da sua obra *"The discovery of the large rich and beautiful Empire of Guiana, with a relation of the great and golden city of Manoa, and of the provinces Emeria, Arromain, Amapale,* etc., *perfomed in the year* 1595", exerceu no Brasil grande influencia, bem assignalada por Southey.

Imaginando o maravilhoso reino, ora na região de Nova Granada ora na da Guiana (onde Americo Vespucio, um seculo atraz, julgava ter sido o paraiso terreal), tal fabula, segundo o historiador inglez, custou á Hespanha "mais sangue e dinheiro do que todas as suas conquistas no Novo Mundo." A ella deveu o Brasil "longo periodo de tranquillidade", porquanto os pirateadores inglezes, e, depois delles, os flibusteiros hollandezes e os aventureiros francezes, seduzidos pela chimera de que se servira Raleigh como chamariz, foram, afinal, assentar-se ás margens do Oyapock e do Orinoco em busca da encantada e falaz Manoa"...

E com toda a propriedade commenta o mesmo autor:

"O *El-Dorado*, que afinal, appareceu em Surinam e em Cayena, no primeiro quartel do seculo XVIII, era o fructo da "coffea arabica", que Francisco de Mello Palheta, em 1727, havia de transportar para o Brasil.

Nada mais se conhece da vida de Palheta no seculo XVII, depois que figurou na expedição desterradora do Padre Samuel Fritz.

Reapparece-lhe o nome na documentação, a 7 de fevereiro de 1709, quando obtem do governador do Estado do Maranhão e Grão Pará, uma sesmaria no rio Ubituba, acto este que o Rei ratificou a 10 de fevereiro de 1712.

Desta concessão temos noticia de que se inscreve no livro 2, pag. 105 das *Sesmarias*, segundo a summula publicada nos "Annaes da Bibliotheca e Archivo Publico do Pará" (I, III, 55), ou antes a indicação summaria que alli se lê.

Assim os lazares da paz e das commissões do real serviço lhe deram talvez o ensejo de se dedicar á lavoura.

Onde seria este Ubituba é o que não sabemos dizer. Do Diccionario de Moreira Pinto está ausente qualquer informação a tal respeito, apenas se fala de um Ubiteua, rio paraense do municipio de Cintra.

Em 1731 conseguiu Mello Palheta outra sesmaria, esta situada entre as bocas dos igarapés Arapijá e Guajará.

O Arapijó corre na Ilha de Marajó, desaguando no rio de Breves, e o Guajará banha o mesmo municipio de Breves, desaguando na bahia deste nome.

Obteve esta terra por alvará de 14 de agosto de 1731, confirmado por Dom João V a 20 de março de 1733 (livro VI das sesmarias do Pará e pag. 155).

Teria ahi cultivado o cafeeiro? E' possivel.

CAPITULO II

Importante commissão confiada a Palheta nos sertões amazonicos. A exploração do Rio Madeira. Relatorio notavel publicado por Capistrano de Abreu

De 1712 a 1722, é muda a documentação até agora desvendada, a respeito de Francisco de Mello Palheta.

Neste ultimo millesimo, era elle sargento-mór, quando o Governador do Estado do Maranhão, João da Maia da Gama, a 19 de julho, lhe commetteu importante missão, no amago dos sertões brasileiros.

Explica Basilio de Magalhães:

"Dessa bandeira que, vencendo obstaculos e arrostando perigos, chegou até á região dos baurés, moxos e inuteis, deram vagas noticias muitos escriptores, mas, até quasi fins do seculo passado, ninguem lhe conhecia o integro relato official.

Tendo, porém, o fallecido livreiro João Ribeiro Martins offerecido á Bibliotheca Nacional uma collecção de manuscriptos, da mesma fazia parte (em cópia recente, constante de um "in-folio" de 35 paginas feita do original existente no t. I dos "Papeis varios" da Torre do Tombo) o dito importante documento, que, sob o n. 19.621, figurou na Exposição de Historia e Geographia do Brasil, realizada a 2 de dezembro de 1881 (v. Supplemento ao Catalogo, 1883, pag. 1.657).

Eis o titulo do mesmo: "Narração da viagem e descobrimento que fez o sargento-mór Francisco de Mello Palheta ao Rio da Madeira e suas vertentes, por Ordem do Senhor João da Maia da Gama, do Conselho de Sua Magestade, que Deus Guarde, seu Governador e Capitam General do Estado do Maranhão, cuja viagem e expedição se fez no anno primeiro do seu governo: e se gastou nella desde 11 de Novembro de mil setecentos e vinte e dois, thé 12 de setembro de mil setecentos e vinte e tres."

Capistrano de Abreu — o inolvidavel mestre, percebendo-lhe a relevancia, copiou-o da dita collecção e fel-o estampar na "Gazeta Litteraria" (excellente revista, de ephemera duração, dirigida por Teixeira de Mello e Valle Cabral) n.os de 11 de outubro e 24 de novembro de 1884.

E' o seguinte:

"A Bandeira de Francisco de Mello Palheta ao Madeira em 1722-23, segundo um dos seus companheiros.

A PARTIDA

"Partiu a tropa da cidade de Belém, praça do Grão Pará a 11 de novembro em que veiu o mesmo general despedir ao sargento-mór e Cabo, acompanhado da nobreza da terra: e já despedidos, demos uma salva geral, e emproando as proas ao Norte que seguimos Leste-oeste, nos fomos despedir de Nossa Senhora do Monte do Carmo, a quem nos recommendamos e a tomamos por estrella e nossa advogada, para com seu patrocinio vencermos este impossivel e um descobrimento de todos tão desejado.

A continuar nossa derrota se seguia a galeria *Santa Eufrosina e São Ignacio* em que vae o Cabo, que esta é a nossa capitania; seguia-se-lhe a galeota do padre capellão, com a invocação de *Santa Rita* e *Almas* e a esta a canoa *São Joseph e Almas* que serve de armazem em que vae o maior computo de soldados: a este se seguia a galeota *Menino Deus,* em que vae o sargento com a mais infantaria, e por ultimo a galeota *Santa Rosa* em que vae o capitão de infantaria da mesma tropa servindo de almirante.

A VIAGEM

"Fomos buscando o rio Mojú e, seguindo por elle, a nossa jornada até o estreito de Iguarapé-merim, que desemboca no rio dos Tocantins, onde está fundada a villa de Cumatá, em dois gráos ao sul: nesta dita villa estivemos tres dias, á espera da infantaria volante que della nos acompanhou e levamos de guarnição; e daqui demos ordem a partir, buscando o rumo que havemos de seguir pelo grande rio das Amazonas, o qual é um dos maiores que no mundo se tem descoberto, que corre de leste a oeste; e o seguimos até embocarmos pelo famoso rio da Madeira (ou rio Venes, como é chamado pelos Hespanhoes das Indias, de Hespanha, no Reino do Perú), que pela agora descobrimos e corre este de norte a sul, pelo qual fizemos entrada a 2 de fevereiro de 1723, e gastamos dias de boa maré ha 17 até aonde nos aposentamos a fazer arraiar em sua tapera do gentio Dumas, sitio admiravel em tudo, assim, para a nossa segurança, como em o necessario, no qual mandou o cabo se lhe puzesse por invocação Santa Cruz de Iriumar, onde

fizemos igreja, armazem, corpo de guarda e casas necessarias; aqui mandou o cabo repartir a infantaria em duas esquadras, de onde actualmente havia uma sentinella que guardava munições e fazenda real, e de noite uma ronda para onde a sentinella, canoas e todo o arraial.

Depois de tudo acima disposto, ordenou o Cabo se fizessem seis galeotas para se poder nellas passar as cachoeiras; o que fez pela informação que teve se não podia fazer entrada com as grandes com que nós nos achavamos pela terribilidade das pedras.

AS CACHOEIRAS

"Feitas as ditas galeotas as preparamos de todo o necessario e quantidade de cabos para as puxarmos pelas cachoeiras; neste tempo se esperava já pelo soccorro da cidade, o qual chegou a 4 de junho, e havia muito tempo que os miseraveis soldados, indios e inda o Cabo, depois das fructas do matto acabadas, comiam unicamente carne de lagartos, cameleões e capivaras, por não haver outro mantimento, pois não tinhamos outra cousa a que nos tornassemos.

Com o dito soccorro tambem veiu o reverendo padre mestre João de São Paulo, em sua galeota, e tanto o Cabo se viu soccorrido de nosso excellentissimo general, tratou logo de se pôr a caminho, o que fez a 10 do dito mez de junho com 10 canôas pequenas, que são as seis que se fizeram e quatro que tinhamos.

Antes de embarcar encarregou a Lourenço de Mello o governo do arraial encommendando-lhe muito a paz, união e conservação da gente que lhe deixava, assim soldados como indios, deixando-lhe as disposições por escripto firmado do seu nome.

Fomos seguindo nossa viagem por aquelle temerario e horrivel rio e o padre mestre João de São Paulo nos acompanhou um dia de viagem, donde se despediu de nós tornando para a sua missão, e nós fomos seguindo nossa derrota até a ilha nova da Praia de Santo Antonio, onde tivemos missa no dia do dito Santo, razão porque assim o invocamos. Aqui, mandou o Cabo tirar a somma da gente com que se submettia ao seguimento daquelle rio, e de suas vertentes e achamos por conta 118 pessoas, 39 de armas de fogo e 88 indios de frechas, e com este numero de gente prosseguimos a viagem.

Chegamos ao rio Imary com 10 dias de viagem e continuando para cima aos 22 do mez chegamos á cachoeira cha-

mada Maguary, e na passagem della se alagou Damaso Botelher em uma galeota, na qual perdeu o Cabo a sua canoa, o que deu por bem empregado por ser em serviço de Sua Magestade que Deus guarde.

"Daqui fomos á cachoeira chamada dos Iaguerites, aonde chegamos vespera de S. João e nella vimos sem encarecimento uma figura do inferno: porque tendo eu visto grandes cachoeiras, como são as horriveis e celebradas do rio, dos Tapajós todas e do rio dos Tocantins, a Itaboca e as mais que se seguem pelo rio de Araguaya e por elle até a cachoeira do Padre Raposo chamada Otitimbora, pois nenhuma iguala nem tem paridade a esta do rio de Madeira, na sua grandeza e despenhadeiros, como na realidade, pois para a passarmos foi necessario fazer-se caminho cortando uma ponta de terreno onde fizemos fachinas, sendo o Cabo o primeiro no trabalho a darnos exemplo e fizemos uma boa grade de madeira por onde se puxaram as galeotas, e já acabamos tarde, e no outro dia, que foi o do nascimento de S. João, se puxaram as mais e se carregaram outra vez com farinhas e munições que as fomos comboiar de meia legua de caminho por terra.

PRAGAS DE PIUNS

"Daqui continuamos nossa jornada, passando cachoeiras umas atraz das outras e chegamos á quinta cachoeira, a que chamam Mamiu, que passamos 3 dias em passar nelle as galeotas á corda, não havendo excepção de pessoa neste grande trabalho, e com tal perseguição de pragas de Piuns, que cada mordedura é uma sangria, e ficamos em uma ponta aonde foi julgada que humanamente se não podia passar; e passamos as galeotas a outra banda do rio para haver de melhor passar, e o Cabo mandou puxar a sua galeota por cima das lagens e as duas mais pequenas que servem de espia, e foi esperar pelas mais canoas á ilha chamada das Capivaras, e pela tardança deram bem cuidado ao Cabo até 9 horas da noite, que nos ajuntamos; e logo que amanheceu fomos seguindo nossa viagem á cachoeira chamada Apama, a espera de S. Pedro; e fazendo fachinas igualmente soldados e inferiores, rompemos as mattas, pela terra a dentro, dois quartos de legua, em que gastamos dois dias em fazer caminho e grade, rompendo a golpe de machado e alavancas grandes pedras e afastando outras aos nossos hombros com bem risco de vida.

Esta cachoeira assignalada dos Apamas é tão terrivel e tão monstruosa e horrivel que aos mesmos naturaes das ca-

choeiras mette horror e faz desanimar, porque de continuo está um mais violento curso de desatada corrente, o que não encareço por não ser suspeitoso, porém deixo á consideração e reperesentação dos experientes pois por muito que dissera não dizia nem ainda a terça parte do que é, o que se póde perguntar igualmente assim ao Cabo e capitão como a todos os mais da companhia.

TERRAS CAHIDAS

"Aqui demos a puxar as galeotas, e se puxaram tres a meio caminho, porque uma galeota botou o beque fora cercio, desfazendo a amura e as conchas que foi necessario por-lhe rodela, ao outro dia se puxaram as mais; e a 2 de julho, depois das galeotas concertadas e breadas que se acabaram pelas 10 do dia, partimos e fomos seguindo a nossa jornada todo aquelle dia, sem acharmos porto capaz até ás 8 da noite, porque este rio em si está a cahir toda a beirada continuamente e de tal sorte cahem pedaços de onde achamos boa ressaca para as galeotas se amarrarem seguras; e logo que amanheceu seguimos viagem ao porto dos Montes, onde disse o guia vira um caminho que descia ao porto que era do Gentio, que habitara naquelle logar, mas não se viu trilhas nem caminhos, por estar já deserto; neste dito porto fomos visitados por uma praga de abelhas, assim e quantidade das grandes como a machina das pequenas tão espessas como nuvens, buscando-nos os olhos, e ouvidos e bocca, e todos enguliram bastante, porque se não as enxotassemos das rações ficariamos destituidos de toda a limitação que temos de farinha, que é tão limitada, a medida em que se dá, que apenas é para dois bocados de bocca, e fechada cabe em uma mão toda; logo tambem o que vamos comendo são cameleões e uns animaes a que chamam capivaras, e alguns por se não atrever a estas poucas carnes comem só ovos dos ditos lagartos. Peixes de nenhuma casta, nem sorte se acha, que das pobres espingardas é que vamos passando a remediar a vida.

O Cabo que nos rege não dorme nem socega antevendo o futuro, e por isso é tão previsto e assim vamos com muita regra com a farinha e tornando á nossa derrota fomos caminhando até á noite que aportamos na beirada de uma cachoeira e determinados a passal-a no segundo dia.

AS GRUTAS E OS MONSTROS

"Neste logar deu parte o Principal Joseph Aranha ao Cabo haver visto uma grande cobra abolada, que affirmam todos os que a viram teria de comprimento pouco menos de 40 passos e de grossura julgaram ter 15 a 17 pés, grandes monstruosidades de animaes semelhantes tem este rio, com esta são duas que se tem visto nesta viagem e outras maiores immundices se pode ver nelle, porque não ha duvida que essas vehemencias de pedras (nas concavidades que têm) muito mais pode criar.

ENCONTRO COM O GENTIO

"Aos 7 do mez de julho, indo gente a descobrir campos, viram trilha nova de gentio e logares frescos, o que logo deram a saber ao cabo que no mesmo instante mandou gente bastante, para ter encontro a qualquer invasão ordenando ao soldado Vicente Bicudo os seguisse e os mandasse praticar para que viesse o principal á sua presença, declarando-lhe os não mandava fazer mortes ou amarrações nem outro genero de aggravos.

Haveria espaço de duas horas que tinha partido o dito soldado, quando chegaram as mais galeotas da conserva, que de retaguarda vinham, mandou logo o Cabo ao ajudante Manuel Freire com grosso poder, fazendo-lhe a mesma advertencia e que declarasse logo pazes com o dito gentio pelos meios mais suaves de dadivas.

Partiu o ajudante a incorporar-se com o soldado Bicudo, e por ser já tarde dormiram no matto e depois que o dito ajudante partiu ordenou mais o Cabo a Damasco Botelho, engenhasse uma picada em forma de trincheira o que logo se fez com tres guaritas, em que ficamos seguros como já para ter encontro ao inimigo, e assim que amanheceu foi um soldado com dois indios nossos (de licença do Cabo), a buscar a vida, quando nas mesmas horas voltou a dar parte tinha ouvido rumor de gentio e chorar criança, o que ouvido pelo nosso Cabo mandou logo ao Capitão fosse mandar praticar ao dito gentio, mas este como nunca tinha visto brancos, se puzeram de fugida debaixo de suas armas, e despedido o Capitão para a diligencia, mandou o nosso Cabo guarnecer as guaritas, e os poucos indios com que nos achavamos na desfilada pela coartina, já para ter mão ao que pudesse suceder, mas tudo se acabou com a chegada do capitão apresentando por preza a um

velho que no pé esquerdo não tinha dedos, tres indias e tres crianças."

"Chegou logo o ajudante com um lote de gente onde vinha o principal, Indio moço e mui arrogante, e é certo que chegou com mui pouca vontade, porque dizem que se atracara com um Indio nosso, mas que vendo o nosso poder aplacara da furia e assim solto o trouxeram á presença do nosso Cabo; acompanhava a este dito Principal dois mocetões, seus filhos, de pouco mais de 15 a 12 annos e duas Indias, mães dos ditos e mulheres do Principal, com mais um rapaz e uma rapariga e todos faziam computo de treze cabeças.

Fez o Cabo o possivel, por uma lingua, para os mandar praticar mas não se achou quem os entendesse, porque falando a nossa lingua, batiam com as mãos nos ouvidos, mostrando ter sentimento de não ouvir a nossa pratica, mas com grandiosos mimos e dadivas ficaram mui contentes e satisfeitos no que mostravam.

PAZ FIRME E VALIOSA

"Aqui Nossa Senhora do Carmo, que não falta nunca a seus devotos, espiritou a lingua em falar-lhes em lingua de outro gentio, seus conhamenas, logo respondeu o principal gentio com um agrado ao que lhe propunha a nossa lingua, por cuja giria foi continuando a praticar, e sobre e por razão da paz firme e valiosa que com elles pretendiamos fazer, e na mudança de vida para virem ao gremio da igreja, avassalando-se como os mais gentios fizeram, a que respondeu estava contente e certo nas clausulas e firmeza da paz, e dizendo ao Cabo que o esperasse que o queria vir visitar de sua provincia e trazer-se algumas cousas em reconhecimento de bom trato e mimos que lhe havia dado, se queria recolher; ao que o Cabo respondeu mandando-lhe dizer que tudo agradecia e que se fosse em paz, que sua vontade era seguir para cima do rio, fazendo pazes e descobrimento, que não vinha fazer escravos, senão amigavel paz com todos; e aquelles que lhe quizerem impedir sua jornada tomando armas para elle, que a estes sim lhe declararia guerra.

"Foi o principal gentio em paz para a sua provincia, o qual na estatura e presença muito bem parecido e os enfeites que trazia era uma coleira de miudas pontas de fructa do matto, muito negras e o cabello atado atraz em molho e nelles um penacho, e por diante trazia o cabello cortado de orelha a orelha, os beiços tintos de vermelho de uma casca de pau que

mordia; as Indias cobriam o que a natureza occultar ensina, com umas franjas de fio tecido, e cingiam no cinto com uma enfiada de contas das ditas fructas do matto; era para ver como festejavam os nosso avelorios; é este gentio muito pobre; as suas rêdes são de casca de pau aqui chamados embira.

PROSSEGUE A VIAGEM

"Despedidos elles, ficamos de aposento até ao outro dia ao amanhecer, que fomos seguindo a viagem e sendo por horas de vesperas chegamos á passagem em que o rio estava tapado com uma grande cachoeira e andamos buscando canal com excessivo trabalho. Começados a passar a 9 de julho e a 12 do dito é que sahimos della, e logo avistamos o apartamento do rio que vae ao Sul, para onde seguiamos a nossa jornada, deixando o famoso rio da Madeira a Oeste, entramos pelo dito, a que os Hespanhoes chamam Mamoré, e, neste mesmo dia, passamos delle a primeira cachoeira.

Sendo pela manhã no dia seguinte depois da missa, partimos a passar a dita temeridade da cachoeira, e posto a galeota do Cabo para ser a primeira na passagem, não foi possivel, porque que fomos puxando por ella, para subir um degrau, que só teria seis palmos de altura, por ser muito direita a queda que fazia a agua com a velocidade que despenha a furia da correnteza logo sem mais tempo se foi a pique, largando toda a pobreza que levava, dentro em si, sem dar tempo a que lhe pudessemos acudir, porque inda que fossem as amarras do mais fino linho não poderiam ter mão a estas grandiosas correntes.

Ficou o nosso Cabo nesta allegação destituido de tudo, que uma viagem com dois naufragios é grande perdição, e sem poder neste sertão remediar-se do precioso: aqui ia morrendo um soldado afogado se lhe não acudisse; vendo o Principal José Aranha que a primeira se afundava, nem por isso deixou de se submetter ao perigo, e querendo passar a sua, lhe disse o Cabo repetidas vezes: quantos hoje hão de ficar orphãos; e indo-se já puxando por duas grossas cordas, tornou a repetir o Cabo aos Indios que na galeota iam, que tirassem as camisas para as não perderem; não tinha bem acabado de dizer, quando logo se foi a galeota a pique arrebentando as duas cordas, e por grande diligencia do Cabo, a tirámos do fundo do mar, que já estava captiva das temerarias pedras e soberbas ondas que faz levantando outra vez ao alto da correnteza que vae de riba.

UM MILAGRE DE NOSSA SENHORA DO CARMO

"Aqui obrou Nossa Senhora do Carmo um grande milagre, porque um Indio nosso, chamado Martinho, por enfermo dos olhos, estava em uma rede debaixo dos paioes da canoa e escapou sem molestia, quando a canoa se subverteu, de sorte que o susto bastava para molestar. Estivemos dois dias contando as duas galeotas e, no terceiro dia, fomos seguindo viagem, sempre levando por prôa aquella machina de pedras e como o trabalho de ir puxando as nossas galeotas até o porto do gentio, chamado Cavaripunna, e, como os espias deram com um caminho seguido de gentio, mandou o Cabo uma escolta boa procurando ao Principal daquella nação, e se recolheu a dita escolta com seis pessoas, a saber, um Indio de meia idade, com dois filhos maiores, duas crianças e a India, mãe desta familia. E vindo estes taes á presença do Cabo, lhes mandou perguntar si entre elles vinha algum Principal, ao que respondeu o Indio, pae da familia, que não, e que, temido dos brancos, pelos não captivar, viviam separados, cada um por seu norte distinguidos, e de sua nação, solitario elle vivia naquellas brenhas, mas que sabia que o Principal Capejú, que da outra banda do rio vivia, desejava muito de ter fala de brancos para se commerciar; ouvido pelo Cabo e certificado de seu dizer, lhe perguntou que dias se gastaria a chamar o dito Principal Capejú; disse que quatro dias e que elle mesmo o iria chamar e que esperassemos depois de passada a ultima cachoeira, e que por firmeza de sua palavra deixaria, na nossa companhia, sua mulher e filhos; despediu o Cabo ao Indio (com dois Indios mais nossos, que lhe falavam a giria), com bastantes mimos de ferramenta, facas e avelorio, aos 18 de julho.

O CAUDALOSO RIO DA "AGUA PRETA"

"Logo que amanheceu o seguinte dia, nós fomos aposentar na espera do gentio, onde estivemos dez dias, e, como não vieram, prosseguimos nossa derrota, até as boccas dos rios de agua branca e de agua preta, onde chegamos no 1.º de agosto.

Este caudaloso rio dagua preta se aparta do rio branco, correndo na bocca a Sueste quarta de Sul, a cujo rio chamam os hespanhoes Itennis, e o dito rio Branco parte de Sudeste quarta de Oeste, na entrada, a que tambem os hespanhoes chamam Mamuré.

Entre estes dois rios nos aposentamos, em uma longa

praia de areia, e daqui seguimos o rio Branco, por nos parecer mais pequeno e porque não ha estalagem de gente que nelle cursa, que não tenha cruz, doutrina seguida em aquella povoação com estes vestigios, a nossa fatal viagem, com a esperança de aproveitar com fructo tanto trabalho e perigo de vida.

UMA CRUZ POR BANDEIRA

"E sendo, a 6 de agosto, o sentinella que fazia o quarto da lua falou a uma canoa, que vinha rio abaixo, com 10 indios hespanhoes, foi o Cabo em pessoa, na sua galeota, tomar-lhes o encontro e falar com elles, e trazendo-os para a praia, donde estavamos, se informou o nosso cabo cabalmente e tomamos um guia para nos levar seguros ao porto da grande povoação de Santa Cruz de Cajuava, e no seguinte dia, por horas de vesperas, encontramos cinco canoas, que iam deste rio Mamuré para o de Itennis, e assim que nos avistaram levantaram uma cruz por bandeira, e perguntando-nos si eramos christãos lhe responderam que sim, e Portuguezes, a que sorrindo-se e benzendo-se todos a um tempo; christãos portuguezes? Nós o somos de S. Pedro, e, falando com o Cabo, tomamos terra, onde jantámos.

Estiveram comnosco estes gentios pouco mais de uma hora, e neste limitado prazo tiveram elles e tivemos nós um grande contentamento, de sorte que ficou apagando todos os trabalhos de antes; despediram-se para baixo e nós proseguimos; e já daqui se não vê mattos, sinão tudo campos geraes, assim de uma como de outra parte do rio e pela terra a dentro.

NA TERRA DA CHRISTANDADE

"Pelas 4 horas da tarde ouvimos zurros de gado vaccum e ordenou o Cabo, fosse o Sargento Damaso Botelho a dar a entrada e lhe recommendou a força da diligencia e manifestação ao regedor. Daqui, dizia o guia, não chegaremos á povoação sinão amanhã... e, como logo ouvido isto, mandou o Cabo se marchasse toda a noite, e senão parasse sinão juntos da dita povoação, aonde esperaria pelo Ajudante, que enviou adeante, com a embaixada de sua vinda, o qual, chegado pelas 7 horas da manhã, levaram pela povoação dentro os Indios della, com tal amor e cortezia, que fazia admirar, e chegando á praça, falou aos Padres que estavam naquelle collegio, os quaes receberam com repiques de sinos e grande alvoroço da-

quelle povo, mostrando com instrumentos de orgão cravo e musicas e com clarins e charamellas, e como nós festejavam alegres.

A saudação que os ditos Padres fizeram ao Ajudante, foi beijando-lhe a mão com o nome da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo, e o levou para dentro, aonde estavam mais dois religiosos, dos quaes foi abraçado e o levaram para dentro, porque se não entendiam nem se podia ouvir a fala de uma pessoa a outra pelo grande rumor de muita gente que a rodeava.

Chegado com os ditos Padres, o Ajudante ao sobrado, onde em uma capellinha estava uma imagem do Senhor Crucificado em um grave nicho, que de uma e outra parte tinha janellas rasgadas, que cahiam sobre o Jardim; aqui, ajoelhou o Ajudante com uma devida reverencia, dando graças a Deus de haver chegado á terra da Christandade com tão bom successo, depois de tantos trabalhos.

Acabada a oração, lhe offereceram os Padres assento e, pondo-se em silencio, interrompeu o nosso enviado, dizendo:

"Reverendissimos Padres, nós somos vassalos do Senhor Rei Dom João Quinto de Portugal, que Deus guarde, e, por noticias e signaes que se viu neste rio, de muitas cruzes, se resolveu o senhor João da Maya da Gama, nosso excellentissimo Governador e Capitão General, a mandar dez galeotas armadas em guerra com infantaria, cravineiros, a fazer descobrimento, e trazemos um Sargento-Mór por Cabo da tropa, o qual me envia a dizer a Vossas Reverendissimas que se não alterem nem a gente deste povo, pois que vem com todo o socego, paz e quietação, até chegar aqui, e por razão do estado, me enviou a dar parte a Vossas Reverendissimas e ao regedor deste povo, para que assim se não assustem com a sua entrada."

Respondeu o Padre Miguel Sanches de Aquino, que já havia muitos annos esperavam a vinda dos senhores Portuguezes a aquellas Indias, e, perguntando que gente traziamos, lhe deu por conta o nosso Ajudante que 118 pessoas; perguntou se era o Cabo cavalleiro c lhe foi respondido com a verdade que era dos principaes da terra, na capitania do Pará; perguntou mais si traziamos Missionario e de que religião; foi-lhe dito que só um clerigo levavamos por capellão; perguntou mais pelos nomes, o que tudo se lhe disse, principalmente do Cabo, Capitão Capellão e Ajudante.

A HORA DE DEUS

"Então, disse o Padre Miguel Sanches de Arquino que mandava ao Padre Irmão Oliberio Nogua com Sua Mercê a receber o Cabo, e que estimava muito a sua boa vinda a aquella povoação e que não só lhe mandava beijar os pés, mas offerecer-se para lhe obedecer em tudo, e que entrassem na hora de Deus, que tudo estava socegado e em a cortezia dos honrados e valorosos Portuguezes, podia em nada alterar os corações e que o seu estava aberto para nelle e nos braços o receber com grande gosto; que só tinha o pezar de ser esta vinda em anno tão esteril pela inundação do passado; tornaram a abraçar todos ao nosso Ajudante com demonstrações de muito contentamento e debaixo de um chapeu de sol, a uso da terra, o qual é feito de pennas de avestruz, acompanhado do Padre Irmão se foram, buscando o porto do desembarque em busca do Cabo, que estava esperando da outra parte do rio.

Embarcou-se o Ajudante e juntamente o Padre Irmão e Capitães e Alcaides, e, si a galeria pudera com mais gente, muito mais iriam nella, a receber o Cabo, porém, nas que se achavam no porto, tambem se embarcaram para acompanhar ao Ajudante, e, dando este a senha com um tiro respondeu a tropa junta, com uma descarga, ao recebimento do Padre, Irmão, e, ao salvarem-se com o Cabo, outra, e, ultimamente, a tres vivas dos Reis tres cargas, abalando-se as galeotas da tropa com o mesmo concerto e desfilada (seguindo ao nosso Cabo), os mais fomos aportar á povoação, e, já no porto, estariam duas mil pessoas á nossa espera para nos cortejarem, e, assim, com este acompanhamento, entramos pela povoação e, chegando o nosso Cabo áquella grande praça do Collegio, vieram os mais Padres a recebel-o; estavam as tres portas da igreja todas abertas e os sinos se desfaziam com repiques, charamellas, clarins, orgão e todos os mais instrumentos de musica, que fazia uma grande entoação.

O "TANTUM ERGO"

"O altar mór da igreja estava ornado e com seis velas de libra accesas, fazendo oração o nosso Cabo e os mais de sua guarda, em acção de graças entoamos a salva de Nossa Senhora com a sua ladainha e tivemos assim missa logo, donde, ao levantar a Deus, entoamos o *Tantum Ergo* e no fim della o Bemdito, o que tudo acabado, vieram os Padres e levaram ao nosso Cabo em braço para uma grande casa, que parece é

quarto feito, naquelle Collegio, para hospedar pessoas grandes e onde estava ornado um grande e famoso bofete, cheio de flores e outras delicias daquellas Indias, e a um e outro lado da grande casa tamboretes, catres e redes, á usança da terra, armario com o necessario, e se puzeram os Padres a praticar com o nosso Cabo no que a cada um tocava, e, sendo horas de jantar, se poz a mesa onde jantou o nosso Cabo e o Padre Capellão, e os guisados que lhe puzeram passaram de trinta iguarias e não vinha vianda alguma que não viesse coberta de flores e assim que o nosso Cabo se poz á mesa, começaram dois indios a tocar harpa e rabeca que certamente enlevavam; os Indios é que serviram a mesa sem haver descuido algum nem falta de necessario e com boa compostura e limpeza.

Acabado o Cabo de jantar, se jantou na propria mesa que acabado de comer a infantaria vieram os Padres pedir mil perdões ao nosso Cabo do pouco com que se achavam para receber a sua pessoa e tiveram mais meia hora de conversa os Padres com o nosso Cabo, e se foram recolher até ás duas horas que tornaram a vir.

A cortezia e o modo e afagos que nos fizeram, foi mais de muito e naquellas mesmas horas que nós chegamos se avisaram todas aquellas povoações por terra a cavallo e assim.

Logo o outro dia pelas nove horas chegou o Padre João Baptista de Bosson, sobrinho do Duque de Banhos, o qual é missionario da povoação de Sant'Anna, veiu a cavalleiros Indios; o modo e o carinho desta grande pessoa foi a maior cousa que vi; logo no outro dia chegou mais o Padre Gaspar dos Prados; este Padre veiu em canoa da missão de S. Miguel de Moxoquinos; neste mesmo dia chegou mais o Padre Nicolau de Vargas da povoação de São Pedro dos Moxos, e si mais dias estiveram os mais Padres creio chegariam, que a todos os grandes desejos de ver Portuguezes, os fazia vir, tão promptos e prestos, e finalmente disse o Padre Nicolau de Vargas que si não nos topasse alli havia de ir rio abaixo só para nos ver e falar; mas este o que devia ao sangue portuguez é que o fazia ter este grande desejo.

No dia de São Lourenço, 10 de agosto cantou o nosso Capellão a missa da terça neste santo Collegio de Santa Cruz de Cajuvava, cuja povoação está situada em 15 graus meio ao Sul e a cidade de Santa Cruz de Lacerda (sic) em 17 graus. O Governador desta grande cidade se chama Dom Luiz Alvares Gatom e o Bispo se chama Dom Leandro de Valdima Arcaya; este Bispo de tres em tres annos visita to-

dos os povos que estão situados nos rios que declara o mappa incluso deste seu bispado.

A AGUA QUE FORMAVA TIJOLOS E VIBORAS QUE ENGULIAM UMA BESTA INTEIRA...

"Da cidade de Santa Cruz de Lacerda se seguem estradas ao Reino do Perú, porto de mar, cuja cidade tem vice-rei, a que chamam Dom Thomaz de Espego, tem Arcebispo e Bispo; está logo a grande cidade de Lima e a cidade de Joan Cavelica (sic) episcopal, está outra cidade chamada Guamanga, tambem episcopal, e outra que lhe chamam Cusco, côrte antiga das Indias, mais a cidade de La-Pás, episcopal; cuja verdadeira noticia nos deu o Padre Mestre João Baptista de Bossor, e além do que tenho escripto, me deu a saber o rio Sará, que fica Leste Oeste com a cidade de Lima, e que a agua daquelle rio é tão grossa que coalha e faz formar tijolos e que em formas as deixa congelar de sorte que querem, e tomava a cor parda, mui forte para limpar o ferro e muito leve no peso.

E perguntando-lhe si seria esta a que cá lhe chamamos pedra pomes me disse que a pedra pomes era uma serraria ou montes que todos os annos arde e arrebenta com a força do incendio, o qual se achava em um lado donde acaba o rio Nagú, donde com cheia vinham pelo rio abaixo mas que esta pedra que da dita agua se congela servia para edificios e portaes; tambem me disse que pelo grande rio de Kiriguannas ha viboras que engolem uma besta inteira e que o gentio delle lhe fazem guerra com tropas de cavallos; tambem me affirmou que o anno de 1722 com uma inundação se fôra a pique uma ilha chamada Chamayaca (sic), com duzentos navios que estavam ao redor della ancorados e que esta tal ilha era povoada da nação ingleza."

CANAVIAES

"Os canaviaes em Santa Cruz de Lacerda e nestas povoações duram sessenta annos e até aqui onde chegamos duram vinte e trinta annos, cujas canas são todas umas no comprimento e grossura, e a calda mui forte, que tudo é assucar, como o experimentamos por ver; estas terras dão asafrão, que é contracto destes Indios, cera branca, pannos acolchoados e bordados que fazem e ha Indios que tem cem bestas suas e mui bem ensinadas para laquejar e tres a quatro mil cabeças

de gado que cada um tem e ha outros Indios que têm muito mais.

INTUIÇÃO ARTISTICA DOS INDIOS

"Estes Indios de natureza são mui curiosos, tocam muita harpa, orgão, rabecas e cantam missa, são musicos de côro, e varios sabem ler, e são pintores e com boas acções e melhor sombra, o oleo com que pintão é leite de vacca, são bordadores iminentissimos que nos suspenderam admirados ver tres casulas, uma capa de asperge, dalmaticas, estolas e manipulas, bolsas, palas, veu, frontaes, pannos de pulpitos tudo bordado com as mais galhardas flores e ramos, tudo em sua ordem e tão bem matizado que não é possivel encarecer.

Tambem vimos um tapete muito grande, que estendido do altar-mór, chegava aos degraus abaixo confronteiro as portas da sachristia com tão admiraveis lavores que enlevam os olhos.

Do altar mór para cima, obra delles, uma estante dourada, um missal com chapadura de prata, todo aberto ao buril por matiz e capa de velludo carmezim, um calice dourado, uma patena fatal e as galhetas que teriam um coito (sic) de altura, uma salva que serve de prato delles e todas estas tres pelas de prata dourada, a sacra e o Evangelho de São João, com molduras douradas, seis castiçaes de prata de boa altura, logo o trono ou camarim dourado por dentro com uma invenção para encerrar, casa boa o restabulo obra miuda, mas inda não estava dourado.

FORMA DE GOVERNO

"O governo deste povo é na forma seguinte: tem dois regedores e estes, dois capitães e os capitães têm dois alcaides, e quando quer um daquelles Indios colher as suas sementeiras ou plantar as suas roças vae á casa do regedor dizer-lhe que tem este ou aquelle trabalho que fazer, este manda ao capitão lhe dê gente e o alcaide os vae avisar aquella que é necessario para razer aquelle trabalho e lhe as sigam dia certo, no qual não faltam á porta do lavrador, e acabando o trabalho se paga a todos que ajudaram e assim observam geralmente por isso todos tem e são ricos; os padres que alli assistem são como vigarios deste povo e lhes pagam os moradores, fora as premicias das novidades e elles não fazem mais que administrar-lhes os sacramentos.

Em tudo o que é necessario para a igreja concorre o povo, uns com dinheiro, outros com tapetes, gados, cera branca, arroz, milho, fio, pannos e tudo se lhes vende e lhes vem o necessario. Esta povoação tem quatro sinos grandes e dois pequenos, fóra garridas e roda de campainhas, e são estes indios tributarios a seu rei.

RELIGIÃO

"Depois das tres badaladas da madrugada se ajuntam todos á porta da igreja para ouvirem missa onde rezam o rosario de Nossa Senhora com tal devoção que, nomeando o nome de Jesus, dão junto um ai, batendo no peito: ao levantar da hostia, tocam orgão e cantam o "Te Deum Laudamus" e no fim da missa tocam charamelas e com baixões entoam o bemdito; e acabado, cada um vae para o seu trabalho. Ao meio dia nas badaladas rezam de joelhos, de manhã, dizem: "Santos Dias de Deus á Vossa Mercê." A' tarde dizem: "Santas tardes lhes dê Deus". Pelas quatro da tarde se ajuntam todos assim homens como mulheres, rapazes, raparigas e meninas, ao redor da cruz que está na praça a resar o rosario de Nossa Senhora em voz alta, e tanto que o Padre vê terão acabado os mysterios decorosos, antes dos gloriosos, se chega e ajoelha com o povo juntamente e offerece: no fim rezam o Acto de contricção e alli mesmo rezam as trindades; vi neste povo todo o genero de officios.

CONTINUA A BANDEIRA RUMO DO NORTE

Sendo aos onze do mez de agosto, nos despedimos porque o nosso Cabo disse aos Padres que lhe não permittia mais o seu regimento que tres dias de hospede, bem contra a vontade dos religiosos, que seus desejos mostravam que estivessemos mais alguns dias com elles; antes desta despedida havia ordenado o nosso Cabo que todos geralmente se confessassem, pois tornavamos a vir passar as terribilidades e riscos de vida nas cachoeiras; o que todos assim fizeram.

Pelas tres horas da tarde nos ajuntamos todos na igreja, por ordem do Cabo para depois de orarmos, beijarmos o santo lenho e alcançarmos a benção papal, que aquelles padres, com grandes indulgencias, concedem por privilegio particular; o que feito nos despedimos daquella boa companhia que até ao embarcar do Cabo nos estiveram abraçando e pedindo muitos perdões e mostrando-se mais agradecidos á cortezia, urbani-

dade e trato do Cabo pois tão cabalmente se soube haver com elles.

Propoz de novo o nosso Cabo a estes Padres publicamente, recommendando e requerendo da parte do nosso excellentissimo General, e em virtude do tratado feito entre os nossos reis e pela conservação dos povos, que lhe assignalava de hoje por deante não passassem para baixo da bocca dos rios Mamuré e Itennis, nem interessassem dahi para baixo gentilidade alguma, por estes pertencerem ao serenissimo senhor nosso Rei de Portugal, pois em 1639 que senhoriara o rio das Amazonas até a laguna onde se achavam os marcos pertencentes á coroa de Portugal, a 400 leguas da bocca do rio Madeira até no dito marco, como diz o padre Acuna no seu livro Maranhão, e quando excedam fazendo o contrario do requerimento, que inda Sua Magestade que Deus guarde tinha poderes neste Estado para fazer entregar e repor tudo o que tocasse a seus dominios e senhorios; e com estas mesmas clausulas fariamos de nossa parte, o que ouvido pelos ditos Padres prometteram cumprir e guardar tudo acima requerido.

Desta povoação partimos buscando o rumo do norte e gastamos rio abaixo dois dias e duas noites ás bocas dos ditos rios consignados, e no dia seguinte embocamos o rio Itennis. Este corre de leste a oeste aonde fez o seu apartamento e vae caminhando para as grandes povoações dos Baures e Moxos. Seguimos este rio, seis dias acima, e demos nos curraes da criação de infinito gado e bestas, e falamos com indios da nação Itennis, pertencentes á povoação de São Miguel; disse o Cabo lhe não permittia o seu regimento a que estendesse mais, donde fizemos a volta para baixo; e vespera de São Bartholomeu levantamos ferro já de rota batida, deixando aquelles deliciosos ares e climas mui differentes, e terra tão abundante de toda a criação e plantas ferteis e campos aprazíveis.

Chegamos a paragem dos nossos enviados indios da chamada do Principal Capejú a 25 de agosto e avistamos que, no meio do rio, nos vinham a encontrar 3 tapuyos em uma limitada casca de pau, chegaram á galeota do Cabo, a quem disseram que alli estavam promptos como se lhe tinham mandado, e que suas vontades era serem compadres e amigos dos brancos, com a lealdade de vassalos á corôa de Portugal; estimou muito o cabo esta resolução para a mudança de vida e sujeição ao gremio da igreja, fazendo serviço a Deus e a Sua Magestade, que Deus guarde.

Pediram todos que queriam baptisar, ao que o nosso cabo lhes disse, aprendessem primeiro a doutrina christã, para o

que lhes deixava um indio cathechista: isto sim, se baptisaram os filhos menores por serem crianças, e o mesmo Sargento-Mór, que é o dito Cabo, e o capitão foram padrinhos daquelles innocentes.

Este gentio fica descido e domestico e são da nação Cavaripunas, e dois dias que estivemos na sua aposentadoria, sitio, só o Cabo lhes consignou para aldeia, só a dormir se apartavam de nós, satisfaziam-se olhando para nós e vendo o nosso trato; ás tardes, quando resavamos as ladainhas de Nossa Senhora (que temos devoção), se ajuntava toda aquella familia e nos rodeavam de joelhos até acabarmos de rezar, porque o que vêm fazer fazem. O indio a quem o Cabo encarregou lhes ensinasse a doutrina se chama Manuel Camacho, o que é de boas praticas e muito fiel aos brancos, a quem deixamos com este gentio e com ferramentas bastantes para ensinar tambem a fazer roças e plantar, na forma dos indios de baixo e em toda a America se pratica.

Tambem fica praticado para si descerem os da nação Apamás e Matiris, cujas povoações são cunhamenas desta nação Cavaripunnas e agora já estarão juntos e descidos, para roçarem sobre o rio, que são confiantes umas ás outras, a quem tambem o nosso Cabo mandou dar ferramentas e outros mimos.

Chegámos ao nosso arraial, em 9 de setembro, com feliz successo, sem nos adoecer ninguem da campanha, nem nos morrer nenhum, graças ao bemdito Deus e á Santissima Mãe N. S. do Carmo, é certo que com grandes perdas pelas allegações que tivemos, como fica dito.

Vinte e tres cachoeiras se contam no rio Madeira, das quaes dez podem passar por nenhum meio, porque são impossiveis, e as passámos, cortando pontas de terras e fazendo grades de madeiras, não pelo rio, sinão por terra em secco, cujos caminhos ficam feitos para quem vier atraz.

Neste nosso arraial achamos a falta de tres soldados volantes ou aventureiros, que trouxemos na companhia, os quaes desertaram atraz de nós, e, finalmente, chegamos a esta cidade em setembro de 1722."

Tal a integra deste documento valioso, indispensavel para o estudo da biographia de Palheta. Teria sido elle seu redactor? Parece que não, á vista das referencias positivas como essas: "ao cabo," "ao nosso cabo."

Ignora-se o motivo que levou João da Maia da Gama a armar esta expedição. A pretexto de explorar o rio Madeira? Acaso estudar as vias de communicação entre a Amazonia e

o Alto Perú, como então se chamava a Bolivia, a terra dos veios inexhauriveis da prata?

Capistrano de Abreu não explanou a questão e Basilio de Magalhães não se julga habilitado, pela leitura dos documentos a dirimir o assumpto, mas pensa que a viagem de Palheta se originou de duas ordens regias datadas, ambas, de 25 de março de 1722.

Expediu-as D. João V a Maia da Gama, que as trouxe de Lisboa, visto como só se empossou em Lisboa a 19 de julho deste anno.

Datam ambas de 25 de março de 1722 e são as seguintes:

"Dom João, etc. Faço saber a vós João da Maya da Gama, que ora envio por Governador e Cappam. general do est°. do Maranhão, que, vendo a representação que me fizestes, antes de partir para esse Estado, sobre varios pontos, hû delles o tratarse dos descubrimentos, das Minas e principalmente das de prata que pella nott[a]. que tinheis adquerido se entendia que, em algumas serras dos meus dominios, podia haver prata por terem os mesmos sinaes que as da Provincia do Quito, aonde as ha. Me pareceo recomendarvos por resolução de 23 do presente mes e anno em consta. do meu Conselho Ultramarino me informeis do Citio em que ficão as taes Minas e a distancia em que se achão dos Castelhanos, como da comonicação que terão com elles os Francezes de Cahena e os Hollandezes de Sorinhane. El Rey nosso snr. o mandou por João Telles da Silva e Antonio Roiz da Costa, Conselheiros do Seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. Miguel Macedo Ribeiro a fez em Lisboa occidental, a 25 de Março de 1722."

"Dom João, etc. Faço saber a vos João da Maya da Gama, Governador e Capitão general do Estado do Maranhão, que, vendo a representação que me fizestes antes de partir para esse Estado, sobre varios pontos pertencentes ao augmento delle, inculcando as conveniencias que pode ter abrindo-se comercio com os castelhanos de Quito. Me pareceo dizervos, por resolução de vinte e tres do presente mez e anno em consta. do meu Cons.° Ultramarino, que será muito conveniente e importante que haja comercio com Quito, pois, por este meyo, poderemos tirar do tal negocio algûa prata que tudo redundará em beneficio desse Estado e deste Reyno. El Rey nosso snr. mandou por João Telles da Sylva e Antonio Roiz da Costa, Conselheiros de seu Conselho Ultramarino e se passou por duas vias. Miguel de Macedo Ribeiro a fez em Lisboa occidental, a 25 de Março de 1722."

Pelo contexto das cartas regias, se vê claramente que resultavam das representações de Maia da Gama.

Entende Basilio de Magalhães que a escolha de Mello Palheta indica que o governador queria fazer verificar se não seria possivel estabelecer communicações faceis e directas entre a Amazonia e as regiões auriferas centraes de Matto Grosso e Goyaz, "cuja fama, por carta, já devera ter chegado a Belém do Pará."

Nem é possivel ter-se duvida a tal respeito; não haveria, certamente, canto da monarchia onde não tivesse ainda echoado a fama dos achados auriferos do Brasil central.

Occorreria algum tempo mais tarde a viagem de Manuel Felix de Lima, que, em 1742 e 1743, viria das margens do Guaporé á capital do Pará.

Suppoz Southey haja sido esta a primeira viagem do centro mattogrossense ao littoral Atlantico pelos rios. Diversas paginas gastou para celebrar esta grande jornada, attribuindo á primazia da navegação do enorme affluente do Amazonas ao aventureiro portuguez.

Para lhe descrever a jornada, valeu-se do manuscripto em que o proprio Manuel Felix relatou as aventuras. Aproveitou tanto o documento, que elle lhe rendeu perto de quarenta paginas do tomo quinto de sua volumosa historia.

Terminando, escreve o famoso autor inglez: "Foi Manuel Felix o primeiro que effectuou a viagem de Matto Grosso ao Pará, demonstrando a possibilidade de estabelecer-se uma communicação por agua, pelo que julgou o governador João de Abreu Castello Branco de tanta importancia a expedição, que a dar conta della o mandou a Lisboa."

Caberia ao intrepido Governador experimentar a mais negra ingratidão governamental, quando tanto mereciam os seus serviços de vassallo leal.

Commenta Basilio de Magalhães:

"Celebrou Southey esta façanha do lusitano (mercê do manuscripto deste, que o historiador inglez leu e aproveitou), e ao mesmo attribuiu-lhe a primacialidade do descobrimento do grande rio, isso porque não viu o documento pelo qual semelhante gloria cabe a Francisco de Mello Palheta. Mas tarde, sobretudo, logo depois da aventurosa viagem de Manuel Felix de Lima, foi que se preoccupou o governo da metropole, a instancias dos seus representantes do Estado do Maranhão, com o trafego commercial entre este e as terras opulentas de ouro,

de Goyaz e Matto Grosso, já erigidas em capitanias desde 1744 e 1784, permittindo-lhes as communicações "somente pelo rio da Madeira e Guaporé, e não por algum outro", conforme a ordem régia de 14 de novembro de 1752.

Em seus *Apontamentos para as ephemerides paraenses*, transcreveu Manuel Barata essa ordem régia de 14 de novembro de 1752. Estabelecia um registro na primeira queda de Madeira e acenava com dez annos de degredo em Angola a quem tentasse penetrar em Matto Grosso por qualquer via que não fosse a do Madeira, Mamoré e Guaporé.

Explicando a origem e a importancia do relato da viagem de Palheta ao Madeira, observa Capistrano que se ignora quem haja sido o autor deste documento. Tornava-se evidente, porém, que se tratava de pessoa de poucas habilitações litterarias, pois são muitos os erros e a orthographia é summamente caprichosa."

Diz Basilio de Magalhães:

"Antes de concluir as suas observações com o voto de que "fora muito para desejar que se achassem outros documentos sobre esta e outras bandeiras de Palheta, que tornem afinal possivel escrever a biographia do introductor do café no Brasil", fizera o doutissimo investigador uma affirmação digna de reparo e é a seguinte: "Não era esta a primeira expedição em que tomara parte: estivera no rio Tapajoz e provavelmente no Cuyabá, cujas minas já descobrira Paschoal Moreira Cabral Leme com seus companheiros.

Capistrano não se arrojava a asserções sem fundamento. A primeira parte da sua proposição é verdadeira, porquanto Palheta fizera parte da escolta que com encargo politico clandestino, reconduzira o padre Samuel Fritz ás terras missioneiras hespanholas da provincia de Quito.

Mas do documento acima reproduzido, não se pode deduzir que estivera elle no Rio Tapajoz. Insistia ainda o insigne historiador, embora dubitativamente, que o soldado paraense chegara ao arraial aurifero fundado pelos paulistas em Matto Grosso. Que impreenchivel falta a do egregio pesquizador, o qual se fôra vivo, com certeza diria onde colhera os motivos de tal supposição."

Em sua magnifica monographia tão synthetica quanto erudita da historia das explorações scientificas no Brasil, assim se refere Rodolpho Garcia ás jornadas de Palheta.

"Nos dois primeiros seculos foram navegados os nossos

grandes rios, o Amazonas ao norte, o São Francisco ao centro e o Tieté ao sul, e outros menores, aqui e alli; dos tributarios alguma cousa se conhecia, mas sua navegação pouco se praticava naquelle tempo.

O Madeira, o grande galho amazônico, só foi inteiramente navegado em 1722-1723 por Francisco de Mello Palheta, que passou as cachoeiras e chegou ao Rio Mamoré, em cuja margem esquerda estava a aldeia da Exaltação de Santa Cruz dos Cejababas, de jesuitas hespanhoes.

Palheta fez esse descobrimento por ordem do governador do Pará, João da Maia da Gama; sahiu de Belem em 11 de novembro do anno acima indicado e estava de volta á mesma cidade em 12 de setembro de 1723.

A um de seus companheiros de expedição, que se não chegou a averiguar quem fosse, deve-se a noticia minuciosa da derrota, publicada pelo douto Capistrano de Abreu, na *Gazeta Litteraria,* de 11 de outubro e 24 de novembro de 1884.

Presume-se do contexto que não era essa a primeira expedição de que participava; já estivera no rio Tapajós e provavelmente no Cuyabá cujas minas descobrira Paschoal Moreira Cabral, com seus companheiros.

A narrativa é interessante, embora seu autor se revele pouco dextro no manejo da penna."

CAPITULO III

Nova e importantissima commissão confiada a Palheta. Incidente fronteiriço luso-francez. A derrubada de um padrão portuguez pelos francezes. Protestos do governo do Pará

A celebridade de Palheta proviria, porém, de outra de suas commissões: a que o levou á Guyana Franceza e da qual resultaria a introducção do cafeeiro no Brasil.

Optimo introito consagrou Basilio de Magalhães a esta famosa viagem.

Em 1635 haviam os francezes expellido da Guyana os hespanhoes, nas terras de Cayenna. Com a derrocada do dominio batavo de Pernambuco, sabe-se quantos hollandezes e judeus portuguezes emigraram para o Surinam, fundando-se a Guyana hollandeza, que se estabeleceria sobre enorme área, abrangendo ainda a actual Guyana Ingleza ou Demerara.

Em 1667 enxotavam os neerlandezes de Cayenna, os francezes, mas logo depois voltavam elles.

Colbert antevira, na America do Sul, um grande campo de expansão para a actividade colonial de seus compatriotas. Mandou que dois jesuitas, os padres Gillet e Bechanel, percorressem o interior da região e ordenou a occupação definitiva de Cayenna pela grande armada do vice-almirante Jean d'Estrées.

Já desde muito procurara Portugal assegurar o seu dominio sobre a margem septentrional da embocadura amazonica. Em 14 de junho de 1636, creava Philippe IV a capitania do Cabo do Norte, doada a Bento Maciel Parente. Mas os francezes é que não desistiam de levar as lindes de sua Guyana ás margens do Rio Mar.

Em maio de 1687, o Marquez de Ferroles apparecia na barranca do Amazonas, apoderando-se, e, arrazando-os, logo depois, dos fortes portuguezes de Araguary, Toherê, Desterro, além do de Macapá, que occupou sem destruir.

Mas o governador do Estado do Maranhão, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho, mandou *manu militari* ex-

pulsar os invasores de Macapá, o que se effectuou em 28 de junho do mesmo anno.

D. Pedro II, então ainda enfeudado á politica de Luiz XIV, não hesitou em celebrar o tratado provisional de 4 de março de 1700. Obrigava-se a evacuar e demolir os fortes portuguezes, desde o cabo do Norte até á margem do Oyapock. E a tal clausula reforçou o artigo XV do tratado de alliança de 18 de junho de 1701.

Mas não tardaria a arrebentar a terrivel Guerra da Successão da Hespanha que, no seculo XVIII foi, como todos sabem, uma miniatura por antecipação, se possivel é dizer assim, da terrivel conflagração mundial de 1914.

A principio neutro, não tardou Portugal em se ver envolvido no pavoroso conflicto provocado pelo celebre *Il n'y a plus de Pyrenées* do Rei Sol.

Geralmente se diz que D. Pedro II se entregou inteiramente á Inglaterra assignando o celebre tratado que conserva o nome do seu negociador, o famoso Lord Methwen. Esta infeudação talvez tenha sido muito dictada pelo terror do monarcha portuguez, em ver seu pequeno e enfraquecido reino possivelmente vizinho de uma monarchia immensa que se constituiria graças á annexação de duas coroas poderosissimas, como as da Hespanha e França, sob o mesmo sceptro.

Passou Portugal por terriveis transes, com as vicissitudes das campanhas da conflagração européa, mas, afinal, com o esgotamento da França e a diminuição immensa de suas pretenções consignadas no Tratado de Utrecht, (11 de abril de 1713), veiu o reino lusitano a ganhar sobretudo quanto ao seu dominio americano.

Escreve Basilio de Magalhães:

"A França, pelo artigo 8 desistiu "de tous droits es pretentions, qu'elle peut et pourra prétendre sur la propriété des terres appelées du *Cap du Nord,* et situées entre la riviére des *Amazones* et celle du *Yapoc* ou de *Vincent Pinzon,* sans se réserver ou retenir aucune portion des dites terres afin qu'elles soient désormais possédées par Sa Magesté Portugaise, ses hoirs, successeurs et héritiers, avec tous les droits de souverainité, d'absolue puissance et d'entier domaine, comme faisant partie de ses E'tats, e qu'elles luy demeurent a perpetuité: sans que sa dite Majesté Portugaise, ses hoirs, successeurs et héritiers, puissent jámais être troublés dans la dite possession par Sa Magesté T. C. ny par ser hoirs, successeurs et héritiers".

Esse solemne pacto foi ratificado pela França a 18 de abril e por Portugal a 9 de maio do mesmo anno de 1713. E, pelo Tratado de paz e amizade, firmado tambem em Utrecht, a 7 de fevereiro de 1715, entre Portugal e a Hespanha, puzeram os dois Estados ibericos termo á questão da Colonia do Sacramento, entregue com o seu territorio (artigos 6.º e 7.º) á plena soberania lusitana.

Assim, pois, os resultados da conflagração européa haviam sido favoraveis ao Brasil, experimentado tambem pelo contra choque da guerra mundial com as expedições de assalto francez ao Rio de Janeiro, com Duclerc e Duguay Trouin, em 1710 e 1711.

No extremo sul não decorreria um decennio e já a nova monarchia hispano bourbonica persistia na velha politica dos Habsburgos, não permittindo que as quinas se implantassem á orilha septentrional do Prata.

D. Bruno Mauricio de Zavala fundava Montevidéo em 1724 e povoava-lhe o districto e ainda o de Maldonado, ao oriente da Colonia do Sacramento. Povoava e fortificava posições.

Em sentido contrario actuavam os francezes, tentando recuar a fronteira da Guyana para a posição em que Colbert sonhára estabelece-la. Invadiam, á sorrelfa, as terras da capitania do Cabo Norte.

Já no periodo do governo de Bernardo Pereira de Berredo, o celebrado autor dos *Annaes* (1718-1722) vieram francezes resgatar indios em territorio portuguez, como notifica a resolução regia de 3 de janeiro de 1721.

No tempo de seu successor João da Maia da Gama, em 1723, incitaram os bravios aruans contra os portuguezes e estes bugres assaltaram a aldeia de Moritiba.

Em 1724, tocava no porto de Belém, em arribada suspeita, um navio francez tentando commerciar com os paraoaras.

"Em 1725, escreve Theodoro Braga, no seu *Coffea Brasiliae fulcrum*, já por nós citado, ausentou-se Maia da Gama do Pará para o Maranhão, deixando em seu logar como governador interino o capitão mór de Belém, Pedro Mendes Thomaz. Entre as cuidadosas recommendações que lhe fez existia: "Se acaso aqui vierem os francezes, terá cuidado de lhes prohibir todo o negocio e commercio e fará pellos expedir com a maior brevidade."

No capitulo 19 do regimento outra autorização a Thomaz

determinava enviasse o capitão José Pais de Moraes como cabo de tropa de resgate do Rio Negro.

No capitulo 20 accrescentava: "Tambem será necessario expedir a tropa de guarda costa com o capitão Francisco de Mello Palheta, o que se fará havendo tempo e vagar para isto e bem vejo que os não ha por hora."

Pouco depois, João da Maia, vigilante, recommendava ás guarnições dos presidios do Cabo do Norte a maior attenção ordenando que as esquadrilhas de canoas guarda-costas percorressem o littoral, desde a foz do Rio Mar até o Oyapock. Era, então commandante o capitão general, homem de real valor. Delle dá Theodoro Braga os seguintes apontamentos biographicos. Portuguez, nascido em 1676, servira na India como soldado, de onde o haviam mandado para o Brasil. Na Capitania da Parahyba foi official, tendo servido como capitão de infantaria. Passou depois para a marinha real, onde chegou a capitão de mar e guerra. Nomeado governador do Estado do Maranhão e Gran Pará, exerceu o cargo de 19 de julho de 1722 a 14 de abril de 1728. Falleceu em Lisboa a 11 de novembro de 1731.

Ouçamos ainda, porém, a Basilio de Magalhães:

"Tendo commandado, em 1723, uma dessas expedições da flotilha guarda costa, o capitão João Paes do Amaral, este, ao regressar da mesma, deu parte ao governador do que vira no cume da montanha d'Argent, situada a oeste do cabo de Orange.

Existem, sobre isto, dois preciosos documentos. O primeiro é uma copia contemporanea do que foi remettido do Pará para Lisboa (onde não mais se encontra) e que pertence á nossa Bibliotheca Nacional (v. "Catalogo da Exposição de Historia do Brasil", 1881, vol. I, pag. 72, n. 750): — "Roteiro da Costa de Araguary até o Rio Vicente Pinson, pelo nome da terra Guaiapoco, que mandou fazer o Capitan commandante João Paiz do Amaral, por Ordem do Governador e Capitam General do Estado, João da Maia da Gama, indo o Capitam Commandante a reconhecer a parage honde estavão os Marcos das terras de Portugal, etc." Tem a data de 12 de maio de 1723. O outro e uma justificação judicial sobre o mesmo assumpto, feita por ordem do governador João da Maia da Gama e processada a 19 de julho do mesmo anno (ms. da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro, cod. CCLXVIV, 17-56) e tem por titulo: "Auttos Civeis de Justificação sobre as terras do Cabo do Norte, e marcos que no Rio de Vicente Pinson chamada Yapoco se acharão que dividem os dominios de Sua Ma-

gestade que Deus guarde, dos da Coroa da França e o mais que na dita Justificação se declara."

Esse padrão da montanha d'Argent era de pedra, na qual se lavrou "um grande quadro de arbura (?)". Nella conforme os referidos documentos, viam-se, de um lado, "as cinco Chagas ou Reaes quinas", e, do outro lado huns Castelos com hum Leão."

Foi posto alli, como é de acreditar-se, por Bento Maciel Parente, em 1639. Entretanto, attribuiram-no os francezes (Dr. Arthur "Histoire des colonies françaises de la Guyane" ms. de 1723 t. I, pags. 71-73; Pierre Barrére, "Nouvelle Rélation de la France Equinoxiale" Paris, 1743, pag. 28-29 e Bellin "Description Geographique de la Guyane Française" Paris, 1763, pag. 22); não áquella data nem ao donatario da capitania do Cabo do Norte, mas á expedição de João Paes do Amaral. E, pelo que referem os dois primeiros dos citados autores, foi em 1726, derribado o dito padrão e lançado ao mar por ordem do governador da Guyana Franceza, conde d'Orvilliers, o qual, em carta de 12 de agosto do mesmo anno, dirigida a João da Maia da Gama, tambem atribuiu a erecção do marco a João Paes do Amaral."

Segundo as doutas indicações do autor da *Expansão geographica do Brasil até fins do seculo XVII*, vejamos, per summa capita, o que elle informa existir a tal respeito no "inestimavel trabalho" do Barão do Rio Branco *Frontières entre le Brésil et la Guyanne* (second mémoire), além dos documentos sobre os quais chamou a attenção dos leitores.

Assim, a carta do governador da Guyana Franceza, Claude d'Orvilliers, ao Governador Geral do Estado do Maranhão, J. da Maya da Gama, datada de Cayenna e 30 de maio de 1723, na qual declara que prohibira aos francezes a transposição do Oyapok. A seu ver, a fronteira entre as duas corôas era o Cachipur (Rio Branco, 2, III, 63).

Respondendo, dizia Maia da Gama que, o limite fixado pelo tratado de Utrecht começava na ponta Comariba e não no cabo Orange (Ibi. 67), já ao sul do Oyapok.

A 20 de agosto de 1726, escrevia d'Ovilliers novamente a J. da Maia da Gama. Relatava-lhe o exterminio da familia de um funccionario francez, certo Dage, feito por um bando de escravos refugiados em terras de Portugal e pedia-lhe que tratasse de os prender. E tratando das questões lindeiras, affirmava-lhe que o rio fronteiriço, designado pelo tratado de Utrecht, era o Cassiporé (Cachipur) e não o Oyapoco. Pro-

curava convencer o governador portuguez, reiterando-lhe que se fizera a demarcação por alli.

E continuando dizia:

"Tem-se affirmado, por cousa certa, que uns Portuguezes se tinham estabelecido em *Cachipur. Comtanto que isto seja da banda Sul do dito rio,* até virem ordens de El-Rey meu amo, eu não porei a isto impedimento. Mas se houvesse quem fosse morar na parte do Norte e Noroeste do dito rio, eu não poderia fazer menos de os mandar lançar, fóra, de que eu receberia muita pena, não desejando outra cousa mais que boa união entre nós. Esta é a intenção do meu amo. Eu me persuado que Vossa Senhoria contribuirá de sua parte á paz.

Tenho motivo de me queixar de um dos officiaes portuguezes de Vossa Senhoria, que se tem atrevido a por as Armas de El-Rey de Portugal á *Montanha da Prata.* Não tenho tido duvida alguma de que isto seria contra as ordens de Vossa Senhoria. O dito official o faria de sua cabeça. Elle mereceria ser castigado. Tem-se exposto a si, e tem exposto a Vossa Senhoria, e a mim tambem.

As instrucções que tenho dado ao Sieur Rose, elle mesmo as communicará a Vossa Senhoria a quem peço o torne a mandar o mais breve que puder.

Eu recommendo a Vossa Senhoria haja por bem que elle lhe offereça de minha parte huns frascos de vinho de malvasia. Quizera eu que houvesse aqui alguma coisa que agradasse a Vossa Senhoria, mandar-lhe-ia com grande gosto."

Dando instrucções ao seu mandatario o Snr. De Roses, capitão de uma companhia de infantaria da marinha, a quem acompanhava o Sr. de La Garde, alferes, um sargento e alguns soldados que iam em diligencia de castigo dos assassinos do pobre Dage, e dos seus recommendava d'Orvilliers que tratasse de uma convenção policial, afim de se reprimirem os quilombolas. E, sobretudo, discutisse o caso do recuo da fronteira para o Cassiporé.

"O dito Sieur Rose poderá tambem tratar em meu nome acerca dos confins entre El Rey de França e El Rey de Portugal. *Fará que o Sr. General repare em como o Rio de Cachipur he o que deve ser o confim.* Pedirá um mappa portuguez, e fará ver em como a *Bahia de Vicente Pinçon* está além do Cachipur; por conseguinte, que este deve ser o logar de nossos confins. Fará ponderar ao Sr. General que, pelo ultimo Tratado de Paz, El Rey meu Amo, cede a El de Portugal as *terras chamadas do Cabo do Norte,* que, conforme este Tra-

tado, justo fora conter-se nas terras que estão defronte das *Ilhas do cabo Norte,* mas, que, para atalharmos toda a contenda, eu conter-me-hey no rio que está ao norte da Bahia de *Vicente Pinçon,* antes conter-me-hey em *Cachipur.*

Se o dito General quer assignar este concerto, eu o enviarei a El-Rey meu Amo, como elle enviará de sua parte a El Rey seu Amo, para o fazer approvar.

Dirá ao Sr. General que ordene aos portuguezes de não fazerem moradas que não sejam ao Sul do *Cachipur;* que tenho ouvido dizer em como alguns Portuguezes tinham fabricado no *Rio Cachipur* ao que eu não tinha dado credito. O Sieur Rosa inquirirá se isto é verdade, e dar-me-ha conta disto mesmo quando voltar.

Segure ao Sr. General de que eu não desejo outra cousa tanto, como de ter com elle huma bôa correspondencia e amizade mas que se os Portuguezes vierem ao Norte do *Rio de Cachipur* para ahi se estabelecerem, eu não poderia fazer menos de os mandar lançar fóra e importa aos Reys nossos Amos que nós vivamos em paz e tranquillidade; que quanto é de minha parte, eu me não esquecerei de cousa que possa contribuir para isto.

O Sr. Rosa fará perceber ao Sr. General que o crime que se tem comettido aqui respeita em geral todas as colonias, e a importancia que ha em que os assassinos sejam castigados de modo que sirva de exemplo para todos os escravos.

Eu recommendo ao Sieur Rosa uzar toda a diligencia possivel e me remetto a elle quanto ao fazer o que não posso prever."

Contestando a Claudio d'Ovilliers, pedia-lhe Maya da Gama que respeitasse na integra, os dispositivos do tratado de Utrecht. Queixava-se de violações diversas desta convenção solemne e affirmava-lhe que, em qualquer hypothese, exerceria estricto policiamento da costa até a foz do rio Vicente Pinzon. Dizia-lhe ainda categorico que não consentiria na presença de francezes ao sul do Oyapok, "porque daqui por deante, todos aquelles que se acharem nos ditos dominios os hei de mandar prezos e remetter a El Rey meu Amo para que elle o faça saber a El Rey Christianissimo, para que lhe mande dar satisfação da violação que Vossa Senhoria faz do dito Tratado cobrando, totalmente, contra o que nelle está estipulado e entretanto hei de defender com todas as forças os dominios d'El Rey meu Amo e castigar a todo aquelle que se quizer apossar delles."

Commenta Basilio de Magalhães:

"A balisa de pedra com as armas portuguezas já então no fundo do Atlantico, é que ia levar á Guyana Franceza o homem destinado por todos, propicio a trazer de lá o café para o Brasil. Não tardou, com effeito, a chegar ao conhecimento de João da Maia da Gama, o boato de que fôra consumido o padrão, ao qual não podia deixar o governador lusitano de ligar a devida importancia, porquanto o mesmo fôra tanchado no pico de um monte sito proximo á foz do Oyapock ou rio de Vicente Pinson, dado alli como linde entre as corôas de França e Portugal, "ex-vi" do art. 8.º do Tratado de Utrecht."

CAPITULO IV

Instrucções ministradas a Palheta pelo governador João da Maia da Gama — Regimento recebido pelo sargento-mór — Partida de Palheta para o Oyapok — Valiosissimo informe de Theodoro Braga — Realce da figura de João da Maia da Gama na historia do café no Brasil

Escreve Basilio de Magalhães:

Fez Maia da Gama, portanto, aprestar uma expedição cujo commando confiou ao sargento-mór e cabo da tropa da bandeira de 1722-1723, a qual como se viu do relato anonymo, fôra tambem motivada pelo tratado de Utrecht, na parte em que dispunha este sobre as fronteiras entre Portugal e Hespanha no Novo Mundo, e já tendia a assegurar as vantagens que depois iam resultar, para a corôa lusitana, do tratado de Madrid (1750), cujo verdadeiro autor foi Alexandre de Gusmão. Complexo e arduo era o encargo de que ia desempenhar-se Francisco de Mello Palheta, na vizinha possessão franceza. Como tinha que commandar uma flotilha, com equipagem e guarnição, ao posto de sargento-mór alliou o de capitão da guarda costa por expressa nomeação emanada do governador, que lhe deu, por escripto, instrucções (ms. numero 1.052, da Bibl. Nac., de Lisboa, Archivo do Cons. Ult.), que, apezar de incompletas em pontos secundarios, transcrevo da citada obra do barão do Rio Branco (t. IV, pags. 229-235), supprimindo as notas deste, algumas das quaes aproveitaveis para alguns esclarecimentos imprescindiveis."

Datou de 20 de fevereiro de 1727 e são as seguintes, segundo a cópia, parcial que dellas deu o Barão do Rio Branco em sua monumental obra apresentada ao exame do Presidente da Confederação Helvetica:

REGIMENTO QUE HA DE GUARDAR O SARGENTO-MÓR FRANCISCO DE MELLO PALHETA

"João da Maya da Gama, do Conselho de Sua Magestade, que Deus guarde Governador e Capitam General do Estado do Maranhão, etc.

Porquanto Sua Magestade, que Deus guarde, he servido que todos os annos sigam algumas canoas armadas em guerra a correr a costa do Norte para saber e evitar que os Francezes passem as terras dos dominios de Sua Magestade, que Deus guarde, a commerciar ou resgatar Indios, e ultimamente manda expressamente guardar e defender os seus dominios que são na bocca do Rio de Vicente Pinçon, chamado Japoco para esta parte, no qual rio, da parte de lá se acham os marcos que dividem os dominios d'El Rey Nosso Senhor dos da Corôa de França, a qual cedeu todo o direyto que podia ter a elles, como consta do Tratado de Paz concluido em Utreque a **11** de abril de 1713; e ás obrigações de execução das Reaes Ordens acreceu a necessidade de castigar os Indios vassallos de Sua Magestade, donde levaram muitos prisioneiros, matando outros, e juntamente pelas noticias que aqui correrão de que os Francezes tirarão ou pretendiam tirar os ditos Marcos e fazer fortalezas ou fortificações na bocca do dito rio ou nos dominios de sua Magestade, e outros dizem que nas terras que lhes pertencem do Rio de Vicente Pinçon para lá, o que necessita de averiguação, para se lhes impedir que não passem do dito para cá, nem excedão o que está determinado no referido Tratado; e tambem pela noticia de entrarem pelo rio das Amazonas, em seguimento de huns seus escravos que fugirão para esta parte; e para averiguação e execução das Reaes Ordens se necessita de cabo de resolução, valor, experiencia e capacidade, e que seja pratico em toda aquella costa.

Hey por bem de nomear por cabo commandante da dita expedição o Sargento Mor Francisco de Mello Palheta, capitam de guarda-costa, por concorrerem nelle todas as razões, circunstancias e prerogativas referidas e necessarias para a dita empreza, como tem mostrado em todas que se lhe tem encarregado, e por esperar delle cumprirá em tudo com suas obrigações, guardando em tudo este regimento e capitulos seguintes.

Capitulo 1.º

Antes de sahir da cidade, ou na primeira Aldeya que tomar, fará por ter propicia e favoravel a Magestade Divina, para que o encaminhe na direcção governo e disposição da dita tropa, o que conseguirá confessando-se e fazendo confessar a todos os seus subditos verdadeiramente contrictos e arrependidos de todas as offensas comettidas contra a mesma

Divina Magestade, e assim mais toda a gente da sua conserva e aos mesmos Indios remeiros e cavalleiros; e com esta disposição feita, como deve ser, lhe prometto todo o bom successo, e tambem, para o conseguir, não consentirá que os seus officiaes e soldados tenham inimizades huns com os outros, nem digão blasphemias, jurem, ou roguem pragas; e evite todo o genero de peccado, fazendo muito pelos conservar em boa paz e quietação e temor de Deus.

Capitulo 2.°

Sahindo desta cidade com as quatro canoas que lhe estão preparadas irá buscar o Tapajurú para sahir a outra parte da ilha de Juannes, a buscar o sitio em que está fazendo Aldeya ou ajuntando gente para elle o Reverendo Padre Missionario Frei Bernardino, da Provincia de Santo Antonio, para tomar e levar comsigo, por ser Missionario que está nomeado para ir nesta tropa, e se informará do dito Padre, pedindo-lhe as noticias que tiver do rebelde Guaimã e dos seus vassallos companheiros e associados que assaltarão os Tupinambazes, e tambem saberá da nação dos Maxiannas, que assaltarão a Aldeya de Arapijó, e com o dito Padre consultará se ha de entrar logo a castigalos ou se ha de fazer a viagem primeiro ao Rio de Vicente Pinçon a que precisamente deve ir.

Capitulo 3.°

Consultará tambem com o dito Padre se convem ir buscar o Padre Frei João, commissario da Conceição que está na ilha defronte do Macapá, situado nos Aroans, para se tomar noticia dos ditos rebeldes e seus cunhamenas e associados, ou se será melhor ir fazer a primeira viagem e na volta tirar então as referidas noticias e, consultando e ponderando todo o referido, escolherá o que entender mais conveniente para a segurança da empreza conforme as noticias que acharem, que, pelas que tenho, me parece deve primeiro fazer a viagem ao rio de Vicente Pinçon.

Capitulo 4.°

Porém antes de o fazer, procurará saber se andão Francezes para dentro do rio das Amazonas, e, achando que sim, os buscará logo e os trará a esta cidade á minha ordem, averiguando com todo cuidado se andavam fazendo negocio ou

praticando os indios, da nossa jurisdicção, por lhes ser prohibido pelo Tratado de Utreque em que se declarou que o rio de Vicente Pinçon para o rio das Amazonas, e todas as suas margens, pertenciam á Corôa de Portugal, cedendo El Rey Christianissimo Luiz XIV todo o direito que podia ter ás terras do Cabo do Norte desde o rio de Vicente Pinçon chamado Jopoco, para esta parte, ficando livre a El Rey Nosso Senhor, o muito alto e poderoso Rey o Senhor DOM JOÃO V, e aos vassallos, a posse e dominio de todas as ditas terras, desde o dito rio de Vicente Pinçon, ou Japoco, que he o mesmo, para esta parte, como está declarado no Artigo 8.° do Tratado da Pax, concluido em Utreque entre Sua Magestade que Deus guarde, e El Rey Christianissimo; e em virtude do dito Artigo se declarou no Artigo 9.° que Sua Magestade, que Deus guarde, poderia reedificar os fortes de Araguary e Camaú ou Macapá e os mais que foram demolidos em execução do Tratado Provisional feito em Lisboa a 4 de março de 1700, o, qual tratado ficou de nenhum vigor pelo ultimo Tratado de Utreque, de 11 de mayo de 1713, como se declara no dito Artigo 9.° delles, em virtude do qual fica livre a Sua Magestade levantar de novo nas ditas terras e os mais fortes que lhe parecer e provelos de todo o necessario para defesa das ditas terras, desde o rio de Vicente Pinçon athe o das Amazonas.

Capitulo 5.°

Tratado com a largueza e individuação referida tudo o que toca a posse e dominio que Sua Magestade, que Deus guarde, tem nas terras do cit. o rio de Vicente Pinçon para esta parte.... ....

Capitulo 6.°

Não achando noticia de que os Francezes estejam no rio das Amazonas ou para esta parte irá buscar o sitio da fortaleza da Macapá e dahy proseguirá viagem para Araguary e mais igarapés do Cabo do Norte, e passado elle, buscará o rio de Vicente Pinçon, entrando se lhe parecer á ida ou á volta, no rio Guanani e no Caxipurú, que fica antes do rio de Vicente Pinçon, tendo muito cuidado de se livrar da pororóca e dos baixos e correntezas de todas as pontas e terras do Cabo do Norte e antes e depois delle, por haver muitos baixos
....

Capitulo 7.º

Para que mais seguramente possa saber a derrota que ha de seguir e os itarapés e canaes aonde ha agua doce e gentio, principalmente no Itarapé chamado Vayroco, e aonde ha muito gentio de nação Aricurazes para os praticar, lhe darey, com este Regimento, hum Roteiro da Costa de Araguari athe o rio de Vicente Pinçon, que por minha ordem tirou o capitão João Paes e em todas as partes averiguará se os Francezes, contra o que se estipulou no capitulo 12 do Tratado de Utreque, entrão em negociação em todas estas terras, do rio de Vicente Pinçon para cá, a qual diligencia e averiguação fará a ida e á volta como fica declarado nos Capitulos antecedentes.

Capitulo 8.º

Entrando no rio de Vicente Pinçon, chamado Japoco, aonde estão os Marcos, os examinará novamente, averiguando se os picarão para que se não vejão, por estarem abertos na mesma rocha no alto do monte que fica á mão direita entrando no dito rio; e aqui no mesmo rio, se deixará estar, com toda a sua esquadra, e emquanto manda a Cayena; averiguará se ha gentio perto do dito rio e tirará todas as noticias que poder, sabendo se os francezes tem nelle povoação.

Capitulo 9.º

Desde o rio Vicente Pinçon despedirá hum cabo ou soldado de experiencia, na canoinha mais pequena que levar, com Indios seguros, que não fiquem lá, nem fujão nem se deixem praticar, e ao despedir da canôa a examinará para, que não leve cousa alguma, pequena ou grande, para trato ou comercio ou negocio com os francezes e o recomendará ao tal cabo. com pena de ser castigado severamente e o dito cabo não levará comsigo mais que um ou dous soldados, um para ficar na canoa, tendo cuidado dos indios sem desembarcar, porque só quero que desembarque o cabo que levar a carta e pedir logo a resposta e com ella se recolher, o que tudo recomendará de palavra ao dito cabo, que por escripto só lhe dará ordem que vá levar minha carta ao Governador de Cayena para que lhe sirva de passaporte ....

....

Capitulo 10º

O dito cabo que ha de levar a carta poderá ser o Capitão João da Matta, se embarcar nesta occasião, ou o Capitão reformado Joseph Mendes ....
....

Capitulo 11º

Recolhido o official que for a Cayena, sahirá o cabo do rio de Vicente Pinçon, fazendo as diligencias declaradas nos Capitulos acima, quando as não tenha feito quando for para cima ....
....

Capitulo 26º

Acabada a guerra e concluido o castigo dos ditos Aruans e Maxianas, querendo recolher-se ....
....

Capitulo 30º

Os Reverendos Padres de Santo Antonio nas cabeceiras do Rio Araguari pelo matto dentro, tem praticado varios gentios que têm parentes no Igarapé, os quaes são de nação Caithevaras, Arixiomguaras e Ariquinhas se lhes dará toda a ajuda, e não consentirá que outra alguma pessoa lhes perturbe o dito descimento.

Capitulo 32º

E porque não se podem prever todos os successos, obrará em qualquer que se lhe offerecer com prudencia, madureza e conselho, e tomará a resolução que achar mais conveniente ao serviço de Deus e de Sua Magestade, e praticará aos officiaes e soldados que na occasião da guerra, procedam de sorte que acreditem a nação e reputação das Armas, e que aquelle que se assignalar se ha de atender muito ao que obrar; e fio que em todas estas cousas e em todo o contheudo neste Regimento obre com aquella grande prudencia, madureza, valor e zelo com que ha tantos annos serve a Sua Magestade em cuja real presença porey tudo o que obrar nesta occasião, para que

o dito Senhor premeye o serviço e merecimento com que ha tantos annos se emprega no dito Real Serviço.

Bellem do Pará, 20 de fevereiro de 1727.

João da Maya da Gama."

Recebendo este regimento, tratou Francisco Mello Palheta de preparar a sua expedição, o que não era cousa facil, tratando-se de região tão pouco apparelhada de elementos como era o Pará daquelles tempos.

Deve ter talvez partido de Belém em abril de 1727.

Em sua esplendida memoria sobre Palheta, não teve Basilio de Magalhães o ensejo de conhecer, do regimento dado a este official, por João da Maia da Gama, senão o que delle transcreveu o Barão do Rio Branco, em sua monumental memoria sobre o litigio do Amapá.

Assim, só nos deu do artigo decimo tres linhas, quando no escopo que temos em vista é, exactamente, este artigo da mais capital relevancia.

Conhecemol-o mercê da transcripção feita por Theodoro Braga, em sua excellente monographia de fins de 1927. Valeu-se este douto autor, que tão profundamente conhece as cousas de seu Estado natal, de uma peça inedita existente no Archivo Publico do Pará.

Tomemos, porém, conhecimento do alludido.

Capitulo 10º

"O ditto Cabo, que ha de levar a Carta, poderá ser o Capitão João da Matta, se embarcar nesta occasião, ou o Capitão reformado Joseph Mendes, e a qualquer delles que fôr, recommendará que por toda a costa de Vicente Pinçon para lá examine toda fortificação ou povoação que os francezes fizeram de novo, de Caiena athé o rio de Vicente Pinçon, vendo e observando com cautela, com pretexto de não saber acostar e querer tirar noticias para seguir viagem a Caiena, a levar as ditas cartas, e em tudo procederá com todo cuidado e vigilancia."

Seguem-se agora, algumas linhas de que Basilio de Magalhães parece não ter tido conhecimento e foram divulgadas por Theodoro Braga, topicos de maxima relevancia para a historia da introdução do café no Brasil.

"E se acauzo entrar em quintal ou jardim ou Rossa ahonde houver cafee com pretexto de provar alguma fructa, verá se

pode esconder algum par de graons com todo o disfarce e com toda a cautella, e recommendará ao dito Cabo que volte com toda a brevidade e que não thome couza nenhuma fiada aos francezes nem trate com elles negocio."

Porque não quiz Rio Branco transcrever na integra o capitulo cuja importancia para o nosso caso é escusado encarecer?

Procura Theodoro Braga explical-o:

"Mas o immortal chanceller, escrevendo contestações sobre limites, nellas não poderia, sem certo escrupulo, incluir trechos, como aquelles, em que se evidenciam má-fé e occultos propositos de subditos da nossa mãe-patria, — isto é, trechos em que se recommendava, não só a espionagem de povoações e fortificações francezas, mas tambem a escamoteação de um fructo altamente valioso e ciosamente defendido, por interesses economicos..."

Não pensamos do mesmo modo que o distincto autor. Não haveria ahi o risco que elle imagina ter podido existir, tanto mais quanto as recommendações se referiam a factos já velhos de quasi dous seculos.

Mas d'ahi, quem sabe?

Lançando curiosa hypothese, pensa Theodoro Braga que talvez haja sido o desejo de obter sementes de café uma das principaes determinantes, até, da ida de Palheta a Cayena.

"Ultrapassando as fronteiras da Guiana Franceza, chega aos ouvidos do Governador e Capitão General do Estado a noticia da existencia de uma fructa cujo preparado era excellente, perfumado e de muita cotação commercial, não só naquella Guiana, como na hollandeza, onde tinha sido introduzida com geral acceitação, e procedente da Europa, mas com a prohibição formal de sua sahida para outras terras; sabia que, com todas as cautelas de contrabando tinha se aclimatado com grande successo na Guiana Franceza, e sentiu a necessidade de tel-a na capitania mór, augmentando, assim, a fazenda real.

Como conseguir, porém, semelhante producto se a Provisão Regia de 8 de Janeiro de 1721 prohibia categoricamente todo e qualquer commercio com os francezes de Caiena? se a interdição da sahida das sementes desejadas, de terras de Caiena, pelas respectivas autoridades era mais um motivo de interminas disputas?".

"Ordens assim dadas, categoricas e definidas, não poderiam deixar de ser cumpridas por quem se achava encarregado de tamanha incumbencia. E, desse modo, graças tambem á audacia e á coragem, ao geito, e attitudes do Cabo, portador

da Carta para o Governador de Cayena e das sementes do precioso café para Belém, o Brasil actual desfructa uma riqueza palpavel, para a garantia da sua economia."

O documento por Theodoro Braga divulgado, representa uma destas demonstrações explosivas da justiça, que se effectuam por intermedio da Historia e para as quaes tão grandiloquentemente appellou, do seu jazigo, a voz nobilissima do nosso Imperador Magnanimo.

Assim, a ideia da introducção do cafeeiro no Brasil se deve a João da Maia da Gama, inspirador de Palheta. Deve este compartilhar com o Capitão General das glorias de tão grande feito.

CAPITULO V

Pessoal da commissão de Palheta. Recriminações reciprocas entre os governos de Belém e Cayenna

Constituiam o estado-maior de Francisco de Mello Palheta um capitão reformado de nome José Mendes Simplicio, um ajudante, Francisco Xavier Boterro, um sargento, José Freire de Carvalho e um capellão, Fr. Bernardino de Santa Thereza.

Devia este padre ser franciscano e não capuchinho, como pensa Basilio de Magalhães, visto como no capitulo segundo do Regimento, se diz que pertencia á Provincia de Santo Antonio.

No Pará, "os conventos franciscanos foram fundados pelos religiosos capuchos de Santo Antonio, das Provincias da Piedade e da Conceição da Beira do Minho" conta-nos o Padre Fernando Pinto de Macedo, S. J., em seu *O Brasil religioso.*

Participavam estes capuchos da Ordem Primeira Franciscana, que em Portugal contava tres provincias: Piedade, Arrabida e Santo Antonio.

Não se menciona a da Conceição. Os Capuchos não eram capuchinhos, como hoje dizemos, ou barbonos, como outr'ora se falava em Portugal e suas colonias, aliás tambem franciscanos. Nesta época (1727) se recrutavam os capuchinhos do Brasil quasi exclusivamente entre italianos e já juntavam, muito caracteristicamente, aos seus nomes de religião, os de sua terra natal.

No excellente "Elenco dos missionarios capuchinhos no Brasil", de Fr. Fidelis Motta, e no periodo de 1679 a 1730, não se menciona Fr. Bernardino de Santa Thereza.

Além das quatro canôas que, no pensar do Barão do Rio Branco, eram verdadeiras chalupas, com capacidade para 30 ou mesmo 50 homens, ainda se juntaram cinco pirogas. E' o que esclarece a seguinte nota de Rio Branco:

"Lefebvre d'Albom, dans une lettre du 15 juin 1727, adressée au COMTE DE MAUREPAS, parle de cette expedition composée, dil-il de "neuf pirogues montées de 200 hom-

mes, tant Indiens pour équipage, que soldats, pour... châtier les Indiens.

Ils mouillèrent "ajoute-t-il" devant notre nouvel établissement d'Oyapok" (ce qui prouve que le Japoc ou Vincent Pinçon "dont parlent ces instructions était bien l'*Oyapok*, entre le Cap d'Orange et la Montagne d'Argent) d'ou le Commandant de la flotte detacha une pirogue avec deux officiers et un Pere Recolet pour remettre ès mains de M. Dorviliers une lettre du Gouverneur de Para; mon dit Sr. Dorvilliers en envoie la traduction à V. G. elle y verra avec un stile un peu menaçant et fanfaron des prétentions tout à fait opposées aux notres"...

O "Père Recolet" só podia ser um franciscano, mas d'Albon escreveria certamente *Capucin,* se elle realmente pertencesse a este ramo dos filhos do Santo de Assis.

Escreve, aliás, Basilio de Magalhães, um pouco mais abaixo do topico em que graphou capuchinho, o termo franciscano, que é mais exacto:

E commenta:

"Militar que, havia tantos annos, se empregara "no real serviço", tratou Palheta de cumprir, ponto por ponto, as ordens que recebera. Logo que aportou á foz do Oyapoc, entre o cabo de Orange e a montanha d'Argent (em dia que se não póde precisar, porém, antes de 4 de maio), destacou da esquadrilha uma piroga, na qual enviou dois officiaes José Mendes Simplicio e outro cujo nome se ignora, talvez o ajudante Francisco Xavier Boterro), acompanhados do capellão franciscano (Fr. Bernardino de Santa Thereza), incumbidos de entregar ao governador da Guyana Franceza, em Cayena, a carta, datada de 20 de fevereiro de 1727 que ao mesmo dirigira João da Maia da Gama. Tanto esse documento quanto a resposta de Claude d'Orvilliers, datada de 4 de maio de 1727, foram integralmente reproduzidas por Paranhos.

Em documento transcripto pelo Barão do Rio Branco, em sua Memoria (IV 223) lembrava João da Maia da Gama ao Governador da Guyana as contravenções ao tratado de Utrecht, por parte dos vizinhos do Norte:

"Requeri a Vossa Senhoria, da minha parte e d'El-Rey meu Amo, fizesse conter os seus subditos dentro dos limites da Corôa de França, e observar o dito Tratado, e que eu o guardaria da minha parte, como tenho feito athé o presente.

Vossa Senhoria, contra o dito Tratado, tem permittido que os seus subditos, contra o Artigo 12, andem commerciando e praticando Indios nas terras e dominios d'El-Rey meu Amo,

como achou o commandante da minha tropa em 1723, os quaes deixou naquella occasião porque se não tinhão feito com Vossa Senhoria os requerimentos necessarios.

E ultimamente, neste anno, entrou huma canôa com cabo e soldados, pelo *Rio das Amazonas* athé as aldeyas do *Tauerê,* em seguimento de huns escravos fugidos, ou com esse pretexto, praticando não somente Indios do matto, mas ainda alguns já vassallos de Sua Magestade, violando-se nesta fórma o dito Tratado, e principalmente o Artigo 12 delle, do que se podia e póde seguir huma quebra entre as duas Coroas, porque segundo me chegou a noticia, despedi em busca delles a minha gente, e se os achassem he sem duvida que haveria entre elles peleja e contenda por virem entrar nos dominios d'El-Rey meu Amo, aonde não tem jurisdicção nem poder os Francezes para entrar nem fazer prisioneiros, ainda que fossem os seus escravos fugidos, porque só mo podia Vossa Senhoria requerer em virtude das cartas que escrevy a Vossa Senhoria em resposta das suas, mandando hum soldado ou dois em huma canoinha pequena, como eu faço para remetter esta.

E eu estava obrigado a deferir a Vossa Senhoria com a entrega dos ditos escravos se Vossa Senhoria tivera comprido por sua parte com a remessa dos mais que para lá fugiram, assim o soldado Torres como o soldado Manuel Vieira Barreto, com os Indios que ultimamente, e depois do nosso ajuste, levou para lá, sem que Vossa Senhoria fizesse remessa delles, o que me desobriga da remessa e entrega de outros quaesquer que para cá viessem."

Depois deste exordio, lembrava Gama que as canôas de guerra portuguezas jámais tinham passado o Rio de Vicente Pinzon.

A' vista do que se passára, ia porém fazer com que a sua flotilha estacionasse alli de onde seguiria uma canoinha levando a carta de reclamação. E avisava que qualquer vindo da Guyana e encontrado em territorio portuguez, seria preso e remettido ao Rei de Portugal, afim de que este exigisse do de França a justa reparação devida.

Com certa aspereza, commenta Gama:

"Sinto, e sentirey que estando os Senhores Reys, nossos amos, em boa paz e amizade sincera, como consta dos avizos da Corte, queira Vossa Senhoria alterar esta amizade e boa Correspondencia das duas Coroas e dos vassallos de huma e outra, e ainda quando eu procurei a amigavel correspondencia com Vossa Senhoria com a observancia do dito Tratado, o qual tenho observado pontualmente da minha parte, sem

permittir que os meus subditos, debaixo de pretexto algum passem o Rio de *Vicente Pinçon* para lá, e não cheguem mais que athé o logar dos Marcos, o que Vossa Senhoria devia e deve obrar da sua parte."

Querendo mostrar as suas boas disposições propunha Gama a d'Orvilliers a troca dos homisiados das duas Coroas.

Muito curioso, porém, é o final da carta, muito typica dos costumes do tempo.

"Aqui chegarão em Junho quatro Negros dos de Guiné, a saber Francisco, Joseph, Estevão e Miguel, os quaes fazia tenção de remetter, porém com a noticia da canoa de guerra e que o cabo della deu de que tinhão feito varias mortes, não sou obrigado a entregal-os ao supplicio, visto se valerem da segura e Real protecção d'El-Rey meu Amo e se terem recolhido aos seus dominios; mas para que seus Senhores não fiquem prejudicados no seu valor, ainda que eu o não devia fazer, comtudo pra mostrar a Vossa Senhoria a minha attenção, digo que Vossa Senhoria queira saber dos damnos o seu justo valor, porque alguns destes moradores que quizerem servir delles os pagarão ou mandarão pagar aqui ou em Portugal pelo seu justo valor. E não tendo crime mais que o da fugida e mandando-me Vossa Senhoria os dos Padres da Companhia e os soldados, e os Indios que levou comsigo, entregarei tambem estes."

O que transparece desta vontade de apadrinhar os quatro escravos de Guiné é a nosso ver apenas a cubiça de ficar com quatro escravos, naquella carencia tremenda de povoadores que havia na Amazonia.

O final da carta é um protesto de respeito á letra da inconvenção jurada pelas duas Coroas.

"Esta canoinha pode Vossa Senhoria mandar buscar, e ver o que nella vay, e tudo o que achar nella de negocio o poderá mandar tomar por perdido, porque se cá vier alguma lhe hei de fazer o mesmo.

Veja Vossa Senhoria se tem neste estado couza em que possa servir e em que possa dar-lhe gosto que em tudo achará prompta e grande a minha vontade com grande desejo de o servir em tudo aquillo que não encontrar as d'El-Rey meu Amo."

Respondendo a Maia da Gama dizia-lhe d'Orvilliers, a 4 de maio de 1727, que a carta de seu vizinho lhe causara muito aborrecimento.

A ella queria responder item por item.

A' arguição que lhe fazia o governador portuguez da

violação do Tratado, respondia que os violadores eram os portuguezes e nunca os francezes. Como explicar de outro modo o que fizera Paes do Amaral, em 1723, na *Montagne d'Argent,* tres leguas ao norte do Oyapoc, alli collocando clandestinamente um padrão portuguez? O que se tornava indispensavel era fixar as fronteiras luso-francezas.

E alludindo a complicações bellicas dizia d'Orvilliers, categorico:

Quant á une rupture entre les deux Couronnes, ce n'est pas moi qui en fournirai le prétexte, mais dans le cas où Votre Seigneurie commettrait des hostilités quelconques, je ne manquerai pas de riposter."

As colonias que se procuraram estabelecer pelos Francezes são as que principiaram na mesma ilha de Cayenna, pois não fala este autor em outras.

Occorre depois longo aranzel sobre os casos dos homisiados e recriminações de má fé ás autoridades portuguezas.

Advertia d'Orvilliers ao seu correspondente, queixando-se de grosseria por parte de Gama.

"Je ne puis m'empêcher de louer Votre Seigneurie de ce qu'elle défend les intérêts du Roi son Maitre; d'autre part, Votre Seigneurie peut être certaine que, de mon côté je ne serai pas moins soucieux des intérêts du Roi mon Maitre.

Je ne comprends pas bien de qui veut parler Votre Seigneurie en écrivant qu'elle "châtiera". Il me semble que Votre Seigneurie veut parler des Indiens qui se trouvent dans les limites de son Gouvernement. Je considère Votre Seigneurie comme une personne trop avisée pour qu'il puissent se rapporter à l'ideé que ces paroles puissent se rapporter à mon Maître. Veuillez me donner quelques explications à ce sujet.

Je vénère infiniment le Roi de Portugal, et je serais bien fáché qu'il survint une brouille quelconque entre le Roi mon Maître et lui; mais il faut que son Gouverneur pèse bien les termes dont il se sert. J'aimerais à croire, pour l'amitié que je porte à Votre Seigneurie et pour l'amour de la paix que je désire vivement voir régner entre nous, que la lettre que m'a écrite Votre Seigneurie a été mal traduite, et qu'on n'en a pas bien compris le sens. Il me serait agréable de recevoir à ce sujet une réponse de Votre Seigneurie."

Para mostrar as suas boas disposições pacificas lembrava d'Orvilliers: "La copie de ma lettre sera expédiée à la Cour de France. Espérant recevoir une missive de Votre Seigneurie avant que le vaisseau du Roi mon Maitre, que j'attends d'un jour à l'autre, reparte pour la France je ne me

hâterai pas d'expédier la lettre de Votre Seigneurie, pour vous prier de bien vouloir envoyer votre cano le plus tôt possible, afin que je puisse écrire par le vaisseau du Roi ce que Votre Seigneurie aura décidé de faire."

Significando a Gama que de modo algum, elle o levaria á valentona, dizia, aspero, o governador da Guyana:

"Je suis extrêmement obligé à Votre Seigneurie de l'offre qu'elle a bien vouiu me faire; je répondrai à la courtoisie par la courtoisie, à l'amitié, mais de grâce, n'usez pas de termes qui pourraient, en quoi que ce soit, ressembler à des menaces. Votre Seigneurie ne serait pas approuvée par son Maitre, pas plus que je ne serais par le mien si je tolérais ces menaces."

E apontava-lhe a possibilidade de começarem logo as cousas a se precipitar para o terreno bellico. Atrevidamente passava a fazer-lhe a mais clara ameaça em termos de funda ironia.

"Votre Seigneurie parle de ses canots de guerre. Si nous ne pouvions plus nous entendre à l'amiable et que Votre Seigneurie m'y obligeat, j'enverrais aussi de mon coté des canots de guerre, ce que toutefois je ne desire pas; et dans le cas ou nous serions obligés d'en venir aux mains, que Votre Seigneurie cherche à obtenir du Roi son Maitre que nous puissons vider cette querelle entre nous et entre nos Colonies, sans que nos Maîtres s'en mêlent. De mon coté, je m'efforcerai d'obtenir la même autorisation.

Peut-être Votre Seigneurie m'apprendra-t-elle à faire la guerre."

Não menos insolente o trecho que se segue:

"J'ai une maxime: Rien ne se fait dans mon Gouvernement sans que j'en sois informé par le menu. Je fais tout par moi-même; et je ne prends conseil que de moi-même. Si Votre Seigneurie voulait adopter cette méthode, nous vivrions en parfaite harmonie, les interêts de nos Maitres seraient sauvegardés, et nous serions les pères de nos colons."

CAPITULO VI

A vistoria de Palheta na Montagne d'Argent. Termo desta vistoria e da que, em 1728, realizou Diogo Pinto da Gaia

A 13 de maio de 1727 examinou Mello Palheta o local onde, ainda quatro annos antes, vira João Paes do Amaral o padrão chantado, quasi um seculo antes, em 1639, no alto da Montagne d'Argent e arrancado, no anno anterior, pelos francezes.

E desta vistoria fez lavrar auto de que realizara a vistoria em presença de um alferes e dois soldados da guarnição de Cayenna.

O revelador deste documento notavel, foi Antonio Ladislau Monteiro Baena no seu hoje tão raro *"Discurso ou memoria sobre a intrusão dos francezes de Caiena nas terras do Cabo do Norte em* 1836."

Rio Branco reproduziu-o de um codice (479 A) do Archivo do Conselho Ultramarino.

"Termo de vistoria, que o sargento mor Francisco de Mello Palheta mandou fazer aos marcos da divisão da Montanha Arjan, aos 13 de maio de 1727.

Aos treze dias do mez de Mayo de mil setecentos vinte e sete foy o Sargento-Mór e Commandante da Tropa de guerra da Guarda Costa Francisco de Mello Palheta, com toda a Tropa da Guarda-Costa e hum Alferes de Infantaria da Praça de Caena e dous Soldados seus, que tinha vindo com hum Destacamento para hum Prezidio que de prezente se acha dos Francezes de Caena nas terras d'El Rey de França, situado no rio Vayapoco.

Hahi o dito Cabo e Commandante, e o Ajudante da Tropa, Francisco Xavier e Sargento João Freire, e alguns Soldados e o Revdo. Pe. Missionario, e Capelão Fr. Bernardino de Santa Thereza, juntamente o dito Alferes subirão todos ás alturas da Montanha de Arjam, que fica na boca do rio Vayapoco, entrando por elle dentro á mão direita, onde tinha estado o Capitão João Paes do Amaral e dito por elle se achava em humas pedras esculpidas, as Armas d'El Rey de

Portugal, as quaes armas servião de demarcação ou divisão das terras de huma e outra Corôa.

E chegando todos os sobreditos, que aqui vão assignados, ao mesmo lugar, vio o dito Cabo e Commandante as pedras com outras mais perguntou aos Soldados Antonio Coelho da Silva, Antonio Baptista, e alguns indios Cavalleiros, que com o dito Capitão João Paes do Amaral tinhão hido e estado no mesmo lugar, se erão aquellas as mesmas pedras, que tinhão achado com as Armas Reaes lhe responderão todos que erão as proprias, que tinhão visto com aquellas mesmas pinturas, e que não havião outras mais que aquellas.

Logo, pelo dito Cabo e Commandante, foi dito, em presença de todos. a Constantino Leal, tirasse em hum papel as mesmas pinturas de cada huma daquellas pedras; o que logo o dito fez tirando a pintura que em cada huma das ditas pedras se achava esculpida, e ao depois de se ter tirado no papel as pinturas das ditas Pedras como verdadeiramente estavão postas em cada huma delas, chamou o Cabo e Commandante a todos os sobreditos dizendo-lhes que vissem bem a pintura das Pedras e a do Papel se era tudo o mesmo para com ella informar ao seu governador ao que todos responderão que erão as mesmas que as pedras estavão riscadas, e lhe não faltava mais do que estava esculpido nas pedras, como tambem as pedras pequenas toscas nativas que no mesmo lugar estavão. O que tudo vae aqui posto; e as Pessoas que aqui se achavão presentes todas assignadas.

Vayapoco treze de Mayo de mil setecentos vinte e sete annos. Frei Bernardino de Santa Thereza — Francisco Xavier Boterro — Balthazar Pinto — João Freire de Carvalho — Jorge Vara Manrique — Constantino dos Santos Leal — Antonio Coelho da Silva — José Gonçalves — José Luiz de Araujo — Anacleto da Costa — José Mendes Simplicio — Antonio Baptista Santos — Manoel Machado.

Ao original do documento acompanha o desenho a que elle se refere, a obra de um Constantino Leal, natural de Catié, e morador de Vigia. A este desenho não reproduziu Rio Branco allegando, diz Basilio de Magalhães que se limitou a ponderar que os soldados e indios da expedição de João Paes do Amaral, realizada em 1723, e que foram ouvidos por Palheta em 1727, se enganaram e deram informação inveridica ao militar paraense, porquanto o padrão portuguez, desde 1726 estava no fundo do mar, por ordem de Claudio d'Orvilliers.

Disso se convenceu João da Maia da Gama, o qual con-

forme Baena nutriu logo a "suspeita de que mão franceza teria operado aquelles riscos." Achava-se disposto a tirar o caso a limpo quando lhe chegou o successor no governo do Estado do Maranhão, Alexandre de Souza Freire (14 de abril de 1728), que inteirado por elle da gravidade do facto, não tardou a despachar nova expedição, embora sem o aparato de força da anterior, sob o commando do capitão Diogo Pinto da Gaia, para proceder a mais um exame nas pedras da montanha d'Argent. Della fizeram parte dois homens da de Palheta, Jorge Vara Manrique e Antonio Coelho da Silva. Dessa incumbencia dá conta o seguinte documento (apud. Baena).

"Termo de Vistoria que no dia 10 de junho de 1728 mandou fazer o capitão commandante Diogo Pinto da Gaia ás pedras do monte chamado d'Arjan, que se acham na bocca do rio Vicente Pinçon.

Aos dez dias do mez de junho do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e setecentos e vinte e oito, estando o Commandante em cima do monte chamado d'Arjan onde se achão as pedras riscadas, e por elle foi dito aos Soldados, que haviam acompanhado ao Capitão João Paes do Amaral e a Francisco de Mello Palheta, cabos de Guarda Costa, que os annos atras havião chegado a aquelle monte, onde se achavam as pedras em que foi fazer Vistoria, se erão aquellas as proprias pedras dos Marcos, que elles haviam visto, ao que elles responderam que sim. O que ouvido pelo Commandante ordenou que se fizesse exame tirando os riscos de cada uma por si distinctamente para o que nomeou o Soldado Damazo Botiller fizesse esta diligencia em sua presença e se acharam ser umas pedras que foram riscadas e com bem de riscos como mostra a pintura della ver a effigie.

E vio-se mais que nenhuma das ditas pedras mostrava ser lavrada nem ter feição por serem de sua natureza criadas no coração daquelle monte toscas na criação da terra; e não se continha mais, e de tudo mandou o Commandante fazer este termo, eu Damaso Botiller Ramos que escrevi: Jorge Vara Manrique — Diogo Pinto da Gaia — João da Costa Cintra — José Mendes de Ataide — João de Braga — Francisco Antonio Coutinho — Luiz da Cunha Diogo — Diogo Coelho de Almeida — Antonio Coelho da Silva.

Commentando estes factos e as observações de Rio Branco, escreve Basilio de Magalhães.

A conformação dos dois desenhos — o feito por Constantino dos Santos Leal e o devido a Damaso Botillier Ra-

mos — com a descripção do marco lavrado, visto por João Paes do Amaral em 1723, deixou fóra de duvida a feia e inutil acção dos francezes de Caiena.

Tanto estes, quanto os portuguezes do Pará, ligaram demasiada importancia ao velho padrão, que não merecia, porquanto, como bem ponderou o barão do Rio Branco (op. cit. III, pag. 122), "designou o tratado de Utrecht, o nome do Rio, que devia servir de fronteira, e não disse que esta seria estabelecida no ponto em que se encontrassem antigos marcos.

Quem poderia prever que, indo fazer averiguações sobre a existencia de uma balisa, alli posta quasi um seculo atraz, na montanha d'Argent, haveria Francisco de Mello Palheta, ao invés de achal-a, desentranhar dalli o verdadeiro productor de "argent", o cafeeiro, que seria, pouco mais de um centenario depois, a maior riqueza do Brasil?

Tendo dado desempenho ao objectivo principal da sua incumbencia militar, julgou Palheta de bom alvitre, dirigir-se á capital da Guiana Franceza, ou para receber das mãos de Claude d'Orvilliers a resposta á carta de João da Maia da Gama ou para agradecer aquelle governador a gentileza da presença de um official e dois soldados, que o mesmo enviara, para assistirem á vistoria dias antes effectuada."

Parece que Palheta chegou a Cayena mal euroupado ou pelo menos elle julgava a sua farpela pouco digna de uma representação official em presença de Sua Excellencia o delegado do Rei Christianissimo.

Assim, desobedecendo formalmente ás ordens expressas de seu chefe, exaradas no capitulo X de seu Regimento, resolveu fazer valer, de modo mais condigno, a sua posição de enviado do Rei Fidelissimo e, para tanto, recorreu ao sortimento de um tal Dufour, morador da capital da possessão franceza e, provavelmente, negociante ou, pelo menos, alugador de *défroques*.

Delle adquiriu roupas finas e da moda. E esta circumstancia lhe valeria, no decorrer dos seculos, a fama de mau pagador, senão mesmo caloteiro.

Esta arguição surgiu na massa dos documentos reunidos pelo Barão do Rio Branco para a defesa dos direitos do Brasil sobre as terras do contestado do Amapá.

E' o eterno caso do *habent sua fata...*

A 10 de agosto de 1729, o governador da Guyana, que agora era de Charamille, aliás interino, escrevia a Alexandre de Souza Freire, então Capitão General governador do Estado do Maranhão, queixando-se da incorreção do official

lusitano: "Votre capitaine Francisque de Mello Pailette, doit à un autre du Four, habitant, un manteau justeaucorps et culotte d'écarlate et un chapeau brodé qu'il emporta avec lui il y a deux ans on n'entend point parler du paiement convenu: si des personnes d'un certain rang ont de tels procedés, que penserait-on des autres, je donnerais le temps de se repentir à quiconque d'icy que tomberoit en semblable cas."

A' 17 de novembro de 1729, respondia Souza Freire, explicando que chamara Palheta a contas.

Desappareceu o original portuguez, mas Rio Branco encontrou a sua traducção nos maços relativos á Guyana dos *Archives du Ministère des Colonies.*

Negou Palheta categorico a imputação que se lhe fazia.

Eis o trecho transcripto em Rio Branco (III, 166):

"Pour ce qui regarde la dette particulière de Francisque Mello Pailette, que vous me donnez avis qu'il est defendu, non seulement à lui mais à toute personne de faire negoce sur ce que vous m'avez dit; m'informant de luy il a nié absolument. En semblable matière, les généraux ne peuvent ôter la jurisdiction aux tribunaux ou se doivent justifier les dettes et en ordonner paiement par leurs sentences."

Entende Basilio de Magalhães que Palheta, mau grado a escassez de recursos, não praticou o deslise assacado por de Charanville.

Ia agora passar-se a famosa occurrencia que lhe immortalisaria o nome, trazendo ao Brasil uma riqueza nova e formidavel.

Fazendo a summula dos acontecimentos que se prendem á missão de Palheta, teve Joaquim Caetano da Silva o ensejo de ser o revelador do nome integral do sargento-mór, de quem, como veremos, só se conhecia, até então, o patronymico, mercê de um relato do bispo do Pará, D. Fr. João de S. José Queiroz.

Nesse livro famoso, que é *L'Oyapoc et l'Amazone,* equivalente a um exercito de cem mil homens á fronteira da da Guyana, no dizer de Dom Pedro II, escreveu o nosso ilustre diplomata:

"O artigo dez do tratado de Utrecht prohibia aos habitantes de Cayenna, e do modo mais explicito, a navegação e franquia do Amazonas, e o artigo doze lhes interdictava, com a mesma imperiosidade, o commercio do mesmo rio. No emtanto, mau grado esta dupla, formalmente enunciada, alguns habitantes de Cayenna se introduziram furtivamente no Amazonas, no mez de junho de 1722; commerciaram com os na-

turaes do paiz, e, para arranjarem escravos, valeram-se dos indios da grande ilha de Marajó, para assaltar o arraial de Moribira, na pequena ilha dos Guaribas, nas vizinhanças da cidade do Pará. E um anno mais tarde, em agosto de 1723, um navio de Cayenna, simulando uma arribada, mas tendo como unico fim o contrabando, fundeou no proprio porto do Pará."

Ora, o governador do Pará, por occasião de ambos os incidentes João da Maia da Gama, não era mais tolerante que Albuquerque Quando os vizinhos penetraram clandestinamente no Amazonas, limitara-se a enxotar o bando de Marajó, recrutado por estes depredadores.

Mas, quando viu que os contrabandistas de Cayenna, escarnecendo do tratado de Utrechet, se estabeleciam á sua frente, não se conteve. Havendo os cayennenses explorado a margem oriental do Amazonas, quiz Gama que os Brasileiros fossem a seu turno fincar o pé á margem occidental do Oyapoc. Assim, confiou o desempenho desta desforra ao capitão de infantaria João Paes do Amaral, que, já no anno precedente, fôra o desforçador do insulto de Moribira.

Precisavam, comtudo, de algum bom pretexto; assim, allegou o Governador como motivo da expedição a curiosidade de verificar se á embocadura do rio de Vicente Pinzon existia um padrão que, segundo alguns historiadores, alli fôra collocado por ordem do Imperador Carlos Quinto.

Partindo do Pará, em outubro de 1723, e estando de volta no mez de setembro, proclamou Amaral *urbi et orbi* que encontrara, na ponta occidental da bahia do Oyapoc, o marco historico; affirmando ter reconhecido, distinctamente, na divisa, muito mais do que o brazão de Carlos Quinto — as armas do rei de Portugal.

Não houve em Cayenna quem com esta nova se não impressionasse, insinuando a possibilidade da perda da margem esquerda do Oyapoc, em virtude de alguma modificação no tratado de Utrecht. O governador representou o seu governo sobre a conveniencia de se cobrir a fronteira oriental da colonia com um posto militar. Approvou o ministerio tal projecto a 6 de março de 1725; e, no mez de julho de 1726, um destacamento da guarnição de Cayenna inaugurou a margem franceza do Oyapoc, a saber do lado esquerdo, o forte de São Luiz.

Attingindo o seu *desideratum*, que era, simplesmente, mostrar aos contrabandistas de Cayenna que impunemente não se conculca a lettra dos tratados, entendeu o governador do

Pará, de boa politica, tranquillisar os honrados habitantes da colonia franceza.

Assim, a 13 de maio de 1727, o major Francisco de Mello Palheta, em presença de um alferes e dois soldados da guarnição do forte francez do Oyapoc, realisou na Montague d'Argent o desenho exacto das suppostas armas reaes, ficando officialmente comprovado que não passavam de traços informes sobre uma pedra bruta.

O leal procedimento de Gama foi de tal modo apreciado na colonia franceza, que valeu ao Brasil, da mão da senhora governadora de Cayenna, da mulher de Claude d'Orvilliers, a preciosa introducção do cafeeiro."

Seria Palheta, pois, o transplantador dos primeiros cafeeiros ás terras brasileiras.

Do modo pelo qual se processou tal transplantação, o primeiro relato é devido a Fr. João de São José Queiroz, no seculo João de Queiroz da Silveira (1711-1764), benedictino notavel, nomeado bispo do Grão Pará a 10 de outubro de 1759 e sagrado em 1760.

Fez sua entrada solemne em Belém a 31 de agosto de 1760, regendo a sua immensa diocese até 24 de novembro de 1763, anno em que, tendo cahido no desvalimento de seu patrono, o conde de Oeiras, viu-se revocado e desterrado para um convento do norte de Portugal. No anno seguinte, elle veio a fallecer, deixando de seu caracter opinião pouco lisongeira pelo muito que se subordinou ao regalismo pombalino que afinal o devoraria.

Pela vastidão das terras de sua prelazia realizou duas visitas pastoraes, que se tornaram celebres, graças aos relatorios que sobre estas jornadas redigiu; documentos de inestimavel valia para o estudo dos primeiros annos da Amazonia. Mostra-se nestes escriptos ferozmente adversario dos jesuitas, que acabavam de ser expulsos (1759) no mesmo anno do horrivel morticinio dos Tavoras e do duque de Aveiro, realizado com uma crueldade digna do codigo criminal da China. Esta subserviencia a Pombal desabona-lhe immenso o caracter e quasi nada lhe rendeu, afinal, senão dissabores que lhe abreviaram a vida.

Publicou o Instituto Historico Brasileiro, em 1847, valendo-se de um manuscripto offerecido por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, o douto bibliothecario da livraria eboracense, a narrativa das segunda visita. E, em 1868, Camilo Castello Branco foi o primeiro a desvendar as *Memorias de Fr. João de S. Joseph Queiroz, bispo do Grão Pará,* que pre-

faciou longamente, com a immensa erudição que tinha das cousas do passado portuguez.

A respeito da personalidade do antistite belemnense, escreve Basilio de Magalhães:

"Que cogulado intrepido, no dizer a verdade e em zurzir os homens e costumes daquelle tempo! Não poupou a ninguem, muito menos aos jesuitas, pelos quaes manifestou acentuada ogeriza, e verberou com ironia em que fez entrar até o demonio, a indolencia dos paraenses. Eis um lanço que merece reproduzido.

"Assustando que a raiz dos vicios no Brasil é a preguiça, para que concorre muito o clima, o Demonio, que perdeu a graça, e não a natureza de substancia intellectiva, mede com conhecimento especulativo e pratico as inclinações, os climas, as circumstancias todas, para influir.

Não dorme, sem embargo de que até elle na America se nos representa como o outro de Alexandria, descansado, unicamente observando, como demonio da preguiça; assim foi visto por um padre do ermo, affectando estar ao sol sem mais cuidados.

Nenhuns parece ter commumente no Estado; havendo rede, farinha e cachimbo, está em termos. A frugalidade da mesa pode passar, se fosse coherente o beber; e, quando mais, é expressivo vulgar a da seguinte endecha ou trova:

Vida do Pará,
Vida de descanso;
Comer de arremesso
Dormir de balanço."

Discordando do nosso eminente confrade, relembremos que a imparcialidade não foi das qualidades mestras do illustre bispo. Nos seus escriptos impressiona a vehemencia ou antes, a virulencia furibunda com que sempre se refere aos jesuitas.

Poucos sequazes terá tido Pombal tão encarniçados na sua animadversão real ou interesseira aos ignacinos.

Escreve Basilio de Magalhães:

Na "Visita primeira — 1761 — o dito mitrado ainda não conhecia a versão exacta de como entrara no Pará a util rubiacea.

Assim, narrando o que vira numa propriedade agricola, sita entre os rios Guamá e Capim, na qual passara o dia de Natal de 1761, escreve Dom Frei João de São José Queiroz:

"No dia 24 (de dezembro de 1761), fui jantar á igreja

de S. Domingos da Boa-Vista, que fica bem no sitio onde o Guamá se une com o Capím, de cuja confluencia resulta uma copia e peso d'aguas mui notavel.

"E' dos grandes pontos de vista que encontrei... Aqui nós dissemos as missas do natal a muita gente. E aqui nos veiu esperar o capitão Agostinho Domingos com sua mulher, D. Antonia, virtuosos casados da cidade de Belém, sendo elle do arcebispado de Braga. Obrigados d'elles fomos passar o dia de Natal até amanhã da segunda oitava em o seu sitio, onde nos hospedaram magnificamente... No dia 27, pelas duas horas da tarde, deixamos este aprazivel sitio e não menos util pelas producções de cacau e café, sendo Agostinho Domingos o primeiro que teve esta ultima planta, mandada vir de Cayena pelo Governador João da Maya. Cayena pertence á França. Se pertencesse á Inglaterra, seria crime de morte communicar-se a Portugal a planta do café.

"Na *Viagem e visita do sertão em o bispado do Grão Pará em* 1762 — *e* 1763 na Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro (vol. IX, pags. 61-62) rectifica o bispo a asserção anterior, juntando-lhe mais curiosos pormenores — entre os quaes, o que mais nos interessa — pela forma seguinte (refere-se a um sitio da igarapé de Procuruy), por causa dos ventos fortes, para seguir no dia seguinte a Garupá. A tal respeito escreve o prelado:

"Na tarde penetramos pelo tal rio dentro, onde havia muita caça nas arvores e muitos jacarés, que logo se occultavam; suppomos que estes são os animaes amphibios que os latinos e muitos autores chamam crocodilos, convindo-lhe bem todos os signaes, menos o de fingir que choram, que é maior fingimento dos que primeiro o sonharam, do que artificio para lhe acudirem compassivos.

"Vimos muita quantidade de guaribas, especie de macacos, e tão destros como elles nunca se punham a tiro, occupando neste sitio, os ramos mais altos das sumaúmeiras, celebres arvores de que se tira aquella especie de sêda ou lã, que com o sabido nome de sumaúma amarella uma e outra branca, servem de occupar os colxões de mais regalo.

"Aqui vimos pela primeira vez a arvore do cacau, plantada pela natureza de que estas ilhas do rio abundam nas vizinhanças de Guarupá, não assim das arvores do café, pois todas desta especie têm sido plantadas, e primeiro vindas de Caiena em tempo, do governador do Estado João da Maia, o que se deveu á generosidade de uma francesa, mulher do governador da praça, que, sabendo a prohibição e estudo com

que andavam os seus nacionaes para que se não communicasse a um portuguez, de quem ignoramos o nome, e só sabemos ser N. Palheta, que alli se achava, indo este visitar seu marido, e sahindo todos a passeio, elle generosamente lhe offereceu em presença do esposo (que se sorriu), uma mão cheia de pevides de café, praticando a galanteria de ser a mesma que lh'as introduzia no bolso da casaca, obrigando-o de tal sorte, que lhe não sobejaram as expressões com que mostrou agradecer muito a madame esta franqueza e bizarria.

"E logo em Belém se repartiram pelo governador e homens de negocio, entre os quaes não foi dos segundos Agostinho Domingos, natural do arcebispado de Braga, junto ás Caldas do Gerez, e casado em Belem, homem de muita honra, verdade e cabedaes, cuja procedimento autoriza bem as suas cãs na avançada edade de oitenta annos de quem recebemos immediamente esta especie, quando nos mostrou os seus cafesaes no rio Guamá.

"Aqui mesmo achamos arvores de fruta, como são as do mamão, excellente para conservas, e bananas, singular remedio dà pobreza, ainda que defluxionarias, se exceptuarmos as chamadas de S. Thomé, menores e sadias. Sendo as melhores assadas e passadas por assucar em ponto com gemma de ovos e canella, excellente remedio para os enfermos do peito, e lisonja para regalos dos glutões, cujo Deus é o ventre, e se chamam modestamente pessoas de gosto delicado ou de bom gosto.

"Vimos, depois, a arvore do assucú, cujo leite é refinadissimo veneno, não assim as fructas, pois, frequentissimamente, se aproveitam dellas varias aves.

Dizem ter succedido assar carne em páos que suppriam a falta de espetos, e, sendo de assacú os taes, todos os que comeram perderam, infallivelmente, logo a vida, vendo-se em grande consternação por este principio o padre Fr. Francisco de Magdalena, religioso carmelita calçado, a quem morreram quasi todos os indios vindos do Rio Negro, reduzida a equipação a tres unicamente. E', finalmente, abundante este rio de Pocurui, de grandes cobras que não vimos.

Pela manhã, fomos abordar no sitio ou terra de Gurupá, vindo encontrar-nos ao rio a attenção do commandante da fortaleza, Clemente de Almeida, sem embargo do vento, que lhe estava contrario pela prôa, com quem vinha tambem o engenheiro genovez Domingos Sambosette, e o vigario actual Manoel Ribeiro, com outro clerigo chamado Manoel Moreira."

Commenta Basilio de Magalhães:

"Note-se que, em 1763, haviam decorrido apenas 36 annos da entrada do cafeeiro no Pará e que o monge-bispo, bisbilhoteiro a mais não poder, colheu alli viva a tradição corrente entre os velhos agricultores. O chamar elle a Palheta "portuguezes" deve ser entendido, conforme expliquei, atraz, em caso analogo, como appellação geralmente dada aos colonos brancos, embora não reinóes."

Realmente, como já lembrámos, naquella época, portuguez podia designar um reinól ou um brasileiro nato.

"E ainda me cumpre acceitar a plausivel versão, por elle exposta, de que a gentileza de Mme. Claude d'Orvillers foi feita a Palheta, em um passeio, durante o qual, sem duvida chegaram a algum cafezal, onde ella, para acudir ao desejo que viu luzir nos olhos do militar paraense, apanhou bons punhados de rubras cerejas da rubiacea e lhas metteu num bolso da casaca, ante o sorriso condescendente do marido."

Manuel Barata, cujo conhecimento das cousas da Amazonia era enorme, contestou a versão do Bispo em sua *A antiga producção e exportação do Pará.*"

"O café, como é sabido, foi o Pará o primeiro Estado que o plantou, em 1727.

Em maio desse anno, o sargento mór (major) Francisco de Mello Palheta, que tinha ido á Cayena no desempenho de uma commissão do governador e capitão general do Pará, de lá trouxe "mil e tantas fructas e cinco plantas", de café, segundo declara o mesmo Palheta.

E vem aqui a pêlo dizer que não é verdadeira, nem verosimil, a versão, propalada pelo bispo D. Fr. João de S. José de Queiroz e repetida por outros escriptores, de que as sementes de café trazidas por Francisco de Mello Palheta foram-lhe dadas pela mulher do governador de Cayena (Claude d'Orvilliers), a qual, por galanteria, mettera no bolso da casaca (do collete, dizem outros) de Palheta uma mão-cheia dellas, na presença do proprio governador.

Tudo induz a crer que o commandante da expedição de 1727 tenha ido ao palacio da suprema autoridade de Cayena. E' de presumir-se que lhe hajam servido alli uma chicara de café, que elle, tomando pela primeira vez na vida, enchesse de gabos enthusiasticos, lamentando não existisse ainda, nas terras da sua Patria um planta de que se extraria tão saborosa bebida.

E, se Mme. Claude d'Orvilliers, com a galanteria peculiar das francezas de bom tom, lhe metteu num dos bolsos da casaca, á vista do marido, sorridente, alli, ou alhures, um

punhado de grãos de café, dizendo-lhe, talvez, que com os mesmos poderia elle renovar, em casa, quando regressasse a Belem, o prazer que então experimentára com a deliciosa beberagem qual a inverosimilhança que haveria nisso?

E' certo que não foram apenas sementes que lhe coubessem num bolso de casaca as que dalli trouxe elle para o Pará, e sim "mil e tanta frutas e cinco plantas de café," conforme expoz no requerimento, dirigido a D. João V. Não será, porém licito supor-se que, appellando para a dadiva da amavel consorte, tenha elle conseguido de algum francez interesseiro quantidade maior de grãos e os pés vivos da *coffea arabica?*

Pouco importa que, na petição ao monarca portuguez, não haja elle falado na doação com que o distinguira a senhora do governador da Guiana Franceza. Se algum outro motivo a isso não o compelisse, basta que se considere que, no mencionado requerimento, envidou por em destaque as difficuldades que se lhe antolharam para obter as sementes e plantas de cafeeiro, e citar o gesto gracioso de Mme. Claude d'Orvilliers seria contraproducente nos intuitos a que visava."

Muito delicados, os conceitos do douto escriptor sanjoanense, que a estas phrases se seguem:

"Aliás, a intervenção, lendaria ou real, dessa mulher, no caso da introducção do café em nossas plagas, a exemplo da amante de De Chirac, que propiciou a De Clieu a trazer a "coffea arabica", para a Martinica — seria tão somente um motivo poetico. Palheta adquiriu em Cayena cinco pés de cafeeiro e muito maior porção de sementes do que as que a tradição attribue á fidalga mão dadivosa de Mme. Claude d'Orvilliers. Como, porém, não se exalçaria a tradição, se a aformosentasse um gesto feminino! — a divisa da expedição de La Ravardiére contra o Maranhão — passaria a ser o do nosso café... (Tanti dux femina facti)."

Aos francezes faltava autoridade moral para que inculpassem a Palheta de violador do bando então publicado e em que se lhes vedava a alienação do "café capaz de nascer aos portuguezes," porquanto aquelles só o obtiveram clandestinamente, senão por audacioso furto, na colonia hollandeza de Surinam.

Commenta Barata:

"Foram os hollandezes os primeiros que, em 1720, introduziram a plantação do café na sua colonia de Surinam, de algumas plantas que Hansbach para alli levara do *Hortus Medicus* de Amsterdam.

Ciosos do famoso producto, trataram de o monopolizar em proveito exclusivo. Os francezes de Cayena poderam, porém, consegui-lo clandestinamente, e o plantaram nessa colonia, em 1723, procurando tambem, por sua vez, monopoliza-lo ciosamente.

Mas, do mesmo modo que dos hollandezes o conseguiram os francezes, conseguiu tambem Palheta trazel-o de Cayena para o Pará, segundo se deprehende do seu modo de dizer na petição a D. João V."

Prohibiam os hollandezes a venda do café quer sob a forma de mudas quer até sob a de simples cerejas.

Affirmou Lourenço Granato, em seu "o segundo centenario da introducção do cafeeiro no Brasil" que a um tal Rosier de Breton, presidiario francez homisiado no Surinam, attribue-se o furto do café hollandez para ser plantado na Guyana Franceza, o que conseguira realizar em 1719, afrontando graves perigos, tudo a troco do perdão dos delictos que lhe haviam causado a deportação.

Escreve Basilio de Magalhães:

"Foram entregues os preciosos grãos a d'Albon (l'Ordonateur Paul Lefévre. Admittem outros que isso occorreu em 1722 (v. F. L. Burlamaqui, "Monographia do cafeeiro e do café"), Rio de Janeiro, 1860 ou em 1725 (dr. Waldemar Peckolt), e que o autor do furto foi um certo Morgues, garimpeiro francez, que, sahindo de Cayena, arriscou a propria vida na subtracção dos frutos maduros, que tirou de um cafezal de Surinam, vindo vendel-os, por alto preço, aos agricultores da capital da Guyana Franceza."

A observação do bispo fr. João de São José Queiroz, mais favoravel aos francezes do que aos inglezes, quanto ao monopolio dos productos coloniaes, é confirmada pelo trecho de uma carta dirigida ao governador do Estado do Maranhão, Alexandre de Souza Freire, em 10 de agosto de 1729, por De Charanville, governador interino da Guyana Franceza, e respondida a 1.° de novembro do mesmo anno. Por ellas (v. barão do Rio Branco, op. cit. t. III pags 162 e 165) verifica-se ter este, enviado áquelle, o presente, além de uma garrafeira de bom vinho de França de um "barril de café". Se se tratava de grãos não torrefeitos, como é de suppor-se, mais uma vez se poz de manifesto ao lado da galanteria franceza, o espirito liberal dos pro-consules de Luiz XIV e de Luiz XV.

Circumstancia a observar-se é, porém, a seguinte, o facto de haver escapado a eruditos do tomo de Barata, Basilio e Hildebrando de Magalhães e J. Padberg outra versão antiga,

sobre a introducção cafeeira no Pará, devida a um noticiador *di primo cortello* nada menos do que Alexandre Rodrigues Ferreira.

Occorre no *Diario da Viagem Philosophica pela copitania de São José do Rio Negro com a informação do estado presente.* Vamos aqui inseril-a na integra.

"O que eram o algodão, o urucú, o cacau, etc. seriam arbustos silvestres antes de o cultivarem! Apenas tratamos delles e os chamamos para os nossos quintaes e para as nossas roças, immediatamente vemos os algodoaes, cacaoaes, etc. que, dentro das nossas casas, estamos desfrutando, mas estas são plantas indigenas, que nenhuma admiração cauzam, se vivem dentro do mesmo paiz.

Delle não era o café, porque pelos annos de mil setecentos e trinta e tantos o introduziu no Estado o capitão de infantaria Diogo Pinto da Gaia, o qual havendo passado a Caienna, a levar os escravos francezes, que se achavam refugiados no Pará, no designio de reconduzir os nossos, trouxe a semente dentro de um barril de farinha de trigo, que os mesmos Francezes lhe deram para tornar viagem, sem tal suspeitarem delle quando deram vistoria á canoa do seu transporte. Cultivou-a no quintal das casas, que hoje são da viuva de Manoel da Cunha Barros; vendeu a 4$800 réis a libra das primeiras sementes, que colheu, dispondo os fructos que vendia, como em Portugal se dispõem as cerejas, e daqui procede a abundancia que hoje ha."

E' evidente o erro da informação de Rodrigues Ferreira, insustentavel em face da documentação hoje conhecida.

Mas não deixa de ser curiosa esta versão, partindo de quem parte.

Como vimos, a expedição de Diogo Pinto da Gaia é de 1728 e não de "trinta e tantos", como se diz.

A respeito da introducção do cafeeiro no Pará escreveu o Dr. Joaquim de Almeida Genú, um artigo que, depois de lido perante o Instituto Historico do Pará, a 27 de maio de 1927, e publicado no "Correio do Pará", sob o titulo "O centenario do café no Brasil — o café no Brasil", foi transcripto no Boletim do Ministerio da Agricultura (XVI, 152).

Seria Palheta official de terra ou de mar? indaga Basilio de Magalhães, querendo explicar porque os documentos ora lhe chamam sargento mor, ora capitão ou tenente da guarda costa.

A ambas as forças armadas, marinha e exercito pertenceu, no pensar do erudito autor.

A tal proposito, recorda palavras de Camillo Castello Branco: "O sargento mor das antigas milicias era um potentado immediato na gerarchia ao capitão mor, com quem por igual se repartiam os lombos e os respeitos sociaes."

Recorramos ainda a Basilio de Magalhães:

Por ordem de 10 de outubro de 1722 ("Annaes da Bibl. eArch. Pub. do Pará", 1905, t. IV pag. 115), determinára D. João V: "... os soldados pagos não devem passar aos postos das ordenanças, salvo se forem para os de ajudante ou salgentos mores do regimento delles, e que, quando não tirem as patentes de confirmação por my, os podereis obrigar outra vez a serem soldados, e que de nenhuma maneyra se lhes possão aceitar deixações dos ditos postos."

Francisco de Mello Palheta chegou effectivamente ao posto de sargento-mor, no qual foi provido por um dos governadores do Estado do Maranhão, pois qual João da Maia da Gama lhe dá tal tratamento. Não pediu, porém, ao soberano confirmação da patente.

Tendo de ser investido, em 1727, do commando da expedição á Guyana Franceza — cargo que competia a um capitão — tenente de guarda-costa, preferiu a patente da marinha, na qual, provavelmente, fizera a bandeira de 1722 a 1723, áquella outra milicia territorial.

Deu-lha João da Maia da Gama e para ella solicitou a necessaria confirmação regia, que foi negada, por não disporem os representantes metropolitanos de tal faculdade, que accarretava augmento de despesas ao erario lusitano.

Não se conformou com esse despacho o espirito de justiça do sobredito governador, que respeitosamente insistiu pela confirmação já impetrada. Rendeu-se-lhes ás razões o monarcha, qual se vê do seguinte documento ("Annaes da Bibl. e Arch. Pub. do Pará, 1902, t. II pagina 200):

"Dom João, et. — Faço saber ao Governador e Capitão General do Estado do Maranhão, que se vio o que respondestes em carta de 10 de setembro do anno passado á ordem que vos foi em que se vos declarava, não fora servido deferir a Patente de confirmação do posto de Capitam-Thenente de guarda-costa em que provestes a Francisco de Mello Palheta, por vos não competir o dito provimento por respeito de ter soldo, representando-me as razões que vos obrigavão a fazer o dito provimento, fora o fundamento principal de o haverem provido em tempos dos seus governos, Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho e Christovão da Costa Freyre, senhor de Pancas e vosso antecessor Bernardo Pereira de

Berredo, os quaes provimentos se lhe não reprovarão. Me pareceu dizer-vos tenhaes emtendido que sem embargo das vossas razões os postos que tem soldos não cabe nas jurisdicções dos Governadores desse Estado o poderem provelos mas que visto que Francisco de Mello Palheta está servindo este posto ha muitos annos lhe declareis mande tirar a Patente delle pelo meo Conselho Ultramarino, El Rey nosso Senhor o mandou por Antonio Roiz e a Dr. Joseph de Carvalho e Abreu conselheiros do seu Conselho Ultramarino esse passou por duas vias. Dionisio Cardoso Pereira a fez em Lisboa occidental a 4 de Novembro de 1727".

A essa provisão ainda se reportou D. João V, citando o caso de Francisco de Mello Palheta, na carta que dirigiu a Alexandre de Souza Freire, em 9 de junho de 1729 (v. "Annaes", cit. 1905, t. IV pags. 44-45).

"Alcançou, portanto, Palheta, pelo acto regio de 4 de novembro de 1727, o posto effectivo de capitão-tenente da guarda costa, que lhe dava 48$000 de soldo mensal, isto é, mais do que lhe proporcionaria a patente de sargento-mor, a qual ainda em 1757, rendia apenas 16$000 aos da praça do Pará e 36$000 aos do regimento do Estado (v. "Annaes da Bibl. e Arch. Pub. do Pará", 1906, t. V pags. 325-326)".

Durante quatro annos a documentação paraense, até hoje desvendada, mostra-se omissa quanto á pessoa de Palheta. Isso até 1733.

Nesta data reapparece como adeante veremos. Não se sabe, porém, se em tal época seria casado com D. Bernarda de Mendonça Furtado, de quem houve cinco filhos, ou já viuvo.

Homem de limitados recursos, sem dinheiro para adquirir escravos, em numero sufficiente, afinal costear grande lavoura tinha pequena plantação de café e de cacau nas terras de sesmaria que obtivera.

Commenta Basilio de Magalhães:

Cuidando, por certo de formar peculio para a familia — porquanto em 1773 devia andar beirando os sessenta annos, se é que já não havia transposto essa casa da velhice — e á vista da concessão, que lhe fora então assegurada, de novas terras a explorar, apressou-se a pedir ao rei, a cujo serviço estava desde a florescente quadra da mocidade a permissão de descer com casaes de selvagens do sertão amazonico, para o que precisava do immediato auxilio não só de cincoenta indios dos já aldeiados no Pará, como tambem do mais que demandava a bandeira, tudo por conta da fazenda real, que seria de-

pois reembolsada pôr ella da importancia assim adeantada, uma vez ultimada a diligencia.

Allegava achar-se endividado e não ter recursos para adquirir os aprestos indispensaveis á planejada incursão.

Nesse requerimento é que faz a historia pregressa dos seus serviços, entre os quaes põe em relevo o da introducção do café no Pará. Não assignou nem datou a petição, "segundo era costume do tempo, em que ainda não se tinha inventado o imposto do sello", conforme observa Manuel Barata. Remettida, porém a D. João V pelos tramites legaes, expediu o soberano, para opportunamente despachala, ordem ao governador do Estado do Maranhão para sobre ella prestar-lhe a necessaria informação. Assim, volveu ella a Belém em copia authentica que acompanhou a carta regia de 16 de fevereiro de 1734.

Por esta carta é que se póde calcular que o dito pedido de Palheta é de meiados de 1723, talvez logo que teve conhecimento do acto regio de 20 de março desse anno, que o confirmara na posse da sesmaria entre os igarapés, Aparijós e Guajará.

A carta regia é a seguinte:

"Dom João, etc. Faço saber a vos Governador e Capitão General do Maranhão que, por parte de Francisco de Mello Palheta se me fez a petição (cuja copia com esta se vos envia assignada pelo secretario do meu Conselho Ultramarino) em que pede lhe conceda Alvará para descer cem casaes de escravos do sertão do Ryo Negro, ou outro qualquer que se lhe offerecer como tambem mandar se dem ao supplicante cincoenta indios das Aldeas de Cahabe, morigure, simoumá, bocus, baricuru, mongabeiros, Cametá, jorjones para fazer os dittos resgates, e como está alcançado e não tem com que comprar o necessario para fazer os taes resgates que depois pagará da mesma viagem o custo que fizer. Me parece ordenar vos informeis com vosso parecer El Rey nosso Senhor o mandou pelo dr. Manoel Fernnades Varges, e Gonçallo Manoel Galvão de Lacerda conselheiros do seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias. João Tavares a fez em Lisboa occidental a dezeseis de Fevereiro de mil settecentos e trinta e quatro. O secretario Manoel Caetano Lopes de Lavre a fez escrever."

"A curiosa petição de Palheta, diz Manuel Barata, achase em copia authentica no "Arch. Pub. do Pará (cod. de "Alvarás, Cartas Regias e Decisões. Reinado de D. João V. 1734)".

Transcreve-a na integra o douto historiador do Pará, explicando as obscuridades do documento.

"Snr. Diz Francisco de Mello Palheta, Capitão Thenente e Guarda Costa, que elle Supplicante está actualmente occupado no serviço de Vossa Magestade e sómente com quarenta e outo mil réis de soldo; fazendo gastos escessivos, e experimentando grandes perdas, como na viagem do descobrimento do Rio da Madeira, fez de gasto hum conto, e dozentos mil réis; porque o mandou o Governador João da Maya da Gama ao dito descobrimento athe as indias de Hespanha, como fez athe chegar á Cidade de S. Cruz, e nas grandes Cachoeyras teve tres alagações em que perdeo tudo quanto levava, e depois foy mandado pello nosso Governador a correr a Costa, e á villa da Cayana fazendo tambem grandes gastos, sem que das ditas viagens fizesse negociaçõens algumas.

E vendo o supplicante que o governador de Cayana deitava hum bando á sua chegada que ninguem désse caffé aos Portuguezes capaz de nascer, se informou o Supplicante do valor daquella droga, e vendo o que hera fez dilligencias por trazer algumas sementes com algum despendio de sua Fazenda, zeloso dos augmentos das Reaes rendas de Vossa Magestade, e não só trouche mil, e tantas fructas que entregou aos Officiaes do Senador para que o repartissem com os moradores, como tambem cinco plantas, de que já hoje ha muito no Estado á como o Supplicante se acha muito falto de servos, e tem mil, e tantos pés de café, e tres mil pés de Cacáo, e não tem que lhos cultive, e se acha com sinco filhos P. a V. Magestade lhe faça mercê conceder por seo Alvará cem cazaes de escravos do Certão do Ryo Negro, ou outro qualquer, que se lhe offerecer, como tambem mandar se dem ao Supplicante sincoenta Indios das Aldeias de Cahebe (por Caeté, hoje Bragança), Mortigure (por Mortigura hoje Villa do Conde) simouma (por Sumauma, hoje Beja) bocus (por Bocas, hoje Oeiras), Caricurú (por Uaricurú, hoje Melgaço), mongabeiras (por Mangabeiras, hoje Ponta de Pedra), Camutá, gorjones (por Guaianas, depois Logar de Villar, hoje extincto) para fazer os ditos resgates; e como o Supplicante está alcançado, e não tem com que comprara o necessario para fazer os dittos resgattes mandar se lhe dê o necessario da Fazenda dos resgattes para que depois o Supplicante inteyre e pague da mesma viagem o custo que fizer".

"Esta petição não foi assignada nem datada, segundo era costume do tempo, em que ainda não se tinha inventado o imposto do sello; mas a julgar pela data da ordem regia que é

de 16 de fevereiro de 1734 (original no Col. e Arch. cit.), junto á qual foi ella enviada, por copia authentica, ao governador do Estado, para informar, deve ter sido escripta provavelmente em 1733".

Provocou este precioso documento lucidos commentarios de Basilio de Magalhães.

"Exige ainda alguns commentarios esse depoimento pessoal do introductor do café no Brasil.

Infere-se delle que o bando do governador da Guayana Franceza, pelo qual se vedava aos francezes vendessem café, "capaz de nascer", aos portuguezes, precisamente quando estes lá aportavam, numa diligencia vinculada aos dispositivos do tratado de Utrecht, lançou no espirito de Palheta, a suspeita de que aquella droga era de muito valor.

Tratou elle, por isso, de colher informações sobre tudo que se relacionava com aquelle fructo, prohibido de sahir de lá para as vizinhas terras da coroa lusitana.

Não consta que houvesse provado alli a deliciosa bebida, extrahida dos grãos da rubiacea; nem que tivesse ido, em companhia de Claude d'Orvilliers e da esposa deste, visitar um cafezal nos arredores de Cayenna; nem que mãos delicadas de uma dama de tal hierarchia tenham apanhado alli, durante esse passeio cordial, certa porção de rubras cerejas e lhas hajam gentilmente e desembaraçadamente mettido num dos bolsos da casaca.

Além de que estas minucias, sobretudo a da galanteria feminil, de que fora alvo, não eram de boa praxe num requerimento de favores, dirigido ao rei, bem andou Palheta em não as revelar, embora tivessem todas ellas cunho de realidade, porquanto seriam contraproducentes ao fim que elle colimava. Afigura-se-me verosimil a tradição que desde logo começou a correr entre os plantadores de café em terras paraenses, e que, ouvida em 1763, pela primeira vez posta em letra redonda pelo bispo frei João de São José Queiroz, porquanto, havendo Palheta trazido comsigo cinco plantas vivas e mil e tantas sementes de uma especie tão cara então e cujas vendas aos portuguezes importaria em incorrerem os alienadores nas mais severas penas, não se jactanciou elle das graves difficuldades que superou para tal aquisição, nem a exemplo da avultada quantia declarada com os gastos da expedição descobridora do rio Madeira, precisou a somma desembolsada com as mudas e grãos da *coffea arabica*.

Limitou-se a dizer isto: — "fez diligencias por trazer algumas sementes, com algum dispendio de sua fazenda". Ou

quem sabe se, para poder menos difficilmente comprar as mudas e grãos da valiosa droga, não inventou elle a scena de amavel dadivosidade de Mme. Claude d'Orvilliers, que depois se tradicionou como realmente acontecia?

Nada disso empana ou diminue o imperecivel serviço que, em 1727, prestou elle ao Brasil, para este trazendo o embryão da sua maior riqueza actual.

E que era essa a sua mira, confessa-o elle proprio na petição a Dom João V, e attesta-o a maneira como procedeu, apenas regressou a Belém.

Assim é que, ao allegar as diligencias feitas em Cayenna, para trazer dalll as sementes do café, disse ter sido impulsionado pelo zelo de ver augmentadas as rendas da corôa portugueza no Brasil. E patenteou esse intuito, porque, mal saltou, de regresso, na capital paraense, entregou quasi todas as sementes e pés vivos aos dirigentes do municipio, para que estes os repartissem pelos moradores em condições de encetar e desenvolver a lucrativa cultura.

E' de crer que da regular quantidade só houvesse reservado pequena parcella para si proprio, porquanto nas suas terras, sete annos depois (1733) havia apenas mil e tantos cafeeiros.

Não é licito affirmar-se que elle então fosse pobre. Em geral, os que eram totalmente baldos de recursos pecuniarios e aspiravam grangeal-os mediante graças do soberano, quando a este as pediam em recompensa de quaesquer serviços, não deixavam nunca de esclarecer a miseranda conjunctura em que se encontravam.

Não podia ser pobre quem tirava do bolso, aonde não mais voltara e para aquelle tempo, avultada quantia de..... 1:200$, accrescida de outras "grandes perdas", só na viagem de 1722 a 1723, de Belém aos confins da Actual Bolivia.

Na expedição de 1727, tambem fez "grandes gastos". E, em nenhuma dellas realizou negocios, de que lhe proviesse o menor lucro. Vencia o soldo de 48$000, que era o da sua patente effectiva de capitão-tenente da guarda costa e fazia "gastos excessivos", isto é, superiores a esse ganho. E' que elle não se sustentava, nem á sua familia (tinha cinco filhos), com o exiguo "quantum" com que se lhe inscrevia o nome na folha de pagamento do erario regio. Que explorou terras, presumivelmente as da sesmaria do rio Ubituba — deduz-se da petição acima transcripta.

Nellas possuia, em 1733, além do cafesal novo, já referido, tres mil pés de cacao. O que, principalmente, lhe faltava,

para manter e desenvolver essa lavoura, era sufficiente braço escravo. Achava-se "muito falto de servos" — era a sua queixa ao monarcha, e isso não significava senão que elle contava com pequeno numero de Indios captivos, incompassivel com o regular meneio da propriedade agricola.

Dahi o pedido para poder realizar a bandeira de resgate de cem casaes de selvagens do sertão amazonico. Em summa: — Francisco de Mello Palheta, em 1733, não era pobre, nem opulento; tinha medianas posses, ao que é licito inferir-se dos documentos coetaneos; estava, porém, endividado; e desejava endireitar a sua situação financeira, pois que já havia dobrado, desde alguns annos atraz, o cabo de meio seculo de existencia.

Deu o governador do Estado do Maranhão parecer favoravel á pretenção de Francisco de Mello Palheta e, mediante o "placet" regio, realizou o capitão-tenente da guarda-costa, já mais cuidoso da agricultura, do que da actividade militar, a projectada bandeira para descimento e resgate dos indios de que precisava?

Nada disso consta de documentos. E' até possivel que, com a dilação caracteristica da burocracia daquelle tempo, accrescida da demora das communicações entre a colonia e a metropole, já o despacho, favoravel ou não, nem sequer o alcançasse vivo...

Como quer que seja, — não se limitou elle a introduzir no Brasil mudas e semente de café. Fez-se tambem plantador da rubiacea."

Dos cafeeiros de Palheta partiriam para o Sul as mudas, de onde se originaria a quasi totalidade do immenso cafesal brasileiro.

E emquanto o café passava a constituir a maior riqueza de vasta zona do Brasil centro-meridional, no Pará, onde primeiro vicejara e fructificara, foi cahindo em abandono "A terra roxa é que estava destinada a ser a Chanaan do Brasil, graças ,principalmente, á maravilhosa planta oriental, escreve Basilio de Magalhães."

Muitos annos após o desapparecimento de Palheta, eralhe a memoria lembrada em documento official, a proposito de nossas incertas divisas com a Guyana Franceza.

A 4 de fevereiro de 1795, escrevia o governador da Capitania de São José do Rio Negro o nome do introductor do café no Brasil.

Diz Barata em suas *Ephemerides Paraenses*:

"4 de fevereiro de 1795 — Em officio desta data, existente no Arch. Publ. Nac., referia o governador d. Francisco

de Souza Coutinho ter mandado que o capitão Manuel Joaquim de Abreu passasse ao Oyapok (sic), afim de verificar se ainda existiam nas Montanhas d'Argent (sic) os marcos de limites, e, achando-os, fosse reconhecel-os e fizesse lavrar um termo similhante ao que se achava na secretaria do governo do Pará, feito no anno de 1727, pelo sargento mór Francisco de Mello Palheta."

Annota Manuel Barata: "Não encontrei documento que désse noticia da realização ou do resultado desta incumbencia."

Muitos e muitos incidentes viriam sobressaltar a Portugal e ao Brasil a proposito desta vizinhança dos francezes ao norte do Oyapok e a sua pretenção secular á dilatação na bacia amazonica.

Traria a tomada e devolução da Guyana por Dom João VI uma serie de episodios muito causticos, e por vezes alarmantes, prenhes de graves preocupações diplomaticas, isto até os gravissimos factos de 1895, felizmente accomodados e encaminhados para a via do arbitramento de onde resultaria a estrondosa victoria do Brasil pelo orgão de seu grande filho o Barão do Rio Branco.

Emquanto isto, da simples viagem de Francisco de Mello Palheta, e de sua lembrança providencial, decorreria a creação de uma riqueza brasileira que dois seculos mais tarde se synthetisaria na formula *Coffea Brasiliae fulcrum.*

E no emtanto assim são as cousas humanas, até a chegada de ephemeride bicentenaria da introducção do café no Pará, ninguem, por assim dizer, tinha presente á memoria o nome do benemerito servidor que ao paiz prestara tamanho serviço.

Vieram as commemorações de 1927 e os appellidos do Palheta tornaram-se populares, mercê sobretudo do estudo de Basilio de Magalhães.

Na miseria enorme de nossa inconographia nacional do Brasil-Colonia, nenhum elemento se encontrou, então, permittindo a divulgação dos traços physionomicos de Francisco de Mello Palheta.

Appareceu-nos comtudo um retrato na edição do "O Jornal", de outubro de 1927, "reconstituido segundo dados antigos e pesquisas feitas em documentos da época, pelo professor Marques Junior, da Escola Nacional de Bellas Artes". Assim, graças a esta pittoresca explicação estamos habilitados a incluir este documento na galeria iconographica da historia do Brasil... pelo methodo confuso de mestre Mendes Fradique.

Tanto temos citado a Basilio de Magalhães que mais uma

vez o faremos, subscrevendo *in totum* os eloquentes conceitos finalisadores de sua memoria magistral.

"Quando foi que falleceu Francisco de Mello Palheta? Onde é que lhe repousam as cinzas? Quaes são os seus descendentes sobrevivos hoje?

Ahi estão perguntas que ficam sem resposta, porque até agora não appareceu quem, — com o alto interesse de uma justa homenagem ao indeslembravel paraense — precedesse a taes investigações onde fossem ellas mais faceis e frutuosas.

Em Fort-de France, na Martinica, já existe, levantado pela gratidão daquelles ilhéos, um monumento a Gabriel de Clieu, que arrostando provações, levou para ali, em 1723, a primeira muda de cafeeiro. Teceu-se em torno do feito do inditoso francez uma dupla aureola de poesia e de romance. Immortalizaram-no sisudos historiadores, inspirados épicos e novelistas imaginosos.

Pois a acção patriotica de 1727, do nosso capitão-tenente da guarda costa em nada é inferior á do capitão de infantaria da marinha franceza.

Chronistas, romancistas e poetas nella encontrariam tambem farto pabulo a serias pesquisas, ficções prosaicas e rimas sonoras. Emquanto, porém, não vierem á tona da publicidade — não é muito de esperar-se, tome ao menos o governo do Pará, berço e talvez sepultura de Francisco de Mello Palheta, a já tardia iniciativa de erguer ali, com o auxilio da União e dos Estados enriquecidos pelo café, uma esculptura que perpetue, na alma da geração actual e das gentes porvindouras, o reconhecimento do Brasil ao abnegado filho que, ha duzentos annos, transportou da fantastica região do "Eldorado" para as terras da Patria o caro vegetal com que não sonharam sir Walter Raleigh e os seus credulos successores.

E' divida cujo pagamento não pode e não deve ser adiado, sem que incorra o Brasil, na pécha de ingrato. E, se para solvel-a, concorrer de algum modo esta minha sugestão, por integralmente satisfeito me darei destas investigações, pacientes, sinceras e desinteressadas (mas infelizmente lacunosas ainda, pela carencia de documentos), com que vier a ajudar melhores mourejadores da mesma seára quanto á personalidade inesquecivel de Francisco de Mello Palheta."

CAPITULO VII

Primordios da cultura cafeeira no Pará — Preciosos informes de Manoel Barata e Theodoro Braga

Além de Francisco de Mello Palheta, um dos primeiros que, no Pará, plantaram e colheram café, em maior quantidade, foi o abastado lavrador Agostinho Domingos de Siqueira, em suas terras do rio Guamá, conta-nos Manuel Barata, que accrescenta:

"Em carta datada de Belém do Pará, em 11 de Dezembro de 1731, e dirigida a Paulo da Silva Nunes, em Lisboa, dizia o governador Alexandre de Souza Freire: nos sitios circumvisinhos a esta Cidade, e ainda, nos quintaes della, vae já havendo muito café. e excellente, o qual tambem he genero novo na terra, de que dentro de hum ou dois annos se remetterão arrobas para Portugal, porque as arvores delle de dois tres annos dão logo fructos em quantidade" (Doc. do Inst. Hist. e Geogr. Bras.).

Pormenorisando, declara B. de Magalhães que tal documento vem citado na Revista do Instituto Brasileiro (67, 2, 83).

Refere-se o nosso douto autor aos "Papeis varios" mandados copiar entre muitos documentos por D. Pedro II, em diversos archivos portuguezes. Mas, a citação não confere com o local citado, certamente por erro de imprensa.

Em sua contribuição, *Coffea Brasiliae fulcrum,* preciosa achega para a historia do café, escreve Theodoro Braga:

"Em janeiro de 1731, chegava a Lisboa café exportado do Maranhão, emquanto do Pará chegavam 7 libras da deliciosa frutinha vermelha, como amostra do café alli plantado e colhido, e considerado de melhor qualidade que o do Levante.

A Ordem Regia de 30 de julho de 1731 recommenda a "propagação do café de que ha noticia se tem dado principio no Estado do Pará, a qual poderá ser de grande utilidade, assim a esses povos, como á Real Fazenda", e concede, pela Resolução de 28 do mesmo mez e anno, em consulta com o Conselho Ultramarino, a liberdade de não pagar direito algum dentro de 12 annos."

Sigamos, porém, a Barata:

"A primeira exportação que se fez, do Pará para Lisboa, foi em principios do anno de 1732, na barca *Santa Maria,* em quantidade de sete libras, como amostras.

Mas a esta affirmação contesta Hildebrando de Magalhães com as proprias palavras do historiador paraense, em seus *Apontamentos para as Ephemerides Paraenses.*

"25 de janeiro de 1731 — *A Gazeta de Lisboa Occidental,* n. 4, desta data, traz a seguinte noticia: "Nos ultimos navios que chegarão do Maranhão, veio algum café, que se descobrio no Certão daquelle Estado, ainda de melhor qualidade que o do Levante; e se assegura que deste que se colheu havia carga para vinte.

Pela resolução de 28 de Julho de 1731 foi o café isento de direitos por doze annos, conforme o alvará de 30 do mesmo mez e anno, primeira providencia regia conhecida sobre o producto:

"D. João, etc., Faço saber a vós Alexandre de Souza Freire, Governador e Capitão General do Estado do Maranhão, que se vio o que respondestes em Carta de 16 de Maio do anno passado, e ordem que vos foi sobre a propagação da planta da canela, e considerando o quanto será conveniente que nos meus Dominios se adiante, não só a cultura da mesma canela, mas tambem a do café, de que ha noticia se tem dado principio, a qual poderá ser de grande utilidade, assim a esses povos, como á Fazenda Real: Sou servido conceder-lhes por resolução de 28 do presente mez e anno, em consulta do meu Conselho Ultramarino, a liberdade de que estes dois generos não paguem direitos alguns dentro de doze annos; ordenando-vos ponhaes todo o cuidado e actividade em que se augmentem e estabeleção as ditas culturas: O que vos hei por muito recommendado. El Rey Nosso Senhor o mandou, etc. Lisboa, 30 de Julho de 1731 (Cod. MXX-29-47 da Bibl. Nac. do Rio de Janeiro).

Ao deixar, em Julho de 1732, Alexandre de Souza Freire a administração do Pará, escrevia de Belém ao seu soberano, lembra-o Hildebrando de Magalhães:

"Augmentei de sorte esta cidade supposta a recommendação que para este fim Vossa Magestade faz no capitulo 19 do Regimento daquelle Governo, que se acha a sua capital com perto de milhão e meio de pés de cacau manso e já com muito café."

Cita Freire Allemão, informado por Monteiro Baena, uma carta regia de 8 de agosto de 1732, dirigida ao gover-

nador e capitão general, o chefe da esquadra José da Serra (1732-1736), em que D. João V lhe recommendava instantemente a propagação da canella e do café.

No anno seguinte, Domingos da Costa Bacellar, um dos principaes moradores de Belém, pede a El-Rey "a mercê do habito de Christo e a tença porque está lavrando o melhor de 21.800 pés de cacau fructifero e 1.200 pés de café, proximamente descoberto no Pará". Essa sua petição é deferida no anno seguinte, com o apoio do Governo do Estado.

Em 21 de Janeiro de 1734 entram no porto de Lisboa 5 navios do Gram-Pará levando para a Companhia Geral do Maranhão e Gram-Pará 20.000 arrobas de cacau e 3.000 de café. Nesse anno começa a ser posta em execução a isenção de direitos sobre o café e a canela, *ex vi* da Ordem Regia de 30 de julho de 1731.

No anno seguinte, a Carta Regia de 16 de fevereiro de 1734, remettendo por copia a referida carta de Palheta, manda que o Governador informe sobre o pedido do introductor da rubiacea.

Nesse anno ainda e pela Carta Regia de 2 de março de 1734 El Rey manda que lhe seja informado sobre o que pede Domingos da Costa Bacellar, de uma mercê de habito de Christo e a tença que El Rei fôr servido attendendo ser elle um dos principaes moradores da praça de Belém, por estar elle lavrando o melhor de vinte e um mil e oitocentos pés de cacau fructifero e mil e duzentos pés de café proximamente descoberto."

Em 1738, allegando achar-se fazendo grande lavoura de cacau e de café em suas propriedades no rio Guamá, pede Manuel Monteiro de Cravalho autorização a El Rei para fundar uma igreja e nomear paroco, correndo todas as despezas á sua custa, tantos eram os forasteiros que vinham alli ter.

Já em 1735 a Camara Municipal de Belém solicitava do Rei medidas proteccionistas em favor do café paraense.

E' o que testemunha um documento inedito de nossa Bibliotheca Nacional, papel que Barata parece não ter visto e do qual tomamos conhecimento graças á amizade e ao serviçalismo do douto amigo Rodolpho Garcia. Corresponde, como diversos outros que aqui reproduzimos, á cota 1-5-3,65.

Escreve Barata:

"Em 1735 a camara municipal requereu que fosse prohibida a importação do café estrangeiro em Portugal. Reiterou o pedido em 1739 e por ordem regia de 4 de Maio de 1741

foi-lhe respondido que seria ella attendida quando a producção desse genero fosse sufficiente para o consumo.

Esta carta pensamos ser o primeiro a divulgal-a:

"Senhor.

Na era de 1735, por carta de 26 de Setembro fez presente a Vossa Magestade este Senado um requerimento dos moradores desta capitania em que pediam supplicassemos a Vossa Magestade fosse servido mandar prohibir o commercio do café dos Reynos extranhos porque o nosso fosse sempre bem reputado.

Novamente pedimos a Vossa Magestade mandallo, assim executar por ter dado em huma tão grande baixa que não recupera o trabalho que dá o cultivallo e por essa cauza vão os moradores deixando de plantar pello infimo preço porque lho pagão nessa Côrte a respeito do muito que vay de fora.

Vossa Magestade determinará o que for mais conveniente ao seu Real Serviço e augmento desta republica.

A' real pessoa de Vossa Magestade guarde Deus muitos annos como estes seus vassallos hão mister.

Belém do Grão Pará em Camera.

18 de Outubro de 1739. O escrivão Xavier de Souza e Ahay o fez.

Antonio Furtado de Vasconcellos, Joaquim da Costa Leitão, Francisco de Azevedo Monteiro, Ignacio Arnau Villela, João da Cunha de Thoar."

São estes os despachos annexos á representação da camara belemnense:

"Haja vista ao Procurador da Fazenda. Lisboa Occidental, 11 de Dezembro de 1739 (com cinco rubricas).

Se os supplicantes se poudessem obrigar a sortir este Reyno do Café necessario para o seu gesto e com hum preço conveniente e inalteravel ainda se podia attender ao seu requerimento, porém como nada disto promettem nem ainda que prometerão o hão de cumprir entende se deve escuzar o dito requerimento (com rubrica).

Haja vista ao Procurador da Corôa, Lisboa Occidental, 19 de Dezembro de 1739 (com cinco rubricas).

Não me parece se despreze este requerimento mas que se consulte a Sua Magestade e seja servido mandar acrescentar os direitos do café que vier de outros dominios porque não fará conta aos Estrangeiros trazello e será esta utilidade dos vassallos. Para o que seria conveniente calcular-se o café necessa-

rio para o Reyno e mandasse informar da quantidade que em cada anno pôde remetter-se (com rubrica).

Junte a representação haja vista ao Procurador da Fazenda, Lisboa Occidental, 18 de Janeiro de 1740 (com cinco rubricas).

Escrevasse ao Governador do Estado do Maranhão que informe com seu parecer sobre esta conta dos officiaes da Camara do Pará declarando tambem o numero de arrobas de café que se poderão extrahir daquelle Estado. Lisboa Occidental, 17 de Março de 1740 (com cinco rubricas).

Numa communicação feita ao Instituto Historico do Pará e a 27 de Maio de 1927, depois publicada no *Correio do Pará* e afinal transcripta no volume 2 n. 1, do anno XVI, do Boletim do Ministerio da Agricultura, diz o Dr. Joaquim de Almeida Genú.

"Em Dezembro de 1735 o capitão Mor do Pará communicava ao governador do Maranhão e Grão Pará que a plantação do café da capitania dera margem a que se exportasse para a Costa (?) livre de direitos doze arrobas do novo producto.

No relatorio do Capitão Mór do Pará João de Almeida da Matta, que serviu como governador do Maranhão e Grão Pará, durante os annos de 1738 a 1743, no impedimento do effectivo, João de Abreu Castello Branco, lê-se que em 1740 a exportação do café do Pará ascendera a 73 arrobas."

A cinco de Abril de 1740 respondia o Rei. Antes de escrever á Camara de sua cidade de Nossa Senhora do Belém, communicava-se com o seu delegado regio.

"Dom João, por graça de Deus Rey de Portugal e dos Algarves, daquem e allem Mar em Africa, senhor de Guiné etc.

Faço saber a vós Governador Capitão General do Estado do Maranhão, que os officiaes da Camara da Cidade do Pará me representaram em carta de dezoito de Outubro do anno proximo passado e que na de 1735, por carta de 26 de Setembro me fizeram presente um requerimento dos moradores daquella capitania em que pretendiam fosse servido mandar prohibir o commercio do café dos Reynos extranhos (para) que o desse Estado fosse sempre bem reputado, e que novamente me pediram, quizesse mandar assim executar por ter dado em uma tão grande baixa que não recupera o trabalho que dá cultivallo, cauza porque os moradores vão deixando de o plantar pelo infimo preço que lhe pagam nesta côrte a respeito do muito que vem de fóra e vistas as suas razoens me pareceu ordenar informeis, com vosso parecer, sobre estas

contas dos dittos officiaes da Camara do Pará declarando tambem o numero de arrateis de café que se poderão extrahir desse Estado.

El Rey Nosso Senhor o mandou pelo Dr. Thomé Gomes Moreira Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, Conselheiro de seu Conselho Ultramarino, e se passou por duas vias.

Luiz Manoel o fez em Lisboa (Occidental) cinco de Abril de 1740. O secretario Manuel Caetano Lopes de Lavre o fez escrever — (a.) *Martinho de Mendonça de Pina e de Proença.*"

Este documento não parece ter cahido sob os olhos de Manoel Barata, que publica a resposta do Rei á Camara:

"D. João, etct. Faço saber a vos officiaes da Camara da Cidade de Belém do Grão Pará que se vio a vossa Carta de 18 de Outubro de 1739, em que me representaveis fosse servido mandar prohibir o commercio do Café dos Reynos estranhos, para que o desse Estado fosse bem reputado, e melhorasse este genero da baixa em que se achava, o qual, por não recuperar o trabalho que dava a cultivalo, se hiam esses moradores deixando de o plantar, pelo infimo preço por que se paga nesta Côrte, a respeito do muito que vem de fóra; Me pareceu dizer-vos por Resolução de 30 de Abril deste presente anno, tomada em consulta do meu Conselho Ultramarino, que, augmentando-se a cultura do Café, e remessa delle para o Reyno, em quantidade sufficiente, terei attenção ao vosso requerimento. El Rey Nosso Senhor o mandou, etc. Lisboa, 4 de Mayo de 1741."

Informando á Corôa, escrevera um pouco antes o Capitão General João de Abreu Castello Branco.

"Senhor: A planta do café costuma produzir ao segundo e terceiro anno, e, ainda que ha poucos que entrou nesta capitania, poderia estar com grande augmento se conservasse o preço que teve ao principio, ou a que bastasse para pagar o trabalho dos que o cultivão, mas, como se póde prezumir que os Inglezes, que se não descuidam em Maximas de Negocios comessaram a baratear este genero em Lisboa, em ordem a dezanimar as nossas culturas de café pello prejuizo que podiam cauzar ao grande commercio que delle fazem dos portos do Levante, parece ser muito conveniente prohibir-se a entrada do café estrangeiro, porque os Inglezes, se se lhes for difficultando o levarem ouro de Portugal, elles mesmos serão precizados a levarem, com os mais generos, o café para dar

sahida ás fazendas das suas manufacturas as que hé o seu primeiro e seu principal interesse.

Isto he o que se me offerece informar nesta materia por Vossa Magestade assim o ordenar. E quanto á quantidade que a terra produz de café, acho por estimativa dos praticos que serão neste anno quatrocentos para quinhentas arrobas, porém, como esta conta não póde ser exacta, nem ainda depois de carregados os Navios se poderá averiguar de mais perto na caza das Indias aonde entra todo o café que aqui se embarca. V. Magestade mandará que fôr servido.

Belém do Pará, 3 de Setembro de 1740 — (a.) João de Abreu Castello Branco."

Pittorescos são os diversos commentarios que se annexam a estes papeis. Provêm dos informadores do monarcha.

"Este requerimento não me parece que por hora está em termos de se lhe deferir, porque nos consta não ha a certeza necessaria do café que vem do Maranhão nem algua da importancia do que neste Reyno se consome. E assim entendo que para nesta materia se tratar com mais instrução se deve ordenar ao Provedor da Caza da India, donde entendo vay todo o café a despachar, que, depois de ouvir os officiaes da mesma caza, informe sobre a pretenção dos officiaes da Camara, declarando qual he a importancia do café que huns por outros annos vem do Maranhão e qual a que se traz do Levante e que consumo tem hum e outro (com huma rubrica).

Ao Ministro Diogo de Mendonça Côrte Real, escrevia o secretario do Conselho Ultramarino, Manuel Caetano Lopes de Lavre a 22 de fevereiro de 1741:

"O Concelho me ordena remeta a V. S. a carta inclusa dos officiaes da Camara da capitania do Pará, em que pedem a prohibição da entrada do café neste Reyno, vindo pellas mãos dos Estrangeiros, para que seja o seu mais bem reputado e informação que se pediu sobre esta Materia ao governador do Estado do Maranhão para V. S. por serviço de Sua Magestade queira interpor sobe elle o seu parecer, declarando o numero de arrobas de café que vem do Estado do Maranhão e tambem o numero de arrobas que do dito se despacham todos os annos vindos do Levante para á vista de informações de V. S., se poder fazer presente a S. Magestade a referida materia.

Deus guarde a V. S. muitos annos. Secretaria, 22 de Fevereiro de 1741."

Alguns dias mais tarde, da Casa da India e a 3 de março de 1741, respondia o Ministro a Lopes de Lavre:

"Vi a proposta da Camara de Grão Pará, de 18 de Outubro do anno de 1739 e a informação que sobre elle deu o Governador do Estado do Maranhão, de 3 de Setembro do anno passado incluza, e me parece que o Conselho deve consultar esta materia a Sua Magestade para que o mesmo Senhor seja servido mandar prohibir a entrada do café nestes Reynos e que se tome por perdido todo o que nelles entrar, procedendo-se contra as pessoas que o introduzirem com as penas impostas na Ley de prohibição da entrada de Vinhos, agoas ardentes e servejas do anno de 1710, admittindo somente a despacho o que vier do Maranhão e da Azia, nos navios de Sua Magestade e de seus vassalos por que nas naus da India sempre vem algum.

O cafée que hoje vem do Maranhão basta para o consumo deste Reyno, porque este anno vierão quatrocentos e vinte arrobas e se este genero tivesse milhor reputação viria constante abundancia que sahiria para os Reynos Estrangeiros que em Lisboa se não gasta outro cafée senão o do Maranhão he sem duvida porque os Estrangeiros que comerceam nesta Côrte em cafée o mandão vir do Levante e vendem em lugar deste o que vem do Maranhão fazendo-lhe somente o beneficio de o deixarem envelhecer fora da casca pella grande utilidade que tirão deste commercio comprando aos nossos Homens de Negocio o arratel deste genero a 100 e 120 réis para o venderem em Logeas e Cazas de cafée a 300 rs. e a mais algumas vezes.

He certo que depois que principiou a vir este genero do Maranhão comessou a diminuir a entrada de cafée do Levante e Martinique nestes ultimos dous annos de 1739 e 1740 com grande excesso como consta dos Livros do despacho desta Caza da India porque em ambos não veio mais de vinte e nove quintaes, tres arrobas e dezesete arrateis.

Nesta ultima frota que chegou do Estado do Maranhão viria muito mais cafés do que das quatrocentas e vinte arrobas acima referidas, se os Lavradores do Pará não estivessem já desanimados de verem a perda que tem na cultura deste genero pello pouco preço que lhe dão em cada arratel e se hirá pendendo (sic) de todo se Sua Magestade não lhe der o remedio de prohibir o que vem do Levante e Martinique, porque os Estrangeiros tem feito todas as diligencias por arruinarem o café que vem do Maranhão e he sem duvida que esta conquista poderá dar tanta abundancia que os mesmos estrangeiros não se servirão de outro porque este não passa pela Linha. Conserva-se muito tempo e pode mais facilmente transporta-se a

outras partes sem corrução, custa mais barato e he tão bom como o da Mocha e milhor que os de Martinique, o que VMcê. fará presente no Conselho."

Este documento ultimo traz preciosas novidades. Assim nos parece que contradiz bastante os dados de Genú sobre a exportação de 1740.

Consta-nos aliás que este autor tem muito mediocre autoridade. Tambem suppre o papel acima citado as lacunas de Barata é sobretudo interessante para a historia do café em Portugal.

Ficamos por elle sabendo que o consumo anual do Reino em 1741 era inferior a 420 arrobas, a 7 saccas das nossas de hoje!

Vendia-se o arratel a 100 e 120 réis (arratel ou libra equivalia a 459 grs.), o que daria á arroba um preço de 2$800 a 3.000 réis. Deixava a revenda lucros de 100 a 200 por cento! E já impingiam os mercadores café do Brasil como se do Oriente fosse.

O final da carta é que insinua a extrema fraqueza dos conhecimentos geographicos do Ministro de Estado, que em materia de latitudes claudicava notavelmente.

Continúa Barata:

"O requerimento da Camara do Pará foi por fim deferido pela resolução de 6 de Junho de 1743, mandava vigorar pela ordem regia de 12 do mesmo mez e anno, assim concebida:

"D. João, etc. Faço saber a vós Governador e Capitão General do Estado do Maranhão, que attendendo a que os moradores deste Estado se vão deixando da cultura do Café pela grande baixa que tem dado o preço em razão do muito que dos portos estrangeiros se introduz neste Reyno, de sorte que por esta causa não podem os ditos moradores recuperar o trabalho, que tem em cultivar este genero, e por ser conveniente reputal-o e dar toda a providencia necessaria nesta materia. Fui servido ordenar por resolução do meu Conselho Ultramarino que se execute a minha resolução de nove de Março de mil setecentos trinta e nove, pela qual prohibo o despacho aos generos da Asia, em que entra o do Café, que não vierem nas naus da India; do que vos aviso, para que tenhaes entendido esta minha real determinação que fareis publicar em todo esse Estado para que chegue á noticia dos moradores delle."

A isenção dos direitos requerida pela municipalidade belemnense teve prorrogação por dez annos pela regia resolução

de 18 de Abril de 1747 e provisão de 1.º de Maio do mesmo anno, conta-nos Barata.

Pelo alvará de 29 de janeiro de 1748 foi ainda prorrogada por outros dez annos.

Refere Freire Allemão: "Em Dezembro de 1748 requereu o Senado da Camara do Pará ao Ministerio: venham mais navios buscar carga, porque é grande a quantidade dos generos e se está perdendo muito cacau, café, etc."

Em 1748 eram cultivados no Pará mais de setecentos mil cacaueiros e dezesete mil pés de café. Em dezembro do anno seguinte a frota do Pará entrou no Porto de Lisboa com um carregamento de 4.835 arrobas desse genero, além de outros, segundo consta da *Gazeta de Lisboa* de 29 de dezembro de 1750.

Ouçamos, porém, ainda a Theodoro Braga em seu excellente trabalho:

"Em 1762 ordena o Governador e Capitão General Manoel Bernardo de Melo e Castro (25 de Janeiro) ao Ouvidor Geral "que fizesse correyção geral na villa e que nestas em que se fizesse correyção fossem convocados os juizes ordinarios, vereadores, procurador da Camara, director, Nobreza e povo para em accordão lançarem taxas justas e racionaes nos generos comestiveis, obras de officina, de mecanica, posturas que determinassem as plantações, por cada um dos moradores de arvores de fruto e as de cacau e café nas terras que bem o produzissem, que se ponham nomes nas praças e nas ruas na forma que se acostumam nas povoações civilisadas, que as casas se edifiquem com uniformidade e rectidão e que se cerquem os quintaes."

A Carta Regia de 19 de janeiro de 1768 prorrogou por mais outros 10 annos a isenção dos direitos do café de producção do Estado do Grão-Pará e Maranhão.

Em 3 de janeiro de 1779, o desembragador José Feijó de Mello e Albuquerque, fazendo uma relação do que ha no Estado de Grão-Pará, entre outras coisas interessantes, diz o seguinte: "No 57 do Directorio se estabeleceu que o Dizimo de Cacau, Salça e Café, com differença dos mais generos, fosse pago pelo Comprador na occasião em que o embarcasse para este Reino... O Estado do Pará gasta muito café e tambem cacau e de ambos os generos vai muita parte para Matto Grosso e Maranhão e sertões de Piauhy e depois do descobrimento da navegação do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco para o Pará e destas para aquellas capitanias, tem passado por alto muitas parcellas daquelles quatro generos

(oleo de cupahuba, manteiga de tartaruga, café e cacau) em cujos dizimos tem sido prejudicada a Fazenda Real."

Ao ser nomeado Governador e Capitão General do Pará D. Francisco de Sousa Coutinho, o Secretario de Estado de Ultramar, Martinho de Melo e Castro, enviou-lhe, a 22 de abril, em forma de Regimento, varias ordens e instrucções; e entre estas a que diz: "Para se poder comprehender o disposto na dita condição 2.ª do Contrato das Meunças, se deve advertir que antes de 1755 e da existencia da Companhia do Pará, todo o commercio de exportação da Capitania reduzião aos generos e drogas do sertão, taes como o cacau, o café, a salsa e o cravo fino e grosso."

E assim desenvolveu-se progressivamente o cultivo e a producção do café no Pará durante o seculo XVIII e principios do seculo seguinte, até que a descoberta e a immediata applicação da borracha, assim como a rapida e facil colheita, dando um immediato resultado, grandemente remunerador, forçaram o afastamento da cultura do café e das demais culturas necessarias, acabando, desse modo, por fazel-o desapparecer totalmente do quadro das produções economicas do Pará.

Na sua tão conhecida, *Viagem e visita do Sertão,* em 1762 e 1763, teve D. Frei João de São José Queiroz o ensejo de se referir á exportação do café paraense em seu tempo.

Ao cruzar a foz do Parú, lembra em seu relatorio que as serras, ao longo do rio, têm muita salsa medicinal, passando por dar o melhor cacau do Estado do Maranhão.

"O cacau dando-lhe repetido suadouro é tão bom como o decantado de Caracas, pertencente ao Rei Catholico."

Prosseguindo a viagem, escrevi:

"Pelas 11 horas procuramos terra para jantarmos á sombra do arvoredo, que alcançámos debaixo de bem copadas e altas *coaxandubas*. Esta arvore não menos vistosa pela folha larga e tesura do tronco, é notavel pelo leite que se lhe tira, e é excellente para vomitorio, e tambem para extinguir lombrigas e para diarrhéas.

Porém, como ainda não perdemos de vista a serra e cacau, não nos devemos escusar de dizer que hoje é um grande ramo de commercio deste Estado, assim do que se cultiva, como do que a terra produz expontaneamente sem beneficio da cultura, e expõe a quem o quizer colher.

A Companhia de Commercio do Pará e Maranhão, estabelecida em Lisboa, levou este anno perto de oitenta mil arrobas de cacau e café, muitas de cravo e salsa, quantidade de oleos, assucar, couros e tambem preciosos páos. A companhia

tem sido muito util, e mettendo escravatura d'Africa (que devemos suppôr captiva em justa guerra, visto que não ha distincção de gentio para com Deus, e o direito natural e das gentes é o mesmo em toda a parte) deu grande allivio á terra, que por falta de servos se arruinava.

O Rei Fidelissimo tem privilegiado a companhia concedendo-lhe unicamente o negociar para o Estado, da mesma sorte que á companhia do Maranhão, levantada em 1682, se concedeu por semelhante estylo e idéa para a duração de vinte annos, sendo principaes socios Caldas e Jansen, riquissimos negociantes daquelle tempo."

Passando por Faro avistou-se o bispo, pela primeira vez, com uma lavoura de anil, o que o levou a estas considerações:

"Encontramos, pela primeira vez, a planta do anil, e sabemos ser muita em parte deste Estado, capaz de produzir um grande ramo de commercio, mas se a negligencia é tanta, que não se acha arroz para comprar, dando-o a terra sem cultura, por se não resolverem a mandal-o colher, que se deverá esperar?

Milagre nos parece ir ao cacau alguem, que pela maior parte é algum reinol ou de extracção do reino. Por varias vezes se intentaram fabricas de anil, e nisto se interessaram pessoas de credito, a que animaram esperanças: porém não sei por que principios se desvaneceu o intento. Novamente um Gonçalo José, natural de Lisboa e morador no Capim, senhor de engenho, intenta nova fabrica, e tem grandes campos de anil, planta que feita uma vez é para toda a vida, porque reverdece todos os annos: veremos os effeitos".

Explicando o que a seu ver constituia a raiz dos vicios do Brasil faz o prelado uma série de considerações, terminada pela quadrinha que Capistrano de Abreu achava deliciosa em sua expressividade synthetica.

"Assentando que a ráiz dos vicios no Brasil é a preguiça, para que concorre muito o clima, o Demonio que perdeu a graça, e não a natureza de substancia intelectiva, mede com conhecimento especulativo e pratico as inclinações, os climas e as circumstancias todas, para influir.

Não dorme, sem embargo que até elle na America se nos representa como o outro de Alexandria, descançado, unicamente observando como ermo, affectando estar ao sol, sem mais cuidados. Nenhuns parecem ter communmente no Estado: havendo rêde, farinha e cachimbo, está em termos. A frugalidade da mesa póde passar se fosse coherente o beber; e

quanto ao mais é expressão vulgar a da seguinte endecha ou trova:

Vida do Pará
Vida de descanço;
Comer de arremeço,
Dormir de balanço."

Em 21 de janeiro de 1765 entraram ainda no porto de Lisboa cinco navios do Pará conduzindo tres mil arrobas do grão da rubiacea. (*Os Portuguezes em Africa, Asia, America e Ocêania* Lisboa, 1850, vol. 7 p. 235).

Valendo-se de numerosas fontes taes como a *Correspondencia dos Governos do Pará com o Governo da Metropole, os Livros de Balanço Geral do Commercio do Reino de Portugal com os seus dominios e nações extrangeiras* organisou Manoel Barata um quadro sobremodo informativo e extenso das principaes exportações do Pará de 1773 a 1818. Por sua vez Almeida Genú apresenta outro que tem algumas divergencias com o do douto escriptor.

Assim aponta para os annos de 1800 uma pequena differença: 4.900 em vez de 4.900 para 1810: 2.534 em vez de 2.498 e pretende ter sido a exportação de 1790 3.695 arrobas, quando Barata declara não ter dados para a avaliar.

Em relação aos preços medios ha duas differenças notaveis.

1780 — 2$840 (Genú) — 2$000 a 2$400 (Barata).
1800 — 2$630 (Genú) — 4$400 (Barata).
1810 — 1$940 (Genú) — 3$200 (Barata).

E' este o quadro de Genú:

1735	arr. 12	a rs.	1.800
1740	73	" "	1.950
1750	2384	" "	2.600
1760	2647	" "	2.780
1770	3700	" "	2.800
1780	3122	" "	2.840
1790	3695	" "	2.500
1800	4900	" "	2.630
1810	2534	" "	1.940
1820	4173	" "	4.000

Segundo Barata, além dos productos principaes, cultivados ou colhidos nas mattas, café, arroz, algodão, cacau, o

Pará tambem exporta os seguintes artigos, secundarios de sua industria: assucar aguardente, cravo fino e grosso, canela, salsaparrilha, puchiri, toros e pranchas de madeiras diversas, couros seccos, salgados e cortidos, anil, oleo de copaiba e de iandiroba, urucú, algodão em fio, sumauma, mel, tapioca, castanha, cebo em pão, guaraná, manteiga de tartaruga, sabão, gomma copal, breu, chocolate, etc.

Muitos desses generos eram tambem exportados para algumas das capitanias e depois da abertura dos portos do Brasil ao commercio das nações estrangeiras (1808), para algumas nações. Não encontrou o pesquisador porém dados sufficientes e preciosos sobre essas exportações, limitando-se á exportação para Portugal, por si só bastante, para dar idéa da antiga producção agricola paraense.

Declinou novamente a lavoura cafeeira do Pará ante as vantagens da industria extractiva. Tratando da agricultura paraense, escrevia Ayres do Casal, em 1817, que, naquella capitania, eram as terras apropriadas "á mandioca, legumes, canna, café, cacau". Uma unica referencia faz ao cultivo da rubiasea em Monte Alegre.

Já em 1862 não produzia o Pará o necessario para o seu consumo, diz-nos M. Barata, importando annualmente mais de 20.000 arrobas do Ceará e da Bahia. Estava em 1870 completamente extincta a sua cultura.

Falando do Pará em 1792, dizia Raynal que esta cidade fôra durante muito tempo apenas o emporio de riquezas selvagens vindas do interior das terras.

Afinal graças a alguns negros importados havia sido possivel fazer crescer em seus arredores um pouco de algodão que depois era manipulado alli mesmo, alguns pés de canna que davam maus productos convertidos em aguardente. Cultivavam-se para a exportação o café, arroz e cacau.

Com o monopolio sustentado por um governo enganado ou corrupto o porto outrora visitado por 13 e 14 navios só recebia 4 ou 5.

O valor da exportação cahira e a pouco mais de 600.000 libras francezas só apenas encarecido pelas madeiras.

Avaliava-se, aliás, a população do Pará em 4.128 brancos, 9.919 negros escravos e mulatos livres e 34.844 indios.

No Maranhão cultivava-se arroz e algodão e parecia haver futuro para o anil. O urucú dava esplendido producto.

Quadro da exportação dos principaes generos paraenses em largo periodo que abrange as ultimas decadas coloniaes, segundo Manoel Barata

ANNOS	CAFÉ		CACAU		ARROZ		ALGODÃO	
	Arrobas	Libras	Arrobas	Libras	Arrobas	Libras	Arrobas	Libras
1 3.........	14.273	24	58.784	26	935	37	—	—
1 4.........	141	2⅝	4.112	3½	7.163	25	60	—
1 6.........	4.464	12	72.908	—	19.480	27	21	25
1 6.........	5.792	4	68.407	5	27.873	13	879	10
1 7.........	3.542	31	6.907	—	40.346	19	2.053	—
1 8.........	6.579	3	60.152	29	29.473	10	3.386	11
1 9.........	4.513	18½	57.884	16½	89.236	5	6.155	8
0.........	3.122	15	60.395	27	107.252	31	3.912	6
81.........	2.838	6	40.490	26	96.791	28	8.672	16
82.........	—	—	—	—	114.895	3	7.316	11
83.........	—	—	—	—	73.116	16	7.188	7
84.........	1.796	14	100.776	24	118.604	28	6.608	14
85.........	1.683	20	84.877	21	84.681	2	4.908	17
86.........	1.282	10	84.128	19	83.849	4	3.795	2
87.........	—	—	—	—	136.022	—	4.212	5
88.........	—	—	—	—	85.521	11	5.718	8
89.........	—	—	—	—	96.140	31	4.743	3
90.........			Não ha dados para este anno					
91.........			Não ha dados para este anno					
92.........			Não ha dados para este anno					
93.........			Não ha dados para este anno					
94.........	2.811	19	79.721	39	103.503	3	7.832	—
95.........			Não ha dados para este anno					
96.........	4.042	—	48.116	—	46.880	—	12.666	—
97.........	3.576	—	120.996	—	90.171	—	7.974	—
98.........	5.019	—	94.367	—	59.618	—	8.341	—
99.........	3.224	—	84.302	—	46.417	—	11.569	—
00.........	4.903	—	127.181	—	90.836	—	15.930	—
01.........	2.562	—	64.475	—	39.172	—	10.931	—
02.........	4.793	—	145.669	—	65.467	—	14.040	—
03.........			Não ha dados para este anno					
04.........			Não ha dados para este anno					
05.........			Não ha dados para este anno					
06.........			Não ha dados para este anno					
07.........			Não ha dados para este anno					
08.........	—	—	16.465	—	8.248	—	—	443½
09.........	Não ha dados para este anno. Interrompeu-se a exportação para Lisbôa por causa da invasão franceza.							
810.........	2.498	—	106.213	½	83.944	83.994	—	4.449
811.........	4.174	—	66.266	—	98.968	—	3.426	½
812.........	1.544	—	97.834	—	146.216	—	6.531	—
813.........	—	—	85.533	—	107.766	½	3.978	—
814.........	—	—	177.648	—	162.486	—	5.141	—
815.........	—	—	145.275	—	162.486	—	8.509	—
816.........	1.074	—	123.827	—	128.351	½	12.215	—
817.........	4.531	—	126.956	—	219.819	—	221.758	—
818.........	4.267	—	101.627	—	161.642	—	11.827	—

Medias dos preços dos generos apresentadas por Barata:

ANNOS	CAFÉ	CACAU	ARROZ	ALGODÃO
1780	2$000 2$400	1$400 1$500	1$700 1$800	4$000 6$000
1782	—	—	$640 $700	7$500 8$500
1783	—	—	$640 $750	5$000 8$500
1784	2$600 4$000	1$500	$740 $800	4$800 6$000
1785	4$000 4$200	1$500 1$800	$800 1$000	5$600 6$600
1786	4$200 3$600	1$800 1$600 1$500	1$000 $900 $760	6$600 7$200
1787	—	—	$640 $700	7$200 8$000
1788	—	—	$550 $640	6$400 8$500
1789	—	—	$550 $640	4$000 6$000
1790	Não ha dados para este anno			
1791	Não ha dados para este anno			
1792	Não ha dados para este anno			
1793	Não ha dados para este anno			
1794	2$560	1$400 1$000 1$700	$500 $600	4$500 4$000
1795	Não ha dados para este anno			
1796	3$410	2$090	$638	5$610
1797	3$000 3$200 3$500	1$800 2$000 2$300	$640 $720 $800	5$000 5$500
1798	3$500	2$200	$800	6$800
1799	4$000	3$200	$800	7$000
1800	4$400	2$400	$850	7$200
1801	4$100	1$900	$800	6$720
1802	1$700	1$150	$975	4$760
1803	Não ha dados para este anno			
1804	Não ha dados para este anno			
1805	Não ha dados para este anno			
1806	Não ha dados para este anno			
1807	Não ha dados para este anno			
1808	—	3$000	1$750	6$400
1809	Não ha dados para este anno. Interrompeu-se a exportação para Lisbôa por causa da invasão franceza.			
1810	3$200	1$800	$800	4$800
1811	3$000	1$500	1$250	2$880
1812	1$600	$900	1$600	2$200
1813	—	1$200	1$200	3$600
1814	—	1$600	1$000	1$000
1815	—	2$000	1$200	4$400
1816	2$400	2$000	$800	5$600
1817	2$400	2$000	$900	6$000
1818	4$800	2$000	1$100	8$735

Dados interessantes sobre a balança do commercio entre o Reino e o Pará, segundo Barata:

ANNOS	Importação do Pará	Exportação	Saldo
1800....................	628:494$650	418:379$989	210:144$661
1801....................	294:725$183	194:394$695	100:330$488
1805....................	646:907$222	625:614$527	21:292$695
1810....................	338:675$791	156:300$511	182:375$280
1811....................	336:899$300	153:724$230	183:175$070
1812....................	360:305$600	222:511$760	137:793$840
1813....................	303:545$593	253:431$450	50:114$143
1814....................	512:788$270	379:833$470	132:854$800
1815....................	234:378$050	146:564$060	87:813$990
1816....................	559:274$285	496:058$365	63:215$920
1817....................	640:707$459	444:012$170	196:583$289
....	615:272$713	615:114$990	157$723

CAPITULO VIII

A propagação da cultura cafeeira no Pará — Absurdas versões rebatidas — Pizarro e Southey — Rectificação de Padberg-Drenkpol — Pesquisas de Joaquim Caetano, Rio Branco, Manoel Barata e Theodoro Braga

Parece absolutamente indiscutivel que o cafeeiro não se introduziu no Brasil, nos seus dois primeiros seculos de colonia, tanto mais quanto, Portugal, até fins da centuria seiscentista, ignorou, por assim dizer, a existencia do café.

E' a tal respeito o testemunho de Bluteau irrecusavel: "Em 1712, *começava* o uso do café a se propagar em Portugal," affirmou, categorico, em seu *Diccionario,* o patriarcha illustre de nossa lexicographia.

Dois autores de antanho, um brasileiro, Pizarro, e outro alienigena, Southey, concederam, comtudo, muito maior antiguidade ao café em terras brasileiras.

No tomo VII das *Memorias historicas do Rio de Janeiro,* impressas em 1822, avança monsenhor Pizarro:

"O Café... apesar de ter sido transplantado da India para o Brasil, onde principiou a prosperar, foi, comtudo, mandado arrancar por el-rei D. Manuel, para conservar o commercio com a Asia, impondo a pena de morte aos que tratassem da sua cultura e progresso."

A este verdadeiro disparate oppoz o douto Freire Allemão a mais exacta contradicção.

"Basta ver que quando el-rei D. Manuel falleceu, em 1521, ainda o café não era conhecido na Europa, não podendo, portanto, ser objecto de commercio."

Evidentemente, Monsenhor Pizarro interpretou mui de ligeiro uma passagem da carta do Padre Antonio Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo, datada de 1675, que é a seguinte:

"Ha muitos annos que se dá no Brasil a pimenta, e quasi todas as outras drogas da India, como se experimentou no primeiro descobrimento; e el-rei Dom Manuel, por conservar a conquista do Oriente mandou arrancar todas as plantas asiaticas com lei capital que ninguem as cultivasse; e assim se executou, ficando sómente o gengibre, que, como é raiz, dizem

no Brasil, se mette pela terra dentro; mas ainda assim se conserva a prohibição, e se toma por perdido."

Reinou o Rei *Venturoso* sobre o Brsail de 1500 a 1521. Jámais cogitou de nelle fazer uma fundação agricola. Nem poderia quasi te-lo executado. Como, pois, recommendaria o plantio de uma arvore cujos frutos nem eram ainda conhecidos, sequer, na Europa e tinham restrictissimo consumo na propria Arabia?

Esse caso de Pizarro é typicamente de um *quandoque bonus* e nem devemos, com elle, perder mais tempo.

Veremos, porém, dentro em breve, quem ao nosso ver, induziu o escriptor fluminense em erro.

Commentando tal facto, escreve Moura Brasil, em sua monographia *A Lavoura* no *Livro do Centenario,* alguns conceitos realmente criteriosos.

"Pizarro não nos póde merecer muita confiança, apesar de ser um dos historiadores dos que mais detalhadamente escreveram sobre coisas do Rio de Janeiro.

Em assumptos ecclesiasticos, á primeira vista, parece que deva merecer inteiro credito; entretanto, verifica-se que cometteu erros não pequenos. No prologo de sua obra, elle, por assim dizer, sangra-se em saude, dizendo que os cartorios do palacio da Conceição lhe foram completamente vedados.

Quanto a acontecimentos profanos, são innumeros os erros comettidos por Pizarro, que, embora muito investigador, não pôde analysar os documentos esparsos, que, pouco a pouco, vão sendo descobertos.

Bem avisado andou o Dr. Vieira Fazenda, quando lembrou a conveniencia de nova edição de sua obra, expurgada de erros, commettida a uma commissão de competentes."

Ha talvez ahi excesso de severidade mas muita asserção judiciosa.

Southey, recordando que o governo portuguez se achava totalmente absorto pelos negocios da India e não podia pensar no Brasil, declara que "D. Manoel deixou a sua grande colonia americana como terreno maninho. Por cerca de trinta annos, accrescenta, ainda depois da descoberta foi descuidado o paiz."

Mas o proprio Southey (tomo I, pag. 453 da traducção de Luiz Joaquim de Oliveira e Castro annotada pelo Conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro) abonando-se no manuscripto das *Noticias do Brasil* e referindo-se ao anno de 1581, escreve:

"Descobrira-se ultimamente na Bahia, chá (o *paico* do

Paraguay e do Perú) de que diz o autor do manuscripto se poderia tirar grande lucro. Tambem ali crescia o café.

A menção que se fez destes artigos, numa época em que eram tão pouco conhecidos na Europa, que talvez nem os nomes se lhe tivessem ouvido além das fronteiras de Portugal, tornou-se digna de nota e mostra quão cedo haviam os portuguezes adquiridos os costumes do Oriente."

E' completamente falsa a illação do celebre poeta inglez, historiador do Brasil. Basea-se em sua completa insciencia dos factos da propagação do café na Europa.

Analysando estes factos, á vista da insistencia com que procurou revive-los um autor contemporaneo de autoridade historica, aliás diminuta, adduz Padberg Drenkpol brilhante argumentação.

"Recorda, de inicio, o douto autor germanico quanto o Snr. Henrique Silva, a discorrer sobre a *Introducção do cafeeiro no Brasil* lançou insustentavel proposição ao affirmar que o cafeeiro era conhecido dos portuguezes antes de 1563, millesimo da publicação da celeberrima obra de Garcia de Orta: *Colloquios dos simples e drogas e cousas medicinaes da India.*

Nessa obra antiquissima reeditada pelo grande Varnhagen, affirma, ha referencias ao café."

"Concordando perfeitamente no alto apreço dado á importante publicação do velho medico — botanico Garcia de Orta impressa em Goa 1563, depois de quasi trinta annos de pacientes observações feitas na India, sentimos não encontrar nella referencia alguma ao café; nem na alludida edição de Varnhagen (1872), nem na bella reproducção, sabiamente annotada pelo conde de Ficalho (Lisboa, I, 1891 e II, 1895), nem no resumo latino da obra, feito pelo doctissimo Clusius (int. 94!) e editado repetidas vezes, em 1567, 74, 79, 82, 84, 93, 95 e 1605, sob o titulo "*Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia, primum Lusitanica lingua a D. Garcia ab Horto conscripta.*"

A unica explicação possivel da referencia imputada a Orta seria que alguem folheando o livro de leve, tivesse entendido café, onde (no Colloquio XII) se fala em capur ou cafur dos arabes, que não é outra coisa senão camphora.

Na realidade, o bom Garcia de Orta, não mencionando nem café nem chá, apesar da sua minuciosidade em descrever tudo quanto vira ou ouvira na flora indiana, é uma testemunha classica do pouco interesse dos portuguezes de então pelo que não parecia directamente negociavel, falta lastimada aliás pelo proprio Orta no começo de sua obra."

Voltando ao topico de Southey, resuscitado pelo Sr. Henrique Silva, rebate-o Paddberg magistralmente. Nem melhor poderia ser dito:

"A verdade implacavel nos obriga a discordar. Já incute suspeitas o evidente engano de Southey tocante ao chá, dado como indigena na Bahia e, segundo uma nota appensa, tambem no Haity, Paraguay e Perú e identificado com o chá da China.

Sabemos hoje perfeitamente que ali só se poderia falar de chá em sentido lato, duma das muitas plantas de que se usa uma infusão semelhante (v. Hartwich, pag. 447 s, onde da America se enumeram quasi 50 especies).

O ponto principal, porém, é o seguinte: Cita Southey, á margem, como fonte dessa indicação, ás "Noticias do Brasil", pt. 2, c-44, manuscripto a que se refere tantas vezes em todo o I vol. da sua Historia (v. na trad. port. pag. 64 ss. 146 nota, e especialmente pg. 445) alegando no nosso texto ainda explicitamente "the author of this manuscript."

Este autor não é outro senão o celebre Gabriel Soares de Souza que, tendo voltado em 1584, para a Europa, depois duma residencia de 17 annos na Bahia, concluiu, após tres anos, em Madrid, seu encyclopedico "Tratado descriptivo do Brasil em 1587", impresso em 1851 no tomo XIV da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, commentarios do benemerito Francisco Adolpho de Varnhagen (2.ª ed. 1879).

Mais de vinte codices serviram para a reproducção fiel do texto, sem se ter achado, no emtanto, o original nem o codice de Southey (pag. VII da dedicatoria do livro).

Uma comparação cuidadosa das citações do historiador inglez com o texto reproduzido revela, porém, que o manuscripto fornecido a Southey por seu tio, em Portugal, deve ter differido bastante, principalmente tambem na disposição dos capitulos da segunda parte.

Assim se torna difficil indicar sempre a correspondencia exacta, parecendo, todavia, o capitulo 44, citado por Southey ser o c. 77 do texto impresso, "que trata de algumas folhas proveitosas que se criam no matto" falando *caéte, capara,* etc.

Seria possivel (*quandoque bonus dormitat Homerus!*) que Southey houvesse tomado essas plantas por chá (tea) e café, enganado por alguma semelhança dos nomes, talvez, ainda maior no seu codice.

A não ser isso, só nos resta por explicação que o copista tenha accrescentado nesse logar do manuscripto uma menção

posterior de chá e café, caso nada raro na historia dos codices. *O que é certo, é que em todo o "Tratado descriptivo de Soares não se acha nenhuma allusão a chá ou café, falhando assim o fundamento do dito Southey."*

Não ha o que accrescentar nem retirar a esta lição absolutamente magistral do erudito escriptor.

Apontando um caso frisantissimo (tomo I da obra do historiador inglez), mostra Padberg que a historia do café de Southey é um caso particular a se incluir na generalidade abrangida pelo velho proloquio do *Scribae detestabile genus*...

Foi o consciencioso historiador britannico victima do erro ou da fantasia malevola, ou desleal do copista de Gabriel Soares num codice que teve, infelizmente, em mãos. Caso semelhante levou Eduardo Prado a maltratar dura e injustamente Felix de Azara.

Nada mais exacto do que os argumentos com que encerra Padberg o incidente, de modo irrespondivel:

"Vem comprovado isto pelo silencio sobre o café e chá tambem em outra descripção do Brasil naquelle tempo (1584), a do nobre jesuita Fernão Cardim, cujos escriptos, elucidados por mestres como Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolpho Garcia, foram reunidos sob o titulo *"Tratados da terra e gente do Brasil"*, em lindo volume, edição da livraria J. Leite, Rio de Janeiro, 1925.

Parece fóra de duvida que, se realmente houvesse então café e chá no Brasil, não teriam elles escapado a Cardim, que, em uns dez capitulos, trata das plantas desta terra.

O mesmo se deve dizer de todos os outros que escreveram sobre a nossa flora ou agricultura, até o seculo XVIII, como notadamente os primeiros naturalistas do Brasil Marcgraff e Piso, do tempo da invasão hollandeza. Com effeito, seria descabido pensar que tenha havido cafeeiros no Brasil sem que delles jámais se fizesse menção alguma em tantas relações officiaes e particulares, em tantas cartas de missionarios e colonos, em todos os documentos emfim de mais de dois seculos do Brasil colonial." Borges de Barros, Visconde da Pedra Branca, escrevendo em 1812, n"O Patriota", contava que, por tradição, se sabia ter vindo o cafeeiro de Cayenna ao Pará.

Freire Allemão, homem de vasta cultura, publicando na Revista do Instituto (tomo XIX, 1856) a sua erudita memoria *Quaes são as primeiras plantas que hoje se acham aclimatadas no Brasil?* nada diz de Palheta e refere o boato de que,

muito provavelmente, teria o cafeeiro entrado no Pará entre 1723 e 1728.

Em 1860 era Burlamaque (Conselheiro Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque, 1803-1866), quem, na substanciosa *Monographia do cafeeiro e do café,* relatava haver sido introduzido o café no Brasil por um desertor "que pudera ausentar-se da colonia franceza, e roubar este verdadeiro pomo do jardim dos Hesperides sem a protecção do amor."

Em 1879, publicava Paulo Porto Alegre, filho do illustre Santo Angelo, a sua *Monographia do café,* "bella obra" como com exacção a classifica Padberg. E nella não soube porém indicar o papel nem o nome de Palheta que, em 1884, Peckolt lembrou, embora com enorme desvio choronologico (1760 em vez de 1727).

Redigindo em 1720 a sua Chronica da *Companhia de Jesus da Missão do Maranhão,* descrevia o Padre Domingos de Araujo, com grande minucia, todas as producções do Maranhão e da Amazonia. Nella não se encontra, affirma Moura Brasil, uma só palavra que, de longe, se refira ao café, o que prova que, naquella época, era o genero arabico ainda desconhecido no nosso Extremo Norte.

O primeiro que nos parece ter tido conhecimento exacto do papel de Francisco de Mello Palheta no episodio da introducção do café no Brasil, foi Joaquim Caetano da Silva, cujas palavras já são conhecidas do leitor. Os grandes estudos de Rio Branco a proposito da questão do Amapá, trouxeram tambem viva luz sobre a figura do introductor do café no Brasil. Assim succedeu igualmente em relação ás descobertas de Capistrano, Rodolpho Garcia e, afinal, a exhaustiva memoria de Basilio de Magalhães, synthese dos demais trabalhos.

Em 1915, imprimindo a sua erudita *Antiga producção e exportação do Pará* ainda mais chamou Manoel Barata a attenção sobre a personalidade e os serviços de Palheta.

E a Theodoro Braga coube a fortuna de narrar e documentar o caso, então ignorado, do papel importantissimo que a João da Maia da Gama coube como factor da introducção do cafeeiro no Brasil.

Indice

PRIMEIRA PARTE

Primordios e propagação do Café no Oriente, na Europa e na America

CAPITULO I

CAPITULO II

CAPITULO III

CAPITULO IV

CAPITULO V

CAPITULO VI

CAPITULO VII

CAPITULO VIII

CAPITULO IX

CAPITULO X

CAPITULO XI

CAPITULO XII

CAPITULO XIII

CAPITULO XIV

CAPITULO XV

CAPITULO XVI

CAPITULO XVII

CAPITULO XVIII

CAPITULO XIX

CAPITULO XX

CAPITULO XXI

CAPITULO XXII

CAPITULO XXIII

CAPITULO XXIV

CAPITULO XXV

CAPITULO XXVI

CAPITULO XXVII

CAPITULO XXVIII

SEGUNDA PARTE

O Café no Brasil Colonial

CAPITULO I

CAPITULO II

CAPITULO III

CAPITULO IV

CAPITULO V

CAPITULO VI

CAPITULO VII

CAPITULO VIII